

ARTHUR HAILEY
COLAPSO



"Estejam cingidos os vossos lombos, e acesas as vossas candeias.

Lucas, 12,33

"Ó trevas, trevas, trevas em meio ao braseiro do sol a pino... "

John Milton

"Desde... 1974, o ritmo de construção de novas instalações de geração de energia elétrica na Califórnia caiu para menos da metade do nível de 1970-1974. Em decorrência, a ameaça de uma crise de energia economicamente desastrosa na década de 1990 é bastante concreta; e já há apreensão quanto ao perigo de deficiências no fornecimento e de blecautes na década de 1980... "

Revista Fortune

PARTE 1

1

Calor!

Calor sufocante, que envolvia toda a Califórnia: da árida fronteira mexicana, ao sul, à imponente floresta Klamath, avançando pelo Oregon, ao norte. Calor opressivo e enervante. Quatro dias antes, uma onda de calor extremamente seca atingira o Estado, com mil e quinhentos quilômetros de comprimento e quinhentos de largura, ali se acomodando, como uma galinha choca. Naquela manhã, uma quarta-feira de julho, esperava-se uma frente vinda do Pacífico que empurrasse a onda de calor para o leste, trazendo um ar mais frio, com chuvas na costa norte e nas montanhas. Agora, à uma hora da tarde, os californianos ainda suavam profusamente, com temperaturas que iam de trinta e dois a trinta e oito graus centígrados, sem nenhuma esperança de alívio à vista.

Nas cidades e comunidades suburbanas, em fábricas, escritórios, lojas e casas, seis milhões de aparelhos de ar condicionado zumbiam. Em milhares de fazendas no fértil Central Valley, o mais rico

complexo agrícola do mundo, verdadeiros exércitos de bombas elétricas puxavam água de poços profundos, para o gado sedento e para as ressequidas colheitas de cereais, uvas, frutas cítricas, alfafa, abóbora e uma centena de outras mais. Incontáveis geladeiras e frigoríficos funcionavam incessantemente. Por toda parte, continuava inalterada a demanda de energia elétrica para uma população mimada, mal-acostumada, preocupada acima de tudo com sua conveniência, viciada em aparelhos elétricos, devoradora de energia.

A Califórnia já conhecera outras ondas de calor e sobrevivera às conseqüências. Mas em nenhuma outra a demanda de energia elétrica fora tão grande.

— Então é isso — disse o despachante-chefe de energia, desnecessariamente. — Lá se vai nossa última reserva.

Todos os que podiam ouvi-lo sabiam disso. Todos, inclusive a equipe regular encarregada da distribuição de energia e os executivos da companhia, apinhados no Centro de Controle de Energia da Golden State Power & Light.

A Golden State Power — freqüentemente chamada apenas pela sigla GSP & L — era uma empresa gigante, uma General Motors entre as empresas de serviço público. Era a fonte que gerava e distri-

buía dois terços da energia elétrica e do gás natural da Califórnia. Sua presença era tão natural no Estado quanto o sol, as laranjas e o vinho, geralmente encarada também como algo líquido e certo. A GSP & L era rica, poderosa e, por autodefinição, eficiente. Sua onipresença lhe valera o apelido de God's Power & Love, Poder e Amor de Deus.

O Centro de Controle de Energia da GSP & L, área de segurança, era um posto de comando subterrâneo, certa vez descrito por um visitante como um misto de sala de operações de hospital com ponte de comando de transatlântico. O centro nevralgico era um painel de comunicações, numa plataforma dois degraus acima do nível do chão. Ali trabalhavam o despachante-chefe e seis assistentes. Ao lado ficavam os teclados de dois terminais de computadores. As paredes ao redor eram atulhadas de chaves elétricas, diagramas dos circuitos de transmissão e subestações, com luzes coloridas e instrumentos diversos anunciando a situação das duzentas e cinco unidades geradoras da companhia, noventa e quatro usinas espalhadas pelo Estado. O clima era de intensa movimentação, enquanto os seis despachantes-assistentes controlavam uma massa de informações em constante mutação, embora o nível de som permanecesse reduzido, resul-

tado dos avanços da engenharia acústica.

— Tem certeza absoluta de que não há mais energia disponível à venda?

A pergunta era de um homem alto, musculoso, em mangas de camisa, que estava em cima da plataforma. Nim Goldman, vice-presidente de planejamento e assessor direto do presidente da GSP & L, afrouxara a gravata por causa do calor; parte do peito peludo estava visível, com a camisa desabotoada na parte superior. Os pêlos do peito se assemelhavam a seu cabelo, preto e crespo, com alguns fios brancos. O rosto era forte, ossudo, corado, e os olhos expressavam extrema franqueza e autoridade, exibindo também algumas vezes — mas não naquele momento — uma insinuação de humor. Beirando os cinquenta anos, Nim Goldman geralmente parecia mais moço; mas não naquele dia, por causa da tensão e da fadiga. Havia vários dias ele trabalhava até meia-noite e acordava às quatro horas da madrugada. Por isso, fazia a barba logo cedo, e agora apresentava os vestígios de uma barba por fazer. Como todos os integrantes do Centro de Controle, Nim estava suando devido à tensão, como também ao reajustamento feito nos aparelhos de ar condicionado, algumas horas antes, para atender a um pedido urgente, transmitido ao público através da TV e do

rádio, para que se consumisse menos energia elétrica, devido à grave crise no suprimento. Mas, a julgar pelo gráfico que indicava uma demanda sempre crescente, da qual todos na sala estavam bem conscientes, o apelo não sensibilizara os consumidores.

O despachante-chefe, um senhor de cabelo branco, fez uma expressão de ofendido ao responder à pergunta de Nim. Havia dois dias, dois de seus assistentes estavam ininterruptamente ao telefone, como donas-de-casa desesperadas, tentando comprar excedentes de energia em outros Estados e no Canadá. E Nim Goldman sabia disso.

— Estamos comprando tudo o que é possível do Oregon e de Nevada, sr. Goldman. A interligação do Pacífico está sobrecarregada. O Arizona está ajudando um pouco, mas eles também têm problemas. E estão querendo comprar de nós amanhã.

— Já lhes disse que não há a menor possibilidade! — informou uma despachante-assistente.

— Não podemos agüentar mais esta tarde com nossos próprios recursos?

A pergunta era de J. Eric Humphrey, presidente da companhia, que interrompera a leitura de um relatório sobre a situação que acabara de ser emitido pelo computador. Como sempre, a voz refinada do presidente era suave, nos limites da decantada sere-

nidade bostoniana, usada naquele dia e sempre como uma espécie de armadura. Poucos tinham conseguido entendê-la. Havia trinta anos ele vivia e trabalhava na Califórnia, mas os modos informais da costa oeste não haviam conseguido remover a pátina da Nova Inglaterra de Eric Humphrey. Era um homem pequeno, de rosto impecável: usava lentes de contato e estava sempre bem-arrumado. Apesar do calor, envergava um terno escuro com colete, e, se estava suando, os indícios permaneciam decentemente ocultos.

— A perspectiva não é das melhores, senhor — respondeu o despachante-chefe, que tomou um tablete de antiácido Gelusil. Ele já perdera a conta de quantos tomara naquele dia. Os despachantes precisavam de tais recursos para atenuar as tensões de seu trabalho. A GSP & L, dentro de uma política de conquistar a boa vontade dos empregados, instalara um dispensário, onde os calmantes podiam ser obtidos gratuitamente.

Nim Goldman acrescentou, para conhecimento do presidente:

— Se conseguirmos agüentar, será o limite... e com muita sorte.

Como o despachante-chefe comunicara momentos antes, a última reserva da GSP & L estava a

todo o vapor. O que ele não explicara, porque nenhum dos presentes precisava saber, era que uma companhia como a Golden State Power & Light possui dois tipos de reservas energéticas: a de "sobreaviso" e a "disponível". A reserva de sobreaviso incluía os geradores que estavam funcionando, mas não em plena capacidade, embora a carga pudesse ser aumentada imediatamente, caso houvesse necessidade. A reserva disponível incluía as unidades que não estavam operando no momento, embora preparadas para entrar em ação e gerar uma carga plena dentro de dez a quinze minutos.

Uma hora antes, a última reserva disponível, duas turbinas acionadas a gás, numa usina perto de San Francisco, cada uma de sessenta e cinco mil quilowatts, passara à posição de reserva de sobreaviso. Agora, as turbinas a gás estavam funcionando em plena carga, não restando mais nenhuma reserva de qualquer espécie.

Um homem corpulento, mal-humorado, ligeiramente encurvado, com o rosto comprido e sobrancelhas espessas, que escutara atentamente o diálogo entre o despachante-chefe e o presidente da companhia, interveio nesse momento, com voz áspera:

— Mas que diabo! Se tivéssemos uma previsão

decente do tempo para hoje, não estaríamos agora metidos neste aperto!

Ray Paulsen, vice-presidente executivo de suprimento de energia, afastou-se impientemente da mesa em que estivera examinando, junto com outros, as curvas de consumo de energia, comparando as daquele dia com as de outros dias quentes do ano anterior.

— Todos os outros meteorologistas cometeram o mesmo erro — protestou Nim Goldman. — Li nos jornais ontem à noite, e ouvi pelo rádio esta manhã, que teríamos uma frente fria.

— Ela deve ter tirado essa informação de algum jornal! Aposto como se limitou a recortar e colar num cartão!

Paulsen lançou um olhar furioso para Nim, que se limitou a dar de ombros. Não era segredo para ninguém que os dois se detestavam. Em seu papel duplo de planejador e assessor direto do presidente, Nim tinha jurisdição sobre toda a companhia, invadindo as fronteiras dos departamentos. No passado, invadira o território de Paulsen. E, apesar de estar dois degraus acima na hierarquia da GSP & L, não havia nada que Ray Paulsen pudesse fazer para impedi-lo.

— Se ao dizer "ela" você está se referindo a

mim, Ray, poderia pelo menos ter educação suficiente para usar meu nome.

As cabeças se viraram. Ninguém vira Millicent Knight, meteorologista-chefe da companhia, uma morena de estatura baixa, serena e controlada, entrar na sala. Mas a entrada dela não chegava a ser uma surpresa. O Departamento de Meteorologia fazia parte do Centro de Controle, do qual estava separado apenas por uma parede de vidro.

Outros homens poderiam ter ficado constrangidos. Mas não Ray Paulsen. Ascendera aos mais altos escalões da Golden State Power & Light por um caminho árduo, começando trinta e cinco anos antes como ajudante de equipe de emergência externa, passando a guarda-fio, capataz e outros postos de comando. Caíra, um dia, de um poste, durante uma nevasca nas montanhas, e sofrera lesões na coluna vertebral que o deixaram permanentemente encurvado. Cursos noturnos, financiados pela companhia, haviam transformado o jovem Paulsen em engenheiro. Durante anos, ele foi acumulando os conhecimentos de todos os meandros da GSP & L, e era agora uma verdadeira enciclopédia. Infelizmente, ao longo do caminho ele não chegara a adquirir maneiras polidas.

— Mas que merda, Milly! Falei o que eu pensa-

va, como faria com qualquer homem! E, se você trabalha como um homem, deve esperar ser tratada como tal!

Millicent Knight estava indignada.

— O fato de ser homem ou mulher não tem nada a ver com o caso! Meu departamento tem um alto índice de previsões exatas, em torno de oitenta por cento, como sabe muito bem! Não vai encontrar melhor em parte alguma!

— Mas você e seu pessoal deram o maior fora hoje!

— Pelo amor de Deus, Ray! — protestou Nim Goldman. — Essa discussão não vai levar a nada!

J. Eric Humphrey ouvia a discussão com aparente indiferença. O presidente jamais o demonstrava, mas, às vezes, dava a impressão de que não fazia nenhuma objeção aos atritos entre seus diretores, contanto que isso não lhes prejudicasse o trabalho. Havia alguns homens no mundo dos negócios — e presumivelmente Humphrey era um deles — que achavam que uma organização harmoniosa devia ser também complacente. Mas, quando necessário, o presidente sabia cortar a infecção das disputas com o bisturi frio da autoridade.

Naquele momento, em termos estritos, os executivos que se encontravam no Centro de Controle

— Humphrey, Nim Goldman, Paulsen e vários outros — não tinham o que fazer ali. A equipe que controlava o centro era das mais competentes. As providências a serem tomadas em situações de emergência eram bastante conhecidas, tendo sido definidas há muito tempo; a maioria era acionada por computadores, sempre convenientemente à mão. Mas, numa crise como a que a GSP & L estava enfrentando naquele momento, o centro, com suas informações constantemente atualizadas, funcionava como uma espécie de ímã para todos os que dispunham de autoridade suficiente para ali entrar.

A questão principal ainda não estava resolvida: a demanda de energia elétrica iria tornar-se tão grande a ponto de exceder o suprimento disponível? Se a resposta fosse positiva, inúmeras subestações seriam necessariamente desligadas, deixando várias áreas da Califórnia sem energia, isolando comunidades inteiras, criando o caos.

Uma medida de emergência já estava em vigor. Desde as dez horas da manhã, a voltagem de energia fornecida aos consumidores da GSP & L fora reduzida sucessivamente, até ficar oito por cento abaixo do normal. A redução permitia a economia de energia, mas significava que pequenos aparelhos elétricos, como secadores de cabelo, máquinas de

escrever e geladeiras, passavam a receber dez volts a menos do que o habitual, enquanto os equipamentos que exigiam alta voltagem estavam sendo privados de dezenove ou até vinte volts. A voltagem inferior fazia com que tudo funcionasse com menos eficiência; os motores elétricos esquentavam mais depressa e faziam mais ruído do que o habitual. Alguns computadores entravam em pane; os que não eram equipados com reguladores de voltagem já haviam se desligado automaticamente e assim permaneceriam até que fosse restaurada a voltagem normal. Um efeito secundário consistia na redução das imagens nas telas dos receptores de TV. Mas, se o período de queda de voltagem fosse curto, não haveria nenhum dano permanente. A iluminação com lâmpadas incandescentes comuns também estava prejudicada.

Contudo, uma redução de oito por cento na voltagem era o limite. Além disso, os motores elétricos sofreriam superaquecimento, talvez pegassem fogo, provocando incêndios. Se tal providência não fosse suficiente, o recurso derradeiro seria a total interrupção da carga, condenando extensas áreas a um completo blecaute.

As duas horas seguintes seriam cruciais. Se a GSP & L conseguisse de alguma forma suportar até

o meio da tarde, quando ocorria pique da demanda nos dias de calor, a pressão seria atenuada até o dia seguinte. E pressupondo que o dia seguinte não seria tão quente... não haveria problemas maiores.

Mas se a carga, que vinha subindo incessantemente desde o início do dia, continuasse a aumentar... então o pior poderia acontecer. Ray Paulsen não desistia facilmente.

— Ora, Milly, a previsão do tempo para hoje foi ridiculamente errada. Não é verdade?

— É verdade, sim, se quer mesmo formular a questão dessa maneira injusta e grosseira. — Os olhos escuros de Millicent Knight estavam brilhando de raiva. — Mas é verdade também que existe uma massa de ar frio a mil e quinhentos quilômetros da costa, na área conhecida como Pacific High. A meteorologia não sabe muita coisa a respeito, mas há um fenômeno qualquer que, às vezes, atrasa todas as previsões da Califórnia por um dia aproximadamente. — Ela fez uma pausa, antes de acrescentar, desdenhosamente: — Ou será que está tão absorvido por circuitos elétricos que desconhece esse fato elementar da natureza?

Paulsen ficou vermelho.

— Ei, espere aí!

Milly Knight ignorou-o.

— Outra coisa: fizemos uma previsão honesta. Mas, caso tenha esquecido, a previsão é justamente essa: sempre há alguma margem para erro. E não fui eu quem lhe disse que podia desligar o Magalia 2 para manutenção. Tal decisão foi tomada exclusivamente por você... e agora está querendo culpar-me por isso!

O grupo em torno da mesa riu e alguém murmurou:

— *Touché!*

Todos sabiam, perfeitamente, que até certo ponto o problema daquele dia era causado pela usina de Magalia.

O Magalia 2, parte de uma instalação da GSP & L, ao norte de Sacramento, era um gerador imenso, acionado a vapor, com seiscentos mil quilowatts de potência. Mas desde que fora construído, dez anos antes, o Magalia 2 era a fonte permanente de problemas. Repetidos rompimentos nos tubos da caldeira e outros defeitos ainda mais graves mantinham a unidade freqüentemente inativa. A interrupção mais recente se prolongara por nove meses, enquanto o superaquecedor era totalmente recondiçãoado. Mesmo depois disso, os problemas haviam continuado. Como um engenheiro comentara, operar o Magalia 2 era como manter à tona um encou-

raçado que estivesse fazendo água.

Havia uma semana o superintendente da usina em Magalia vinha suplicando a Ray Paulsen que permitisse tirar de serviço a unidade 2, a fim de consertar um vazamento nos tubos da caldeira, "antes que essa chaleira maluca exploda". Até o dia anterior, Paulsen rejeitara o pedido sistematicamente. Antes mesmo que aquela onda de calor começasse e por causa de outras imprevistas suspensões para reparos, a energia gerada pelo Magalia 2 fora indispensável ao sistema. Como sempre, era uma questão de prioridades, muitas vezes assumindo riscos. Na noite anterior, depois de ler a previsão de temperaturas mais baixas para o dia seguinte, Paulsen finalmente concordara com a interrupção, e a unidade fora imediatamente desativada. Os trabalhos de reparos começaram algumas horas depois, assim que a caldeira havia esfriado. Na manhã daquele dia, o Magalia 2 estava desativado e os trechos com vazamentos dos tubos de caldeira, devidamente removidos. Embora desesperadamente necessário, o Magalia 2 não poderia voltar a funcionar antes de dois dias.

— Se a previsão tivesse sido exata — resmungou Paulsen —, o Magalia 2 não teria sido liberado para reparos.

O presidente sacudiu a cabeça. Já ouvira o bastante. Mais tarde, haveria tempo suficiente para se realizar um inquérito. Mas aquele não era o momento oportuno para uma discussão daquele tipo.

Nim Goldman estava consultando o painel de distribuição de energia. Subitamente, sua voz vigorosa anunciou, destacando-se entre todas:

— A interrupção de carga acontecerá dentro de meia hora. Não resta mais nenhuma dúvida de que é inevitável. Não temos alternativa. — Olhou para o presidente, acrescentando: — Acho que devemos avisar imediatamente os meios de comunicação. O rádio e a televisão ainda podem transmitir que haverá corte de energia.

— Pode tomar as providências necessárias — autorizou Humphrey. — E quero que alguém ligue o mais rápido possível para o governador.

— Pois não, senhor.

Um despachante-assistente começou a discar logo em seguida. Todos os rostos estavam sombrios. Nos cento e vinte e cinco anos da história da companhia, o que estava para acontecer, a interrupção deliberada do serviço, jamais ocorrera.

Nim Goldman já estava telefonando para o Departamento de Relações Públicas, que funcionava em outro prédio. Não haveria demora na comunica-

ção dos cortes. O pessoal de relações públicas estava devidamente preparado para aquela emergência. Normalmente, a seqüência dos cortes de energia era comunicada apenas a umas poucas pessoas na companhia, mas agora seria divulgada ao público. Outra questão de política da companhia fora definida alguns meses antes: os cortes, se e quando acontecessem, seriam chamados de "blecautes consecutivos", um artifício de relações públicas para ressaltar sua natureza temporária e o fato de que todas as áreas receberiam o mesmo tratamento. Essa expressão provinha do cérebro um tanto infantil de uma secretária, depois que seus superiores, mais bem remunerados, haviam fracassado na formulação de qualquer coisa aceitável. Uma das sugestões rejeitadas: "cortes seqüenciais".

— Estou falando com o gabinete do governador em Sacramento, senhor — informou o despachante-assistente a Eric Humphrey. — Disseram que o governador está em seu rancho perto de Stockton, e já estão tentando entrar em contato com ele. Pedem que fique esperando na linha.

O presidente concordou e pegou o fone. Pondo a mão sobre o bocal, perguntou:

— Alguém sabe onde está o chefe?

Era desnecessário explicar que o "chefe" signifi-

cava o engenheiro-chefe, Walter Talbot, um escocês sereno e inabalável, próximo da aposentadoria, cujo bom senso e equilíbrio em situações difíceis eram legendários.

— Ele foi dar uma olhada no Big Lil — respondeu Nim Goldman.

O presidente franziu a testa.

— Espero que não haja nada de errado por lá.

Instintivamente, todos os olhares se dirigiram para um painel que tinha acima a legenda LA MISSION 5. Era o Big Lil, o maior e mais novo gerador da usina de La Mission, a oitenta quilômetros da cidade.

O Big Lil — construído pelas Indústrias Lilien, da Pensilvânia, cujo apelido fora dado por um jornalista — era um monstro que gerava um milhão, duzentos e cinquenta mil quilowatts de energia elétrica. Era alimentado a óleo, em enormes quantidades, produzindo um vapor superaquecido que acionava a gigantesca turbina. No passado, o Big Lil fora muito criticado. Nos estágios iniciais de planejamento, inúmeros técnicos haviam alegado que era uma loucura completa construir um gerador tão grande, pois seria um investimento excessivo numa única fonte geradora de energia. Inclusive fora feita uma comparação não muito científica: a história so-

bre ovos demais num mesmo cesto. Outros técnicos, no entanto, haviam discordado de tal posição, ressaltando a importância da economia de escala", querendo dizer com isso que a energia elétrica produzida em massa era mais barata. A posição do segundo grupo acabara por prevalecer, e, até então, suas previsões haviam sido confirmadas. Nos dois anos desde que começara a funcionar, o Big Lil se mostrara extremamente econômico, em comparação com geradores menores, e além disso era seguro, eficiente, não apresentando nenhum problema. Naquele dia, no Centro de Controle de Energia, o painel indicava, animadoramente, que o Big Lil estava funcionando em sua capacidade máxima, gerando cerca de seis por cento da carga total da companhia.

— Houve um aviso esta manhã de que havia alguma vibração na turbina — explicou Ray Paulsen ao presidente. — O chefe e eu conversamos a respeito. Embora provavelmente não seja nada crítico, julgamos que ele deveria dar uma olhada.

Humphrey assentiu. De qualquer forma, não havia nada que o chefe pudesse fazer ali naquele momento. Seria simplesmente mais confortador tê-lo por perto.

— O governador vai falar — anunciou uma telefonista a Humphrey.

Um momento depois, ele ouviu a voz familiar:

— Boa tarde, Eric.

— Boa tarde, senhor. Infelizmente, estou lhe telefonando para dar notícias infe...

E foi nesse momento que aconteceu.

Do conjunto de instrumento sob a legenda LA MISSION 5, uma campainha disparou insistentemente, emitindo notas curtas e estridentes. Ao mesmo tempo, luzes de alarme, vermelhas e cor de âmbar, começaram a piscar. A agulha no painel da unidade 5 hesitou por um instante e depois caiu abruptamente.

— Santo Deus! — gritou alguém, chocado. — O Big Lil parou de funcionar!

Não houve a menor dúvida quando a agulha do painel e outros registros se fixaram no zero.

As reações foram imediatas. No Centro de Controle de Energia, uma máquina de escrever automática, de alta velocidade, começou bruscamente a funcionar, formulando relatórios da situação, enquanto centenas de interruptores de circuitos de alta-tensão, nos centros de transmissão e subestações, eram acionados por computador. A interrupção desses circuitos salvaria o sistema e protegeria outros geradores de danos graves. Mas extensas áreas do Estado já se encontravam em blecaute total. Em

dois ou três segundos sucessivos, milhões de pessoas, em áreas distantes — operários em fábricas e trabalhadores em escritórios, fazendeiros, donas-de-casa, gente fazendo compras, balconistas, garçons, gráficos, empregados de postos de gasolina, corretores, hoteleiros, cabeleireiros, operadores e frequentadores de cinemas, motorneiros de bondes, técnicos de TV e espectadores, fabricantes de vinho, médicos, dentistas, veterinários, jogadores de fliperama... uma lista infinita —, ficaram privadas de luz e energia, incapazes de continuar o que quer que estivessem fazendo minutos antes.

Nos prédios, os elevadores pararam abruptamente entre os andares. Os aeroportos, que um instante antes fervilhavam de atividades, cessaram virtualmente de funcionar. Nas ruas, os semáforos se apagaram, iniciando um caos monumental no tráfego.

Mais de um oitavo da Califórnia, área bem maior do que a Suíça e com uma população em torno de três milhões de habitantes, ficou subitamente paralisado. O que, pouco antes, fora apenas uma possibilidade era agora uma realidade desastrosa... e muito pior do que se receava.

No painel de comunicações do Centro de Controle, protegido por circuitos especiais para o caso

de uma interrupção de energia disseminada, três despachantes trabalhavam rapidamente, transmitindo instruções de emergência, dando ordens por telefone a usinas geradoras e a centros de transmissão, examinando mapas, esquadrinhando tubos de raios catódicos em busca de informações. Ficariam ocupados por um longo tempo, mas as providências desencadeadas pelos computadores já se haviam antecipado a eles.

— Ei, todas as luzes se apagaram! — gritou o governador para Eric Humphrey, pelo telefone.

— Sei disso, senhor. É esse justamente o motivo do meu telefonema.

Em outro telefone, em uma linha direta com a sala de controle de La Mission, Ray Paulsen estava gritando:

— Mas que diabo aconteceu com o Big Lil?

A explosão da usina de La Mission, da Golden State Power & Light, foi totalmente inesperada.

Meia hora antes, o engenheiro-chefe Walter Talbot ali chegara para inspecionar o Big Lil, em La Mission 5, depois de ser avisado de que houvera uma ligeira vibração na turbina durante a noite. O chefe era um homem esguio, alto, exteriormente taciturno, mas com um senso de humor permanente e malicioso. Ainda falava com o sotaque de Glasgow, apesar dos quarenta anos sem nenhum contato com a Escócia, a não ser ocasionalmente, em jantares comemorativos da colônia escocesa em San Francisco. Não gostava de fazer nada às pressas, e naquele dia examinou o Big Lil lenta e meticulosamente, acompanhado pelo superintendente da usina, um engenheiro sereno e estudioso chamado Danieli. Durante todo o tempo, a gigantesca máquina continuara a gerar energia suficiente para iluminar mais de vinte milhões de lâmpadas comuns.

Uma débil vibração no interior da turbina, diferente do constante zumbido normal, era audível, de vez em quando, pelo menos para os ouvidos treinados do chefe e do superintendente. Depois dos testes, que incluíram a inserção de uma sonda de ponta

de náilon no mancaí principal, o chefe declarara:

— Não há motivos para preocupação. O gordo não vai dar problemas e providenciaremos o que for necessário assim que passar o pânico.

Os dois estavam parados perto do Big Lil conversando, de pé sobre as grades de metal que formavam o chão da câmara em que estava a turbina, que parecia uma imensa catedral. A monstruosa turbina-gerador, com a extensão de um quarteirão, estava empoleirada sobre bases de concreto. Cada uma das sete armações da unidade parecia-se com uma baleia encalhada. Imediatamente abaixo ficava a caixa de distribuição de vapor, os tubos saindo da caldeira e entrando na turbina junto com outros equipamentos, em alta pressão. Os dois homens usavam capacetes de segurança e protetores para os ouvidos. Nenhuma das precauções, no entanto, serviu para coisa alguma, na ensurdecadora explosão que ocorreu um instante depois. O chefe e o superintendente Danieli receberam o impacto secundário de uma explosão de dinamite por baixo do piso da câmara principal, que inicialmente rompeu um tubo de vapor de noventa centímetros de diâmetro, um dos muitos que saíam da caldeira para a caixa de distribuição. Um tubo menor, de óleo lubrificante, também foi rompido. A explosão, somada ao es-

capamento de vapor, produziu um estrondo terrível, profundo, tonitruante. A seguir, o vapor, a quinhentos graus centígrados e a uma pressão de duas mil e quinhentas libras por polegada quadrada, passou pelas grades em que estavam os dois homens.

Ambos morreram instantaneamente. Foram cozidos, literalmente, como legumes. Alguns segundos depois, todo o local estava obscurecido por uma densa fumaça negra que saía do tubo de óleo rompido, agora em chamas, incendiado por alguma faísca provocada pelo metal arremessado para todos os lados.

Dois operários da usina, que pintavam sobre um andaime muito acima do piso, percebendo o perigo de serem alcançados pela fumaça negra, tentaram desesperadamente subir para um passadiço cerca de três metros acima. Não conseguiram e caíram, morrendo instantaneamente.

O desastre total só foi evitado por uma ação rápida na sala de controle da usina, a sessenta metros de distância, protegida por uma porta dupla. Um técnico no painel de controle da usina número 5, ajudado por equipamentos automáticos, garantiu o desligamento do Big Lil, sem maiores danos para os componentes vitais do gerador.

Seriam necessários vários dias de investigação

na usina de La Mission, com o exame meticuloso dos destroços por técnicos, e interrogatórios dos assistentes do xerife e de agentes do FBI, para descobrir a causa e as circunstâncias da explosão. Mas a suspeita de sabotagem surgiu rapidamente, e posteriormente foi confirmada.

Ao final, as provas acumuladas proporcionaram um quadro bastante nítido da explosão e dos eventos que a precederam.

Às onze e quarenta daquela manhã, um homem branco, de compleição mediana, rosto barbeado, pele meio pálida, usando óculos de aros de aço e uniforme de oficial do Exército de Salvação, aproximara-se a pé do portão principal da usina de La Mission. Carregava uma pasta do tipo executivo.

Interrogado pelo guarda de segurança, o visitante apresentara uma carta, aparentemente em papel timbrado da Golden State Power & Light, autorizando-o a visitar as instalações, com o objetivo de solicitar contribuições dos empregados para um programa beneficente do Exército de Salvação, que visava ao fornecimento de almoço gratuito para crianças necessitadas.

O guarda comunicara ao homem do Exército de Salvação que deveria procurar o gabinete do superintendente da usina e ali apresentar a carta, a fim

de receber a competente autorização. O guarda lhe explicou como chegar ao gabinete do superintendente, que ficava no segundo andar do prédio principal, com acesso através de uma porta que podia ser avistada do portão. O visitante seguiu na direção indicada. O guarda não tornou a vê-lo a não ser vinte minutos depois, quando o homem voltou e deixou a usina. O guarda notou que ele portava a pasta.

A explosão ocorreu cerca de uma hora depois.

Se as medidas de segurança fossem mais rigorosas, conforme ressaltou um inquérito judicial posterior, o visitante não poderia ter entrado na usina desacompanhado. Mas a GSP & L, como as companhias de serviço público em qualquer lugar, enfrentava problemas especiais, um verdadeiro dilema, em questões de segurança. Com noventa e quatro usinas geradoras, dezenas de depósitos e postos de serviço, centenas de subestações automáticas, incontáveis escritórios locais e uma sede formada por dois imensos edifícios interligados, as medidas de segurança rigorosas, mesmo que possíveis, custariam uma fortuna. Num momento de vertiginoso aumento do combustível e dos salários, além de outros custos operacionais, enquanto os consumidores se queixavam de que as contas de luz e de gás já es-

tavam altas demais, qualquer proposta de reajustamento das tarifas provocaria a maior polêmica e uma vigorosa resistência. Por tudo isso, o pessoal encarregado da segurança era relativamente reduzido; o esquema de segurança da companhia era superficial, baseado num risco calculado.

Em La Mission, esse risco — ao custo de quatro vidas humanas — provou ser alto demais.

As investigações policiais esclareceram diversos pontos. O suposto oficial do Exército de Salvação era um impostor e deveria estar usando um uniforme roubado. A carta que apresentara, provavelmente em papel timbrado autêntico da GSP & L, que não era assim tão difícil de se obter, era forjada. Não foi possível localizar ninguém na companhia que tivesse escrito a tal carta; além do mais, a companhia proibia expressamente que se apresentassem quaisquer solicitações a seus funcionários durante o expediente. O guarda de segurança de La Mission não se recordava do nome que assinava a carta, lembrando apenas que era "um garrancho".

Ficou também apurado que o visitante, depois de entrar no prédio, não fora para o gabinete do superintendente. Ninguém o vira por lá. Se alguém o tivesse avistado, era improvável que se esquecesse.

Em seguida, vinham as conjeturas.

Provavelmente, o falso oficial do Exército de Salvação descera por uma escada de metal que levava ao piso de serviço imediatamente abaixo da câmara principal da turbina. Esse piso, como o que havia por cima, não tinha paredes divisórias; dessa forma, em meio a uma rede de tubos de vapor e outros, as partes inferiores dos diversos geradores de La Mission podiam ser vistas nitidamente, através do piso gradeado localizado acima. Não era difícil localizar a unidade 5, o Big Lil, por causa de seu tamanho descomunal e dos equipamentos distribuídos a seu redor.

Talvez o intruso já dispusesse de uma planta da usina, embora isso não fosse indispensável. O prédio principal tinha uma estrutura extremamente simples, assemelhando-se a uma caixa gigantesca. Ele talvez soubesse também que La Mission, como todas as modernas usinas geradoras, era altamente automatizada, dispondo apenas de uma pequena força de trabalho; assim, eram boas as suas perspectivas de se deslocar pela usina sem ser observado.

Certamente o intruso avançara até ficar bem abaixo do Big Lil, tirando então a bomba da pasta. Provavelmente, olhara ao redor à procura de um lugar para escondê-la, encontrando um local conveniente no rebordo de metal da junção de dois tubos

de vapor. Depois de acionar o mecanismo de tempo, certamente colocara a bomba ali. Fora na escolha desse local que sua falta de conhecimento técnico o traíra. Se estivesse mais bem informado, teria colocado a bomba perto do poço principal do monstruoso gerador, onde a explosão teria causado danos muito maiores e talvez deixasse inativo o Big Lil por mais de um ano.

Os peritos em explosivos confirmaram que tal possibilidade de fato existira. Chegaram à conclusão de que o sabotador usara uma "carga modulada", um cone de dinamite que, ao ser detonado, disparava para a frente com a velocidade semelhante à de uma bala, fazendo com que a explosão penetre no que quer que esteja a sua frente. No caso, um tubo de vapor que saía da caldeira.

Imediatamente depois de colocar a bomba, segundo a hipótese formulada, o sabotador deixara o prédio sem que ninguém o incomodasse e dirigira-se para o portão da usina, indo embora tranqüilamente e chamando ainda menos atenção que na chegada. Desse momento em diante, seus movimentos eram ignorados. Não surgiu nenhuma pista quanto a sua identidade, apesar das intensas investigações. É verdade que uma mensagem transmitida por telefone para uma emissora de rádio, suposta-

mente de um grupo revolucionário clandestino conhecido como Amigos da Liberdade, reivindicara a autoria do ato de sabotagem. Mas a polícia não tinha nenhuma informação sobre o paradeiro do grupo ou algum conhecimento de seus membros.

Mas tudo isso só aconteceu depois. Em La Mission, por cerca de noventa minutos depois da explosão, reinou o caos total.

Os bombeiros, atendendo prontamente ao alarme automático, tiveram dificuldade em extinguir o fogo e ventilar a câmara principal da turbina e os pisos inferiores para remover a densa fumaça negra.

Quando finalmente as condições permitiram, os quatro corpos foram removidos. Os do engenheiro-chefe e do superintendente, praticamente irreconhecíveis, foram descritos por um horrorizado funcionário da usina como "parecendo lagostas escaldadas", como resultado da exposição ao vapor superaquecido.

Uma rápida avaliação dos danos na unidade 5 revelou que não chegavam a ser de grande monta. Seria necessário substituir um mancal cujo suprimento de óleo lubrificante fora interrompido pela explosão. E isso era praticamente tudo. Os trabalhos de reparos, incluindo a substituição dos tubos de

vapor rompidos, levariam uma semana, depois do que o gigantesco gerador estaria pronto para voltar a operar. Ironicamente, haveria nesse período uma oportunidade para corrigir também a ligeira vibração que o engenheiro-chefe e o superintendente se propuseram inspecionar.

— Um sistema de distribuição de energia elétrica que entrou num blecaute amplo e imprevisto — explicou Nim Goldman, pacientemente — é como aquela brincadeira de criança conhecida como "carta para o ar". O baralho está completo na sua frente. Subitamente, o chão fica coalhado de cartas. E preciso recolhê-las, uma a uma, e isso demora um pouco.

Nim estava numa galeria de observação, um pouco acima e separada do Centro de Controle de Energia por uma parede de vidro, onde os repórteres de jornais, emissoras de rádio e televisão tinham entrado minutos antes. Os repórteres foram enviados às pressas para a GSP & L. A vice-presidente de relações públicas da companhia, Teresa van Buren, apelara a Nim para que assumisse o papel de porta-voz. O resultado era aquela improvisada entrevista coletiva.

Alguns repórteres já se mostravam hostis, por causa das respostas evasivas.

— Ora, pelo amor de Deus! — protestou Nancy Molineaux, do Califórnia Examiner. — Não estamos querendo saber essas analogias de algibeira. Digamos simplesmente o que viemos saber aqui. Qual foi o problema? Quem é o responsável? Que providên-

cias serão tomadas, se é que haverá alguma? Quando o fornecimento de energia voltará ao normal?

Nancy Molineaux era atraente, de um jeito um tanto sóbrio. Os malarres salientes tornavam seu rosto altivo, o que, às vezes, ela de fato era. A expressão habitual era uma mistura de curiosidade e ceticismo, próxima do desdém. Era também elegante, usava boas roupas e tinha um corpo esguio. E era negra. Profissionalmente, conquistara boa reputação por investigar e denunciar a venalidade em cargos públicos. Nim encarava a instigante e incômoda repórter. Anteriormente, Nancy Molineaux já deixara bem claro que a GSP & L não era uma instituição que contava com sua simpatia e admiração.

Diversos repórteres apoiaram.

— O problema foi uma explosão em La Mission. — Nim teve de fazer um tremendo esforço para conter a raiva. — Acreditamos que pelo menos dois dos nossos homens morreram nessa explosão. Mas, devido ao incêndio e à densa fumaça, não conseguimos ter mais detalhes.

— Tem os nomes dos dois mortos? — perguntou alguém.

— Temos, sim. Mas ainda não podemos revelá-los. As famílias devem ser informadas em primeiro lugar.

— Qual a causa da explosão?

— Não sabemos.

Nancy Molineaux voltou a intervir:

— E a energia?

— Já restauramos parte da energia do sistema.

Dentro de quatro horas, seis no máximo, a maior parte estará novamente em funcionamento. E a situação voltará inteiramente ao normal à noite.

Tudo voltará ao normal, pensou Nim, menos Walter Talbot. A notícia da presença do engenheiro-chefe no local da explosão e de sua provável morte chegara ao Centro de Controle de Energia alguns minutos antes. Foi um impacto terrível. Nim, seu velho amigo, ainda não tivera tempo de digerir a triste realidade. Nem de lamentar, como sabia que mais tarde aconteceria. Conhecera apenas ligeiramente Danieli, o superintendente da usina de La Mission Por isso, sua morte, embora trágica, parecia mais distante. Através da divisória de vidro à prova de som, que separava a galeria de observação da área de operação do Centro de Controle, Nim podia observar a intensa atividade em torno do painel central. Queria voltar para lá o mais depressa possível.

Haverá outro blecaute amanhã? — perguntou o representante de uma agência noticiosa.

– Não, se a onda de calor acabar, conforme indicam as previsões.

A entrevista continuou, e Nim descreveu o que era o problema do pique de demanda nos dias excepcionalmente quentes. Ao final, Nancy Molineaux comentou, em tom cáustico:

– O que está dizendo realmente é que não planejaram, não previram e não se prepararam para qualquer ocorrência fora do normal.

Nim ficou vermelho.

– O planejamento não pode estender-se...

A frase não foi concluída.

Teresa van Buren, vice-presidente de relações públicas, entrou na galeria nesse momento, depois de vários minutos de ausência. Era uma mulher pequena, um tanto rechonchuda, dinâmica, de quarenta e poucos anos, que invariavelmente usava roupas de linho amarrotadas e sapatos marrons. Andava sempre despenteada e desarrumada, parecendo mais uma dona-de-casa atormentada do que a competente executiva que era na realidade.

– Tenho um comunicado a fazer — disse ela. A voz estava emocionada e o papel em sua mão tremia visivelmente. Todos ficaram em silêncio. — Acabamos de ser informados de que houve quatro mortes, e não apenas duas. Eram funcionários da

companhia que estavam trabalhando no momento da explosão. As famílias estão sendo informadas neste instante e teremos uma lista dos nomes à disposição, juntamente com biografias sucintas, dentro de alguns minutos. Também estou autorizada a comunicar que, embora não disponhamos de provas concretas por enquanto, há suspeitas de sabotagem.

Nim aproveitou a onda de perguntas que se seguiu para se retirar discretamente.

Gradativamente, sob a orientação do Centro de Controle de Energia, o sistema de distribuição desmoronado foi sendo reativado.

No painel de comunicações, o despachante-chefe, falando em dois telefones ao mesmo tempo e apertando uma bateria de botões, rapidamente emitia instruções aos operadores dos centros de transmissão e distribuição, num esforço para restabelecer a interligação com os sistemas de outras companhias, que fora automaticamente interrompida quando o Big Lil parara. Assim que a interligação do Pacífico foi restabelecida, o despachante-chefe recostou-se em sua cinzenta cadeira giratória de metal, deixando escapar um suspiro audível. Depois, pôs-se novamente a apertar botões, começando a restaurar a carga. Olhou rapidamente para o lado, quando percebeu que Nim estava de volta, e disse:

– Já estamos na metade do caminho de volta, sr. Goldman.

Nim sabia que isso significava que quase metade da área total afetada pelo súbito blecaute já estava novamente suprida de energia elétrica e que o processo continuava. Um computador de fato desligava o sistema muito mais depressa do que um ser humano. Mas era necessária a intervenção de técnicos, sob a supervisão do Centro de Controle de Energia, para restabelecer o sistema.

As grandes e pequenas cidades tinham prioridade e, consecutivamente, os bairros foram recebendo novamente a energia elétrica. A periferia da cidade, especialmente onde havia grandes complexos industriais, viria a seguir. Depois, era a vez das comunidades rurais. As áreas rurais mais remotas, mais afastadas dos cabos de alta-tensão, ficariam para o final.

Havia poucas exceções. Hospitais, estações de tratamento de água e de esgotos sanitários e instalações de companhias telefônicas tinham preferência, por sua natureza de serviço essencial. Era verdade que tais instituições possuíam seus próprios geradores de reserva, mas estes só proporcionavam uma carga parcial, e o suprimento externo era indispensável para um funcionamento normal. E havia tam-

bém raras exceções a determinados consumidores particulares.

O despachante-chefe concentrara sua atenção num mapa de circuito incomum a respeito do qual estava falando por um dos telefones. O mapa tinha uma série de círculos coloridos. Na primeira pausa do telefone, Nim perguntou:

— O que é isso?

O despachante-chefe fitou-o com uma expressão de surpresa.

— Não sabe?

Nim sacudiu a cabeça. Até mesmo um vice-presidente de planejamento não podia assimilar ou mesmo ver os milhares de mapas e diagramas detalhados meticulosamente, numa engrenagem tão grande quanto a GSP & L.

— Esses círculos indicam o equipamento de manutenção de vida em casas particulares. — O despachante-chefe fez sinal para um dos assistentes e levantou-se, enquanto o outro tomava seu lugar. — Preciso descansar.

Passou a mão pelo cabelo branco, num gesto de cansaço. Depois, distraidamente, engoliu outro tablete de Gelusil. Livre das pressões por um momento, o despachante-chefe apontou para o mapa de circuito.

— Esses círculos vermelhos são pulmões artificiais... equipamentos respiratórios, como dizem atualmente. Os verdes representam máquinas de diálise renal. Este círculo laranja é uma unidade de geração de oxigênio para um bebê. Temos mapas assim em todas as divisões e os mantemos permanentemente atualizados. Contamos com a ajuda dos hospitais, que sabem onde os equipamentos particulares estão localizados.

— Acaba de preencher uma lacuna em minha educação — comentou Nim, continuando a examinar o mapa, que o fascinava.

— A maioria das pessoas que dependem de equipamentos de manutenção de vida tem o tipo que, numa emergência, passa a funcionar com baterias. Mesmo assim, qualquer interrupção no suprimento externo pode ser fatal. Por isso, a primeira providência que tomamos, quando há uma interrupção, é verificar rapidamente. Se há alguma dúvida ou problema, despachamos prontamente um gerador portátil.

— Mas não dispomos de tantos geradores portáteis... ou pelo menos não o bastante para uma interrupção tão disseminada quanto a de hoje.

— E também não temos as equipes externas necessárias. Mas hoje estamos com sorte. As divisões

já verificaram, e nenhuma das pessoas com equipamentos de manutenção de vida teve qualquer problema. — O despachante-chefe tornou a apontar o mapa e acrescentou: — Além disso, já restauramos o suprimento de energia em todos esses locais indicados no mapa.

Saber que um ser humano estava sendo velado e protegido, em meio a preocupações muito mais gerais, era algo comovente e tranquilizador. Nim correu os olhos pelo mapa. Encontrou uma esquina que conhecia muito bem. Lakewood e Balboa. Um dos círculos vermelhos indicava um prédio de apartamentos pelo qual passara muitas vezes. Um nome ao lado indicava Sloan. Provavelmente usava um pulmão artificial. Quem seria Sloan?, perguntou-se Nim. Como seria ele? Seu devaneio foi subitamente interrompido:

— Sr. Goldman, o presidente deseja falar-lhe. Está ligando de La Mission.

Nim pegou o fone que o assistente lhe estendia e ouviu Eric Humphrey dizer:

— Nim, você era muito amigo de Walter Talbot, não é mesmo? — Apesar da crise, a voz do presidente continuava polida como sempre. Imediatamente depois das primeiras notícias sobre a explosão, Humphrey convocara seu motorista e partira

na limusine para La Mission, junto com Ray Paulsen.

— Era, sim — Nim sabia que sua voz estava trêmula e que as lágrimas não estavam muito longe. Praticamente desde que começara a trabalhar na Golden State Power & Light, onze anos antes, tornara-se amigo do engenheiro-chefe, habitualmente trocando confidências com ele. Parecia inconcebível que isso nunca mais acontecesse.

— E a esposa de Walter? Também a conhece bem?

— Ardythe? Conheço, sim. — Nim percebeu que o presidente hesitava e perguntou: — Como está a situação por aí?

— Terrível. Nunca havia visto corpos queimados por vapor superaquecido. E espero nunca mais tornar a ver. Não restou praticamente nada de pele. Há apenas uma massa de bolhas, com tudo o que está por baixo à mostra. Os rostos estão irreconhecíveis.

— Por um momento, parecia que a serenidade de Eric Humphrey ia desmoronar. Mas ele se recuperou rapidamente e acrescentou: — É por isso que eu gostaria que fosse falar com a sra. Talbot o mais depressa possível. Ouvi dizer que ela ficou profundamente abalada com a notícia, o que não é de surpreender. Como amigo do casal, você talvez possa aju-

dar. Eu gostaria que a convencesse, se for possível, a não ver o corpo do marido.

— Meu Jesus! Mas por que logo eu, Eric?

— Pela razão óbvia. Alguém tem de fazê-lo. Como você era amigo de ambos, parece mais indicado que qualquer outro. Estou também pedindo a um amigo de Danieli para procurar a esposa dele.

Nim sentiu vontade de responder: "Por que não vai você procurar pessoalmente as esposas aos quatro homens que morreram? É nosso chefe, ganha um salário excepcional que deve compensar as ocasionais missões difíceis e embaraçosas. Além do mais, morrer a serviço da companhia não merece uma visita pessoal do homem que está lá no topo?" Mas não disse nada disso. Sabia que J. Eric Humphrey era um administrador competente e operoso, que deliberadamente se mantinha em segundo plano sempre que possível. Evidentemente, aquela era mais uma ocasião para assumir tal atitude, com Nim e algum outro infortunado agindo como representante dele.

— Está certo, Eric. Irei até lá.

— Obrigado, Nim. E, por favor, transmita à sra. Talbot os meus pêsames.

Nim devolveu o telefone ao assistente, sentindo-se angustiado. O que lhe haviam pedido para fa-

zer era algo que não sabia como enfrentar. Mais cedo ou mais tarde, fatalmente acabaria encontrando-se com Ardythe Talbot e, inevitavelmente emocionado, sentiria a maior dificuldade para descobrir as palavras apropriadas. O que não esperava era ser obrigado a fazê-lo tão cedo.

Ao sair do Centro de Controle de Energia, Nim encontrou-se com Teresa van Buren. Ela parecia ainda mais desgrenhada e desarrumada do que o habitual, presumivelmente em consequência de seu recente embate com a imprensa. Além disso, Teresa também fora amiga de Walter Talbot. Murmurou para Nim:

- Que dia horrível para nós...
- Tem razão.

Nim informou-a para onde estava indo e quais as instruções que recebera de Eric Humphrey. A vice-presidente de relações públicas fez uma careta.

— Não o invejo, Nim. É uma missão das mais difíceis, que eu não gostaria de cumprir. Por falar nisso, soube que você teve um atrito com Nancy Molineaux.

- Aquela filha da puta!
- Tem toda a razão, Nim. Mas ela é também uma jornalista corajosa e muito melhor do que a maioria dos palhaços incompetentes que aparecem

por aqui.

– Fico surpreso por ouvi-la falar assim. Ela já tinha tomado a decisão de se mostrar crítica, hostil, antes mesmo de saber o que havia acontecido.

Teresa van Buren deu de ombros.

– Esse paquiderme para o qual trabalhamos pode sobreviver a algumas pedradas. Além do mais, a hostilidade pode ser um recurso usado por Nancy para fazer você e os outros ralarem mais do que tencionam. Ainda tem de aprender algumas coisas em relação às mulheres, Nim... além de ginástica calistênica na cama, o que vem fazendo muito ultimamente, pelo que me contaram. — Ela o fitou atentamente, antes de acrescentar: — Virou um caçador de mulheres, não é mesmo? — Mas os olhos maternais se suavizaram no instante seguinte. — Talvez eu não devesse fazer um comentário desses neste momento. E agora trate de ir, Nim. E procure fazer o melhor possível pela esposa de Walter.

Acomodando o corpo consideravelmente alto no Fiat X19 de dois lugares, Nim Goldman avançou pelas ruas movimentadas do centro da cidade, seguindo para o nordeste, na direção de San Roque, o bairro afastado onde ficava a casa de Walter e Ardythe Talbot. Ele conhecia perfeitamente o caminho, pois já o percorrera muitas vezes.

Àquela altura, no início da noite, cerca de uma hora depois do rush de final de expediente, o tráfego ainda estava intenso. O calor do dia diminuía um pouco, mas não muito.

Nim mudou a posição do corpo, esforçando-se para ficar o mais confortável possível no pequeno carro. Recordou-se que ultimamente estava engordando um pouco e precisaria perder peso antes de chegar a um impasse com o Fiat. Não tinha a menor intenção de trocar de carro. O Fiat representava sua convicção de que todos aqueles que possuíam carros maiores estavam desperdiçando combustível precioso, vivendo o paraíso dos tolos que em breve terminaria, com os desastres conseqüentes. Um desses desastres seria a escassez do suprimento de energia elétrica.

Para Nim, a interrupção do fornecimento daquele dia, embora ampla, não passara de uma prévia da escassez muito mais grave que parecia inevitável, e que teria início talvez em um ou dois anos. O maior problema era que quase ninguém parecia importar-se. Até mesmo na GSP & L, onde muitos outros tinham acesso aos mesmos fatos que eram do conhecimento de Nim, havia um clima de complacência que podia ser traduzido da seguinte forma: "Não se preocupe. Tudo vai acabar dando certo. Daremos um jeito. Enquanto isso, não vamos balançar o barco, criando um alarme público desnecessário".

Nos últimos meses, apenas três pessoas nos altos escalões da Golden State Power & Light, Walter Talbot, Teresa van Buren e o próprio Nim, tinham se empenhado em uma mudança de posição. O que eles desejavam era menos timidez e mais franqueza. Eram favoráveis a uma declaração objetiva e imediata ao público, imprensa e políticos, de que havia a perspectiva de uma escassez de energia elétrica calamitosa e de que nada poderia ser feito para evitá-la totalmente a não ser um programa urgente de construção de novas usinas geradoras, combinado com medidas amplas e difíceis de racionamento, para atenuar o efeito. Mas a cautela convencional, pelo

temor de desagradar àqueles que detinham o poder, havia prevalecido até aquele momento. Nenhuma mudança na política da companhia fora aprovada. E agora, Walter, um dos três cruzados, estava morto.

Nim foi dominado novamente pelo desespero. Anteriormente conseguira conter as lágrimas. Mas agora, na intimidade de seu carro em movimento, deixou que as lágrimas fluíssem; duas lágrimas escorreram por suas faces. Com a angústia, desejou poder fazer alguma coisa por Walter, até mesmo um ato tão intangível quanto uma prece. Esforçou-se por recordar o kaddish dos mortos, a prece judaica que ouvira ocasionalmente em cerimônias fúnebres, tradicionalmente pronunciado pelo parente mais próximo do sexo masculino, na presença de dez judeus. Os lábios de Nim se mexeram, silenciosamente, tropeçando nas antigas palavras aramaicas: *Yisgadal veyiskadasb sh'may rabbo be'olomo deevro chiroosey ve'yamlich malchoosey...* Ele parou, não conseguindo lembrar o resto da prece, ao mesmo tempo que pensava que o simples fato de rezar, para um homem como ele, era inteiramente ilógico.

Houvera momentos em sua vida — e aquele era um deles — em que Nim sentia ímpetos profundos, ansiando por uma fé religiosa, por uma identificação pessoal com sua herança. Mas a reli-

gião, ou pelo menos o exercício dela, era uma porta fechada. E fora fechada antes mesmo do nascimento de Nim, pelo pai dele, Isaac Goldman, que chegara à América, procedente da Europa oriental, como um jovem imigrante sem dinheiro e ardoroso socialista. Filho de um rabino, Isaac chegara à conclusão de que o socialismo e o judaísmo eram incompatíveis. Rejeitara totalmente a religião de seus antepassados, deixando os pais desolados. Até mesmo agora, aos oitenta e dois anos, o velho Isaac ainda escarnecia os postulados básicos da fé judaica, descrevendo-os como "conversa fiada entre Deus e Abraão, o conto da carochinha imbecil de um povo escolhido".

Nim crescera aceitando a opção do pai. A festa da Páscoa e os dias sagrados, o *Rosh Hashanah* e o *Yom Kippur*, não eram observados pela família Goldman. Como decorrência da revolta pessoal de Isaac, uma terceira geração, a dos filhos de Nim — Leah e Benjy —, estava afastada da herança e da identidade judaicas. Não fora planejado nenhum bar *mitzvah* para Benjy, uma omissão que de vez em quando perturbava Nim e o levava a formular uma indagação: apesar das decisões que tomara para si próprio, tinha o direito de separar os filhos de cinco mil anos de história judaica? Nim sabia que não era tarde demais, mas até agora ainda não conseguira

chegar a uma conclusão.

Ao pensar na família, Nim recordou-se de que se esquecera de avisar Ruth que voltaria mais tarde para casa. Estendeu a mão para o telefone instalado no carro, à direita do painel, uma comodidade que a GSP & L fornecera e pagara. Uma telefonista atendeu, e ele deu o número de sua casa. Um momento depois, ouviu a campainha tocando e uma vizinha fina atender:

— Residência Goldman. Benjy Goldman falando.

Nim sorriu. Benjy era assim mesmo, já aos dez anos, objetivo e prático, em contraste com a irmã Leah, quatro anos mais velha, permanentemente desorganizada e que atendia ao telefone com um jovial "Oi!"

— É papai, Benjy. Estou falando do carro. — Nim explicara à família que todos deviam esperar um pouco ao ouvirem tal informação, pois não podia haver superposições nas conversas pelo radiotelefone. — Está tudo bem aí em casa?

— Agora está, papai. Faltou energia. — Benjy soltou uma risadinha, antes de acrescentar: — Aposto que já sabia disso, papai. E já tratei de acertar todos os relógios.

— Isso é ótimo, Benjy. E tem razão, eu já sabia

que faltou energia. Agora, chame sua mãe.

— Leah quer...

Nim ouviu o barulho de uma alteração e logo depois a voz da filha:

— Oi! Assistimos ao noticiário pela televisão. E você não apareceu! — O tom de Leah era acusador. As crianças já estavam acostumadas a ver Nim na TV como o porta-voz da GSP & L. Talvez a ausência de Nim nas telas naquele dia fosse rebaixar o status de Leah entre os amigos.

- Lamento muito, Leah. Mas não pude fazer nada. Havia muitas outras coisas acontecendo. Posso falar com sua mãe?

— Nim? — Era a voz suave de Ruth. Ele apertou a tecla para falar.

— Sou eu mesmo. E conseguir falar com você é como abrir caminho a cotoveladas na multidão.

Enquanto falava, Nim mudou de faixa, manobrando o Fiat com uma só mão. Uma placa anunciava que a saída para San Roque estava a dois quilômetros de distância.

— Sabe por que as crianças queriam falar com você? Talvez porque quase não o vêem em casa. — Ruth jamais elevava a voz, sempre falando suavemente, até mesmo quando fazia uma censura. Nim admitiu para si mesmo que a censura era proceden-

te, embora preferisse que Ruth não tivesse abordado o problema. — Já soubemos o que aconteceu com Walter, Nim. E com os outros. A televisão deu a notícia. Lamento profundamente.

Nim sabia que ela estava falando sinceramente, pois Ruth estava a par de sua amizade com o engenheiro-chefe.

Esse tipo de compreensão era típico de Ruth. É verdade que, sob outros aspectos, ela e Nim pareciam estar cada vez menos em harmonia em comparação com outrora. Não que houvesse qualquer hostilidade aberta entre eles. Ruth, serena e imperturbável, jamais chegaria a tal ponto, pensava Nim. Podia imaginá-la naquele momento, controlada e objetiva, uma expressão de compaixão nos olhos castanhos. Nim muitas vezes pensara que ela possuía uma qualidade de Madona. Mesmo que não tivesse uma boa aparência, e Ruth tinha de sobra, o caráter por si só seria suficiente para torná-la bonita. Ele sabia também que Ruth iria partilhar aquele momento com Leah e Benjy, explicando tudo, tratando-os como iguais, daquela maneira tranqüila que sempre possuía. Jamais deixara de respeitar Ruth, especialmente como mãe. Acontecia simplesmente que o casamento estava se tornando desinteressante, insípido mesmo. A imagem que Nim fazia:

"Uma estrada suave que leva a lugar nenhum". E havia algo mais, talvez consequência da indiferença mútua. Recentemente, Ruth parecia ter adquirido interesses próprios, sobre os quais preferia não falar. Por diversas vezes, Nim telefonara para casa em momentos em que ela deveria estar, e não a encontrara. Ruth aparentemente passara o dia inteiro fora e mais tarde se esquivara a qualquer explicação. Não tinha esse hábito. Será que Ruth arrumara um amante? Era possível. Seja como for, Nim se perguntava até que ponto chegariam, antes que algo definido ocorresse, antes que houvesse uma confrontação.

— Ficamos todos profundamente abalados, Ruth. E Eric pediu-me que fosse falar com Ardythe. Estou a caminho neste momento. Provavelmente voltarei tarde para casa. Muito tarde mesmo. Não precisa ficar esperando.

O que não era nenhuma novidade, é claro. Eram freqüentes as noites em que Nim ficava trabalhando até tarde. Resultado: o jantar em casa saía atrasado ou então ele o perdia inteiramente. Significava também que quase não via Leah e Benjy, os quais geralmente estavam deitados quando chegava em casa, muitas vezes já dormindo. Nim volta e meia era atormentado por um sentimento de culpa

pelo pouco tempo que dispensava aos filhos. Sabia que isso incomodava Ruth, embora ela só raramente fizesse um comentário a respeito. Havia ocasiões em que desejava que a mulher se queixasse mais.

Mas a ausência naquela noite era diferente. Não exigia explicações ou desculpas adicionais, nem para si mesmo.

— Pobre Ardythe! — murmurou Ruth. — Logo no momento em que Walter estava prestes a se aposentar! E o comunicado torna as coisas ainda piores.

— Que comunicado?

— Ainda não sabe? As pessoas que colocaram a bomba enviaram um comunicado para uma emissora de rádio, gabando-se do que tinham feito. Pode imaginar uma coisa dessas? Como alguém pode assumir uma atitude assim?

— Qual foi a emissora?

Nim largou o fone por um momento, ligou o rádio e tomou a pegar o fone, a tempo de ouvir Ruth responder:

— Não sei.

— É muito importante que eu ouça o tal comunicado, Ruth. Por isso, vou desligar agora. Se for possível, voltarei a telefonar da casa de Ardythe.

Nim repôs o fone no gancho. O rádio já estava sintonizado numa emissora noticiosa. Ele deu uma

olhada no relógio. Faltava um minuto para o próximo noticiário.

A rampa de saída para San Roque se aproximou, e ele manobrou o Fiat. A casa dos Talbot ficava a menos de dois quilômetros de distância.

No rádio, o soar de trombetas pontuado por sinais de Morse anunciou o noticiário. A notícia que Nim estava esperando era a principal.

Um grupo que se intitula "Amigos da Liberdade" reivindicou a autoria da explosão que ocorreu hoje numa usina geradora da Golden State Power & Light. A explosão provocou a morte de quatro pessoas e causou uma grande interrupção no fornecimento de energia.

A revelação constava de uma fita gravada que foi entregue a uma emissora de rádio local no final desta tarde. A polícia declarou que alguns detalhes da gravação parecem comprovar sua autenticidade. Estão examinando-a à procura de pistas.

Obviamente, pensou Nim, a emissora que estava ouvindo não fora a que recebera a gravação. As estações de rádio não gostavam sequer de reconhecer a existência de uma concorrente; muito embora uma notícia como aquela fosse importante demais para ser ignorada, o nome da outra emissora não es-

tava sendo indicado.

Na gravação, uma voz de homem, até agora não identificada, declarava, abrem aspas: "Os Amigos da Liberdade estão empenhados em promover a revolução do povo e protestam contra o monopólio capitalista ganancioso do poder que pertence de direito ao povo". Fecham aspas.

Comentando as mortes, a gravação diz, abrem aspas: "A intenção não era matar, mas na revolução do povo, que agora começa, os capitalistas e seus lacaios pagarão por seus crimes contra a humanidade". Fecham aspas.

Um alto dirigente da Golden State Power & Light confirmou que a causa da explosão de hoje foi sabotagem, mas não quis fazer nenhum outro comentário.

Os preços da carne no varejo deverão subir em breve. Em Washington, o secretário da Agricultura comunicou hoje a uma comissão de consumidores...

Nim desligou o rádio. A notícia o deixara profundamente deprimido, pela inutilidade repulsiva do ato. Ficou imaginando qual teria sido o efeito em Ardythe Talbot, com quem iria encontrar-se dentro de poucos minutos.

Ao crepúsculo, a noite se aproximando rapidamente, ele notou que diversos carros estavam es-

tacionados diante da modesta casa de dois andares dos Talbot, com sua profusão de canteiros de flores, um hobby que Walter cultivara por toda a vida. Havia luzes acesas em todos os cômodos do primeiro andar.

Nim encontrou uma vaga para o Fiat; estacionou e trancou o carro, dirigindo-se para a casa.

A porta da frente estava aberta e podiam-se ouvir vozes. Nim bateu e ficou esperando. Como ninguém viesse atender, decidiu entrar.

No vestíbulo, as vozes soavam mais nítidas. Vinham da sala de estar, à direita. Podia ouvir a voz de Ardythe. Ela parecia inconsolável, estava soluçando. Nim percebeu algumas palavras meio incoerentes:

— ... aqueles assassinos, ó meu Deus!... era um homem bom e generoso, não seria capaz de fazer mal a ninguém... e chamá-lo de todas aquelas coisas horríveis...

Havia outras vozes se entremeando, no empenho inútil de acalmar Ardythe.

Nim hesitou. A porta da sala de estar estava entreaberta, embora não pudesse ver quem estava lá dentro nem ser visto. Sentiu-se tentado a se retirar na ponta dos pés, indo embora tão despercebido quanto chegara. E foi nesse momento que a porta foi abruptamente empurrada e um homem saiu da sala. Fechando a porta rapidamente, recostou-se nela, o rosto barbado e sensível muito pálido e tenso, os olhos fechados, como se isso pudesse proporcionar-

lhe um momento de alívio. A porta fechada isolava quase inteiramente as vozes que soavam lá dentro.

— Wally... — murmurou Nim, suavemente. — Wally...

O homem abriu os olhos, levando alguns segundos para se recuperar.

— Ah, é você, Nim... Obrigado por ter vindo.

Nim conhecia Walter Talbot Jr., filho único, quase há tanto tempo quanto era amigo do engenheiro-chefe morto. Wally Jr. também trabalhava para a GSP & L, como engenheiro de manutenção de linhas de transmissão. Wally era casado, tinha filhos, morava no outro lado da cidade.

— Não há muita coisa que se possa dizer num momento com este, Wally. A não ser que sinto muito.

Wally Talbot assentiu.

— Eu compreendo. — Fez um gesto na direção da sala de onde acabara de sair, como se pedisse desculpas. — Tinha de me afastar por um minuto. Algum idiota ligou a TV e ouvimos o comunicado daqueles assassinos miseráveis. Antes disso, havíamos conseguido acalmar mamãe um pouco. Mas a notícia deixou-a novamente nervosa. Provavelmente, você também já a ouviu.

— Ouvi, sim. Quem está lá dentro?

— Mary. Deixamos as crianças com uma vizinha e viemos imediatamente. E diversas vizinhas de mamãe apareceram. A maioria ainda está aqui. Sei que elas têm as melhores intenções, mas isso não ajuda muito. Se papai estivesse aqui... — Wally parou de falar abruptamente, exibindo um sorriso amargurado antes de acrescentar: — É difícil me acostumar à idéia de que ele nunca mais estará por aqui.

— Também estou me sentindo assim, Wally. — Nim percebeu o óbvio: Wally Jr. não estava em condições de assumir o controle do que estava acontecendo na casa. — Não podemos deixar que a situação continue assim. Vamos entrar e falarei com sua mãe, procurando acalmá-la da melhor forma possível. Enquanto isso, você e Mary dão um jeito de fazer com que as vizinhas saiam.

— Está bem. É a melhor coisa a fazer no momento. Obrigado, Nim. — Evidentemente, o que Wally estava esperando era que alguém lhe determinasse o que fazer.

Havia umas dez pessoas de pé ou sentadas na sala, normalmente alegre e confortável, parecendo espaçosa, mas agora dando a impressão de estar apinhada. E fazia muito calor também, apesar de o aparelho de ar condicionado estar ligado. Havia

conversas paralelas, e a televisão continuava ligada, aumentando ainda mais a confusão.

Ardythe Talbot estava num sofá, cercada por várias mulheres, uma das quais era Mary, a esposa de Wally Jr. Nim não reconheceu as outras. Provavelmente eram as vizinhas a que Wally se referira.

Embora Ardythe estivesse com sessenta anos — Nim e Ruth haviam comparecido à festa de seu último aniversário —, ainda continuava a ser uma mulher extraordinariamente bonita, com um corpo atraente e um rosto firme, que só agora começava a apresentar, de forma quase invisível, as rugas da idade. O cabelo castanho-avermelhado, bem curto, na última moda, tinha apenas alguns fios brancos, o que era perfeitamente natural. Ardythe jogava tênis regularmente, o efeito transparecendo em sua radiante saúde. Naquele dia, porém, toda sua composição desmoronara. O rosto manchado de lágrimas parecia exausto e envelhecido.

Ardythe ainda estava falando como antes, a voz sufocada, as palavras meio desconexas. Mas parou assim que avistou Nim. E no instante seguinte exclamou:

— Oh, Nim! — Estendeu os braços, e as outras mulheres recuaram, para dar passagem a Nim, que foi se sentar no sofá e a abraçou. — Oh, Nim! Já

soube a coisa terrível que aconteceu com Walter?

— Já sim, minha querida — murmurou Nim, suavemente.

Nim observou Wally, no outro lado da sala, desligar a TV e depois falar com a esposa. Mary concordou. Rapidamente os dois se aproximaram das outras mulheres, agradecendo, levando-as para fora da sala, uma a uma. Nim continuou a abraçar Ardythe, sem falar, procurando acalmá-la e confortá-la. Não demorou muito para que a sala estivesse silenciosa.

Nim ouviu a porta da frente se fechar após a saída da última das vizinhas. Wally e Mary voltaram do vestibulo. Wally passou a mão pelo cabelo e pela barba, murmurando:

— Bem que estou precisando de um uísque. Alguém mais vai querer?

Ardythe disse que queria. E Nim também.

— Pode deixar que vou providenciar — disse Mary.

Serviu rapidamente as doses de uísque e depois limpou os cinzeiros, arrumou a sala, removendo os sinais da recente ocupação. Era uma mulher esguia, mais parecendo uma menina, sempre eficiente. Antes de se casar com Wally, trabalhara no departamento de criação de uma agência de propaganda e

ainda fazia ocasionalmente trabalhos free lance, ao mesmo tempo que cuidava da casa.

Ardythe estava agora sentada sozinha, tomando uísque, apresentando os primeiros indícios de que readquiriria sua compostura. Abruptamente, disse:

— Devo estar com uma aparência horrível.

— Não mais do que qualquer outra pessoa ficaria em tais circunstâncias — assegurou-lhe Nim.

Mas Ardythe já tinha ido mirar-se num espelho.

— Santo Deus! — Virando-se para os outros, acrescentou: — Continuem tomando seus drinques. Voltarei num instante.

Saiu da sala, levando o copo de uísque, e subiu a escada. Nim refletiu, um tanto divertido e irônico: "Poucos homens conseguem ser tão resistentes e fortes quanto as mulheres".

Não obstante, decidiu que era melhor contar a Wally primeiro a advertência de Eric Humphrey para que a família não visse o corpo. Recordou-se, estremecendo, das palavras do presidente: "Não restou praticamente nada de pele... os restos estão irreconhecíveis". Mary havia ido até a cozinha. Aproveitando a oportunidade, Nim explicou a situação tão gentilmente quanto era possível, omitindo os

detalhes.

A reação foi imediata. Wally tomou o resto do uísque de um só gole e com lágrimas nos olhos protestou:

— Isso é demais! Não tenho coragem de contar a mamãe! Você é que terá de fazê-lo.

Nim ficou em silêncio, temendo o que iria acontecer.

Ardythe voltou quinze minutos depois. Passara uma pintura no rosto, arrumara o cabelo, trocara de roupa; estava agora de saia e blusa. Embora os olhos e a atitude demonstrassem seu desespero, superficialmente parecia bem.

Mary também voltara à sala. Foi Wally quem se encarregou de servir novas doses de uísque. Os quatro ficaram sentados em silêncio por algum tempo, inquietos, sem saber o que falar.

Foi Ardythe quem rompeu finalmente o silêncio, dizendo firmemente:

— Quero ver Walter. — Virando-se para Wally, indagou: — Sabe para onde levaram seu pai, quais as providências que já foram tomadas?

— É que... há... — Wally parou de falar abruptamente, levantou-se e beijou a mãe, ficando em seguida parado num ponto em que ela não podia ver-lhe os olhos, antes de continuar: — Há um proble-

ma, mamãe. Nim vai explicar tudo. Não é mesmo, Nim?

Nim desejou estar em outro lugar, qualquer um, menos ali.

— Mamãe querida, Mary e eu temos de voltar para casa. Precisamos ver como estão as crianças. Voltaremos depois. E um de nós passará a noite aqui com você.

Como se não tivesse ouvido, Ardythe indagou:

— Que problema?... Por que não posso ver Walter?... Alguém tem de me contar!

Wally se retirou rapidamente, seguido por Mary. Ardythe parecia não ter percebido a saída deles.

— Por favor... Por que não posso...?

Nim segurou-lhe as mãos, apertando-as.

— Ardythe, por favor, preste atenção no que vou lhe dizer. Walter morreu instantaneamente. Tudo acabou em menos de um segundo. Ele nem teve tempo de compreender o que estava acontecendo, não pode ter sentido nenhuma dor. — Nim esperava que isso fosse mesmo verdade. — Mas, por causa do que aconteceu, seu corpo ficou desfigurado. Walter era meu amigo, Ardythe. Sei como ele pensava. E tenho certeza de que não gostaria que o visse como está agora. Iria querer que você o lem-

brasse... — Nim não conseguiu continuar, sufocado pela emoção. Não tinha certeza se Ardythe o ouvira, se compreendera suas palavras. Mais uma vez, ficaram em silêncio.

Mais de uma hora já se passara desde a chegada de Nim, quando Ardythe finalmente voltou a falar:

— Já jantou, Nim?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não tive tempo. E não estou com fome. — Nim tinha dificuldades em se ajustar às bruscas mudanças de ânimo de Ardythe. Ela se levantou.

— Vou preparar alguma coisa para você comer.

Nim a seguiu até a cozinha compacta e funcional, que o próprio Walter Talbot projetara. Como era de se esperar, Walter efetuara antes um levantamento das funções que se desempenhavam numa cozinha, dispondo tudo para que houvesse um máximo de funcionalidade e um mínimo de necessidade de movimentos. Nim sentou-se à mesa, observando Ardythe, sem interferir, raciocinando que era melhor que ela estivesse ocupada com alguma coisa.

Ela esquentou um pouco de sopa e serviu-a em tigelas de barro, tomando a sua, enquanto preparava uma omelete de cebolinha e cogumelos. Assim que a omelete foi dividida entre os dois, Nim des-

cobriu que, no final das contas, estava faminto, comendo vorazmente. Ardythe ainda fez um esforço inicial, mas acabou deixando no prato a maior parte de sua porção. Depois, foram tomar um café bem forte, na sala de estar.

Falando calmamente, pronunciando nitidamente as palavras, Ardythe disse:

– Posso insistir em ver Walter.

– Se quiser realmente, ninguém poderá impedi-la. Mas espero que não queira.

– As tais pessoas que colocaram a bomba, as que mataram Walter e os outros... acha que serão apanhadas?

– É bem provável. Mas é impossível ter certeza quando se está lidando com fanáticos. É muito mais difícil agarrá-los, já que não reagem de uma maneira racional. Mas se tentarem novamente algo parecido, o que deverá acontecer, provavelmente serão capturados e devidamente punidos.

– Creio que eu deveria estar querendo que eles fossem severamente punidos. Mas não me importo com isso. Será que essa minha atitude é condenável?

– Não. De qualquer forma, pode deixar que outras pessoas cuidarão disso.

– O que quer que possa acontecer, não vai mudar nada. A punição dos culpados não trará

Walter... nem os outros... de volta. Sabia que estávamos casados há trinta e seis anos? Eu deveria me sentir profundamente grata por isso. E mais do que a maioria das pessoas consegue, e foi maravilhoso na maior parte do tempo... Foram trinta e seis anos... — Começou a chorar, baixinho. — Abrace-me, Nim.

Ele a abraçou, aninhando sua cabeça no ombro. Podia senti-la chorando, embora não mais histericamente. Agora eram lágrimas de despedida e resignação, de recordação e amor, lágrimas suaves, de purificação, enquanto a psique humana iniciava seu processo de cura, tão antigo, inexplicável e maravilhoso quanto a própria vida.

Abraçando Ardythe, Nim começou a sentir um perfume agradável. Já o notara quando tinham ficado juntos antes e imaginou em que momento ela o teria posto. Provavelmente quando subira para o quarto. Nim tratou de mudar de pensamentos.

Compreendeu que era tarde. Lá fora já estava totalmente escuro, com os clarões ocasionais dos faróis de um ou outro carro de passagem. Mas era uma rua isolada e tranqüila, sem muito tráfego. Lá dentro, a casa já se acomodara, como faziam todas as casas para passar a noite, e o silêncio imperava.

Ardythe acomodou-se nos braços de Nim. Havia parado de chorar e se aconchegou mais a ele.

Nim respirou novamente o perfume inebriante. Consternado, descobriu que seu próprio corpo estava cada vez mais excitado, cada vez mais consciente da presença de Ardyrhe como mulher. Tentou desviar a mente para outros pensamentos, conter e anular o que estava acontecendo. Mas foi em vão.

— Beije-me, Nim...

Ardythe se postara de tal maneira que os rostos estavam agora colados; os lábios se encontraram, suavemente a princípio, depois mais firmemente. A boca de Ardythe era sedutora, macia, ardente, exigente. Ao sentir que ambos estavam dominados pelo excitamento sexual, Nim perguntou a si mesmo: "Como é possível que uma coisa assim esteja acontecendo?"

— Apague a luz, Nim...

Ele atendeu ao pedido, embora uma parte de si mesmo insistisse: "Não faça isso! Vá embora! Saia daqui agora mesmo!" Mas Nim sabia que não iria embora; apesar de se desprezar por isso, sabia que o protesto daquela voz interior era apenas simbólico.

Havia espaço suficiente no sofá. Enquanto ele apagava a luz, Ardythe tirou uma parte de suas roupas. Nim ajudou-a a tirar o resto e depois também se despiu, rapidamente. Ao se abraçarem, descobriu-a ansiosa, excitada, experiente. As mãos de

Ardythe, suaves, hábeis, procuraram acariciá-lo. E conseguiram. Nim retribuiu da mesma forma. Não demorou muito para que Ardythe estivesse gemendo e gritasse em voz alta:

— Oh, Nim, não espere mais! Por favor, não espere mais... por favor!

Nim ainda experimentou uma última e vaga pontada de consciência, sentiu o temor assustador de que Wally Jr. e Mary pudessem voltar, como disseram que fariam, surpreendendo-os daquele jeito. Mas no instante seguinte tudo o mais se desvaneceu, enquanto o prazer e a paixão o dominavam, inexoravelmente.

— Está com remorso, não é mesmo?

— Estou, sim... — confessou Nim.

Uma hora já se passara. Ambos estavam vestidos, as luzes, acesas. Poucos minutos antes, Wally telefonara, informando que ele e Mary já estavam a caminho e que ambos passariam a noite na casa.

— Pois não precisa ficar. — Ardythe tocou-lhe o braço de leve, exibindo um sorriso tímido. — Ajudou-me muito mais do que pode sequer imaginar.

O instinto de Nim dizia-lhe que Ardythe deixara algo por falar: que aquele momento que haviam acabado de partilhar raramente acontecia entre duas pessoas e provavelmente não se repetiria. E, se

acontecesse, teria agora uma preocupação dupla: não apenas se comportara vergonhosamente no dia da morte de seu melhor amigo, mas também arrumara uma complicação adicional para sua própria vida, algo de que absolutamente não precisava.

— Tenho de explicar-lhe algo, Nim. Eu amava Walter profundamente. Ele era um homem bom, meigo, gentil. Sentia o maior prazer em sua companhia, pois ele sempre foi um homem maravilhoso para se conviver. A vida sem Walter... ainda não posso pensar nisso, por enquanto. Mas há muito tempo, uns seis ou sete anos, que não tínhamos nenhum contato sexual. Walter simplesmente não podia mais. Isso acontece freqüentemente com os homens, como deve saber, muito mais do que com as mulheres...

Nim protestou:

— Não quero saber...

— Quer queira ou não, vai ter de saber. Porque não quero que saia daqui esta noite dominado pelo remorso e pelo desespero. Preciso dizer-lhe algo mais, Nim. Não foi você quem me seduziu, mas, sim, o contrário. E eu sabia o que ia acontecer, e queria que acontecesse, muito antes de você.

Nim pensou: o perfume agira como um afrodisíaco! Será que ela realmente planejara tudo?

— Quando a mulher fica privada de sexo em casa, ou se acomoda, ou vai procurá-lo em outra parte. Pois eu me acomodei. Contentei-me com o que tinha, que era um bom homem a quem ainda amava. Não fui procurar sexo fora de casa, mas isso não me impediu de continuar a desejar.

— Ardythe, por favor...

— Já estou quase acabando, Nim. Hoje... esta noite... quando compreendi que havia perdido tudo... desejei o sexo mais do que qualquer outra coisa. Subitamente, esses sete anos de abstinência me dominaram. E você estava presente, Nim. Sempre gostei de você, talvez algo mais do que apenas gostar. E você estava aqui no momento em que eu mais precisava. — Sorriu. — Se veio me consolar, pode ter certeza de que o conseguiu. Foi apenas isso. Não procure complicar as coisas desnecessariamente, nem tenha qualquer sentimento de culpa, porque não há motivo.

Nim suspirou.

— Se é assim que pensa, então está certo. — Parecia uma maneira muito fácil de tranquilizar a consciência. Fácil demais.

— E assim mesmo que penso. E, agora, beije-me mais uma vez e depois volte para casa... para Ruth.

Nim beijou-a, sentindo-se aliviado por poder ir embora antes da chegada de Wally e Mary.

No carro, voltando para casa, Nim pensou na complexidade de sua vida pessoal. Em comparação, os meandros intrincados da Golden State Power & Light pareciam simples e suportáveis. No topo da lista de seus problemas imediatos estava Ruth, o casamento à deriva. E agora havia também Ardythe. Depois, havia ainda outras mulheres, com as quais tivera ligações ocasionais, inclusive duas recentes, que não tinham arrefecido de todo. Tais ligações pareciam acontecer a Nim sem que as procurasse. Ou estaria apenas tentando iludir a si mesmo? No fundo, não estaria procurando aquelas ligações, racionalizando depois que simplesmente haviam acontecido? De qualquer forma, por quase tanto tempo quanto podia recordar, jamais houvera qualquer carência de oportunidades sexuais.

Depois do casamento com Ruth, quinze anos antes, permanecera resolutamente um homem de uma só mulher... por cerca de quatro anos. Surgiu então uma oportunidade para sexo extraconjugal e ele não resistiu. Depois, houve muitas outras oportunidades, a maioria aventuras de uma só noite, algumas perdurando com grande entusiasmo por algum tempo, para depois irem gradativamente se

desvanecendo, como estrelas que perdiam o brilho antes da extinção. A princípio, Nim imaginou que poderia manter escondidas de Ruth suas aventuras sexuais. A própria natureza de seu trabalho, consumindo muito tempo, em horas irregulares, ajudava a fazer com que isso se tornasse possível. E provavelmente dera certo por algum tempo. Mas, depois, o bom senso lhe disse que Ruth, uma mulher não apenas sensível, mas também inteligente e observadora, não podia deixar de entender o que estava acontecendo. O mais extraordinário era que ela jamais protestara, parecendo simplesmente aceitar. Ilogicamente, a reação de Ruth — ou, melhor dizendo, a ausência de reação — o atormentara e ainda o atormentava. Ela deveria importar-se, deveria protestar, talvez derramar lágrimas de raiva. É verdade que nada disso faria qualquer diferença, mas Nim não podia deixar de se perguntar: será que sua deserção não valia pelo menos isso?

Outra coisa que preocupava Nim de vez em quando era a constatação de que sua fama de conquistador estava se espalhando, por mais discreto que procurasse ser. Várias vezes ele fora criticado, como naquela mesma tarde. O que Teresa van Buren havia mesmo dito? "Ainda tem de aprender alguma coisa em relação às mulheres, Nim... além de

ginástica calistênica na cama, o que vem fazendo muito, pelo que me contaram." Obviamente, Teresa ouvira mais do que rumores, ou não teria falado tão bruscamente. E, se Teresa sabia, havia muitos outros na GSP & L que também sabiam.

Será que estaria pondo em risco sua própria carreira? Se assim fosse, valeria a pena? E por que ele se comportava de tal maneira? Seria um desejo real ou apenas uma vontade de afirmação?

— Não tenho a menor idéia! — disse Nim, em voz alta, dentro do carro fechado.

E teve a sensação de que o comentário se aplicava ao que pensando e a muitas outras coisas.

Sua própria casa, nos arredores da cidade, estava em silêncio quando ele chegou; apenas uma lâmpada fraca acesa no vestíbulo. Por insistência de Nim, sua família estava consciente da necessidade de poupar energia.

Lá em cima, ele entrou na ponta dos pés nos quartos de Leah e Benjy. Ambos estavam dormindo profundamente. Ruth remexeu-se na cama quando ele entrou no quarto do casal, perguntando, sonolenta:

— Que horas são?

Nim respondeu baixinho:

— Passa um pouco da meia-noite.

- Como está Ardythe?
- Contarei tudo de manhã.

A resposta pareceu satisfatória, e Ruth voltou a dormir.

Nim tomou um rápido banho de chuveiro, para remover quaisquer vestígios do perfume de Ardythe. Foi deitar em sua cama, e um momento depois, entregue à exaustão causada por todas as pressões daquele dia, já estava dormindo.

— Então estamos todos de acordo — disse J. Eric Humphrey, correndo o olhar inquisitivo pelos nove homens e duas mulheres em torno da mesa da sala de reuniões. — Vamos aceitar o relatório de planejamento de Nim *in totum* e solicitar a aprovação imediata e urgente dos três projetos, o da usina a carvão de Tunipah, o da instalação de reserva de energia no Portão do Diabo e o da abertura do campo geotérmico de Fincastle.

Enquanto os outros murmuravam concordando, Nim Goldman se recostou na cadeira, relaxando por um momento. A apresentação dos planos para o futuro, produto do trabalho dele próprio e de muitos outros, fora extenuante.

O grupo ali reunido, o da administração da GSP & L, incluía todos os que respondiam diretamente ao presidente. Oficialmente, estava subordinado à autoridade do Conselho Diretor. Na verdade, porém, era a fonte real do poder e das decisões políticas da companhia.

Era a tarde de segunda-feira, e a reunião, iniciada pela manhã, fora longa demais. Alguns dos presentes já apresentavam sinais de cansaço.

Cinco dias haviam se passado desde a desastrosa explosão em La Mission e a subsequente interrupção no fornecimento de energia. Nesse período, houvera estudos intensivos sobre as causas e efeitos do que acontecera, assim como a formulação de previsões para o futuro. Os estudos haviam se prolongado até tarde da noite e pelo fim de semana. E desde quarta-feira, por causa das temperaturas mais baixas e de alguma sorte, não ocorrera nenhuma outra interrupção no fornecimento de energia. Mas uma conclusão era inevitável: haveria outros blecautes, muito mais graves, a menos que a GSP & L começasse a ampliar sua capacidade geradora imediatamente.

"Imediatamente" significava o ano seguinte. Mesmo assim, ainda poderia haver riscos de déficits de energia, já que uma usina convencional acionada por combustível fóssil levava cinco anos para ser construída, ao passo que uma usina nuclear precisava de seis anos... afora, nos dois casos, os quatro a seis anos necessários para se obter as licenças indispensáveis.

— Além desses três projetos, imagino que vamos também continuar a insistir nas autorizações para a construção das usinas nucleares.

Era Oscar O'Brien, advogado da companhia,

que anteriormente trabalhara para o governo federal, em Washington. Era um homem corpulento, parecendo um contrabaixo, que fumava charutos um atrás do outro.

Na frente dele, do outro lado da mesa, Ray Paulsen, vice-presidente executivo para suprimento de energia, resmungou:

— É melhor mesmo...

Ao lado dele, Nim Goldman rabiscava num bloco, pensativo. Apesar da antipatia mútua e das divergências em muitas áreas, refletiu ele, a única coisa em que concordava com Paulsen era sobre a necessidade indispensável de aumentar a capacidade geradora.

— É claro que daremos continuidade ao nosso programa nuclear — disse J. Eric Humphrey. — Mas, considerando a reação do público, creio que é melhor tratarmos do programa nuclear isoladamente, sem vinculá-lo ao das outras usinas. O caminho para a instalação do programa nuclear está coadilhado de perigos. — Fez uma breve pausa, percebendo o que acabara de dizer, e tratou de acrescentar rapidamente: — Isto é, vai haver uma forte oposição. — O presidente da companhia fez uma pausa e continuou: — Prevendo as decisões que tomaríamos hoje aqui, já marquei um encontro com o go-

vernador, depois de amanhã, em Sacramento. Tenciono insistir em que ele pressione todos os órgãos incumbidos de aprovar nossos projetos, para que ajam com toda a rapidez possível. Vou sugerir também que, para cada um dos nossos três projetos, haja audiências conjuntas de todos os órgãos vinculados, se possível começando já no próximo mês.

— Nunca agimos desse modo, Eric — protestou Stewart Ino, um vice-presidente sênior encarregado de tarifas e avaliação. Era um veterano da GSP & L; tinha o rosto rechonchudo de um camponês inglês e poderia passar por um antigo guarda real britânico com o acréscimo de uma gola de rufos e um gorro de veludo. — Os regulamentos sempre determinaram audiências separadas. Combiná-las iria criar complicações.

— Vamos deixar que os malditos burocratas se preocupem com isso — interveio Ray Paulsen. — Sou inteiramente a favor da idéia de Eric. Vai ser como enfiar um fio eletrificado no rabo deles.

— Três fios — disse alguém.

Paulsen sorriu.

— Melhor ainda.

Ino se mostrou ofendido. Ignorando o último diálogo, Eric Humphrey disse:

— Não devemos esquecer que há razões muito

fortes para que adotemos atitudes excepcionais. Além do mais, não voltaremos a encontrar condições tão favoráveis. O colapso da semana passada indicou claramente que pode ocorrer uma crise; assim, precisamos estar preparados para enfrentá-la. Acho que vão perceber isso até mesmo em Sacramento.

— Em Sacramento, eles só entendem de política, tal como acontece em Washington — comentou Oscar O'Brien. — Vamos enfrentar a realidade: nossos adversários irão recorrer à política até o fim, usando Tunipah para encabeçar sua lista de ódio.

Houve murmúrios relutantes. Como todos sabiam, Tunipah era o mais controvertido dos projetos que estavam sendo discutidos naquele momento. Era também, sob diversos aspectos, o mais vital.

Tunipah era uma região erma próximo à fronteira da Califórnia com Nevada. Não era habitada — o povoado mais próximo ficava a sessenta e cinco quilômetros de distância — nem muito procurada por desportistas e naturalistas, já que não possuía muitos atrativos. Era uma região de difícil acesso e não tinha estradas, apenas umas poucas trilhas. Por todos esses motivos, Tunipah fora criteriosamente escolhida.

O que a Golden State Power & Light propunha

era construir em Tunipah uma usina de grandes proporções, capaz de gerar mais de cinco milhões de quilowatts de energia, o suficiente para abastecer seis cidades do tamanho de San Francisco. O combustível seria o carvão. Este seria transportado de trem de Utah, a mil e cem quilômetros de distância, onde havia carvão em abundância e relativamente barato. Um ramal ferroviário, quase paralelo à linha principal da Western Pacific Railroad, seria construído ao mesmo tempo que a usina.

O carvão poderia constituir a resposta norteamericana ao petróleo árabe. Os depósitos de carvão dos Estados Unidos representam um terço de todas as reservas conhecidas do mundo, sendo mais do que suficiente para satisfazer às necessidades de energia do país por mais de três séculos. E tudo indicava que o Alasca dispunha de reservas para o consumo por mais dois mil anos. Ninguém negava que o uso do carvão apresentava problemas. A mineração era um, a poluição do ar, outro, embora a moderna tecnologia estivesse trabalhando em busca de soluções. Nas novas usinas geradoras à base de carvão, em outros Estados, chaminés de trezentos metros de altura, complementadas por filtros eletrostáticos e aparelhos especiais para remover o enxofre dos gases, haviam reduzido a poluição a ní-

veis aceitáveis. E, em Tunipah, a poluição estaria bem distante de quaisquer áreas habitadas ou de fazer.

Tunipah permitiria ainda a desativação de algumas das antigas usinas da GSP & L, acionadas a óleo. Isso reduziria ainda mais a dependência do petróleo importado, diminuindo bastante os custos, no presente e no futuro.

A lógica favorecia o projeto de Tunipah. Mas, como todas as companhias de serviço público já tinham aprendido por experiência própria, a lógica nem sempre predominava, nem os interesses da maioria da população, se um pequeno grupo de oponentes determinados decidisse em contrário, por mais distorcidos ou improcedentes que fossem seus argumentos. Através da aplicação hábil e implacável de táticas de protelação, um projeto como o de Tunipah poderia ser tão retardado a ponto de ser rejeitado, na prática. Os que se opunham sistematicamente a qualquer expansão de uma companhia de energia elétrica sabiam utilizar eficazmente a terceira lei de Parkinson: "A protelação é a forma mais mortífera de negar".

— Alguém mais tem alguma coisa a dizer? — indagou J. Eric Humphrey.

Em torno da mesa, diversos homens já estavam

guardando seus papéis nas pastas, pressupondo que a reunião havia praticamente terminado.

— Eu tenho — disse Teresa van Buren. — Só uma coisinha.

As cabeças se viraram na direção da vice-presidente de relações públicas, que mantinha o corpo baixo e gorducho ligeiramente inclinado para a frente, a fim de atrair a atenção de todos. O cabelo normalmente desgrenhado de Teresa estava mais ou menos arrumado nessa ocasião, presumivelmente em atenção à reunião; mas ela continuava a vestir um de seus inevitáveis conjuntos de linho, todo amarrotado.

— Pressionar o governador como está planejando e conquistar outros elementos é uma boa idéia, Eric. Sou plenamente a favor. Mas não é suficiente, não para alcançarmos o nosso objetivo... e aqui está a razão.

Teresa fez uma pausa. Abaixou-se ao lado de sua cadeira e pegou dois jornais, abrindo-os sobre a mesa.

— Este é o Califórnia Examiner desta tarde, que mandei buscar, e este, o Chronicle-West desta manhã, que todos certamente já leram. Examinei cuidadosamente os dois jornais e não há qualquer referência à interrupção no fornecimento da semana

passada. Por um dia, como todos sabemos, o assunto foi uma grande notícia. No dia seguinte, já não era uma notícia tão importante assim. Depois foi inteiramente esquecida. E o que aconteceu com os jornais também aconteceu com os outros meios de comunicação.

— E daí? Aonde está querendo chegar, Teresa? — indagou Ray Paulsen. — É óbvio que surgem outras notícias, e o público acaba perdendo o interesse.

— Perde simplesmente porque ninguém o mantém interessado. Lá fora... — e Teresa acenou com o braço em direção ao exterior, além da sala de reuniões — a imprensa e o público encaram a escassez de energia elétrica como um problema a curto prazo, que incomoda um pouco hoje, mas amanhã já não existe mais. Quase ninguém leva em consideração os efeitos, a longo prazo, da escassez de energia, dos quais estamos nos aproximando cada vez mais... a redução drástica dos padrões de vida, a transferência de indústrias, o desemprego catastrófico. E nada irá mudar a atitude dessas pessoas desinformadas... a não ser que nós tomemos a iniciativa de promover tal mudança de atitude.

Sharlett Underhill, vice-presidente executiva de finanças e a única outra mulher presente à reunião, perguntou:

— E como se pode fazer alguém tomar consciência de alguma coisa?

— Pode deixar que eu respondo — interveio Nim Goldman, batendo com o lápis na mesa. — Um dos meios é começar a gritar a verdade... revelar toda a situação como é na realidade, ao invés de ocultá-la ou disfarçá-la... e continuar a gritar, bem alto, com toda a clareza, constantemente.

Ray Paulsen comentou, sardonicamente:

— Em outras palavras, você gostaria de aparecer na televisão quatro vezes por semana, em vez de duas.

Nim ignorou a interrupção e continuou:

— Como política da companhia, devemos proclamar publicamente o que todo mundo nesta mesa já sabe: que nosso pique de carga na semana passada chegou a vinte e dois milhões de quilowatts e que a demanda está crescendo à média de um milhão de quilowatts por ano. Pressupondo que o mesmo ritmo de crescimento continue, dentro de três anos estaremos com um mínimo de reservas e em quatro anos não restará mais nada. Como conseguiremos resolver a situação? A resposta é simples: não conseguiremos. Qualquer tolo pode perceber o que está para acontecer: dentro de três anos, teremos blecautes em todos os dias excessivamente

quentes; e, dentro de seis, haverá blecautes em todos os dias de verão. Temos de providenciar imediatamente a construção de novas usinas geradoras e, ao mesmo tempo, revelar as conseqüências de não construí-las.

O silêncio ameaçava prolongar-se, mas foi rompido por Teresa van Buren:

— Todos sabemos que tudo isso é verdade. Por que então não o declaramos publicamente? Haverá até mesmo uma oportunidade para isso, na próxima semana. Nim foi convidado a comparecer na terça-feira ao Good Evening Show, que tem um índice de audiência excepcional.

Paulsen resmungou:

— E uma pena que eu tenha de sair de casa nessa noite.

— Não tenho muita certeza se devemos ser tão francos assim — disse Sharlett Underhill. — Creio que não preciso recordar a ninguém que temos em andamento um pedido de reajustamento das tarifas e precisamos desesperadamente dessa receita extra. Não gostaria que nossas possibilidades de obter o reajustamento fossem afetadas.

— É mais provável que a franqueza melhore nossas possibilidades do que o inverso — comentou Teresa van Buren.

A vice-presidente de finanças sacudiu a cabeça.

— Tenho minhas dúvidas. E acho também que o tipo de declaração de que estamos falando, se assim ficar decidido, deve ser feito pelo presidente.

Eric Humphrey interveio sutilmente:

— Apenas para constar, fui convidado a comparecer ao Good Evening Show e pedi a Nim que fosse em meu lugar. Ele sempre se sai muito bem em tais missões.

— E ele se sairia ainda melhor se lhe déssemos carta branca para fazer algumas advertências objetivas e assustadoras, em vez de continuarmos a insistir na chamada "linha moderada" — disse a vice-presidente de relações públicas.

— Continuo a favor da linha moderada. — Dessa vez, quem falava era Fraser Fenton, que possuía o título de diretor-geral, embora sua responsabilidade principal fossem as operações de gás da companhia. Fenton, magro, calvo e ascético, era outro veterano. — Nem todos partilhamos de suas predições sombrias, Tess. Estou há trinta e quatro anos na companhia e já vi incontáveis problemas surgirem e desaparecerem. Creio que, de alguma forma, conseguiremos contornar a atual deficiência na capacidade geradora...

Nim Goldman interrompeu-o bruscamente:

— De que maneira?

— Deixe-me acabar, por favor. Outro ponto que desejo destacar é o problema da oposição. É verdade que neste momento encontramos uma oposição organizada a tudo o que tentamos fazer, seja construir mais usinas, reajustar as tarifas ou dar um dividendo decente aos acionistas. Mas creio que a maior parte disso, senão mesmo a totalidade, tanto a oposição como o consumismo, tudo acabará passando. É simplesmente o que está em voga, uma moda transitória. Os que estão envolvidos acabarão por se cansar. Logo que isso acontecer, tudo voltará a ser como antes, quando esta companhia e outras faziam praticamente o que bem desejavam. É por isso que acho que nos devemos manter numa linha moderada, sem provocar muita confusão e antagonismo nem alarmar o público desnecessariamente.

— Concordo plenamente com essa posição — disse Stewart Ino.

Ray Paulsen acrescentou:

— Eu também.

Os olhos de Nim se encontraram com os de Teresa van Buren. Sabia que ambos estavam pensando a mesma coisa. Nas companhias de serviço público, Fraser Fenton, Ino, Paulsen e outros da mesma posição representavam os executivos que haviam as-

cendido aos altos escalões em tempos mais fáceis e recusavam-se a admitir que tudo havia mudado. De um modo geral, tais pessoas haviam conquistado suas promoções por tempo de serviço, jamais enfrentando a competição renhida e muitas vezes impiedosa, uma norma em outras indústrias. A segurança pessoal de Fraser Fenton e dos outros passara a envolvê-los, como um casulo. O *status quo* era o seu Santo Graal. Previsivelmente, opunham-se a qualquer coisa que pudesse balançar o barco.

Havia razões para isso, freqüentemente debatidas por Nim e outros executivos mais jovens. Uma delas era a própria natureza de uma companhia de serviço público, monopolista, a salvo da concorrência do dia-a-dia do mercado. Era por isso que companhias como a Golden State Power & Light muitas vezes se assemelhavam a organizações governamentais com toda sua burocracia. Em segundo lugar, as companhias de serviço público, ao longo da maior parte de sua história, haviam prosperado num mercado fortemente vendedor, sendo capazes de vender toda a sua produção, em um processo favorecido por fontes abundantes de energia barata. Só nos últimos anos é que as fontes de energia haviam se tornado mais escassas e mais caras, obrigando os executivos a enfrentar graves problemas co-

merciais e a tomar decisões difíceis e impopulares. Em outras épocas, também não havia a oposição sistemática de grupos organizados, veementes e hábeis, incluindo os consumidores e os defensores do meio ambiente.

Eram essas mudanças profundas — alegavam pessoas como Nim Goldman — que a maioria dos executivos de alto nível não conseguia aceitar ou não encarava de uma maneira realista. (Walter Talbot, lembrou Nim tristemente, fora uma tremenda exceção.) Os veteranos, por sua vez, consideravam Nim e os outros de sua espécie arrivistas impacientes e criadores de casos. E, como o grupo mais velho constituía a maioria, seu ponto de vista sempre prevalecia.

— Reconheço que tenho sido ambivalente na questão de sermos ou não mais objetivos e agressivos em nossas declarações públicas — disse Eric Humphrey. — Minha natureza pessoal é contrária, mas há ocasiões em que posso perceber claramente a posição do outro lado. — O presidente olhou para Nim, sorrindo ligeiramente. — Você estava em ebulição momentos atrás. Tem mais alguma coisa a acrescentar?

Nim hesitou por um instante.

— Apenas isso: quando os blecautes mais sérios

começarem, prolongados e repetidos, daqui a alguns anos, nós seremos responsabilizados, não importa o que possa ter acontecido ou deixado de acontecer. A imprensa irá nos crucificar. E o mesmo farão os políticos, em sua atitude habitual de Pôncio Pilatos. O público acabará por nos culpar também, e perguntará: por que não nos avisaram enquanto ainda havia tempo? Concordo com Teresa... este é o momento para pormos as cartas na mesa.

— Vamos fazer uma votação — decidiu Eric Humphrey. — Os que são a favor das providências que acabaram de ser defendidas levantem a mão, por gentileza.

Três mãos se levantaram, a de Teresa van Buren, a de Nim e a de Oscar O'Brien, o advogado da companhia.

— Contra — falou o presidente.

Desta vez, oito mãos se levantaram. Eric Humphrey assentiu.

— Voto com a maioria. O que significa que continuaremos a manter o que alguém chamou de "linha moderada".

— E não se esqueça, Nim, de ficar dentro dos limites do moderado em suas apresentações na TV — disse Ray Paulsen.

Nim lançou-lhe um olhar furioso, mas conteve

a raiva e se calou. A reunião foi encerrada, e os participantes se dividiram em grupos de dois e três, debatendo assuntos específicos e distintos.

— Todos precisamos de uma derrota de vez em quando — disse Eric Humphrey jovialmente para Nim, ao saírem da sala. — Uma certa humilhação periodicamente sempre faz bem.

Nim preferiu não fazer nenhum comentário. Antes da reunião daquele dia, se perguntara se o ponto de vista do *laissez-faire* em matéria de relações públicas, adotado pela velha guarda, poderia ser mantido depois dos acontecimentos da semana anterior. Tinha agora a resposta. Gostaria que Humphrey o tivesse apoiado. Sabia que, se o presidente da companhia estivesse do seu lado, seu ponto de vista acabaria por prevalecer, independentemente de votação.

Ao se aproximarem dos respectivos gabinetes contíguos, ao final do corredor, Humphrey disse:

— Venha ao meu gabinete, Nim. Gostaria de discutir um problema com você.

O gabinete do presidente, embora mais espaçoso que os outros, estava de acordo com a política relativamente espartana da GSP & L. O objetivo era impressionar os visitantes, mostrando que o dinheiro dos acionistas e dos consumidores era apli-

cado em coisas essenciais, jamais em frivolidades. Seguindo o costume tradicional, Nim se encaminhou para o canto em que havia diversas poltronas confortáveis. Eric Humphrey foi pegar uma pasta de arquivo em sua escrivaninha e depois se sentou ao lado do vice-presidente.

Embora lá fora fosse dia claro e as amplas janelas da sala proporcionassem uma vista espetacular da cidade, todas as cortinas estavam fechadas e as luzes acesas. O presidente da companhia sempre se esquivava às perguntas sobre os motivos pelos quais preferia trabalhar assim. Uma das teorias era a de que, mesmo depois de trinta anos, ainda sentia falta da vista de sua cidade natal, Boston, não aceitando nenhuma substituta.

— Presumo que já viu o último relatório.

Humphrey indicou a pasta, na qual estava escrito:

DEPARTAMENTO DE PROTEÇÃO À
PROPRIEDADE

Assunto: Desvio de energia.

— Já vi, sim.

— É evidente que a situação está se agravando cada vez mais. Sei perfeitamente que, de certa for-

ma, não passa de uma gota d'água. Mas nem por isso fico menos irritado.

— Um prejuízo de doze milhões de dólares por ano não chega a ser propriamente uma gota d'água — comentou Nim.

O relatório sobre o qual estavam falando, preparado por um chefe de departamento chamado Harry London, descrevia como o desvio de energia elétrica e gás se tornara epidêmico. O método habitual era a adulteração dos medidores, geralmente efetuada por alguns indivíduos, embora houvesse indícios recentes de que certas firmas estariam envolvidas nisso.

— A cifra de doze milhões de dólares é uma estimativa, Nim. Pode ser menos ou talvez muito mais.

— Tenho certeza de que é uma estimativa moderada. Essa era também a opinião de Walter Talbot. Se está lembrado, o engenheiro-chefe verificou que houve no ano passado uma diferença de dois por cento entre a energia elétrica que geramos e a que pudemos contabilizar, por meio de contas para os consumidores, consumo da própria companhia, perdas nas linhas etc.

Fora o falecido engenheiro-chefe o primeiro a chamar a atenção na GSP & L para o desvio de

energia. Preparara inclusive um relatório preliminar, recomendando a criação de um Departamento de Proteção à Propriedade. A sugestão fora aceita. Era mais uma área, pensou Nim, em que iria sentir-se a falta da contribuição do chefe.

— É claro que me lembro. É uma quantidade considerável de energia não contabilizada.

— E a porcentagem está agora quatro vezes maior do que há dois anos.

Eric Humphrey tamborilou com os dedos no braço da poltrona.

— Ao que parece, o mesmo está acontecendo com o gás. E não podemos ficar de braços cruzados, deixando que o desvio continue impunemente.

— Tivemos muita sorte durante um longo tempo, Eric. O desvio de energia tem sido uma preocupação no leste e no centro-oeste há muito mais tempo do que aqui. Em Nova Iorque, a Con Edison perdeu dezessete milhões de dólares no ano passado dessa maneira. Em Chicago, a Commonwealth Edison, que vende menos energia do que nós e não trabalha com gás, calculou seus prejuízos entre cinco e seis milhões de dólares. O mesmo acontece em Nova Orleans, Flórida, Nova Jersey...

Humphrey interrompeu-o, impaciente:

— Já sei disso tudo. — Fez uma pausa, pensati-

vo, antes de acrescentar: — Vamos intensificar as medidas de segurança para reduzir o problema ao mínimo, nem que isso implique aumentar o orçamento para as investigações. Quero que encare o problema como sua missão principal, a partir de agora. Será meu representante pessoal. Diga isso a Harry London. E ressalte que tenho um interesse especial pelo departamento dele e espero resultados positivos a curto prazo.

— Algumas pessoas por aqui têm a noção errônea de que o desvio de energia é algo novo — disse Harry London. — Mas não é. Ficaria surpreso se eu lhe dissesse que houve um caso registrado na Califórnia há mais de um século?

Ele falava como um mestre-escola se dirigindo a uma turma de estudantes, muito embora a audiência fosse constituída por um único homem: Nim Goldman.

— Não há muita coisa que me surpreenda, mas essa é uma delas.

London concordou.

— Pois então vou contar-lhe a história.

Era um homem baixo, um tanto rude, que falava de uma forma quase pedante quando se punha a explicar alguma coisa, como naquele momento. Antigo sargento dos Fuzileiros Navais, com uma Estrela de Prata por bravura em combate, tornara-se depois detetive da polícia de Los Angeles, até ingressar na Golden State Power & Light, cinco anos antes, como assistente do chefe de segurança. Havia seis meses vinha chefiando um novo departamento, o de Proteção à Propriedade, especificamente criado

para cuidar dos desvios de energia. Durante esse período, ele e Nim haviam se tornado amigos. Os dois estavam agora na base improvisada do departamento, o gabinete de London, um pequeno cubículo envidraçado, cercado por muitos outros.

— Aconteceu em 1867, em Vallejo. A Companhia de Gás de San Francisco instalara ali uma usina, e o homem que a dirigia chamava-se M. P. Young. Um dos hotéis de Vallejo pertencia a um tal de John Lee. Pois esse Lee foi surpreendido fraudando as contas de gás. Sabe o que ele fez? Simplesmente fez um desvio no tubo, contornando o medidor.

— Essa não!

— Mas isso ainda não é tudo. O homem da companhia de gás, Young, tentou obrigar Lee a pagar o gás que havia desviado. Lee ficou tão furioso que acabou dando um tiro em Young. Foi posteriormente levado a julgamento por agressão e tentativa de homicídio.

Com expressão cética, Nim indagou:

— Isso é mesmo verdade?

— Está nos livros de história da Califórnia. Pode verificar pessoalmente, como eu fiz.

— Não é preciso. Vamos tratar do problema que estamos enfrentando, aqui e agora.

— Leu meu relatório?

— Li, sim. E o presidente também.

Nim relatou a decisão de J. Eric Humphrey de intensificai as investigações e frisou sua expectativa de bons resultados. London concordou.

— Pode estar certo de que haverá resultados. Talvez já nesta semana.

— Está se referindo a Brookside?

— Isso mesmo.

Brookside era uma cidade-dormitório cerca de trinta quilômetros do centro da cidade, mencionada no relatório do Departamento de Proteção à Propriedade. Diversos casos de desvios de energia haviam sido descobertos ali, e fora planejada uma investigação ampla e meticulosa.

— O Dia D em Brookside será depois de amanhã — acrescentou Harry London.

— Ou seja, na quinta-feira. Não esperava que pudesse articular tudo tão depressa.

O relatório indicara, sem definir a data, que estava sendo planejada uma batida em Brookside. Seria coordenada pela equipe do Departamento de Proteção à Propriedade, incluindo London, seu subchefe, Art Romeo, e três assistentes. Contariam com o apoio de um contingente de outros empregados da GSP & L, entre os quais trinta homens especiali-

zados em leitura de medidores, mais meia dúzia de técnicos e dois fotógrafos, que iriam documentar a diligência.

O grupo se reuniria no centro da cidade e seguiria para Brookside num ônibus alugado. Seriam acompanhados por um carro equipado com sistema de rádio, que serviria como centro de comunicações. Os principais elementos da batida estariam munidos de walkie-talkies. Uma frota de pequenos veículos proporcionaria o transporte local.

No dia anterior à batida, Dia D menos um, os leitores de medidores e os técnicos seriam informados sobre a missão, embora o destino fosse mantido em segredo.

Chegando a Brookside, no Dia D, os homens iniciariam uma verificação dos medidores de energia e de gás, em todas as casas e lojas, à procura de sinais de adulteração. Iriam também concentrar-se em prédios específicos, selecionados de acordo com os padrões de desvio de energia conhecidos. Os supermercados, por exemplo, eram sempre suspeitos, já que a energia elétrica era seu segundo maior custo operacional (o primeiro era a mão-de-obra), e muitas empresas do gênero já haviam cometido fraudes no passado. Assim, todos os supermercados da área seriam inspecionados. Quando algo de sus-

peito fosse localizado, os técnicos e os homens de Harry London entrariam em ação.

— Quanto mais depressa se executa um serviço assim, menor é o perigo de alguma coisa transpirar — comentou London, sorrindo. — No Corpo de Fuzileiros, eram as grandes missões as que fazíamos mais depressa.

— Tem toda razão, fuzileiro. Fui apenas um mero soldado de infantaria, mas bem que gostaria de participar de sua operação.

Embora Nim tivesse prestado serviço militar só por um breve período, isso lhe proporcionava um vínculo com Harry London. Logo depois de concluir a universidade, Nim fora convocado e enviado para a Coreia. Um mês depois da chegada, quando seu pelotão sondava o inimigo procurando estabelecer uma posição avançada, havia sido metralhado e bombardeado por aviões americanos. (Mais tarde, o erro trágico passou a ser descrito no dúbio jargão militar como "fogo amistoso".) Quatro soldados americanos foram mortos, diversos outros feridos, inclusive Nim, que ficara com o tímpano perfurado; devido a uma infecção, seu ouvido esquerdo acabara ficando permanentemente surdo. Pouco depois, fora mandado de volta aos Estados Unidos, recebendo baixa por motivos médicos, depois que o in-

cidente coreano foi abafado. A maioria dos colegas e amigos de Nim sabia que devia se sentar do seu lado direito durante uma conversa, o lado do ouvido bom. Mas apenas uns poucos sabiam por quê. Harry London era um desses poucos.

— Pois então venha conosco na quinta-feira — convidou London.

Marcaram o encontro.

Depois, conversaram sobre a sabotagem em La Mission que matara Walter Talbot e os outros. Embora Harry London não estivesse diretamente envolvido nas investigações, era muito amigo do chefe de segurança da companhia. Os dois costumavam encontrar-se depois do expediente, para tomar alguns drinques e trocar confidências. Além disso, os antecedentes de London como detetive da polícia lhe haviam proporcionado muitos contatos em todas as organizações policiais. E ele informou a Nim:

— O xerife do condado está trabalhando no caso junto com o FBI e a nossa polícia municipal. Até agora, todas as pistas levaram a um beco sem saída. O FBI, que costuma assumir o comando nesses tipos de caso, acha que se trata de um novo bando de fanáticos, sem ficha na polícia, o que torna tudo muito mais difícil.

— E o tal homem com o uniforme do Exército

de Salvação?

— Estão investigando isso, mas há pelo menos uma centena de meios pelos quais ele poderia ter obtido o uniforme, a maioria impossível de se descobrir. É claro que a situação mudará inteiramente se tentarem fazer a mesma coisa de novo. Muitas pessoas estarão alerta e à espera.

— E acha que podem tentar de novo?

London deu de ombros.

— São fanáticos, o que os transforma em loucos inteligentes, brilhantes sob alguns aspectos, extremamente estúpidos em outros. Por isso, nunca se pode saber. Às vezes, demora algum tempo. Se eu souber de alguma coisa, pode deixar que irei informá-lo imediatamente.

— Obrigado.

O que Nim acabara de ouvir era, essencialmente, o que contara a Ardythe na noite da última quarta-feira. O que o fez recordar que deveria telefonar para Ardythe e talvez ir visitá-la em breve. Vira-a apenas uma vez, rapidamente, desde a quarta-feira, no funeral de Walter, na manhã de sábado, com a presença de incontáveis funcionários e diretores da GSP & L. Para Nim, havia sido um ritual deprimente, sob a supervisão de um untuoso agente funerário, a quem Walter Talbot certamente teria

detestado. Nim e Ardythe haviam trocado umas poucas palavras formais, e isso fora tudo.

Agora, Nim se perguntava: devo deixar passar um intervalo "decente" antes de ligar para Ardythe? Ou seria uma hipocrisia, em face das circunstâncias, que pudesse sequer pensar em decência?

Levantando-se, Nim disse a Harry London:

— Até o Dia D.

Seria outro dia escaldante daquele verão longo e quente. Isso já era evidente, às nove horas da manhã, quando Nim chegou a Brookside.

O grupo de trabalho do Dia D chegara uma hora antes. O posto de comunicações fora instalado no estacionamento de um centro comercial convenientemente localizado, onde estava meia dúzia de veículos da companhia, facilmente identificáveis pela pintura branca e laranja e pelo logotipo familiar da GSP & L. Os trinta leitores de medidor já haviam sido despachados para suas áreas de trabalho. Eram em sua maioria jovens, alguns universitários, que trabalhavam durante o verão. Cada um levava uma batelada de cartões indicando os endereços em que deveriam verificar os medidores e os diversos equipamentos. Os cartões eram de uma emissão especial de computador, efetuada na noite anterior. Normalmente, o trabalho deles era simplesmente verificar os números e anotá-los; hoje, porém, iriam ignorar os números e procurar apenas indícios de desvio de energia.

Harry London saiu do veículo em que estava instalado o equipamento de comunicações e foi re-

ceber Nim. Mostrava-se animado e jovial. Usava uma camisa de mangas curtas, estilo militar, uma calça esporte bege, com um vinco elegante, e os sapatos brilhavam, de tão bem engraxados. Nim tirou o paletó e deixou-o dentro do Fiat. O sol já estava forte, levantando ondas de calor na área do estacionamento.

— Já estamos conseguindo resultados — informou London. — Constatamos cinco casos evidentes de fraude só na primeira hora de trabalho. E estamos verificando mais três suspeitos neste momento.

— Esses cinco primeiros são consumidores residenciais ou comerciais? — indagou Nim.

— Quatro residenciais e um comercial, onde estavam roubando eletricidade e gás. Quer dar uma olhada?

— Quero, sim.

London gritou para o pessoal no veículo de comunicações:

— Vou dar uma saída no meu carro com o sr. Goldman! Vamos dar uma olhada no caso número 4!

No carro, ele disse a Nim:

— Pelo que aconteceu até agora, já estou com duas impressões: primeira, tudo o que vamos des-

cobrir hoje será apenas a ponta do iceberg; segunda, em alguns casos estamos lutando contra profissionais, talvez uma quadrilha organizada.

— Por que pensa assim?

— Vou deixar para responder depois que der uma olhada no que descobrimos.

— Está bem.

Nim recostou-se no banco, contemplando Brookside, enquanto o carro avançava. Era uma típica comunidade periférica e próspera como muitas outras que haviam proliferado ao final dos anos 50 e princípio dos 60. Antes, toda aquela área era agrícola; agora, as plantações haviam desaparecido, substituídas por loteamentos, ocupados por residências e pelos estabelecimentos comerciais para atender os moradores. Pelo menos exteriormente, não havia pobreza em Brookside. Até mesmo as casas pequenas, pré-fabricadas e dispostas em sucessivas fileiras, eram bem cuidadas; os gramados, aparados; a pintura, recente. Além dessas habitações relativamente modestas, havia imensas propriedades, abrangendo mansões espetaculares, com garagens para três carros. As lojas da comunidade, muitas em aprazíveis alamedas arborizadas, exibiam mercadorias de primeira qualidade, o que refletia a prosperidade da região. Para Nim, parecia um local dos

mais improváveis para a ocorrência de desvios de energia.

Como se lesse os pensamentos dele, Harry London comentou subitamente:

— As coisas nem sempre parecem o que são na realidade.

Ele se afastou da área comercial, seguindo para um complexo de posto de gasolina e garagem, que incluía um sistema de lavagem de carro em forma de túnel. Parou o carro diante do escritório do posto de gasolina e saltou. Nim o seguiu.

Um caminhão da GSP & L também estava estacionado ali. London informou:

— Mandamos chamar um dos nossos fotógrafos. Enquanto esperamos, temos um homem vigiando a verificação.

Um homem de macacão cinzento aproximou-se deles, limpando as mãos numa estopa. O corpo era esguio, o rosto parecia astuto, e a expressão estava preocupada.

— Já falei que não sei nada a respeito...

— Não me esqueci do que falou. — London virou-se para Nim. — Esse é o sr. Jackson. Ele nos deu autorização para entrarmos em suas instalações, a fim de inspecionarmos os medidores.

— Agora já não tenho certeza se deveria ter

permitido — resmungou Jackson. — Além do mais, sou apenas o locatário. O prédio não me pertence.

— Mas é o dono do negócio, e as contas de gás e eletricidade estão em seu nome, não é mesmo? — disse London.

— Do jeito que as coisas estão, é o maldito banco que possui tudo por aqui.

— Mas o banco não interferiu em seus medidores de eletricidade e de gás.

— Estou dizendo a verdade! — O homem apertou a estopa tensamente. — Não tenho a menor idéia de quem foi o culpado!

— Já ouvi isso antes. Importa-se que entremos para dar uma olhada?

Jackson amarrou a cara, mas não os impediu.

London entrou no escritório do posto, seguido por Nim. Passaram para uma saleta que havia adiante, obviamente utilizada como depósito. Na parede do outro lado havia chaves, interruptores de circuitos e os medidores de eletricidade e de gás. Um rapaz vestindo o uniforme de serviço da GSP & L virou-se, assim que eles entraram, e disse jovialmente:

— Oi!

Harry London apresentou Nim e depois determinou:

- Conte ao sr. Goldman o que descobriu.
- O lacre do medidor de eletricidade estava rompido e o próprio medidor estava como se encontra agora, de cabeça para baixo.
- O que faz o medidor andar para trás ou parar — acrescentou London.

Nim sabia disso e conhecia aquele meio simples mas eficaz de obter energia elétrica de graça. Primeiro, o lacre do medidor era cuidadosamente aberto. Depois, tirava-se o medidor das fendas simples que o prendiam por trás, invertendo-se a posição e tornando a colocá-lo no lugar. A partir desse momento, à medida que a energia elétrica fosse sendo consumida, o medidor andaria para trás ou pararia inteiramente; no primeiro caso, o registro de consumo iria diminuir, ao invés de aumentar, como ocorreria inevitavelmente. Mais tarde, provavelmente uns poucos dias antes da ocasião em que o empregado da companhia costumava aparecer, o medidor era recolocado em sua posição de funcionamento normal, com o rompimento do lacre cuidadosamente oculto.

Diversas companhias afetadas por esse tipo de desvio de energia procuravam anulá-lo com um modelo de medidor mais novo, que funcionava corretamente, qualquer que fosse a posição em que es-

tivesse. Outro método preventivo era o uso de argolas conjugadas a cadeados, que só podiam ser abertos por chaves especiais e que tornavam impossível a remoção do medidor. Mas havia também muitas outras maneiras engenhosas de se desviar energia; além disso, ainda estavam em uso milhões de medidores do tipo antigo, aos quais não se podiam adaptar esses tipos de cadeado. A substituição desses medidores representaria uma fortuna incalculável. Assim, por uma simples questão de quantidade, somada à impossibilidade de se examinar regularmente todos os medidores, os defraudadores estavam em vantagem.

— Com a ligação do gás, o trabalho foi ainda mais elaborado — informou o técnico da companhia, aproximando-se do medidor de gás e ajoelhando-se ao lado. — Dê uma olhada aqui.

Nim ficou observando, enquanto a mão do rapaz seguia por um cano que saía da parede e se ligava ao medidor, a vários palmos de distância.

— Este é o cano de gás que vem da rua.

— Da rua, ou seja, do cano da companhia — acrescentou Harry London.

Nim assentiu.

— Este aqui — e a mão do técnico se deslocou para o outro lado do medidor — é o cano que con-

duz o gás até os equipamentos do consumidor. Usam o gás para uma caldeira bastante grande, secadores de ar quente para os carros e um fogão e um aquecedor no apartamento lá em cima. É um alto consumo mensal de gás. E agora dê uma olhada nisso... atentamente.

Desta vez, usando ambas as mãos, o empregado apontou para o que pareciam ser conexões de canos, no ponto em que os dois canos que mostrara antes desapareciam na parede. O cimento fora solto em torno de ambos e formava agora um pequeno monte no chão.

— Fui eu que removi esse cimento para poder verificar melhor — explicou o técnico da companhia. — O que se pode ver agora é que não se trata de conexões comuns. São as chamadas conexões T, ligadas entre si por outro cano, oculto dentro da parede.

— Um desvio do tipo antiquado, embora seja o mais bem feito que já vi — comentou London. — Com isso, a maior parte do gás consumido não passa pelo medidor como deveria, seguindo diretamente da rua para os equipamentos.

— Mas ainda passa o suficiente para manter o medidor em funcionamento — explicou o rapaz. — Só que o gás normalmente flui por onde encontra

menos resistência. E, como há alguma resistência no medidor, a maior parte do gás passa pelo cano extra... o do consumo grátis.

— Não vai mais passar! — declarou London, enfaticamente.

Uma moça carregando máquinas fotográficas e outros equipamentos entrou nesse momento, perguntando jovialmente:

— Alguém por aqui está querendo tirar umas fotografias?

— Claro que queremos. — London apontou para os canos e o medidor de gás. — Aquilo primeiro. — Virando-se novamente para Nim, acrescentou: — Assim que tivermos fotografado isso, vamos arrancar o resto do cimento e mostrar o cano ilegal.

O garagista de rosto astuto, que estivera parado nos fundos do depósito, aproveitou aquele momento para protestar:

— Ei, não podem arrebentar essa parede! A propriedade é minha!

— Devo recordar-lhe, sr. Jackson, que nos deu autorização para entrar e verificar os equipamentos da nossa companhia. Mas, se prefere discutir os seus direitos e os nossos, sugiro que chame seu advogado. De qualquer forma, acho que irá precisar dele.

— Não preciso de advogado nenhum!

— O problema é seu, senhor.

— Será que ainda não percebeu a gravidade de tudo isso, sr. Jackson? — interveio Nim. — Adulterar os medidores é um ato criminoso, e as fotografias que estamos tirando irão servir de prova.

— E não resta a menor dúvida de que será instaurado um processo criminal — disse London, como se as palavras de Nim fossem uma deixa. — Mas se o senhor resolver cooperar em duas coisas, sr. Jackson, é bem possível que as acusações sejam atenuadas.

O garagista fitou-o com uma expressão desconfiada.

— Cooperar de que forma?

Enquanto eles falavam, a fotógrafa tirava fotos, primeiro do medidor de gás e instalações acessórias, depois do medidor de eletricidade. O técnico da companhia começou a desprender mais cimento, deixando à mostra uma parte maior do cano escondido dentro da parede.

— A primeira coisa que tem a fazer é pagar o que deve e o que roubou — disse London a Jackson.

— Depois que estive aqui pela primeira vez, entrei em contato com o nosso Departamento de Contabilidade. Comparando as contas recentes de gás e ele-

tricidade com o seu consumo no passado, eles chegaram à conclusão de que está devendo cinco mil dólares. O que inclui a cobrança do serviço que estamos fazendo aqui hoje.

O garagista empalideceu, a boca se mexendo nervosamente.

— Mas não pode ser tudo isso! Foi apenas há...

Ele parou de falar abruptamente.

— Continue — incitou-o Nim. — Há quanto tempo vem adulterando os medidores?

— Se o sr. Jackson nos disser isso, talvez queira também informar quem fez o trabalho no medidor de gás — acrescentou London. — E a segunda coisa que estamos querendo como cooperação.

O técnico da companhia virou a cabeça por cima do ombro e declarou:

— Uma coisa posso afirmar com toda certeza: quem quer que tenha feito esse trabalho, não era nenhum amador.

London virou-se para Nim:

— Está lembrado do que eu falei? Muita coisa do que estamos descobrindo é trabalho de profissionais. — Dirigiu-se novamente para Jackson. — E então? Está ou não disposto a nos contar quem fez o trabalho?

O garagista amarrou a cara, mas não respon-

deu. London acrescentou:

— Assim que acabarmos o serviço aqui, sr. Jackson, iremos cortar o gás e a eletricidade. E ficarão desligados até que pague o que está devendo.

Jackson balbuciou:

— Mas que diabo! Como vou movimentar meu negócio sem gás e eletricidade?

— Se é nisso que está pensando, que diabo! Como vamos movimentar o nosso, se todo consumidor for um trapaceiro como o senhor? — Virando-se para Nim, acrescentou: — Já viu o suficiente?

— Mais do que o suficiente. Podemos ir embora.

Lá fora, London comentou:

— Aposto que ele está em dificuldades financeiras e não tem condições de pagar o que está devendo. E também duvido muito que nos conte quem fez o trabalho.

Ao entrarem no carro, Nim perguntou:

— Podemos processá-lo e conseguir uma condenação?

O ex-policial sacudiu a cabeça.

— Eu gostaria de tentar. É possível até que obtenhamos uma condenação. Mas é muito mais provável que o tribunal exija que provemos que foi Jackson quem efetuou a adulteração ou que estava a

par. O que é simplesmente impossível.

– Portanto, de certa forma, é uma causa perdida.

– De certa forma, é isso mesmo; mas não inteiramente. A notícia irá espalhar-se, provavelmente já começou a se espalhar, assustando uma porção de outros Jacksons em potencial. E não podemos esquecer que hoje espalhamos a nossa rede por uma área bastante ampla. Antes do pôr-do-sol, iremos apanhar muitos outros fraudadores.

– Mas apenas em Brookside.

Nim pensou, sombriamente, na imensa região atendida pela GSP & L. Em comparação, Brookside era apenas uma gota d'água no oceano.

Alguns minutos depois, eles estavam de volta ao posto de comunicações, no estacionamento do centro comercial.

Como Harry London previra, o Dia D em Brookside revelou a existência de muitos adulteradores de medidores. Por volta do meio-dia, já havia mais de quarenta casos, comprovados ou suspeitos. Parecia provável o aparecimento de outros tantos durante a tarde. Alguns supermercados estavam incluídos na relação dos fraudadores. Toda uma cadeia de lojas local fora inspecionada, descobrindo-se instalações ilegais em cinco dos oito estabelecimentos.

Nim ficou todo o tempo perto de Harry London, visitando e observando os locais de algumas das violações mais engenhosas.

Ao final da manhã, foram a uma das casas pré-fabricadas que Nim notara anteriormente. Dois veículos da GSP & L estavam estacionados em frente à casa. Um dos homens do Departamento de Proteção à Propriedade, um técnico e a mesma fotógrafa do posto de gasolina estavam agrupados em torno de um medidor de eletricidade externo, perto da porta lateral.

— Não há ninguém em casa — explicou London. — Mas o pessoal do escritório verificou quem mora aqui, e parece ser um fabricante de instrumentos de precisão. A informação é interessante. Dê uma olhada nisso.

Os outros se afastaram, e London apontou para um minúsculo buraco no tampo de vidro do medidor. Um pequeno pedaço de arame duro saía pela abertura. Dentro do medidor, o arame se estendia até o disco de metal central, que normalmente gira à medida que a eletricidade é consumida.

— Esse arame, que não devia estar aí, impede o disco de girar — esclareceu London.

Nim fez um sinal indicando que compreendera.

— Assim, o medidor não registra nada, mesmo

quando a corrente está passando, não é?

— Exatamente. Parar o disco não causa nenhum dano. Assim, quando o arame é retirado, tudo volta ao normal.

— Exceto pelo buraco.

— Não dá para se notar, a menos que se procure atentamente — informou o técnico, atrás deles. — Meu palpite é que ele usou uma broca de palheiro para fazer o buraco, evitando assim que o vidro se quebrasse. Muito esperto.

— Ele não vai se sentir tão esperto assim quando receber a próxima conta — disse London. — Além disso, ficaremos vigiando a casa esta noite. É mais do que provável que os vizinhos lhe contem o que aconteceu. Ele ficará nervoso e vai querer tirar o arame. Quando isso acontecer, se o surpreendermos em flagrante, poderemos processá-lo com sucesso.

Os dois foram embora, deixando a fotógrafa tirando fotos do buraco e do arame incriminadores.

Comunicados sobre outras descobertas de fraudes continuaram a chegar ao posto de informações. Um desvio de energia ainda mais engenhoso consistira na abertura do medidor elétrico, com a eliminação de diversos dentes da engrenagem que movimentava o disco. Com isso, o disco girava mais lentamente, reduzindo à metade o registro do con-

sumo de energia. O Departamento de Contabilidade, examinando os arquivos, calculara que a fraude vinha ocorrendo havia cerca de três anos.

Em outro caso, um consumidor trocara habilmente os medidores. Conseguira arrumar um medidor extra — Harry London desconfiava que fora roubado — e o substituíra pelo medidor regular, fornecido pela GSP & L. Evidentemente, o consumidor deixava o medidor "particular" no lugar durante uma parte do período de medições, na qual toda a eletricidade consumida era "gratuita".

Embora fosse considerado mais difícil adulterar medidores de gás, isso não impedira a ação de alguns fraudadores ambiciosos. London explicou:

— Desligar ou ligar um medidor de gás exige alguma habilidade como encanador, mas não muita. Um homem com habilidade manual pode aprender rapidamente.

Um fraudador removera inteiramente o medidor de gás, preenchendo a lacuna com uma mangueira de borracha. Era um método de desvio perigoso, mas eficaz. Presumivelmente, o medidor ficava desligado durante uma parte do mês, sendo novamente ligado um pouco antes da leitura regular.

Outro fraudador, proprietário de diversas lojas, que alugava a comerciantes, virara o medidor de

gás para a parede e inverteu sua posição, fazendo com que andasse para trás. Foi ali que ocorreu o único incidente violento do dia. Furioso por ter sido descoberto, o homem atacou o técnico da companhia com uma chave inglesa, espancando-o brutalmente. O técnico foi levado para o hospital, com o nariz quebrado e um braço fraturado, enquanto o agressor foi conduzido à delegacia de polícia, sendo autuado por lesões corporais e por outras acusações.

Nim ficou um tanto perplexo com um aspecto relativo aos muitos casos que estavam sendo descobertos. E comentou com Harry London:

— Pensei que nossos computadores estivessem programados para informar mudanças abruptas no consumo de qualquer consumidor.

— Estão programados e dão o aviso. Mas o problema é que as pessoas estão se tornando mais inteligentes do que os computadores, aprendendo a ludibriá-los. Não é muito difícil. Se você está disposto a desviar energia e tem o bom senso de fazê-lo gradativamente, um pouco no primeiro mês, mais um tanto no seguinte, em vez de efetuar uma redução drástica no consumo, o computador jamais irá perceber coisa alguma.

— Sob qualquer ângulo que se considere a questão, somos sempre os perdedores.

— Talvez neste momento. Mas essa situação vai mudar.

Nim não tinha tanta certeza assim.

O episódio mais bizarro ocorreu antes do final da tarde, quando London recebeu uma mensagem no posto de comunicações, chamando-o com urgência a um endereço a menos de dois quilômetros de distância.

A casa era grande e moderna, com um jardim amplo e bem cuidado, e um caminho em curva até a porta da frente, onde estava estacionado um reluzente Mercedes. Os veículos da GSP & L estavam estacionados na rua.

O mesmo técnico que estivera no posto de gasolina e na garagem naquela manhã aproximou-se assim que London parou o carro. E foi logo anunciando:

— Problemas. Precisamos de ajuda.

— Que tipo de problema?

Um dos homens do Departamento de Proteção à Propriedade, que também se aproximara, informou:

— A mulher lá dentro está ameaçando soltar um cachorro em cima de nós. É um pastor-alemão imenso. Diz que o marido é médico, muito importante na comunidade, que vão processar a com-

panhia se criarmos algum problema.

— Por que vieram até aqui?

O técnico respondeu:

— Um dos leitores de medidores, um universitário, comunicou ter avistado um fio suspeito. Ele estava certo. Dei uma olhada atrás do medidor e constatei que a correia de potencial fora arriada e estava ligada por dois fios. Segui os fios até um interruptor na garagem. Não havia ninguém por perto, e a porta estava aberta. Foi nesse momento que a mulher apareceu com o cachorro.

Nim estava aturdido, e London ordenou ao rapaz:

— Explique tudo ao sr. Goldman.

— Atrás de alguns tipos de medidor, há uma correia de potencial. Se está ligada, ou "arriada", interrompe o circuito, e o medidor pára de registrar. Com a ligação dos fios e o interruptor, o medidor pode ser ligado e desligado à vontade.

— E foi o que fizeram aqui?

— Exatamente.

— Tem certeza?

— Absoluta.

O homem do Departamento de Proteção à Propriedade acrescentou:

— Também vi. E não pode haver a menor dú-

vida. — Consultou um caderninho de anotações. — O nome do consumidor é Edgecombe.

— Pois então vamos lá e ao diabo com o cachorro! — decidiu London. — Chamem um fotógrafo e vamos tentar obter as provas!

Ficaram esperando enquanto o técnico chamava um fotógrafo pelo rádio do caminhão. Depois, Harry London seguiu na frente da pequena procissão que subiu pela entrada de carro. Ao se aproximarem da casa, uma mulher alta e bonita, provavelmente na faixa dos quarenta, saiu pela porta da frente. Usava calças compridas de linho azul, com uma blusa de seda da mesma cor; o cabelo comprido, castanho-escuro, estava preso por um lenço. A seu lado estava um pastor-alemão, rosnando e tentando se soltar da coleira. Ela declarou, friamente:

— Já avisei, se invadirem novamente minha propriedade, eu solto o cachorro e que agüentem as conseqüências. E agora sumam daqui antes que eu perca a paciência!

— Madame, é melhor não soltar esse cachorro — disse London, firmemente. — Sou agente de segurança da Golden State Power & Light, e esse é o sr. Goldman, vice-presidente da companhia.

— Os vice-presidentes não me impressionam. Meu marido conhece muito o presidente da compa-

nhia.

— Neste caso, tenho certeza de que ele poderá compreender que todos aqui estão simplesmente cumprindo seu dever — disse Nim. — É a sra. Edgecombe?

Ela respondeu altivamente:

— Exatamente.

— Nosso Departamento de Serviço comunicou que existe uma instalação ilegal em seu medidor de eletricidade.

— Se existe, não sabemos nada a respeito. Meu marido é um ortopedista de renome e está fazendo uma operação hoje. Se não fosse por isso, eu já o teria chamado para dar uma lição em vocês por tamanho atrevimento.

Apesar de toda a insolência, pensou Nim, havia um vestígio de nervosismo nos olhos e na voz da mulher. London também percebeu e disse:

— Sta. Edgecombe, queremos apenas tirar algumas fotografias do medidor e dos fios que estão por trás e terminam num interruptor em sua garagem. Agradeceríamos se nos desse permissão.

— E se eu não der?

— Nesse caso, vamos entrar com um mandado judicial. Se isso acontecer, porém, não poderemos ocultar o caso dos repórteres e da opinião pública.

A mulher hesitou, e Nim se perguntou se ela perceberia que Harry London estava blefando. Quando finalmente obtivessem um mandado judicial, já teria passado tempo suficiente para se destruir a prova. Mas a mulher ficou temerosa do escândalo e acabou cedendo.

— Isso não será necessário. Podem fazer o que estão querendo, mas não demorem.

— Só mais uma coisa, madame — acrescentou London. — Assim que tivermos acabado, vamos desligar o fornecimento de energia, até que suas contas sejam recalculadas pelo nosso Departamento de Contabilidade.

— Mas isso é um absurdo! Esperem só para ver o que meu marido irá fazer!

A sra. Edgecombe se afastou, prendendo a corrente do cachorro numa argola de ferro na parede. Nim observou que as mãos dela estavam tremendo.

— Por que será que gente assim faz uma coisa dessas?

Nim formulou a pergunta baixinho, não só para Harry London, mas também para si próprio. Estavam no carro de London, seguindo novamente para o estacionamento do centro comercial, onde Nim pegaria seu próprio carro e voltaria para o escritório na companhia. Chegara à conclusão de que

já vira o bastante das operações em Brookside para compreender plenamente a gravidade do problema, para perceber realmente, pela primeira vez, sua profunda extensão.

— Há muitos motivos para que eles façam essas coisas — respondeu London. — Não só onde estivemos como também em outros lugares. As pessoas gostam de se gabar da própria esperteza, contar como ludibriaram uma organização gigantesca como a Golden State Power. E, enquanto se gabam, outros prestam atenção e depois fazem a mesma coisa.

— Acha que isso explica por que o problema se tornou epidêmico, como constatamos aqui?

— Representa pelo menos uma parte do quebra-cabeça.

— E o resto?

— Uma parte é consequência da ação de profissionais desonestos, que são os que estou realmente querendo agarrar. Eles espalham que podem dar um jeito nos medidores... por um determinado preço. Parece muito fácil e sem complicações, e as pessoas acabam aceitando.

Nim ainda estava em dúvida.

— O que não explica a situação na última casa em que estivemos. Afinal, trata-se de um médico ri-

co, um ortopedista, provavelmente um dos especialistas mais bem remunerados hoje em dia. Viu a esposa dele, a casa espetacular. Por que ele faria uma coisa dessas?

— Vou dizer-lhe algo que aprendi quando era tira. Não deixe que as aparências o enganem. Há muitas pessoas que ganham bastante dinheiro, moram em casas suntuosas, mas estão afundadas até o pescoço em dívidas, debatendo-se para permanecer à tona. Estão dispostas a poupar um dólar sempre que for possível e não têm muitos escrúpulos quanto à maneira de conseguir isso. Aposto que isso acontece por toda parte aqui em Brookside. Procure também encarar o problema sob outro ângulo. Não faz muito tempo, as contas da companhia não representavam grande coisa. Mas agora que as contas estão se tomando cada vez mais altas, muitas pessoas que antes não faziam qualquer trapaça, porque não valia a pena, mudaram de idéia. Como hoje as importâncias são vultosas, estão dispostas a correr o risco.

Nim achou o raciocínio correto.

— E a maioria das empresas de serviço público é constituída por corporações gigantescas e impessoais. Por isso, as pessoas não consideram que o desvio de energia seja igual a outras espécies de

roubo. Acham que não tem nada de mais, ao contrário de um assalto ou da ação de um punquista.

— Tenho pensado muito a respeito e cheguei à conclusão de que o problema é muito mais grave do que imaginamos. — London parou o carro num sinal fechado, só voltando a falar depois que estavam novamente em movimento. — Em minha opinião, a maioria das pessoas chegou à conclusão de que o sistema está podre porque os políticos são corruptos, de um jeito ou de outro. Sendo assim, por que o cidadão comum deveria castigar a si mesmo sendo honesto? E certo que o pessoal de Watergate foi escorraçado de Washington, mas os novos governantes, que se diziam tão virtuosos antes de serem eleitos, estão fazendo a mesma coisa, tirando proveito do prestígio político e coisas piores, agora que estão no poder.

— É uma perspectiva das mais deprimentes.

— Sei disso. Mas explica muito do que está acontecendo, e não apenas o que vimos hoje. Estou me referindo à explosão do crime, em todos os níveis, do banditismo organizado aos pequenos furtos. Confesso que há dias, como o de hoje, em que gostaria de estar de volta ao Corpo de Fuzileiros, onde tudo parecia mais simples e honesto.

— Descobriria que já não é assim.

London suspirou.

— É bem possível.

— Fizeram um bom trabalho hoje — comentou Nim.

— Estamos numa guerra. — Harry London esqueceu a própria seriedade por um momento e sorriu. — Diga a seu chefe, o comandante supremo, que ganhamos uma batalha hoje e haveremos de vencer mais algumas.

— Mesmo correndo o risco de inflar seu ego — disse Ruth Goldman, do outro lado da mesa, no café da manhã —, não posso deixar de comentar que estive muito bem na televisão ontem à noite. Quer mais café?

— Quero, sim, por favor. — Nim estendeu a xícara. — Obrigado.

Ruth pegou a cafeteira e o serviu. Como sempre, seus movimentos eram suaves, graciosos e eficientes. Estava usando um penhoar verde-esmeralda, que contrastava intensamente com o cabelo preto, impecável. Os seios pequenos e firmes ficaram atraentemente visíveis enquanto ela se inclinava para a frente. Quando estavam namorando, Nim se referia aos seios de Ruth, afetuosamente, como "as meias porções especiais". Naquele momento, o rosto dela tinha apenas um vestígio de maquilagem, exatamente a quantidade certa, complementando a pele rosada. Não importava quão cedo fosse, Ruth parecia sempre naturalmente impecável. Nim, que já vira muitas outras mulheres ao despertar, sabia que devia sentir-se grato por Ruth ser assim.

Era quarta-feira. Já se passara quase uma semana desde o Dia D em Brookside. Como estava excepcionalmente cansado, por ter trabalhado até tarde da noite, ao longo de muitas semanas de pressão, culminando com o programa de TV na noite anterior, num estúdio extremamente quente, sob a luz de inúmeros refletores, Nim dormira até mais tarde naquela manhã. Ou seja, até as oito e meia, o que era bem tarde para ele. Quando ele desceu, Leah e Benjy já haviam saído para um programa de recreação que duraria o dia inteiro. Agora, Nim estava tomando o café da manhã calmamente, em companhia apenas de Ruth, algo que raramente acontecia. Já telefonara para a companhia, avisando que iria chegar mais tarde.

— Leah ficou acordada para assistir ao programa — comentou Ruth. — Benjy também queria ficar, mas acabou dormindo. As crianças provavelmente jamais dirão, mas sentem o maior orgulho de você. Para ser mais exata, chegam a idolatrá-lo. O que quer que você diga, é como se fosse a própria palavra de Deus.

— Gosto deste café. Está usando uma marca nova?

Ruth sacudiu a cabeça.

— O gosto está diferente só porque você não

está tomando às pressas. Ouviu o que falei a respeito de Leah e Benjy?

— Ouvi, sim. E estava pensando nisso. Também sinto o maior orgulho das crianças. — Nim soltou uma risada, antes de acrescentar: — Este é meu dia de elogios?

— Se pensa que estou esperando algum de você, saiba que está enganado. Mas eu bem que gostaria se pudéssemos tomar o café da manhã assim com mais frequência.

— Vou ver se dou um jeito.

Nim se perguntou se Ruth não estaria se mostrando cordial daquela maneira porque também sentia, assim como ele próprio, o abismo que ultimamente vinha se aprofundando entre os dois, uma distância cada vez maior criada pela própria indiferença dele e, recentemente, pela misteriosa dedicação dela a um interesse particular. Nim tentou recordar quando tinham feito amor pela última vez. Não conseguiu. Por que um homem perdia o interesse sexual pela própria esposa, extremamente atraente, enquanto continuava a desejar outras mulheres? Imaginou que a resposta devia ser a rotina familiar, juntamente com um impulso de explorar novos territórios, efetuar outras conquistas. Seja como for, pensou ele, com algum sentimento de

culpa, devia voltar a fazer amor com Ruth, talvez naquela mesma noite.

— Houve alguns momentos no programa de televisão em que você parecia furioso, prestes a explodir.

— Mas não explodi. Lembrei-me a tempo das regras imbecis que me impuseram.

Não era necessário explicar a decisão de manter uma "linha moderada" adotada pela administração da companhia. Ele contara tudo a Ruth no mesmo dia em que acontecera, e ela se mostrara compreensiva.

— Mas Birdsong bem que o provocou, não é mesmo?

— Aquele filho da mãe realmente tentou. — Nim franziu a testa, recordando. — Mas não deu certo.

Davey Birdsong, que liderava um grupo de consumidores ativistas, chamado Força e Luz para o Povo, também comparecera ao programa de TV. Fizeram alguns comentários cáusticos sobre a Golden State Power & Light, atribuindo os motivos mais vis a tudo o que a companhia fazia. Insinuara que os objetivos pessoais de Nim não eram muito melhores. Atacara também o último pedido de aumento de tarifas formulado pela GSP & L, cuja decisão era

iminente. Apesar de todas as provocações, Nim se mantivera controlado, atendo-se relutantemente aos limites que lhe haviam sido fixados.

— O Chronicle desta manhã diz que o grupo de Birdsong, assim como o Clube da Sequóia, irá opor-se ao projeto de Tunipah.

— Deixe-me dar uma olhada.

Ruth entregou-lhe o jornal, informando:

— Está na página 7.

Era outra característica de Ruth. De alguma forma, ela sempre conseguia manter-se um passo à frente da maioria das outras pessoas em matéria de ficar bem informada. Invariavelmente, dava uma li-da no Chronicle-West enquanto preparava o café da manhã.

Nim folheou o jornal e encontrou a notícia. Era curta e não lhe disse mais nada além do que Ruth já informara. Mas deu-lhe a idéia para uma providência das mais úteis, fazendo-o querer chegar ao escritório o mais depressa possível. Tomou rapidamente o resto do café e levantou-se.

— Vai voltar para jantar esta noite, Nim?

— Tentarei.

Enquanto Ruth sorria suavemente, Nim recor-dou-se de quantas vezes dissera a mesma coisa e depois, por um outro motivo, simplesmente deixara

de aparecer. Irracionalmente, como acontecera no carro na noite em que fora visitar Ardythe, desejou que Ruth de vez em quando se mostrasse menos paciente. E perguntou:

— Por que não explode de vez em quando? Por que não fica furiosa?

— Faria alguma diferença?

Nim deu de ombros, sem saber como interpretar a reação dela, sem saber o que responder.

— Já ia esquecendo de dizer-lhe uma coisa, Nim. Mamãe me telefonou ontem. Ela e papai nos convidam para jantar na semana que vem, junto com Leah e Benjy.

Interiormente, Nim deixou escapar um gemido de desespero. Visitar a casa dos Neuberger, os pais de Ruth, era como entrar numa sinagoga. Eles proclamavam seu judaísmo por todos os meios possíveis. A comida era sempre anunciada como kosher, havia invariavelmente lembretes de que os Neuberger mantinham dois jogos separados de talheres e louça para carne e para os laticínios. Haveria uma prece com pão e vinho antes do jantar, assim como a cerimônia ritual de lavagem das mãos. Depois do jantar, haveria preces solenes, que os Neuberger, de acordo com a tradição da Europa oriental, consideravam essenciais. Se houvesse car-

ne à mesa, Leah e Benjy não teriam permissão para tomar leite, como gostavam de fazer em casa. Haveria também as pressões, não muito sutis, as manifestações de surpresa em voz alta pelo fato de Nim e Ruth não respeitarem o sabá e os dias sagrados, as descrições animadas do último bar *mitzvah* a que os Neuberger haviam comparecido, com a insinuação de que Benjy obviamente iria cursar uma escola hebraica, a fim de que pudesse fazer também o seu bar *mitzvah* quando completasse treze anos. Mais tarde, quando voltassem para casa, devido à idade e à curiosidade das crianças, haveria perguntas a Nim, perguntas que ele não estava preparado para responder, por causa de sua própria ambivalência interior.

Ruth invariavelmente se mantinha calada nessas ocasiões; de vez em quando, Nim se perguntava se o silêncio dela não seria no fundo uma aliança com os pais contra ele. Quinze anos antes, quando haviam se casado, Ruth deixara bem claro que não dava a menor importância aos rituais judaicos, o que era uma reação óbvia ao rigor ortodoxo com que fora criada. Mas não teria mudado? Intimamente, Ruth não seria uma mãe judia tradicional, querendo para Leah e Benjy todos os ornamentos exigidos pela fé de seus pais? Nim recordou-se do

que ela dissera alguns minutos antes a respeito dele e das crianças. "Para ser mais exata, chegam a idolatrá-lo. O que quer que você diga, é como se fosse a própria palavra de Deus." Não seriam aquelas palavras um hábil lembrete da responsabilidade religiosa dele, um suave empurrão ao encontro da religião? Nim jamais cometera o engano de considerar a suavidade de Ruth como um sinal de fraqueza; sabia perfeitamente que, por trás daquela fachada gentil, existia uma personalidade excepcionalmente forte.

Mas, além de tudo isso, Nim sabia que não havia nenhuma razão válida para recusar o convite dos pais de Ruth. Não acontecia com freqüência. E Ruth exigia bem pouco dele.

— Está certo, Ruth. Pode marcar o jantar para sexta-feira da semana que vem. Assim que chegar ao escritório, vou verificar se não há nenhum compromisso para esse dia e depois lhe telefonarei.

Ruth hesitou por um momento, antes de dizer:

— Não precisa se incomodar. Pode deixar para me dizer esta noite.

— Por quê?

Uma nova hesitação de um segundo.

— Vou sair logo depois de você. E passarei o dia inteiro fora.

— O que está acontecendo? Aonde vai?

— A uma porção de lugares... — Ruth soltou uma risada-. — Você por acaso costuma me dizer para onde vai?

Lá estava novamente. O mistério. Nim sentiu uma pontada de ciúme do desconhecido, mas rapidamente racionalizou: Ruth tinha razão. Como ela acabara de lembrar, havia muita coisa que ele não contava.

— Divirta-se, Ruth. E até a noite.

No vestíbulo, Nim abraçou-a, e trocaram um beijo. Os lábios de Ruth eram macios, o corpo sob o penhoar, sensual. "Mas como eu sou idiota!", pensou Nim. Tinha de fazer mesmo o que pensara antes: naquela noite, faria amor com Ruth.

Apesar da pressa em sair de casa, Nim seguiu para o centro lentamente, evitando a auto-estrada e preferindo as ruas de pouco movimento. Aproveitou o tempo para pensar no Clube da Sequóia, mencionado pelo Chronicle-West naquela manhã.

Embora fosse uma organização que freqüentemente se opunha aos projetos da GSP & L, e muitas vezes conseguia destruí-los, Nim admirava esse grupo. Seu raciocínio era simples: a história mostrava que todas as vezes que gigantescos complexos industriais, como a Golden State Power & Light, faziam o que bem entendiam, davam pouca ou nenhuma atenção à proteção ao meio ambiente. Assim, havia necessidade de uma força repressora responsável. O Clube da Sequóia desempenhava esse papel.

Com sede na Califórnia, a organização adquirira reputação nacional pela habilidade e dedicação em suas lutas para preservar o que restava da beleza natural ainda intata da América. Quase sempre seus métodos eram éticos, os argumentos, criteriosos e sólidos. E verdade que a organização era alvo de algumas críticas, mas poucos deixavam de res-

peitá-la. Uma das razões era o fato de a liderança do Clube da Sequóia, ao longo de seus oitenta anos de existência, ter sido sempre de primeira qualidade, uma tradição que continuava a ser mantida com a atual presidente, uma antiga cientista atômica, Laura Bo Carmichael. Era uma mulher extremamente capaz, internacionalmente respeitada e, incidentalmente, amiga de Nim.

Era nela que Nim estava pensando enquanto guiava.

Chegara à conclusão de que era o momento de fazer um apelo direto e pessoal a Laura Bo Carmichael, em defesa do projeto de Tunipah e das outras usinas geradoras que a Golden State Power planejava construir. Se argumentasse convincentemente sobre a necessidade urgente dessas usinas, talvez o Clube da Sequóia não se opusesse ou fosse menos veemente na oposição. Tinha de marcar um encontro o mais breve possível. De preferência ainda naquele dia.

Nim estava guiando automaticamente, prestando pouca atenção aos nomes das ruas. Mas subitamente, ao parar num sinal, percebeu que estava no cruzamento da Lakewood com a Balboa Street. Isso o fazia recordar alguma coisa. Mas o quê?

Lembrou-se de repente. No dia da explosão e

da interrupção no fornecimento de energia, duas semanas antes, o despachante-chefe lhe mostrara um mapa de circuitos com indicações das residências particulares onde estavam instalados equipamentos de manutenção de vida. Círculos coloridos no mapa indicavam máquinas de diálise renal, unidades geradoras de oxigênio, pulmões artificiais e outros equipamentos similares. Na esquina da Lakewood com a Balboa Street, um círculo vermelho indicava que havia ali uma pessoa dependente de um pulmão artificial ou algum outro aparelho respiratório acionado por energia elétrica. Estava instalado num prédio de apartamentos. Por alguma razão, Nim guardara na memória aquele fato, assim como o nome do consumidor: Sloan. Lembrou-se de que, na ocasião, ao contemplar o pequeno círculo vermelho, imaginara como seria Sloan.

Havia apenas um único prédio de apartamentos naquele cruzamento, de oito andares, modesto, mas bem conservado, a julgar pela aparência externa. O carro de Nim estava ao lado do prédio. Um pequeno pátio ao lado dispunha de diversas vagas para estacionar, estando duas desocupadas. Num súbito impulso, Nim entrou e estacionou numa das vagas. Saiu do carro e caminhou para a entrada do prédio.

Por cima de diversas caixas de correspondência, havia uma vintena de nomes, entre os quais K. Sloan. Nim apertou o botão ao lado do nome.

Momentos depois, a porta do prédio se abriu. Um velho encarquilhado apareceu, usando calças largas e um blusão de lã. Parecia um esquilo já muito velho ao contemplar Nim através dos óculos de lentes grossas.

— Chamou Sloan?

— Sim.

— Sou o zelador. A campainha toca também no meu apartamento.

— Posso falar com o sr. Sloan?

— Não existe nenhum sr. Sloan.

— Ahn... — Nim apontou para a caixa de correspondência. — Então é a sra. Sloan? Ou srta. Sloan? — Inexplicavelmente, ele presumira que Sloan fosse um homem.

— Srta. Karen Sloan. Quem é o senhor?

— Meu nome é Goldman. — Nim mostrou-lhe sua carteira de identificação da GSP & L. — Estou certo ao presumir que a srta. Sloan é uma inválida?

— Sim. Só que ela não gosta de ser chamada dessa maneira.

— Como devo, então, me referir a ela?

— Deficiente. Ela é tetraplégica. Sabe qual é a

diferença de paraplégica?

— Acho que sim. Uma paraplégica tem paralisia da cintura para baixo, enquanto a tetraplégica tem paralisia em todo o corpo.

— A nossa Karen é assim. Ficou tetraplégica aos quinze anos. Quer visitá-la?

— Seria conveniente?

— Já vai descobrir. — O zelador escancarou a porta. — Entre.

O pequeno saguão combinava com a aparência exterior do prédio: era simples e limpo. O velho conduziu-o a um elevador, fez sinal para que Nim entrasse e depois o seguiu. Enquanto subiam, ele comentou:

— O prédio não chega a ser o Ritz, mas fazemos todo o possível para mantê-lo em ordem.

— Pode-se ver.

Os metais do interior do elevador brilhavam, e o mecanismo zumbia suavemente. Saltaram no sexto andar. O zelador seguiu na frente e parou diante de uma porta, separando uma chave do molho. Abriu a porta, bateu e depois gritou:

— Sou eu. Jiminy. Trouxe uma visita para Karen!

— Entrem!

Nim descobriu-se diante de uma mulher baixa

e robusta, a pele escura, feições hispânicas. Usava uma bata de náilon rosa, semelhante a um uniforme de enfermeira.

— Está vendendo alguma coisa? — A pergunta foi formulada jovialmente, sem qualquer hostilidade.

— Não. Eu estava passando e...

— Não tem importância. A srta. Sloan gosta de receber visitas.

Estavam num vestíbulo pequeno, claro, que dava para uma cozinha num lado e para uma sala de estar no outro. Na cozinha, predominavam o branco e o amarelo, uma combinação extremamente alegre; na sala de estar, a decoração era em verde e amarelo.

— Pode entrar... quem quer que seja — disse uma voz agradável, vinda da sala de estar.

— Vou embora — falou o zelador, atrás de Nim. — Tenho muito o que fazer.

Enquanto a porta se fechava, Nim entrou na sala de estar.

— Olá — disse a mesma voz que antes o mandara entrar. — Sabe de alguma coisa nova e emocionante?

Muito tempo depois, ao longo dos meses subsequentes, quando acontecimentos fatídicos iriam

sucedêr-se como atos de um drama, Nim iria recordar-se daquele momento, o primeiro em que viu Karen Sloan, em detalhes nítidos.

Era uma mulher madura, mas parecia jovem e era extraordinariamente bonita. Nim calculou que ela teria trinta e seis anos; mais tarde, ficaria sabendo que Karen tinha três anos mais. O rosto era longo, as feições, bem proporcionadas. Os lábios cheios, sensuais, se entreabriram num sorriso, os olhos grandes e azuis avaliaram Nim com extrema franqueza, o nariz arrebitado sugerindo malícia. A pele era impecável, parecia opalescente. Cabelo louro, comprido, emoldurava o rosto de Karen Sloan; repartido no meio, caía pelos ombros, com reflexos dourados, rebrilhando aos raios do sol que entravam pela janela. As mãos estavam sobre um apoio acolchoado, os dedos eram compridos, as unhas, bem cuidadas. Ela usava um atraente vestido azul-claro.

E estava numa cadeira de rodas. Uma saliência no vestido indicava que ali havia um aparelho respiratório. Um tubo saía por baixo do vestido e se ligava a um outro aparelho, que parecia uma valise, preso no encosto da cadeira. O mecanismo respiratório emitia um zumbido constante, o barulho do ar entrando e saindo, ao ritmo normal da respiração.

Os componentes elétricos da cadeira estavam ligados a uma tomada na parede.

— Olá, srta. Sloan — disse Nim. — Sou o homem da eletricidade.

O sorriso se alargou.

— Funciona à base de baterias ou também está ligado a uma tomada?

Nim também sorriu, um tanto embaraçado; teve um momento de nervosismo, o que raramente acontecia. Não sabia muito bem o que esperava encontrar; de qualquer maneira, aquela mulher suave a sua frente era totalmente inesperada.

— Vou explicar.

— Eu ficaria agradecida por isso. Não quer se sentar?

— Obrigado.

Nim se acomodou numa poltrona. Karen Sloan virou a cabeça ligeiramente, encostando a boca num tubo plástico em forma de U. Soprou suavemente no tubo e imediatamente a cadeira de rodas virou, deixando-a de frente para Nim.

— Ei, mas isso é sensacional! — exclamou Nim, sem conseguir conter-se.

— E posso fazer muita mais. Se eu aspirar ao invés de soprar, a cadeira se move para trás.

Karen mostrou como funcionava, deixando

Nim fascinado.

— Nunca tinha visto nada parecido. Confesso que estou impressionado.

— A cabeça é a única parte do corpo que posso mover — falou Karen tranqüilamente, como se fosse apenas uma inconveniência sem maior importância.

— Assim, tive de aprender a fazer algumas coisas necessárias de maneira insólita. Mas estamos nos desviando. Ia contar-me alguma coisa. Por favor, fale.

— Eu ia explicar por que vim visitá-la. Tudo começou há duas semanas, no dia em que houve a interrupção no fornecimento de energia. Eu a vi num pequeno círculo vermelho num mapa.

— Eu... num mapa?

Nim falou do Centro de Controle de Energia e da atenção dispensada pela GSP & L aos consumidores especiais, como hospitais e residências particulares com equipamentos de manutenção de vida.

— Para ser franco, fiquei curioso. E foi por isso que passei por aqui hoje.

— É ótimo saber que existe alguém pensando na gente. Lembro-me muito bem daquele dia.

— Como se sentiu no momento em que houve a interrupção de energia?

— Acho que fiquei um pouco assustada. Subi-

tamente, meu abajur apagou, outros aparelhos elétricos pararam de funcionar. Mas não o respirador. Passou a ser acionado imediatamente por bateria.

Nim observou que a bateria era do tipo usado em carros, de doze volts. Estava numa prateleira, também fixa atrás da cadeira de rodas, por baixo do mecanismo de respiração.

— O que a gente fica pensando é por quanto tempo haverá falta de energia, e se a bateria vai agüentar.

— Deve agüentar por várias horas.

— Seis horas e meia, quando está plenamente carregada... e se eu usar apenas o respirador, sem mover a cadeira. Mas quando saio para fazer compras ou uma visita, o que acontece quase todos os dias, uso muito a bateria, e a carga diminui.

— O que significa que se houver uma interrupção do fornecimento de energia nesse momento...

Karen terminou a frase por ele:

— Josie... foi ela quem o recebeu... teria de tomar alguma providência rapidamente. O respirador precisa de quinze ampères, a cadeira em movimento, outros vinte.

— Aprendeu uma porção de coisas sobre o equipamento.

— Não aprenderia também, se sua vida depen-

desse dele?

– Creio que sim. Costuma ficar sozinha de vez em quando?

– Nunca. Josie me faz companhia durante a maior parte do tempo e há duas outras pessoas que a substituem de vez em quando. E Jiminy, o zelador, também ajuda muito. É ele quem traz os visitantes, da maneira como fez com você. — Karen sorriu. — Jiminy não deixa ninguém subir até aqui a menos que o tenha aprovado. O que significa que você passou no teste dele.

E continuaram a conversar, descontraidamente, como se fossem velhos conhecidos.

Nim soube que Karen fora acometida de poliomielite apenas um ano antes de a vacina Salk começar a ser aplicada em massa na América do Norte. Poucos anos depois, a vacina Sabin erradicou de vez a poliomielite.

– Mais um pouquinho e eu não estaria assim — comentou Karen.

Nim ficou comovido com aquela declaração serena.

– Costuma pensar muito nesse ano de diferença?

– Pensava muito. Por algum tempo chorei bastante por causa desse ano de diferença. Eu me inda-

gava: por que logo eu tinha de ser uma das últimas? E pensava: se a vacina tivesse surgido um pouco antes, tudo teria sido diferente. Eu poderia andar, dançar, escrever, usar as mãos...

Ela parou de falar. No silêncio, Nim podia ouvir o tique-taque de um relógio e o zumbido suave do respirador de Karen. Depois de um momento, ela começou a falar:

— Mas comecei a dizer a mim mesma: desejar não vai mudar coisa alguma. O que aconteceu, aconteceu. E nunca mais poderá ser desfeito. Assim, passei a procurar tirar o melhor proveito possível de tudo, vivendo um dia de cada vez. E, ao fazer isso, a gente se sente profundamente grata quando acontece algo inesperado. Hoje, por exemplo, você apareceu. — Karen exibiu um sorriso radiante, antes de acrescentar: — Nem mesmo sei seu nome!

Quando ele disse, Karen perguntou:

— O Nim é de Nimrod?

— Exatamente.

— Não há alguma coisa na Bíblia...?

— No Gênese. "Cush gerou Nimrod, o qual começou a ser poderoso na Terra. Foi valente caçador diante do Senhor." — Recordava-se de ouvir as palavras sendo pronunciadas pelo avô, o rabino Goldman. O velho rabino é que escolhera o nome

do neto, uma das poucas concessões ao passado permitidas por Isaac, o pai de Nim.

— E você é caçador, Nim?

Ele já ia responder negativamente, quando lembrou o que Teresa van Buren dissera recentemente: "Virou um caçador de mulheres, não é mesmo?" Talvez, pensou, se as circunstâncias tivessem sido diferentes, poderia ter caçado também aquela linda mulher, Karen Sloan. Egoisticamente, também se sentiu triste pelo atraso de um ano na descoberta da vacina.

Nim sacudiu a cabeça e murmurou:

— Não, não sou caçador.

Mais tarde, Karen contou-lhe que passara doze anos em hospitais, a maior parte do tempo com antiquados pulmões artificiais. Depois, haviam sido inventados equipamentos portáteis, mais modernos, tornando possível que pacientes como ela vivessem fora dos hospitais. A princípio, voltara a viver com os pais. Mas não dera certo.

— A tensão era demais para todos nós — explicou.

Mudara-se então para aquele apartamento, onde já estava há quase onze anos.

— O governo dá uma ajuda que praticamente cobre os custos. Há ocasiões em que a situação fi-

nanceira fica apertada, mas sempre consigo dar um jeito.

O pai de Karen tinha um pequeno negócio de encanador e a mãe era balconista numa loja de departamentos. No momento, estavam tentando juntar dinheiro a fim de comprar para Karen um pequeno furgão, que iria aumentar-lhe a mobilidade. O furgão seria adaptado para receber a cadeira de rodas, e Josie ou alguém da família de Karen se encarregaria de guiar.

Embora Karen praticamente não pudesse fazer nada sozinha, pois tinha de ser lavada, alimentada e deitada na cama por outra pessoa, disse a Nim que aprendera a pintar, segurando o pincel com a boca.

— E também posso usar uma máquina de escrever. É elétrica, e trabalho com uma vareta presa nos dentes. Costumo escrever poesias. Gostaria que eu lhe mandasse algumas?

— Gostaria muito.

Nim levantou-se, espantado ao descobrir que estava com Karen havia mais de uma hora. Ela perguntou:

— Vai voltar?

— Se quiser que eu volte...

— Claro que quero... Nimrod. — Karen novamente exibiu o sorriso afetuoso e fascinante. — Eu

gostaria de tê-lo como amigo.

Josie o levou até a porta.

A imagem de Karen, a beleza impressionante, o sorriso afetuoso, a voz gentil, tudo isso ocupou os pensamentos de Nim durante o resto do percurso até o escritório. Jamais conhecera alguém como Karen. E ainda estava pensando nela quando deixou o carro na garagem da sede da Golden State Power & Light, no terceiro subsolo.

Havia um elevador direto, a que se tinha acesso apenas com uma chave, da garagem ao andar dos executivos, o vigésimo segundo. Nim usou a chave, um símbolo de status na GSP & L, subindo sozinho no elevador. Lembrou-se de sua decisão de fazer um apelo pessoal à presidente do Clube da Sequóia.

Sua secretária, Victoria Davis, uma jovem negra extremamente competente, levantou a cabeça quando ele entrou no escritório de duas salas.

— Oi, Vicki! Muita correspondência hoje?

— Nada de urgente. Mas há alguns recados... inclusive dizendo que estive ótimo na televisão ontem à noite. Por falar nisso, também achei.

— Obrigado. — Nim sorriu. — Seja bem-vinda ao meu fã clube.

— Há também um envelope "pessoal e confidencial" em sua mesa. Acabou de chegar. E tenho

algumas coisas para o senhor assinar.

Ela o seguiu até a outra sala. Nesse momento, ocorreu um baque surdo e intenso em algum lugar distante. Uma garrafa de água e os copos ao redor tremeram, assim como a janela que dava para um pátio interno.

Nim parou, à escuta.

— O que foi isso?

— Não tenho a menor idéia. Houve outro estrondo parecido alguns minutos atrás, pouco antes de sua chegada.

Nim deu de ombros. Podia ser qualquer coisa, um tremor de terra, ou o bate-estaca de uma construção nas proximidades. Em sua mesa, olhou rapidamente a correspondência, fixando-se no envelope a que Vicki se referira, "pessoal e confidencial". Era um envelope pardo, fechado com lacre de cera. Distraidamente, começou a abri-lo.

— Antes de começarmos qualquer coisa, Vicki, queria que tentasse uma ligação para a sra. Carmichael.

— Do Clube da Sequóia?

— Exatamente.

Ela deixou os papéis que tinha nas mãos numa caixa em que estava escrito Para assinar e virou-se para sair. Foi nesse momento que a porta da outra

sala foi bruscamente aberta e Harry London entrou correndo. O cabelo estava despenteado, o rosto vermelho devido ao esforço físico.

London observou o que Nim estava fazendo. E gritou:

— Não! Não!

Nim ficou imóvel, aturdido. London atravessou a sala correndo, inclinou-se sobre a mesa, tirou-lhe o envelope pardo das mãos e o colocou em cima da mesa.

— Vamos sair daqui! Depressa!

London agarrou o braço de Nim e o puxou ao mesmo tempo que empurrava Victoria Davis bruscamente. Passaram para a outra sala e de lá para o corredor. London só se deteve o tempo suficiente para fechar as portas.

Nim iniciou um protesto, furioso:

— Mas que diabo...

Não chegou a terminá-lo. Houve um estrondo na sala dele. As paredes do corredor tremeram. Um quadro emoldurado, ali perto, caiu no chão, o vidro se espatifando.

Um segundo depois, soou outro baque surdo, semelhante ao que Nim ouvira anteriormente, só que agora mais alto e nitidamente uma explosão, em algum lugar embaixo. Pelo corredor, pessoas sa-

íam correndo de outras salas.

— Santo Deus! — exclamou Harry London, desesperado.

— Mas que diabo está acontecendo? — gritou Nim. Podiam agora ouvir gritos frenéticos, telefones tocando estridentemente, o gemido das sirenes se aproximando na rua lá embaixo.

— Cartas-bombas — explicou London. — Não são muito grandes, mas o suficiente para matar qualquer um que esteja por perto. Essa última foi a quarta. Fraser Fenton morreu, outros ficaram feridos. Todo mundo no prédio está sendo alertado. E, se sabe rezar, peça para que não haja mais nenhuma bomba.

Com um toco de lápis, Georgos Winslow Archambault (Yale, turma de 1972) escreveu em seu diário:

Ontem, uma ação bem-sucedida contra as forças de opressão fascistas-capitalistas!

Um chefe inimigo, Fenton, diretor da Golden State Porra & Lixo, está morto. Já vai tarde!

Pelo honrado nome dos Amigos da Liberdade, o bastião dos impiedosos exploradores dos recursos de energia do povo foi vitoriosamente atacado. Em dez armas enviadas para o objetivo, cinco surtiram efeito. Nada mau!

A contagem real de baixas pode ser ainda mais elevada, já que a imprensa, amordaçada pelo establishment, procurou, como sempre, minimizar essa importante vitória do povo.

Georgos largou o lápis. Embora fosse incômodo, invariavelmente escrevia com um toco, tendo lido certa ocasião que Mohandas K. Gandhi assim fazia, alegando que jogar fora um lápis parcialmente usado era denegrir o humilde trabalho que o criara.

Gandhi era um dos heróis de Georgos Archam-

bault, assim como Lênin, Marx, Engels, Mao Tse-tung, Renato Curcio, "Che" Guevara, Fidel Castro, César Chávez e vários outros. (A anomalia de Mohandas Gandhi ter sido um apóstolo da não-violência não o incomodava.)

Georgos recomeçou a escrever:

Além do mais, a imprensa capitalista subserviente deplorou hoje hipocritamente a morte e os ferimentos do que rotulou de "vítimas inocentes". Mas que ingenuidade ridícula!

Em qualquer guerra, os chamados "inocentes" são inevitavelmente mortos e feridos; quanto maior é a guerra, maior é o número de baixas entre os "inocentes". Quando os beligerantes são as chamadas "grandes potências", como na Primeira e na Segunda Guerra Mundial e na infame agressão da América ao Vietnã, tais "inocentes" são massacrados aos milhares. E quem faz alguma objeção? Absolutamente ninguém! Muito menos os fñhrer adoradores do dólar da imprensa e seus redatores bajuladores e subservientes, que não sabem de nada.

Uma guerra social justa, como a que está sendo agora travada pelos Amigos da Liberdade, não é diferente... só que as baixas são em menor número.

Mesmo em Yale, nos trabalhos que escrevia,

Georgos adquirira a reputação, entre os professores, de se estender interminavelmente num argumento, semeando adjetivos a torto e a direito. Diga-se de passagem que seu curso não fora o de inglês, mas sim o de física, que mais tarde acumulara com o de química. E, mais tarde ainda, os conhecimentos de química haviam se tornado extremamente úteis, quando estudara explosivos em Cuba, entre outras coisas. Ao longo o caminho, seus interesses haviam se reduzido, assim como as posições pessoais sobre a vida e a política.

Georgos continuou a escrever no diário:

Até mesmo a imprensa inimiga, que subservientemente exagera tais casos ao invés de atenuá-los, admite que houve apenas duas mortes e três feridos em estado grave. Um dos mortos era o criminoso diretor Fenton, o outro, um miserável guarda de segurança. Não há o que lamentar. Os demais eram lacaios insignificantes, datilógrafos, escriturários etc., que deviam sentir-se gratos por seu martírio em prol de uma causa nobre.

Assim sendo, não há por que dar ouvidos à propaganda capitalista sobre "vítimas inocentes"!

Georgos fez uma nova pausa, o rosto fino e ascético expressando intensa concentração. Como

sempre, cuidava meticulosamente do diário, convencido de que algum dia viria a constituir um documento histórico importante, do porte de obras como O capital e Citações do presidente Mao Tse-tung.

Iniciou uma nova seqüência de pensamentos:

As exigências dos Amigos da Liberdade serão anunciadas hoje num comunicado de guerra. São as seguintes:

– Todas as usinas nucleares devem ser imediatamente fechadas e desmontadas. Proibição permanente de qualquer futuro desenvolvimento nuclear.

Seria o suficiente para começar. E a ameaça de escalada dos atentados era real. Georgos olhou ao redor da pequena e apinhada oficina de porão em que estava escrevendo. Os suprimentos de pólvora, espoletas, detonadores, glicerina e outros produtos químicos eram amplos. E não apenas ele, como também os outros três combatentes da liberdade, que aceitavam sua liderança, sabiam como usá-los. Georgos sorriu ao pensar no engenhoso dispositivo que seguira nas cartas-bombas no dia anterior. Um pequeno cilindro de plástico continha um alto explosivo, tetril, com um minúsculo detonador. Sobre esse detonador havia um percussor de mola, que

era acionado na abertura do envelope. Era um mecanismo bastante simples, mas mortífero. A carga de tetril era suficiente para arrancar a cabeça ou arrebentar todo o corpo da pessoa que abrisse a carta.

É evidente que nossas exigências são aguardadas, porque tanto a imprensa como sua dócil aliada, a televisão, já começaram a ecoar as declarações da Golden State Porra 8t Lixo de que não irá alterar sua política "em decorrência do terrorismo".

Mas que imbecilidade! E claro que o terrorismo irá provocar mudanças. Sempre provocou, sempre provocará. A história está repleta de exemplos.

Georgos pensou em alguns dos exemplos que lhe haviam sido incutidos durante seu aprendizado revolucionário em Cuba. Lá estivera cerca de dois anos depois de se diplomar; nesse período, fora dominado por um ódio cada vez maior contra o país em que nascera, o qual considerava decadente e tirânico. E desdenhosamente grafava "Amérika".

Seu desencanto fora agravado pela notícia de que o pai, um rico playboy de Nova Iorque, consumara seu oitavo divórcio, tendo imediatamente se casado de novo, enquanto a mãe, uma atriz de cinema grega internacionalmente adorada, havia se

separado do sexto marido. Georgos detestava ambos e o que representavam, muito embora não os visse desde os nove anos de idade e havia vinte não recebesse qualquer notícia deles diretamente. Suas despesas pessoais e de instrução, inclusive o curso em Yale, eram sempre pagas impessoalmente por uma firma de advocacia de Atenas.

Quer dizer que o terrorismo nada iria mudar, hein?

O terrorismo é um instrumento da guerra social. Permite a uns poucos indivíduos esclarecidos (como os Amigos da Liberdade) enfraquecer o domínio e vontade férreos das forças reacionárias, que detêm e abusam do poder.

Foi o terrorismo que iniciou a vitoriosa Revolução Russa.

As repúblicas da Irlanda e de Israel devem sua existência ao terrorismo. O terrorismo do IRA (Exército Republicano Irlandês), na Primeira Guerra Mundial, resultou no Eire independente. A organização terrorista Irgun, na Palestina, obrigou os ingleses a renunciarem a seu mandato, a fim de que os judeus pudessem instituir o Estado de Israel.

A Argélia conquistou sua independência da França através do terrorismo.

A OLP, agora representada nas conferências internacionais e na ONU, utilizou o terrorismo para atrair a atenção do mundo.

E as Brigadas Vermelhas italianas atraíram ainda mais a atenção do mundo por meio do terrorismo.

Georgos Winslow Archambault parou de escrever. Era algo que sempre o deixava cansado. Além do mais, compreendia que havia caído no jargão revolucionário (também aprendido em Cuba), que era importante tanto como uma arma psicológica quanto como uma válvula de escape emocional. Mas, às vezes, era muito difícil suportá-lo.

Levantou-se, espreguiçou-se, bocejou. Tinha um bom corpo, vigoroso e ágil, mantendo-se sempre em forma com um rigoroso programa diário de exercícios. Contemplando-se num espelho pequeno e rachado na parede, alisou o bigode denso, mas bem aparado. Deixara-o crescer logo depois do ataque à usina geradora de La Mission, quando se apresentara como oficial do Exército de Salvação. Segundo o noticiário do dia seguinte, um guarda de segurança da usina o descrevera como um homem com o rosto inteiramente barbeado. O bigode poderia pelo menos confundir a identificação, se algum dia isso viesse a acontecer. O uniforme do Exército

de Salvação, é claro, havia muito fora destruído.

A recordação do sucesso em La Mission provocou um riso de satisfação em Georgos.

Algo que ele não fizera, antes ou depois de La Mission, fora deixar crescer a barba. O que seria equivalente a uma assinatura. Todos esperavam que os revolucionários fossem barbados e desleixados; Georgos tomava todo o cuidado em se mostrar justamente o inverso. Sempre que deixava a casa modesta que alugara, podia ser tomado por um corretor ou bancário. Não tinha nenhuma dificuldade nisso, já que era meticoloso por natureza e gostava de se vestir bem. Para tanto, contava com a ajuda do dinheiro que os advogados de Atenas ainda depositavam para ele em uma conta de um banco de Chicago, embora a quantia já não fosse tão grande quanto antigamente. Georgos precisava de muito mais para financiar os planos futuros dos Amigos da Liberdade. Felizmente já estava obtendo alguma ajuda externa, mas a fonte teria agora de aumentar consideravelmente a contribuição.

Somente um fator contradizia a imagem de burguês refinado: as mãos de Georgos. Nos primeiros tempos de seu interesse por química e depois por explosivos, fora negligente e trabalhara sem luvas de proteção. Por causa disso, as mãos estavam

manchadas e cobertas de cicatrizes. Era mais cuidadoso agora, mas o dano já estava feito. Chegara a pensar em fazer enxertos de pele, mas o risco parecia alto. Assim, o melhor que podia fazer, sempre que saía de casa, era manter as mãos escondidas na medida do possível.

O cheiro agradável do almoço, pimentão recheado, desceu até o porão. Sua mulher, Yvette, era uma cozinheira excepcional, sabia do que Georgos gostava e sempre procurava agradá-lo. Ela sentia o maior respeito e admiração pelos conhecimentos de Georgos, já que tivera bem pouca instrução.

Ele partilhava Yvette com os outros três jovens combatentes da liberdade que viviam na casa: Wayde, do mesmo modo culto e instruído, e também discípulo de Marx e Engels; Ute, um índio americano que acalentava um ódio intenso contra todas as instituições que oprimiam seu povo; e Felix, produto de um bairro pobre de Detroit, cuja filosofia era queimar, matar ou destruir, não importando a forma, tudo o que fosse alheio a sua experiência amarga desde o nascimento.

Mas, apesar de partilhá-la com os outros, Georgos tinha um sentimento de posse em relação a Yvette, próximo à afeição. Ao mesmo tempo, desprezava a si mesmo por sua omissão num aspecto

do Catecismo revolucionário (atribuído a dois rusos do século XIX, Bakunin e Netchaiev), que dizia:

O revolucionário é um homem solitário; não possui interesses próprios, sentimentos, hábitos ou bens... Tudo nele está absorvido por um interesse único e exclusivo, um só pensamento, uma só paixão: a revolução... Rompeu todos os vínculos com a ordem civil, com o mundo dito civilizado, com todas as leis, convenções e... com as éticas deste mundo...

Todos os sentimentos ternos de família, vida, amizade, amor, gratidão e até mesmo honra devem ser sufocados... Dia e noite, o revolucionário só deve ter um único pensamento, uma só determinação: a destruição implacável...

O caráter revolucionário não tem lugar para qualquer romantismo, sentimentalismo, entusiasmo ou sedução... Sempre e em toda parte, ele deve se tornar não o que sua própria inclinação indicaria, mas sim o que exigir o interesse geral da revolução.

Georgos fechou o diário, lembrando que o comunicado de guerra, com suas justas exigências, deveria chegar a uma das emissoras de rádio da cidade ainda naquele dia.

Como sempre, seria deixado num local seguro

e, mais tarde, a emissora seria avisada pelo telefone. Os idiotas que lá trabalhavam sairiam correndo para buscar o comunicado.

Sena uma das notícias mais sensacionais daquela noite, pensou Georgos, com extrema satisfação.

— Antes de mais nada — disse Laura Bo Carmichael, depois que pediram os drinques, um martini para ela, um *bloody mary* para Nim Goldman —, quero dizer que lamento profundamente o que aconteceu com o diretor da companhia, o sr. Fenton. Eu não o conhecia pessoalmente, mas o que aconteceu foi trágico e lamentável. Espero que os responsáveis sejam capturados e devidamente punidos.

A presidente do Clube da Sequóia era uma mulher esguia, beirando os setenta anos, normalmente exuberante, olhar alerta e penetrante. Vestia-se sobriamente, usava sapatos baixos e cabelo bem curto, para exorcizar sua feminilidade. Talvez isso acontecesse, pensou Nim, porque Laura Bo Carmichael, como antiga cientista atômica, competira num campo que na ocasião era dominado inteiramente pelos homens.

Estavam no elegante Salão Squire, do Fairhill Hotel, onde se encontraram para almoçar, por sugestão de Nim. O encontro se realizava uma semana e meia depois do que ele pretendia, mas o tumulto que se seguira às explosões na GSP & L o havia mantido por demais ocupado. Medidas de seguran-

ça rigorosas, de cujo planejamento Nim participara, estavam agora em vigor na imensa sede da companhia. E também tivera mais trabalho em decorrência da necessidade crítica de um aumento de tarifas, que estava sendo examinado pela Comissão de Serviços Públicos.

Agradecendo o comentário sobre Fraser Fenton, Nim confessou:

— Foi um terrível choque, especialmente depois das mortes anteriores em La Mission. Estamos todos apavorados.

O que era absoluta verdade, pensou ele. Todos os executivos da companhia, inclusive o presidente, estavam insistindo em não chamar a atenção. Não queriam ser citados em notícias e se expor assim à atenção dos terroristas. J. Eric Humphrey dera ordens expressas para que seu nome não mais constasse dos comunicados oficiais da companhia ou de notícias para a imprensa. Recusava-se a receber jornalistas, a não ser para contatos informais. O endereço de sua casa fora retirado de todos os registros da companhia e era agora um segredo bem guardado... ou tão bem quanto se podiam ocultar tais coisas. O telefone da maioria dos principais dirigentes da companhia já não constava do catálogo. O presidente e diversos outros executivos dispunham ago-

ra de guarda-costas, sempre que estavam empenhados em qualquer atividade em que pudessem tornar-se alvo dos terroristas. O que incluía o golfe no fim de semana.

Nim era a exceção.

O presidente deixara bem claro que seu assessor direto continuaria a ser o porta-voz da GSP & L, e Nim passaria a representar a companhia em público ainda mais freqüentemente. O que o deixava, pensava Nim amargamente, na linha das balas. Ou melhor, na linha das bombas. . .

O presidente também aumentara o salário de Nim. Gratificação por risco de vida, achava ele, embora esperasse esse aumento havia muito tempo.

– Fraser estava a cinco meses da aposentadoria – informou ele a Laura Bo.

– O que torna a tragédia ainda mais triste. E como estão os outros?

– Uma secretária ferida nas explosões morreu esta manhã.

Nim a conhecia superficialmente. Trabalhava para a vice-presidente de finanças e tinha autorização para abrir toda a correspondência, inclusive a "pessoal e confidencial". O privilégio lhe custara a vida e salvara a de sua chefe, Sharlett Underhill, a quem estava endereçado o envelope mortífero. Du-

as das cinco bombas que tinham explodido haviam ferido diversas pessoas que estavam nas proximidades: um rapaz de dezoito anos, escriturário, perdera as mãos.

Um garçom trouxe os drinques, e Laura Bo determinou-lhe:

— As contas devem ser separadas. Inclusive a do almoço.

— Não se preocupe — comentou Nim, divertido. — Não pretendo suborná-la com a verba de representação da companhia.

— Não conseguiria, mesmo que tentasse. Mas, por uma questão de princípios, não aceito coisa alguma de alguém que possa querer tentar influenciar o Clube da Sequóia.

— Qualquer tentativa minha de influenciá-la será feita abertamente. Apenas achei que conversar durante o almoço era uma boa idéia.

— Estou disposta a ouvi-lo a qualquer momento que desejar, Nim. E sinto prazer em ter sua companhia durante o almoço. Mas nem por isso deixarei de pagar minhas despesas.

Haviam se conhecido anos antes, quando Nim estava em Stanford e Laura Bo fora para lá como professora convidada. Ela ficara impressionada com as perguntas objetivas de Nim. Ele, com a dis-

posição de Laura Bo em responder a elas francamente. Haviam mantido contato desde essa época, muito embora estivessem freqüentemente em campos opostos, respeitavam-se mutuamente e permaneciam amigos.

Nim tomou um gole do *bloody mary*.

— Estou querendo conversar basicamente sobre Tunipah. Mas também sobre nossos projetos para o Portão do Diabo e Fincastle.

— Era o que eu imaginava. Talvez possamos ganhar tempo, se eu lhe disser que o Clube da Sequóia pretende se opor a todos.

Nim já esperava. A declaração não o surpreendia. Pensou por um momento, escolhendo cuidadosamente as palavras:

— O que estou querendo que leve em consideração, Laura, é não apenas a Golden State Power & Light ou o Clube da Sequóia, ou até mesmo o meio ambiente, mas toda a situação. Talvez pudéssemos chamar de "valores básicos da civilização" ou "a vida que levamos". Mais acuradamente, poderíamos chamar de "expectativas mínimas".

— Para ser franca, penso muito a respeito disso.

— A maioria pensa. Mas, ultimamente, não se pensa o bastante... ou pelo menos de maneira objetiva e realista. Porque tudo o que se inclui sob esses

rótulos está correndo perigo. Não apenas uma parte, não apenas alguns fragmentos da vida como a conhecemos, mas tudo, simplesmente tudo. Todo o nosso sistema está correndo o perigo de desmoronar.

— Não é um argumento novo, Nim. Já o ouvi muitas vezes, geralmente numa frase mais ou menos assim: "Se esse projeto em particular, para construir isto ou aquilo, que irá poluir o meio ambiente, exatamente onde e como queremos, não for aprovado até amanhã, o mais tardar, então o desastre será imediato e inevitável".

Nim meneou a cabeça.

— Está recorrendo à dialética contra mim, Laura. Reconheço que tudo o que acabou de falar é frequentemente declarado ou insinuado. A própria Golden State tem sido culpada disso. Mas estou falando agora do problema global... e não se trata apenas de uma atitude, mas da realidade.

O garçom tornou a se aproximar e apresentou dois cardápios com um floreio. Laura Bo ignorou o dela.

— Quero uma salada de abacate, grapefruit e um copo de leite desnatado.

Nim devolveu seu cardápio.

— Vou querer a mesma coisa.

O garçom se afastou com uma expressão desapontada.

— O que parece impossível é que mais do que umas poucas pessoas percebem o efeito total quando se somam todas as mudanças e calamidades ocorridas em termos de recursos naturais, tanto as naturais como as políticas.

— Também acompanho o noticiário. — Laura Bo sorriu. — Será que perdi alguma coisa?

— Provavelmente não. Mas por acaso já fez a soma?

— Creio que sim. Mas estou querendo ouvir sua versão.

— Está certo. Número um: a América do Norte está quase sem gás natural. Restam apenas sete ou oito anos de reservas. E, mesmo que novas reservas sejam descobertas, o melhor que podemos esperar é atender aos consumidores já existentes. Não temos condições de servir a novos consumidores, nem agora nem mais tarde. Assim, para o consumo ilimitado, em larga escala, estamos chegando ao fim da linha. A solução seria a gaseificação das reservas de carvão. Mas a estupidez em Washington tem impedido esse programa. Concorda comigo até aqui?

— Claro. Mas se estamos ficando sem gás natural é porque as grandes companhias de serviços pú-

blicos, a sua e outras, puseram os lucros acima da preservação e esbanjaram um recurso que poderia ter durado pelo menos mais meio século.

Nim fez uma careta.

— Simplesmente procuramos atender à demanda do público. Mas isso não vem ao caso. Estou falando sobre os fatos do presente. A maneira como o gás natural foi consumido pertence à história e não se pode reparar isso. — Contando nos dedos, Nim apresentou o segundo ponto: — Agora, vamos ao petróleo. Ainda existem grandes reservas não exploradas. Mas, da maneira voraz como o mundo está consumindo petróleo, poderemos estar raspan-do o fundo dos poços ao final do século... que não está tão longe assim. Acrescente-se a isso o fato de todas as nações industrializadas do mundo livre estarem cada vez mais dependentes do petróleo importado, o que nos deixa sujeitos a qualquer pontapé no rabo que os árabes nos queiram dar, para fazer chantagem política e econômica.

Nim fez uma pausa longa, antes de acrescentar:

— É claro que deveríamos estar liquefazendo carvão, como os alemães fizeram na Segunda Guerra Mundial. Mas os políticos de Washington conseguem arrumar mais votos realizando audiências transmitidas pela televisão, nas quais se preocupam

apenas em crucificar as companhias de petróleo.

— Reconheço que você é bastante persuasivo, Nim. Já pensou em se candidatar a algum cargo público?

— Será que eu conseguiria conquistar a presidência do Clube da Sequóia?

— Provavelmente não.

— Mas já falei no gás natural e no petróleo. Vamos agora à energia nuclear.

Nim parou de falar, fitando-a atentamente, curioso. Ao ouvir a palavra "nuclear", o rosto de Laura Bo subitamente se contraía. Era o que sempre acontecia. Na Califórnia e em qualquer outro lugar, ela era uma inimiga veemente das usinas de energia nuclear; e suas opiniões eram ouvidas respeitosa-mente por causa de sua associação, durante a Segunda Guerra Mundial, com o Projeto Manhattan, que produzira as primeiras bombas atômicas.

Desviando o olhar, Nim comentou:

— Essa palavra ainda é terrível para você, não é mesmo?

— Creio que já devia saber que ainda vejo constantemente a nuvem em forma de cogumelo.

— Sei disso — respondeu ele, gentilmente. — Sei e acho que posso compreender.

— Duvido muito. Era ainda bastante jovem,

não se lembra direito do que aconteceu. E não estava envolvido, como eu.

Embora as palavras de Laura Bo fossem controladas, a agonia de tantos anos ainda fervilhava por baixo delas. Ela era uma jovem cientista atômica que se associara ao projeto da bomba seis meses antes de Hiroxima. Na ocasião, desejava ardentemente participar da história. Depois que a primeira bomba atômica fora lançada — nome em código, "Little Boy" (Garotinho) —, Laura Bo ficara horrorizada e indignada. Mas o que a deixara com um terrível sentimento de culpa fora o fato de não ter protestado, depois de Hiroxima, contra o lançamento da segunda bomba atômica — nome em código, "Fat Man" (Homem Gordo) — sobre Nagasáqui. É verdade que o intervalo entre os lançamentos das duas bombas fora de apenas três dias. E verdade também que nenhum protesto dela poderia impedir o lançamento da bomba em Nagasáqui, que matou ou mutilou oitenta mil pessoas, simplesmente — como muitos acreditavam — para satisfazer à curiosidade militar e científica. Mas, de qualquer forma, Laura Bo não protestara, o que acabara causando seu amargo sentimento de culpa.

Pensando em voz alta, ela disse:

— A segunda bomba não era necessária. Muito

pelo contrário. Os japoneses iam render-se de qualquer maneira depois de Hiroxima. Mas a "Fat Man" era uma bomba diferente da "Little Boy", e os responsáveis queriam experimentá-la para saber se funcionaria. O mais trágico é que ela funcionou.

— Tudo isso aconteceu há muito tempo, Laura. E não se pode deixar de formular a questão: o que ocorreu no passado deve ser motivo para se impedir hoje a construção de usinas nucleares?

— Para mim, as duas coisas são inseparáveis.

Nim deu de ombros. Tinha a impressão de que a presidente do Clube da Sequóia não era a única pessoa a se opor às usinas nucleares para expiar sentimentos de culpa pessoais ou coletivos. Mas, quer isso fosse verdadeiro ou falso, não fazia muita diferença agora.

— Há também — acrescentou Laura Bo — a questão do acidente de Three Mile Island. Espero que esse fato não esteja sendo esquecido.

— Não — disse Nim —, ninguém está se esquecendo disso, tanto de nosso lado quanto do seu. Mas eu gostaria de lembrá-la de que ali o desastre foi evitado, corrigiram-se erros e aprendeu-se a lição para ser aplicada em usinas nucleares.

— Evidentemente — comentou Laura Bo —, foi esse o argumento usado para tapear o povo antes

do acontecido em Three Mile Island.

— É verdade — Nim viu-se obrigado a admitir.

— Ninguém em sã consciência pode negá-lo. Porém, mesmo sem Three Mile Island, você e sua turma já tinham ganho a batalha nuclear. E a ganharam porque, enquanto protestavam e usavam artifícios legais destinados a atrasar o desenvolvimento e as experiências operacionais, conseguiram elevar tanto o custo das usinas nucleares, e tornaram tão indefinida a aprovação de qualquer projeto nuclear, que a maioria das companhias simplesmente não pode mais empenhar-se nesse campo. Ninguém pode correr o risco de esperar de cinco a dez anos, gastando dezenas de milhões de dólares nas providências preliminares, para depois o projeto ser rejeitado. — Nim fez uma pausa e depois acrescentou: — Por isso, em todos os estágios de planejamento precisamos de uma válvula de escape, de um caminho alternativo. Que é o carvão.

Laura Bo se serviu de uma parte da salada.

— O carvão e a poluição do ar estão sempre juntos. Qualquer usina que utilize carvão deve ficar situada num local onde não possa causar maiores danos.

— Foi justamente por isso que escolhemos Tunipah.

- Há razões ecológicas que tornam a escolha errada.

— E pode me dizer quais são?

— Determinadas espécies de plantas e de vida selvagem não são encontradas praticamente em qualquer outro lugar fora da área de Tunipah. O que estão querendo fazer lá iria pôr em risco essas espécies.

— Uma dessas espécies de plantas que ficariam em perigo é o paparraz?

— Exatamente.

Nim suspirou. Os rumores sobre o paparraz já tinham alcançado a GSP & L. Era uma erva rara, e chegara a se pensar que estivesse extinta, mas recentemente haviam sido descobertas novas áreas de cultura. No Maine, os defensores do meio ambiente haviam utilizado o paparraz para deter um projeto hidrelétrico já iniciado, no valor de seiscentos milhões de dólares.

— Tenho certeza de que já sabe, Laura, que os botânicos consideram que o paparraz não possui nenhum valor ecológico. E nem mesmo é uma planta bonita.

Laura Bo sorriu.

— É possível que arrumemos um botânico que tenha uma opinião diferente, para prestar depoi-

mento nas audiências públicas. E há também um outro habitante de Tunipah que não podemos deixar de levar em consideração: o microdipodops.

— E que diabo é isso?

— É um animal chamado às vezes de camundongo-canguru.

— Essa não! — Antes do encontro, Nim dissera a si mesmo que iria manter-se calmo e controlado, não importava o que pudesse acontecer. Mas descobria agora que não ia ser nada fácil manter sua resolução. — Quer dizer que um simples camundongo, um rato, vai servir para impedir a execução de um projeto que iria beneficiar milhões de pessoas?

Sem perder a serenidade, Laura Bo comentou:

— Espero que esses benefícios relativos sejam devidamente discutidos nos próximos meses.

— Pode estar certa de que serão mesmo! E imagino que irão apresentar objeções semelhantes aos projetos de Fincastle e do Portão do Diabo, embora ambos sejam do tipo mais limpo que o homem ou a natureza podem imaginar!

— Não deve estar esperando, Nim, que eu revele todos os nossos argumentos. Mas não tenha a menor dúvida de que são persuasivos e que iremos combater até o fim os dois projetos.

Num súbito impulso, Nim chamou um garçom

que passava.

— Traga outro bloody mary!

Ele indicou o copo de martíni vazio de Laura Bo, mas ela sacudiu a cabeça.

— Deixe-me perguntar-lhe uma coisa. — Nim manteve a voz sob controle, irritado consigo mesmo por ter deixado transparecer a raiva que sentia. — Onde poderiam ser construídas essas usinas?

— Esse não é realmente um problema meu, mas de vocês.

— Mas você não iria... ou melhor, o Clube da Sequóia não iria opor-se a qualquer projeto que apresentássemos, não fazendo a menor diferença o local para a construção da usina?

Laura Bo não respondeu, limitando-se a contrair os lábios.

— Há um outro fato a que ainda não me referi, Laura: o tempo. Os padrões climáticos estão mudando no mundo inteiro, tornando cada vez pior a perspectiva sobre a energia, especialmente elétrica. Os meteorologistas asseguram que vamos enfrentar vinte anos de clima mais frio e secas regionais. E já vimos os efeitos disso em meados da década de 70.

Houve um longo momento de silêncio entre os dois, preenchido pelos ruídos do restaurante e pelo murmúrio das conversas nas outras mesas. Depois,

Laura Bo Carmichael disse:

— Eu gostaria de esclarecer uma coisa: por que exatamente me convidou para encontrá-lo aqui hoje?

— Para fazer-lhe um apelo... e ao Clube da Sequóia... para que pensem no quadro geral e mode-rem a oposição contra nós.

— Já lhe ocorreu por acaso que nós dois podemos estar vendo quadros gerais diferentes?

— Se estamos, não deveríamos. Afinal, ambos vivemos no mesmo mundo. — Nim fez uma pausa e depois resolveu insistir: — Vamos voltar ao ponto em que comecei. Se nós... isto é, a Golden State Power... formos bloqueados em tudo, o resultado inevitável será catastrófico, dentro de dez anos ou menos. Haverá interrupções diárias no fornecimento de energia. E interrupções prolongadas. Isso significa o deslocamento de indústrias e o desemprego em massa, talvez de até cinqüenta por cento. As cidades virarão um caos. Poucas pessoas percebem o quanto dependemos da eletricidade. Mas não irão perceber... quando estiverem privadas de energia em larga escala. Nos campos, as colheitas sofrerão, por causa da deficiência na irrigação. A consequência será a escassez de alimentos, com os preços subindo astronomicamente. O povo ficará sem meios de so-

brevivência, passará fome. O impacto sobre a América será muito maior do que o da Guerra Civil. Fará com que a Depressão da década de 30 pareça uma brincadeira de criança. E tudo isso não é mero produto da imaginação, Laura! São os fatos, pura e simplesmente os fatos! Será que você e sua gente não se importam?

Nim tomou um gole do bloody mary que o garçom trouxera enquanto ela falava.

— Escutei tudo o que tinha a dizer — falou Laura Bo, a voz agora mais dura, menos amistosa do que no início do almoço. — Agora é sua vez e também vai me escutar com toda a atenção.

Ela empurrou o prato para o lado, tendo comido apenas a metade da salada.

— Só está pensando, Nim, assim como os outros iguais a você, a curto prazo. Os defensores do meio ambiente, entre os quais o Clube da Sequóia, estão olhando para o futuro a longo prazo. E o que tentamos deter, por todos os meios possíveis, são três séculos de espoliação deste planeta.

— Sob alguns aspectos, já conseguiram.

— Não diga bobagem! Mal fizemos alguma coisa, e o pouco que conseguimos poderá ser desfeito, se nos deixarmos levar pelas vozes do utilitarismo. Vozes como a sua.

— Só estou suplicando por um pouco de moderação.

— O que você chama de moderação eu considero um passo para trás. E dá-lo não vai ajudar a preservar este mundo como um lugar habitável.

Nim disse desdenhosamente, não mais se preocupando em disfarçar o que sentia:

— E acha mesmo que será habitável o mundo que acabei de descrever... com cada vez menos energia elétrica?

— Pode surpreender a todos nós tornando-se muito melhor do que imagina — respondeu Laura Bo, calmamente. — Mais importante do que tudo, porém, é que nós estaremos caminhando para o que a civilização deveria ser... com menos desperdício, menos opulência, muito menos ganância e padrões de vida menos materialistas, o que será ótimo para todos nós. — Ela fez uma pausa, como se avaliasse cuidadosamente o que ia dizer, antes de continuar: — Vivemos com a noção de que o progresso é bom, de que o maior é melhor e mais poderoso, e o povo foi submetido a uma lavagem cerebral e está piamente convencido de que isso é verdade. Idolatra-se o Produto Nacional Bruto e o pleno emprego, esquecendo-se o fato de que nos estão sufocando e envenenando. No que foi outrora "América, a Bela",

criamos um deserto horrendo e repulsivo de concreto, arrotando cinzas e ácidos para o que era outrora um ar puro, ao mesmo tempo que se destruía a vida natural... humana, animal e vegetal. Transformamos rios de águas limpas em esgotos fétidos, lagos aprazíveis em depósitos de lixo. Agora, juntamente com o resto do mundo, estamos emporcalhando o mar com produtos químicos e petróleo. E tudo isso acontece gradativamente, um pouco de cada vez. E quando se protesta contra os estragos, as pessoas de sua espécie suplicam por "moderação", alegando que "desta vez não vamos matar muitos peixes" ou "não vamos matar muita vegetação", "só vamos destruir um pouquinho mais de beleza". Pois algumas pessoas já viram isso acontecer por tempo demais e com uma freqüência excessiva para continuar a acreditar nessa mistificação. E o que estamos fazendo é nos dedicarmos a salvar alguma coisa do que restou. Porque achamos que existem coisas mais importantes neste mundo do que o PNB e o pleno-emprego. Uma delas é preservar um pouco da pureza e da beleza, além de assegurar uma parte dos recursos naturais para as gerações que ainda não nasceram, ao invés de se esbanjar tudo aqui e agora. São esses os motivos pelos quais o Clube da Sequóia vai combater os projetos de Tunipah, Por-

tão do Diabo e Fincastle. E posso dizer-lhe mais uma coisa: tenho quase certeza de que vamos vencer.

— Concordo com muita coisa que disse, Laura. E sabe disso, porque já conversamos a respeito antes. Mas o erro que está cometendo é ignorar todas as opiniões diferentes das suas, instituindo-se como Deus, Jesus, Maomé, Buda, tudo numa só pessoa. Integra um pequeno grupo que sabe o que é bom para o resto do mundo... ou pensa que sabe... e está predisposto a desconhecer os problemas práticos. E os outros que se danem, enquanto vocês fazem o que querem, como crianças mimadas. Ao final, podem destruir a todos nós.

Laura Bo Carmichael disse friamente:

— Creio que não temos mais nada a dizer um para o outro. — Chamou o garçom e acrescentou: — Por favor, traga as contas... separadas.

Ardythe Talbot seguiu na frente até a sala de estar de sua casa.

— Pensei que não fosse mais me procurar — comentou ela. — Se não o fizesse, eu é que iria procurá-lo, dentro de um ou dois dias.

— Tivemos muitos problemas e andei extremamente ocupado — explicou Nim. — Imagino que esteja a par de tudo o que tem acontecido.

A tarde ia chegando ao fim. Nim passara pela casa de Ardythe. como dissera a si mesmo, "a caminho de casa". No início da tarde, deprimido pelo encontro com Laura Bo Carmichael e culpando a si mesmo pelo antagonismo que se criara, tivera um súbito impulso e ligara para Ardythe. Como era de se esperar, ela se mostrara efusiva e cordial, confienciando:

— Tenho me sentido muito solitária e adoraria vê-lo. Por favor... passe aqui em casa depois do trabalho para tomarmos um drinque.

Mas ao chegar, poucos minutos antes, Nim logo percebeu que Ardythe estava pensando em algo mais do que um simples drinque. Cumprimentou-o com um abraço e um beijo que não deixavam qual-

quer dúvida quanto a suas intenções. Nim não tinha nenhuma objeção ao que provavelmente iria acontecer, mas ficaram conversando por algum tempo, enquanto tomavam os drinques.

— Será que o mundo inteiro ficou louco, Nim?

— Acho que sempre foi. A única diferença é que se nota mais quando as coisas começam a acontecer a nosso redor.

Hoje, pensou Nim, Ardythe parece muito melhor do que naquele dia trágico em que soube da morte de Walter, quase um mês antes. Naquele dia e no funeral, que fora a última ocasião em que Nim a vira, Ardythe parecia velha e cansada. Agora, porém, havia recuperado toda sua vitalidade e atração. O rosto, os braços e as pernas estavam bronzeados, e os contornos do corpo bem conservados, por baixo do vestido estampado e justo, fizeram com que Nim se recordasse do excitamento mútuo que os dominara na última vez em que ali estivera. Ele se lembrou de um livro que lhe caíra nas mãos havia alguns anos, *In praise of older women* (Em louvor das mulheres mais velhas). Embora não se lembrasse praticamente de mais nada além do título, tinha agora uma boa noção do que o autor tencionara transmitir.

— Walter achava que tudo o que acontecia no

mundo, guerras, bombardeios, poluição, tudo enfim, era uma parte necessária do equilíbrio da natureza. Alguma vez ele lhe falou sobre isso?

Nim sacudiu a cabeça. Apesar de ter sido amigo do engenheiro-chefe, geralmente só conversavam sobre coisas práticas, raramente sobre questões filosóficas.

— Geralmente, Walter guardava para si tais pensamentos — continuou Ardythe. — Mas costumava dizer: "As pessoas pensam que os seres humanos estão no controle do presente e do futuro, mas não é realmente o que acontece". Outra frase freqüente de Walter: "O aparente livre-arbítrio do homem é uma ilusão; a perversidade humana é simplesmente mais um instrumento do equilíbrio da natureza". Walter achava que até mesmo as guerras e as doenças tinham uma função na natureza: reduzir a população que a Terra não tem condições de suportar. Disse-me certo dia: "Os seres humanos são como os lemingues que se multiplicam excessivamente e depois correm até a beira de um penhasco para se matar. A única diferença é que os seres humanos se matam de maneira muito mais elaborada".

Nim estava aturdido. Embora as palavras de Ardythe não tivessem o mesmo sotaque escocês de

Walter Talbot, quase podia ouvir o eco sobrenatural do amigo, que sempre se expressava daquela maneira meio sardônica. Era muito estranho que Walter tivesse revelado tudo o que pensava a Ardythe, a quem Nim jamais considerara uma mulher interessada e profunda. Ou será que isso nada tinha de estranho? Talvez, raciocinou Nim, estivesse descobrindo uma intimidade conjugal que ele próprio jamais conhecera.

Perguntou-se como Laura Bo Carmichael reagiria diante da convicção de Walter de que a poluição do meio ambiente era uma parte necessária ao equilíbrio da natureza, um aspecto de algum plano superior que os homens só vagamente podiam perceber. Recordando-se em seguida de suas próprias dúvidas espirituais recentes, perguntou a Ardythe:

– Walter equiparava o equilíbrio da natureza a Deus?

– Não. Dizia sempre que isso era fácil demais, muito elementar. Afirmava que Deus era "uma criação dos homens, uma tábua de salvação a que se agarravam as mentes inferiores que tinham medo das trevas..."

Ardythe parou de falar. Nim percebeu que havia lágrimas escorrendo por suas faces. Ela as limpou e depois acrescentou:

— É o momento do dia em que mais sinto falta de Walter. Era sempre a esta hora que conversávamos.

Por um instante, houve um silêncio constrangedor entre os dois. Mas Ardythe logo disse, firmemente:

— Não, não vou ficar deprimida.

Ela estava sentada ao lado de Nim e se aproximou mais dele. Nim sentiu o perfume dela, o mesmo que tanto o excitara na última vez em que ali estivera. E Ardythe murmurou, sorrindo:

— Acho que toda essa conversa sobre natureza me afetou... — E um instante depois, quando se abraçaram, ela acrescentou: — Quero que faça amor comigo, Nim! Preciso de você mais do que nunca!

Nim a apertou com mais força ainda, enquanto se beijavam ardentemente. Os lábios de Ardythe estavam úmidos e sequiosos; ela suspirou de prazer, recordando a ocasião anterior, quando as mãos começaram a se explorar mutuamente. O próprio desejo de Nim, sempre à flor da pele, manifestou-se com tal violência e urgência que ele teve de adverti-la, com um sussurro:

— Mais devagar! Espere um pouco!

E Ardythe murmurou em resposta:

— Vamos para meu quarto. Será melhor lá.

Nim sentiu que ela estava tremendamente excitada. Ardythe se levantou, ele a seguiu.

Subiram a escada. Exceto pelo barulho dos passos, a casa estava totalmente silenciosa. O quarto de Ardythe ficava no final de um corredor pequeno, cuja porta estava aberta. Lá dentro, Nim viu que a colcha e o lençol já haviam sido puxados. Era óbvio que Ardythe preparara tudo antes da chegada dele. Nim lembrou-se de ter ouvido certa vez que Ardythe e Walter dormiam em quartos separados. Embora não mais perturbado pelas inibições de um mês atrás, Nim se sentiu satisfeito por saber que não iriam fazer amor na cama de Walter.

Ajudou Ardythe a tirar o vestido justo que tanto admirara antes, e depois despiu-se rapidamente. Deitaram na cama, macia e aconchegante. Nim murmurou, satisfeito:

— Você tinha razão. É muito melhor aqui.

Foram vencidos logo pela impaciência. Ao penetrá-la, Nim arremessou o corpo para a frente e gritou de alegria.

Minutos depois, a paixão consumida, ficaram deitados lado a lado, abraçados. Nim pensou em algo que ouvira certa ocasião: que o ato sexual deixava alguns homens esgotados e deprimidos, perguntando-se por que se haviam dado ao trabalho que o

precedera. Mas não era o que acontecia com ele. Mais uma vez, como sempre, sentia-se revigorado e animado. Ardythe disse suavemente:

— Você é um homem terno e maravilhoso. Há alguma possibilidade de passar a noite aqui?

Nim sacudiu a cabeça.

— Não desta vez.

— Acho que não deveria nem ter perguntado.

— Ardythe passou um dedo pelo rosto dele, acompanhando o contorno da boca. — Prometo que não serei muito voraz. E também não vou incomodá-lo, Nim. Só peço que apareça de vez em quando, sempre que puder.

Nim prometeu, mesmo sem saber como conseguiria, em meio às pressões e complicações que iam aumentando a cada dia que passava. Enquanto se vestiam, Ardythe disse:

— Andei examinando os papéis de Walter e há alguns que gostaria de entregar a você. São documentos que ele trouxe do escritório. Acho que devem ser devolvidos.

— Tem toda razão. Pode deixar que os levarei.

Ardythe mostrou-lhe onde estavam os papéis, em três caixas de papelão grandes, no que fora outrora o gabinete de trabalho de Walter em casa. Nim abriu duas caixas e verificou que continham rela-

tórios e cartas. Deu uma olhada em algumas, enquanto Ardythe estava na cozinha, fazendo café. Ele recusara outro drinque.

Os papéis pareciam estar relacionados com assuntos aos quais Walter dedicara um interesse especial. Muitos datavam de diversos anos e já não tinham nenhum interesse. Havia diversas cópias do relatório original de Walter sobre desvio de eletricidade e gás, assim como da correspondência posterior a respeito. Na ocasião, Nim recordava-se, o relatório tivera grande repercussão e circulara muito além dos limites da GSP & L. Em decorrência disso, Walter assumira o papel de especialista. Houvera até mesmo um caso levado a julgamento no leste para o qual ele fora convocado como testemunha técnica, parte de seu relatório constando dos autos. A seguir, o caso fora entregue a instâncias superiores, sempre acompanhado pelo relatório de Walter. Nim esquecera o resultado final, embora isso não tivesse qualquer importância agora, pensou ele.

Nim examinou mais alguns papéis, depois tornou a guardá-los nas caixas, fechando-as. Deixou-as no vestíbulo, a fim de não esquecer de levá-las para o carro quando fosse embora.

A terra vibrava. Um rugido estrondoso, como o de vários aviões a jato decolando ao mesmo tempo, rompeu o quase silêncio. Um jato de vapor disparou violentamente para o céu. Instintivamente, os membros do pequeno grupo reunidos numa colina próxima levaram as mãos aos ouvidos, num gesto de proteção. Uns poucos pareciam assustados.

Teresa van Buren, tirando as mãos dos ouvidos por um momento, gesticulou e gritou, sugerindo que todos voltassem para o ônibus fretado, no qual tinham vindo. Ninguém conseguiu ouvir os gritos, mas o recado era claro. Os vinte e tantos homens e mulheres encaminharam-se apressadamente para o ônibus, estacionado a uns cinquenta metros de distância.

Dentro do ônibus, equipado com ar condicionado, com todas as janelas e portas fechadas, o barulho não era tão intenso.

— Santo Deus! — exclamou um dos homens. — Foi um truque sujo! Se eu tivesse ficado surdo, juro que processaria essa maldita companhia!

Teresa van Buren perguntou-lhe:

— O que foi mesmo que disse?

— Falei que poderia ter ficado surdo e...

— Já sei. Entendi tudo na primeira vez em que falou. Só queria ter certeza de que não ficou surdo.

Alguns riram. A vice-presidente de relações públicas da GSP & L acrescentou para o grupo de repórteres convidados à excursão:

— Juro que não tinha a menor idéia do que iria acontecer. Mas do jeito que aconteceu, simplesmente contamos com muita sorte. Porque vocês tiveram o privilégio de ver um novo poço geotérmico entrando em funcionamento.

Teresa falava com o entusiasmo de um prospector de petróleo que tivesse acabado de encontrar um novo poço no Texas.

Pelas janelas do ônibus ainda parado, todos olharam para o equipamento de perfuração que estavam observando quando ocorreu a erupção imprevista. Aparentemente, era a mesma torre de perfuração usada nos campos petrolíferos. De fato, podia ser convertida para a exploração de petróleo a qualquer momento. Como Teresa van Buren, os técnicos experientes reunidos em torno da torre também estavam radiantes.

Não muito longe, havia outros poços geotérmicos, e o vapor natural pressurizado estava sendo desviado para imensos canos. Uma rede de canos,

cobrindo vários quilômetros quadrados, como o pesadelo de um encanador, levava o vapor aos turbo-geradores, numa dúzia de construções separadas, sóbrias e quadradas, em pequenas elevações e ravinas. A potência total dos geradores instalados era, no momento, superior a setecentos mil quilowatts, mais do que suficiente para abastecer uma grande cidade. O novo poço iria aumentar ainda mais a potência instalada.

Dentro do ônibus, Teresa viu o cameraman de TV ocupado em trocar os filmes do equipamento.

— Conseguiu filmar a erupção?

— Mas claro!

Ao contrário do repórter que se queixava, representante de alguns pequenos jornais do interior, o homem da televisão parecia extremamente satisfeito com a inesperada ocorrência. Terminou de trocar o filme e disse:

— Peça ao motorista para abrir a porta, Tess. Quero filmar de outro ângulo.

No momento em que ele saiu do ônibus, foi envolvido por um cheiro intenso de sulfeto de hidrogênio, semelhante ao de ovos podres.

— Mas que fedor! — exclamou Nancy Molineaux, do Califórnia Examiner, contraindo as delicadas narinas.

— Nos centros de tratamento de saúde da Europa você teria de pagar para respirar essa porcaria — comentou um repórter de meia-idade, do Los Angeles Times.

— E se você resolver publicar essa declaração — assegurou-lhe Teresa —, vamos mandar gravá-la em pedra e faremos uma reverência a ela duas vezes por dia.

O grupo de jornalistas partira da cidade no início daquela manhã e estava agora nas montanhas escarpadas do condado de Sevilla, Califórnia, onde se encontravam as usinas geradoras geotérmicas da Golden State Power. Iriam em seguida para o vale de Fincastle, ali perto, onde a companhia projetava instalar um novo complexo gerador geotérmico. No dia seguinte, o mesmo grupo visitaria uma usina hidrelétrica e o local previsto para a construção de outra.

Ambos os projetos estariam em breve sendo discutidos em audiências públicas. A excursão de dois dias era uma pré-estréia para a imprensa.

— Vou contar uma coisa a respeito desse cheiro — continuou a vice-presidente de relações públicas. — O sulfeto de hidrogênio está presente no vapor em pequena quantidade, não o suficiente para se tornar tóxico. Recebemos algumas queixas... princi-

palmente de agentes imobiliários que desejam vender terrenos nestas montanhas para a construção de casas de campo. Mas a verdade é que o cheiro sempre existiu por aqui, porque o vapor escapava pelo solo, muito antes de começarmos a controlá-lo para gerar eletricidade. E há mais: os velhos moradores da região garantem que o cheiro não é pior do que antes.

— Pode provar isso? — indagou um repórter do Mercury, de San José.

Teresa sacudiu a cabeça.

— Infelizmente, ninguém teve a previsão de recolher uma amostra do ar antes de as perfurações começarem. Por isso, jamais poderemos comparar o "antes" com o "depois", e ficamos sem poder responder objetivamente às críticas.

— Que provavelmente são procedentes — comentou com um riso sardônico o representante do Mercury. — Todo mundo sabe que uma grande corporação como a Golden State Power de vez em quando distorce um pouco a verdade.

— Vou encarar o comentário como uma piada — respondeu Teresa. — Mas uma coisa é certa: sempre procuramos atender às exigências dos críticos.

Uma outra voz disse, ceticamente:

— Dê um exemplo.

— Há um bem aqui, relacionado com o cheiro. Por causa das objeções de que lhes falei, recentemente instalamos duas usinas no alto de elevações, onde há fortes correntes de ar que dissipam rapidamente todos os odores.

— E o que aconteceu? — perguntou Nancy Molineaux.

— Houve ainda mais queixas do que antes... dos defensores do meio ambiente. Diziam que estávamos estragando a linha do horizonte.

Houve algumas risadas, e uns poucos repórteres anotaram o fato. Teresa continuou:

— Tivemos recentemente outro caso em que atendemos às exigências de alguns críticos e incorremos na ira de outras pessoas. A GSP & L preparou um filme sobre o sistema gerador geotérmico. O roteiro começava com uma cena de um caçador chamado William Elliott, que descobriu este lugar em 1847. Ele atirava num urso-pardo e depois levantava a cabeça da mira do rifle para ver um jato de vapor saindo do solo. Pois alguns defensores da vida selvagem leram o roteiro e disseram que não deveríamos mostrar o urso-pardo sendo abatido, pois tais animais estão hoje protegidos. O roteiro foi refeito. No filme, o caçador erra o tiro. E o urso-pardo

escapa.

O repórter de uma emissora de rádio, com o gravador ligado, indagou:

— E qual foi o problema?

— Os descendentes de William Elliott nos ameaçaram com um processo. Disseram que seu antepassado fora um caçador famoso e um exímio atirador. Jamais teria errado o urso-pardo. Assim, o filme denegria a reputação dele... e da família.

— Estou lembrado deste caso — comentou o homem do Los Angeles Times.

Teresa acrescentou:

— O que estou querendo mostrar é o seguinte: o que quer que façamos, como uma companhia de serviço público, podemos estar certos de que sere-
mos atacados de um lado ou de outro, às vezes de ambos.

— Gostaria que começássemos a chorar agora?

— indagou Nancy Molineaux. — Ou prefere que deixemos para mais tarde?

O cameraman da TV bateu na porta e entrou no ônibus.

— Se todo mundo já está pronto, podemos ir almoçar — disse Teresa. Como todos concordaram, ela se virou para o motorista e acrescentou: — Vamos embora.

Um repórter da revista New West perguntou:

— Vai haver drinques, Tess?

— Talvez... se todo mundo concordar em não registrar o fato. — Ela correu os olhos ao redor e, um a um, todos estavam de acordo. — Neste caso... podemos tomar uns drinques antes do almoço.

Dois ou três repórteres soltaram vivas.

Por trás do diálogo, havia uma história recente.

Dois anos antes, a GSP & L se mostrara extremamente generosa no fornecimento de bebidas e comida em uma excursão semelhante da imprensa. Os repórteres haviam comido e bebido com prazer e depois alguns haviam declarado em seus veículos que era um momento inoportuno para a GSP & L receber tão suntuosamente seus convidados, numa ocasião em que as contas de eletricidade e gás eram cada vez mais altas. Em conseqüência, a comida que atualmente se oferecia à imprensa era deliberadamente modesta e não se forneciam drinques, a menos que os repórteres assumissem o compromisso de que isso não seria noticiado.

O esquema dera certo. A imprensa podia criticar tudo o mais, porém ninguém falava da maneira como fora recebido e alimentado.

O ônibus percorreu quase dois quilômetros dentro do campo geotérmico, por estradas estreitas,

irregulares, serpenteando através de poços abertos, instalações geradoras e o onipresente labirinto de canos de vapor, zumbindo constantemente. Havia poucos veículos além daquele na área. Por causa do perigo de um escapamento de vapor escaldante, o público não tinha acesso à área, e todos os visitantes eram devidamente acompanhados por funcionários da companhia.

Em determinado ponto, o ônibus passou por uma gigantesca estação transformadora. Dali, linhas de transmissão de alta voltagem, estendidas em torres, transmitiam a energia através das montanhas para duas subestações a sessenta e cinco quilômetros de distância, onde era ligada ao sistema geral da Golden State Power & Light.

Num pequeno platô asfaltado, estavam parados diversos trailers, que serviam como escritórios e como alojamentos para as equipes que trabalhavam no local. O ônibus parou ao lado deles. Teresa van Buren entrou num dos trailers, com algumas mesas postas, seguida pelos jornalistas. Lá dentro, ela disse a um garçom de paletó branco:

— Muito bem, pode abrir a jaula do tigre.

Ele tirou uma chave do bolso e abriu um armário, expondo diversas garrafas de uísque, vinhos e outras bebidas. Um momento depois foi trazido um

balde de gelo, e a vice-presidente de relações públicas disse a todos:

– Sirvam-se à vontade!

A maioria já estava no segundo drinque quando se ouviu o barulho de um motor lá fora, cada vez mais intenso. Pelas janelas do trailer, diversas pessoas ficaram observando um pequeno helicóptero descer. Tinha as cores laranja e branca e trazia o logotipo da GSP & L. Pousou perto do trailer, e os rotores foram diminuindo gradativamente, até pararem de todo. Uma porta se abriu, e Nim Goldman saltou.

Momentos depois, Nim juntou-se ao grupo dentro do trailer. Teresa van Buren anunciou:

– Creio que a maioria já conhece o sr. Goldman. Ele veio até aqui para responder a todas as perguntas que desejarem fazer.

– Vou fazer a primeira pergunta! — disse, jovialmente, um correspondente de TV. — Aceita um drinque?

Nim sorriu.

– Obrigado. Vou tomar vodca com água tônica.

– Ei, mas que cara importante, para vir de helicóptero enquanto nós tivemos de vir aos solavancos num ônibus! — comentou Nancy Molineaux.

Nim fitou cautelosamente a jovem negra e atraente. Recordava-se perfeitamente do encontro anterior entre os dois, do atrito que ocorrera. Lembrava também que Teresa van Buren declarara que Nancy Molineaux era uma jornalista de primeira qualidade. Nim achava, no entanto, que ela continuava a ser uma impertinente.

— Se alguém está interessado — disse ele —, estive ocupado com outro problema esta manhã e foi por isso que tive de vir mais tarde, de helicóptero.

Mas Nancy Molineaux não era de desistir facilmente.

— Todos os executivos da companhia andam de helicóptero quando estão com vontade?

Teresa van Buren interveio na conversa, dizendo rispidamente:

— Sabe muito bem que isso não acontece, Nancy.

Nim acrescentou:

— A companhia possui e opera meia dúzia de pequenos aparelhos aéreos, inclusive dois helicópteros. São utilizados principalmente para patrulhar linhas de transmissão, verificar as nevascas nas montanhas, transportar suprimentos urgentes e outras emergências. Ocasionalmente... só muito raramen-

te... tais aparelhos podem transportar um executivo da companhia, se o motivo for bastante importante. E me disseram que este encontro era importante.

— Está por acaso insinuando que agora já não tem mais certeza?

— Já que faz questão de perguntar, srta. Molineaux — respondeu Nim, friamente —, reconheço que agora tenho minhas dúvidas.

— Ei, pare com isso, Nancy! — gritou uma voz, dos fundos do trailer. — Não estamos interessados nisso!

Nancy Molineaux virou-se bruscamente na direção dos colegas.

— Pois eu estou! Sempre me interesso pela maneira como o dinheiro do povo é esbanjado! E, se não estão interessados, deveriam estar!

— O propósito de nossa presença aqui — recordou Teresa van Buren — é mostrar-lhes nossas instalações geotérmicas e falarmos sobre...

— Não! — interrompeu-a Nancy Molineaux, bruscamente. — Esse é seu propósito. A imprensa decide quais são seus próprios objetivos, que podem incluir os seus, mas também abrangem tudo o mais que por acaso possamos ver e ouvir e sobre o qual resolvamos escrever.

— É claro que ela esta certa. — O comentário

era de um homem de modos afáveis, óculos sem aros, representante do Bee, de Sacramento.

Tomando um gole de vodca com água tônica, Nim disse a Teresa van Buren:

— Tess, acabei de chegar à conclusão de que prefiro meu trabalho ao seu.

Diversos jornalistas riram, enquanto a vice-presidente de relações públicas dava de ombros.

— Se já acabaram com essa droga — disse Nancy Molineaux —, eu gostaria de saber o preço de compra daquela batedeira de luxo lá fora e quanto custa por hora para operá-la.

— Vou verificar — respondeu Teresa van Buren. — Se os dados forem disponíveis e decidirmos divulgá-los, eu lhe informarei amanhã. Mas, se decidirmos que isso é assunto interno da companhia, eu lhe direi que não é de sua conta!

— Nesse caso — declarou Nancy Molineaux, imperturbável —, encontrarei outro meio de descobrir.

A comida foi trazida nesse momento, uma imensa travessa de bolos de carne e, em pratos grandes de barro, purê de batatas e abobrinha. Duas tigelas de louça continham um molho fumegante.

— Sirvam-se! — convidou Teresa van Buren. — É comida de operário, mas serve perfeitamente para

os gourmands!

A medida que o grupo passou a se servir — os apetites aguçados pelo ar das montanhas —, as tensões de um momento antes se desvaneceram. Assim que todos acabaram de comer, foram servidas tortas de maçã, acompanhadas por um latão de sorvete de creme e diversos bules de café.

— Estou satisfeito — anunciou finalmente o representante do Los Angeles Times. Ele se recostou na cadeira, afagou a barriga e suspirou, antes de acrescentar: — É melhor começar logo a vender seu peixe, Tess, enquanto ainda estamos acordados.

O homem da TV, que servira o drinque para Nim, perguntou-lhe:

— Esses gêiseres vão durar por quanto tempo?

Nim, que comera pouco, tomou um último gole do café, puro, sem açúcar, depois empurrou a xícara para o lado.

— Antes de responder, eu gostaria de esclarecer um ponto. O que temos aqui são fumarolas e não gêiseres. Os gêiseres expõem água fervente junto com o vapor, ao passo que as fumarolas expõem apenas vapor, o que é muito melhor para acionar as turbinas. Quanto à duração desse vapor, a resposta verdadeira é simples: ninguém sabe. Podemos apenas fazer suposições.

— Pois então dê seu palpite — disse Nancy Molineaux.

— Um mínimo de trinta anos. Talvez o dobro, talvez até mais.

O representante do New West interveio:

— Diga-nos que diabo está acontecendo nesta chaleira maluca.

Nim respondeu:

— A Terra foi outrora uma massa fundida... gasosa e líquida. Quando esfriou, formou-se uma crosta, sobre a qual estamos agora vivendo. Lá dentro, no entanto, trinta quilômetros abaixo da superfície, continua tão quente quanto antes. Esse calor residual expelle vapor através de trechos mais finos da crosta. Como aqui.

O repórter do Bee, de Sacramento, perguntou:

— E esse fino representa o quê?

— Estamos provavelmente, neste ponto, a oito quilômetros acima da massa quente. Nesses oito quilômetros, há falhas na estrutura, nas quais o vapor se acumulou. Quando perfuramos um poço, procuramos atingir uma dessas falhas em que há vapor acumulado.

— Quantas outras áreas como esta produzem eletricidade?

— Bem poucas. A mais antiga usina geradora

geotérmica fica na Itália, perto de Florença. Há outra na Nova Zelândia, em Waira-kei, e outras no Japão, Islândia e Rússia. Mas nenhuma é tão grande quanto a da Califórnia.

— Mas o potencial é muito maior do que foi até agora aproveitado — interveio Teresa van Buren. — Especialmente neste país.

O representante do Tribune, de Oakland, perguntou:

— Exatamente onde?

— Praticamente por toda a região ocidental dos Estados Unidos — respondeu Nim. — Das Montanhas Rochosas até o Pacífico.

— Além disso, trata-se de uma das formas mais limpas, seguras e não-poluidoras de se gerar energia — acrescentou Teresa van Buren. — E ainda relativamente barata, tendo em vista os custos atuais.

— Vocês dois têm uma conversa macia que é quase irresistível — comentou Nancy Molineaux. — Mas quero fazer duas perguntas. Vamos à primeira. Tess falou que é uma forma segura de obter energia. Mas tem havido acidentes aqui, não é mesmo?

— Sim — admitiu Nim. — Houve dois acidentes graves, com um intervalo de três anos. As tampas de poços já perfurados explodiram. Ou seja, o vapor escapou inteiramente ao controle. Consegui-

mos fechar novamente um deles. O outro, o que chamamos de Velho Desesperado, jamais foi inteiramente dominado. Ainda podem vê-lo.

Todos os repórteres estavam agora prestando extrema atenção, escrevendo rapidamente ou com os gravadores ligados. Nim foi até uma janela do trailer e apontou para uma área cercada, a meio quilômetro de distância. Dentro da cerca, o vapor subia esporadicamente em meia dúzia de pontos, através da lama borbulhante. Do lado de fora, imensos cartazes vermelhos alertavam: PERIGO INTENSO – MANTENHA-SE AFASTADO. Os repórteres se levantaram para dar uma espiada e depois voltaram a seus lugares.

— Quando o Velho Desesperado explodiu — continuou Nim —, choveu lama quente por quase dois quilômetros ao redor, com pedras caindo como granizo. Os danos foram consideráveis. Caiu lama nas linhas de transmissão e nos transformadores, provocando curtos-circuitos, deixando-nos fora de ação por uma semana. Felizmente, aconteceu numa noite em que poucas pessoas estavam de serviço aqui e houve apenas dois feridos, nenhuma morte. A segunda explosão, em outro poço, foi menos grave. Não houve nenhum ferido.

— O Velho Desesperado pode explodir nova-

mente? — indagou o representante de pequenos jornais do interior.

— Acreditamos que isso não acontecerá. Mas, como tudo o mais que se refere à natureza, não há nenhuma garantia.

— A verdade é que houve mesmo acidentes — insistiu Nancy Molineaux.

— Acidentes acontecem em toda parte — respondeu Nim, muito tenso. — O que Tess falou é verdade: podemos considerar que é seguro quando a incidência de acidentes é muito baixa. Qual é sua segunda pergunta?

— Supondo que tudo o que vocês disseram é verdade, por que não se criaram mais usinas geotérmicas?

— Essa é fácil de responder — disse o homem do New West. Aposto como eles vão culpar os defensores do meio ambiente.

Nim reagiu com alguma rispidez:

— Está completamente enganado! A Golden State Power já teve suas divergências com os defensores do meio ambiente e provavelmente terá ainda muitas outras. Mas os recursos geotérmicos ainda não foram explorados mais depressa por causa dos políticos. Mais especificamente, por culpa do Congresso dos Estados Unidos.

Teresa van Buren lançou um olhar de advertência para Nim, que o ignorou.

— Espere um instante! — gritou um dos correspondentes da televisão. — Quero registrar essa declaração em filme. Pode repetir lá fora?

— Não há problema.

— Ei, primeiro vai ter de falar para nós, repórteres de verdade! — protestou o representante do Tribune, de Oakland. — Deixe esse negócio de televisão para depois e continue a falar!

Nim concordou.

— A maior parte das terras, cujo potencial geotérmico há muito já deveria estar sendo explorado, pertence ao governo federal.

— Em que Estados? — perguntou alguém.

— Oregon, Idaho, Montana, Nevada, Utah, Colorado, Arizona, Novo México. E diversos outros locais na Califórnia.

Outra voz recomendou:

— Continue!

As cabeças estavam abaixadas, as canetas esferográficas deslizavam sobre o papel. Nim prosseguiu:

— Foram necessários dez anos de conversas, desconversas e protelações no Congresso para que fosse aprovada a legislação que autorizava o arren-

damento das terras públicas com potencial geotérmico. Depois, houve mais três anos de espera, enquanto eram deliberados os padrões e regulamentos de proteção ao meio ambiente que deveriam ser observados na exploração. E mesmo agora, depois de tudo pronto, poucos arrendamentos já foram aprovados. Cerca de noventa por cento dos pedidos estão engavetados no limbo burocrático.

O representante do Mercury interveio:

— Está querendo dizer que, durante todo esse tempo, nossos patrióticos políticos estavam recomendando ao povo para poupar energia, pagar impostos e preços mais altos para o combustível e ser menos dependente do petróleo importado?

O repórter do Los Angeles Times resmungou:

— Vamos deixá-lo dizer isso diretamente. Quero uma citação textual.

— Pois já a tem. Endosso as palavras que acabaram de ser pronunciadas.

Teresa van Buren interveio nesse momento, dizendo firmemente:

— Já chega! Vamos falar agora sobre Fincastle, para onde iremos assim que terminarmos aqui.

Nim sorriu.

— Tess sempre tenta evitar encrencas para

mim, mas nem sempre consegue. De passagem, gostaria de acrescentar uma informação- o helicóptero vai voltar daqui a pouco. Ficarei com vocês até amanhã Muito bem, vamos a Fincastle. — Nim tirou um mapa de sua pasta e o pregou num quadro de avisos no trailer. — Fincastle, como podem ver no mapa, é formado por dois vales, a leste daqui. É uma área desabitada, e sabemos que possui um grande potencial geotérmico. Os geólogos já chegaram à conclusão de que as perspectivas são excepcionais, que provavelmente se poderá obter duas vezes mais energia elétrica do que a gerada aqui. As audiências públicas sobre o projeto de Fincastle serão iniciadas em breve.

Teresa van Buren perguntou:

— Posso falar?

Nim deu um passo para trás e ficou esperando.

— Gostaria de deixar algo bem claro — declarou a vice-presidente de relações públicas. — Não estamos tentando convertê-los ou atenuar a oposição. Queremos simplesmente que compreendam tudo o que está em jogo, e onde. Obrigada, Nim.

Ele disse prontamente:

— Uma informação sobre Fincastle... e sobre o Portão do Diabo, que visitaremos amanhã: esses projetos representam um verdadeiro Niagara de pe-

tróleo árabe que os Estados Unidos não terão mais de importar. Neste momento, nossas instalações geotérmicas estão poupando dez milhões de barris de petróleo por ano. Podemos triplicar isso, se...

E a entrevista continuou, com informações e perguntas, entremeadas de gracejos.

O envelope azul-claro continha nome e endereço datilografados, que começavam assim:

ILMO. SR. NIMROD GOLDMAN – PESSOAL.

Um bilhete da secretária de Nim, Vicki Davis, estava anexado ao envelope:

O sr. London já submeteu esta carta ao detector de metal. Diz que pode abri-la sem nenhuma preocupação.

O bilhete de Vicki era satisfatório por dois motivos: indicava que toda correspondência que chegava à sede da GSP & L como pessoal" (ou também "confidencial", como as recentes cartas-bombas) estava sendo tratada cautelosamente e que já haviam começado a usar o detector de metal recentemente instalado.

Havia algo mais que Nim também já percebera: desde o dia terrível em que Harry London salvara sua vida e a de Vicki Davis, London parecia ter assumido voluntariamente o papel de protetor permanente de Nim. Vicki, que passara a encarar o che-

fe do Departamento de Proteção à Propriedade com um sentimento próximo da veneração, cooperava ao máximo, enviando a London, com toda a antecedência possível, a programação das reuniões e deslocamentos de Nim. Este só soubera de tais providências por acaso e hesitava entre sentir-se grato, irritado ou divertido.

De qualquer forma, pensou ele, estava agora muito longe da vigilância de Harry.

Nim, Teresa van Buren e os representantes da imprensa haviam passado a noite num posto avançado da Golden State Power, o acampamento do Portão do Diabo, onde chegaram de ônibus, procedentes de Fincastle. Fora uma viagem de quatro horas, em parte através do cenário espetacular da Floresta Nacional de Plumas.

O acampamento ficava a cinquenta quilômetros do povoado mais próximo e estava situado entre montanhas escarpadas. Compreendia meia dúzia de casas pertencentes à companhia para os engenheiros residentes, os capatazes e suas famílias, uma pequena escola, agora fechada para as férias de verão, e dois alojamentos ao estilo de motel, um para os empregados da GSP & L e outro para visitantes. Por cima, passavam linhas de transmissão de alta-tensão, presas em torres de aço, lembrando sempre

o motivo da presença daquela pequena comunidade ali.

O pessoal da imprensa fora dividido por sexo e depois acomodado no alojamento para visitantes, quatro pessoas em cada quarto, simples mas confortável. Houvera algumas queixas por causa da disposição de quatro pessoas por quarto, pois isso evitava a prática de algumas relações mais íntimas.

Nim ocupara um quarto sozinho, no alojamento para empregados da companhia. Após o jantar, na noite anterior, ficou bebendo com alguns jornalistas e participou de um jogo de pôquer durante duas horas. Finalmente, pediu licença e foi se deitar, pouco antes da meia-noite. Despertou naquela manhã revigorado, e estava pronto para o café, que começaria a ser servido dentro de alguns minutos, às sete e meia.

Na varanda do alojamento dos empregados, respirando o ar fresco da manhã, Nim examinou atentamente o envelope azul.

Fora trazido por um mensageiro da companhia. Ele viajava durante a noite como um moderno Paul Revere levando a correspondência para o Portão do Diabo e outros pontos avançados da GSP & L. Isso fazia parte de um sistema de comunicações internas, de forma que a carta para Nim não representava

uma carga extra. Mesmo assim, pensou ele, irritado, se Nancy Molineaux soubesse que uma carta pessoal lhe fora encaminhada daquela maneira, teria outro motivo para destilar seu veneno. Felizmente, ela não tomaria conhecimento.

A recordação desagradável de Nancy Molineaux fora provocada por Teresa van Buren. Ao entregar a carta a Nim, minutos antes, Tess informou que também recebera uma mensagem, com as informações que pedira, no dia anterior, sobre os custos do helicóptero. Nim ficou indignado e protestou:

— Vai realmente ajudar aquela vagabunda a nos crucificar?

— Chamá-la de vagabunda e outras coisas não vai adiantar nada disse Tess, pacientemente. — Há ocasiões em que os executivos como você não entendem absolutamente o que sejam relações públicas.

— Se isso é um exemplo, então você está absolutamente certa!

— Não podemos ganhar sempre, Nim. Reconheço que ontem fiquei profundamente irritada com Nancy. Mas pensei no caso e cheguei a conclusão de que ela vai escrever sobre o helicóptero, seja qual for nossa reação. Assim, é melhor que tenha as informações corretas, pois, se for indagar em outra

parte ou se basear nas estimativas de alguém, podemos estar certos de que os números serão exagerados. Outra coisa: estou sendo franca agora com Nancy e ela sabe disso. No futuro, quando aparecer algo mais importante, ela confiará em mim e talvez possamos tirar um proveito muito maior.

Nim comentou, sarcasticamente:

— Mal posso esperar pelo momento em que aquela língua venenosa escreverá algo favorável a nosso respeito.

— Voltaremos a nos encontrar no café da manhã, Nim. E faça um favor a si mesmo: trate de se acalmar.

Mas Nim não conseguira se controlar. Ainda estava fervendo interiormente, quando abriu o envelope azul.

Dentro, havia uma única folha de papel, azul-claro como o envelope. No alto, estava impresso: De Karen Sloan.

Subitamente, ele se recordou do que Karen dissera: "Costumo escrever poesias. Gostaria que eu lhe mandasse algumas?" E ele respondera que sim.

As palavras estavam impecavelmente datilografadas:

Hoje encontrei um amigo

Ou talvez ele me tenha encontrado
Ou talvez fosse o destino, acaso, circunstâncias...

Predestinação, qualquer que seja o nome.
Seremos como estrelas anãs cujas órbitas
Projetadas no início dos tempos
No devido momento
Se encontram?
Nunca iremos saber,
Mas não importa! Pois o instinto me diz
Que nossa amizade, alimentada,
Irá tornar-se cada vez mais forte.
E muito gosto dele;
Seu jeito tranqüilo, simpatia,
O espírito alegre, inteligência,
Um rosto franco, olhos bondosos, sorriso fácil.
'Amigo' não é fácil definir. E, no entanto,
Tais coisas significam isso para mim
Em relação àquele a quem, mesmo agora,
Espero ver novamente,
A contar os dias e horas
Até um segundo encontro.

O que mais Karen dissera naquele dia em seu apartamento? "Posso usar uma máquina de escrever. É elétrica e trabalho com uma vareta presa nos

dentes."

Dominado por intensa emoção, Nim imaginou-a trabalhando, lenta e pacientemente, formando as palavras que ele acabara de ler, os dentes segurando firmemente a vareta, a cabeça loura — *a única parte do corpo que ela podia mover* — voltando a se erguer depois de cada esforço árduo para tocar uma tecla. Perguntou-se quantos esboços Karen não teria feito antes de chegar à versão final, impecavelmente datilografada, que lhe mandara.

Inesperadamente, o animo de Nim mudou. A irritação de um momento antes se dissipara, substituída por um sentimento de gratidão e afeição.

Ao seguir para o encontro com o pessoal da imprensa, para tomarem o café da manhã juntos, Nim ficou surpreso ao se deparar com Walter Talbot Jr. Não via Wally desde o dia do funeral do pai dele. Por um momento, Nim sentiu-se constrangido, recordando sua recente visita a Ardythe. Depois, refletiu que Wally e a mãe levavam vidas independentes e separadas.

Wally cumprimentou-o efusivamente:

— Oi, Nim! O que o traz aqui?

Nim informou-o da excursão de dois dias com os jornalistas e depois indagou:

— E você, o que está fazendo aqui?

Wally olhou para as linhas de alta-tensão que passavam acima.

— A patrulha de helicóptero descobriu isoladores quebrados numa das torres... provavelmente um caçador que as usou para praticar tiro ao alvo. Minha equipe vai substituir todos os isoladores quebrados, trabalhando com a linha quente. Esperamos acabar ainda esta tarde.

Enquanto conversavam, um terceiro homem se aproximou. Wally apresentou-o como Fred Wilkins, um técnico da companhia.

— Prazer em conhecê-lo, sr. Goldman. Já ouvi falar a seu respeito. E ultimamente o tenho visto muito na televisão. — O recém-chegado devia estar beirando os trinta anos, o cabelo vermelho, o rosto saudavelmente bronzeado. Wally comentou:

— Como pode ver pela aparência dele, Nim, Fred vive aqui.

— Gosta do acampamento? — indagou Nim. — Não acha que é muito solitário?

Wilkins sacudiu a cabeça, enfaticamente.

— Não para mim, senhor. Nem para minha esposa. E as crianças também adoram. — Aspirou fundo. — Respire só este ar! Muito melhor do que na cidade. E há muito sol, e todo peixe que se puder pegar.

Nim soltou uma risada.

— Talvez eu ainda experimente umas férias aqui.

— Papai! — gritou uma voz de criança. — O correio já chegou?

Os três se viraram, avistando um garoto correndo na direção deles. Tinha um rosto alegre, sarmento, o cabelo vermelho tornando inconfundível quem era o pai.

— Só chegou o mensageiro da companhia, filho — disse Fred Wilkins. — O furgão do correio só vai aparecer daqui a uma hora. — Virando-se novamente para os outros, explicou: — Danny está excitado porque é seu aniversário. Está esperando receber algumas encomendas.

— Tenho oito anos — declarou o garoto, que parecia grande e forte para sua idade. — Já recebi alguns presentes, mas talvez cheguem mais.

— Feliz aniversário, Danny! — disseram Nim e Wally ao mesmo tempo.

Separaram-se momentos depois. Nim continuou em seu caminho até o alojamento dos visitantes.

Na semi-escuridão do túnel do canal de descarga, por cima do estrondo intenso da água confinada que avançava impetuosamente, o repórter do Tribune, de Oakland, gritou:

— Depois destes dois dias, vou pedir uma semana de descanso na seção de obituário.

Os diversos jornalistas que estavam ali peito sorriram, mas menearam a cabeça, incapazes de ouvir as palavras, por dois motivos: o barulho forte da água correndo e os tampões de algodão nos ouvidos. Os tampões, que serviam para atenuar um pouco o barulho, haviam sido entregues à entrada por Teresa van Buren. Ela os entregara logo depois que o grupo desceu por uma escada de pedra íngreme até o ponto em que o canal de descarga da usina geradora do *Portão do Diabo 1* se lançava impetuosamente no rio Pineridge, seis metros abaixo.

Enquanto ajeitavam os tampões, preparando-se para entrar no túnel, alguém gritou:

— Ei, Tess, por que está nos levando pela porta dos fundos?

— É a entrada de serviço. Desde quando gente como vocês merece coisa melhor? Além do mais, es-

tão sempre pedindo um pouco de cor local para suas reportagens. Pois é o que vão ter agora.

– Cor? Ali?

Era o repórter do Los Angeles Times que falava em tom cético, quanto esquadrinhava a escuridão interrompida apenas por algumas fracas lâmpadas. O túnel era mais ou menos circular, escavado rocha viva. As paredes, irregulares, estavam como à época da escavação. As lâmpadas estavam próximas ao teto. Suspenso entre as lâmpadas e as águas turbulentas havia um passadiço estreito, sobre o qual os visitantes podiam avançar. Havia cordas nos dois lados do passadiço, para que as pessoas pudessem segurar-se.

Durante o café da manhã, Nim Goldman explicara o que iam ver:

– Trata-se de uma usina hidrelétrica subterrânea, inteiramente dentro da montanha. Mais tarde, conversaremos sobre o projeto da usina de acumulação e bombeamento do Portão do Diabo, que será também subterrânea... inteiramente fora de vista.

Depois de uma breve pausa, o vice-presidente acrescentou:

– O túnel do canal de descarga, para onde vamos, é na verdade o final do processo de geração de energia. Mas poderão ter uma idéia do tipo de

forças com que lidamos. As águas que irão ver já passaram pelas turbinas, acionando-as, seguindo adiante, em inacreditáveis quantidades.

O fluxo impetuoso já era evidente fora do túnel, para os que se inclinaram sobre a amurada de ferro por cima do rio, observando a torrente juntar-se ao turbilhão que mesmo antes já era violento.

— Eu detestaria cair lá embaixo! — comentou o repórter da Rádio KFSO, perguntando em seguida a Teresa van Buren: — Alguém já caiu?

— Só uma vez, ao que saibamos. Um operário escorregou e caiu. Era um nadador excepcional, que já tinha ganho diversas medalhas, conforme descobrimos depois. Mas o fluxo do canal de descarga o puxou para baixo. O corpo só voltou a aparecer três semanas depois.

Instintivamente, os que estavam junto à amurada deram um passo para trás.

Nim também dissera, antes da visita, que aquele canal de descarga era o único no gênero:

— O túnel tem cerca de meio quilômetro de extensão e foi escavado horizontalmente na encosta da montanha. Enquanto o túnel estava sendo construído e antes da entrada da água, havia trechos em que dois caminhões podiam passar lado a lado.

Nancy Molineaux sufocara ostensivamente um

bocejo.

— Mas que merda! Vocês têm simplesmente uma caverna grande, comprida e úmida. Que notícia se poderia dar a respeito disso?

— Nenhuma, necessariamente — explicou Teresa van Buren. — Toda esta excursão de dois dias foi organizada para lhes proporcionar informações básicas sobre o problema. Todos estavam a par disso antes, inclusive os editores.

— Informações básicas ou baboseiras? — indagou Nancy Molineaux.

Os outros riram.

— Não faz diferença — disse Nim. — Eu já tinha mesmo terminado.

Vinte minutos mais tarde, depois de uma curta viagem de ônibus, Nim entrou no túnel do canal de descarga à frente dos jornalistas.

A umidade fazia um tremendo contraste com o dia quente e ensolarado lá fora. À medida que o grupo avançava, em fila indiana, poucos metros acima das águas espumantes, o círculo da luz do dia lá atrás ia se tornando menor, até ficar reduzido a um minúsculo ponto. À frente, as poucas lâmpadas espaçadas pareciam estender-se por uma distância ilimitada. De vez em quando, alguém parava e olhava para baixo, apertando ainda mais firmemen-

te as cordas.

Finalmente, chegaram ao fim do túnel e a uma escada de aço vertical. Ao mesmo tempo, podia-se ouvir um novo som: o zumbido dos geradores, que foi se tornando cada vez mais intenso, até transformar-se num troar impressionante na base da escada. Nim apontou para cima e subiu na frente, seguido pelos outros.

Passaram por um alçapão aberto para uma câmara geradora inferior, subindo em seguida por uma escada circular para a sala de controle, intensamente iluminada, dois andares acima. Ali, para alívio geral, a intensidade do barulho era consideravelmente menor, somente um ligeiro zumbido penetrando através das paredes isolantes.

Por uma imensa placa de vidro, podiam se avistar dois gigantescos geradores em funcionamento, imediatamente abaixo.

Na sala de controle, um técnico solitário estava fazendo anotações num livro, à medida que examinava diversos mostradores, luzes coloridas e gráficos, que ocupavam toda uma parede. Ao ouvir o grupo entrar, ele se virou. Nim já o tinha reconhecido, mesmo antes disso, pelo cabelo vermelho.

— Olá, Fred Wilkins.

— Oi, sr. Goldman.

O técnico murmurou um bom dia aos visitantes e depois continuou fazendo suas anotações. Nim explicou aos jornalistas:

– Estamos cento e cinquenta metros abaixo da superfície. Esta usina foi construída através de um poço vertical, como se faz numa mina. Há um elevador que vai daqui à superfície. Por outro poço, passam as linhas de transmissão de alta-tensão.

– Não há muitas pessoas trabalhando por aqui — comentou o representante do Bee, de Sacramento, olhando através do vidro para o piso dos geradores, onde não havia ninguém.

O técnico fechou o livro em que fizera suas anotações e sorriu.

– E, dentro de alguns minutos, não verá mais ninguém!

– Esta é uma usina geradora inteiramente automatizada — informou Nim. — O sr. Wilkins só vem aqui para uma verificação de rotina... — Virou-se para o técnico e indagou: — Com que frequência?

– Apenas uma vez por dia, senhor.

– A não ser por isso — acrescentou Nim —, a usina permanece fechada e vazia, sendo visitada apenas, ocasionalmente, pelas equipes de manutenção, se houver algum problema.

O homem do Los Angeles Times perguntou:

— E como se pode acionar ou desligar os geradores?

— Tudo é feito a partir de um centro de controle localizado a duzentos e cinquenta quilômetros. A maioria das novas usinas hidrelétricas é projetada desse modo. São eficientes, e há uma grande economia de mão-de-obra.

— E, quando ocorre algo errado e há pânico, o que se faz? — indagou o representante do New West.

— Qualquer gerador afetado envia um aviso para o centro de controle e depois se desliga automaticamente, até a chegada da equipe de manutenção.

Teresa van Buren interveio:

— A usina de acumulação e bombeamento que pretendemos construir, o Portão do Diabo 2, será assim, totalmente subterrânea, a fim de não desfigurar a paisagem, além de ser não-poluente e econômica.

Nancy Molineaux falou pela primeira vez desde que haviam entrado no túnel.

— Está esquecendo de um pequeno detalhe em sua história, Tess: o maldito reservatório que teria de ser construído e a extensão de terra que seria inundada.

— Um lago nestas montanhas, como será o nosso reservatório, é algo tão natural quanto um terreno árido — respondeu a vice-presidente de relações públicas. — E vai proporcionar pescarias...

Nim pediu suavemente:

— Deixe-me explicar, Tess. — Ele estava decidido a não permitir que Nancy Molineaux ou qualquer outra pessoa o fizesse perder o controle naquele dia. — A srta. Molineaux está certa quanto à necessidade de se construir um reservatório. Ficará a mil e quinhentos metros daqui, acima de nós, visível apenas por via aérea. Somente os amantes da natureza que estiverem dispostos a uma escalada longa e árdua terão acesso a ele. Ao construirmos esse reservatório, adotaremos todas as providências necessárias para proteger e preservar o meio ambiente.

— O Clube da Sequóia não pensa assim — interrompeu o repórter da televisão. — Por quê?

Nim deu de ombros.

— Não tenho a menor idéia. Mas acho que vamos descobri na audiência pública.

— Está bem — disse o homem da televisão. — Pode continuar sua propaganda.

Recordando sua determinação, Nim conteve uma resposta brusca. Com o pessoal dos meios de comunicação, pensou ele, freqüentemente a batalha

era árdua, uma luta contra a descrença, não importando o quão franco qualquer representante da indústria e do comércio tentasse ser. Somente os cruzados radicais, por mais desinformados que fossem, pareciam ter suas opiniões citadas verbalmente, sem qualquer contestação. Pacientemente, explicou o que era uma usina de acumulação:

— É o primeiro método conhecido de armazenar energia em grande quantidade, para ser usada nos momentos de pique da demanda. De certa forma, pode-se pensar no Portão do Diabo 2 como um imenso acumulador.

Haveria dois níveis de água, continuou Nim, o do novo reservatório e o do rio Pineridge, lá embaixo. Ligando os dois níveis, imensas tubulações subterrâneas ou túneis de descarga e condutos. A usina geradora ficaria entre o reservatório e o rio; ali terminariam os condutos de água e começariam os túneis de descarga.

— Quando a usina estiver gerando eletricidade, a água do reservatório fluirá para baixo, acionará as turbinas e depois correrá para o rio, abaixo da superfície.

Em outras ocasiões, o sistema funcionaria de maneira inversa. Quando a demanda de energia fosse menor, especialmente durante a noite, o Por-

tão do Diabo 2 não iria gerar eletricidade. Em vez disso, a água seria bombeada do rio para cima, cerca de um bilhão de litros por hora, a fim de reabastecer o reservatório, deixando-o em condições de atender à demanda no dia seguinte.

— De noite, sempre temos disponibilidade de energia em outros pontos do sistema GSP & L. Simplesmente usaremos um pouco dessa energia para acionar as bombas.

O homem do New West disse:

— Em Nova Iorque, a Con Edison está tentando construir uma usina assim há vinte anos. Chamam-na de Storm King (Rei da Tempestade). Mas os ecologistas e outros grupos estão se opondo.

— Há também pessoas responsáveis a favor — declarou Nim. — Mas infelizmente, ninguém lhes está dando atenção.

Informou uma das exigências da Comissão Federal de Energia: a prova de que a Storm King não iria representar nenhuma ameaça aos peixes do rio Hudson. Depois de vários anos de estudos, chegara-se a uma conclusão: haveria uma redução de apenas quatro a seis por cento na população de peixes adultos. E Nim concluiu:

— Apesar disso, a Con Edison ainda não conseguiu aprovação para seu projeto. Algum dia, os

habitantes de Nova Iorque irão lamentar sua posição.

— Essa é uma opinião sua — comentou Nancy Molineaux.

— Claro que é uma opinião minha. Também não tem suas próprias opiniões, srta. Molineaux?

O repórter do Los Angeles Times disse:

— Claro que ela não tem qualquer opinião. Por acaso não sabe que nós, servos da verdade, somos totalmente destituídos de quaisquer idéias preconcebidas?

Nim sorriu.

— Eu já tinha notado.

As feições da jovem negra se contraíram, mas ela não fez qualquer comentário.

Um momento antes, quando falava sobre os peixes do rio Hudson, Nim sentira-se tentado a citar Charles Luce, o presidente da Con Edison, que declarara em público, num momento de irritação intensa: "Chega um momento em que o meio ambiente humano deve prevalecer sobre o habitat dos peixes. E já alcançamos este momento em Nova Iorque".

Mas a cautela o impediria de falar. O comentário provocara a maior reação contra Chuck Luce, gerando uma tempestade de insultos e revoltas dos

ecologistas e outros grupos. Por que se arriscar a mesma coisa?

Além do mais, pensou Nim, ele próprio já tinha problemas suficientes com sua imagem pública por causa do maldito helicóptero. Este iria chegar ao Portão do Diabo naquela tarde, a fim de levá-lo de volta a cidade, onde havia muito trabalho urgente a sua espera.

Tomara a precaução de fixar a hora da chegada do helicóptero depois que o contingente da imprensa já tivesse partido de ônibus.

Enquanto esperava, detestando sua missão e só se sentindo aliviado por saber que em breve chegaria ao fim, ele continuou a responder às perguntas dos repórteres.

Às duas horas da tarde, no acampamento do Portão do Diabo, os últimos retardatários estavam embarcando no ônibus da imprensa, que estava com o motor ligado e pronto para partir. O grupo já tinha almoçado. A viagem de volta à cidade levaria quatro horas. A cinqüenta metros de distância, Teresa van Buren, que também seguiria no ônibus, disse a Nim:

— Obrigada por tudo que fez, embora você tivesse detestado a maior parte.

Nim respondeu com um sorriso:

— Sou pago para fazer de vez em quando algumas coisas que preferiria não fazer. Se aparecer algum problema...

Ele parou de falar abruptamente, sem saber exatamente por que, sentindo um calafrio súbito, o instinto a lhe dizer que havia alguma coisa errada no cenário a seu redor, algo que não devia estar ali. Encontravam-se parados aproximadamente no mesmo lugar em que ele se detivera naquela manhã, ao ir ao encontro dos jornalistas para tomarem café juntos. O tempo continuava firme, o sol iluminava uma profusão de árvores e flores silvestres, uma brisa amena agitava ligeiramente o fragrante ar das montanhas. Os dois alojamentos eram visíveis dali; o ônibus estava estacionado na frente de um deles; dois empregados da companhia, de folga, esquentavam-se ao sol, na varanda do outro. No lado oposto, perto das casas dos funcionários residentes, algumas crianças estavam brincando. Poucos minutos antes, Nim avistara entre elas o menino de cabeça vermelha, Danny, com quem falara naquela manhã. O menino estava empinando uma pipa, provavelmente um presente de aniversário. Naquele momento, porém, tanto o menino como a pipa não estavam à vista. O olhar de Nim se desviou para um caminhão da GSP & L, com um grupo de homens

em macacão de serviço, ao lado. Avistou o vulto esguio e barbado de Walter Talbot Jr. Provavelmente Wally estava dando instruções à equipe de manutenção das linhas de transmissão que mencionara anteriormente. Na estrada para o acampamento apareceu um furgão azul. No ônibus, alguém gritou impacientemente:

— Ei, Tess, vamos logo embora!

Teresa van Buren estava um pouco perplexa:

— O que houve, Nim?

— Não sei direito. Eu...

Um grito urgente, frenético, ressoou pelo acampamento, superando todos os demais ruídos:

— *Danny! Danny! Não se mexa! Fique onde está!*

As cabeças se viraram. Nim e Teresa van Buren se voltaram simultaneamente, procurando quem havia falado. O grito soou novamente, desta vez quase histérico:

— *Danny! Está me ouvindo?*

— Ali! — Teresa van Buren apontou para um caminho íngreme parcialmente oculto pelas árvores, na outra extremidade do acampamento. Um homem de cabelo vermelho, o técnico Fred Wilkins, descia correndo pelo caminho, enquanto gritava:

— *Danny! Faça o que estou mandando! Pare! Não se mexa!*

As crianças pararam de brincar. Aturdidas, viraram-se na direção para a qual se dirigiam os gritos. Nim fez o mesmo.

— *Danny! Não continue! Já estou indo! Fique parado!*

— Deus do céu! — balbuciou Nim.

Agora, ele podia ver o que estava acontecendo.

O garotinho Danny Wilkins estava subindo numa das torres que sustentavam as linhas de alta-tensão através do acampamento. Segurando-se firmemente a uma das colunas da torre, já na metade do caminho, Danny subia lentamente. Seu objetivo era visível: a pipa que estivera empinando, agora presa numa linha de transmissão, no alto da torre. Um reflexo de sol mostrou a Nim o que percebera um momento antes, tão rapidamente que não conseguira registrar exatamente o que era: o sol faiscando numa vara de alumínio que o menino segurava, com um gancho na extremidade. Evidentemente, Danny planejava usar o gancho para recuperar a pipa. O rostinho tinha uma expressão determinada, enquanto o corpo forte continuava a subir, não ouvindo os gritos do pai ou simplesmente os ignorando.

Nim e os outros começaram a correr também na direção da torre, mas com uma sensação de im-

potência, enquanto o garotinho continuava a chegar mais perto das linhas de alta-tensão. Eram quinhentos mil volts!

Fred Wilkins, ainda a alguma distância, forçou-se a correr mais depressa, o desespero estampado no rosto. Nim juntou seus gritos aos dele:

– *Danny! Os fios são perigosos! Não se mexa! Fique onde está!*

O menino parou e olhou para baixo. Depois, olhou novamente para cima, na direção da pipa, e continuou a subir, embora mais lentamente, estendendo para o alto a vara de alumínio. Estava agora bem perto da linha de transmissão mais próxima.

Foi nesse instante que Nim percebeu que outra pessoa, mais perto da torre que todos os demais, entrava em ação. Era Wally Talbot. Disparando para a frente, com passadas longas, os pés mal parecendo tocar o chão, Wally corria como um campeão olímpico.

Os repórteres estavam saindo apressadamente do ônibus.

A torre, como outras na área do acampamento, era rodeada por uma cerca de ferro. Mais tarde, descobriu-se que Danny passara pela cerca subindo por uma árvore e pulando de um galho baixo para o lado de dentro. Wally Talbot chegou à cerca e pu-

lou. Com o que parecia ser um esforço sobre-humano, segurou-se no alto da cerca e voou para o outro lado. Ao cair, suas mãos estavam cortadas e sangrando. No instante seguinte, ele estava na torre, subindo rapidamente.

Prendendo a respiração, aterrorizados, os espectadores rapidamente reunidos em grupo, repórteres e outros, ficaram observando lá de baixo. Enquanto isso, três homens da equipe de Wally chegaram à cerca, experimentaram diversas chaves e finalmente abriram uma porta que havia ali. Em seguida, começaram também a subir na torre. Mas Wally estava muito acima, e se aproximava rapidamente do menino de cabelo vermelho.

Fred Wilkins chegou à base da torre; estava sem fôlego, o corpo todo tremendo. Começou também a subir, mas alguém o deteve.

Todos os olhos estavam focalizados nos dois vultos próximos do alto da torre: Danny Wilkins, a menos de um metro das linhas de transmissão, e Wally Talbot, logo abaixo.

E foi nesse instante que aconteceu, tão depressa que os espectadores não puderam concordar depois sobre a seqüência dos acontecimentos ou mesmo sobre o que ocorrera.

Danny, aparentemente a poucos centímetros de

um isolador que separava a torre de uma linha de alta-tensão, estendeu a vara de alumínio, num tentativa de pegar a pipa. Ao mesmo tempo, Wally Talbot, um pouco abaixo e ligeiramente para o lado, estendeu a mão e agarrou o menino, puxando-o. Uma fração de segundo depois, ambos pareceram escorregar, o menino deslizando seguro a uma viga, Wally largando as mãos. Talvez instintivamente, para manter um equilíbrio precário, Wally segurou a vara de alumínio que Danny acabara de largar. A vara descreveu um arco no ar. Instantaneamente, irrompeu uma grande bola de luz alaranjada; a vara de alumínio desapareceu, e Wally Talbot foi envolvido por uma coroa de chama transparente. Depois, tão abruptamente quanto surgira, a chama desapareceu. O corpo de Wally ficou pendendo numa viga transversal da torre, imóvel, inerte.

Milagrosamente, nenhum dos dois caiu. Segundos depois, dois homens da equipe de Wally Talbot alcançaram o lugar onde ele estava e começaram a levá-lo para baixo. O terceiro homem ficou segurando Danny Wilkins, enquanto os outros desciam com o corpo de Wally. O menino aparentemente estava ileso; soluçava desesperadamente, e podia-se ouvir o barulho lá de baixo.

Depois, em algum ponto no outro lado do

acampamento, sons estridentes e breves de uma sirene começaram a soar.

O pianista do bar, nostalgicamente, parou de tocar *Hello, young lovers!* e começou *Whatever will be, will be*.

— Se ele continuar a tocar essas músicas antigas — comentou Harry London —, vou acabar chorando na minha cerveja. Outra vodca, companheiro?

— Por que não? Dose dupla! — Nim, que também estava prestando atenção à música, escutou agora a si mesmo, objetivamente. Constatou que as palavras saíam meio engroladas. O que era de se esperar. Já bebera demais e sabia disso, mas não se importava. Tateando os bolsos, encontrou as chaves do carro e empurrou-as por cima do tampo preto da mesinha.

— Tome conta disso. E providencie para que um táxi me leve para casa.

London guardou as chaves no bolso.

— Está certo. Se quiser, pode passar a noite em meu apartamento.

— Não, obrigado, Harry.

Em breve, assim que o álcool toldasse ainda mais suas percepções Nim tencionava voltar para

casa. Era justamente o que desejava. Não estava preocupado em aparecer embriagado em casa... ou pelo menos não naquela noite. Leah e Benjy já estariam dormindo e não iriam vê-lo. E Ruth, com sua compaixão e compreensão, saberia perdoá-lo.

— Testando, testando... — murmurou Nim. Queria ouvir sua voz, antes de tornar a usá-la. Conhecendo de que estava inteligível, disse a Harry London: — Quer saber o que eu penso? Acho que Wally estaria melhor se tivesse morrido.

London tomou um gole de cerveja antes de responder:

— Talvez Wally não pense assim. Muito bem, sei que ele ficou todo queimado e perdeu o pau. Mas há outras coisas...

Nim alteou a voz:

— Pelo amor de Deus, Harry! Você sabe o que está dizendo?

— Fale mais baixo — disse London, enquanto outros fregueses do bar olhavam na direção deles. — Claro que sei.

— Com o tempo... — Nim inclinou-se sobre a mesa, equilibrando as palavras como um prestidigitador a empilhar pratos. — Com o tempo, as queimaduras vão sarar. E poderão fazer enxertos de pele. Mas não se pode encomendar um pênis novo pe-

lo catálogo da Sears.

— Tem razão. E algo que não se pode negar. — London sacudiu a cabeça, tristemente. — Pobre coitado!

O pianista estava agora tocando o Tema de Lara, e Harry London enxugou uma lágrima.

— Vinte e oito anos! — exclamou Nim. — É essa a idade dele. Santo Deus, apenas vinte e oito anos! Qualquer homem normal, nessa idade, ainda tem pela frente toda uma vida de...

London interrompeu-o bruscamente:

— Não preciso que me explique. — Terminou de tomar a cerveja e fez sinal ao garçom para que trouxesse outra. — Mas deve lembrar-se de uma coisa, Nim. Nem todos os homens são atletas sexuais, como você. Em seu caso, se perdesse o pau, como aconteceu com Wally, eu poderia entender que seria o fim do caminho. Ou melhor, que você pensaria que fosse. — London fez uma pausa, fitando o companheiro com uma expressão de curiosidade, antes de acrescentar: — A propósito, você costuma fazer o registro? Talvez possa entrar para o Guinness book of world records.

Os pensamentos desviados por um momento, Nim comentou:

— Existe um escritor belga, Georges Simenon,

que afirma ter trepado com dez mil mulheres diferentes. Não chego a tanto, nem mesmo estou perto desse número.

— Pois então vamos deixar os números de lado. O que estou querendo dizer é que talvez o pau não fosse algo tão importante para Wally quanto é para você.

Nim sacudiu a cabeça.

— Duvido muito.

Ele recordava muito bem as ocasiões em que vira Wally Jr. e a esposa, Mary, juntos. O instinto aguçado de Nim dissera-lhe que os dois desfrutavam uma vida sexual estimulante. Imaginou, tristemente, o que poderia acontecer agora àquele casamento.

A cerveja e a dose dupla de vodca chegaram. Nim disse ao garçom:

— Ao voltar, traga de novo a mesma coisa.

Era o início da noite. O bar em que estavam, *The Ezy Duzzit*, pequeno e escuro, com um pianista sentimental que naquele momento começara a tocar *Moon river*, não era muito longe da sede da GSP & L. Nim e Harry London haviam ido para lá assim que terminara o expediente. No terceiro dia.

Ao que Nim podia recordar-se, os últimos três dias haviam sido o pior período de sua vida.

No primeiro dia, no Portão do Diabo, a reação de estupefação, em seguida à eletrocussão de Wally Talbot Jr., durara apenas alguns segundos. Depois, enquanto o corpo de Wally ainda estava sendo baixado da torre, foram tomadas todas as providências de emergência rapidamente.

Em qualquer grande companhia de eletricidade, as eletrocussões são raras, mas inevitavelmente acontecem... e geralmente várias vezes por ano. A causa normalmente é uma negligência momentânea, anulando precauções de segurança rigorosas e dispendiosas, ou "uma chance em mil" de um acidente como o que ocorrera tão rapidamente, enquanto Nim e os outros observavam.

Ironicamente, a Golden State Power tinha uma campanha publicitária agressiva, dirigida aos pais e às crianças, advertindo sobre os perigos de se empinar pipas perto de linhas de eletricidade. A companhia investira milhares de dólares em cartazes e revistas em quadrinhos dedicados ao assunto, distribuindo-os através de escolas e outras instituições.

Fred Wilkins, o técnico de cabelo vermelho, conhecia perfeitamente as medidas preventivas, como iria contar mais tarde, angustiado. Mas a esposa de Wilkins, mãe de Danny, não conhecia. Em lágrimas, ela admitiu que tinha a impressão de ter ouvido ou

visto alguma coisa a respeito, mas esquecera quando ou onde. Quando a pipa, presente de aniversário aos avós de Danny, chegou com a correspondência da manhã, ela nem se lembrou disso, e ajudou o filho a montá-la. Quanto ao fato de Danny ter subido na torre, isso não chegara a ser uma surpresa, pois aqueles que o conheciam descreveram-no como "um menino determinado e destemido". A vara de alumínio com o gancho que ele levava pertencia ao pai, que a usava ocasionalmente para pescarias em alto-mar; ficava guardada num barracão de ferramentas, onde o menino já a vira muitas vezes.

Isso tudo foi averiguado mais tarde, pois no momento do acidente estavam todos preocupados com a equipe treinada em primeiros socorros, alertada pela sirene do acampamento, que se aproximou rapidamente para cuidar de Wally Talbot. Ele estava inconsciente, com extensas áreas do corpo gravemente queimadas, e a respiração cessara.

A equipe de primeiros socorros, comandada por uma enfermeira diplomada que dirigia a pequena enfermaria do acampamento, iniciara imediatamente, com extrema competência, a respiração artificial boca a boca, juntamente com a compressão cardíaca exterior. Enquanto as técnicas de salvamento continuavam a ser aplicadas, Wally fora le-

vado para o único leito da enfermaria. Ali, recebendo instruções de um médico da cidade por radiotelefone, a enfermeira usara um desfibrilador, numa tentativa de restaurar o funcionamento cardíaco normal. Dera certo. Isso e outras providências haviam salvo a vida de Wally.

A essa altura, um helicóptero da companhia já estava a caminho do Portão do Diabo, o mesmo aparelho que deveria apanhar Nim. Acompanhado pela enfermeira, Wally fora levado para um hospital, a fim de receber tratamento mais intensivo.

Só no dia seguinte é que sua sobrevivência foi assegurada, e se revelou a natureza dos ferimentos.

Nesse segundo dia, os jornais publicaram a história com grande destaque, com os relatos pessoais dos repórteres que haviam presenciado o acidente. A edição matutina do Chronicle-West publicou a notícia na primeira página, com o seguinte título:

HOMEM ELETROCUTADO É UM HERÓI.

A tarde, embora a notícia já estivesse amplamente divulgada, o Califórnia Examiner dedicou a metade da terceira página a uma reportagem assinada por Nancy Molineaux, com o título:

HOMEM SE SACRIFICA PARA SALVAR UMA CRIANÇA.

O Examiner publicara também uma fotografia de Wally Talbot Jr., em duas colunas, e outra do jovem Danny Wilkins, com um lado do rosto coberto por ataduras, resultado das esfoladuras que o menino sofrera ao escorregar pela viga da torre, o único ferimento que tivera.

As emissoras de televisão e de rádio haviam divulgado notícias sobre o trágico acidente na noite anterior, mas continuaram a dar cobertura no dia seguinte.

Por causa do interesse humano, o acidente atraía a atenção do resto do Estado e chegara mesmo a ser noticiado em escala nacional.

No Mount Eden Hospital, pouco depois do meio-dia, no segundo dia o médico que cuidava de Wally deu uma entrevista coletiva improvisada, num corredor. Nim, que já estivera no hospital antes, ficou ouvindo, ao chegar, as informações junto à multidão de repórteres:

— O estado do sr. Talbot é crítico, mas neste momento esta estabilizado — anunciara o jovem médico, que parecia Robert Kennedy reencarnado.
— Teve queimaduras graves em cerca de vinte e

cinco por cento do corpo e sofreu outros ferimentos.

— Poderia ser mais específico, doutor? — indagara um dos repórteres. — Quais foram os outros ferimentos?

O médico olhou para um homem mais velho a seu lado, a quem Nim já conhecia; era o diretor do hospital.

— Senhoras e senhores da imprensa — disse o diretor —, normalmente, por respeito à privacidade do paciente, não se revela nenhuma informação adicional. Neste caso, porém, depois de uma conversa com a família, ficou decidido que seremos francos com a imprensa, para pôr fim a qualquer especulação. Assim, a última pergunta será respondida. Antes, contudo, quero fazer-lhes uma súplica: por consideração ao paciente e à família, sejam discretos ao divulgarem isso. Obrigado. Pode continuar, doutor.

— Os efeitos da eletrocussão no corpo humano são sempre imprevisíveis — dissera o jovem médico. — Frequentemente, ocorre a morte quando altas cargas de eletricidade passam através de órgãos internos, antes de escaparem para o solo. No caso do sr. Talbot, isso não aconteceu. Sob esse aspecto, ele teve sorte. Em vez disso, a eletricidade passou pela superfície superior do corpo e saiu... para o solo, através da torre de metal... por intermédio do pênis.

Houve murmúrios de espanto, a que se seguiu um profundo silêncio, durante o qual ninguém parecia querer formular a pergunta seguinte. Mas um repórter mais velho acabou por indagar:

— Doutor, o estado em que ficou...

— Foi destruído. Totalmente queimado. Agora, se me dão licença...

Os repórteres, extremamente deprimidos, se afastaram.

Nim ficou. Identificou-se para o diretor do hospital e perguntou pela família de Wally Jr., Ardythe e Mary. Nim não as vira depois do acidente, mas sabia que acabaria tendo de encontrá-las, mais cedo ou mais tarde.

Foi informado de que Ardythe estava internada no hospital, sob o efeito de sedativos. O diretor explicou:

— Ela entrou em estado de choque. Presumo que o senhor saiba que o marido dela morreu tragicamente não faz muito tempo.

Nim confirmou.

— A jovem sra. Talbot está com o marido, mas não estamos permitindo quaisquer outros visitantes, por enquanto.

Enquanto o diretor esperava, Nim escreveu um bilhete para Mary, colocando-se a sua disposição no

que fosse necessário e comunicando que, de qualquer maneira, voltaria ao hospital no dia seguinte.

Naquela noite, como já acontecera na anterior, Nim teve um sono agitado. A cena no acampamento do Portão do Diabo repetia-se interminavelmente, como um pesadelo contínuo.

Na manhã do terceiro dia, ele se encontrou com Mary e logo depois com Ardythe.

Mary o recebeu do lado de fora do quarto do hospital em que Wally estava internado, ainda em tratamento intensivo.

— Wally está consciente, mas não quer ver ninguém. Ainda não. — A jovem estava pálida e visivelmente cansada, mas ainda mantinha um pouco de sua aparência de eficiência. — Mas Ardythe está querendo falar com você. Tinha certeza de que você iria aparecer no hospital hoje.

Nim disse, gentilmente:

— Creio que as palavras não adiantam muita coisa numa situação como esta, Mary. Mas, de qualquer forma, sinto muito.

— Todos sentimos. — Mary levou Nim até a porta alguns metros adiante, abriu-a e anunciou: — Nim está aqui, mamãe. — Virando-se para Nim, ela acrescentou: — Vou para junto de Wally, agora.

— Entre, Nim — disse Ardythe, vestida e dei-

tada na cama, apoiada em travesseiros. — Não é ridículo eu estar também internada no hospital?

Havia a iminência de histeria na voz dela, e Nim percebeu isso imediatamente. As faces de Ardythe estavam coradas demais, os olhos tinham um brilho excessivo. Ele se recordou de que o diretor falara em estado de choque e sedativos. Mas Ardythe não parecia estar, naquele momento, sob o efeito de sedativos. Ele começou a falar, hesitante:

— Eu gostaria de saber o que dizer...

Fazendo uma pausa, inclinou-se para beijá-la. Para sua surpresa, ela ficou rígida e desviou a cabeça. Ele acabou apenas roçando os lábios, embaraçado, na face dela, que achou extremamente quente.

— Não! — exclamou Ardythe. — Por favor... não me beije.

Imaginando se por acaso a ofendera de alguma forma, sem conseguir entender a reação dela, Nim puxou uma cadeira e se sentou ao lado da cama. Houve um silêncio constrangido. Logo depois, Ardythe murmurou, pensativa:

— Dizem que Wally vai sobreviver. Ontem, ainda não tínhamos certeza; hoje, as notícias já são melhores. Mas creio que já sabe como ele vai sobreviver... Está a par do que lhe aconteceu, não?

— Estou, sim. .

— Andou pensando a mesma coisa que eu, Nim? Sobre um motivo para o que aconteceu?

— Eu estava presente, Ardythe. Vi...

— Não me estou referindo a isso, e sim ao porquê.

Aturdido, Nim sacudiu a cabeça.

— Tenho pensado muito desde ontem, Nim. E cheguei à conclusão de que o aparente acidente pode ter sido uma decorrência de nós dois... eu e você...

Ainda sem entender, ele protestou:

— Ardythe, por favor! Está exausta, o choque foi terrível, especialmente por ter acontecido tão pouco tempo depois da morte de Walter.

— É justamente esse o problema. — O rosto e a voz de Ardythe estavam extremamente tensos. — Nós dois pecamos, logo depois que Walter morreu. Tenho o sentimento de que estou sendo punida; que Wally, Mary, as crianças, todos estão sofrendo por minha causa.

Por um momento, Nim ficou reduzido a um profundo silêncio. Mas logo disse, veemente:

— Pelo amor de Deus, Ardythe, pare com isso! É totalmente absurdo!

— Será mesmo? Pense a respeito quando estiver sozinho, assim como estou fazendo. Acabou de

dizer "pelo amor de Deus". È judeu, Nim. Será que sua religião não o ensina a acreditar na ira e punição de Deus?

— Mesmo que ensinasse, eu me recusaria a aceitar.

— Eu também não aceitava — murmurou Ardythe, quase em lágrimas. — Mas agora estou em dúvida.

Procurando desesperadamente por palavras que a fizessem mudar de idéia, Nim disse:

— Às vezes, a vida causa sucessivos sofrimentos a uma família, como se ela fosse atingida pelos disparos de uma espingarda de cano duplo, enquanto outras famílias permanecem incólumes. Não é lógico, não é justo. Mas acontece. Posso recordar-me de diversos casos, tenho certeza de que você também pode.

— Como poderemos saber se esses outros casos também não foram punições?

— Porque não existe a menor possibilidade. Porque tudo na vida é acaso, que nós mesmos criamos, por erro ou azar, inclusive o de estar no lugar errado, na hora errada. E isso é tudo, Ardythe. E uma loucura culpar a si mesma, de qualquer forma, pelo que aconteceu a Wally.

Ela respondeu numa voz impregnada de an-

gústia:

– Gostaria de acreditar em você, Nim, mas não consigo. Vá, agora. Vão me dar alta esta tarde.

Levantando-se, Nim disse:

– Irei visitá-la em breve.

Ardythe sacudiu a cabeça.

– Não creio que deva, Nim. Mas telefone-me, de qualquer maneira.

Ele se inclinou para beijá-la no rosto, mas ao vê-la naquele estado achou melhor sair rapidamente.

Sua mente ficou em turbilhão. Obviamente, Ardythe estava precisando de ajuda psiquiátrica. Mas, se o próprio Nim o sugerisse a Mary ou a qualquer outra pessoa, teria de explicar por quê... em detalhes. Mesmo sob sigilo médico, não poderia fazer tal coisa. Ou pelo menos não agora.

O desespero e a angústia por causa de Wally, Ardythe e seu próprio dilema continuaram a atormentar Nim pelo resto do dia.

Como se isso ainda não fosse o suficiente, Nim fora crucificado pelo Califórnia Examiner naquela tarde.

Nim acreditava que Nancy Molineaux iria renunciar a sua intenção de escrever sobre o helicóptero que ele tinha a sua disposição, desde que ele

servira naquela situação de emergência, ao transportar Wally do acampamento para o Portão do Diabo.

Mas tal não aconteceu.

A história fora publicada num boxe ao lado do editorial:

OS CAPITÃES E OS REIS

... e o sr. Goldman da GSP & L.

O leitor já imaginou o que significa ter um helicóptero particular a sua disposição para levá-lo aonde bem quiser, enquanto se recosta confortavelmente e relaxa?

A maioria das pessoas jamais irá experimentar esse prazer exótico. Está reservado a pessoas incluídas em determinadas categorias, como o presidente dos Estados Unidos, a família real britânica, o falecido Howard Hughes, ocasionalmente o papa e alguns executivos privilegiados em nossa tão amiga companhia de serviços públicos a GSP & L. Como o sr. N. Goldman.

Por que Goldman?, Poder-se-ia perguntar

Parece que o sr. Goldman, vice-presidente da GSP & L, é importante demais para andar de ônibus, apesar de um ônibus especialmente fretado pela Golden State Power, quase totalmente vazio, ter sido enviado ao lugar pa-

ra onde ele seguiu, há três dias. Em vez de ir de ônibus, o sr. Goldman preferiu viajar de helicóptero, que...

Havia mais, juntamente com uma fotografia do helicóptero da GSP & L e um retrato de Nim, bem pouco lisonjeiro, que Nancy Molineaux devia ter escolhido cuidadosamente nos arquivos do jornal.

O parágrafo mais prejudicial era o que dizia:

Os consumidores de eletricidade e gás, já assoberbados pelas contas elevadas da companhia e ainda à espera de um novo aumento das tarifas, devem estar espantados pela maneira como seu dinheiro está sendo desperdiçado pela GSP & L, uma companhia quase pública. Talvez se executivos como Nimrod Goldman estivessem dispostos a viajar de uma forma menos glamurosa, como o resto da humanidade, as economias resultantes, juntamente com outras, pudessem conter um pouco os repetidos aumentos de tarifas.

Era final de tarde. Nim marcou o artigo e dobrou o jornal, entregando-o à secretária de J. Eric Humphrey.

— Diga ao presidente que ele acabará lendo isso, mais cedo ou mais tarde. Assim, é melhor que saiba logo por meu intermédio.

Minutos depois, Humphrey entrou na sala de Nim e jogou o jornal em cima da mesa. Estava mais furioso do que Nim jamais o vira. E, surpreendentemente, alterou a voz:

– Em nome de Deus, em que estava pensando ao nos meter nessa embrulhada? Será que não sabe que a Comissão de Serviços Públicos está estudando nosso pedido de aumento de tarifas e dará uma decisão nos próximos dias? É o tipo de notícia que pode provocar um clamor público que os levará a rejeitar nosso pedido!

Nim deu vazão a um pouco de sua própria raiva:

– Claro que sei de tudo isso! E estou tão furioso quanto você! Mas aquela maldita repórter tinha desembainhado a faca de escalpelar e arrumaria outra coisa qualquer, se o helicóptero não estivesse disponível!

– Não necessariamente, não se ela não houvesse encontrado coisa alguma! Mas, usando o helicóptero indiscretamente, você jogou uma boa oportunidade no colo dela!

Nim já estava prestes a revidar, mas decidiu manter-se calado. Assumir a culpa injustamente, pensou, podia ser considerado uma das funções de um assessor. Apenas duas semanas antes, o presi-

dente dissera a seus diretores, numa reunião informal: "Se houver necessidade de poupar meio dia de viagem para fazer seu trabalho mais depressa e eficientemente, usem um helicóptero da companhia. A longo prazo, sai mais barato. Sei que precisamos dos aparelhos para as patrulhas das linhas de transmissão e emergências, mas o custo de mantê-los em terra, quando não estão sendo usados, é quase o mesmo de quando estão voando".

Outra coisa que Eric Humphrey presumivelmente esquecera fora o fato de ter pedido a Nim que acompanhasse o grupo da imprensa na excursão de dois dias e também o representasse numa importante reunião na Câmara de Comércio, na manhã do primeiro dia. Nim não poderia ter desempenhado as duas missões sem recorrer ao helicóptero. Contudo, Humphrey era um homem justo e provavelmente iria recordar-se mais tarde. E mesmo que isso não acontecesse, pensou Nim, não teria muita importância.

Essa sucessão de acontecimentos, em três dias consecutivos, deixara Nim exausto e profundamente deprimido. Assim, quando Harry London, que conhecia alguns dos motivos da depressão de Nim, mas nem todos, passou em sua sala para sugerir que fossem tomar um drinque depois do trabalho, ele

aceitou prontamente.

Agora, Nim sentia o álcool dominá-lo. Embora não ficasse mais feliz por isso, pelo menos o torpor ajudava a atenuar seus sentimentos. Num canto do cérebro que ainda funcionava com lucidez, Nim desprezava a si mesmo pelo que estava fazendo e por sua fraqueza. Mas sabia que isso não acontecia com frequência, nem era capaz de recordar a última vez que bebera demais. Talvez pudesse ser terapêutico largar-se de vez em quando, dizendo que tudo mais vá para o inferno!

— Quero perguntar-lhe uma coisa, London. Você é um homem religioso? Acredita em Deus?

Mais uma vez, London tomou um gole de cerveja antes de responder, usando um lenço para limpar a espuma dos lábios.

— Não, à primeira pergunta. Quanto à segunda, a resposta é a seguinte: jamais fiz questão de não acreditar.

— E o que me diz do sentimento de culpa? Não costuma tê-lo? — Nim estava se lembrando de Ardythe, que lhe perguntara: "Será que sua religião não o ensina a acreditar na ira e na punição de Deus" Naquela tarde, ele ignorara a pergunta. Desde então, porém, ela vinha se repetindo em sua mente, com uma insistência irritante.

— Acho que todo mundo tem algum sentimento de culpa. — London deu a impressão de que iria terminar sua declaração nisso, mas depois mudou de idéia e acrescentou: — Penso de vez em quando em dois caras que conheci na Coreia e que se tornaram meus grandes amigos. Estávamos numa patrulha de reconhecimento perto do rio Yalu. Os dois estavam mais adiantados do que o resto da patrulha quando nos vimos cercados pelo fogo inimigo. Os dois precisavam de ajuda para voltar. Eu estava no comando e deveria ter levado o resto dos homens à frente numa tentativa de salvá-los. Enquanto eu ainda hesitava, sem saber que decisão tomar, os amarelos os descobriram, e uma granada transformou-os em picadinho. Eis uma culpa que carrego comigo; e tenho algumas outras. — Tomou um novo gole de cerveja. — Sabe o que está fazendo, companheiro? Está nos deixando a ambos... como é mesmo que se pode dizer?

— Sentimentais — murmurou Nim, com dificuldade em pronunciar a palavra.

— É isso mesmo! Sentimentais! — Harry London meneou a cabeça solenemente, enquanto o pianista do bar começava a tocar *As time goes by*.

Parte 2

1

Davey Birdsong, que estava inspecionando a sede espetacular do Clube da Sequóia, indagou insolentemente:

– Onde fica a sauna particular da presidente? E depois gostaria de ver sua tampa de privada de ouro maciço.

– Não temos nenhuma das duas coisas — respondeu Laura Bo Carmichael, irritada.

Não se sentia muito à vontade na presença de Birdsong, um homem barbudo, corpulento, irreverente, que se naturalizara americano havia muitos anos, mas ainda conservava as maneiras rudes da terra em que nascera, a Austrália. Laura Bo, que encontrara Birdsong apenas algumas vezes antes, em reuniões externas, comparava-o ao jovial sertanejo australiano de *Waltzing Matilda*.

Isso era ridículo e ela sabia. Embora Davey

Birdsong aparentemente fizesse questão de parecer rude e incivilizado, vestindo-se inclusive de acordo com essa imagem (naquele dia estava usando uns jeans esfarrapados e remendados e tênis em que os cadarços haviam sido substituídos por barbantes), a presidente do Clube da Sequóia sabia perfeitamente que ele era um homem culto e estudioso, com um curso de doutorado em sociologia, e professor convidado da Universidade da Califórnia, em Berkeley. Birdsong formara também uma coalizão de grupos de consumidores, igrejas e políticos de extrema esquerda, que se chamava f & lp, força e luz para o povo. (As iniciais em letras minúsculas, nas palavras do próprio Birdsong, serviam para "ressaltar que não somos capitalistas".)

O objetivo declarado da f & lp era "combater o monstro capitalista GSP & L, inchado pelos lucros escorchantes, em todas as frentes". Em diversas confrontações até agora, a f & lp se opusera aos aumentos de tarifas para o gás e a eletricidade, combatera a autorização para a construção de uma usina nuclear, objetara as atividades de relações públicas da GSP & L — "propaganda implacável paga compulsoriamente pelos consumidores", no dizer de Birdsong e da f & ip e defendera a necessidade urgente de as municipalidades se apossarem das instalações

da companhia. Agora, o movimento de Birdsong estava querendo aliar-se ao prestigiado Clube da Sequóia para o combate aos mais recentes planos de expansão da GSP & L. A proposta seria examinada numa reunião com o alto comando do Clube da Sequóia, a ser iniciada dali a pouco.

— Puxa, boneca, acho que é realmente inspirador trabalhar num lugar bacana como este — disse Birdsong, correndo os olhos pela elegante sala de reuniões em que estavam conversando. — Devia ver a minha pocilga. Comparada com isto, é o próprio pesadelo de um mendigo.

— Recebemos esta sede há muitos anos como parte de um legado — explicou Laura. — Uma cláusula nos obrigava a ocupar o prédio, caso contrário, não receberíamos a renda substancial que o acompanha. — Em determinadas ocasiões, e aquela era uma delas, Laura Bo Carmichael achava constrangedor que a sede do Clube da Sequóia fosse aquela imponente mansão de Cable Hill. Fora outrora a residência de um milionário e ainda transmitia uma impressão de riqueza e opulência; pessoalmente, Laura teria preferido instalações mais modestas. Uma mudança agora, no entanto, seria um desastre financeiro. Depois de uma pausa, acrescentou: — Gostaria que não me chamasse de boneca.

— Vou anotar para não esquecer.

Sorrindo, Birdsong tirou do bolso um caderninho de anotações e uma caneta esferográfica, escrevendo rapidamente alguma coisa.

Guardou novamente o caderninho e a caneta, contemplou o corpo esguio e pequeno de Laura, e comentou, pensativo:

— Legados, hem? De doadores mortos. Acho que isso e o dinheiro de doadores vivos é que fazem com que o Clube da Sequóia seja tão rico.

— Rico é uma palavra relativa. — Laura Bo Carmichael desejou que seus três colegas que iriam participar da reunião já tivessem chegado. — E verdade que nossa organização felizmente conta com apoio nacional, mas também temos despesas vultosas.

O homem barbudo soltou uma risadinha.

— Mas não tanto, espero, que não possam soltar um pouco da grana para outros grupos... que estão empenhados na mesma missão e precisam desesperadamente de ajuda.

— É o que vamos ver. Mas, por favor, não fique pensando que somos ingênuos e bastante para que o deixemos arrancar daqui o que quiser sob o pretexto de ser o primo pobre. Sabemos que não é tão pobre assim. — Laura consultou algumas anotações, que

tencionava usar só mais tarde. — Sabemos, por exemplo, que a sua f & lp tem cerca de vinte e cinco mil associados, os quais pagam três dólares por ano de contribuição, recebidos porta a porta. O que dá um total de setenta e cinco mil dólares. Dessa quantia, você retira um salário de vinte mil dólares por ano, mais uma verba de despesas desconhecida.

— A gente tem de viver

— E eu diria que muito bem. — Laura consultou novamente suas anotações. — Recebe também honorários por suas aulas na universidade, um salário fixo de uma organização de treinamento de ativistas e o pagamento pelos artigos que escreve. Somando tudo, sua renda como protestador deve andar em torno dos sessenta mil dólares anuais. ...

Davey Birdsong, cujo sorriso se alargara ainda mais enquanto escutava, não pareceu ficar embaraçado. Limitou-se a comentar:

— Um bom trabalhinho de pesquisa.

Foi a vez de a presidente do Clube da Sequóia sorrir.

— Temos um excelente departamento de pesquisa. — Ela guardou as anotações e acrescentou: — Nada do que acabei de falar é para uso externo, é claro. Queria apenas mostrar-lhe que estamos a par das atividades dos protestadores profissionais, co-

mo você, e sabemos que estão indo muito bem financeiramente. Esse conhecimento mútuo nos irá poupar tempo, quando começarmos a discutir a possibilidade de uma associação.

Uma porta se abriu silenciosamente, e um homem idoso e impecável, de cabelo grisalho, entrou na sala. Laura disse:

— Sr. Birdsong, creio que já conhece nosso diretor-secretário, o sr. Pritchett.

Davey Birdsong estendeu a mão grande e carnuda.

— Já nos encontramos algumas vezes nos campos de batalha desta vida. Oi, Pritchey!

Depois que sua mão foi vigorosamente sacudida, o recém-chegado disse secamente:

— Jamais havia pensado nas audiências sobre o meio ambiente como campos de batalha, mas acho que podem ser encaradas desse modo.

— Tem toda razão, Pritchey! E quando entro em combate, especialmente contra a grande inimiga do povo, a Golden State Power, disparo todos os canhões e não tiro mais o dedo do gatilho. É assim que tem de ser, cada vez mais violento. Não estou querendo dizer que não exista lugar para uma oposição como a de vocês. Claro que há! Vocês dão o chamado toque de classe. Mas sou eu que conquisto as

manchetes e entro no noticiário de televisão. Por falar nisso, vocês me viram na TV com aquele idiota da GSP & L, o tal de Goldman?

— No Good Evening Show — disse o diretor-secretário do Clube da Sequóia. — Vi, sim. Achei-o bastante veemente. Mas, para ser franco, creio que Goldman foi muito esperto ao resistir a suas provocações. — Pritchett tirou os óculos sem aros para limpá-los. — Talvez, como falou, haja de fato um lugar para uma oposição como a sua à GSP & L. É possível até que precisemos uns dos outros.

— Assim é que se rala, Pritchey!

— A pronúncia correta é Pritchett. Ou, se preferir, pode chamar-me de Roderick.

— Vou anotar para não esquecer, Roddy, meu velho!

Sorrindo para Laura, Birdsong repetiu o ritual do caderninho de anotações.

Enquanto conversavam, duas outras pessoas entraram na sala. Laura apresentou-as como Irwin Saunders e a sra. Priscilla Quinn, membros do comitê executivo do Clube da Sequóia. Saunders era um homem calvo, com uma voz sonora, de advogado; ele cuidava dos divórcios de pessoas importantes e estava sempre no noticiário. A sra. Priscilla Quinn, elegantemente vestida e atraente, beirando os cin-

qüenta anos, era esposa de um rico banqueiro e se destacara por seu zelo cívico e por limitar suas amizades a outras pessoas ricas ou importantes. Apertou a mão estendida de Davey Birdsong com relutância, contemplando-o com um misto de curiosidade e aversão.

A presidente do Clube da Sequóia sugeriu:

— Acho que podemos todos nos sentar e começar a reunião.

Todos se acomodaram numa extremidade da mesa de mogno comprida, com Laura na cabeceira. E ela deu início imediatamente à reunião:

— Estamos todos preocupados com as recentes propostas da Golden State Power & Light. O Clube da Sequóia já decidiu que elas são prejudiciais ao meio ambiente. Assim, iremos nos opor ativamente à aprovação dos projetos, nas audiências prestes a serem iniciadas.

Birdsong deu um sonoro murro na mesa:

— E eu proponho: três vivas à turma do Sequóia!

Irwin Saunders assumiu uma expressão divertida. A sra. Quinn franziu as sobrancelhas. Laura continuou:

— O que o sr. Birdsong está sugerindo, para maior eficácia da oposição, é que haja uma aliança

em determinados pontos entre nossa organização e a dele. Mas vou pedir-lhe que apresente pessoalmente sua proposta.

As atenções se concentraram em Davey Birdsong. Ele fitou um a um, com uma expressão amistosa, antes de começar sua argumentação:

– O tipo de oposição de que todos nós estamos falando é uma guerra e o inimigo é a GSP & L. Encarar a situação de outra forma seria cortejar a derrota. Portanto, assim como numa guerra, o ataque deve ser desfechado em várias frentes.

Era óbvio que Birdsong já se despojara da anterior aparência de palhaço e que a linguagem já não era mais tão irreverente.

– Para levar esse símile de guerra um estágio mais adiante, assim como promover combates sobre questões específicas, não se pode perder nenhuma oportunidade de atacar a GSP & L.

A sra. Quinn interveio:

– Sei perfeitamente que nos disse que se tratava de uma analogia, mas acho essa conversa de guerra extremamente desagradável. Afinal de contas...

O advogado, Saunders, debruçou-se sobre a mesa e tocou no braço dela.

– Por que não o deixa terminar, Priscilla?

Ela deu de ombros.

— Está certo.

— Muitas causas nobres são derrotadas, sra. Quinn — declarou Birdsong —, por causa da suavidade excessiva e da relutância em aceitar a dura realidade.

Saunders assentiu.

— Um argumento válido.

— Vamos ser mais específicos — propôs Pritchett, o diretor-secretário. — Referiu-se a "várias frentes", sr. Birdsong. Quais precisamente?

— Assim é que tem de ser! — Birdsong voltou imediatamente a se mostrar objetivo e profissional.

— Frentes 1, 2 e 3: as audiências públicas sobre os anunciados projetos para Tunipah, Fincastle e o Portão do Diabo. Sei que vocês irão lutar em todas elas. E o mesmo fará a minha brava f & lp!

— Apenas por curiosidade, poderia informar-me quais serão seus argumentos de oposição? — indagou Laura.

— Ainda não sabemos com certeza, mas não se preocupem. Daqui até lá, pensaremos em alguma coisa.

A sra. Quinn ficou visivelmente chocada. Irwin Saunders sorriu.

— E há também as audiências sobre tarifas. É a

frente número 4. Em qualquer ocasião que for apresentada uma proposta para aumentar as tarifas da companhia, a f & lp irá se opor tenazmente, como o fez da última vez. E com pleno sucesso, já posso acrescentar.

— Como assim? — indagou Roderick Pritchett.

— Até agora, pelo que sei, a decisão ainda não foi anunciada.

— Isso mesmo, ainda não foi. — Birdsong sorriu, com um ar de superioridade. — Mas tenho amigos na Comissão de Serviços Públicos e sei o que acontecerá dentro de dois ou três dias... um comunicado que será um chute no traseiro da GSP & L.

Pritchett perguntou, curioso:

— A companhia já sabe disso?

— Duvido muito.

— Vamos continuar — sugeriu Laura Bo Carmichael.

— A quinta frente, da maior importância, é a reunião anual da Golden State & Light, que será realizada dentro de duas semanas e meia. Tenho alguns planos para essa reunião, mas agradeceria se não me fizessem perguntas a respeito.

— Está insinuando que é melhor não sabermos? — indagou Saunders.

— Exatamente.

— Mas em que consiste afinal a associação entre nós? — perguntou Laura.

Birdsong sorriu, esfregando o polegar e dois dedos, sugestivamente.

— É esta a ligação que estou querendo. Dinheiro.

— Eu já imaginava que chegaríamos a isso — comentou Pritchett.

— Há mais um detalhe sobre nosso trabalho em conjunto — acrescentou Birdsong. — Seria melhor que nada transpirasse. Deve permanecer confidencial, entre nós.

— Nesse caso, de que maneira o Clube da Sequóia poderia obter algum benefício? — perguntou a sra. Quinn.

— Posso responder a essa pergunta — declarou Irwin Saunders. — A verdade, Priscilla, é que qualquer coisa que afetar a imagem da GSP & L, em qualquer área, irá provavelmente diminuir sua força e sucesso em outras. — Ele fez uma pausa, sorrindo. — É uma tática que os advogados costumam usar freqüentemente.

— Por que precisa de dinheiro? — perguntou Pritchett a Birdsong. — E qual a soma que pretende pedir?

— Precisamos de dinheiro porque a f & lp sozinha não tem condições de financiar todos os preparativos e pessoas necessários para que nossa oposição conjunta, a oficial e a não-oficial, possa tornar-se eficaz. — Birdsong virou-se diretamente para a presidente do Clube da Sequóia. — Como mencionou antes, dispomos de recursos próprios, mas não são suficientes para um projeto dessas proporções. — Seu olhar percorreu lentamente os outros. — A quantia que estrou sugerindo como contribuição do Clube da Sequóia é de cinquenta mil dólares, em dois pagamentos.

O diretor-secretário tirou os óculos e examinou-os atentamente antes de comentar:

— Uma coisa eu posso garantir: não costuma ser modesto.

— Não, não costumo. E vocês também não devem sê-lo, levando-se em consideração o que está em jogo... no caso do Clube da Sequóia, um possível grande impacto sobre o meio ambiente.

— O que mais me incomoda — disse a sra. Quinn — são certas insinuações de luta implacável e com golpes sujos, o que não me agrada de jeito nenhum.

Laura Bo Carmichael concordou.

— Estou pensando exatamente a mesma coisa.

Foi novamente o advogado quem interveio:

– Não se pode deixar de enfrentar determinados aspectos da vida. Ao se opor aos últimos projetos da Golden State Power, Tunipah, Fincastle e o Portão do Diabo, o Clube da Sequóia irá apresentar o que sabemos ser argumentos racionais e sólidos. Contudo, levando-se em consideração o clima dos nossos tempos e a demanda ilusória de mais e mais energia, a razão pode não prevalecer. Sendo assim, o que mais podemos fazer? Em minha opinião, precisamos de outro elemento... um aliado mais agressivo, mais ostensivo, que possa atrair mais atenção do público, o que servirá para pressionar e influenciar os responsáveis pelas decisões, que no fundo não passam de políticos. Creio que o sr. Birdsong e seu grupo não sei o quê...

– Força & luz para o povo — interveio Birdsong.

Saunders sacudiu a mão, como se tal detalhe não tivesse a menor importância.

– Tanto antes como durante as audiências, o sr. Birdsong poderá acrescentar esse elemento de que carecemos.

– A televisão e os jornais me adoram — comentou Birdsong. — Eu lhes proporciono um espetáculo à parte, algo para temperar e animar o notici-

ário. Por causa disso, tudo o que digo é publicado ou levado ao ar.

— É verdade — confirmou o diretor-secretário.
— Até mesmo algumas de suas declarações mais extravagantes foram noticiadas, enquanto os meios de comunicação omitiam nossos comentários e os da GSP & L.

A presidente do Clube da Sequóia perguntou-lhe:

— Devo presumir que está a favor do que foi proposto?

— Estou, sim — respondeu Pritchett. — Mas quero uma garantia. Gostaria que o sr. Birdsong nos assegurasse que, o que quer que seu grupo venha a fazer, nenhuma violência ou intimidação será aprovada ou estimulada.

A mesa tremeu com outro murro de Birdsong.

— A garantia está dada! Meu grupo é contrário à violência de qualquer tipo. Já fizemos diversas declarações anunciando isso expressamente.

— Fico contente por saber disso — declarou Pritchett. — O Clube da Sequóia, evidentemente, também partilha essa posição. Por falar nisso, imagino que todos já leram o noticiário no Chronicle-West de hoje sobre novas bombas que explodiram na GSP & L.

Os outros haviam lido a notícia. O jornal informara a destruição que ocorrera na noite anterior numa garagem da GSP & L. Mais de duas dúzias de veículos haviam sido danificados ou totalmente destruídos por um incêndio provocado pela explosão de uma bomba. Alguns dias antes, uma bomba explodira numa subestação da companhia, embora sem causar maiores danos. Nos dois casos, a organização clandestina Amigos da Liberdade reivindicara a autoria.

— Mais alguma pergunta para o sr. Birdsong?
— indagou Laura Bo Carmichael.

Houve várias, sobre as táticas que seriam empregadas contra a GSP & L — "ataques contínuos numa frente ampla de informação pública", segundo Birdsong — e o destino que seria dado ao dinheiro do Clube da Sequóia.

Em determinado momento, Roderick Pritchett pensou em voz alta:

— Não tenho certeza se devemos insistir num relato detalhado, mas naturalmente devemos exigir provas de que nosso dinheiro foi gasto de maneira eficaz.

— A prova serão os resultados — declarou Birdsong.

Todos concordaram que determinadas questões

deviam ser aceitas numa base de confiança. Finalmente, Laura Bo Carmichael disse:

— Sr. Birdsong, eu gostaria agora que se retirasse, por gentileza, a fim de que possamos discutir sua proposta em particular. O que quer que fique decidido, muito em breve voltaremos a entrar em contato.

Davey Birdsong levantou-se, radiante, o corpo imenso muito acima dos outros.

— Em tudo e por tudo, foi um privilégio e um prazer! E agora, parceiros... até a vista!

Quando ele saiu da sala, todos estavam pensando que, por um descuido, ele voltara a assumir, ao final, o papel que representava em público. Assim que a porta se fechou, a sra. Quinn foi a primeira a falar, firmemente:

— Não gosto nada disso. Sinto uma aversão profunda por aquele homem e todos os meus instintos dizem que não devemos confiar nele. Sou totalmente contrária a qualquer vinculação com o grupo dele.

— Lamento saber disso — comentou Irwin Saunders —, porque acredito que as táticas que ele propôs são justamente o que precisamos para derrotar as novas propostas da GSP & L, que é o mais importante, acima de qualquer outra coisa

– Devo dizer, sra. Quinn, que concordo com a opinião de Irwin - disse Pritchett.

Priscilla Quinn sacudiu a cabeça, enfaticamente.

– Nada que vocês possam dizer me fará mudar de idéia.

O advogado suspirou.

– Está sendo muito suscetível e exigente, Priscilla.

– É possível — respondeu a sra. Quinn, corando. — Mas também tenho princípios, algo que aquele homem repulsivo parece ignorar inteiramente.

Laura interveio, bruscamente:

– Não vamos começar a discutir entre nós!

– Gostaria de lembrar que este comitê tem autoridade para tomar uma decisão irrevogável — disse Pritchett, suavemente. — E, se chegarmos a uma decisão, podemos também investir a quantia que nos foi solicitada.

– Senhora presidente — disse Saunders —, até agora a votação é de dois a favor e um contra. Assim, o voto decisivo lhe cabe.

– Sei disso — falou gravemente Laura. — E confesso que ainda estou em dúvida.

– Neste caso — acrescentou Saunders —, deixe-me apresentar alguns argumentos a favor da mi-

nha posição e de Roderick.

— E, quando acabar — interveio Priscilla Quinn —, também apresentarei meus argumentos.

O debate se prolongou por mais vinte minutos.

Laura Bo Carmichael ficou ouvindo, atentamente, acrescentando alguma coisa aqui e ali, enquanto avaliava mentalmente a posição que deveria adotar. Se se opusesse à cooperação com Birdsong, haveria um empate de dois a dois na votação, o que equivaleria a uma rejeição sumária. Se votasse a favor, haveria uma contagem decisiva de três contra um.

Sua propensão era votar "não". Embora reconhecesse os méritos do pragmatismo de Saunders e Pritchett, os instintos de Laura em relação a Davey Birdsong eram iguais aos de Priscilla Quinn. O problema era que ela não queria parecer por demais vinculada a Priscilla Quinn, uma esnobe inegável, eternamente nas colunas sociais, casada com uma fortuna antiga da Califórnia e representando assim muitas coisas que Laura abominava.

Havia outra coisa de que ela estava perfeitamente consciente: se ficasse do lado de Priscilla contra os outros dois, seria um caso evidente de mulheres contra homens. Não fazia a menor diferença que Laura não tivesse tal intenção e fosse perfeitamente

capaz de julgar qualquer questão independentemente de seu sexo; era assim que iria parecer. Podia imaginar Irwin Saunders, um porco chauvinista, pensando: as malditas mulheres sempre se aliam! Ele poderia não dizê-lo expressamente, mas era inevitável que pensaria desse modo. Saunders não fora um dos partidários de Laura, quando ela se candidatara à presidência do Clube da Sequóia; apoiara outro candidato, um homem. Agora, Laura, como a primeira mulher a ocupar o mais alto posto da organização, queria provar que podia exercê-lo tão bem e imparcialmente quanto qualquer homem, talvez até muito melhor.

E, no entanto, ainda havia o instinto a dizer-lhe que a associação com Birdsong seria um erro.

— Estamos dando voltas intermináveis — declarou finalmente Irwin Saunders. — Sugiro que façamos uma votação final.

Priscilla Quinn declarou prontamente:

— Meu voto continua a ser não.

Saunders resmungou:

— Pois eu voto sim.

— Perdoe-me, sra. Quinn — disse Pritchett —, mas também voto sim.

Os olhos dos três se concentraram em Laura. Ela hesitou, analisando mais uma vez todas as im-

plicações e suas dúvidas. Depois, declarou, incisivamente:

— Também voto sim.

— Então está decidido! — gritou Irwin Saunders, esfregando as mãos num gesto de satisfação.

— Seja uma boa perdedora, Priscilla, e mude seu voto, para que a decisão se torne unânime.

Contraindo os lábios, a sra. Quinn sacudiu a cabeça, negativamente.

— Acho que vocês ainda vão se arrepender desse voto. E quero que minha divergência fique registrada em ata.

Enquanto o comitê executivo do Clube da Sequóia prosseguia no debate Davey Birdsong deixava o prédio cantarolando uma música alegre. Não tinha a menor dúvida quanto ao resultado da reunião. Sabia que Priscilla Quinn ficaria contra ele, mas tinha igualmente certeza de que os outros três, por motivos pessoais, aceitariam sua proposta. Os cinquenta mil dólares estavam no bolso.

Pegou o carro, um Chevrolet todo avariado, num estacionamento próximo, e atravessou o centro da cidade, seguindo depois para sudeste, por vários quilômetros. Parou numa rua comum, onde nunca estivera antes. Era o tipo de lugar em que se podia deixar o carro por várias horas sem atrair qualquer atenção. Trancou o carro, gravou mentalmente o nome da rua e depois andou vários quarteirões até uma rua mais movimentada, onde havia diversos pontos de ônibus, como observara ao passar. Pegou o primeiro ônibus que seguia para oeste.

Ao se afastar do carro, pôs um chapéu que normalmente nunca usava e óculos de aros de tartaruga, de que não precisava. Os dois acessórios alteravam surpreendentemente sua aparência; qualquer

pessoa que estivesse acostumada a vê-lo na televisão ou em outro lugar certamente não iria reconhecê-lo agora.

Depois de viajar de ônibus por cerca de dez minutos, Birdsong saltou e fez sinal para um táxi. Pediu ao motorista que seguisse para o norte. Olhou diversas vezes pela janela traseira do táxi, observando os carros que vinham atrás. Pareceu ficar satisfeito com as verificações; mandou que o motorista parasse, pagou e desceu. Poucos minutos depois, tomou outro ônibus, desta vez para leste. A essa altura, seu percurso a partir do local em que deixara o carro estacionado já assumira o formato aproximado de um quadrado.

Ao saltar do segundo ônibus, Birdsong examinou atentamente os outros passageiros que também saltaram. Pôs-se a andar rapidamente, virando em diversas esquinas e olhando para trás a cada vez. Depois de caminhar por cinco minutos, parou diante de uma pequena casa e subiu meia dúzia de degraus até a porta da frente, recuada. Apertou a campainha e ficou parado, esperando, num lugar em que podia ser visto do outro lado, através do olho mágico. A porta se abriu quase imediatamente, e ele entrou.

No pequeno vestíbulo escuro do esconderijo

dos Amigos da Liberdade, Georgos Archambault perguntou-lhe:

— Tomou todas as precauções ao vir até aqui?

— Claro que tomei! Sempre tomo! — Em tom de acusação, Birdsong acrescentou: — Estragou aquele trabalho da subestação!

— Houve motivos para isso. Vamos descer.

Georgos desceu na frente pela escada de cimento até a oficina no porão, com seu suprimento habitual de explosivos e acessórios. Num divã improvisado, encostado na parede, havia uma moça deitada. Parecia ter vinte e poucos anos. O rosto pequeno e redondo, que em outras circunstâncias poderia ter sido bonito, estava extremamente pálido. O cabelo louro, fino e comprido, que precisava de uma escovadela, estava esparramado sobre um travesseiro imundo. A mão direita estava envolta por uma atadura, com manchas marrons, vestígios de sangue seco. Birdsong explodiu:

— Por que ela está aqui?

— Era o que eu ia explicar — respondeu Georgos. — Ela estava me ajudando no trabalho na subestação, e um detonador explodiu. Ela perdeu dois dedos e começou a sangrar que nem um porco estripado. Estava escuro, eu não tinha certeza se nos haviam ouvido. E fiz o resto do trabalho às pressas.

— Deixar a bomba onde você deixou foi algo estúpido e inútil! O dano que ela causou foi o de um fogo de artifício!

Georgos ficou vermelho. Antes que tivesse tempo de responder, a moça murmurou:

— Eu preciso ir para um hospital...

— Não pode e não vai! — Birdsong não exibia agora sua afabilidade característica. Acrescentou para Georgos, em tom furioso: — Lembre-se de nosso acordo! Tire-a daqui!

Georgos fez um gesto com a cabeça; a moça, com uma expressão infeliz, levantou-se e subiu a escada. Ele sabia que cometera outro erro ao deixá-la ficar ali. Pelo acordo que Birdsong mencionara, uma precaução das mais sensatas, apenas Georgos devia encontrá-lo pessoalmente. A ligação de Davey Birdsong era desconhecida para os outros membros do grupo clandestino, Wayde, Ute e Felix, que deixavam a casa ou ficavam fora do caminho sempre que se esperava uma visita do contato externo dos Amigos da Liberdade. Georgos sabia que se criara aquele problema pelo fato de ter-se tornado muito sentimental com aquela mulher, Yvette, o que era péssimo. Tivera a mesma reação quando o detonador explodira; na ocasião, ficara mais preocupado com os ferimentos de Yvette do que com o trabalho ain-

da por executar. Terminara-o às pressas porque queria tirá-la de lá em segurança o mais rapidamente possível. E por isso acabara fracassando.

Depois que a moça se retirou, Birdsong disse, em voz baixa:

– Nada de hospital, nada de médico. Haveria perguntas, e ela sabe demais. Se for necessário, livre-se dela. Há meios bem fáceis.

– Ela va ficar boa. Além do mais, é bastante útil.
– Georgos estava se sentindo constrangido sob o olhar atento de Birdsong e tratou de mudar de assunto. — Saiu tudo bem na garagem ontem à noite. Já leu os jornais?

Birdsong concordou de ma vontade.

– Tudo deveria sempre acontecer assim. Não há tempo nem dinheiro para se desperdiçar com fracassos.

Georgos aceitou a censura em silencio, embora não precisasse fazê-lo. Era o líder dos Amigos da Liberdade. O papel de Davey Birdsong era secundário, um contato com o mundo exterior, especialmente com os partidários da revolução — "os marxistas de poltrona" — que eram a favor da anarquia ativa, mas não queriam partilhar os riscos. Contudo, por sua própria natureza, Birdsong gostava de parecer dominador; às vezes, Georgos deixava-o mani-

festar-se dessa forma, por causa de sua utilidade, particularmente do dinheiro que trazia.

E o dinheiro era justamente o motivo para, naquele momento, evitar uma discussão; Georgos precisava de mais recursos, já que suas fontes anteriores haviam secado abruptamente. A cadela de sua mãe, a atriz de cinema grega que o abastecera com uma renda constante ao longo de vinte anos, aparentemente estava passando por dificuldades; não conseguia mais obter bons papéis em filmes, porque nem mesmo a maquiagem podia mais ocultar o fato de que já estava com cinquenta anos, e sua aparência de jovem deusa desaparecera para sempre. Isso pelo menos deixava Georgos deliciado, e ele torcia para que a situação da mãe se tornasse cada vez pior. Se ela estivesse passando fome, dizia a si mesmo, não lhe daria nem mesmo um biscoito velho. De qualquer forma, o aviso dos advogados de Atenas, impessoal como sempre, comunicando que não haveria mais pagamentos depositados na conta bancária em Chicago, chegara no pior momento possível.

As necessidades financeiras de Georgos incluíam os custos atuais e os planos futuros. Um dos projetos era construir uma pequena bomba atômica e explodi-la dentro ou perto da sede da Golden State Power & Light. Georgos raciocinava que tal bom-

ba iria destruir o prédio, com todos os exploradores e lacaios que estivessem lá dentro, além de uma boa parte do que estivesse ao redor. Seria uma lição das mais saudáveis para os capitalistas opressores do povo. Ao mesmo tempo, os Amigos da Liberdade iriam tornar-se uma força ainda mais formidável e passariam a ser tratados com temor e respeito.

A idéia de fabricar uma bomba atômica era ambiciosa e talvez irrealista... mas não inteiramente. Afinal, um estudante de vinte e um anos de Princeton, John Phillips, já demonstrara de maneira amplamente divulgada pela imprensa que todos os detalhes sobre "como" fazer estavam disponíveis nas bibliotecas, para alguém que tivesse a paciência de reuni-los. Georgos Winslow Archambault, conhecedor de física e química, obtivera todas as informações possíveis sobre a pesquisa de Phillips e acumulara um arquivo próprio, usando também dados recolhidos em bibliotecas. Um dos itens do arquivo que não viera de nenhuma biblioteca era um manual de dez páginas do Departamento de Serviços de Emergência da Califórnia, dirigido aos departamentos de polícia locais. Descrevia como enfrentar as ameaças de bomba atômica e continha diversas informações úteis. Georgos estava convencido de que se encontrava bem próximo à elaboração

de um projeto exeqüível. Contudo, a fabricação de uma bomba exigiria material físsil, que teria de ser roubado. E para isso era preciso dinheiro — e muito —, além de uma boa organização e um tanto de sorte. Mas podia ser feito; coisas muito mais estranhas já haviam acontecido.

— Já faz muito tempo que trouxe dinheiro pela última vez — disse ele a Birdsong. — Estamos precisando de mais.

— Pois vai ter. — Birdsong permitiu-se um sorriso, o primeiro desde que chegara. — E muito. Descobri outra árvore de dinheiro.

Nim estava fazendo a barba. Passava um pouco das sete horas da manhã de uma quinta-feira, no final de agosto.

Ruth descera dez minutos antes, a fim de preparar o café da manhã. Leah e Benjy ainda estavam dormindo. Ruth tornou a subir, inesperadamente, aparecendo na porta do banheiro com o Chronicle-West nas mãos.

— É uma pena que comece o dia da pior maneira possível, Nim, mas sei que vai querer dar uma lida nesta notícia.

— Obrigado.

Nim largou o aparelho de barbear e pegou o jornal com as mãos úmidas, correndo os olhos pela primeira página. Abaixo da dobra, havia uma notícia em uma coluna:

REJEITADO PEDIDO DE AUMENTO DA GSP & L

As tarifas de eletricidade e gás não vão aumentar.

Isso foi revelado ontem à tarde pela Comissão de Serviços Públicos da Califórnia, ao anunciar a rejeição de uma solicitação da Golden State Power & Light de um

aumento de treze por cento nas tarifas de energia elétrica e gás, o que proporcionaria à gigantesca companhia um aumento de quinhentos e oitenta milhões de dólares na receita anual.

"Não cremos que haja necessidade de um aumento neste momento" declarou a Comissão de Serviços Públicos, numa decisão tomada por uma votação de três a dois.

Nas audiências públicas, a GSP & L alegara que precisava do aumento para cobrir os custos crescentes, decorrentes da inflação, e para levantar recursos a serem aplicados em seu programa de expansão.

Os altos dirigentes da GSP & L não estavam dispostos a fazer qualquer comentário, mas um porta-voz da companhia lamentou a decisão e manifestou sua preocupação pelo futuro da situação energética na Califórnia. Por outro lado, Davey Birdsong, líder de um grupo de consumidores, força & luz para o povo, saudou a decisão como...

Nim deixou o jornal em cima da tampa da privada a seu lado e terminou de fazer a barba; soubera da decisão ao final do dia anterior; assim, a notícia era apenas uma confirmação. Ao descer, Ruth já preparara a comida, rim de carneiro com ovos mexidos. Sentou-se diante dele, com uma xícara de café nas mãos.

— O que significa realmente a decisão da comissão, Nim?

Ele fez uma careta.

— Significa que três pessoas, que arrumaram seus empregos através da política, têm o direito de dizer às grandes corporações, como a GSP & L e a companhia telefônica, como devem administrar seus negócios.

— E isso irá afetá-lo?

— É claro que sim! Terei de reformular todo o programa de expansão; vamos cancelar ou diminuir o ritmo de alguns projetos, o que provocará dispensas em massa de empregados. Haverá, inclusive, problemas de caixa. Todo mundo vai estar de cara triste hoje, principalmente Eric. — Nim cortou um pedaço de rim. — Está delicioso. Ninguém sabe fazer melhor do que você.

Ruth hesitou por um instante, antes de dizer:

"Será que poderia providenciar seu próprio café da manhã por alguns dias?

Nim ficou aturdido.

— Claro. Mas por quê?

— Talvez eu tenha de viajar. — Ruth fez uma pausa e corrigiu-se: — Ou melhor, vou viajar. Por uma semana, talvez mais.

Nim largou a faca e o garfo e fitou-a atentamen-

te.

— Por quê? Para onde?

— Mamãe vai ficar tomando conta de Leah e Benjy enquanto eu viajo. E a sra. Blair continuará fazendo a limpeza. Assim, precisará apenas jantar fora, o que não será nenhum problema para você.

Nim ignorou a provocação. E insistiu, alteando a voz:

— Não respondeu a minha pergunta. Para onde vai e por quê?

— Não precisa gritar. — Por trás do controle de Ruth, ele podia sentir uma frieza inesperada. — Ouvi perfeitamente sua pergunta. Mas, do jeito que estão as coisas entre nós, não creio que tenha de responder. Não concorda?

Nim ficou calado, sabendo exatamente o que Ruth estava querendo insinuar: por que deveria haver um comportamento duplo? Se Nim decidira quebrar as regras do casamento, tendo uma sucessão de ligações amorosas e passando várias noites fora de casa, absorvido em seus prazeres, por que Ruth não deveria assumir uma liberdade semelhante, também sem dar explicações?

Nessa base, a declaração de igualdade de Ruth — e obviamente era isso o que estava fazendo — era perfeitamente procedente. Mesmo assim, Nim sen-

tiu uma pontada de ciúme, pois agora tinha certeza de que Ruth estava envolvida com outro homem. Inicialmente, não pensara assim; agora, estava convencido. E, embora soubesse que em muitos casamentos havia acordos de liberdade mútua, achava muito difícil aceitar essa situação em seu próprio caso.

Interrompendo os pensamentos dele, Ruth disse:

— Ambos sabemos que há muito tempo mantemos apenas uma aparência de casamento. E preferimos não falar a respeito. Mas acho que deveríamos. — Desta vez, apesar do esforço para dar a impressão de firmeza, havia um ligeiro tremor na voz de Ruth.

— Quer falar agora? — perguntou Nim.

Ruth sacudiu a cabeça.

— Talvez quando eu voltar. — Ela fez uma pausa e depois acrescentou: — Assim que eu resolver algumas coisas, irei informá-lo sobre quando sairei de casa.

— Está certo — respondeu Nim, atordoado.

— Ainda não terminou de comer.

Ele empurrou o prato para o lado.

— Não estou mais com fome.

Embora a conversa com Ruth — um tremendo

choque para ele por ter acontecido tão de repente - tivesse preocupado Nim durante a viagem até o centro, a atividade nos escritórios da GSP & L rapidamente eclipsou suas preocupações pessoais.

A decisão da Comissão de Serviços Públicos tinha prioridade sobre tudo o mais.

Durante toda a manhã, uma procissão de executivos dos departamentos financeiro e jurídico, com expressões soturnas, entrou e saiu apressadamente do gabinete do presidente. As idas e vindas assinalavam uma sucessão de reuniões, todas sobre a mesma questão essencial: sem um aumento nas tarifas para os consumidores, como a GSP & L poderia executar seus planos de expansão e permanecer solvente? A conclusão: sem alguma redução drástica e imediata nas despesas, não haveria a menor possibilidade.

Em determinado momento, J. Eric Humphrey, andando de um lado para outro sobre o tapete, diante de sua mesa, indagou, retoricamente:

— Por que ninguém reclama e aceita naturalmente quando o preço do pão sobe, em decorrência da inflação, a carne passa a custar mais, gasta-se mais dinheiro para ir ao cinema ou a um restaurante? Mas quando declaramos uma verdade pura e simples, que não podemos mais fornecer energia pe-

las tarifas antigas, porque nossos custos também subiram, ninguém acredita.

Oscar O'Brien, o advogado da companhia, acendeu um de seus inevitáveis charutos, enquanto respondia:

— Não acreditam em nós porque foram condicionados a não acreditar... principalmente pelos políticos, tentando conquistar votos e procurando um alvo fácil para seus ataques. E as companhias de serviços públicos sempre foram um alvo fácil.

O presidente resmungou:

— Políticos! Eles me enojam! Inventaram a inflação, promoveram-na, agravaram-na, continuam a mantê-la enquanto aumentam a dívida pública... tudo para conseguir votos e não perder seus empregos. Ao mesmo tempo, esses charlatões, distorcendo e escondendo a verdade, lançam a culpa pela inflação em tudo o mais, empresas, sindicatos trabalhistas, qualquer um, qualquer coisa, menos neles próprios. Se não fosse pelos políticos, não estaríamos pedindo um aumento das tarifas, porque não haveria necessidade.

Sharlett Underhill, vice-presidente executiva de finanças e a quarta pessoa presente na sala naquele momento, murmurou:

— Amém!

Sharlett, morena, esguia, com quarenta e poucos anos, competente, normalmente inabalável, parecia nesse momento preocupada e sem saber o que fazer. O que era compreensível, pensou Nim. Quaisquer que fossem as decisões financeiras adotadas em consequência da rejeição da comissão, elas teriam de ser inevitavelmente rigorosas, e Sharlett teria de executá-las.

Eric Humphrey parou de andar e perguntou:

— Alguém sabe o motivo pelo qual tudo o que pedimos foi rejeitado? Por acaso nos enganamos em nossos julgamentos? Onde nossa estratégia estava errada?

— Tenho a impressão de que não houve erro em nossa estratégia — respondeu O'Brien. — E não tenho a menor dúvida de que nossos julgamentos estavam absolutamente corretos.

Por trás da pergunta e da resposta havia uma prática comum das companhias de serviços públicos... mas também um segredo ciosamente guardado.

Sempre que era nomeado um novo comissário de serviços públicos, as companhias que seriam afetadas por suas decisões iniciavam um estudo detalhado de sua personalidade, inclusive um perfil psiquiátrico. O material recolhido era analisado por

psicólogos, à procura de preconceitos contra os quais elas se devessem prevenir e de fraquezas que pudessem ser exploradas.

Mais tarde, um executivo da companhia tentava fazer amizade com o comissário. Este era recebido na casa do executivo, era convidado a jogar golfe, a assistir a eventos esportivos ou a pescar trutas na serra. Os encontros eram sempre agradáveis, particulares, discretos, jamais suntuosos. Durante as conversas, podiam-se abordar os problemas da companhia, mas jamais eram pedidos favores diretos. A influência era mais sutil. Frequentemente, a tática funcionava a favor da companhia. Ocasionalmente, isso não acontecia.

— Sabíamos que dois comissários votariam contra nós de qualquer maneira — continuou o advogado. — E sabíamos também que dois outros estavam do nosso lado. Assim, o voto de Cy Reid seria decisivo. Trabalhamos Reid, pensávamos que ele já havia aceito nossos argumentos. Mas estávamos enganados.

Nim conhecia o comissário Cyril Reid. Era doutor em Economia e ex-professor universitário, mas sem nenhuma experiência prática em negócios. Ele colaborara estreitamente com o governador da Califórnia em duas campanhas eleitorais, e por isso fora

designado para o cargo. Os observadores estavam convencidos de que, se o governador se mudasse de Sacramento para a Casa Branca, como pretendia, levaria Cy Reid junto, como assessor-chefe.

Segundo um informe confidencial que Nim leu, o comissário Reid havia sido outrora um fervoroso partidário da teoria keynesiana. Mas mudara de idéia, convencido agora de que as doutrinas do déficit de John Maynard Keynes haviam levado ao desastre econômico mundial. Um relatório recente de um vice-presidente da GSP & L, Stewart Ino, que cultivara a amizade de Reid, informava que o comissário passara a aceitar "a realidade das declarações de rendimentos e dos balanços, inclusive das companhias de serviços públicos". Mas era possível, pensou Nim, que Cy Reid, o político, estivesse rindo deles durante todo o tempo e continuasse a rir naquele momento.

– Mas, durante a pendência do caso, não houve conversa nos bastidores com os assessores da comissão? — insistiu o presidente. — E não houve acordos?

Foi Sharlett Underhill quem respondeu:

– A resposta às duas perguntas é sim.

– Mas, se houve acordos, o que aconteceu?

Sharlett deu de ombros.

– Nada do que se faz nos bastidores é compulsório. Três comissários, inclusive Reid, ignoraram as recomendações de sua assessoria.

Algo que a maioria das pessoas ignorava, pensou Nim, era o fato de haver negociações nos bastidores, durante e depois das audiências públicas.

As grandes companhias, como a GSP & L, quando pretendiam aumentar sua receita, mediante uma elevação das tarifas, freqüentemente pediam mais do que precisavam e mais do que esperavam receber. O que se seguia era um ritual de marchas e contramarchas, com a participação dos comissários. A comissão acabava reduzindo parte do que fora pedido, parecendo assim estar vigilante em seu dever público. A companhia, embora aparentemente derrotada, na verdade, recebia tudo o que havia planejado, ou quase tudo.

Os detalhes essenciais eram definidos pela assessoria da comissão, em reuniões informais com representantes da companhia. Nim comparecera certa vez a uma dessas reuniões e ouvira um assessor da comissão indagar:

– Qual é o aumento de que vocês realmente precisam? Vamos esquecer as audiências públicas, que não decidem coisa alguma. Digam-nos o que precisam e lhes diremos até onde podemos ir.

Houvera franqueza total das duas partes, e a decisão fora acertada em particular, muito mais rapidamente do que acontecia nas audiências públicas.

De um modo geral, o sistema era aceitável e funcionava. Mas desta vez isso não acontecera.

Consciente de que o presidente ainda estava fervendo de raiva, Nim disse, cautelosamente:

— Tenho a impressão de que procurar descobrir o que aconteceu, neste momento, não vai adiantar muita coisa.

Humphrey suspirou.

— Tem razão. — Virou-se para a vice-presidente de finanças. — Em termos financeiros, Sharlett, como poderemos enfrentar o próximo ano?

— As opções são limitadas, mas vou indicar todas. — Sharlett espalhou sobre a mesa diversas folhas com cálculos complexos.

As discussões se prolongaram pela maior parte do dia, e outros executivos foram convocados ao gabinete do presidente para fornecer informações adicionais. Ao final, ficou evidente que só havia duas opções válidas. Uma era reduzir drasticamente o programa de expansão, a manutenção e os serviços especiais para os consumidores. A outra era deixar de pagar dividendos aos acionistas. A primeira op-

ção era inconcebível; a segunda poderia ser desastrosa, porque a cotação das ações da GSP & L iria cair bruscamente, pondo em risco o futuro da companhia. Contudo, chegou-se também à conclusão de que não havia nenhuma outra opção.

Ao final da tarde, J. Eric Humphrey, visivelmente cansado e abatido, pronunciou o veredicto que o pequeno grupo de executivos de alto nível que o assessorava sabia ser inevitável desde o início:

— Vamos recomendar ao Conselho Administrativo que o pagamento de todos os dividendos das ações ordinárias da companhia seja suspenso imediatamente, por prazo indefinido.

Era uma decisão histórica.

Desde sua criação, três quartos de século antes, quando a companhia que a precedera se fundira com diversas outras, a Golden State Power & Light sempre fora um modelo de probidade financeira. Em todos aqueles anos, jamais deixara de cumprir suas obrigações ou de pagar dividendos aos acionistas. Em decorrência, a GSP & L era conhecida entre os investidores, grandes e pequenos, como a "velha fiel" e "amiga das viúvas e órfãos". Os aposentados na Califórnia e em outros Estados aplicavam as economias de toda uma vida, com absoluta confiança, nas ações da GSP & L, contando com os dividendos

regulares como meio de sustento. Os cautelosos administradores de fundos de investimentos alheios também faziam a mesma coisa. Assim, a suspensão do pagamento dos dividendos teria a mais ampla repercussão, não apenas pela perda dos rendimentos, mas também pela redução do capital quando o valor das ações caísse, como inevitavelmente aconteceria.

Pouco depois da decisão angustiada do presidente, o quarteto da manhã voltou a se reunir — Eric Humphrey, Oscar O'Brien, Sharlett Underhill e Nim —, contando ainda com Teresa van Buren. A vice-presidente de relações públicas fora convocada por causa do impacto da decisão sobre o público.

Já fora marcada uma reunião do Conselho Administrativo para as dez horas da manhã da segunda-feira seguinte; meia hora antes, haveria uma reunião do Conselho Financeiro. Presumivelmente, a decisão seria confirmada nas duas reuniões, fazendo-se imediatamente depois uma declaração ao público. Enquanto isso, era necessário adotar precauções para impedir que transpirassem informações, o que poderia levar a manobras especulativas envolvendo as ações da companhia.

— Fora desta sala — advertiu Sharlett Underhill — ninguém pode falar sobre o que tenciona-

mos fazer, até que seja emitida a declaração oficial. Como vice-presidente de finanças, gostaria de lembrar a todos que, tendo em vista a informação confidencial de que nós cinco dispomos, qualquer negociação com ações da companhia, antes do comunicado oficial de segunda-feira, seria um ato criminoso, de acordo com os regulamentos da Comissão de Valores Mobiliários.

Numa tentativa de desanuviar o ambiente, Nim comentou:

— Está certo, Sharlett. Não vamos vender na alta para ficar ricos.

Mas ninguém riu. Teresa van Buren comentou:

— Presumo que todos se lembram de que a assembléia anual de acionista será realizada dentro de duas semanas. Vamos ter de enfrentar uma porção de acionistas furiosos.

— Furiosos? — resmungou O'Brien, acendendo novamente o charuto, que se apagara. — Estarão com as bocas espumando, e vamos precisar de um esquadrão da polícia especializada para conseguir contê-los!

— Podem deixar que eu cuide disso — declarou J. Eric Humphrey, sorrindo pela primeira vez em muitas horas. — Mas estou pensando que talvez seja o caso de usar um colete à prova de balas.

Por duas vezes, desde que recebera a carta de Karen Sloan no acampamento do Portão do Diabo, Nim falara com ela pelo telefone. Prometera visitá-la novamente, assim que pudesse.

Mas a carta chegara no dia do trágico acidente de Wally Talbot, e desde então outros acontecimentos se haviam sucedido, obrigando Nim a adiar a visita. E ainda não a fizera. Mas Karen lembrou-o... com outra carta.

Ele a estava lendo naquele instante, em sua sala, num momento de tranqüilidade.

No alto do elegante papel timbrado azul, Karen datilografara em letras maiúsculas:

**FIQUEI MUITO TRISTE QUANDO ME FALOU
DO ACIDENTE DE SEU AMIGO E QUANDO LI
A NOTÍCIA SOBRE OS FERIMENTOS.**

Abaixo, na datilografia impecável de Karen, estavam os seguintes versos:

*Diga a ele de alguém que sabe:
Um pavio hesitante*

*Embora brilhando debilmente
Tem uma claridade muito maior
Que a tenebrosa escuridão.
Pois a vida,
Em quaisquer condições,
É melhor que a morte.*

*Isso mesmo! Os "ses" persistem para sempre
Como desejos suspensos, espectrais, angustiantes,
Depois que o imediato passa:
"Se" isto ou aquilo
Em tal ou qual dia
Tivesse variado uma hora ou um centímetro;
Ou se algo negligenciado fosse feito
Ou se algo feito fosse negligenciado!
Então "talvez" outra coisa fosse
E outras outras... até o infinito.
Pois "talvez" e "se" são primos
Devotados à sobrevivência em nossas mentes.*

*Aceite-os
E a tudo o mais.*

Nim ficou sentado, imóvel e silencioso, pelo que pareceu um longo tempo, lendo e relendo as palavras de Karen. Finalmente percebeu que o tele-

fone estava tocando, e já não era a primeira vez. Atendeu e ouviu a voz jovial de sua secretária:

— Por acaso o acordei?

— De certa forma, sim.

— O sr. London deseja falar-lhe. Agora, se estiver livre.

— Diga-lhe que está bem.

Nim guardou a carta numa gaveta da escrivaninha em que mantinha suas coisas particulares. Quando chegasse o momento propício, iria mostrá-la a Wally Talbot. O que o fez recordar que ainda não falara com Ardythe desde o encontro extremamente penoso no hospital. Mas decidiu deixar esse problema em suspenso, pelo menos por enquanto.

A porta se abriu, e Vicki anunciou:

— O sr. London já está aqui.

— Entre, Harry.

Nim achava-se perfeitamente consciente de que o chefe do Departamento de Proteção à Propriedade ultimamente o estava procurando com uma frequência excessiva, às vezes para tratar de um problema de trabalho, outras, não. Mas não fazia nenhuma objeção. Apreciava a crescente amizade entre os dois, a troca de opiniões sempre proveitosa.

— Acabei de saber da decisão de não pagar dividendos — disse London, acomodando-se numa

cadeira. — E achei que, para variar, podia gostar de ouvir boas notícias.

A notícia de que a GSP & L havia cancelado o pagamento de dividendos, uma decisão que o Conselho Administrativo aceitara com a maior relutância, tivera grande repercussão na tarde anterior e continuara a provocar comentários nos meios de comunicação naquela manhã. A reação inicial do mundo financeiro fora de incredulidade, e os acionistas já tinham começado a protestar. Nas Bolsas de Valores de Nova Iorque e do Pacífico, a venda desordenada, depois de uma suspensão das negociações por quatro horas, levava a cotação da ação da GSP & L a nove dólares, o que representava um terço de seu valor antes do comunicado da companhia.

— Quais são as boas notícias, Harry?

— Lembra-se do Dia D em Brookside?

— Claro!

— Conseguimos obter quatro condenações no tribunal.

Nim repassou mentalmente os diversos incidentes de adulteração dos medidores que testemunhara pessoalmente naquele dia.

— Quais foram os casos?

— O cara que tinha o posto de gasolina e os serviços de lavagem de carros. Ele poderia ter esca-

pado, mas seu advogado cometeu o erro de chamá-lo para testemunhar. Ao ser reinquirido, o homem incorreu em algumas contradições. Outro foi aquele fabricante de instrumentos de precisão. Está lembrado?

— Estou, sim. — Nim recordou a pequena casa que estava vazia na ocasião, mas na qual London deixara homens de vigia. Como os investigadores esperavam, o homem fora informado pelos vizinhos da presença da GSP & L, sendo surpreendido em flagrante quando tentava tirar o arame ilegal do medidor.

— Em ambos os casos e mais outros dois — acrescentou London —, que você não chegou a presenciar, o tribunal determinou multas de quinhentos dólares.

— E aquele médico que tinha ligado dois fios no medidor, com um interruptor na garagem?

— E que tinha uma esposa desaforada, com um cachorro imenso?

— Exatamente.

— Não chegamos a processá-lo. A mulher disse que eles tinham amigos importantes, e era verdade. Recorreram a todas as suas influências, inclusive dentro da companhia. Mesmo assim, poderíamos ter levado o caso ao tribunal. Mas nosso Departa-

mento Jurídico alegou que não tinha certeza se poderia provar que o médico estava a par da alteração no medidor. Ou pelo menos foi o que me deram a entender.

Nim comentou, em tom cético:

— Parece a velha história de sempre... há duas espécies de justiça, dependendo de quem se é e de quem se conhece.

— Isso acontece. Vi muita coisa assim quando trabalhava na polícia. Seja como for, o tal médico pagou tudo o que devia, e estamos conseguindo receber também de muitos outros. Além disso, começamos a processar mais alguns fraudadores. — London fez uma breve pausa, antes de acrescentar: — Ainda tenho outras notícias.

— Quais?

— Desde o início, eu disse que em muitos dos casos de desvio de energia estávamos enfrentando profissionais que sabiam como fazer o serviço e depois disfarçá-lo, de tal forma que nossos homens teriam a maior dificuldade em descobrir alguma coisa. Também achava que esses profissionais podiam estar trabalhando em grupos, talvez até formando uma quadrilha organizada. Está lembrado?

Nim concordou, esforçando-se para não deixar transparecer qualquer impaciência, permitindo que

Harry London dissesse tudo o que desejava à sua maneira didática.

— Pois encontramos uma pista. Meu assistente, Art Romeo, recebeu um aviso sobre um grande prédio de escritórios no centro da cidade no qual os transformadores foram adulterados, assim como o sistema de gás, responsável por todo o aquecimento do edifício. Art foi verificar e descobriu que é tudo verdade. Eu próprio já estive lá. Art conseguiu a ajuda de um zelador, que está trabalhando para nós. Estamos pagando a ele para ficar de vigia. O negócio desta vez é bem grande, Nim. E é um dos melhores trabalhos que já vi. Sem o aviso que Art recebeu, provavelmente jamais iríamos descobrir.

— E de onde foi que ele recebeu o aviso? — Nim conhecera Art Romeo pessoalmente. Era um homenzinho irrequieto, que mais parecia um ladrão.

— Vou lhe dizer uma coisa, Nim: jamais faça tal pergunta a um tira... ou a um agente da Proteção à Propriedade. Um informante às vezes fala por ressentimento, na maioria das ocasiões está querendo dinheiro. Mas, seja qual for o caso, deve ser protegido. E não se faz isso revelando o nome dele a outras pessoas. Nem perguntei a Art quem era.

— Está certo. Mas, se sabe que existe no tal

prédio uma instalação ilegal, por que não entramos em ação imediatamente?

— Porque iríamos fechar um buraco de rato e impedir o acesso a muitos outros. Deixe-me contar algumas das coisas que descobrimos.

Nim disse secamente:

— Eu estava mesmo esperando que o fizesse.

— A firma que possui o tal prédio de escritórios se chama Zaco Properties. É proprietária de vários outros prédios de apartamentos, escritórios e lojas, que aluga para supermercados. E imaginamos que, se adulteraram os medidores num lugar, devem tentar a mesma coisa em outros, talvez até já o tenham feito. Art Romeo está neste momento verificando nos outros lugares, em sigilo. Encarreguei-o exclusivamente desse trabalho.

— Disse que está pagando a um zelador do primeiro prédio para ficar de vigia. Com que objetivo?

— Quando uma operação é grande assim, não pode deixar de haver verificações e ajustes ocasionais.

— Em outras palavras, aquele que adulterou os medidores provavelmente irá voltar, não é?

— Exatamente! E, quando isso acontecer, o zelador nos avisará. É antigo no trabalho e sabe de

quase tudo o que acontece por lá. Já falou um bocadinho, pois não gosta dos patrões. Parece que fizeram alguma sujeira com ele. Disse que o trabalho original foi feito por quatro homens que pareciam organizados especialmente para isso, aparecendo em três ocasiões, em dois caminhões bem equipados. Estou querendo descobrir as placas desses caminhões e ter uma boa descrição dos homens.

Era óbvio, pensou Nim, que o zelador fora o informante; mas guardou a conclusão para si.

— Supondo que obtenha todas as provas que deseja, Harry, o que acontecerá em seguida?

— Levaremos as provas ao gabinete do promotor distrital e à polícia municipal. Sei quem procurar nos dois lugares, quem merece confiança e vai agir rapidamente. Mas ainda não chegou o momento propício. Por enquanto, quanto menos pessoas souberem do que descobrimos, melhor.

— Tem razão. O caso parece bastante promissor. Mas não se esqueça de duas coisas. Primeira: avise seu homem, Romeo, para tomar todo o cuidado. Se a operação é tão grande quanto você está pensando, pode também ser perigosa. Segunda: mantenha-me permanentemente informado de tudo o que acontecer.

O chefe do Departamento de Proteção à Propri-

idade exibiu um sorriso satisfeito.

— Pois não, senhor!

Nim teve a impressão de que Harry London estava se contendo para não assumir posição de sentido e bater continência.

Tradicionalmente, a assembléia anual dos acionistas da Golden State Power & Light era um acontecimento calmo, até mesmo monótono. Entre os quinhentos e quarenta mil acionistas da companhia, somente uns duzentos compareciam com certa regularidade; a maioria simplesmente ignorava. Ao que parecia, os ausentes só estavam interessados numa coisa: os dividendos trimestrais regulares, até aquele momento tão previsíveis e seguros quanto as quatro estações do ano.

Mas isso já não mais acontecia.

Ao meio-dia, duas horas antes do início da assembléia anual, uma fila de acionistas começou a apresentar credenciais e a entrar no salão de festas do St. Charles Hotel, onde se havia providenciado lugares para duas mil pessoas, prevendo-se todas as possíveis eventualidades. Ao meio-dia e quinze, a fila se transformara num fluxo intenso. Ao meio-dia e meia, já era uma verdadeira inundação.

Entre os que chegavam, mais da metade era constituída de pessoas idosas, algumas caminhando com a ajuda de bengalas, umas poucas de muletas, meia dúzia em cadeiras de rodas. A maioria não es-

tava bem vestida. Muitos haviam trazido café em garrafas térmicas, além de sanduíches, tendo almoçado enquanto esperavam.

A disposição da maioria dos acionistas era óbvia: variava entre o ressentimento e a raiva. Muitos tratavam rispidamente os funcionários da GSP & L que estavam incumbidos de verificar as credenciais. Alguns, devido à espera, tornaram-se beligerantes.

Por volta das treze horas, faltando ainda uma hora para começar a reunião, todos os dois mil lugares já estavam ocupados. E o fluxo de acionistas continuava a aumentar. O salão transformou-se numa babel de ruídos, com milhares de conversas e discussões, algumas acaloradas. Ocasionalmente, frases e palavras podiam ser ouvidas acima do barulho geral:

— ... disse que era uma ação segura e por isso investimos nossas economias, e agora...

— ... uma diretoria asquerosa e incompetente...

— "Para você está tudo bem", falei pro cara que foi ler o medidor, "mas eu vou viver de quê... de ar?"

— ... as contas já estão um bocado altas, por isso não posso entender que não queiram pagar dividendos para...

— ... um bando de parasitas na diretoria que

não se importa com a gente!

— ... se ficássemos sentados aqui e nos recusássemos a ir embora, até que...

— O negócio é enforcar os filhos da mãe! Garanto que eles iriam logo mudar de idéia!

Uma mesa reservada para a imprensa, na frente do salão; já estava parcialmente ocupada. Dois repórteres se deslocavam entre a multidão, à procura de histórias de interesse humano. Uma mulher de cabelo grisalho, num traje verde-claro, estava sendo entrevistada. Passara quatro dias viajando de ônibus, desde Tampa, Flórida, "porque o ônibus é mais barato e não me resta mais muito dinheiro, especialmente agora". Contou que deixara de trabalhar como balconista cinco anos antes, indo viver numa casa para aposentados. Com suas modestas economias de toda uma vida, comprara ações da GSP & L.

— Disseram-me que era tão seguro quanto um banco. Agora, não tenho mais nenhum rendimento e por isso vou ter de sair da casa em que estou vivendo. E não sei para onde ir. — Falando sobre a viagem à Califórnia, ela acrescentou: — Eu não tinha condições de vir, mas também não podia ficar indiferente. Precisava saber por que estão fazendo uma coisa tão horrível comigo.

Enquanto as palavras iam saindo aos borbo-

tões, com uma emoção profunda, o fotógrafo de uma agência noticiosa ia tirando fotografias de seu rosto angustiado, que no dia seguinte apareceria em jornais de todo o país.

Somente os fotógrafos estavam sendo admitidos no salão. Duas equipes de TV aguardavam no saguão do hotel e protestavam com Teresa van Buren por estarem sendo impedidas de entrar.

— Ficou decidido — explicou ela — que a presença de câmaras de televisão no salão faria com que a assembléia dos acionistas parecesse um circo.

Um técnico de TV resmungou:

— Do jeito que estão as coisas, já está parecendo.

Teresa van Buren foi a primeira a dar o sinal de alarme quando ficou patente, pouco depois de meio-dia e meia, que os lugares providenciados seriam totalmente insuficientes. Houve uma reunião às pressas entre dirigentes da GSP & L e do hotel. Combinou-se abrir outro salão, com a metade do tamanho do salão de festas, onde poderiam ser acomodadas mil e quinhentas pessoas. Os acontecimentos no salão principal seriam transmitidos através de um sistema de alto-falantes. Rapidamente, uma equipe de funcionários do hotel começou a dispor cadeiras no segundo salão.

Mas os recém-chegados prontamente objetaram.

— Essa não! — protestou em voz alta uma mulher corpulenta, de rosto vermelho. — Não vou ficar sentada num anexo de segunda classe! Sou acionista e tenho o direito de estar sentada no próprio local onde vai se realizar a assembléia anual!

Ela empurrou um idoso guarda de segurança e desprende a corda que impedia a passagem, entrando no salão principal, já apinhado. Diversas outras pessoas passaram pelo guarda e a seguiram. O homem deu de ombros, impotente, depois tornou a pôr a corda no lugar e tentou desviar o fluxo de acionistas para o segundo salão.

Um homem magro, de expressão grave, apelou para Teresa van Buren

— Isto é absurdo! Vim de avião de Nova Iorque e tenho perguntas a fazer na assembléia!

— Haverá microfones no segundo salão e as perguntas feitas de lá serão ouvidas e respondidas — assegurou Teresa.

O homem contemplou a multidão com uma expressão irritada.

— A maioria dessas pessoas não passa de pequenos acionistas. Represento dez mil ações.

Uma voz atrás dele disse:

— Tenho apenas vinte ações, meu caro, mas meus direitos são iguais aos seus!

Os dois acabaram sendo persuadidos a ir para o salão menor.

— Ele estava certo ao falar dos pequenos acionistas — comentou Teresa van Buren para Sharlett Underhill, que fora juntar-se a ela por um momento no saguão do hotel.

A vice-presidente de finanças concordou.

— A maioria dos acionistas presentes possui dez ações ou até menos. São poucos os que têm mais de cem ações.

Nancy Molineaux, do *Califórnia Examiner*, também observava a chegada dos acionistas e naquele momento estava parada perto das duas diretoras da companhia.

— Ouviu isso? — perguntou-lhe Teresa van Buren. — É um desmentido às acusações de que somos uma companhia gigantesca e monolítica. Essas pessoas que está vendo são as verdadeiras proprietárias da GSP & L.

Nancy Molineaux disse, em tom cético:

— Mas também há muitos acionistas grandes e ricos.

— Não tantos quanto pensa — declarou Sharlett Underhill. — Mais de cinquenta por cento de

nossos acionistas são pequenos investidores, com cem ou menos ações. Nosso maior acionista individual é um fundo que mantém ações para os empregados da companhia. Possui oito por cento das ações. E vai descobrir que a mesma coisa acontece em outras companhias de serviços públicos.

A repórter não parecia estar impressionada.

— Não a vejo desde que escreveu aquele artigo lamentável e injusto sobre Nim Goldman, Nancy — disse Teresa van Buren. — Precisava mesmo fazer uma coisa daquelas? Nim é um bom sujeito, competente e trabalhador.

Nancy Molineaux sorriu, aparentando surpresa ao falar:

— Não gostou? Pois saiba que meu editor achou sensacional!

Imperturbável, continuou a contemplar o saguão do hotel; um momento depois, comentou: — A Golden State Power parece não ser capaz de fazer nada certo. Muitos aqui estão tão infelizes com as contas da companhia como com a suspensão de seus dividendos.

Teresa van Buren acompanhou o olhar da repórter na direção de uma pequena multidão que cercava um balcão de informações sobre as contas. Sabendo que muitos acionistas também eram con-

sumidores, a GSP & L sempre se preparava, nas assembléias anuais, para prestar informações, no local, sobre contas de energia elétrica e de gás. Atrás do balcão, três funcionários estavam recebendo as queixas de uma fila de pessoas que aumentava a cada momento. Uma voz de mulher protestou:

— Não me importa o que você possa dizer! Essa conta está errada! Estou morando sozinha, não gasto mais energia do que há dois anos e mesmo assim a conta agora é o dobro!

Consultando um terminal de vídeo ligado aos computadores de contabilidade da companhia, um jovem funcionário continuou a explicar os detalhes da conta. A mulher não se contentou.

— Às vezes — comentou Teresa van Buren para Nancy Molineaux —, as mesmas pessoas querem tarifas mais baixas e dividendos maiores. É difícil explicar por que não podem ter ambos.

Sem fazer nenhum comentário, a repórter se afastou.

A uma hora e quarenta, vinte minutos antes do início da reunião, todas as cadeiras do segundo salão estavam ocupadas, e mais acionistas continuavam a chegar.

— Estou bastante preocupado — disse Harry London a Nim Goldman.

Os dois estavam parados entre o salão principal e o auxiliar; o barulho proveniente tanto de um quanto de outro tornava difícil a conversa. London e seus homens haviam sido especialmente convocados para a ocasião, a fim de reforçarem a equipe de segurança regular da GSP & L. Nim fora encarregado por J. Eric Humphrey, alguns minutos antes, de fazer uma avaliação do que estava acontecendo.

O presidente, que geralmente se misturava informalmente com os acionistas antes de começar a assembléia anual, fora aconselhado pelo chefe de segurança a não fazê-lo naquele dia, já que a multidão se mostrava hostil. No mesmo instante, Humphrey esperava nos bastidores, junto com os diretores que iriam sentar-se, em sua companhia, no palco do salão principal, às duas horas da tarde.

— Estou preocupado porque acho que haverá alguma violência antes de a assembléia terminar — acrescentou London. — Já estive lá fora?

Nim meneou a cabeça. London fez sinal para que o seguisse, e os dois atravessaram o saguão do hotel e saíram para a rua, através de uma porta lateral. Deram a volta até a frente do prédio.

O St. Charles Hotel tinha um pátio normalmente destinado ao estacionamento dos veículos que

serviam aos hóspedes: táxis, carros particulares e ônibus. Mas, nessa ocasião, o tráfego fora desviado, pois no local se encontrava uma multidão de várias centenas de manifestantes, carregando cartazes e faixas, e gritando continuamente. Uma passagem estreita para os pedestres estava sendo mantida pela polícia, que também impedia que os manifestantes se aproximassem da entrada do hotel.

O pessoal da televisão, cujo acesso ao salão principal onde iria realizar-se a assembléia dos acionistas fora proibido, saíra para a rua a fim de filmar a cena.

Alguns dos cartazes diziam:

**Todo o poder para a
força & luz para o povo**

**O povo exige:
tarifas de energia elétrica
e gás mais baixas**

**Morte ao monstro
capitalista GSP & L**

**f & lp
exige a propriedade**

pública da GSP & L

Ponha o povo acima dos lucros

Grupos de acionistas da GSP & L, que ainda chegavam e avançavam por entre as fileiras de guardas, liam, indignados, os cartazes. Um homem pequeno, calvo, mal-vestido e com um aparelho de audição, gritou furiosamente para os manifestantes:

— Sou tão "povo" quanto vocês, e trabalhei muito toda minha vida para comprar umas poucas ações...

Um jovem pálido, de óculos, com um blusão da Universidade de Stanford, escarneceu:

— Não encha, seu capitalista ganancioso!

Uma mulher que acabara de chegar, ainda jovem e atraente, respondeu:

— Se vocês trabalhassem um pouco mais e procurassem economizar...

Sua voz foi abafada por gritos de "Danem-se os lucros!" e "A energia elétrica pertence ao povo!"

A mulher avançou para os manifestantes, com o punho erguido:

— Escutem aqui, seus vagabundos! Não sou uma exploradora! Sou operária, pertenço a um sin-

dicato...

"Exploradora do povo!", "Capitalista sanguessuga!", gritava o povo.

Um dos cartazes se aproximou ameaçadoramente da cabeça da mulher. Um sargento da polícia adiantou-se rapidamente, deu um safanão no cartaz e apressadamente levou a mulher e o homem com o aparelho de audição para o interior do hotel. Foram seguidos por gritos e apupos. Os manifestantes avançaram novamente, a polícia mais uma vez os conteve.

Agora, ao pessoal da TV haviam se juntado repórteres de outros meios de comunicação. Nim avistou Nancy Molineaux entre eles, mas não tinha o menor desejo de falar com ela. Harry London comentou em voz baixa:

— Está vendo seu amigo Birdsong ali, orientando a manifestação?

— Já o tinha visto. Só que ele não é meu amigo.

O vulto inconfundível de Davey Birdsong, com um sorriso no rosto, como sempre, era perfeitamente visível atrás da multidão de manifestantes. Enquanto os dois observavam, Birdsong levou um walkie-talkie aos lábios.

— Provavelmente ele está falando com alguém lá dentro — disse London. — Já entrou e saiu duas

vezes. Verifiquei que tem uma ação da GSP & L em seu nome.

— Uma ação é suficiente para dar a qualquer um o direito de comparecer à assembleia anual.

— Sei disso. E é bem provável que alguns de seus homens também tenham uma ação. Tenho certeza de que planejaram alguma coisa.

Nim e London voltaram para o interior do hotel, sem serem percebidos. Lá fora, os manifestantes pareciam ainda mais ruidosos do que antes.

Numa pequena sala, ao final de um corredor atrás do palco do salão principal, J. Eric Humphrey andava de um lado para outro, inquieto, revisando o discurso que faria dentro de poucos minutos.

Nos últimos três dias, uma dúzia de esboços fora escrita e reescrita. O último acabara de ser datilografado há menos de uma hora. Mesmo agora, no entanto, enquanto andava de um lado para outro, formulando as palavras silenciosamente e virando as páginas, Humphrey ainda parava de vez em quando para mudar uma palavra com o lápis.

Por deferência à concentração do presidente, os outros presentes – Sharlett Underhill, Oscar O'Brien, Stewart Ino, Ray Paulsen e meia dúzia de outros – estavam em silêncio, uns poucos servindo-se de drinques num bar portátil.

As cabeças se viraram quando a porta se abriu. Um guarda de segurança apareceu. Nim vinha logo atrás dele. Um momento depois, Nim estava na sala, fechando a porta. Humphrey largou o discurso datilografado e perguntou:

— E então?

— Lá fora há um verdadeiro tumulto.

Nim descreveu rapidamente o que vira no salão principal, no salão auxiliar e na frente do hotel. Um diretor indagou, nervosamente:

— Não haveria um jeito de adiarmos a assembléia?

Oscar O'Brien sacudiu a cabeça, incisivamente.

— Não há a menor possibilidade. A assembléia foi convocada legalmente e deve ser realizada de qualquer maneira.

— Além do mais, haveria um tremendo tumulto se o fizéssemos — acrescentou Nim.

O mesmo diretor comentou:

— É o que provavelmente vai acontecer, com ou sem assembléia.

O presidente foi até o bar e se serviu de uma soda pura; seu desejo era poder acrescentar uma dose de uísque, mas, respeitando sua própria determinação de que nenhum diretor deveria beber durante as horas de trabalho, renunciou à idéia.

Disse, irritado:

— Sabíamos de antemão que isso iria acontecer. Assim, não há razão para se falar em adiamento. Simplesmente, temos que fazer o melhor possível.

— Tomou um gole de soda, antes de acrescentar: — As pessoas que estão lá fora têm o direito de estar furiosas... conosco e por causa de seus dividendos. Eu também me sentiria assim. O que se pode dizer a pessoas que aplicam seu dinheiro no que consideram seguro, e de um dia para o outro descobrem que não é bem assim?

— Pode-se tentar contar-lhes a verdade — disse Sharlett Underhill, o rosto corando de emoção. — E a verdade é que não existe coisa alguma neste país em que as pessoas econômicas e trabalhadoras possam aplicar seu dinheiro com a garantia de que o valor será preservado. Isso já não acontece mais em companhias como a nossa, como também não ocorre com cadernetas de poupança e títulos de renda fixa, cujos juros não têm a menor condição de acompanhar a inflação provocada pelo governo. Não acontece mais desde que aqueles charlatões e escroques de Washington depreciaram o dólar; e eles continuam a fazê-lo, sorrindo como idiotas enquanto nos arruinam. Deram-nos um papel-moeda de curso forçado desonesto, que não está apoiado

em nada senão nas promessas sem valor dos políticos. Nossas instituições financeiras estão desmoronando. O seguro bancário não passa de um engodo. A Previdência Social é uma instituição falida; se fosse uma empresa particular, todos os seus dirigentes já estariam na cadeia. E as companhias decentes e eficientes como a nossa estão sendo empurradas contra a parede, forçadas a fazer o que estamos fazendo, tendo que assumir a culpa injustamente.

Houve murmúrios de aprovação, alguém aplaudiu. O presidente disse secamente:

— Sharlett, talvez seja melhor você fazer o discurso em meu lugar. — Uma pausa, e ele acrescentou, pensativo: — Tudo o que acabou de dizer é a pura verdade. Infelizmente, a maioria dos cidadãos não está preparada para ouvir e aceitar a verdade... por enquanto.

— Apenas por curiosidade, Sharlett — perguntou Ray Paulsen —, onde você guarda suas economias?

A vice-presidente de finanças respondeu rispidamente:

— Na Suíça, um dos poucos países do mundo onde ainda existe sanidade financeira, e nas Bahamas... em moedas de ouro e francos suíços, as únicas moedas honestas que restam neste mundo. Se

ainda não estão fazendo isso, eu os aconselho a não perderem tempo.

Nim estava olhando para seu relógio. Foi até a porta e a abriu.

— Falta um minuto para o início da assembléia. Está na hora de irmos para o palco.

Ao saírem da sala, Eric Humphrey comentou:

— Agora eu sei como os cristãos se sentiam ao enfrentar os leões.

Os representantes do Conselho Administrativo e os executivos da companhia espalharam-se rapidamente pelo palco, enquanto o presidente se dirigia para um tablado. Nesse momento, o burburinho no salão silenciou por um instante. Mas logo umas poucas pessoas espalhadas nas primeiras fileiras começaram a vaiar. No instante seguinte o zunido de vaias e assovios em todo o salão era ensurdecedor. J. Eric Humphrey ficou imóvel, impassível, esperando que o coro hostil se desvanecesse. Assim que o barulho diminuiu um pouco ele se inclinou ligeiramente para a frente e disse ao microfone:

— Senhoras e senhores, meus comentários iniciais sobre a situação de nossa companhia serão breves. Sei que muitos estão ansiosos por fazer pergun-

tas.

Suas palavras seguintes foram abafadas por outra algazarra, em meio à qual se podiam ouvir diversos gritos:

- Tem razão!
- Responda às perguntas agora!
- Deixe as baboseiras de lado!
- Vamos falar dos dividendos!

Assim que pôde fazer-se ouvir novamente, Humphrey tentou controlar a multidão.

– Claro que tenciono falar sobre os dividendos, mas antes há algumas questões que devem...

– Senhor presidente, senhor presidente, uma questão de ordem!

Uma voz nova, invisível, trovejava pelo sistema de alto-falantes. Simultaneamente, uma luz vermelha se acendeu na estante diante do presidente, indicando que o microfone no salão auxiliar estava sendo usado. Humphrey indagou por seu microfone:

- Qual é a questão de ordem?
- Contesto, senhor presidente, a maneira como...

Humphrey o interrompeu:

- Declare seu nome, por favor.
- Meu nome é Homer F. Ingersoll. Sou advo-

gado e possuo trezentas ações, além de representar um cliente com outras duzentas.

— Diga sua questão de ordem, sr. Ingersoll.

— Era o que eu ia fazer quando me interrompeu, senhor presidente. Contesto a maneira como foram adotadas providências inadequadas e ineficientes para esta assembléia. O resultado é que eu e muitos outros fomos relegados, como cidadãos de segunda classe, a outro salão, onde não podemos participar devidamente...

— Mas está participando, sr. Ingersoll. Lamento que o comparecimento inesperado de muitos acionistas a esta assembléia...

— Estou levantando uma questão de ordem, senhor presidente, e ainda não acabei.

Ao ser novamente interrompido pela voz trovejante, Humphrey disse, resignado:

— Está certo, termine de apresentar sua questão de ordem. Mas depressa, por favor.

— Pode não saber, senhor presidente, mas até mesmo o segundo salão está agora apinhado, e há muitos acionistas do lado de fora, não conseguindo entrar em nenhum dos dois. Estou falando em nome deles, porque estão sendo privados de seus direitos legais.

— Eu não sabia disso — admitiu Humphrey. —

Lamento profundamente e reconheço que nossos preparativos foram insuficientes.

Uma mulher no salão principal levantou-se e gritou:

— Devia renunciar! Não é capaz nem mesmo de organizar uma assembléia anual!

Outras vozes ecoaram:

— Isso mesmo! Renuncie! Renuncie!

Os lábios de Eric Humphrey se contraíram; por um momento, inesperadamente, ele pareceu ficar nervoso. Mas controlou-se rapidamente, com um esforço óbvio, e tentou novamente dominar a situação:

— O comparecimento de acionistas à assembléia de hoje, como muitos sabem perfeitamente, é sem precedentes.

Uma voz estridente berrou:

— Como foi também a suspensão do pagamento de nossos dividendos!

— Posso dizer apenas... tencionava falar isso mais tarde, mas vou fazê-lo agora... que a suspensão do pagamento dos dividendos foi uma medida que eu e meus companheiros de diretoria adotamos com a maior relutância...

A mesma voz voltou a se manifestar:

— Não lhe passou pela cabeça a idéia de sus-

pendar o pagamento de seu próprio salário, que deve ser fabuloso?

— ... e com pleno conhecimento dos problemas que disso decorreriam e...

Várias coisas aconteceram nesse momento, simultaneamente.

Um tomate grande e mole, arremessado com uma mira infalível, atingiu o rosto do presidente. Ao se espatifar, uma massa de polpa e suco escorreu por seu rosto, terno e camisa.

Como se obedecesse a um sinal, houve uma verdadeira avalanche de tomates e ovos, espatifando-se contra o palco e o tablado em que estava o presidente. Quase todos no salão ficaram de pé, alguns rindo, mas a maioria olhando desaprovadamente ao redor à procura dos agressores. Ao mesmo tempo, lá fora podia-se ouvir um novo tumulto, com vozes aumentando de intensidade.

Nim, também de pé no centro do salão, para onde fora depois que o grupo da administração ocupou o palco, procurava também localizar o grupo responsável por aquela baderna, disposto a intervir se acaso conseguisse. Quase no mesmo instante avistou Davey Birdsong. Como já acontecera antes, o líder da f & lp estava falando pelo *walkie-talkie*. Nim calculou que ele estivesse dando instruções a

seus comandados. Tentou avançar em sua direção, mas logo descobriu que era impossível. A essa altura, a confusão no salão era total. Abruptamente, Nim descobriu-se diante de Nancy Molineaux. Por um instante, ela deixou transparecer alguma incerteza. Nim não pôde conter uma explosão de raiva:

— Imagino que está adorando os acontecimentos aqui, para que possa escrever a nosso respeito da habitual maneira distorcida.

— Procuro ater-me aos fatos, Goldman. — Recuperando rapidamente o controle, Nancy Molineaux sorriu. — Faço reportagem de investigação sempre que julgo necessário.

— Uma investigação unilateral e falsa! — Num súbito impulso, Nim apontou para Davey Birdsong com o *walkie-talkie* ainda encostado ao rosto. — Por que não o investiga?

— Dê-me uma só razão para que eu deva fazê-lo.

— Creio que é ele que está criando todo este tumulto.

— Tem certeza?

— Não.

— Então deixe-me dizer-lhe uma coisa: quer ele tenha contribuído ou não, o tumulto aconteceu porque muita gente acha que a Golden State Power &

Light não é administrada como deveria. Ou será que não gosta de enfrentar a realidade?

Com uma expressão desdenhosa, Nancy Molineaux se afastou.

O barulho lá fora se intensificou ainda mais, e um momento depois um bando entrou impetuosamente no salão, aumentando a confusão. No fundo, havia ainda mais pessoas, entre as quais as que carregavam as faixas e cartazes contra a GSP & L.

O que acontecera, como mais tarde se verificou, é que umas poucas pessoas, entre as quais acionistas que não haviam podido entrar em nenhum dos dois salões, pressionaram outras para que todos recorressem à força a fim de entrar de qualquer maneira. Juntos, romperam as barreiras e a resistência dos guardas de segurança e outros funcionários da GSP & L.

Praticamente no mesmo instante, os outros manifestantes que estavam do lado de fora investiram, por sua vez, contra a barreira policial, e conseguiram rompê-la. Entraram no hotel, e se dirigiram ao salão principal, onde se juntaram aos acionistas.

Nim desconfiava, mas não podia provar, que Davey Birdsong é quem articulava todos esses movimentos; ele devia estar dando ordens pelo walkie-talkie, desde que fora arremessado o primeiro to-

mate. Além de organizar a manifestação diante do hotel, a f & lp se infiltrara na assembléia dos acionistas, pelo expediente simples e legítimo, de comprar uma ação para cerca de uma dúzia de seus membros, inclusive Davey Birdsong, vários meses antes.

Em meio ao tumulto, apenas uns poucos ouviram J. Eric Humphrey anunciar pelo sistema de alto-falantes:

— Esta assembléia entra em recesso neste momento! Será reiniciada dentro de meia hora aproximadamente!

Na sala de estar de seu apartamento, Karen exibiu para Nim o mesmo sorriso radiante de que ele se recordava tão bem do encontro anterior. Depois ela disse, com a voz impregnada de simpatia:

— Sei que esta semana tem sido muito difícil para você. Li o que aconteceu na assembléia anual de sua companhia e vi uma parte pela televisão.

Instintivamente, Nim fez uma careta. A cobertura de TV se concentrara nos tumultos, ignorando as questões complexas que haviam sido tratadas durante cinco horas de reunião, com perguntas, respostas e votações de resoluções, depois do recesso forçado. (Para ser justo, Nim não podia deixar de reconhecer que as câmaras de TV só tinham podido mostrar o que acontecera fora do salão em que se realizara a assembléia; uma análise posterior dos acontecimentos levaria-o à conclusão de que teria sido melhor permitir o acesso da televisão ao salão.) Durante a meia hora de recesso, a ordem fora restaurada e depois começara a maratona de debates. Ao final, praticamente nada mudara, simplesmente os participantes estavam exaustos. Mas muito do que precisava ser dito fora abordado na assembléia.

Para surpresa de Nim, o noticiário mais amplo, objetivo e equilibrado da assembléia aparecera no dia seguinte no *Califórnia Examiner*, sob a assinatura de Nancy Molineaux.

— Se não se importa, Karen, eu preferia esquecer por um momento nosso espetáculo anual.

— Pois considere esquecido, Nimrod. Assembléia anual? Nunca ouvi falar de nenhuma.

Ele riu e depois comentou:

— Gostei muito de seus versos. Já publicou alguma coisa?

Sentada na cadeira de rodas, diante dele, Karen meneou a cabeça e Nim se recordou de que era a única parte do corpo que ela podia mover.

Fora visitá-la naquele dia, em particular, porque queria escapar, mesmo que por um momento, ao tumulto que reinava na GSP & L Também queria, e muito, tornar a ver Karen Sloan, um desejo reforçado pelo charme e pela beleza extraordinária dela. Ela estava exatamente como da última vez, com o cabelo louro caindo até os ombros, o rosto perfeitamente proporcional, os lábios cheios, a pele impecável.

Nim perguntou-se se não estaria se apaixonando. Se assim fosse, pensou ele, seria uma inversão. Em muitas ocasiões, experimentara o sexo sem

amor. Mas com Karen seria o amor sem sexo.

– Escrevo poesia por prazer, Nimrod. Quando você chegou, eu estava trabalhando num discurso.

Nim já tinha percebido a máquina de escrever elétrica atrás dela, com uma folha parcialmente datilografada. Outras folhas estavam espalhadas sobre a mesa.

– Um discurso para quem? E sobre o quê?

– Para uma convenção de advogados. Um grupo local da Ordem dos Advogados está elaborando um relatório sobre as leis relativas às pessoas incapacitadas, na maioria dos Estados e em outros países. Há algumas leis que funcionam, outras não. Fiz um estudo a respeito.

– E vai falar a advogados sobre leis?

– Por que não? Os advogados ficam isolados em seus casulos. Precisam de alguém que conheça o problema na prática para dizer-lhes o que realmente acontece nos termos das leis e regulamentos. Foi por isso que me pediram para falar. Além do mais, já fiz a mesma coisa antes. De um modo geral, vou concentrar-me nos paraplégicos e tetraplégicos, além de esclarecer alguns conceitos errôneos.

– Que tipo de conceitos?

Podiam-se ouvir nitidamente barulhos na cozinha. Quando Nim telefonara naquela manhã, Karen

o convidara para almoçar. Agora, Josie, misto de enfermeira e governanta, a quem Nim conhecera na visita anterior, estava preparando o almoço.

— A perna direita está começando a me incomodar. Antes de eu responder, poderia mudá-la de posição para mim?

Nim se levantou, aproximando-se da cadeira de rodas, indeciso. A perna direita de Karen estava cruzada por cima da esquerda.

— Arrume do jeito inverso, a esquerda por cima da direita, por favor.

Ela falou em um tom completamente indiferente. Nim estendeu as mãos, subitamente consciente de que as pernas, cobertas por meias de náilon, eram esguias e atraentes. E eram quentes; aquele contato o deixou momentaneamente excitado.

— Obrigada, Nimrod. Suas mãos são extremamente gentis. — Ele assumiu uma expressão de surpresa, e Karen acrescentou: — Esse é um dos conceitos errôneos.

— Como assim?

— O de que todas as pessoas paralíticas estão privadas das sensações normais. E verdade que alguns não podem sentir mais nada. Mas em inúmeros casos, como no meu, as sensações físicas continuam intactas. É por isso que uma perna ou um

braço podem começar a incomodar, a ficar formigando, e é preciso mudar de posição, como acabou de fazer agora.

— Tem toda razão, Karen. Creio que, subconscientemente, eu pensava justamente o contrário.

— Sei disso. — Ela sorriu, maliciosamente. — Mas pude sentir perfeitamente suas mãos em minhas pernas. E, se quer saber, confesso que gostei.

Um pensamento súbito e desconcertante ocorreu a Nim, que tratou de afastá-lo imediatamente, dizendo:

— Fale sobre outro conceito errôneo.

— O de que não se deve pedir aos tetraplégicos que falem a respeito de si próprios. Ficaria surpreso se soubesse quantas pessoas se mostram relutantes ou constrangidas em ter qualquer contato conosco. Algumas ficam até com medo.

— Isso acontece com frequência?

— Muitas vezes. Na semana passada, minha irmã Cynthia levou-me para almoçar num restaurante. O garçom se aproximou e anotou o pedido de Cynthia. Depois, sem olhar para mim, perguntou: "E o que ela vai comer?" Cynthia, que Deus a abençoe, disse: "Por que não pergunta diretamente a ela?" Mesmo assim, quando fiz meu pedido o garçom não me olhou diretamente.

Nim ficou calado por um momento, depois se inclinou e segurou a mão de Karen.

– Sinto-me envergonhado por todos nós.

– Não precisa ficar. Está agindo de maneira a compensar uma porção de outras pessoas, Nimrod.

Soltando a mão dela, Nim disse:

– Da última vez em que estive aqui, falou-me um pouco a respeito de sua família.

– Mas não vou precisar fazer o mesmo hoje, já que vai conhecê-la ou pelo menos a meus pais. Espero que não se importe, mas eles ficaram de aparecer logo depois do almoço. É o dia de folga de mamãe, e papai está fazendo um trabalho de encanamento perto daqui

Karen explicou que seus pais eram de famílias austríacas. Na adolescência, em meados da década de 30, haviam chegado aos Estados Unidos como imigrantes, enquanto as nuvens da guerra se acumulavam sobre a Europa. Conheceram-se na Califórnia, casaram, tiveram duas filhas, Cynthia e Karen. O nome da família do pai era originalmente Slonhauser, e fora americanizado para Sloan por ocasião da naturalização. Karen e Cynthia pouco conheciam de sua herança austríaca, tendo sido criadas como crianças americanas.

– Quer dizer que Cynthia é mais velha do que

você?

— Três anos mais velha e muito bonita. Gostaria que a conhecesse, em outra ocasião.

Os ruídos na cozinha cessaram, e Josie apareceu na sala, empurrando um carrinho repleto de comida. Ajeitou uma pequena mesa desmontável diante de Nim e arrumou uma bandeja na cadeira de rodas de Karen. Serviu o almoço, uma salada de salmão e pão francês. Em seguida, Josie trouxe o vinho em dois copos, um Louis Martini Pinot Chardonnay gelado.

— Não posso me dar ao luxo de tomar vinho todos os dias — comentou Karen. — Mas hoje é uma ocasião especial... porque você voltou.

Josie perguntou-lhe:

— Devo dar-lhe a comida ou o sr. Goldman irá fazê-lo?

— Incomoda-se, Nimrod? — indagou Karen.

— Claro que não! Mas, se eu fizer alguma coisa errada, terá de me dizer.

— Não é difícil. Quando eu abrir a boca, coloque um pouco de comida. Será como se estivesse alimentando a si próprio, só que terá de movimentar o braço duas vezes mais.

Com um olhar para Karen e um sorriso jovial, Josie retirou-se para a cozinha. No meio do almoço,

depois de tomar um gole de vinho, Karen comentou:

— Como pode ver, está se saindo muito bem. Pode limpar meus lábios, por gentileza?

Nim atendeu prontamente, com um guardanapo, quando Karen inclinou a cabeça na direção dele.

Enquanto continuava a alimentar Karen, Nim pensou que havia uma estranha sensação de intimidade no que estavam fazendo, uma união partilhada sem precedentes em sua experiência. Tinha até mesmo algo de sensual. Quase ao final do almoço — a percepção mútua aguçada pelo vinho —, Karen disse:

— Já lhe disse uma porção de coisas a meu respeito. Agora, fale-me mais de você.

Nim começou superficialmente, falando sobre sua infância, a família, o trabalho, o casamento com Ruth, os filhos Leah e Benjy. Depois, estimulado pelas perguntas de Karen, revelou suas dúvidas atuais, sobre sua herança religiosa e se deveria perpetuá-la através dos filhos, sua própria vida, o futuro de seu casamento, se é que havia algum.

— Chega — disse ele finalmente. — Não vim aqui para aborrecê-la com meus problemas.

Sorrindo, Karen sacudiu a cabeça:

— Acho que isso jamais poderia acontecer,

Nimrod. É um homem complexo, e as pessoas complexas sempre são as mais interessantes. Além do mais, gosto de você mais do que qualquer outra pessoa que tenha conhecido em muitos anos.

— Também sinto a mesma coisa em relação a você.

O rosto de Karen ficou subitamente vermelho.

— Gostaria de me beijar, Nimrod?

Enquanto levantava e atravessava a pequena distância que os separava, Nim respondeu suavemente:

— Gostaria muito...

Os lábios de Karen eram quentes e macios, o beijo foi prolongado. Nenhum dos dois queria interrompê-lo. Nim moveu os braços, tencionando trazer Karen para mais junto de si. E foi nesse momento que ouviu o toque estridente da campainha, a porta se abrindo e vozes... a de Josie e duas outras. Baixou os braços e afastou-se rapidamente. Karen murmurou:

— Mas que diabo! Eles não poderiam chegar em pior hora! — Erguendo a voz, acrescentou: — Entrem! — E um instante depois anunciou: — Nimrod, eu gostaria de apresentar-lhe meus pais.

Um homem idoso de aparência distinta, cabelo crespo grisalho, o rosto enrugado, estendeu-a mão.

Falava com uma voz profunda e gutural, e ainda era evidente sua origem austríaca.

— Sou Luther Sloan, sr. Goldman. E essa é minha esposa, Henrietta. Karen falou-nos a seu respeito. E já o vimos na televisão.

Nim apertou-lhe a mão, e percebeu que, embora fosse a mão de um operário, era muito limpa, tal como as unhas. Embora Luther Sloan estivesse de macacão, com vestígios do trabalho que acabara de realizar, o traje mostrava sinais de ser meticulosamente cuidado, com alguns remendos muito bem feitos.

A mãe de Karen também apertou sua mão.

— É muita bondade sua visitar nossa filha, sr. Goldman. Sei que isso a deixa muito feliz. E a nós também.

Era uma mulher pequena, modestamente vestida, mas bem arrumada, com o cabelo preso num coque antiquado; parecia mais velha que o marido. Provavelmente ela fora bonita outrora, pensou Nim tal como Karen. Mas o rosto estava agora envelhecido, os olhos deixando transparecer a tensão e o cansaço. Nim imaginava que os dois fatores já a atormentavam há muito tempo.

— Estou aqui por uma única razão — garantiu ele. — Gosto da companhia de Karen.

Enquanto Nim retornava a sua cadeira e o casal Sloan se sentava, Josie trouxe um bule de café e quatro xícaras. A sra. Sloan serviu e ajudou Karen a tomar o café.

— Como está indo seu negócio, papai? — perguntou Karen.

— Não tão bem quanto eu gostaria. — O preço do material sobe a cada dia que passa. Deve estar a par disso, sr. Goldman. Quando cobro o preço justo, isto é, calculando o custo do material mais a mão-de-obra, as pessoas acham que estou roubando.

— Conheço muito bem o problema — comentou Nim. — Na Golden State Power, somos acusados da mesma coisa, pelas mesmas razões.

— Mas sua companhia é grande, tem as costas largas. Meu negócio é pequeno, apenas três pessoas trabalham para mim. E eu também trabalho. Há dias em que penso que não vale a pena me esforçar tanto. Especialmente quando tenho de preencher os formulários do governo: A cada dia que passa, são mais e mais formulários. Não consigo entender por que o governo precisa tomar conhecimento da maioria das coisas que faço. Passo as noites e os fins de semana preenchendo formulários, e ninguém me paga por isso.

Henrietta Sloan censurou o marido:

— Luther, não há necessidade de o mundo inteiro tomar conhecimento de seus problemas.

Ele deu de ombros.

— Perguntaram-me como iam meus negócios. Simplesmente respondi a verdade.

— Seja como for, Karen — disse Henrietta —, isso não faz a menor diferença para você ou para seu desejo de ter um furgão. Já temos quase o suficiente para dar a entrada e faremos um empréstimo para conseguir o resto.

— Já disse antes que não há tanta urgência assim, mamãe — protestou Karen. — Afinal, estou podendo sair de casa, levada por Josie.

— Mas não tanto quanto poderia e até onde gostaria. — A expressão da mãe era de determinação. — Vamos arrumar-lhe um furgão. Prometo! E será muito em breve.

— Também andei pensando a respeito — disse Nim. — Da última vez em que estive aqui, Karen mencionou que queria um furgão onde coubesse a cadeira de rodas e que Josie pudesse guiar.

— Por favor, parem de se preocupar com isso! — disse Karen, firmemente.

— Eu não estava me preocupando. Simplesmente lembrei que nossa companhia, a GSP & L, freqüentemente dispõe de pequenos furgões que

são vendidos depois de usados por um ou dois anos, ao serem substituídos por novos. Muitos ainda estão em bom estado. Posso pedir a alguém que veja se há algum disponível neste momento, a um preço razoável.

O rosto de Luther Sloan se iluminou.

— Seria uma grande ajuda. Por melhor que o furgão esteja, no entanto, vai precisar de uma adaptação para que a cadeira de rodas possa entrar e ficar segura.

— Talvez possamos ajudar nisso também. Não sei com certeza, mas vou verificar.

— Vamos dar-lhe nosso telefone — disse Henrietta. — Se tiver alguma notícia, ligue-nos imediatamente.

— Nimrod, você é maravilhoso! — disse Karen.

Continuaram conversando descontraidamente, até que Nim olhou para o relógio e ficou surpreso ao descobrir quanto tempo já se passara desde sua chegada.

— Tenho de ir agora — anunciou.

— Nós também já vamos — disse Luther Sloan. — Estou mudando algumas tubulações de gás perto daqui... para o seu gás, sr. Goldman... e o trabalho deve ficar pronto hoje.

— E, caso pense que não tenho o que fazer —

interveio Karen —, lembre-se de que tenho um discurso a terminar.

Os pais se despediram afetuosamente. Nim saiu junto com eles. Antes de se, ir, porém, ficou novamente a sós com Karen por um instante e a beijou pela segunda vez; sua intenção era dar um beijo no rosto, mas Karen virou a cabeça e seus lábios se encontraram. Com um sorriso atraente, ela murmurou:

— Volte o mais cedo possível.

Os Sloan e Nim desceram pelo elevador; os três ficaram em silêncio, imersos em seus próprios pensamentos. Depois, Henrietta disse:

— Procuramos fazer o melhor possível por Karen, mas gostaríamos de poder fazer mais.

A tensão e o cansaço que Nim observara antes, talvez mais próximos de uma sensação de derrota, estavam novamente nos olhos dela.

— Não creio que Karen concorde com isso — disse ele. — Pelo que ela me falou, reconhece tudo o que já fizeram por ela.

Henrietta sacudiu a cabeça vigorosamente, o coque acentuando o movimento.

— O que quer que façamos, é sempre o mínimo. Mesmo assim ainda é pouco para compensar o que aconteceu com Karen... por causa do que fizemos...

há muito tempo.

Luther pôs a mão no braço da esposa, gentilmente.

– Liebchen, já conversamos sobre isso muitas vezes. Não se maltrate assim. Não vai adiantar nada.

Ela se virou bruscamente para o marido:

– Você pensa a mesma coisa! E sabe disso!

Luther suspirou e depois perguntou abruptamente a Nim:

– Karen lhe contou que teve poliomielite?

– Contou.

– E ela lhe disse como? E por quê?

– Não. Ou pelo menos não exatamente.

– Ela não costuma contar — murmurou Henrietta.

O elevador parou nesse momento, e eles saltaram. Ficaram parados no saguão pequeno e deserto, enquanto Henrietta Sloan continuava:

– Karen tinha quinze anos, ainda estava na escola secundária. Era uma excelente aluna e fazia parte da equipe de atletismo da escola. O futuro parecia maravilhoso.

Luther interveio:

– O que minha esposa está querendo dizer é que naquele verão nós dois combinamos uma via-

gem à Europa. Iríamos com outros membros de nossa igreja luterana... uma peregrinação religiosa a lugares santos. Enquanto estivéssemos viajando, Karen deveria ficar num acampamento de verão. Dissemos a nós mesmos que uma temporada no campo seria ótimo para ela. Além disso, nossa outra filha, Cynthia, já estivera no mesmo acampamento dois anos antes.

— A verdade é que estávamos pensando mais em nós mesmos do que em Karen — comentou Henrietta.

O marido continuou a falar, como se não tivesse sido interrompido:

— Mas Karen não queria ir para o acampamento. Estava namorando um rapaz e não queria sair da cidade. Preferia passar o verão em casa, perto dele. Mas Cynthia havia viajado, e Karen teria de ficar sozinha.

— Karen falou e falou — disse Henrietta. — Afirmou que não tinha nenhuma importância o fato de ficar sozinha e que podíamos confiar nela em relação ao namorado. Chegou mesmo a dizer que tinha a premonição de que aconteceria algo terrível se fosse para o acampamento, como pretendíamos. Nunca mais esqueci, jamais esquecerei.

A própria experiência pessoal permitia a Nim

imaginar nitidamente a cena que estava sendo descrita: os Sloan como pais ainda relativamente jovens, Karen mal saída da infância, o choque de vontades, todos os três inteiramente diferentes do que se haviam tornado.

Luther retomou mais uma vez a narrativa, falando rapidamente, como se desejasse terminar o mais depressa possível:

— O resultado é que tivemos uma briga de família, nós dois ficando de um lado, Karen, do outro. Insistimos que ela fosse para o acampamento e, ao final, Karen acabou cedendo. Enquanto ela estava lá e nós passeávamos pela Europa, irrompeu uma epidemia de poliomielite. Karen foi uma das vítimas.

— Se a tivéssemos deixado ficar em casa — murmurou Henrietta — como ela queria...

O marido interrompeu-a bruscamente:

— Basta! Tenho certeza de que o sr. Goldman já pode imaginar o resto.

— Tem razão, acho que posso — disse Nim, gentilmente. Estava se recordando dos versos que Karen escrevera depois da eletrocussão de Wally Talbot Jr.:

*"Se" isto ou aquilo
Em tal ou qual dia*

*Tivesse variado uma hora ou um centímetro;
Ou se algo negligenciado fosse feito
Ou se algo feito fosse negligenciado!*

Agora ele podia compreender melhor. No instante seguinte, imaginando que algo deveria ser dito, mas sem saber exatamente o que, ele acrescentou:

— Não vejo por que devem continuar se culpando pelo que aconteceu...

Um olhar de Luther e um "Por favor, sr. Goldman" o silenciaram. Nim compreendeu o que deveria ter percebido instintivamente: nada mais havia que se pudesse dizer, todos os argumentos já tinham sido formulados antes e devidamente rejeitados. Não havia menor possibilidade, nunca houvera, de aqueles dois se aliviarem, um pouco que fosse, do fardo que carregavam.

— Henrietta tem razão — disse Luther. — Penso da mesma forma Ambos levaremos nossa culpa para a sepultura.

A esposa acrescentou:

— Pode compreender agora por que digo que tudo o que fazemos... inclusive trabalhar a fim de comprar um furgão para Karen... não é realmente nada?

– Não concordo — disse Nim. — Qualquer que seja a verdade, é muito mais do que isso.

Saíram para a rua. O carro de Nim estava estacionado a alguns metros.

– Obrigado por me terem contado tudo — murmurou ele. – E tentarei fazer todo o possível para providenciar o furgão, o mais depressa que puder.

Como Nim já esperava, dois dias depois recebeu outros versos de Karen:

*Quando jovem
Corria pelas calçadas,
Empenhado no jogo
De evitar as rachaduras?*

*Ou mais tarde
Mentalmente andou
Na corda bamba
Temendo e ao mesmo tempo cortejando
O desastre de uma queda?*

*"Desastre", disse eu?
Mas que palavra aberrante!
Pois há outras quedas e punições
Não de todo catastróficas*

*Mas amortecidas pela benesse
Da alegria e da glória,
O amor é uma delas.*

*Mas o bom senso adverte:
Uma queda é uma queda
Com suas conseqüências de dor e sofrimento
Apenas proteladas, não contornadas.*

*Mas basta!
Chega de bom senso!
Viva as corridas na calçada, viva a corda bamba!
Agora mesmo, quem é sensato ou deseja ser?
Não eu.
E você?*

O assunto era Tunipah.

— Conversar com o governador deste Estado sobre qualquer coisa — declarou J. Eric Humphrey, em seu típico sotaque bostoniano — tem o mesmo efeito que enfiar a mão num balde cheio de água. Assim que se tira a mão, a água volta a ser exatamente como antes, como se a mão nunca se tivesse intrometido.

— A única diferença é que sua mão ficaria molhada — comentou Ray Paulsen.

— No caso do governador, fica pegajosa.

— Eu bem que avisei — interveio Teresa van Buren —, logo depois do blecaute há dois meses, que a memória do público é curta, que as pessoas, inclusive os políticos, esqueceriam rapidamente a interrupção no fornecimento e os motivos.

— O problema do governador não é a memória — assegurou Oscar O'Brien, que acompanhara Eric Humphrey nas recentes reuniões no palácio do governo onde haviam sido discutidos os projetos de expansão, inclusive o de Tunipah. — Ele só tem um problema: quer ser o presidente dos Estados Unidos. E quer tão intensamente que pode até sentir o

gostinho.

— Quem sabe se ele não seria um bom presidente? — comentou Nim Goldman.

— É possível — admitiu O'Brien. — Até que isso aconteça, porém, a Califórnia está sem qualquer orientação, com um governador que não assume posições nem toma decisões, que se recusa a fazer qualquer coisa que possa desagradar a um único eleitor.

— Descontando-se o ligeiro exagero — disse Eric Humphrey —, é justamente essa a essência de nosso problema.

— Ainda por cima — acrescentou O'Brien, soprando a fumaça do inevitável charuto —, o mesmo se aplica, por motivos semelhantes embora um pouco diferentes, a todas as demais autoridades públicas de Sacramento.

Os cinco estavam reunidos no gabinete do presidente da Golden State Power & Light. Em menos de duas semanas começariam audiências públicas sobre o projeto da usina geradora à base de carvão em Tunipah. Embora o projeto fosse vital para a Califórnia, um ponto de vista aceito pelo governador, nenhum de seus assessores e líderes legislativos iria declarar publicamente seu apoio a Tunipah por motivos políticos. A companhia, apesar das fortes cor-

rentes de oposição, deveria enfrentar tudo sozinha.

Outra coisa que o governador rejeitara fora o pedido da GSP & L para que os diversos órgãos envolvidos na autorização da construção da usina de Tunipah realizassem audiências conjuntas, por causa da urgência. Em vez disso, seriam mantidas as normas habituais. O que significava uma longa e extenuante série de apresentações e discussões perante quatro órgãos governamentais, cada um preocupado com um aspecto diferente, embora muitas vezes houvesse superposição de funções.

Teresa van Buren perguntou:

— Existe alguma possibilidade de o governador ou alguém mais mudar de idéia?

— Somente se os filhos da mãe puderem tirar algum proveito próprio — resmungou Ray Paulsen.
— E isso não vai acontecer.

Paulsen estava cada vez mais amargo ultimamente, por causa da frustrante demora na aprovação dos projetos. Como encarregado do suprimento de energia, Paulsen teria a missão impopular de determinar os cortes de energia elétrica, quando se tornassem necessários, em futuro próximo.

— Ray tem razão — declarou O'Brien. — Todos sabemos que a turma de Sacramento nos deixou a ver navios na questão das usinas nucleares, embora

reconhecendo extra-oficialmente sua necessidade, mas sem coragem de proclamá-la em voz alta.

— Quer gostemos ou desprezemos essa atitude, a verdade é que está acontecendo novamente — disse Eric Humphrey, incisivamente. — E agora vamos tratar das audiências sobre Tunipah. Tenho algumas idéias que estou querendo expor. A minha intenção é que nossa participação nas audiências seja a melhor possível. Nossa exposição deve ser objetiva, racional, serena, digna. Na reinquirição, as respostas de todos os nossos representantes devem ser coerentes, com ênfase na cortesia e na paciência. Como parte de sua tática, a oposição tentará nos provocar. Devemos resistir a todas as provocações e quero que nossos representantes estejam devidamente preparados para isso.

— Assim será feito — disse Oscar O'Brien.

Ray Paulsen olhou para Nim com uma expressão sombria e comentou:

— Não se esqueça de que isso se aplica também a você.

Nim amarrou a cara:

— Já estou praticando a contenção, Ray... desde agora.

Nenhum dos dois esquecera o atrito na reunião de diretoria em que Nim e Teresa van Buren haviam

defendido a linha dura, isto é, expor publicamente os problemas da companhia, enquanto Paulsen e a maioria dos outros defendiam a posição inversa. A julgar pelas instruções do presidente, a "linha moderada" ainda estava em vigor.

— Acha mesmo, Oscar — indagou Eric Humphrey —, que há necessidade de meu comparecimento a essas audiências?

O'Brien concordou:

— Necessidade absoluta.

Por trás da pergunta, obviamente, estava o desejo de Humphrey de evitar atrair atenção. Nos últimos dez dias, mais duas bombas haviam explodido em instalações da GSP & L, embora sem causar maiores danos. Mas serviam para lembrar o constante perigo a que estavam sujeitos a companhia e seus executivos. No dia anterior, alguém telefonara para uma emissora de rádio declarando que "mais executivos criminosos da Golden State Porra & Lixo vão em breve pagar muito caro por seus crimes contra o povo".

— Prometo que seu depoimento será rápido, Eric — acrescentou O'Brien. — Mas precisamos de sua presença oficialmente.

O presidente suspirou:

— Está bem.

Nim pensou, divertido e amargurado: como sempre, a estratégia de retraimento não se aplicaria a ele. Nas audiências iminentes, Nim seria a testemunha-chave; enquanto os outros representantes da companhia falariam exclusivamente sobre questões técnicas, ele seria o encarregado de apresentar a argumentação global em defesa do projeto de Tunipah. Oscar O'Brien se encarregaria do interrogatório das testemunhas.

Nim e O'Brien já tinham realizado diversos ensaios, contando com a participação de Ray Paulsen.

Durante o trabalho com O'Brien, Paulsen e Nim haviam contido seu antagonismo normal e em determinados momentos haviam chegado bem perto da cordialidade.

Aproveitando tal ânimo, Nim abordara com Paulsen o problema de um furgão para Karen Sloan, porque o Departamento de Transportes era subordinado ao de Suprimento de Energia.

Para surpresa de Nim, Paulsen se mostrara interessado e disposto a ajudar. Menos de quarenta e oito horas depois da conversa, ele já localizara um furgão apropriado, que estaria disponível para venda dentro de poucos dias. Mais do que isso, Ray Paulsen estava projetando pessoalmente algumas modificações necessárias. Iriam facilitar o embarque

da cadeira de rodas de Karen no furgão e mantê-la firmemente no lugar. Karen telefonara a Nim para informar que um mecânico da GSP & L fora procurá-la, a fim de medir a cadeira de rodas e examinar as instalações elétricas.

– Uma das melhores coisas que já me aconteceu, Nimrod — dissera Karen ao telefone —, foi o fato de você ter visto o círculo vermelho no mapa naquele dia e depois resolvido vir até aqui. Por falar nisso, quando vai aparecer novamente, Nimrod querido? Espero que não demore muito.

Nim prometerá que voltaria a visitá-la o mais breve possível. Telefonara posteriormente para os pais de Karen, Luther e Henrietta, que haviam ficado deliciados com a notícia do furgão e estavam agora providenciando um empréstimo bancário para cobrir os custos.

A voz de Oscar O'Brien trouxe Nim de volta ao presente:

– Presumo que todos saibam quanto tempo pode demorar o processo relativo a Tunipah.

Paulsen comentou, sombriamente:

– Tempo demais!

– Qual é sua estimativa, Oscar? — perguntou Teresa van Buren.

– Presumindo que sejamos bem-sucedidos nas

diversas audiências e levando-se em consideração as ações protelatórias legais subsequêntes, a que nossos oponentes certamente irão recorrer... eu diria que seis ou sete anos. — O advogado folheou alguns papéis, antes e acrescentar: — Talvez estejam também interessados nos custos. Meu departamento calcula que só nossos custos, para obter a licença de construção, quer ganhemos ou percamos, serão de cinco milhões e meio de dólares. Os estudos do meio ambiente custarão mais alguns milhões, e não começaremos nenhuma obra antes que esteja tudo devidamente aprovado.

— Providencie para que essa informação tenha a mais ampla divulgação, Tess — disse Eric Humphrey a sua vice-presidente de relações públicas.

— Tentarei, Eric, mas não posso garantir que muitas pessoas fora desta sala se interessem.

— Eles se interessarão quando as luzes se apagarem — declarou Humphrey. — E, agora, quero ouvir os relatórios sobre o progresso, se é que há algum, de nossos outros pedidos, a usina do Portão do Diabo e o projeto geotérmico de Fincastle.

— O "se é que há algum" é uma expressão apropriada — comentou O'Brien. E informou que, até aquele momento, só tinham sido superadas as escaramuças iniciais na selva burocrática. Haveria

incontáveis outras. Enquanto isso, estava crescendo cada vez mais a oposição ao Portão do Diabo e à Fincastle...

Enquanto ouvia o relato, Nim sentiu-se dominado por uma raiva intensa contra aquele sistema superado e ineficiente, e contra a falta de disposição da companhia para enfrentar o problema com objetividade. Sabia que teria os maiores problemas nas audiências sobre Tunipah: a maior dificuldade seria se conter, manter a paciência, controlar as palavras que poderiam apresentar a verdade objetivamente.

J. Eric Humphrey, de rosto vermelho, contrafeito, estava sentado na cadeira das testemunhas, de espaldar reto, situada um pouco acima do nível do chão. Já se passara quase metade do dia, e não alguns minutos, como lhe prometera Oscar O'Brien, e ele ainda estava ali.

Na sala parecida com um tribunal, Davey Birdsong estava de pé, a sua frente, a um metro de distância. Birdsong balançava o corpo sucessivamente para a frente e para trás, conforme apoiava seu peso formidável nos calcanhares e na ponta dos pés.

— Já que não deve estar habituado a audiências públicas, vou repetir a pergunta. Quanto recebe por ano?

Humphrey, que hesitara quando a pergunta fora formulada antes, olhou para O'Brien, sentado à mesa reservada aos advogados. O'Brien deu de ombros, num gesto quase imperceptível.

Contraindo os lábios, o presidente da GSP & L respondeu:

— Duzentos e quarenta e cinco mil dólares por ano.

Birdsong sacudiu a mão.

— Não está me entendendo, cara. Não perguntei qual era o capital da Golden State Power & Light, mas sim quanta grana você ganha.

Com a expressão sombria, sem achar a menor graça, Humphrey disse:

— É a cifra que acabei de mencionar.

— Não posso acreditar! — Birdsong bateu com a mão na testa, num gesto teatral. — Não é possível que uma pessoa ganhe tanto dinheiro assim! — Deixou escapar um assovio baixo e prolongado, antes de exclamar: — Puxa!

Na sala de audiências, quente e apinhada, soaram outros assovios e puxa! Alguém gritou:

— Somos nós, consumidores, que estamos pagando isso! E eu digo que é demais!

Soaram aplausos, espectadores bateram os pés no chão.

Na bancada elevada, olhando de cima para a testemunha, o interrogador e os espectadores, o comissário que presidia à audiência pegou o martelo de madeira e bateu de leve, gritando:

— Ordem! Ordem!

O comissário, de trinta e poucos anos, rosto rosado de menino, fora nomeado para o cargo um ano antes, depois de trabalhar no partido político que estava no poder. Era formado em contabilidade, e

corria o rumor de que era também parente do governador.

No momento em que o comissário falou, O'Brien levantou-se bruscamente:

— Senhor comissário, é realmente necessário hostilizar minha testemunha dessa maneira?

O comissário olhou para Birdsong, que estava usando seu uniforme: calças jeans esfarrapadas, camisa multicolorida aberta no peito e tênis. Em contraste, Humphrey, que comprava seus ternos com colete no de-Lisi, em Nova Iorque, e ia até lá especialmente para as provas, estava impecavelmente vestido.

— Fez uma pergunta e recebeu a resposta, sr. Birdsong — disse o comissário. — Podemos dispensar as manifestações teatrais. Continue, por favor.

— Está certo, senhor comissário. — Birdsong virou-se novamente para Eric Humphrey. — Falou em duzentos e quarenta e cinco mil dólares?

— Isso mesmo.

— Há outras compensações acompanhando esse maná... — Os espectadores caíram na risada. — Desculpe. Há outras vantagens inerentes ao cargo de presidente de uma companhia de serviços públicos? Como uma limusine, por exemplo?

— Tenho um carro a minha disposição.

- Com motorista?
- Isso mesmo.
- E mais uma generosa verba de representação?

Humphrey respondeu visivelmente irritado:

- Eu não diria que é generosa.
- E de quanto é, exatamente?

Mais risadas.

O desagrado intenso de J. Eric Humphrey estava começando a transparecer. Era um administrador de alto nível, não um lutador turbulento e impetuoso, e não estava absolutamente preparado para enfrentar o espalhafatoso espetáculo circense de Birdsong. Limitou-se, assim, a responder friamente:

- Minhas funções envolvem determinadas despesas que me é permitido cobrar à companhia.
- Aposto que sim!

O'Brien já estava se levantando. O comissário que presidia à reunião fez sinal para que sentasse de novo e determinou:

- Limite-se a fazer suas perguntas, sr. Birdsong.

O gigante sorriu jovialmente:

- Sim, senhor!

Sentado no recinto reservado ao público, Nim estava furioso. Por que Humphrey não respondia

bruscamente, agressivamente, como podia e devia? "Meu salário, sr. Birdsong, é uma questão pública, já que é comunicado aos órgãos responsáveis e a informação é facilmente disponível. Tenho certeza de que já sabia disso antes de fazer a pergunta; portanto, sua demonstração de surpresa foi falsa, um simples embuste. Além do mais, meu salário é perfeitamente compatível com o cargo de presidente e principal executivo de uma das maiores corporações do país; na verdade, é até menor do que o salário da maioria das outras companhias do mesmo porte. Uma razão para o nível de meu salário é o fato de organizações industriais como a GSP & L saberem que têm de ser competitivas ao recrutarem e manterem os talentos de seus executivos. Para ser mais específico: minha experiência e qualificações certamente me valeriam um salário igual ou maior em outras empresas. Pode não gostar desse sistema, sr. Birdsong, mas enquanto formos uma sociedade de livre iniciativa é assim que tem de ser. Quanto ao carro com motorista, foi-me oferecido na mesma base competitiva do salário e também na suposição de que o tempo e energias de um executivo-chefe são mais valiosos do que um carro e um motorista. Mais uma coisa a respeito do carro: como acontece com muitos outros executivos atarefados, estou acostu-

mado a me deslocar de um lugar para outro, a trabalho, e raramente tenho oportunidade de relaxar um pouco no carro. Finalmente, se os diretores e acionistas da companhia não estão satisfeitos com meu desempenho em troca do dinheiro que me pagam, podem perfeitamente me dispensar..."

"Mas não!", pensou Nim, sombriamente. O tratamento brando, a preocupação excessiva com uma ilusória imagem pública, a cautela exagerada, jamais enfrentando os Birdsong deste mundo com suas próprias táticas agressivas... aquela era a ordem do dia. Daquele dia e de muitos outros que viriam.

Era o segundo dia das audiências sobre o projeto de Tunipah, primeiro estágio. O dia anterior fora ocupado por formalidades, inclusive a apresentação, pelo advogado da GSP & L, de uma volumosa declaração de intenções, com quinhentas páginas (trezentos e cinquenta exemplares impressos), o primeiro de vários documentos semelhantes. O'Brien comentou, sarcasticamente:

— Quando chegarmos ao final, teremos provocado a derrubada de uma floresta inteira para fazer o papel que usaremos; reunindo tudo, daria para encher uma biblioteca ou afundar um navio.

No início daquele dia, J. Eric Humphrey fora convocado como a primeira testemunha da reque-

rente.

O'Brien fizera o presidente da companhia apresentar rapidamente a necessidade da construção de Tunipah e as vantagens do local escolhido — no que prometera ser uma audiência curta. Depois, houve um interrogatório mais prolongado, conduzido pelo advogado da comissão e em seguida por Roderick Pritchett, diretor-secretário do Clube da Sequóia. As duas reinquirições, embora se prolongassem por cerca de uma hora cada, foram construtivas, objetivas e serenas. Davey Birdsong, no entanto, que viera a seguir, representando a f & lp, agitou a audiência, para alegria de seus partidários que estavam entre os espectadores.

— Sou capaz de apostar, sr. Humphrey — continuou ele —, que acorda de manhã imaginando que tem de fazer alguma coisa para justificar esse seu salário fabuloso. Não é verdade?

O'Brien prontamente gritou:

— Protesto!

— Protesto aceito — decidiu o comissário.

Birdsong não se alterou.

— Vou perguntar de outra maneira. Não acha, Eric, meu bem, que como parte principal de seu trabalho deve ficar bolando planos, como esse negócio de Tunipah, que irão proporcionar lucros fabulosos

para sua companhia?

— Protesto!

Birdsong virou-se bruscamente para o advogado da GSP & L:

— Por que não manda fazer uma gravação? Bastaria então apertar um botão, sem precisar abrir a boca.

Houve risadas e alguns aplausos dispersos. Ao mesmo tempo, o jovem comissário inclinou-se para conferenciar com um homem sentado a seu lado, mais idoso, especialista em direito administrativo, funcionário público com grande experiência naquele tipo de audiência. Enquanto ele falava, baixinho, o homem mais velho sacudia a cabeça.

— Protesto negado! — anunciou o comissário.

— Permitimos uma ampla liberdade nestas audiências, sr. Birdsong, mas faça a gentileza de se dirigir a todas as testemunhas com o devido respeito, usando seus nomes corretamente e não... — o comissário tentou conter um sorriso, mas não conseguiu — "Eric, meu bem" e outras expressões semelhantes. Outra coisa: gostaríamos de ter alguma garantia de que sua linha de interrogatório é relevante.

— Mas claro que é relevante! E como! — A resposta de Birdsong foi proferida com a maior exuberância; Depois, como se tivesse ocorrido alguma

mudança de comportamento, ele assumiu o papel de suplicante. — Peço que compreenda, por favor, senhor comissário, que sou apenas um homem simples, representando pessoas humildes, não um advogado importante, de luxo, como o velho Oscarzinho aqui presente. — Apontou para O'Brien. — Assim, se pareço meio inábil, excessivamente amistososo, se cometo erros!..

O comissário suspirou:

— Simplesmente continue, por favor.

— Sim, senhor! Claro, senhor! — Birdsong virou-se bruscamente para Humphrey. — Ouviu o que o homem disse! Está desperdiçando o tempo precioso do comissário. Agora, pare de criar confusão e responda logo à pergunta!

O'Brien tornou a intervir:

— Que pergunta? Não me lembro da pergunta e tenho certeza de que a testemunha também não.

O comissário determinou:

— O relator vai ler as declarações.

O depoimento foi interrompido e os que estavam em cadeiras duras e bancos mudaram de posição, procurando ficar mais à vontade, enquanto um estenógrafo, encarregado da transcrição oficial da audiência, folheava suas anotações. Enquanto isso, diversas pessoas entraram e saíram da sala. Como

os principais participantes sabiam, nos meses e anos que iriam transcorrer antes que se chegasse a uma decisão, aquelas cenas iriam repetir-se incontáveis vezes.

A sala de audiências, revestida de lambris de carvalho, ficava num prédio de doze andares, próximo ao centro da cidade, ocupado pela Comissão de Energia da Califórnia, que estava realizando aquela primeira série de audiências. No outro lado da rua ficava o prédio da Comissão de Serviços Públicos da Califórnia, que posteriormente realizaria suas próprias audiências sobre Tunipah, repetindo em grande parte o que já acontecera antes. A competição e o ciúme entre as duas comissões eram intensos, e havia ocasiões em que assumiam as características de Alice no País das Maravilhas.

Dois outros órgãos estaduais em breve entrariam em cena e também realizariam suas próprias audiências: a Comissão de Qualidade dos Recursos Hídricos e a Comissão de Recursos do Ar. Cada um desses quatro órgãos receberia relatórios e documentos dos outros três, a maioria dos quais iria ignorar.

Em nível inferior, era necessário satisfazer também um Distrito de Controle da Poluição do Ar, que poderia impor restrições ainda mais rigorosas que

os órgãos estaduais.

O'Brien comentava particularmente:

— Alguém que não estivesse diretamente envolvido jamais iria acreditar nessa incrível superposição de funções e nessa futilidade. Os que instituíram um sistema tão absurdo, e os que participam dele, poderiam ser considerados lunáticos. Seria muito mais barato para os cofres públicos, além de mais eficiente, se fôssemos todos internados num hospício...

O estenógrafo estava concluindo a leitura:

— "...planos, como esse negócio de Tunipah, que irão proporcionar lucros fabulosos para sua companhia?"

— O objetivo de Tunipah é prestar um serviço a nossos consumidores e à comunidade em geral, como sempre temos feito, antecipando-nos ao aumento da demanda de energia — respondeu Humphrey.

— O lucro é secundário.

— Mas haverá lucros — insistiu Birdsong.

— Claro! Somos uma empresa particular, com obrigações para com os investidores...

— Lucros grandes? Milhões de dólares?

— Por causa das proporções gigantescas do empreendimento e do vultoso investimento, haverá emissões de ações e outros títulos, que não poderão

ser vendidos aos investidores, a menos que...

Birdsong interrompeu-o bruscamente:

— Responda "sim" ou "não". Haverá lucros de milhões de dólares?

O presidente da GSP & L ficou vermelho.

— Provavelmente... sim.

Mais uma vez, seu algoz ficou balançando o corpo para a frente e para trás, nos calcanhares.

— Sendo assim, sr. Humphrey, temos apenas sua palavra de que o serviço tem precedência sobre os lucros... a palavra de uma pessoa que, se essa monstruosa fraude de Tunipah for impingida ao público, começará a obter lucros por todos os meios possíveis.

— Protesto! — disse O'Brien, já cansado. — Não se trata de uma pergunta. É uma declaração prejudicial, perniciosa e infundada.

— Para que tantas palavras bonitas? Mas está bem, retiro o que disse. — Birdsong estava deixando a critério do comissário a exclusão de suas últimas palavras. Ele sorriu, antes de acrescentar: — Acho que meus sentimentos de homem honesto levaram a melhor sobre minha determinação.

O'Brien deu a impressão de que ia objetar novamente, mas mudou de idéia.

Como Birdsong e os outros sabiam perfeita-

mente, o último diálogo acabaria constando dos autos. Além disso, os repórteres na mesa de imprensa estavam escrevendo rapidamente... uma atitude que não haviam assumido antes.

Ainda assistindo à cena do recinto reservado aos espectadores, Nim pensou: "Não resta a menor dúvida de que os comentários de Davey Birdsong sairão em todas as reportagens amanhã, porque o líder da f & lp está novamente proporcionando o pitoresco ao noticiário".

Entre os jornalistas presentes, Nim podia ver a repórter negra Nancy Molineaux. Ela estava observando Birdsong atentamente, sem escrever, ereta e imóvel; a pose realçava os malares salientes, o rosto bonito se bem que um tanto agressivo, o corpo esguio e flexível. A expressão era pensativa. Nim calculou que ela estava também apreciando o desempenho de Birdsong.

No início do dia, Nim e Nancy Molineaux haviam se cruzado no corredor, diante da sala de audiências. Quando ele acenara com a cabeça bruscamente, Nancy franzira as sobrancelhas e exibira um sorriso zombeteiro.

Birdsong recomeçou o interrogatório:

— Diga-me uma coisa, Eric, meu velho... oh, mil perdões!... sr. Humphrey... por acaso já ouviu

falar em conservação?

— Claro.

— E sabe também que há uma convicção generalizada de que projetos como o de Tunipah não seriam necessários se pessoas como você defendessem a sério a noção de conservação? Não estou me referindo a uma defesa puramente simbólica, mas a sério mesmo, com o mesmo empenho com que está neste momento tentando obter permissão para construir novas usinas que irão proporcionar lucros ainda mais fabulosos.

O'Brien já estava se levantando quando Humphrey disse:

— Vou responder à pergunta. — O advogado voltou a sentar-se. O presidente da companhia continuou: — Em primeiro lugar, não procuramos, na Golden State Power & Light, vender mais energia. Já houve um tempo em que o fizemos, mas há muitos anos que isso deixou de acontecer. Em vez disso, recomendamos que se poupe energia. . e o fazemos com toda seriedade. Sabemos também que isso pode ajudar, mas jamais irá eliminar o ritmo crescente da demanda de energia, que é o motivo pelo qual precisamos de Tunipah.

— É essa a sua opinião?

— Naturalmente que é a minha opinião.

— O mesmo tipo de opinião preconcebida com que nos pede para acreditar que não se importa, se Tunipah vai ou não proporcionar lucros fabulosos?

O'Brien prontamente objetou:

— Isso é uma deturpação. A testemunha não disse que não se importava com os lucros.

— Tem razão. — Abruptamente, Birdsong virou-se para encarar O'Brien, o corpo parecendo expandir-se, enquanto a voz se alteava: — Todos nós sabemos que vocês, da Golden Power, se preocupam com os lucros... e lucros fabulosos, polpudos, escorchantes, à custa dos pequenos consumidores, dos trabalhadores decentes deste Estado, que pagam suas contas e terão de pagar ainda mais caro por Tunipah se...

O restante das palavras foi abafado por gritos, aplausos, pés batendo no chão. Em meio ao tumulto, o comissário bateu com o martelo e gritou:

— Ordem! Ordem!

Um homem que se juntara aos gritos e aplausos, sentado ao lado de Nim, observou o silêncio dele e perguntou:

— Não se importa, companheiro?

A pergunta foi feita em tom beligerante, e Nim limitou-se a responder:

— Claro.

Se aquilo fosse um tribunal, pensou Nim, há muito que Birdsong já teria sido citado por desacato. Mas tal não aconteceria, porque ali só a aparência era a de um tribunal. Nas audiências daquele tipo, permitia-se deliberadamente uma ação ampla e irregular, tolerando-se inclusive tumultos ocasionais. Oscar O'Brien explicara as razões numa das reuniões preparatórias para instruir as testemunhas da GSP & L:

— As comissões públicas estão atualmente apavoradas com a possibilidade de serem contestadas nos tribunais, se não permitirem a todos a oportunidade de dizerem o que bem quiserem, sob a alegação de que provas fundamentais não puderam ser apresentadas. Se isso acontecesse, poderia redundar na anulação de uma decisão, desfazendo anos de trabalho, só porque algum maluco recebeu a ordem para calar a boca ou algum argumento insignificante foi rejeitado. Ninguém deseja isso... inclusive nós. Assim, por um consenso geral, os demagogos e malucos podem dizer o que pensam toda vez que quiserem. O resultado é que as audiências se tornam longas e arrastadas. Mas, no final das contas, provavelmente estaremos ganhando tempo.

Nim sabia que fora por isso que o veterano funcionário público sacudira a cabeça minutos an-

tes, aconselhando o jovem comissário a não rejeitar a pergunta contestada de Birdsong.

Outra coisa que O'Brien explicara fora que os advogados que representavam as companhias requerentes levantavam menos objeções naquele tipo de audiência do que o fariam num tribunal.

— Guardamos as objeções para as coisas que forem mais prejudiciais e devam ser riscadas dos registros.

Nim desconfiava que as objeções de O'Brien, durante a inquirição de J. Eric Humphrey por Birdsong, eram simplesmente um meio de apaziguar o patrão, que se mostrara antes tão relutante em se apresentar como testemunha.

Nim tinha certeza de que, quando chegasse sua vez de depor e ser inquirido, O'Brien o deixaria praticamente sozinho para enfrentar o que pudesse acontecer.

— Vamos voltar àqueles lucros fabulosos de que falamos — continuou Davey Birdsong. — Examinemos o efeito nas contas mensais dos consumidores...

O líder da f & lp continuou em seu interrogatório por mais meia hora. Recorria a perguntas tendenciosas, sem nenhuma base nos fatos, entremeadas com demonstrações teatrais, mas sempre insis-

tindo na alegação de que os lucros de Tunipah seriam excessivos e de que era esse o principal motivo para o projeto. Nim não podia deixar de reconhecer uma coisa: embora a acusação fosse falsa, a repetição exaustiva, ao melhor estilo de Goebbels, era eficaz. Indubitavelmente, receberia o maior destaque nos meios de comunicação e provavelmente alguma credibilidade, o que era obviamente um dos objetivos de Birdsong.

— Obrigado sr Humphrey — disse o comissário, quando o presidente da GSP & L deixou a cadeira das testemunhas.

Eric Humphrey respondeu com um aceno de cabeça e retirou-se rapidamente, visivelmente aliviado.

Duas outras testemunhas da GSP & L foram convocadas a seguir. Eram engenheiros, especialistas, e seus depoimentos e inquirições transcorreram sem nenhum incidente, mas ocuparam dois dias inteiros. Depois, a audiência foi suspensa até a segunda-feira da semana seguinte. Nim, encarregado de apresentar a base da argumentação da GSP & L, seria a próxima testemunha a ser convocada assim que as audiências recomeçassem.

Três semanas antes, quando Ruth Goldman surpreendera Nim ao anunciar que tencionava passar algum tempo fora de casa, ele pensara que ela provavelmente mudaria de idéia. Mas isso não aconteceu. Agora, na noite de sexta-feira, início do recesso de fim de semana das audiências sobre Tunipah, Nim descobria-se sozinho em casa. Ruth levava Leah e Benjy para a casa dos avós, no outro lado da cidade, antes de partir. O acordo era que as crianças ficariam com os Neuberger até a volta de Ruth, em data incerta.

Ruth se mostrara bastante vaga em relação a seu provável retorno, assim como se recusara a dizer para onde ia e com quem.

— Provavelmente passarei duas semanas fora, embora possa ser um pouco mais ou um pouco menos — dissera Ruth, alguns dias antes.

Mas não houve nada de vago na atitude de Ruth em relação a ele: tornou-se fria e incisiva. Nim tinha a impressão de que ela havia tomado algumas decisões interiores e só restava agora pô-las em prática. Ele não tinha a menor idéia de quais eram essas decisões e de como iriam afetá-lo. A princípio, disse

a si mesmo que devia importar-se com isso; mas logo descobriu, com profunda tristeza, que tal não acontecia. Ou pelo menos não muito. Por isso, não fez qualquer objeção quando Ruth informou que seus planos estavam concluídos e que partiria no final da semana.

Nim compreendia que sua atitude era insólita, simplesmente aceitando e deixando que as coisas seguissem à deriva. Por natureza, estava acostumado a tomar decisões prontamente, a planejar para o futuro; essa capacidade, aplicada ao trabalho, valera-lhe o reconhecimento e muitas promoções. Mas em relação ao casamento ainda tinha uma estranha relutância em tomar decisões, talvez porque temesse enfrentar a realidade. Estava deixando tudo a cargo de Ruth. Se ela decidisse deixá-lo para sempre e depois pedir o divórcio, o que parecia ser a sequência natural, provavelmente não iria reagir, nem mesmo tentaria dissuadi-la. Contudo, não tomaria a iniciativa pessoalmente. Ainda não estava preparado para isso.

Perguntara a Ruth, no dia anterior, se ela já estava pronta para discutir a situação conjugal, recordando as palavras dela: "... mantemos apenas uma aparência de casamento. E preferimos não falar a respeito. Mas acho que deveríamos... Talvez, quan-

do eu voltar...."

— Por que esperar? — perguntara Nim.

Mas Ruth lhe respondeu friamente:

— Não. Eu lhe direi quando estiver pronta.

E a conversa terminou por aí. Ao pensar na possibilidade de divórcio, Nim sempre se lembrava de Leah e Benjy. Sabia que ambos ficariam arrasados com essa perspectiva e sentia-se desolado ao pensar nos filhos sendo magoados. Mas a verdade era que os filhos sobreviviam ao divórcio, e Nim já observara que muitos o encaravam como um simples aspecto da vida. Sabia também que não teria a menor dificuldade em passar algum tempo com Leah e Benjy depois do divórcio. Era possível até que passasse a ver os filhos mais do que atualmente. Já acontecera com outros pais separados.

Mas só poderia tomar qualquer decisão após a volta de Ruth, pensou ele, enquanto vagueava pela casa vazia na noite de sexta-feira.

Meia hora antes, telefonara para Leah e Benjy, apesar das objeções de Aaron Neuberger, que não gostava que seu telefone fosse usado no sabá, exceto para emergências. Nim deixara o telefone tocar interminavelmente, até que o sogro finalmente atendera.

— Quero falar com meus filhos e não me im-

porta que dia seja hoje.

Quando Leah atendeu, alguns minutos depois, reprovou o pai gentilmente:

— Deixou vovô muito aborrecido, papai.

Nim sentira vontade de dizer "Ótimo!", mas se contivera a tempo. Conversaram sobre a escola, uma competição de natação a ser brevemente iniciada, as aulas de balé. Não houvera nenhuma menção a Ruth. Nim sentiu que a filha sabia que alguma coisa estava errada, mas receava perguntar ou mesmo saber.

A conversa com Benjy, que se seguiu, fez reviver a irritação que Nim freqüentemente sentia com relação aos sogros.

— Papai, vou ter um bar *mitzvah*? — perguntou Benjy. — O vovô disse que sim. E vovó falou que jamais serei um bom judeu se não fizer isso.

"Ao diabo com esses Neuberger intrometidos! Será que eles não podiam comportar-se simplesmente como avós amorosos, tomando conta de Leah e Benjy por duas semanas sem aproveitar a oportunidade para instilar sua propaganda nas crianças? Era quase imoral começar a trabalhar as crianças com tanta precipitação, intrometendo-se nos direitos de Nim e Ruth como pais. Nim pensara em abordar pessoalmente o assunto com Benjy, numa

conversa serena, tranqüila, de homem para homem, não achando conveniente levantar o problema de maneira brusca. E uma voz interior lhe perguntou: "E por que não o fez? Teve tempo suficiente. Se tivesse falado antes, não estaria agora sem saber como responder à pergunta de Benjy".

Nim disse rispidamente:

— Ninguém precisa ter obrigatoriamente um bar *mitzvah*. Eu não tive. E o que sua avó falou é bobagem.

— Vovô diz que tenho muita coisa a aprender — respondeu Benjy, parecendo em dúvida. — Disse que eu já deveria ter começado há muito tempo.

Não havia um tom de acusação na voz fina e precisa de Benjy? Era bem possível, até mesmo provável, pensou Nim, que Benjy, aos dez anos, compreendesse muito mais coisas do que imaginavam os mais velhos. Sendo assim, as perguntas de Benjy não refletiriam a mesma busca instintiva de identificação com seus ancestrais que o próprio Nim experimentara e sufocara, embora não inteiramente? Ele não podia ter certeza. Nada, porém, atenuava a raiva de Nim pela maneira como tudo havia aflorado. Conteve a custo outra resposta brusca, sabendo que isso de nada adiantaria; ao contrário, seria até nocivo.

-O que acabou de dizer, filho, simplesmente não é verdade. Se decidirmos que você terá o bar *mitzvah*, haverá tempo suficiente para se preparar. Deve compreender que seus avós têm algumas opiniões com as quais sua mãe e eu não concordamos. — Nim não tinha certeza se podia falar em nome de Ruth, mas pelo menos ela não estava presente para contradizê-lo. — Assim que sua mãe voltar e você estiver em casa, vamos conversar a respeito. Está bem?

Benjy concordou, um tanto relutantemente. Nim sabia que devia cumprir a promessa ou perderia a credibilidade diante do filho. Chegou a pensar em trazer o pai de avião de Nova Iorque e hospedá-lo em sua casa por uma temporada, o que iria expor Benjy a uma influência contrária. O velho Isaac Goldman, embora com a saúde abalada e com mais de oitenta anos, ainda era veemente e crítico em relação ao judaísmo, apreciando intensamente destruir os argumentos dos judeus ortodoxos. Mas Nim chegou à conclusão de que não era uma solução. Seria tão injusto quanto a atitude que os Neuberger estavam assumindo.

Depois do telefonema e enquanto se servia de um uísque, Nim olhou para o retrato de Ruth; era a óleo e fora pintado vários anos antes. O pintor con-

seguira captar, com extraordinária fidelidade, a beleza e a serenidade de Ruth. Nim se aproximou do quadro e contemplou-o atentamente. O rosto, especialmente os suaves olhos castanhos, era excepcionalmente bem-feito; e o cabelo, preto e reluzente, estava impecavelmente arrumado, como sempre. Para o retrato, Ruth posara com um vestido de baile, sem alças; os tons da pele, nos ombros graciosos, eram impressionantemente reais. Havia até, num dos ombros, uma verruga escura que Ruth removera cirurgicamente pouco tempo depois de posar para o retrato.

Os pensamentos de Nim voltaram à serenidade de Ruth; era a característica que o retrato mostrava melhor. "Eu bem que estou precisando de um pouco dessa serenidade neste momento", pensou ele, desejando poder conversar com Ruth a respeito de Benjy e do bar *mitzvah*. "Mas que diabo! Onde ela teria ido passar duas semanas, e com quem?" Nim tinha certeza de que os Neuberger sabiam de alguma coisa. Ou pelo menos deviam saber onde podiam entrar em contato com Ruth. Nim conhecia a esposa suficientemente para saber que ela não iria isolar-se totalmente dos filhos. E também tinha certeza de que os pais de Ruth jamais lhe diriam qualquer coisa. O pensamento renovou a raiva contra os sogros.

Depois de um segundo uísque e de perambular mais um pouco pela casa vazia, Nim voltou ao telefone e ligou para a casa de Harry London. Havia uma semana que não se falavam, o que era excepcional.

Quando London atendeu, Nim perguntou:

— Não quer dar uma chegada aqui em casa para tomarmos uns drinques?

— Lamento, Nim. Bem que gostaria de ir, mas não posso. Tenho um compromisso para o jantar e já estou de saída. Já soube das últimas bombas?

— Não. Quando foi?

— Há cerca de uma hora.

— Houve feridos?

— Não desta vez... mas essa é também a única parte boa.

Harry London informou que duas potentes bombas haviam sido instaladas numa subestação suburbana da GSP ' & L. Em consequência, mais de seis mil casas na área estavam agora sem energia. Transformadores móveis, instalados em caminhões, estavam sendo levados às pressas para a área, mas era improvável que o fornecimento fosse inteiramente restabelecido antes do dia seguinte.

— Aqueles doidos estão ficando cada vez mais espertos — comentou London. — Estão tomando

conhecimento de nossos pontos vulneráveis e sabem onde colocar suas bombinhas para causar danos maiores.

– Já se sabe se foi o mesmo grupo?

– Já, sim. Foram mesmo os Amigos da Liberdade. Telefonaram para o Canal 5 pouco antes das explosões, comunicando onde iriam acontecer. Mas já era tarde demais para se tomar qualquer providência. Com essas, são onze bombas que explodiram em cima de nós em dois meses. Acabei de fazer a soma.

Sabendo que London, embora não diretamente envolvido nas investigações, tinha suas fontes de informações, Nim perguntou:

– A polícia ou o FBI já descobriram alguma coisa?

– Absolutamente nada. Eu disse que os responsáveis estão ficando espertos, e é verdade. Sou capaz de apostar que estudam cuidadosamente os alvos antes de atacarem, determinando como podem entrar e sair rapidamente, sem serem observados. Eles sabem perfeitamente, assim como nós, que seria necessário um verdadeiro exército para proteger todas as nossas instalações.

– E não há pistas?

– Nenhuma. Lembra-se do que eu disse antes?

Se a polícia descobrir será graças a um golpe de sorte ou porque alguém cometeu algum descuido. Não é como acontece na televisão ou nas novelas, Nim, quando os crimes são sempre solucionados. No mundo do crime de verdade, as coisas não se passam desse modo.

— Sei disso perfeitamente — respondeu Nim, um pouco irritado, pois London estava assumindo novamente seu papel de mestre.

— Mas há algo estranho — comentou o chefe do Departamento de Proteção à Propriedade, pensativo.

— E o que é?

— Por algum tempo, as explosões diminuíram, quase cessaram inteiramente. E agora, subitamente, voltaram a se intensificar, como se os responsáveis tivessem recebido uma nova injeção de explosivos ou dinheiro, talvez de ambos.

Nim pensou por um instante a respeito e depois mudou de assunto:

— Há alguma novidade nas investigações sobre desvio de energia?

— Não. Estamos, é claro, trabalhando um bocado e continuamos a agarrar a chamada arraia-miúda. Há uma dúzia de novos casos de adulteração de medidas que vamos levar aos tribunais. Mas

é como tapar cem buracos que estão vazando, quando se sabe que há outros dez mil; solucionaríamos o caso se tivéssemos os homens e o tempo necessários.

— E o que me diz daquele prédio grande que estava vigiando?

— O da Zaco Properties? Ainda estamos vigiando. Mas até agora não aconteceu coisa alguma. Acho que não vai dar em nada. — Harry London parecia deprimido, o que não era habitual em seu comportamento. Talvez fosse contagiante, talvez lhe tivesse transmitido seu próprio desânimo, pensou Nim, ao desejar boa-noite e desligar.

Ainda estava inquieto, sozinho na casa silenciosa. Para quem poderia ligar?

Pensou em Ardythe, mas prontamente descartou a possibilidade. Nim ainda não estava pronto, se é que algum dia ficaria, para enfrentar Ardythe, abruptamente dominada por um fervor religioso. Pensando em Ardythe, Nim lembrou-se de Wally jr., a quem visitara duas vezes no hospital, recentemente. Wally já estava fora de perigo e havia sido removido do tratamento intensivo, mas teria pela frente meses intermináveis, talvez anos, de operações plásticas, demoradas e dolorosas. Não era de surpreender que o ânimo de Wally fosse o pior possível. E,

evidentemente, não se havia tocado na incapacidade sexual dele.

Com algum sentimento de culpa, ao pensar em Wally, Nim recordou-se de que sua própria capacidade sexual continuava inalterada. Deveria ligar para uma de suas mulheres? Havia várias com quem não se encontrava há meses, mas que provavelmente estariam disponíveis para alguns drinques, depois um jantar num lugar sossegado e o que mais se seguisse. Se fizesse um esforço, não precisaria passar a noite sozinho.

Mas, por algum motivo, não queria incomodar-se.

Karen Sloan? Não. Por mais que gostasse da companhia dela, não estava com disposição.

E que tal um pouco de trabalho? Havia muito trabalho em cima de sua mesa na sede da GSP & L. Se fosse até lá, não seria a primeira vez que trabalharia à noite, aproveitando a tranquilidade para fazer muito mais do que era possível durante o dia. E talvez fosse também uma boa idéia. As audiências sobre Tunipah já estavam consumindo mais da metade do tempo disponível de Nim, e a demanda continuaria, embora tivesse de encontrar um jeito de continuar a desincumbir-se de sua carga normal de trabalho.

Mas o trabalho também não serviria, não aquele tipo de trabalho no escritório, com a disposição em que estava no momento. E não haveria outro tipo de trabalho para ocupar-lhe a mente?

O que poderia fazer a fim de preparar-se melhor para o início de seu depoimento como testemunha na segunda-feira? Já estava convenientemente instruído. Mas deveria também estar preparado para algo mais que poderia acontecer: o inesperado.

Uma idéia surgiu abruptamente em sua mente, como pão a sair de uma torradeira automática.

Carvão!

Tunipah seria movida a carvão. Sem carvão, a ser transportado de trem de Utah para a Califórnia, a usina geradora de Tunipah não seria exeqüível. Apesar disso e embora os conhecimentos técnicos de Nim sobre carvão fossem consideráveis, sua experiência prática no assunto era nula. Havia um motivo simples: não existia na Califórnia uma única usina geradora de energia elétrica que usasse o carvão como combustível. Tunipah seria a primeira na história do Estado.

De algum jeito, pensou Nim, a partir daquele momento até a manhã de segunda-feira, tinha de ir, como numa peregrinação, a uma usina alimentada

por carvão. E voltaria para as audiências sobre Tupiah com a visão, o som, o gosto e o cheiro de carvão gravados em seus sentidos. Os instintos de Nim, que freqüentemente estavam certos, aconselhavam-no a ir, pois assim se tornaria uma testemunha mais forte e mais eficiente.

E também resolveria o problema do que fazer no fim de semana.

Mas onde havia uma usina geradora à base de carvão?

Quando a fácil resposta lhe ocorreu, Nim serviu-se de outro uísque e depois ligou para o serviço de informações em Denver, Colorado.

O voo 460 da United Airlines partiu no horário, às sete horas e quinze minutos da manhã. Quando o Boeing 727-200 já estava no ar, subindo sem parar, o sol da manhã, que minutos antes aparecera no horizonte a leste, cobriu a paisagem lá embaixo com um clarão entre vermelho e dourado. O mundo parecia limpo e puro, pensou Nim, como sempre acontecia ao amanhecer, uma ilusão diária que durava menos de meia hora.

Enquanto o jato seguia para leste, Nim se acomodou na confortável poltrona de primeira classe. Não tivera a menor hesitação em fazer a viagem, à custa da companhia; naquela manhã, ao seguir de carro para o aeroporto, ainda escuro, a reflexão confirmara o bom senso do impulso súbito da noite anterior. Seria um voo sem escalas até Denver, durante duas horas e vinte minutos. Um velho amigo, Thurston Jones, estaria a sua espera.

Uma jovem aeromoça, bonita e jovial, do tipo que a United parecia atrair com facilidade, serviu uma omelete e persuadiu Nim a tomar também um vinho da Califórnia, apesar de ainda ser muito cedo.

— Ora, pode tomar o vinho! — insistiu ela, ao

vê-lo hesitar. — Já se livrou dos vínculos físicos com a terra e agora deve livrar-se também dos psíquicos. Vamos, trate de aproveitar!

E Nim aproveitara devidamente o Mirassou Riesling, que não tinha nada de excepcional, mas era um bom vinho. Chegou a Denver ainda mais relaxado do que ficara na noite anterior.

No Aeroporto Internacional de Stapleton, Thurston Jones apertou efusivamente a mão de Nim e o levou diretamente para o carro, já que sua única bagagem consistia numa pequena valise.

Os dois haviam sido colegas de escola, além de companheiros de quarto e amigos íntimos na Universidade de Stanford. Naquele tempo, partilhavam a maioria das coisas, inclusive as mulheres que conheciam, e era bem pouco o que um desconhecia a respeito do outro. A amizade perdurara desde então, muito embora só se encontrassem agora ocasionalmente e apenas de vez em quando trocassem cartas.

Exteriormente, os dois tinham sido bastante diferentes e continuavam a ser. Thurston era quieto, estudioso, excepcionalmente inteligente, bem-apeado, embora de uma maneira um tanto infantil. Sua atitude habitual era de discrição e retraimento, embora soubesse exercer autoridade, sempre que

necessário. Tinha um senso de humor exuberante. Por coincidência, Thurston seguira a mesma carreira de Nim e ocupava agora a mesma posição dele, vice-presidente de planejamento, na Companhia de Serviços Públicos do Colorado, uma das mais respeitadas geradoras e distribuidoras de energia elétrica e gás natural do país. Thurston dispunha também do que Nim carecia: uma ampla experiência prática em geração de energia à base de carvão.

– Como estão as coisas em casa? — indagou Nim, enquanto seguiam do terminal para o estacionamento.

Thurston era casado há oito anos com uma exuberante inglesa, Úrsula, a quem Nim conhecia e com quem simpatizava.

– Tudo bem. E espero que o mesmo aconteça com você.

– Não tanto quanto eu desejaria.

Nim esperava ter transmitido, sem qualquer rudeza, sua relutância em conversar sobre seus problemas conjugais com Ruth. Aparentemente conseguiu, porque Thurston não fez nenhum comentário e acrescentou:

– Úrsula o está esperando com a maior ansiedade. Evidentemente, ficará hospedado em nossa casa.

Nim murmurou um agradecimento enquanto embarcavam no carro de Thurston, um Ford Pinto. Sabia que o amigo também partilhava suas convicções a respeito dos carros grandes que desperdiçavam um absurdo de combustível.

Era um dia seco e ensolarado no Colorado. Ao seguirem para Denver, podiam avistar a oeste os cumes cobertos de neve das Montanhas Rochosas.

Um tanto timidamente, Thurston comentou:

— Afinal, desta vez é realmente maravilhoso vê-lo por aqui, Nim. — Depois de um sorriso, ele acrescentou: — Mesmo que tenha vindo apenas para sentir o gostinho de carvão.

— Acha que é absurdo demais, Thurs?

Nim explicara na noite anterior, pelo telefone, seu desejo súbito de conhecer uma usina geradora alimentada por carvão e os motivos para isso.

— Quem pode dizer o que é absurdo e o que não é? Essas atuais audiências são um absurdo... não propriamente a idéia de realizá-las, mas a maneira como estão sendo conduzidas. No Colorado, temos o mesmo tipo de problemas que vocês na Califórnia. Ninguém quer permitir a construção de novas usinas geradoras. Mas daqui a cinco ou seis anos, quando os cortes de energia começarem, seremos acusados de não termos pensado no futuro,

de não planejarmos para evitar uma crise.

— As usinas que vocês estão querendo construir... são à base de carvão?

— Mas claro! Quando Deus distribuiu os recursos naturais, foi bastante generoso com o Colorado. Concedeu à este Estado carvão bastante, assim como deu petróleo aos árabes. E não é simplesmente carvão, mas sim um carvão da melhor qualidade, com baixo índice de enxofre, quase à superfície, fácil de ser extraído. Mas tenho certeza de que já sabe de tudo isso.

Nim aquiesceu, porque de fato sabia. Depois de um momento de silêncio, ele disse, pensativo:

— Há carvão suficiente a oeste do Mississípi para atender às necessidades de energia deste país durante três séculos e meio... desde que nos permitam usá-lo.

Thurston continuava a avançar com o carro em ziguezague pelo tráfego da manhã de sábado, que não era muito intenso.

— Vamos diretamente para nossa usina de Cherokee, ao norte da cidade, Nim. É a maior que temos. Devora carvão como um brontossauro faminto.

— Queimamos aqui mais de sete mil toneladas por dia.

O superintendente da usina de Cherokee gritou a informação para Nim, fazendo o melhor possível para ser ouvido acima do estrondo dos pulverizadores, ventiladores e bombas. Era ainda jovem, cabelo cor de areia, aparência alerta, e seu sobrenome, Folger, estava escrito no capacete de proteção vermelho que usava. Nim tinha um capacete branco onde estava escrito Visitante. Thurston Jones trouxera seu próprio capacete.

Encontravam-se parados num piso de aço perto de uma imensa caldeira, para a qual estava sendo soprado o carvão, que acabara de ser pulverizado, tornando-se fino como poeira, em grandes quantidades. Dentro da caldeira, o carvão se incendiava instantaneamente e ficava branco de tão quente; podia-se ver uma parte do que acontecia no interior através de um visor de vidro, usado para inspeção, tendo-se a impressão de que era um vislumbre do inferno. O calor se transferia para uma rede de tubos contendo água, a qual prontamente se transformava em vapor sob alta pressão, expelido para uma seção separada de superaquecimento, emergindo a uma temperatura de quinhentos graus centígrados. O vapor acionava um conjunto turbo-

gerador, o qual — juntamente com outras caldeiras e turbinas de Cherokee — fornecia quase três quartos de um milhão de quilowatts para Denver e arredores, sempre famintos de energia.

Somente uma parte do exterior da caldeira era visível da área protegida em que os homens estavam parados. A altura total da caldeira era equivalente a um prédio de quinze andares.

Ao redor deles, existiam a vista, o som, o cheiro e o gosto de carvão. Uma poeira preta muito fina estava espalhada pelo chão. Nim já sentia aquela poeira incômoda penetrar pela boca e narinas.

— Fazemos uma limpeza toda vez que podemos — comentou o superintendente Folger. — Mas o problema é que o carvão é, de fato, sujo.

Thurston acrescentou, em voz alta, sorrindo:

— Muito mais sujo do que petróleo ou água. Tem certeza de que vai querer tanta porcaria na Califórnia?

Nim fez um sinal afirmativo, preferindo não usar a voz contra o troar ensurdecedor das máquinas ao redor. Mas logo mudou de idéia e gritou:

— Vamos entrar para a turma da sujeira! Não temos opção!

Ele já estava satisfeito por ter vindo. Era importante entrar em contato com tudo o que se relacio-

nasce com a utilização do carvão, tal qual seria feito em Tunipah, para que pudesse dar seu depoimento na semana seguinte.

O rei carvão! Nim lera recentemente, em algum lugar, que “o velho rei carvão está retornando a seu trono”. Tinha de ser assim, pensou ele. Não havia alternativa. Nas últimas décadas, a América virara as costas ao carvão, que outrora lhe proporcionara energia barata, juntamente com o desenvolvimento e a prosperidade, na juventude da nação. Outras formas de energia, especialmente o petróleo e o gás, haviam suplantado o carvão, porque eram mais limpas, mais fáceis de operar, obtidas facilmente e, pelo menos por algum tempo, mais baratas. Porém, isso já não acontecia mais!

Apesar das desvantagens do carvão — e não havia nada que pudesse evitá-las —, os vastos depósitos negros subterrâneos ainda poderiam ser a salvação da América, sua última e mais importante riqueza natural, seu trunfo.

Nim percebeu que Thurston estava gesticulando, sugerindo que seguissem adiante.

Por outra meia hora exploraram os meandros intrincados, ruidosos e cobertos de carvão de Cherokee. Uma parada mais prolongada foi feita junto aos enormes coletores eletrostáticos de poeira de

carvão, exigidos pelas leis de proteção ao meio ambiente, cujo objetivo era remover as cinzas queimadas, que de outra forma seriam expelidas pelas chaminés, como um elemento poluidor.

E as imensas câmaras dos geradores, semelhantes a catedrais, com seu rugido característico e ensurdecedor, serviam para lembrar que, qualquer que fosse o combustível básico, aquele lugar estava empenhado na geração de energia elétrica em proporções gigantescas.

O trio, Nim, Folger e Thurston, finalmente emergiu do interior da usina para o ar livre, num passadiço próximo do topo do prédio, cerca de sessenta metros acima do solo. O passadiço, ligado a um labirinto de outros mais abaixo por escadas de aço, era na verdade uma grade de metal, através da qual se podia avistar tudo o que estivesse imediatamente abaixo. Operários da usina, deslocando-se pelos passadiços inferiores, mais pareciam moscas. A princípio Nim olhou para baixo, através da grade, nervosamente. Mas adaptou-se em poucos minutos. O jovem Folger explicou que o passadiço era gradeado para evitar problemas no inverno, permitindo que o gelo e a neve caíssem.

Até mesmo ali, continuavam envolvidos pelo barulho onipresente. Nuvens de vapor d'água,

emergindo das torres de esfriamento da usina e mudando de direção de acordo com o vento, sopravam em torno e através do passadiço. Por um momento, Nim ficou envolto por uma nuvem de vapor, aparentemente isolado do resto do mundo, a visibilidade limitada a dois ou três palmos a sua frente. No instante seguinte, o vapor se afastou, permitindo-lhe contemplar os subúrbios de Denver e os edifícios altos do centro da cidade mais ao longe. Embora o dia fosse ensolarado, o vento no alto era frio e desagradável. Nim estremeceu. Havia ali uma sensação de solidão, pensou ele, de isolamento, de perigo intenso

— Lá está a Terra Prometida — disse Thurston.
— Se conseguirem o que estão querendo, é o que irá ver em Tunipah.

Ele estava apontando para uma área diretamente à frente, com cerca de quinze acres, inteiramente coberta por uma gigantesca pilha de carvão. Folger informou:

— Está olhando para um suprimento de quatro meses para a usina, em torno de um milhão de toneladas.

— E por baixo de tudo está o que foi outrora uma maravilhosa campina — acrescentou Thurston.
— Agora, não passa de uma horrenda monstruosi-

dade, algo que ninguém pode negar. Mas precisamos disso.

Enquanto eles observavam, uma locomotiva a óleo se aproximou, puxando uma longa fileira de vagões de carga, trazendo ainda mais carvão. Cada vagão possuía uma caçamba giratória, que se inclinava e despejava o carvão. Por baixo, havia correias transportadoras que levavam o carvão até a usina.

— Nunca pára — comentou Thurston. — Nunca...

Nim já sabia que haveria muitas objeções à transferência de um cenário assim para a beleza selvagem de Tunipah. De uma maneira simplista, ele não podia deixar de aceitar o ponto de vista dos oponentes. Mas disse a si mesmo: a energia elétrica a ser gerada em Tunipah é essencial; sendo assim, a intromissão tem de ser tolerada.

Desceram por uma das escadas de metal externas para um nível ligeiramente abaixo, onde novamente pararam. Agora estavam mais abrigados, e a força do vento já não era tão intensa. Mas o barulho era ainda maior. O superintendente da usina comentou:

— Algo que logo vai descobrir, ao começar a trabalhar com carvão é que terá mais acidentes de

trabalho do que nas operações com petróleo ou gás. Ou mesmo com energia nuclear, diga-se de passagem. Temos um ótimo programa de prevenção de acidentes de trabalho. Mesmo assim...

Nim não estava escutando.

Por mais incrível que pudesse parecer, numa coincidência só produzida pela vida real, jamais pela ficção, um acidente estava ocorrendo naquele exato momento, enquanto ele observava.

Cerca de quinze metros à frente de Nim, atrás dos outros dois, que estavam de frente para ele, uma correia transportadora de carvão estava em funcionamento. Era uma combinação de borracha flexível e aço, correndo sobre cilindros, levando o carvão para trituradoras, que o reduziam a pequenos pedaços. Posteriormente, o carvão era pulverizado, ficando então pronto para ser jogado na caldeira. Naquele momento, uma parte da correia transportadora estava bloqueada e transbordando, por causa de alguns blocos maiores de carvão. Por cima da correia transportadora, um solitário operário, equilibrado precariamente numa grade, estava manejando uma vara de aço, tentando remover os blocos.

Mais tarde, Nim iria saber que tal procedimento era proibido. Os regulamentos de segurança exi-

giam que a correia transportadora fosse paralisada para a remoção de qualquer bloqueio. Mas os operários da usina, sabendo da necessidade de manter o fluxo permanente de carvão, de vez em quando ignoravam os regulamentos.

Numa questão de segundos, enquanto Nim olhava, o operário escorregou, conseguiu segurar-se na beira da grade, soltou-se novamente e caiu na correia transportadora. Nim viu a boca do homem abrir-se num grito, mas o som não chegou a seus ouvidos, abafado pelo barulho ao redor. O impacto da queda fora violento; era evidente que o homem estava machucado. A correia já o estava transportando cada vez mais alto, aproximando-se do ponto em que as trituradoras, instaladas numa estrutura parecida com uma caixa, iriam cortá-lo em pedaços.

Não havia mais ninguém à vista. Mais ninguém, além de Nim, vira o acidente.

Ele só teve tempo de pular para a frente, correndo, enquanto gritava:

— Parem a correia!

Enquanto Nim passava entre eles, Thurston e Folger, sem saber o que estava acontecendo, viraram-se rapidamente. Num relance perceberam a cena, reagiram prontamente e saíram correndo atrás de Nim. A essa altura, porém, o visitante já estava

muito à frente.

A correia transportadora, no ponto mais próximo do passadiço, ficava alguns palmos acima e inclinada para o alto. Subir nela não era fácil. Nim resolveu correr o risco e pulou. Ao cair, desajeitadamente, de quatro, uma ponta afiada de carvão cortou-lhe a mão esquerda. Nim ignorou o ferimento e avançou pela correia transportadora, por entre o carvão solto, aproximando-se do operário, que continuava caído, inteiramente atordoadado, mexendo-se debilmente. O homem estava a menos de um metro das máquinas mortais que iriam despedaçá-lo e aproximava-se cada vez mais.

O que se seguiu foi uma seqüência de acontecimentos tão rápida que seria impossível descrever em detalhes.

Nim alcançou o operário e o segurou, tentando puxá-lo para trás. Conseguiu por um momento, mas logo ouviu o barulho de pano rasgado e sentiu alguma resistência. Em algum lugar, de alguma forma, as roupas do homem haviam ficado presas na correia transportadora. Nim puxou novamente, em vão. As máquinas ruidosas estavam agora a dois ou três palmos de distância. Nim lutou desesperadamente, sabendo que era a última chance. Nada aconteceu. O braço direito do operário entrou na

máquina e os ossos foram es-migalhados, com um som horrível. O sangue esguichou, enquanto a correia transportadora continuava a avançar. No momento seguinte, com um horror indescritível, Nim descobriu que suas próprias roupas estavam presas na correia. Era tarde demais até para salvar a si mesmo.

E foi nesse momento que a correia parou.

Depois de uma breve pausa, a correia voltou a se movimentar, na direção inversa, levando Nim de volta, lentamente, ao ponto em que nela subira. A correia parou outra vez.

Folger seguiu diretamente para uma caixa de controle por baixo da correia transportadora e apertou o botão vermelho para que parasse, e depois inverteu a direção.

Mãos se estenderam, ajudando Nim a voltar ao passado. Soaram gritos, pés correndo se aproximaram, mais ajuda chegou. Os recém-chegados pegaram o operário semi-inconsciente, que gemia e sangrava intensamente. Em algum lugar, lá embaixo, uma sirene de alarme começou a soar. O superintendente Folger, ajoelhando-se ao lado do operário ferido, tirou seu cinto de couro e aplicou-lhe um torniquete. Thurston Jones abriu uma caixa de metal e falou ao telefone, dando ordens. Nim ouviu-o di-

zer:

– Providenciem uma ambulância e um médico... e depressa!

11

– Posso não ser um tremendo herói como você – disse Thurston jovialmente -, mas tenho alguma influência nesta cidade.

Ele acabara de voltar de outra sala, onde estivera falando ao telefone. Encontravam-se agora na sala de estar de sua casa, Nim sentado numa poltrona, metido num roupão emprestado, a mão esquerda envolta em ataduras e a direita segurando um copo com uísque.

– Seu terno está sendo especialmente lavado, Nim, o que não é nada fácil de se conseguir na tarde de sábado. Será entregue mais tarde.

– Obrigado.

A esposa de Thurston, Úrsula, entrara na sala atrás do marido, acompanhada pela irmã mais moça, Daphne, que viera da Inglaterra para uma visita, trazendo o filho ainda pequeno. Nim já observara que as duas mulheres eram extraordinariamente parecidas. Não eram convencionalmente bonitas; altas, cintura e ombros largos, testa alta, boca polpuda, eram ligeiramente grandes para serem bonitas. Mas suas personalidades exuberantes e joviais eram vigorosas e atraentes. Nim conhecera Daphne havia

meia hora e imediatamente gostara dela.

— Tenho outra notícia, Nim — disse Thurston.

— O cara cuja vida você salvou não vai perder o braço. Os médicos dizem que podem suturá-lo. O braço talvez não volte a ser forte o bastante para que ele continue trabalhando numa usina de carvão, mas pelo menos servirá para abraçar a esposa e os três filhos pequenos. Ah, sim... tenho também um recado da esposa dele. Ela mandou dizer que irá hoje à igreja com os filhos, para agradecer ao santo de sua devoção, qualquer que seja, por um certo N. Goldman, acendendo velas por você. Estou passando a informação caso acredite nessas coisas.

— Ei, pare com isso, Thurs! — interveio Úrsula.

— Está me fazendo chorar.

— Se quer saber a verdade — declarou o marido —, também estou um pouco emocionado.

Nim protestou, como já fizera anteriormente:

— Ora, no final das contas, não fiz muita coisa. Foi Folger quem parou aquela correia transportadora e...

— Acontece que você viu o que aconteceu antes de qualquer outro, e agiu depressa — disse Thurston. — Aquele meio metro em que o homem foi puxado para trás fez toda a diferença. Além do mais, o mundo precisa de heróis. Por que resistir?

Depois daqueles poucos minutos dramáticos na correia transportadora naquela manhã, os acontecimentos se sucederam rapidamente. O operário ferido, cujo nome Nim ainda não sabia, recebeu primeiros socorros eficientes, e depois foi levado numa maca lá para baixo, por outros dois operários. Apenas alguns momentos apenas, depois do telefonema de Thurston pedindo uma ambulância, soou uma sirene procedente do centro de Denver e uma luz vermelha se aproximou rapidamente, visível lá de cima, embora o veículo ainda estivesse a vários quilômetros de distância.

Quando a ambulância chegou à usina de Cherokee, a maca já havia descido pelo elevador de carga; e o homem ferido foi imediatamente transportado para o hospital. Por causa da intensa hemorragia e do tremendo choque, houve inicialmente o receio de que o operário pudesse morrer. Por isso, a notícia posterior de que iria sobreviver e não perderia o braço foi recebida com maior alegria ainda.

Somente depois que o operário ferido foi atendido e removido na ambulância é que se cuidou da mão de Nim. Havia um talho profundo na palma, na base do polegar. Thurston levou Nim de carro a um pronto-socorro suburbano próximo; o talho na mão exigiu vários pontos.

O rosto, as mãos e as roupas de Nim estavam pretos de poeira de carvão. Depois de passar pelo pronto-socorro, ambos seguiram para a casa de Thurston, onde Nim tirou o terno, o único que trouxera, e tomou um banho quente. Depois, usando um roupão emprestado de Thurston, foi apresentado a Daphne, que, eficientemente, fez um novo curativo em sua mão. Nim ficou sabendo que Daphne era enfermeira diplomada e se divorciara recentemente. Por isso, resolvera visitar a irmã em Denver, deixando a Inglaterra por algum tempo.

Úrsula enxugou os olhos com um lenço e depois declarou, objetivamente:

— Agora que sabemos que houve um final feliz, já podemos nos sentir melhor. — Atravessou a sala até Nim e impulsivamente o abraçou e o beijou.
— Pronto! Acho isso muito melhor do que velas!

— Ei! — exclamou Daphne. — Qualquer uma pode fazer isso?

Nim sorriu.

— Mas claro!

Daphne imediatamente o beijou também. Os lábios dela eram quentes e macios; Nim gostou do contato e da fragrância momentânea que o envolveu e logo se dissipou. Daphne declarou:

— É isso o que você ganha por ser um tremendo

herói, quer goste ou não.

– Dessa parte eu bem que gosto – comentou Nim.

– E agora precisamos é de uma noite bem divertida – disse Úrsula. – Thurs, quais são nossos planos para esta noite?

Ele estava radiante.

– Fico satisfeito que tenha perguntado. Vamos jantar fora e dançar. Com minha previdência habitualmente brilhante, reservei uma mesa para quatro no San Marco Room, do Brown Palace.

– Maravilhoso! – comentou Daphne. – Será que podemos arrumar alguém para ficar tomando conta de Keith?

– Não se preocupe que eu darei um jeito – assegurou Úrsula.

– E eu vou dançar – anunciou Nim –, quer meu terno volte ou não.

A música – havia um pequeno conjunto animado e talentoso –, o vinho e um jantar excelente deixaram a todos bastante alegres. O terno de Nim havia finalmente chegado, parecendo não ter passado pela correia transportadora de carvão. Junto com o entregador da tinturaria, apareceram também um repórter e um fotógrafo do Denver Post, em busca de uma entrevista. Relutantemente, Nim acabou

concordando.

Logo depois, espremidos no banco traseiro do Ford Pinto de Thurston, Daphne apertou o braço de Nim e sussurrou:

— Acho você espetacular. Gosto da maneira como cuida das coisas e também de si mesmo. E ainda por cima é também modesto.

Sem saber o que dizer, Nim segurou a mão dela e assim continuaram, já imaginando o que o resto da noite poderia proporcionar.

Agora, o jantar havia terminado. Nim e Daphne já tinham dançado várias vezes, cada vez mais colados, pois ela não fizera a menor objeção a isso.

Em determinado momento, quando os dois ficaram sozinhos na mesa, enquanto Thurston e Ursula dançavam, Nim perguntou o que saíra errado com o casamento de Daphne. Com a franqueza que parecia ser característica das duas irmãs, ela respondeu:

— Meu marido era bem mais velho. Não gostava muito de sexo e quase nunca se saía bem. Houve outros problemas, mas esse foi o principal.

— Imagino que não era um problema seu.

Daphne inclinou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

— Como adivinhou?

— Mas não tiveram um filho?

— Tivemos. Foi uma das poucas ocasiões em que conseguimos ter relações. Ou melhor, praticamente a única. E me sinto imensamente feliz por Keith ter nascido. Ele está com quase dois anos e eu o amo profundamente. Por falar nisso, Keith e eu estamos partilhando o mesmo quarto, mas ele sempre teve um sono profundo.

— Mesmo assim, não irei ao quarto dele.

— Não há problema. Basta deixar sua porta entreaberta.

Quando Nim dançou com Úrsula, ela confidenciou:

— Fiquei imensamente satisfeita quando Daphne resolveu nos visitar. Sempre fomos muito amigas. Só há uma coisa que invejo nela: ter tido o pequeno Keith.

— Você e Thurs não quiseram ter filhos?

— Ambos, quisemos. E ainda queremos. Mas não podemos.

A voz de Úrsula estava hesitante, como se estivesse arrependida de ter levantado o assunto. Nim não insistiu. Mais tarde, quando as irmãs se afastaram por um momento, Thurston comentou:

— Soube que Úrsula lhe disse que não podemos ter filhos.

— Disse, sim.

— Ela explicou por quê?

Nim sacudiu a cabeça.

— O problema não é de Úrsula, mas meu. Ambos fizemos uma porção de exames médicos. Ao que parece, minha pistola engatilha e dispara, mas apenas balas de festim. E jamais terei balas de verdade.

— Sinto muito.

Thurston deu de ombros.

— Acho que não se pode ter tudo. Para compensar, Úrsula e eu temos muitas outras alegrias. — Fez uma pausa, antes de acrescentar: — Chegamos a pensar em adotar uma criança, mas jamais conseguimos ter certeza se seria o melhor.

As mulheres retornaram à mesa e todos beberam mais vinho; depois voltaram a dançar. Em determinado momento, Daphne murmurou ao ouvido de Nim:

— Já lhe disse que estou gostando muito de você?

A reação dele foi apertá-la com mais força ainda. E ficou torcendo para que não demorassem muito a voltar para casa.

Já tinham voltado havia cerca de hora e meia. Thurston levou a moça que ficara tomando conta de

Keith para casa, de carro; depois os quatro sentaram na cozinha e ficaram conversando, enquanto Ursula fazia um chá com a ajuda de Daphne. A seguir, desejaram-se boa-noite e foram deitar. Agora, Nim estava quase dormindo.

Um barulho o despertou. O rangido inconfundível da porta do quarto que havia deixado entreaberta, como Daphne recomendara foi seguido por outro rangido e depois por um estalido do trinco sendo fechado. Nim ergueu a cabeça e esforçou-se em ver alguma coisa na escuridão; mas não conseguiu

Ouviu o barulho de pés aproximando-se da cama e o farfalhar de pano, provavelmente de roupa sendo tirada. As cobertas foram levantadas e um corpo nu, macio e quente, deitou-se ao lado dele. Braços se estenderam. Na escuridão, lábios quentes, ansiosos, encontraram os dele. O beijo foi prolongado, tornou-se rapidamente ardente. Os corpos entraram em contato, Nim sentiu o desejo dominá-lo por completo, intenso, urgente. As mãos começaram a se deslocar gentilmente, acariciando, e ele suspirou, num misto de prazer sensual e contentamento. E sussurrou:

— Daphne querida, há horas que esperava que isso acontecesse...

Ele ouviu um riso suave. Um dedo encostou em seus lábios, advertindo-o a se calar. E uma voz murmurou:

— Não diga nada, seu tolo. Não é Daphne, é Úrsula.

Chocado, Nim largou-a imediatamente e sentou-se. Seu impulso era sair da cama. A mão de Úrsula conteve-o.

— Escute, por favor, Nim... Quero ter um filho. E depois de Thurs, que não pode me dar um, como tenho certeza de que ele já lhe contou, eu gostaria de tê-lo de você, mais que de qualquer outro homem que conheço.

Nim ainda protestou:

— Não posso fazer uma coisa dessas com Thurs, Úrsula.

— Pode, sim... porque Thurs sabe que estou aqui e por quê.

— E Thurs não se importa? — Nim estava totalmente incrédulo.

— Juro que não. Ambos queremos um filho e decidimos que esta é a melhor maneira. — Úrsula soltou outra risada suave e acrescentou: — Mas Daphne se importa. Está furiosa comigo. Queria passar o resto da noite com você.

Nim sentia-se invadido por emoções tumultua-

das e conflitantes. Um momento depois, porém, percebeu o humor da situação e não pôde conter uma risada.

— Gosto mais assim... — murmurou Úrsula.

Ela tornou a abraçá-lo, e Nim deixou de resistir. Os corpos voltaram a entrar em contato. Úrsula sussurrou:

— É o momento propício do mês. Sei que pode acontecer. Oh, Nim querido, ajude-me a ter um filho! Quero tanto!

O que teria feito, pensou Nim, para merecer todas aquelas coisas insólitas que lhe estavam acontecendo?

— Farei o melhor possível, Úrsula... — Depois de se beijarem e quando sentiu que estava novamente excitado, Nim perguntou, maliciosamente: — Acha que haverá problema se eu gostar?

Em vez de responder, Ursula apertou-o mais fortemente, a respiração se acelerando; ela gritou baixinho, de prazer, quando Nim a acariciou e depois a penetrou.

Fizeram amor repetida e gloriosamente, e Nim descobriu que a mão esquerda enfaixada absolutamente não o atrapalhava. Finalmente adormeceu. Quando despertou, o dia já tinha começado a raiar, e Úrsula havia ido embora.

Ele decidiu voltar a dormir. E foi nesse momento que a porta do quarto se abriu novamente e um vulto entrou, vestindo um négligé rosa.

— Resolvi que não vou ser posta de lado de jeito nenhum — declarou Daphne, tirando o négligê.

— Chegue um pouco para o lado, Nim... e espero que ainda lhe reste alguma energia.

Juntos, na maior felicidade, descobriram que ainda restava.

No final da tarde, Nim embarcou em um avião para voltar à Califórnia. Thurston fez questão de levá-lo de carro até o aeroporto, juntamente com Úrsula e Daphne, que levava o pequeno Keith. Embora a conversa durante a viagem fosse amistosa e descontraída, não houve nenhuma alusão aos acontecimentos noturnos. Nim deu um beijo de despedida nas duas irmãs ainda no carro. Depois, enquanto as mulheres ficavam esperando, Thurston o acompanhou até o terminal.

Pararam à entrada dos detectores de armas e apertaram-se as mãos.

— Agradeço tudo o que fez por mim, Thurs.

— Eu também agradeço. E espero que tenha boa sorte amanhã e nos outros dias das audiências.

— Obrigado. Bem que vou precisar.

Ainda segurando a mão de Nim, Thurston pa-

receu hesitar por um momento, antes de dizer:

— Caso você esteja imaginando coisas, eu gostaria de dizer-lhe que há atitudes que um homem assume porque não há outro jeito, porque é a melhor entre poucas opções. Outra coisa, Nim: há amigos e amigos excepcionais. Você está na segunda categoria. Sempre estará. E por isso eu lhe peço para nunca perdermos o contato.

Virando-se para seguir na direção do avião, Nim descobriu que seus olhos estavam úmidos.

Poucos minutos depois, ao se acomodar na poltrona de primeira classe para a viagem de volta, uma aeromoça cordial perguntou-lhe:

— O que vai querer tomar depois da decolagem, senhor?

— Champanhe — respondeu Nim, sorrindo.

Nada mais poderia estar à altura daquele fim de semana tão bem-sucedido, pensou ele.

O jovem comissário que presidia à audiência bateu de leve com o martelo e disse:

— Antes de começar o depoimento da testemunha, eu gostaria de dar-lhe os parabéns pelo que fez há dois dias, quando sua ação rápida e sua coragem salvaram a vida do empregado de uma companhia de serviço público de outro Estado.

Soaram alguns aplausos dispersos na sala. Nim agradeceu, visivelmente constrangido:

— Obrigado, senhor.

Até aquela manhã, ele pensara que as notícias sobre o drama na correia transportadora se haviam confinado a Denver. Por isso, ficou surpreso ao descobrir-se como o tema de uma reportagem da Associated Press, publicada com destaque pelo Chronicle-West daquele dia. A notícia era inoportuna, porque chamava a atenção para sua visita a uma usina geradora à base de carvão, e Nim não sabia que proveito as forças de oposição poderiam tirar de tal informação.

Nos dias anteriores à audiência, a sala revestida de lambris estava ocupada pelo pessoal da comissão, os advogados das diversas partes, as testemu-

nhas à espera, dirigentes de grupos interessados, jornalistas e um contingente numeroso de público, composto principalmente por partidários da oposição.

Naquele dia, o jovem comissário que presidia a audiência estava novamente ladeado pelo funcionário público especializado em direito administrativo.

Nim reconheceu diversas pessoas na sala, entre as quais Laura Bo Carmichael e Roderick Pritchett, representando o Clube da Sequóia; Davey Birdsong, da f & lp, com o corpo imenso metido no uniforme tradicional de calças jeans esfarrapadas e camisa aberta no peito, e Nancy Molineaux, à mesa reservada à imprensa, elegantemente vestida e com um ar distante.

Nim já prestara juramento, concordando em "dizer a verdade, somente a verdade, nada mais do que a verdade". Agora, o corpulento advogado da companhia, Oscar O'Brien, levantou-se e se adiantou, pronto para iniciar o depoimento de Nim, conforme haviam ensaiado.

— Sr. Goldman, descreva por favor os estudos e motivos que o levaram a ter a convicção de que a proposta ora sendo examinada por esta comissão é necessária e do interesse público.

Nim acomodou-se na cadeira das testemunhas,

sabendo que seu depoimento seria longo e árduo.

— Os estudos realizados pela Golden State Power & Light, complementados pelas análises de órgãos governamentais, prevêem que o crescimento da Califórnia, em meados da próxima década, tanto demográfico como industrial, irá ultrapassar consideravelmente a média nacional. Apresentarei os detalhes específicos mais adiante. Paralelamente a esse crescimento, haverá uma escalada na demanda de energia elétrica, muito maior do que a atual capacidade geradora instalada. É para atender a esse crescimento da demanda que...

Nim empenhou-se em manter um tom descontraído de conversa, a fim de prender o interesse dos espectadores. Todos os fatos e opiniões que iria apresentar já tinham sido encaminhados, em estudos e relatórios, à comissão, semanas antes, mas o depoimento pessoal era considerado extremamente importante. Na verdade, poucas pessoas iriam ler as montanhas de papéis que se iam avolumando a cada dia que passava.

O'Brien aproveitava as deixas com a segurança de um ator numa peça há muito tempo em cartaz.

— Quanto aos efeitos sobre o meio ambiente, poderia por favor explicar... Poderia ser mais específico sobre as remessas de carvão que...

— Declarou anteriormente que haveria limites aos distúrbios para a flora e a fauna, sr. Goldman. Creio que esta comissão gostaria de ter a garantia de que...

— Por gentileza, explique melhor...

— Diria que isso...

— Vamos agora analisar...

Nim permaneceu na cadeira das testemunhas, prestando seu depoimento, como foco das atenções, pouco mais de um dia e meio de trabalho, num total de sete horas.

No meio da tarde do segundo dia, Oscar O'Brien virou-se para o comissário que presidia a audiência e declarou:

— Obrigado, senhor comissário. Já concluí o exame dessa testemunha.

O comissário assentiu.

— Acho que o sr. Goldman merece um descanso, e nós também apreciaríamos. — Ele bateu com o martelo. — Esta audiência está suspensa até as dez horas de amanhã.

No dia seguinte, as inquirições começaram tranqüilamente, como um carro avançando lentamente através de uma reta sem obstáculos. O advogado da comissão, um homem mirrado, de meia-idade, chamado Holyoak, foi o primeiro a argüir:

— Sr. Goldman, há alguns pontos sobre os quais a comissão gostaria de obter maiores esclarecimentos...

O interrogatório de Holyoak não foi amistoso nem hostil. Nim respondeu da mesma forma, objetivamente.

Holyoak levou uma hora. Roderick Pritchett, diretor-secretário do Clube da Sequóia, foi o seguinte. O interrogatório começou a adquirir um ritmo mais intenso e rápido.

Pritchett, magro, impecável, cheio de maneirismos, usava um terno escuro, com colete, no estilo mais conservador. O cabelo grisalho estava precisamente repartido; de vez em quando, ele levava a mão à cabeça, para se certificar de que ainda permanecia no lugar. Ao se levantar e se aproximar da cadeira das testemunhas, os olhos de Pritchett pareciam brilhar por trás dos óculos sem aros. Pouco antes de iniciar a inquirição, conferenciara com Laura Bo Carmichael por algum tempo, numa das três mesas reservadas aos representantes e testemunhas das partes interessadas.

— Sr. Goldman, tenho aqui uma fotografia. — Pritchett estendeu a mão para a mesa e pegou uma fotografia 18 x 24. — Gostaria que a examinasse e depois me dissesse se o que está vendo lhe parece

familiar.

Nim pegou a fotografia. Enquanto a examinava, um homem do Clube da Sequóia estava entregando cópias adicionais ao comissário e a outras pessoas, inclusive Oscar O'Brien, Davey Birdsong e os repórteres. Diversas cópias foram parar nas mãos de espectadores, que começaram a passá-las adiante.

Nim estava perplexo. Quase toda a foto era uma mancha preta, mas havia uma certa familiaridade...

O diretor-secretário do Clube da Sequóia estava sorrindo.

— Não precisa se apressar, sr. Goldman.

Nim meneou a cabeça.

— Não tenho certeza...

— Talvez eu possa ajudar. — A voz de Pritchett sugeria um jogo de gato e rato. — Pelo que li nos jornais, a paisagem que está observando é a mesma que viu pessoalmente no último fim de semana.

No mesmo instante, Nim percebeu do que se tratava. A fotografia era da pilha de carvão da usina de Cherokee, em Denver. A escuridão estava explicada. Mentalmente, ele amaldiçoou a publicidade que revelara seu paradeiro no fim de semana.

— Creio que se trata de uma foto de carvão.

— Por favor, seja um pouco mais explícito, sr. Goldman. Que carvão e onde?

Relutantemente, Nim respondeu:

— É o carvão armazenado para uso de uma usina da Companhia de Serviços Públicos do Colorado, em Denver.

— Exatamente. — Pritchett tirou os óculos, limpou-os rapidamente e tornou a pô-los. — Para sua informação, a fotografia foi tirada ontem e trazida de avião para cá esta manhã. Não é nada bonita, não é mesmo?

— Não.

— Não diria que é horrível?

— Creio que se pode chamar assim, mas o fato é que...

Pritchett interrompeu-o bruscamente:

— O fato é que já respondeu à pergunta... ao dizer "creio que se pode chamar assim"...o que significa que concorda que a fotografia é mesmo horrível. Isso foi tudo o que perguntei. Obrigado.

— Mas deve-se também dizer...

Pritchett sacudiu o dedo, num gesto de advertência:

— Já chega, sr. Goldman! Por gentileza, lembre-se de que sou eu quem está fazendo as perguntas. Agora, vamos seguir adiante. Tenho outra fotogra-

fia a mostrar-lhe... e aos comissários.

Enquanto Nim fervilhava de raiva interiormente, Pritchett voltava à mesa e dessa vez pegava uma fotografia colorida. Entregou-a a Nim. Como já acontecera antes, o mesmo homem do Clube da Sequóia distribuiu diversas cópias pela sala.

Nim não pôde identificar a cena específica, mas não tinha a menor dúvida de que a fotografia fora tirada em Tunipah, no local em que deveria ser instalada a usina geradora, ou nas imediações. Era igualmente óbvio que o fotógrafo era dos mais competentes.

A beleza espetacular da região montanhosa da Califórnia fora captada na fotografia, sob um céu claro, muito azul. Acima de um bosque de pinheiros, erguia-se um pico rochoso. A folhagem na base dos pinheiros era densa, e em primeiro plano havia um córrego espumante. Na margem mais próxima, uma profusão de flores silvestres deliciava os olhos. Mais adiante, em meio a sombras, havia um cervo, a cabeça erguida, talvez surpreendido pela presença do fotógrafo.

— Não acha que é uma cena realmente bonita, sr. Goldman? — indagou Pritchett.

— É, sim.

— Tem alguma idéia do lugar em que foi tirada

essa fotografia?

— Presumo que tenha sido em Tunipah. — Nim chegara à conclusão de que não havia a menor vantagem em tentar esquivar-se ou adiar o argumento que Pritchett iria inevitavelmente formular, mais cedo ou mais tarde.

— Sua suposição é absolutamente correta, sr. Goldman. Agora, tenho outra pergunta a lhe formular. Não lhe atormenta a consciência saber que sua companhia tenciona transformar Tunipah nesta coisa horrenda... — sacudiu a fotografia da pilha de carvão — sobre esta serena e gloriosa beleza... — exibiu a fotografia em cores — um dos poucos santuários intatos da natureza em nosso Estado e no país?

A pergunta, formulada dramaticamente, provocou um murmúrio de aprovação entre os espectadores. Uns poucos aplaudiram. Nim respondeu calmamente:

— Claro que isso me perturba. Mas considero um mal necessário, um acordo, uma troca. Além do mais, em proporção à área total em torno de Tunipah...

— É suficiente, sr. Goldman. Não precisa fazer um discurso. Os autos irão mostrar que sua resposta foi "sim".

Pritchett fez uma breve pausa, antes de voltar ao ataque:

— Será que sua viagem ao Estado do Colorado, no último fim de semana, não foi realizada porque sua consciência o atormentava, porque desejava ver pessoalmente a feiúra dessas imensas quantidades de carvão... as mesmas que seriam amontoadas em Tunipah... o efeito no que foi outrora uma paisagem deslumbrante?

Oscar O'Brien já estava de pé.

— Protesto!

Pritchett virou-se bruscamente na direção dele.

— Sob que alegação?

Ignorando Pritchett, O'Brien dirigiu-se ao comissário:

— A pergunta distorceu as palavras da testemunha. Além disso, presume um estado de espírito que a testemunha não admitiu ter.

O comissário que presidia a audiência anunciou suavemente:

— O protesto está negado.

O'Brien sentou-se, furioso. Nim disse a Pritchett:

— Não, não foi esse o motivo para minha viagem. Fui ao Colorado porque desejava revisar alguns aspectos técnicos das usinas geradoras acionadas a carvão, antes de iniciar meu depoimento nesta

audiência.

Até mesmo para o próprio Nim, a resposta não parecia convincente. Pritchett comentou:

— Tenho certeza de que alguns dos presentes são capazes de acreditar em suas palavras.

A insinuação era óbvia: "Eu não acredito". Pritchett continuou a formular perguntas, mas já não eram tão incisivas. O Clube da Sequóia, utilizando habilmente as fotografias contrastantes, conseguira conquistar uma grande vantagem, pelo que Nim se culpava.

O diretor-secretário da organização voltou finalmente a se sentar. O comissário consultou um papel a sua frente e indagou:

— A organização força & luz para o povo deseja interrogar a testemunha?

Davey Birdsong respondeu:

— Claro que sim!

O comissário concordou. Birdsong levantou-se e não perdeu tempo em preliminares, indagando abruptamente:

— Como chegou aqui?

Nim ficou desconcertado.

— Se está querendo saber a quem represento...

— Todos nós sabemos o que representa... um rico e ganancioso conglomerado que explora o po-

vo. — O líder da f & lp bateu com o punho cerrado numa saliência ao lado da cadeira das testemunhas e alteou a voz. — Estou querendo saber exatamente o que perguntei: como chegou aqui?

— Vim de táxi.

— Veio de táxi? Um cara tão importante quanto você? Quer dizer que não usou seu helicóptero pessoal?

Nim sorriu; já era óbvio como seria a inquirição de Birdsong. Respondeu calmamente:

— Não possuo um helicóptero pessoal. E pode estar certo de que não usei nenhum hoje.

— Mas usa às vezes... não é mesmo?

— Em determinadas ocasiões especiais...

Birdsong interrompeu-o bruscamente:

— Não estou interessado nisso! Usa o helicóptero algumas vezes... sim ou não?

— Sim.

— Um helicóptero pago pelo dinheiro arduamente ganho pelos consumidores de energia elétrica e gás em suas contas mensais?

— Não, não é pago pelas contas da companhia. Ou pelo menos isso não é feito diretamente.

— Mas os consumidores pagam indiretamente... não é mesmo?

— Pode-se dizer a mesma coisa a respeito de

todos os equipamentos usados pela companhia e...

Birdsong novamente desferiu um murro na paciência da cadeira.

— Não estamos falando de outros equipamentos. Estou perguntando sobre um helicóptero!

— Nossa companhia possui diversos helicópteros que...

— Diversos! Está querendo dizer que tem uma opção... como entre um Lincoln e um Cadillac?

Já perdendo a paciência, Nim disse rispidamente:

— Os helicópteros são basicamente utilizados em operações técnicas.

— O que não o impede de usar um quando precisa pessoalmente ou acha que precisa... não é mesmo? — Sem esperar pela resposta, Birdsong meteu a mão no bolso e tirou um recorte de jornal, desdobrando-o. — Lembra-se disto?

Era o artigo de Nancy Molineaux no *Califórnia Examiner*, publicado logo depois da visita da imprensa ao acampamento do Portão do Diabo.

— Lembro, sim — respondeu Nim, resignado.

Birdsong leu os detalhes do artigo e a data, devidamente registrados pelo estenógrafo, virando-se em seguida novamente para Nim.

— Diz aqui que o sr. Goldman é importante

demais para andar de ônibus, muito embora houvesse um à disposição, fretado pela Golden State Power, com diversos lugares vagos, indo para o mesmo lugar. Em vez disso, ele preferiu um helicóptero... — Birdsong levantou a cabeça, numa expressão furiosa. — Tudo isso é verdade?

— As circunstâncias eram muito especiais.

— Esqueça-as! Perguntei apenas: é verdade?

Nim estava consciente de que Nancy Molineaux o observava atentamente, da mesa da imprensa, com um sorriso suave no rosto.

— Foi um artigo tendencioso, mas, de certo modo, é verdade.

Birdsong fez um apelo ao jovem comissário:

— Poderia fazer o favor de determinar à testemunha para responder simplesmente com um "sim" ou "não"?

O comissário disse:

— Poderá poupar tempo para todos se assim fizer, sr. Goldman.

Com uma expressão sombria, Nim murmurou:

— Sim.

— Foi preciso um tremendo esforço, como para arrancar dentes — comentou Birdsong. Ele estava novamente de frente para o comissário, tendo passado, como um camaleão, da agressividade para a

afabilidade. — Mas finalmente temos a confirmação da testemunha de que este corajoso artigo de jornal é verdadeiro. Senhor comissário, eu gostaria que este artigo constasse dos autos, como prova da vida suntuosa que levam os altos executivos da Golden State Power, como o Goldman aqui presente e o presidente não-sei-o-quê, à custa dos pobres consumidores. O artigo mostra, também, por que monstros dispendiosos como Tunipah, visando a sustentar tal suntuosidade e proporcionar lucros escorchantes, são impingidos ao povo, que de nada desconfia.

O'Brien, de pé, protestou, com a voz cansada:

— Protesto à inclusão da notícia de jornal, que é irrelevante a esta audiência, e também ao último comentário, que não tem base em provas ou testemunho.

O comissário conferenciou rapidamente com o especialista em direito administrativo e depois anunciou:

— Seu protesto será registrado, sr. O'Brien. O documento, a notícia do jornal, será admitido como prova.

— Obrigado, senhor — disse Birdsong, virando-se novamente na direção de Nim. — Possui ações da Golden State Power & Light em seu nome?

— Possuo.

Nim ficou imaginando o que viria a seguir. Ele possuía cento e vinte ações, adquiridas em pequenos lotes, através de um plano de poupança dos funcionários da companhia. O valor atual de mercado era de pouco mais de dois mil dólares, muito menos do que o custo original, já que a cotação das ações da GSP & L caíra bruscamente há um mês, depois da suspensão do pagamento dos dividendos. Mas decidiu não oferecer mais informações do que lhe era pedido. O que logo descobriu ser um erro.

— Se esse negócio de Tunipah for aprovado — continuou Birdsong —, não é provável que a cotação das ações da Golden State Power suba?

— Não necessariamente. Pode também baixar.

— Ao falar, Nim refletia se deveria dar uma resposta mais ampla, explicando que um gigantesco programa de expansão, a ser financiado pela venda de títulos, inclusive com uma emissão de ações abaixo do valor da Bolsa, poderia fazer com que a cotação das ações já existentes da GSP & L caísse. Uma resposta assim exigiria explicações complexas e, dentro do contexto da audiência, pareceria artificial. Nim também não tinha certeza se a vice-presidente de finanças da companhia gostaria que essa declaração fosse feita publicamente. Decidiu não se apro-

fundar. .

— Não necessariamente — repetiu Birdsong. — Mas o preço de mercado das ações pode subir. Tenho certeza de que pelo menos isso não irá negar.

Nim respondeu tensamente:

— No mercado de ações, tudo pode acontecer.

Birdsong virou-se para a audiência e suspirou teatralmente.

— Imagino que esta é a melhor resposta que conseguirei arrancar de uma testemunha que não gosta muito de cooperar. Sendo assim, eu mesmo farei a declaração: as ações provavelmente irão subir. — Tornou a virar-se para Nim, bruscamente: — Se isso acontecesse, não é verdade que teria um interesse pessoal em Tunipah, já que também iria lucrar?

Era um ponto de vista tão absurdo que Nim teve vontade de rir. O melhor que podia esperar, por um longo período, seria que o valor de suas ações retornasse ao nível da ocasião da compra.

Birdsong voltou a falar, subitamente:

— Já que parece relutante em responder, vou formular a pergunta de outra maneira: se o valor das ações da Golden State Power subir por causa de Tunipah, suas ações também passarão a valer mais?

— Escute, tenho apenas...

O comissário que presidia a reunião interrompeu-o, em tom irritado:

— É uma pergunta simples, sr. Goldman. Responda apenas "sim" ou "não".

Prestes a explodir diante daquela injustiça, Nim percebeu Oscar O'Brien acenando com a cabeça ligeiramente, num gesto de advertência. Nim sabia que era um lembrete sobre a instrução para ser paciente e resistir a qualquer provocação. E respondeu laconicamente:

— Sim.

— Agora que já temos a confissão, senhor comissário — continuou Birdsong —, eu gostaria que ficasse devidamente registrado que a testemunha possui um interesse pessoal no resultado desta audiência e que, portanto, seu depoimento deve ser julgado de acordo.

— Já acabou de registrar o assunto nos autos — declarou o comissário, ainda deixando transparecer sua irritação. — Portanto, por que não segue adiante?

— Sim, senhor! — O líder da f & lp levou a mão à barba, como se estivesse se concentrando em seus pensamentos, antes de virar-se novamente para Nim. — Quero fazer agora algumas perguntas sobre os efeitos de Tunipah nas contas que a companhia

vai apresentar aos trabalhadores, às pessoas comuns, àqueles que...

E assim continuou, interminavelmente. Birdsong concentrou-se, como já fizera antes de inquirir J. Eric Humphrey, na insinuação de que o lucro, e nada mais, era o motivo por trás de Tunipah e de que os consumidores iriam pagar o investimento e receberiam muito pouco ou nada em retribuição. O que deixou Nim furioso, sob a aparência impassível que se esforçou por manter, foi o fato de não serem abordadas uma única vez as questões principais e mais importantes: a necessidade futura de energia, baseada no crescimento do Estado, os fatores econômicos e industriais, a manutenção dos padrões de vida. O que estava sendo exibido ali era uma encenação populista, nada mais. Só que iria atrair a maior atenção do público, como se podia prever pela atividade intensa na mesa da imprensa.

Nim não podia deixar de admitir para si mesmo que era bastante eficaz o ataque em duas frentes, com o Clube da Sequóia ressaltando os aspectos do meio ambiente e a f & lp enfatizando os aspectos financeiros e tarifários, mesmo que superficialmente. Perguntou-se se não haveria uma ligação qualquer entre os dois grupos, embora duvidasse disso. Laura Bo Carmichael e Davey Birdsong estavam em

planos intelectuais diferentes. Nim ainda respeitava Laura Bo, apesar de suas divergências, mas desprezava Birdsong, a quem considerava simplesmente um charlatão.

Durante um breve recesso, depois que Birdsong concluiu seu interrogatório, Oscar O'Brien avisou a Nim:

— Ainda não acabou. Depois de outras testemunhas, irei chamá-lo novamente, e os outros poderão em seguida voltar a interrogá-lo, se assim quiserem.

Nim fez uma careta, desejando que sua participação já tivesse terminado, mas não deixou de se sentir um pouco aliviado por saber que em breve aquilo iria acabar.

Laura Bo Carmichael foi a testemunha seguinte chamada a depor.

Apesar da estatura pequena e do corpo franzino, a presidente do Clube da Sequóia ocupou a cadeira das testemunhas com a atitude de uma *grande dame*. Usava um traje sóbrio, de gabardine bege o cabelo era grisalho, bem curto. Não tinha qualquer adorno ou jóia. A expressão era séria. A voz, ao responder às perguntas formuladas por Roderick Pritchett, era firme e incisiva.

— Em depoimentos anteriores, sra. Carmichael

— começou Pritchett —, ouvimos a declaração de que a necessidade pública de mais energia justifica a construção de uma usina geradora acionada a carvão na área de Tunipah. É essa também sua opinião?

— Não.

— Pode fazer o favor de explicar seus motivos... e os do Clube da Sequóia... para se opor à construção dessa usina?

— Tunipah é uma das poucas áreas naturais que ainda estão incólumes em todo o Estado da Califórnia. É uma reserva ecológica abundante em tesouros da natureza como árvores, plantas, flores, córregos, formações geológicas únicas, vida animal, aves e insetos. Ainda existem lá espécies animais ou vegetais que já se tornaram extintas em outros lugares. Acima de tudo, a região é de uma beleza espetacular. Acabar com tudo isso, permitindo-se a construção de uma instalação industrial imensa, horrenda, altamente poluidora, servida por uma nova ferrovia, por si só intrusa e poluidora, seria um sacrilégio, um retrocesso ecológico, uma blasfêmia contra Deus e a natureza.

Laura Bo falou calmamente, sem alterar a voz, o que tornava sua declaração ainda mais incisiva. Pritchett fez uma pausa antes de formular a pergun-

ta seguinte, deixando que fosse absorvido todo o impacto das palavras de Laura.

— O porta-voz da Golden State Power & Light, o sr. Goldman, garantiu à comissão que os efeitos em relação ao estado natural de Tunipah seriam mínimos. Poderia fazer um comentário sobre essa declaração?

— Conheço o sr. Goldman há alguns anos. É um homem bem-intencionado. Pode-se até acreditar no que diz. Mas a verdade é que ninguém pode construir qualquer tipo de instalação industrial em Tunipah sem causar danos tremendos e irreversíveis ao meio ambiente.

O diretor-secretário do Clube da Sequóia sorriu.

— Estou certo ao pressupor, sra. Carmichael, que não confia realmente nas promessas da GSP & L de que os danos serão mínimos?

— Está, sim... mesmo que essas promessas pudessem ser cumpridas, o que não é o caso. — Laura virou a cabeça, dirigindo-se diretamente ao jovem comissário, que escutava atentamente: — No passado, a Golden State Power e outras companhias mostraram-se indignas de confiança em todos os aspectos relativos ao meio ambiente. Quando tudo foi deixado a sua própria conta, envenenaram nosso ar

e nossa água, devastaram nossas florestas, esbanjaram os recursos minerais, desfiguraram as paisagens. Agora que vivemos em outra era, quando tais crimes são reconhecidos e combatidos, essas companhias dizem: "Confiem em nós. O passado não irá se repetir". Pois eu e muitos outros não confiamos mais nelas... em Tunipah ou em qualquer outro lugar.

Enquanto escutava, Nim pensou que havia uma lógica irresistível no que Laura estava dizendo. Eles divergiam quanto à visão do futuro; ele estava convencido de que a GSP & L e outras organizações similares haviam absorvido as lições dos erros antigos e aprendido a importância do senso ecológico. Além do mais, havia o fato de que aquele era, atualmente, um bom negócio. Contudo, nenhuma pessoa imparcial poderia contestar a avaliação do passado feita por Laura. Nim concluiu também que, no curto período de seu depoimento, ela elevara o nível do debate muito acima da mesquinhez espalhafatosa de Davey Birdsong.

— Há poucos minutos — disse Pritchett a Laura Bo Carmichael —, declarou que algumas espécies de vida natural existentes em Tunipah já se tornaram extintas em outros lugares. Poderia informar quais são?

A presidente do Clube da Sequóia disse incisivamente:

— Com base nas informações de que disponho, há pelo menos duas espécies: uma flor silvestre chamada paparraz e o microdipodops, que é mais conhecido como camundongo-canguru.

"É aqui que nos separamos", pensou Nim. Ainda se lembrava da discussão que tivera com Laura durante um almoço, havia cerca de dois meses, quando objetara: "Quer dizer que um simples camundongo, um rato, vai servir para impedir a execução de um projeto que iria beneficiar milhões de pessoas?"

Evidentemente, a mesma possibilidade ocorrera a Roderick Pritchett, como ficou patente em sua pergunta seguinte:

— Espera que haja críticas por causa dessas duas espécies, o paparraz e o microdipodops? Espera que as pessoas digam que os seres humanos e suas necessidades são menos importantes?

— Espero muitas críticas nesse sentido, até mesmo injúrias. Mas nada altera a miopia e a loucura de reduzir ou eliminar quaisquer espécies em risco de extinção.

— Poderia explicar um pouco melhor?

— Pois não. Há um princípio envolvido, o da

vida e da morte, que é repetida e impensadamente violado. A medida que a sociedade moderna foi se desenvolvendo, com as cidades, o crescimento urbano, a indústria, as estradas, os oleodutos e tudo o mais, fomos alterando o equilíbrio da natureza, destruindo a vida vegetal, as bacias naturais e a fertilidade do solo, expulsando as criaturas selvagens de seu habitat ou chacinando-as brutalmente, interrompendo o ciclo normal de crescimento, ao mesmo tempo que esquecemos inteiramente que cada parte da natureza depende de todas as outras para sua perpetuação e saúde.

O comissário interveio:

— Creio que não se pode deixar de reconhecer, sra. Carmichael, que existe flexibilidade até na natureza.

— Realmente existe alguma flexibilidade. Mas quase sempre tem sido levada além dos limites aceitáveis.

O comissário concordou, polidamente.

— Por favor, continue.

Com sua atitude inabalável, Laura acrescentou:

— O que estou querendo dizer é que as decisões sobre o meio ambiente, no passado, foram baseadas nas conveniências a curto prazo, quase nunca se levando em consideração uma visão mais am-

pla. Ao mesmo tempo, a ciência moderna... e falo como cientista... tem operado em compartimentos estanques, ignorando o princípio de que o "progresso" em uma área pode ser nocivo à vida e à natureza como um todo. Os gases que saem do cano de escape dos automóveis, um produto da ciência, constituem um tremendo exemplo. É a conveniência que permite que continuem a ser tão letais. Outro exemplo é o uso excessivo de pesticidas para preservar determinadas formas de vida, ao mesmo tempo que se eliminam muitas outras. O mesmo se aplica aos danos causados à atmosfera pelos aerossóis. A lista é muito longa. Estamos todos seguindo na direção do suicídio ecológico.

Enquanto a presidente do Clube da Sequóia falava, todos na sala mantinham um silêncio respeitoso. Ninguém sequer se mexia, esperando por suas palavras seguintes. E Laura Bo Carmichael continuou, alteando a voz pela primeira vez desde que começara seu depoimento:

— É tudo uma questão de conveniência, de utilitarismo. Se esse monstruoso projeto de Tunipah for aprovado, o paparraz e o microdipodops estarão condenados, além de muitas outras coisas. Depois, se o processo continuar, vai chegar o dia em que um único projeto industrial, como o de Tunipah, será

considerado mais importante do que os últimos narcisos dos prados.

Tais palavras provocaram uma explosão de aplausos por parte dos espectadores. Enquanto aquilo persistia, Nim pensou, furioso: Laura estava usando sua projeção como cientista para fazer um apelo emocional, sem nada de científico.

E ele continuou a ferver de raiva por outra hora, enquanto as perguntas e respostas se sucediam, sempre no mesmo estilo.

A inquirição subsequente de Laura por Oscar O'Brien não produziu qualquer retratação e em alguns aspectos até reforçou o depoimento anterior dela. Quando o advogado da GSP & L perguntou, com um sorriso malicioso, se ela realmente acreditava que "umas poucas tocas de ratos e uma flor silvestre que nada tem de bonita, mais parecida com mato, são mais importantes do que as necessidades de energia elétrica de milhões de seres humanos", Laura respondeu asperamente:

— Ridicularizar é fácil e barato, dr. O'Brien, além de ser a mais antiga tática dos advogados. Já expliquei por que o Clube da Sequóia acha que Tunipah deve permanecer uma área natural intata, e os aspectos que parecem tanto diverti-lo são apenas dois entre muitos. Quanto às "necessidades de ener-

gia elétrica" de que falou, há muitos que estão convencidos de que a necessidade de conservação da natureza é muito maior e mais importante.

O'Brien ficou vermelho e tratou de contra-atacar:

— Já que parece saber muito mais do que os especialistas que investigaram Tunipah e chegaram à conclusão de que era o local ideal para o projeto, poderia me informar onde iria construir a usina?

Laura respondeu calmamente:

— Esse é um problema de vocês, não meu.

Davey Birdsong não quis inquirir Laura Bo Carmichael, declarando solenemente:

— A força & luz para o povo apóia a posição do Clube da Sequóia, tão bem exposta pela sra. Carmichael.

No dia seguinte, quando a última de diversas outras testemunhas da oposição estava concluindo seu depoimento, O'Brien sussurrou para Nim:

— Trate de se preparar, pois será o próximo a entrar em cena.

Nim já estava desanimado. A perspectiva de um novo depoimento e das reinquirições subseqüentes deixou-o ainda mais desolado e amargurado.

Dormira muito pouco na noite anterior, tivera um sono inquieto. Sonhara que estava num recinto semelhante a uma cela, com painéis de interruptores de circuitos nas quatro paredes. Estava tentando fazer com que os circuitos ficassem ligados, para que a energia que sabia ser necessária pudesse fluir. Mas Davey Birdsong, Laura Bo Carmichael e Roderick Pritchett tinham-no cercado e estavam decididos a desligar os interruptores. Quisera gritar para os três, argumentar e suplicar, mas não conseguira falar. Em desespero, tentara mover-se mais depressa. Para compensar as seis mãos dos outros contra as suas duas, tentara empurrar os interruptores com os pés. Mas as pernas resistiam, pareciam extremamente pesadas, deslocando-se com uma lentidão terrível. Nim compreendera que estava perdendo, que não conseguia acompanhar o ritmo dos outros e que em breve todos os circuitos estariam desligados. E nesse momento acordou, encharcado de suor. Não mais

conseguiu voltar a dormir.

Agora, com Nim já sentado na cadeira das testemunhas, o jovem comissário que presidia à audiência disse:

— Lembro à testemunha que já prestou juramento...

Assim que as preliminares acabaram, Oscar O'Brien começou:

— Sr. Goldman, quantas ações possuí da Golden State Power & Light?

— Exatamente cento e vinte.

— E qual o valor de mercado dessas ações?

— Esta manhã, era de dois mil cento e sessenta dólares.

— Neste momento, qualquer insinuação de que, pessoalmente, vai ganhar muito dinheiro com Tunipah é...

— Ridícula e insultuosa! — disse Nim, antes mesmo que a pergunta fosse concluída.

Fora ele próprio quem pedira a O'Brien que formulasse aquela pergunta, para que ficasse devidamente registrada, e na esperança de que a imprensa a divulgasse... assim como fizera com a acusação de Birdsong de que iria lucrar abusivamente. Mas duvidava que os repórteres dessem igual destaque a suas palavras.

— Exatamente. — O'Brien parecia um pouco desconcertado com a intensidade de Nim. — Agora, vamos voltar ao impacto sobre o meio ambiente do projeto de Tunipah. A sra. Carmichael alegou que...

A idéia era neutralizar os depoimentos das testemunhas da oposição, que haviam sido errôneos, excessivamente tendenciosos ou incompletos. Nim ficou imaginando, enquanto respondia às perguntas de O'Brien, que efeito isso teria, se é que teria algum. Acabou chegando à conclusão de que provavelmente não haveria nenhum.

O'Brien acabou em menos de meia hora. Foi seguido por Holyoak, o advogado da comissão, e por Roderick Pritchett; nenhum dos dois pressionou Nim, e ambos foram generosamente breves.

Só restava Davey Birdsong.

O líder da f & lp entregou-se a seu gesto característico de passar a mão pela barba grisalha, parado diante de Nim, observando-o atentamente.

— Vamos falar sobre aquelas suas ações, Goldman. Disse que valiam... — Birdsong fez uma pausa, consultando um papel — dois mil, cento e sessenta dólares. É isso mesmo?

Nim admitiu, cautelosamente.

— Sim.

— Pela maneira como falou... e eu estava bem

aqui, escutando, assim como os outros... deu a impressão de que esse dinheiro não passa de ninharia para você. Uma bagatela de dois mil dólares, pareceu dizer. Para alguém como você, acostumado a pensar em milhões de dólares e a andar de helicóptero...

O comissário o interrompeu:

— Trata-se de uma pergunta, sr. Birdsong? Se é, faça o favor de chegar imediatamente ao ponto.

— Sim, senhor! — Birdsong olhou para o comissário, com um sorriso radiante. — Acho que esse Goldman me deixa nervoso porque é um cara metido a importante ou banca o tal e não pode compreender que um dinheiro desses significa muito para os pobres...

O comissário bateu com o martelo.

— Formule logo sua pergunta!

Birdsong sorriu novamente, sabendo que poderia ser censurado muitas vezes, mas eram remotas as chances de lhe ser totalmente cortada a palavra. Virou-se novamente para Nim.

— Muito bem, aqui vai minha pergunta: por acaso já lhe ocorreu que um dinheiro desses, uma bagatela de alguns milhares de dólares em sua opinião, representa uma verdadeira fortuna para muitas pessoas que terão de pagar a conta de Tunipah?

— Em primeiro lugar, não falei em bagatela de alguns milhares de dólares e nem sequer insinuei isso. Foi você quem o fez. Em segundo lugar, claro que já me ocorreu, porque esse tipo de dinheiro também representa muito para mim.

— Se significa tanto assim, certamente não se incomodaria de dobrá-lo?

— Claro que não! E que diabos há de errado nisso?

— Sou eu quem está fazendo as perguntas. — Birdsong tornou a sorrir, maliciosamente. — Com que então admite que gostaria de dobrar seu dinheiro e talvez o consiga se esse negócio de Tunipah for levado adiante, não é mesmo? — Ele sacudiu a mão. — Não precisa dar-se ao incômodo de responder. Podemos tirar nossas próprias conclusões.

Nim estava furioso. Percebeu que O'Brien o observava atentamente, tentando transmitir um recado: "Tome cuidado! Controle-se! Seja cauteloso e moderado!"

— Falou algumas coisas a respeito de poupança de energia — continuou Birdsong. — Tenho algumas perguntas para fazer sobre isso.

Durante a reinquirição por O'Brien, o problema da poupança de energia fora mencionado de passagem. Assim, o líder da f & lp tinha agora o direito

de levantar o assunto.

— Por acaso sabe, Goldman, que, se as grandes e ricas companhias como a Golden State Power investissem mais em contenção de consumo de energia ao invés de esbanjarem milhões de dólares em coisas como Tunipah, poderíamos reduzir o consumo de energia elétrica neste país em quarenta por cento?

— Não, não sei, porque uma redução de quarenta por cento através da poupança de energia é totalmente irreal e um dado que provavelmente inventou, como acontece com a maioria de suas acusações. O máximo que a poupança de energia pode fazer... e já está fazendo... é ajudar a equilibrar um pouco o aumento da demanda e nos ajudar a ganhar mais algum tempo.

— Tempo para quê?

— Tempo para que as pessoas compreendam que estão enfrentando uma crise de energia que pode mudar suas vidas... para pior... de uma maneira que nunca imaginaram.

— Será que isso é mesmo verdade? — indagou Birdsong, ironicamente. — Ou será que a verdade é que a Golden State Power não está interessada na poupança de energia porque isso interfere em seus lucros?

— O que acabou de dizer não é absolutamente verdade, e somente uma mente distorcida como a sua poderia insinuar ou acreditar em tal coisa. — Nim sabia que Birdsong o estava provocando e que ele estava mordendo a isca, o que era provavelmente a intenção do líder da f & lp. Oscar O'Brien estava de rosto franzido; Nim tratou de desviar os olhos dele.

— Vou ignorar esse comentário desagradável e fazer outra pergunta — disse Birdsong. — A verdadeira razão pela qual vocês não estão procurando desenvolver a energia solar e a energia eólica, que já estão disponíveis agora, não é o fato de serem fontes de energia baratas que não proporcionariam os lucros fabulosos que estão esperando de Tunipah?

— A resposta é "não", muito embora sua pergunta seja uma meia verdade distorcida. A energia solar não está disponível em quantidades consideráveis e não estará, pelo menos até o final do século, na melhor das hipóteses. Os custos para a geração de eletricidade a partir da energia solar são extremamente elevados, muito mais que os da eletricidade a partir do carvão de Tunipah. Além disso, a energia solar pode ser um agente poluidor ainda maior. Quanto à energia dos ventos... o melhor é esquecê-la, a não ser para aplicações pequenas e se-

cundárias.

O comissário inclinou-se para a frente e perguntou:

— Será que entendi direito o que disse, sr. Goldman? Como a energia solar pode poluir o meio ambiente?

— É muito simples, senhor comissário. — A informação geralmente surpreendia os que não consideravam todos os aspectos da energia solar. — Com a tecnologia atual, uma usina de energia solar, com a mesma potência que estamos propondo para Tunipah, precisaria de trezentos e dez quilômetros quadrados só para os coletores. O que dá aproximadamente setenta e cinco mil acres americanos, contra os três mil aproximadamente de uma usina convencional como a que estamos propondo agora. E não podemos esquecer que a área reservada aos coletores solares não poderia ter qualquer outro aproveitamento. Se isso não é poluição...

Nim deixou a frase inacabada, enquanto o comissário assentia.

— Um ponto dos mais interessantes, sr. Goldman. Tenho a impressão de que a maioria de nós ainda não havia pensado nisso.

Birdsong, que ficara calado, impacientemente, durante o diálogo, retomou o ataque:

— Está nos dizendo, Goldman, que a energia solar não poderá ser aproveitada antes do próximo século. Por que devemos acreditar em suas palavras?

— Não precisa acreditar. — Nim voltou a sua atitude anterior, de desprezo visível por Birdsong. — Pode acreditar ou deixar de acreditar no que bem quiser. Mas um consenso das melhores avaliações técnicas, feito por especialistas, diz que o aproveitamento em larga escala da energia solar ainda vai demorar vinte anos ou mais; e, ainda assim, pode não atender às expectativas. Seja como for, é preciso construir, enquanto se espera, usinas à base de carvão, como Tunipah. .. e em muitos outros lugares além de Tunipah... para enfrentar a crise iminente.

— Voltamos mais uma vez a essa ameaça de crise, forjada e falsa — comentou Birdsong, desdenhosamente.

— Quando acontecer — disse Nim com veemência —, poderá ler essas palavras que acabou de pronunciar e engoli-las.

O comissário estendeu a mão para o martelo, mas hesitou; talvez curioso em ver o que ia acontecer em seguida, baixou novamente a mão. O rosto de Birdsong ficou vermelho, e a boca se contraiu de raiva.

— Não vou comer nenhuma palavra, você é que vai! E irá se sufocar com as palavras... você e aquela quadrilha capitalista da Golden State Power! Palavras, palavras, palavras! Destas audiências, que nós que estamos contra trataremos de prolongar pelo máximo de tempo possível, e de outras semelhantes! E depois que as audiências chegarem ao fim, haverá muitas outras palavras, que arrastarão essa porcaria de Tunipah pelos tribunais e irão impedir sua consumação com apelações, interditos, todas as manobras possíveis e imagináveis. Se não for suficiente, encontraremos outras objeções, a fim de que todo o ciclo comece novamente. Se necessário for, lutaremos por vinte anos ou mais. O povo irá frustrar seus planos de lucros extorsivos, o povo haverá de vencer! — O líder da f & lp fez uma pausa; com a respiração ofegante, acrescentou: — Assim sendo, sr. Goldman, é bem possível que, no final das contas, a energia solar acabe chegando aqui primeiro. Porque uma coisa posso lhe garantir: não vão conseguir construir essas usinas à base de carvão. Nem Tunipah nem qualquer outra! Nem agora nem nunca!

Enquanto o comissário novamente hesitava, parecendo fascinado pelo duelo verbal, irrompeu uma explosão de aplausos entre os espectadores. No

mesmo momento, Nim explodiu. Bateu com o punho cerrado no braço da cadeira e levantou-se abruptamente. Com os olhos brilhando intensamente, ele fixou Davey Birdsong:

— É possível que consiga impedir que as usinas, Tunipah e as outras, sejam construídas, como está dizendo. E, se o conseguir, será porque este sistema absurdo, capaz de se derrotar a si mesmo, proporciona poderes ilimitados a egomaníacos, fanáticos e charlatões como você!

Subitamente, a sala de audiências ficou em silêncio, enquanto Nim continuava, alteando a voz:

— Mas poupe-nos dessas suas besteiras virtuosas, Birdsong. Não me venha com essa história de que representa o povo. Pois não representa. Nós é que representamos o povo... as pessoas comuns, decentes, que levam uma vida normal e contam com as companhias de serviços públicos como a nossa para iluminar e aquecer suas casas, manter as fábricas em funcionamento e fazer milhões de outras coisas, que irão ser inevitavelmente afetadas, se você e gente de sua laia conseguirem impor suas opiniões egoístas e insensatas.

Nim virou-se para o comissário e continuou:

— O que se está precisando agora, neste Estado e em outros, é de um compromisso inteligente. Um

meio-termo entre os que combatem o progresso a qualquer preço, como o Clube da Sequóia e Birdsong, e os que são favoráveis ao máximo de progresso e a que se dane o meio ambiente. Pois eu... e a companhia para a qual trabalho. .. aceitamos um acordo, sabemos que é indispensável, que tem de haver um acordo geral. Reconhecemos que não há caminhos simples, fáceis. É justamente por isso que procuramos um meio-termo, ou seja: que haja algum progresso. Mas para que isso possa acontecer é preciso que, pelo amor de Deus, nos concedam a energia elétrica necessária!

Virou-se de volta para Birdsong:

— No final das contas, Birdsong, vai fazer com que as pessoas sofram. E pode estar certo de que irão sofrer, com a escassez de energia, o desemprego em massa, a falta de todas as pequenas e grandes coisas que só funcionam à base de energia elétrica. Tudo isso acontecerá quando a crise chegar, uma crise que não é falsa mas bem real, uma crise que irá varrer toda a América do Norte e provavelmente uma porção de outras regiões do mundo!

Nim fez uma breve pausa, antes de indagar ao homem silencioso e surpreso a sua frente:

— E onde você estará quando tudo isso acontecer, Birdsong? Provavelmente estará escondido...

escondido das pessoas que terão descoberto, então, quem você realmente é: um trapaceiro e um impostor que as enganou miseravelmente!

Mesmo enquanto falava, Nim já sabia que tinha ido longe demais, que impensadamente rompera as normas de contenção das audiências públicas, além das restrições que lhe haviam sido impostas pela GSP & L. Talvez tivesse até dado a Birdsong bases legais para um processo de calúnia. Contudo, outra parte da mente de Nim argumentava que tudo o que dissera precisava ser dito, que havia limites para a paciência e a moderação, que alguém tinha de falar às claras, objetivamente, sem qualquer temor, assumindo as possíveis conseqüências, quaisquer que fossem. Agora, não havia por que parar. E Nim continuou:

— Falou em quarenta por cento de redução no consumo de energia, Birdsong. Isso não é poupança, mas privação. Representaria todo um novo modo de vida, muito pior do que o atual! Há quem diga que devemos ter padrões de vida mais baixos, todos nós, que vivemos bem demais e deveríamos ser privados de alguma coisa. Talvez isso seja verdade, talvez não. De qualquer forma, esse tipo de decisão não cabe às companhias de energia elétrica como a GSP & L. Nossa responsabilidade é manter os pa-

drões de vida que o povo, por meio de seus governos eleitos, diz que está querendo. É por isso que continuaremos a lutar por esses padrões de vida, Birdsong, até que nos seja ordenado o contrário, oficialmente, não por hipócritas presunçosos que assumem falsamente o papel de defensores do povo como você!

Quando Nim fez uma pausa para respirar, o comissário indagou friamente:

— Já acabou, sr. Goldman?

Nim virou-se para encará-lo.

— Não, senhor comissário, ainda não acabei. Já que estou de pé, gostaria de dizer mais umas poucas coisas.

Oscar O'Brien levantou-se nesse momento e disse:

— Senhor comissário, se me permite sugerir um recesso...

Nim interrompeu-o firmemente:

— Tenciono dizer tudo o que estou pensando, Oscar.

Enquanto falava, ele observou que todos na mesa da imprensa estavam escrevendo rapidamente e que o estenógrafo oficial estava de cabeça abaixada, os dedos se movimentando rapidamente.

— Não haverá recesso nenhum no momento —

decidiu o comissário.

O'Brien tornou a sentar-se, dando de ombros, com uma expressão infeliz. Birdsong ainda estava de pé, silencioso, mas um meio sorriso substituíra a expressão desconcertada anterior. Talvez estivesse convencido de que a explosão de Nim prejudicava ainda mais a GSP & L e ajudava a f & lp. Pois bem, pensou Nim: se já tinha ido até ali, não havia qualquer motivo para hesitar e se acovardar. Dirigiu-se ao comissário e ao especialista em direito administrativo, que o fitavam com uma expressão de curiosidade:

— Tudo o que estamos fazendo aqui, senhor comissário... e estou me referindo a esta audiência e a outras semelhantes... é uma charada dispendiosa, inteiramente inútil, que só nos faz perder tempo. É inútil porque exige anos para se fazer o que poderia estar acabado em poucas semanas, às vezes sem chegar a lugar nenhum. É um desperdício de tempo porque aqueles que aqui comparecem, e que realmente produzem alguma coisa, não são meros burocratas devoradores de papéis, e poderiam aproveitar as intermináveis horas gastas nestas audiências num trabalho muito mais útil para suas companhias e para a sociedade em geral. É afrontosamente dispendioso porque os contribuintes e os consumi-

dores de energia, aos quais Birdsong alega representar, o que não é absolutamente verdade, são obrigados a pagar milhões de dólares por esse pseudosistema, absurdo, contraproducente, uma verdadeira comédia do tipo pastelão. E é uma charada porque fingimos que estamos aqui para fazer algo sensato e racional, quando todos sabemos, neste lado da cerca, que não é bem isso o que acontece.

O rosto do comissário ficou vermelho. Decidido, ele pegou o martelo e bateu com toda a força. Lançando um olhar furioso para Nim, declarou:

— Isso é tudo o que lhe permitirei falar neste momento, sr. Goldman. Mas faço-lhe uma advertência: vou ler a transcrição de seu depoimento cuidadosamente, para verificar se será necessária alguma outra ação posterior. — Virando-se em seguida para Birdsong, com igual frieza, ele acrescentou: — Já terminou de interrogar a testemunha?

— Sim, senhor! — Birdsong estava sorrindo alegremente. — E, se quer saber minha opinião, ele acabou de mijar nos próprios pés!

O martelo soou novamente.

— Não estou pedindo sua opinião!

Oscar O'Brien estava novamente de pé. Impaciente, o comissário fez sinal para que ele sentasse e anunciou:

— A audiência está suspensa!

Havia um zumbido de conversas excitadas enquanto a sala de audiências se esvaziava. Nim não participava dele. Tinha olhado para O'Brien, que estava enfiando documentos em sua pasta. Mas o advogado havia sacudido a cabeça, num gesto de incredulidade e tristeza. Um momento depois, saiu da sala, sozinho.

Davey Birdsong juntou-se a um grupo de partidários, que ruidosamente lhe deram os parabéns. Saíram todos juntos, rindo.

Laura Bo Carmichael, Roderick Pritchett e diversos outros membros do Clube da Sequóia olharam para Nim, com expressões curiosas, mas não fizeram qualquer comentário, retirando-se também.

A mesa da imprensa esvaziou-se rapidamente, ficando apenas Nancy Molineaux, que parecia estar revisando suas anotações e fazendo outras. Ela levantou a cabeça quando Nim passou e disse, suavemente:

— Puxa, nunca vi ninguém crucificar a si próprio dessa maneira!

— Se isso aconteceu, tenho certeza de que você vai tirar o máximo proveito.

Nancy sacudiu a cabeça, sorrindo:

— Não vai haver necessidade de eu fazer qual-

quer coisa, cara. Você mesmo se meteu nessa enracada. Espere só até ver os jornais de amanhã.

Nim não respondeu e se afastou deixando Nancy Molineaux trabalhando em suas anotações, sem dúvida procurando as melhores citações para crucificá-lo ainda mais. Tinha certeza de que aquela fera iria distorcer toda a história, a fim de deixá-lo com a pior imagem possível perante o público. E tinha certeza de que ela iria apreciar isso intensamente, ainda mais do que o artigo sobre o helicóptero no Portão do Diabo.

Uma sensação de solidão dominou-o ao sair sozinho da sala de audiências.

Lá fora, ficou surpreso ao deparar com diversos repórteres de TV, empunhando pequenas câmaras portáteis. Esquecera-se de que a televisão, assim que fosse avisada, poderia rapidamente dar cobertura a uma notícia sensacional.

— Sr. Goldman, soubemos que andou dizendo coisas importantes na audiência — falou um dos homens da TV. — Poderia repeti-las, a fim de que possamos divulgá-las nos noticiários desta noite?

Por uma fração de segundo, Nim hesitou. A rigor, não precisava falar coisa alguma. Mas logo tomou uma decisão: já estava numa situação tão crítica que não poderia ser agravada ainda mais por na-

da que dissesse ou fizesse. Sendo assim, por que não falar?

— Está certo.

E ele começou a falar, incisivamente, convinentemente, enquanto as câmaras registravam.

— Deste momento em diante — disse J. Eric Humphrey, com voz fria e incisiva —, deixará de ser o porta-voz da companhia, para o quer que seja. Não mais irá aparecer na televisão, não falará pelo rádio. Não dará entrevistas aos jornais, não responderá às perguntas de repórteres, mesmo que lhe perguntem simplesmente as horas. Entendido?

— Entendido.

Os dois se encaravam, separados pela escrivaninha. A cena era excepcionalmente formal, pois Humphrey decidira não ir para o outro lado da sala, local em que habitualmente conversava com Nim. Era a tarde seguinte à explosão de Nim na audiência da Comissão de Energia da Califórnia.

— Quanto às audiências públicas — acrescentou Humphrey —, é evidente que não vai mais comparecer a nenhuma. Vamos tomar outras providências.

— Se quiser que eu apresente meu pedido de demissão, Eric, não há problema.

Nim estivera pensando nessa possibilidade durante o dia inteiro. Raciocinara que sua saída poderia atenuar um pouco o constrangimento da GSP &

L, e estava convencido de que devia alguma lealdade à companhia que o tratara tão bem no passado. Além do mais, de seu ponto de vista, não tinha certeza se queria continuar a trabalhar com alguma espécie de estigma, expresso através de uma restrição a suas atividades. Era uma questão de orgulho. E por que não?

De uma coisa Nim tinha certeza: não teria a menor dificuldade em arrumar um cargo de alto nível em outra empresa. Muitas companhias de serviços públicos se apressariam em aproveitar a oportunidade de recrutar alguém com seus conhecimentos e experiência, como já descobrira pelas diversas propostas de emprego que recebera até aquele momento. Por outro lado, estava relutante em deixar a Califórnia, que ele é incontáveis outras pessoas achavam o lugar mais excitante do mundo para se viver e trabalhar. Alguém dissera: se alguma coisa acontece, seja boa ou ruim, sempre acontece primeiro na Califórnia. Nim concordava plenamente.

Havia também o problema de Ruth, Leah e Benjy. Ruth estaria disposta a se mudar para o Illinois, por exemplo, tendo em vista a situação atual entre os dois? Provavelmente não.

— Ninguém falou em demissão — resmungou Humphrey, irritado.

Nim resistiu ao impulso de sorrir. Aquele não era o momento propício para tal reação. Mas sabia, sem qualquer laivo de egoísmo, que era valioso para o presidente da companhia, sob muitos aspectos, independentemente de ser o porta-voz da GSP & L. Suas funções no planejamento constituíam um desses aspectos. Na verdade, ser o porta-voz da política da GSP & L não figurava entre as funções originais de Nim, tendo sido acrescentada posteriormente e se tornado cada vez mais importante com o passar do tempo. De certa forma, pensou Nim, até que seria bom livrar-se do papel de porta-voz a fim de poder solucionar todas as dificuldades recentemente surgidas e seguir em frente. Mas decidiu que aquele não era o momento para qualquer ação precipitada.

— Isso é tudo por enquanto, Nim — falou Humphrey friamente, e voltou a concentrar-se nos documentos que estava examinando quando Nim entrara na sala. Era evidente que o presidente precisaria de algum tempo para superar sua insatisfação pessoal.

Teresa van Buren estava esperando na sala de Nim.

— Queria que soubesse, Nim, que esta manhã passei uma hora na sala de Eric tentando persuadi-

lo a rever sua decisão de não mais permitir que você fale em público. Em determinado momento, ele chegou a ficar tão furioso comigo quanto está com você.

— Obrigado, Tess.

Nim desabou numa cadeira. Sentia-se exausto tanto física quanto mentalmente.

— O que realmente deixou nosso estimado presidente subindo pelas paredes foi o fato de você ter falado à televisão depois da audiência. O que fez com que suas palavras tivessem ainda maior repercussão. — Teresa van Buren soltou uma risadinha.

— Se quer saber a verdade, não tenho a menor objeção, achando apenas que deveria ter um pouco mais de tato, tanto na audiência como ao falar pela TV. Seja como for, os fatos ainda vão demonstrar que você estava com a razão.

— Até lá, estou amordaçado.

— Tem razão. E receio que isso já seja do conhecimento de mais gente. Importa-se? — Sem esperar por uma resposta, Teresa van Buren estendeu um exemplar do Califórnia Examiner por cima da mesa. — Já leu a edição vespertina?

— Não. Vi só a matutina.

Na hora do almoço, Nim lera uma notícia de primeira página, de Nancy Molineaux, com o se-

guinte título:

DIATRIBE DE GOLDMAN DA GSP INTERROMPE AUDIÊNCIA SOBRE ENERGIA

A notícia dizia o seguinte:

Um ataque intempestivo de Nimrod Goldman, vice-presidente da Golden State Power & Light, contra testemunhas da oposição e contra a própria Comissão de Energia da Califórnia, provocou ontem um tumulto numa audiência pública convocada para decidir a autorização de um projeto para a construção de uma nova usina geradora em Tunipah.

Chocado, o comissário Hugh G. Forbes, que presidia a audiência, classificou posteriormente os comentários de Goldman de "insultuosos e inaceitáveis" e acrescentou que irá estudar a possibilidade de uma ação judicial.

A edição vespertina do Examiner, que a vice-presidente de relações públicas levava, tinha outro título e outro texto:

**GSP & L PUNE GOLDMAN
E CONDENA SUA ATITUDE**

Nimrod Goldman, antigo "garoto de ouro" da Golden State Power & Light, caiu em desgraça, e é incerto seu futuro na gigantesca companhia, por ter perdido o controle em público, ontem. Seus superiores na GSP & L condenaram o ataque furioso e...

E assim por diante. Teresa van Buren disse, como se pedisse desculpas:

— Não houve jeito de impedir que divulgassem a notícia de que você foi destituído do cargo de porta-voz da companhia. E achei que se não o fizesse objetivamente... na verdade, limitei-me a responder às perguntas... os jornalistas inevitavelmente descobririam por outra fonte, talvez de maneira distorcida.

Nim concordou, sombriamente.

— Compreendo, Tess.

— Outra coisa: não precisa levar a sério essa história de que a comissão vai tomar alguma providência judicial. Conversei com o pessoal de nosso Departamento Jurídico e eles disseram que é tudo conversa fiada. A comissão não pode fazer absolutamente nada.

— Era o que eu já tinha imaginado.

— Mas Eric insistiu numa declaração repudiando o que você disse. Além disso, ele está escre-

vendo uma carta pessoal à comissão, pedindo desculpas.

Nim suspirou. Continuava a não se arrepender do que dissera; pensara bastante a respeito desde o dia anterior e chegara à conclusão de que não havia qualquer motivo para arrependimento. Mas era deprimente ser tratado como um pária pelos colegas. Parecia-lhe também injusto que a maioria dos jornais, inclusive o Chronicle-West e outros diários da Califórnia, se tivesse concentrado nos aspectos sensacionais da audiência do dia anterior, criticando ou simplesmente ignorando os principais pontos do que dissera. A atuação de Davey Birdsong — os insultos e provocações — havia sido mencionada apenas de passagem e mesmo assim sem qualquer crítica. O que deixava Nim cada vez mais convencido de que a imprensa operava por padrões duplos. Contudo, isso não era nenhuma novidade.

Teresa van Buren olhou novamente para o Examiner e comentou:

— Nancy tratou de tirar o máximo proveito da situação e caiu com toda a força em cima de você. Ela visa diretamente à jugular. Parece até que vocês dois se adoram.

— Eu teria o maior prazer em arrancar o coração daquela cadela... se é que ela o tem!

Teresa franziu a testa.

– Está agressivo demais, Nim.

– É possível... mas é assim que me sinto.

Nim tomou consciência de que ficara realmente furioso e magoado com a descrição feita por Nancy Molineaux: "Nimrod Goldman... caiu em desgraça". Entre outras coisas, tinha de admitir. Era verdade.

PARTE 3

1

— Agora vai poder passar mais noites em casa, papai? — perguntou Leah, do outro lado da mesa, durante o jantar.

Houve um momento de silêncio, em que Nim percebeu que Benjy largara o garfo e a faca e o observava atentamente, endossando a pergunta da irmã com os olhos.

Ruth, que estava estendendo a mão para pegar a pimenta, mudou de idéia no meio do movimento e ficou imóvel, esperando também pela resposta de Nim.

— É possível — murmurou Nim, desconcertado com a pergunta inesperada e com os três pares de olhos a fitá-lo atentamente. — Isto é, desde que não me encarreguem de outros serviços que possam prender-me até mais tarde no escritório.

Animando-se com a resposta, Benjy indagou:

— E nos fins de semana, papai... também vai poder passar mais tempo com a gente?

— Talvez.

Ruth interveio:

— Acho que está recebendo um recado claro e objetivo.

Ela sorriu, algo que raramente acontecera desde que voltara para casa, vários dias antes. Ruth estava mais compenetrada do que nunca. O que deixava Nim um tanto preocupado. Ainda não haviam tido a conversa franca e definitiva. Ruth parecia estar evitando isso, e Nim, ainda deprimido com suas experiências recentes, não sentira a menor vontade de tomar a iniciativa.

Ele se perguntara algumas vezes, antes da volta de Ruth, como deveria ser o relacionamento de um casal depois que a mulher passava duas semanas fora de casa, quase que certamente com outro homem. No caso deles, a resposta parecia ser uma só: exatamente como antes.

Ruth voltara sem qualquer alarde, fora buscar as crianças na casa dos avós e recomeçara a vida cotidiana como se não tivesse ocorrido qualquer interrupção. Ela e Nim continuavam a partilhar o mesmo quarto, embora não a mesma cama. Nim tinha a impressão de que há séculos não deixava sua cama

e ia para a de Ruth. Sob outros aspectos, porém, a vida cotidiana deles continuava normalmente. Nim se recordava de que, no passado, houvera outras situações semelhantes, só que ao inverso, quando ele voltara de aventuras extraconjugais. Na ocasião, pensara que Ruth não soubesse de nada, mas agora desconfiava que sabia. E uma razão final para o compasso de espera era o fato de que o ego de Nim já estava ferido por outros motivos. Ele simplesmente não estava preparado para mais um golpe emocional.

Estavam naquele momento em casa, jantando, todos presentes, pela terceira vez em três dias, o que por si só era algo raro.

— Como já sabem, houve algumas mudanças no escritório, mas ainda não sei direito o que vai acontecer. — Nim notou algo estranho no rosto de Benjy e inclinou-se para a frente, examinando-o atentamente. — O que aconteceu com seu rosto?

Benjy hesitou, levantando a mão esquerda para cobrir uma equimose na face esquerda e um talho por baixo do lábio inferior.

— Foi apenas uma confusão na escola, papai...

— Que espécie de confusão? Esteve por acaso metido em alguma briga?

Benjy ficou calado, visivelmente constrangido.

Leah interveio:

— Foi isso mesmo. Todd Thornton disse que você não prestava, papai, porque não se importa com o meio ambiente e está querendo estragá-lo. Benjy avançou para cima dele, mas acontece que Todd é maior e mais forte.

Nim disse rispidamente para o filho:

— Não importa o que os outros possam dizer a respeito de qualquer coisa; é errado e estúpido sair por aí atacando as pessoas.

Benjy ficou cabisbaixo.

— Desculpe, papai.

— Já tivemos uma conversa — disse Ruth. — Benjy agora sabe disso.

Nim se mostrou perplexo e chocado. Não lhe ocorrera, até aquele momento, que as críticas que lhe eram feitas pudessem atingir também sua família. E acabou dizendo, suavemente:

— Lamento profundamente que algo que me aconteceu tenha acabado por atingir vocês também.

— Não há problema — assegurou Leah. — Mamãe já nos explicou como foi respeitável e honrado o que você fez.

Benjy acrescentou, ansiosamente:

— E mamãe também disse, papai, que você tem mais coragem do que todos os outros juntos.

Nim estava olhando para Ruth.

— Sua mãe disse isso?

— É verdade, não é? — perguntou Benjy.

— Claro que é verdade — disse Ruth, corando ligeiramente. — Mas seu pai não pode dizer tal coisa a respeito de si mesmo, não é? E foi por isso que eu lhes falei.

— E é isso o que vamos dizer aos outros quando falarem alguma coisa — arrematou Leah.

Por um instante, Nim sentiu-se dominado por intensa emoção. Ao pensar em Benjy, lutando para defender a reputação do pai, e depois em Ruth, esquecendo as divergências entre os dois para proteger sua honra junto aos filhos, Nim sentiu um aperto na garganta, as lágrimas aflorando aos olhos. Foi salvo de um novo constrangimento pela exortação de Ruth:

— Já chega de conversa. Vamos terminar logo o jantar.

Mais tarde, enquanto Nim e Ruth ainda estavam à mesa, tomando café, e as crianças já tinham saído para ver televisão, ele disse:

— Eu gostaria que soubesse que sou-lhe grato pelo que disse a Leah e Benjy.

Ruth fez um gesto demonstrando que aquilo não tinha a mínima importância.

— Se eu própria não pensasse assim, não teria falado nada às crianças. Não somos mais Romeu e Julieta, mas isso não significa que eu tenha deixado de ler e pensar objetivamente sobre o que me cerca.

— Ofereci meu pedido de demissão, e Eric disse que não é necessário. Mas ainda posso insistir.

Ele continuou a falar sobre as diversas possibilidades que tinha pela frente, inclusive a mudança para outra companhia de serviço público, possivelmente no centro-oeste. E perguntou a Ruth se ela aceitaria mudar-se para lá com as crianças, caso isso acontecesse.

A resposta dela foi imediata e incisiva:

— Não, eu não iria.

— Importa-se de me dizer por quê?

— Eu diria que é óbvio. Por que três membros de nossa família, Leah, Benjy e eu, deveríamos ir viver num lugar estranho, para atender a suas conveniências, quando ainda nem sequer discutimos nosso futuro juntos... se é que temos algum, o que parece improvável?

Chegara o momento para a conversa séria, pensou Nim; e era estranho que acontecesse justamente no momento em que pareciam ter-se aproximado mais intimamente do que em qualquer outra ocasião, em muitos anos. Com uma profunda tristeza,

ele disse-

— Que diabo aconteceu conosco, Ruth?

Ela respondeu ríspidamente:

— Você é capaz de responder muito melhor do que eu. Mas estou curiosa sobre uma questão: quantas outras mulheres existiram em sua vida durante esses quinze anos de casamento? — Nim percebeu abruptamente a frieza e a hostilidade na voz de Ruth, quando ela continuou: — Ou talvez você tenha perdido a conta, como aconteceu comigo. Por algum tempo, eu sempre podia determinar quando alguma coisa diferente acontecia com você... ou devo dizer "alguém"? Depois, porém, já não podia mais ter certeza. Creio que, então, você já estava com dois ou mais casos ao mesmo tempo. Estou certa?

Tendo dificuldade em enfrentar diretamente os olhos dela, Nim respondeu:

— Às vezes.

— Pelo menos, já é algo definido. Minha suposição estava correta. Mas ainda não respondeu a minha primeira pergunta. Quantas mulheres teve, no total, nestes quinze anos de casamento?

Com um ar de infelicidade, ele murmurou:

— Não tenho a menor idéia...

— Se isso é verdade, não se pode dizer que seja

um elogio a essas outras mulheres, pelas quais deve ter sentido alguma coisa, por mais passageiro que fosse. Quem quer que tenham sido, acho que mereciam ao menos ser lembradas.

Nim protestou:

— Nunca houve nada de sério. Com nenhuma delas.

— Eis algo em que acredito. — O rosto de Ruth estava vermelho de raiva. — Diga-se de passagem que também nunca foi sério comigo.

— Isso não é verdade!

— Como pode dizer uma coisa dessas depois do que acabou de confessar? Eu poderia compreender uma outra mulher, talvez duas, mas não dezenas de mulheres, como em seu caso.

— Agora está dizendo bobagens. Nunca houve dezenas.

— Então duas dezenas apenas. No mínimo.

Ele ficou calado e ela acrescentou, pensativa:

— Talvez tenha sido freudiano o que acabei de dizer. Pois você gostaria de ir para a cama com tantas mulheres quanto pudesse, não é mesmo?

— Há provavelmente alguma verdade nisso.

— Eu sei que há! — Ruth fez uma pausa, antes de acrescentar, suavemente: — Mas nem por isso uma mulher... uma esposa... sente-se melhor ou

menos humilhada, enganada e lesada ao ouvir tal declaração do homem a quem amava ou pensava amar.

— Se se sente assim há tanto tempo, Ruth, por que esperou até agora para tocar no assunto? Por que nunca tivemos uma conversa destas antes?

— É uma boa pergunta. — Ruth fez uma pausa, avaliando a resposta, antes de continuar: — Creio que foi porque eu acalentava a esperança de que você pudesse mudar, que acabaria se cansando de querer fornicar com toda mulher bonita que passasse em sua frente assim como uma criança deixa de ser gulosa por chocolate. Mas eu estava errada, porque você jamais mudou. E, já que estamos sendo francos um com o outro, houve outro motivo. Eu era uma covarde. Tinha medo de ficar sozinha, do que poderia acontecer a Leah e Benjy, tinha medo... ou talvez fosse orgulhosa demais... de admitir que meu casamento, como tantos outros, não estava dando certo. — Ruth fez outra pausa, sua voz tremia pela primeira vez. — Pois não tenho mais medo, orgulho ou qualquer outra coisa. Simplesmente quero acabar com toda essa agonia.

— Está falando sério?

Duas lágrimas escorreram pelas faces de Ruth.

— O que mais resta?

Uma centelha de resistência surgiu dentro de Nim. Por que ele estava na defensiva? Não havia sempre dois lados em todas as situações, inclusive naquela?

— E o que me diz de seu próprio caso de amor, Ruth? Se nós nos separarmos, será que o homem que encontrou irá morar com você imediatamente?

— Que homem?

— O homem com quem anda se encontrando, o homem com quem foi passar duas semanas fora.

Ruth tinha enxugado os olhos. Fitava-o agora com uma expressão que parecia em parte divertida, em parte pesarosa.

— Acredita mesmo que fui passar duas semanas fora com outro homem?

— E não foi?

Ruth sacudiu a cabeça lentamente.

— Não.

— Mas pensei...

— Sei disso. E deixei-o pensar, o que provavelmente não foi uma boa idéia. Mas decidi... provavelmente por rancor... que não faria mal algum, e talvez fosse até bom fazê-lo sentir o gosto do que venho sentindo há muitos anos.

— E nas outras vezes? Para onde foi?

Ruth respondeu apenas com um vestígio de

sua raiva anterior:

— Não existe nenhum outro homem. Será que não pode meter essa idéia em sua cabeça tão dura? Nunca houve. Entreguei-me a você ainda virgem... sabe disso, a menos que tenha esquecido ou me confundido com alguma de suas outras namoradas. E nunca tive desde então qualquer outro homem além de você.

Nim estremeceu, porque se lembrava perfeitamente. Mas resolveu insistir:

— Então o que estava fazendo...?

— Isso é um problema meu, pessoal. Não é de sua conta. Mas vou repetir: pode esta certo de que não era outro homem.

Nim acreditou. Sem a menor sombra de dúvida.

— Ó Deus! — exclamou.

E achou que tudo estava desmoronando ao mesmo tempo. A maior parte do que fizera ou dissera recentemente havia sido um erro. Não estava certo se queria ou não que o casamento continuasse. Talvez Ruth estivesse certa, e a separação naquele momento fosse a melhor coisa para ambos. A idéia de liberdade pessoal era das mais atraentes. Por outro lado, iria sentir falta de muitas coisas, como as crianças, sua casa, a sensação de estabilidade, até

mesmo Ruth, apesar de estarem cada vez mais distantes. Sem querer ser forçado a uma decisão, e desejando que tudo aquilo pudesse ser adiado, ele indagou, quase em tom de lamento:

— E o que vamos fazer agora?

— Pelo que tenho ouvido de amigas que já percorreram este mesmo caminho — disse Ruth, com a voz novamente fria —, cada um arruma um advogado, e começamos a formular as reivindicações.

Nim suplicou:

— Mas temos de fazer isso agora?

— Dê-me uma única razão válida para que esperemos por mais tempo.

— Reconheço que é uma razão egoísta, mas estou enfrentando tantos problemas neste momento...

— Nim deixou a frase no meio, compreendendo que estava soando como autocompaixão.

— Sei disso. E lamento que as coisas estejam acontecendo todas ao mesmo tempo. Mas nada pode mudar entre nós, depois de todo esse tempo. Ambos sabemos disso, não é mesmo?

Ele murmurou, desolado:

— Tem razão. — Não havia motivo para prometer que iria mudar, quando não tinha certeza se conseguiria ou mesmo se o desejava.

— Neste caso...

— Não poderia esperar um mês? Talvez dois? Se não for por qualquer outro motivo, pelo menos para que possamos dar a notícia com calma a Leah e Benjy e esperar que eles se acostumem à idéia.

Nim não tinha certeza se o argumento tinha algum sentido; provavelmente não. Como também não parecia plausível que um adiamento pudesse adiantar alguma coisa. Mas o instinto lhe dizia que Ruth também estava relutante em dar o passo final e irrevogável de acabar com o casamento.

— Não sei... — Ela hesitou por um instante, mas acabou cedendo. — Está certo. Vou esperar mais um pouco. Mas não sei se serão dois meses ou mesmo um. Se eu decidir que será menos, assim será.

— Obrigado. — Nim sentiu-se aliviado por saber que haveria um intervalo de espera, por mais breve que fosse.

— Ei! — Era Benjy, aparecendo na porta entreaberta da sala de jantar. — Acabei de receber um novo cassete dos Meredith. É um filme. Querem assistir?

Os Meredith eram os vizinhos do lado. Nim olhou para Ruth e disse:

— Por que não?

Na sala de recreação, no porão, Ruth e Nim se

sentaram lado a lado num sofá, com Leah deitando-se no tapete diante deles e Benjy habilmente inserindo a fita no aparelho Betamax, ligado a uma TV em cores. Um grupo de moradores da rua fizera um acordo que estava se tornando algo cada vez mais disseminado: uma família gravava um programa de TV (geralmente as crianças ou uma babá se encarregavam disso, suspendendo a gravação sempre que começavam os comerciais); o resultado era uma gravação de boa qualidade, à qual os adultos e outras famílias assistiam posteriormente; os cassetes eram trocados entre uma dúzia de famílias ou mais.

Sabendo que a prática estava se difundindo, à medida que mais e mais pessoas partilhavam a descoberta, Nim se perguntava quanto tempo ainda iria passar até que isso afetasse as receitas das grandes redes de televisão. Talvez já estivesse afetando. De certa forma, pensou Nim, as redes e emissoras de TV estavam navegando pelos mesmos mares revoltos e cheios de recifes em que já se encontravam as companhias de serviços públicos, como a GSP & L. O pessoal da televisão abusara de seus privilégios, inundando o éter com um excesso de comerciais vulgares e uma programação de baixo nível. Agora, o sistema Betamax e outros similares estavam proporcionando ao público uma oportunidade de revi-

dar, sendo seletivo e eliminando os comerciais de seus programas. Com o passar do tempo, talvez esse comportamento levasse o alto comando das redes de TV a aceitar a necessidade da responsabilidade perante o público.

A fita cassete de duas horas, emprestada, chamava-se Mary White, uma história trágica e comovente sobre a família de uma adolescente amada que morrera. Talvez porque raramente se tivesse sentido tão consciente de sua própria família, ao mesmo tempo que sabia que restava pouco tempo para que ela continuasse a ser uma unidade, Nim ficou grato pelo fato de as luzes estarem apagadas, o que impedia que sua tristeza e suas lágrimas fossem vistas pelos outros três.

Numa colina escura e solitária, acima da comunidade suburbana de Millfield, Georgos Winslow Archambault arrastou-se de bruços na direção de uma cerca de arame que protegia a subestação da GSP & L. A precaução, ante a possibilidade de ser observado, era provavelmente desnecessária, pensou ele; a subestação não tinha qualquer vigia, não havia lua naquela noite e a estrada mais próxima, que permitia o tráfego pela colina escassamente povoada, ficava a quase um quilômetro. Recentemente, porém, a Golden State Porra & Lixo contratara mais porcos de segurança e criara patrulhas noturnas volantes, que variavam os horários e percursos, obviamente, a fim de não criar uma rotina. Assim, tinha sentido ser prudente, embora fosse difícil e incômodo se arrastar carregando ferramentas e explosivos.

Georgos estremeceu. A noite de outubro era fria e um vento forte soprava por entre os pedregulhos da encosta, fazendo-o desejar estar usando dois suéteres por baixo do macacão azul-marinho de sarja, ao invés de apenas um. Olhando para trás, pelo caminho por onde viera, Georgos avistou sua mu-

lher, Yvette, poucos metros atrás, seguindo-o. Era importante que ela o acompanhasse. Por um lado, porque o fio e os detonadores estavam com Yvette; por outro, porque Georgos estava atrasado, em decorrência de um congestionamento no tráfego ao sair da cidade, naquela viagem de pouco mais de trinta quilômetros. Queria agora compensar o tempo perdido, porque a operação daquela noite envolvia a destruição de três subestações, por toda a força dos Amigos da Liberdade. Em outra subestação, Ute e Felix estavam trabalhando juntos; na terceira, Wayde operava sozinho. O plano consistia na explosão das três subestações, simultaneamente.

Chegando à cerca de arame, Georgos tirou um alicate do cinto e começou a cortá-la. Precisava fazer uma pequena abertura na cerca, perto do solo. Se uma patrulha aparecesse, depois de os dois terem ido embora e antes da explosão, a cerca cortada passaria despercebida.

Enquanto trabalhava, Georgos podia avistar as luzes faiscantes de Millfield que se espalhavam embaixo. Todas estariam apagadas dentro em breve, assim como outras, mais ao sul. Ele conhecia Millfield e as demais cidadezinhas próximas. Eram comunidades burguesas, povoadas principalmente por pessoas que trabalhavam na cidade e iam e vi-

nham de trem. Ou seja, capitalistas e seus lacaios! E Georgos se sentia feliz por saber que iria criar-lhes muitos problemas.

A abertura na cerca estava quase concluída. Mais um minuto e Georgos e Yvette poderiam passar. Ele olhou para o mostrador luminoso do relógio. O tempo passava rapidamente. Depois que entrassem, teriam de trabalhar o mais depressa possível.

Os alvos para o ataque triplo daquela noite haviam sido cuidadosamente escolhidos. Anteriormente, os Amigos da Liberdade costumavam explodir torres de transmissão, derrubando duas ou três ao mesmo tempo, numa tentativa de provocar a interrupção no fornecimento de energia elétrica a amplas áreas. Mas essa tática já não era mais aplicada. Georgos e os outros haviam descoberto que as companhias de energia elétrica, quando as torres de transmissão eram derrubadas, passavam a utilizar outras linhas, conseguindo restabelecer o fornecimento rapidamente, às vezes em questão de minutos. Além do mais, as torres derrubadas eram imediatamente substituídas por postes provisórios, de forma que até mesmo a linha danificada logo estava novamente em operação.

Mas com as subestações maiores era diferente.

Eram instalações extremamente vulneráveis e críticas, podendo levar semanas para serem consertadas ou substituídas.

Os danos causados naquela noite, se tudo corresse bem, provocariam um vasto blecaute, estendendo-se muito além de Millfield. Poderiam passar-se dias, talvez uma semana, antes que o fornecimento estivesse plenamente restabelecido. Até lá, os problemas seriam tremendos, e o custo, fabuloso. Georgos regozijou-se ao pensar nisso. Depois daquela noite, talvez mais pessoas passassem a levar a sério os Amigos da Liberdade.

Georgos se recordou de que seu pequeno mas glorioso exército aprendera muita coisa desde os ataques iniciais ao desprezível inimigo. Atualmente, antes de começarem qualquer operação, faziam um meticuloso reconhecimento do terreno e dos métodos de trabalho da GSP & L, procurando as áreas mais vulneráveis, as situações em que poderiam provocar uma destruição maior. Nesse aspecto, haviam recebido a ajuda recente de um ex-engenheiro da GSP & L, despedido por roubo, e que agora acaalentava um ódio profundo contra a companhia. Embora não fosse um membro ativo dos Amigos da Liberdade, o engenheiro fora devidamente comprado com uma parte do dinheiro fornecido por Bird-

song. Outra quantia da mesma fonte havia sido utilizada para comprar mais e melhores explosivos.

Birdsong deixara escapar certa vez a informação sobre a procedência do dinheiro: vinha do Clube da Sequóia, que pensava estar financiando a f & lp. Georgos achava extremamente irônico que uma instituição integrada no sistema estivesse pagando a conta da revolução, sem o saber. De certa forma, era uma pena que a turma obtusa do Clube da Sequóia jamais descobrisse coisa alguma.

Clique! O último arame fora cortado e uma parte da cerca caiu. Georgos empurrou-a para o lado de dentro, a fim de reduzir a possibilidade de alguém notar alguma coisa. Passou para o outro lado os três pacotes de explosivo plástico e depois esgueirou-se também para dentro.

Yvette estava logo atrás dele. A mão da moça já estava curada do ferimento que sofrera quando um detonador explodira prematuramente, havia dois meses, fazendo-a perder dois dedos. Os cotos tinham uma aparência horrível, pois não haviam sido suturados devidamente, como teria acontecido se Yvette fosse tratada por um médico. Georgos se empenhara ao máximo para manter o ferimento limpo e, com muita sorte, pôde evitar a infecção. Desse modo, havia conseguido também evitar as

perguntas perigosas que inevitavelmente teriam sido feitas, se a levasse a um hospital ou ao consultório de um médico.

Mas que droga! O macacão se prendera numa ponta de arame. Georgos ouviu o pano se rasgando e sentiu uma dor intensa quando o arame lhe cortou a coxa. Por um excesso de cautela, fizera a abertura pequena demais. Recuou, entortou a ponta de arame e depois passou pela cerca sem maiores dificuldades. Yvette, que era menor, seguiu-o sem qualquer problema.

Não havia necessidade de conversa. Haviam ensaiado tudo e sabiam exatamente o que fazer. Cautelosamente, Georgos fixou o explosivo plástico com um adesivo nos três maiores transformadores da subestação. Yvette entregou-lhe os detonadores e desenrolou o fio para a ligação com os mecanismos de tempo.

Dez minutos depois, as três cargas já estavam colocadas. Yvette entregou os mecanismos de tempo, com as baterias anexadas que ele cuidadosamente montara no dia anterior para si e para as outras duas equipes. Trabalhando com extremo cuidado, para que não houvesse qualquer explosão prematura, Georgos ligou os fios dos detonadores. Verificou novamente a hora. Trabalhando depressa,

conseguira compensar um pouco do tempo perdido, mas não todo.

As três explosões iriam ocorrer, mais ou menos ao mesmo tempo, dentro de onze minutos. Georgos e sua mulher teriam bem pouco tempo para descer a colina até o lugar em que haviam deixado o carro escondido, fora da estrada, atrás de algumas árvores. Mas se se apressassem, correndo na maior parte do percurso, poderiam estar a caminho da cidade, em segurança, antes que houvesse tempo de se desfechar qualquer reação à sabotagem. Ele ordenou a Yvette:

— Vá na frente! Depressa!

Dessa vez, Yvette passou primeiro pela cerca. No momento em que o próprio Georgos estava saindo, ouviram o barulho de um carro, não muito longe, subindo a colina. Ele parou para escutar. Não havia a menor dúvida de que o carro vinha pela estrada de cascalho particular da GSP & L, que dava acesso à subestação.

Uma patrulha de segurança! Não podia ser outra coisa. Aquela hora da noite, ninguém mais viria até ali. Georgos terminou de passar pela cerca e levantou-se, avistando o reflexo dos faróis em algumas árvores lá embaixo. A estrada era sinuosa, o que explicava o fato de o carro ainda não estar à vis-

ta.

Yvette também ouvira e vira. Ia dizer alguma coisa, quando Georgos lhe fez sinal para ficar calada e sussurrou:

— Por aqui!

Ele saiu correndo na direção da estrada de cascalho, atravessou-a e foi esconder-se atrás de alguns arbustos, do outro lado. Ficou deitado ali, com Yvette a seu lado. Georgos sentiu-a tremer. O que o fez lembrar que ela era pouco mais que uma criança, sob muitos aspectos; e também que nunca mais fora a mesma, apesar da devoção a ele, desde o acidente que a fizera perder dois dedos.

Os faróis estavam agora à vista, enquanto o carro contornava a última curva antes da subestação. Aproximava-se lentamente. Provavelmente o motorista estava sendo cauteloso porque a estrada não tinha faixas de sinalização e a visibilidade era precária. Quando os faróis chegaram mais perto, toda a área ficou intensamente iluminada. Georgos ficou comprimido contra o solo, levantando a cabeça apenas ligeiramente. Calculava que eram boas as probabilidades de não serem descobertos. O que o preocupava era a iminência da explosão. Verificou o relógio. Faltavam oito minutos.

O carro parou a apenas alguns metros de Geor-

gos e Yvette. Um vulto saiu pelo lado do passageiro. Quando ele se adiantou, ficando dentro do círculo de luz dos faróis, Georgos pôde constatar que o homem usava um uniforme de guarda de segurança. Estava com uma lanterna potente, focalizando-a na cerca em torno da subestação. Deslocando o fecho da lanterna de um lado para outro, começou a andar, contornando a cerca. Georgos pôde divisar o vulto de um segundo homem, o motorista, que ficou esperando no carro.

O primeiro homem estava na metade do caminho quando parou abruptamente, dirigindo o fecho da lanterna para baixo. Descobrira a abertura na cerca, onde o arame fora cortado. Chegando mais perto, usou a lanterna para examinar o terreno além da cerca. A luz da lanterna se deslocou pelas linhas de transmissão, isoladores e transformadores, parando numa das cargas de explosivo plástico, seguindo depois os fios até o mecanismo de tempo.

O guarda virou-se e gritou: .

— Ei, Jake, dê o alarme! Há algo esquisito aqui!

Georgos entrou prontamente em ação. Sabia que os segundos contavam e não havia alternativa para o que precisava ser feito.

Levantou-se de um pulo, ao mesmo tempo que estendia a mão para a faca de caça que levava numa

bainha na cintura. Era comprida e afiada, justamente para uma emergência como aquela. A faca saiu da bainha facilmente. O pulo levara Georgos até quase o carro. Mais um passo e abriu a porta do motorista. O surpreendido ocupante, um homem já idoso, de cabelo grisalho, também com uniforme de guarda de segurança, virou-se no mesmo instante. Tinha um microfone na mão, perto dos lábios.

Georgos avançou. Com a mão esquerda, arrancou o guarda do carro, obrigou-o a virar-se e, comum golpe vigoroso para cima, enterrou a faca em seu peito. A boca da vítima se escancarou. O guarda chegou a iniciar um grito, que se desvaneceu num gorgolejo. E caiu para a frente. Dando um puxão forte, Georgos arrancou a faca do peito do homem e tornou a guardá-la na bainha. Vira uma arma num coldre, enquanto o homem caía. Abriu rapidamente o coldre e pegou o revólver. Georgos aprendera muita coisa sobre armas em Cuba. Era um Smith & Wesson, calibre 38. Ao reflexo dos faróis, abriu o tambor e verificou que estava carregado. Tornou a fechar o tambor, puxou o cão da arma e empurrou a trava de segurança.

O primeiro guarda ouvira alguma coisa e estava voltando para o carro. Gritou:

— Ei, Jake, o que aconteceu? Você está bem?

Ele já estava empunhando seu revólver, mas não teve qualquer chance de usá-lo. Georgos contornara o carro silenciosamente e estava agachado atrás dele, oculto nas sombras. Mirava cuidadosamente, com o cano do 38 aninhado no cotovelo esquerdo para melhorar a estabilidade e firmar o indicador direito no gatilho. A arma estava apontada para o lado esquerdo do peito do guarda, que se aproximava.

Georgos esperou até ter certeza absoluta de que iria acertar o alvo e depois apertou o gatilho três vezes. O segundo e o terceiro tiros foram provavelmente desnecessários. O guarda foi lançado para trás, sem fazer qualquer barulho. E ficou imóvel no lugar onde caíra.

Georgos sabia que não havia tempo a perder, nem mesmo para dar uma olhada no relógio. Seguiu Yvette, que se levantara ao ouvir os tiros, empurrando-a para a frente ao começarem a correr. Desceram juntos a colina, correndo o risco de saírem da estrada na escuridão. Georgos tropeçou duas vezes, mas conseguiu recuperar o equilíbrio; numa delas pisou numa pedra solta e sentiu uma torção no tornozelo. Ignorou a dor e continuou a correr. Apesar da pressa, em nenhum momento esqueceu de verificar a presença de Yvette a seu lado. Podia ou-

vir a respiração dela, em soluços.

Estavam a um terço da base da colina quando houve a explosão. O chão tremeu e depois a onda de som alcançou-os, com um estrondo terrível. Segundos depois, houve uma segunda explosão e logo a seguir uma terceira, e o céu se iluminou com um clarão entre amarelo e azul. O clarão se repetiu, depois houve o reflexo das chamas, do óleo dos transformadores se incendiando. Ao contornar uma curva na estrada de cascalho, Georgos teve a súbita sensação de que algo estava diferente. Levou um momento para compreender o que era: seu objetivo fora alcançado. Todas as luzes de Millfield estavam apagadas.

Consciente da necessidade urgente de escapar, sem saber se o guarda de segurança conseguira ou não transmitir a mensagem pelo rádio, Georgos continuou a correr.

Com profundo alívio, e já próximos da exaustão total, ele descobriu que o carro estava onde o tinham deixado, atrás das árvores, ao pé da colina. Minutos depois, já estavam a caminho da cidade, deixando Millfield, às escuras, para trás.

— Você matou aqueles homens! Assassinou-os!

A voz de Yvette, no banco da frente, ao lado de Georgos, estava histérica, ainda ofegante da corrida.

— Não havia outro jeito.

Georgos respondeu rispidamente, sem virar a cabeça, os olhos fixos à frente na auto-estrada, onde tinham acabado de entrar. Estava guiando cuidadosamente, um pouco abaixo da velocidade máxima permitida. A última coisa que desejava agora era ser detido pela patrulha rodoviária, por causa de alguma infração de trânsito. Sabia que havia sangue em suas roupas, do homem que esfaqueara, assim como havia também sangue na faca, pelo que poderia ser facilmente identificado. Descobrira também que sangrava abundantemente do talho na coxa esquerda, onde o arame penetrara mais fundo do que imaginara. E podia sentir o tornozelo inchar, em consequência da pisada na pedra solta.

Yvette se lamuriou:

— Você não precisava matá-los!

Georgos gritou, furioso:

— Cale a boca ou vou matá-la também!

Ele estava reconstituindo mentalmente todos os detalhes do que acabara de acontecer, procurando lembrar se ficara algum indício que pudesse incriminá-los. Ambos haviam usado luvas ao cortar a cerca e colocar as cargas explosivas. Georgos só tirara a luva para ligar o mecanismo de tempo e, mais tarde, para disparar o revólver. Mas estava de luvas

ao atacar o primeiro guarda com a faca; assim, não haveria impressões digitais na maçaneta. Impressões no revólver? Claro que havia. Mas ele tivera a presença de espírito de trazer a arma; mais tarde, daria um jeito de livrar-se dela.

Yvette estava novamente choramingando.

— Aquele homem que estava no carro era apenas um velho! Eu vi!

— Ele era um imundo porco fascista!

Georgos falou incisivamente, em parte para convencer a si próprio, porque a recordação do homem de cabelo grisalho também o estava corroendo interiormente. Tentou afastar dos pensamentos a imagem da boca escancarada, a expressão aturdida, o grito abafado, a faca penetrando fundo; mas não conseguiu. Apesar de todo seu condicionamento para ser um anarquista, e das explosões que provocara depois do aprendizado, jamais matara alguém antes tão de perto assim, e a experiência o deixara chocado. Só que jamais iria admitir isso, para quem quer que fosse.

— Pode ir para a cadeia por homicídio!

Georgos respondeu:

— E você também!

Não adiantaria explicar que ele já podia ser indiciado por homicídio... pelas sete mortes decorren-

tes da explosão na usina de La Mission e das cartas-bombas que enviara para a sede da GSP & L. Mas podia e devia esclarecer sua mulher sobre as consequências possíveis dos acontecimentos daquela noite.

— Veja se entende uma coisa, sua puta idiota! Está metida nisso tanto quanto eu! Esteve lá, participou de tudo, é tão culpada pela morte daqueles porcos como se tivesse enfiado a faca ou disparado o revólver. Por isso, o que quer que me possa acontecer, também acontecerá com você. Jamais se esqueça disso!

Georgos percebeu que conseguira fazer Yvette compreender, porque ela estava agora soluçando; as palavras sufocadas, incompreensíveis, davam a entender apenas que não gostaria de ter-se metido naquilo. Por um momento, Georgos sentiu alguma compaixão, uma onda de piedade o invadiu. Mas a autodisciplina logo prevaleceu; ele descartou o pensamento, por ser fraco e contra-revolucionário.

Calculou que já estavam na metade do caminho de volta à cidade, quando percebeu algo que não vira antes por estar preocupado demais. A área pela qual estavam passando, normalmente intensamente iluminada, e toda a região muito além de Millfield também estavam mergulhadas na escuridão, até

mesmo com as luzes das ruas apagadas. Com uma súbita satisfação, Georgos constatou que os outros combatentes da liberdade também haviam conseguido atingir seus objetivos. Toda a batalha, travada sob seu comando, fora uma vitória espetacular!

Começou a cantarolar, enquanto redigia mentalmente um comunicado para revelar ao mundo mais uma gloriosa vitória dos Amigos da Liberdade.

3

— Quando a energia foi cortada — disse Karen Sloan, em sua cadeira de rodas —, Josie e eu estávamos voltando para casa no Humperdinck.

— Humperdinck? — repetiu Nim, sem entender.

Karen presenteou-o com um de seus sorrisos radiantes e afetuosos.

— Humperdinck é meu lindo e maravilhoso furgão. Eu o amo tanto que não poderia simplesmente chamá-lo de "carro"; por isso, tratei de arrumar-lhe um nome.

Estavam na sala de estar do apartamento de Karen, e era o início da noite, na primeira semana de novembro. Nim aceitara, depois de diversos adiamentos provocados pelas pressões do trabalho, um convite para jantar com ela. Josie estava na cozinha, aprontando o jantar.

O pequeno apartamento, iluminado suavemente, era confortável e aconchegante. Lá fora, em contraste, a maior parte do norte da Califórnia estava sob uma tempestade vinda do Pacífico, com ventos fortes e chuvas torrenciais, já em seu terceiro dia. Enquanto conversavam, a chuva batia contra as ja-

nelas.

Outros sons se fundiam, suavemente: o zumbido constante do aparelho que fazia Karen respirar, que produzia um silvo conforme o ar entrava e saía; o barulho da louça na cozinha; um armário sendo aberto e fechado.

— Eu tinha ido a um cinema onde existem facilidades para os deficientes físicos — explicou Karen.

— Agora, com o Humperdinck, posso fazer muitas coisas que antes eram impossíveis. Josie estava guiando quando todas as luzes nas ruas e nos prédios se apagaram.

— O blecaute atingiu uma área de mais de duzentos e cinquenta quilômetros quadrados — comentou Nim, com um suspiro. — Tudo se apagou.

— Não sabíamos disso na ocasião. Mas percebemos que o blecaute era amplo; por isso, Josie seguiu diretamente para o Redwood Grove Hospital, que é para onde vou sempre que tenho algum problema. Eles dispõem de um gerador de emergência. Cuidaram de mim, e fiquei internada durante três dias, até que o fornecimento de energia foi inteiramente restabelecido.

— Para dizer a verdade, Karen, eu já sabia de quase tudo. Assim que me foi possível, depois das explosões e do blecaute, telefonei para cá. Tinham-

me chamado em casa e eu estava no escritório. Como ninguém atendia, pedi a alguém que entrasse em contato com o hospital indicado em sua ficha de informações. Disseram que você estava lá, e por isso parei de me preocupar, porque havia muitas coisas a fazer naquela noite.

— Foi uma coisa horrível, Nimrod. Não apenas o blecaute, mas também aqueles dois homens assassinados.

— Eles eram veteranos, já estavam aposentados. Voltaram ao trabalho porque havia escassez de homens experientes no setor de segurança. Infelizmente, a experiência deles já estava ultrapassada, e descobrimos depois que o pior que já tinham enfrentado era um invasor ocasional ou um pequeno ladrão comum. Não eram adversários para um assassino.

— O culpado ainda não foi apanhado?

Nim meneou a cabeça.

— É alguém que nós e a polícia estamos procurando há muito tempo. O pior é que ainda não temos a menor idéia de quem seja ou de onde opera.

— Mas não é um grupo... os Amigos da Liberdade?

— É, sim. Mas a polícia acredita que o grupo seja pequeno, provavelmente não mais do que meia

dúzia de pessoas, e que um único homem é o cérebro e o líder. Dizem que há semelhanças em todas as sabotagens até agora, o que leva a essa conclusão. Algo assim como uma assinatura pessoal. Quem quer que seja, o homem é um maníaco homicida.

Nim falava com veemência. O efeito das últimas explosões no sistema da GSP & L fora muito pior do que nas vezes anteriores. Numa área anormalmente ampla, casas, lojas e fábricas haviam ficado privadas de energia elétrica por três ou quatro dias e, em muitos casos, até uma semana. O que fez Nim recordar o comentário de Harry London: "Aqueles doidos estão ficando cada vez mais espertos".

Somente com um esforço gigantesco e dispendioso, que exigira o aproveitamento de todos os transformadores de reserva da GSP & L e alguns emprestados de outras companhias, com todo o pessoal disponível sendo deslocado para efetuar os reparos, é que o fornecimento pudera ser restabelecido tão depressa. Apesar de tudo, a GSP & L estava sendo criticada pelo fracasso em proteger adequadamente suas instalações. "O público tem o direito de perguntar se a Golden State Power & Light está fazendo tudo o que pode para evitar a repetição dos lamentáveis acidentes", dissera o Califórnia Exami-

ner num editorial. “A julgar pelas informações disponíveis, a resposta é não”. Contudo, o jornal não apresentara qualquer sugestão para a proteção das incontáveis instalações da GSP & L durante vinte e quatro horas por dia.

Igualmente desanimadora era a ausência de pistas aproveitáveis. É verdade que a polícia tinha em mãos a gravação da voz que fizera o comunicado, gravação essa recebida por uma emissora, no dia seguinte às explosões, e que poderia ser comparada às anteriores. Além disso, haviam encontrado alguns fios de sarja num arame cortado perto do local em que ocorrera o duplo homicídio, certamente da roupa usada pelo assassino. No mesmo arame, havia um pouco de sangue seco, que fora devidamente classificado e diferia dos tipos dos dois guardas mortos. Mas um detetive da polícia dissera a Nim, num momento de franqueza:

— Essas coisas podem ser úteis quando temos alguém ou alguma coisa com que estabelecer um vínculo. Até agora, porém, ainda não fizemos nenhum progresso no sentido de descobrir o culpado.

Interrompendo os pensamentos dele, Karen disse:

— Nimrod, já se passaram quase dois meses desde que nos encontramos pela última vez. Senti

muita saudade.

Nim murmurou, em tom pesaroso:

— Sinto muito... mesmo.

Agora que estava ali, Nim se perguntava como pudera ficar tanto tempo longe. Karen continuava tão linda quanto antes. E quando se haviam beijado, num beijo prolongado, alguns minutos antes, os lábios dela estavam maravilhosos, exatamente como lhe haviam parecido antes. Era como se, num súbito instante, o hiato de tempo houvesse desaparecido.

Havia algo mais de que Nim estava consciente: na companhia de Karen experimentava uma sensação de paz, como acontecia com bem poucas pessoas que conhecia. Era difícil definir a sensação. Talvez a explicação fosse o fato de Karen — que aceitara as limitações de sua própria vida — transmitir muita tranqüilidade e bom senso, sugerindo que outros problemas também poderiam ser resolvidos.

— Os tempos têm sido bastante difíceis para você, Nimrod. Sei disso porque li o que os jornais escreveram a seu respeito e acompanhei os noticiários da televisão.

Ele franziu o rosto.

— As audiências sobre Tunipah... Disseram que eu caí em desgraça, que a culpa foi toda minha.

Karen disse rispidamente:

— Não acredita nisso, assim como eu também não acredito. O que você disse era absolutamente sensato, mas quase todas as reportagens não deram a menor importância.

— A qualquer momento que desejar, Karen, pode cuidar de minhas relações públicas.

Ela hesitou por um instante.

— Depois do que aconteceu, Nimrod, escrevi alguns versos para você. Ia mandá-los, mas depois pensei que você já devia estar cansado de ouvir tanta gente falar-lhe de tanta coisa.

— Mas... guardou os versos?

Karen fez um gesto com a cabeça.

— Guardei. Estão ali, na segunda gaveta.

Nim se levantou e foi até a escrivaninha, sob a prateleira de livros. Abrindo a gaveta, avistou uma folha azul. Pegou e leu o que estava escrito:

O dedo em movimento algumas vezes volta.

Não para reescrever mas para reler;

E o que foi antes ignorado, escarnecido

Pode muito bem em uma lua ou duas,

Talvez em anos,

Ser aclamado como sabedoria.

É preciso tanta coragem

Para falar francamente antes do tempo

*E enfrentar o descrédito dos menos perceptivos,
Assumir o fardo das injúrias.*

Querido Nimrod!

Jamais esqueça: um profeta raramente é louvado

Antes do pôr-do-sol

Do dia em que primeiro proclamou

Verdades amargas

Mas se e quando as suas verdades

Com o tempo se tornarem patentes,

O autor plenamente reabilitado,

*Seja generoso e saiba perdoar no momento da colhei-
ta,*

Seja tolerante e liberal,

Ache graça nas contradições da vida.

Pois nem todos, apenas uns poucos,

São presbitas: a visão ampla, a sagacidade,

Por acaso, por loteria ao nascer,

Concedidas pela natureza tão ocupada.

Silenciosamente, Nim leu os versos pela segunda vez. E finalmente disse:

— Você está sempre me surpreendendo, Karen. E, sempre que isso acontece, fico sem saber o que dizer, a não ser que me sinto comovido e grato.

Nesse momento, Josie, baixa e robusta, a expressão radiante, entrou na sala com urna bandeja repleta, anunciando:

— O jantar está servido!

Era uma refeição simples, mas saborosa: uma salada Waldorf, seguida por casserole de galinha e depois sorvete de limão. Nim trouxera o vinho, um Heitz Cellar Cabernet Sauvignon, magnífico e difícil de se encontrar. Como na ocasião anterior, Nim deu comida a Karen, experimentando a mesma sensação de intensa intimidade partilhada.

Somente uma ou duas vezes, com um vestígio de sentimento de culpa, lembrou-se mais tarde da desculpa que apresentou para não estar em casa naquela noite: uma reunião de negócios da GSP & L. Mas sentia que passar a noite com Karen era diferente; nas demais ocasiões em que mentira para Ruth, a situação era outra. Talvez Ruth não tivesse acreditado na desculpa; mas não deixou transparecer qualquer indício quando ele saiu de casa pela manhã. Havia algo mais a seu favor, pensou Nim: nas últimas quatro semanas, apenas uma vez não chegara em casa a tempo de participar do jantar da família, e fora por estar realmente trabalhando até tarde.

Foi um jantar íntimo, durante o qual Nim e Ka-

ren conversaram tranqüilamente.

Josie tirou os pratos e trouxe o café, e pela segunda vez foi abordado o assunto do furgão de Karen, o Humperdinck. O veículo havia sido adaptado sob a orientação direta de Ray Paulsen, para atender às necessidades da cadeira de rodas de uma pessoa tetraplégica, e comprado da GSP & L pelos pais de Karen.

— Falta explicar — disse Karen — que não sou realmente a proprietária do Humperdinck. Não podia ser. Está registrado em nome de meu pai, embora seja eu quem o use.

O motivo para essa providência era o seguro. Karen esclareceu:

— As taxas de seguro para uma pessoa incapacitada são astronômicas, apesar de alguém como eu jamais poder dirigir. Com o carro em nome de meu pai, as taxas de seguro são mais baixas. É por isso que não sou oficialmente a proprietária do Humperdinck. — Fez uma pausa, antes de acrescentar: — Além do seguro, eu estava preocupada... e ainda estou um pouco... com o fato de papai ter tomado dinheiro emprestado para pagar o Humperdinck. O banco negou o empréstimo, e papai teve de ir a uma financeira, onde arrumou o dinheiro, só que a juros bem mais altos. Sei que será difícil para ele pagar o

empréstimo, pois seus negócios não estão indo muito bem. Além do mais, ele e mamãe sempre me ajudam com algum dinheiro, quando minha pensão é insuficiente. Mesmo assim, insistiram em que eu não me preocupasse, pois resolveriam tudo.

Nim comentou, pensativo:

— Talvez eu possa ajudar. Poderia contribuir pessoalmente com algum dinheiro e ver se a companhia não poderia doar...

Karen interrompeu-o bruscamente:

— Não, de jeito nenhum! Nossa amizade é maravilhosa, Nimrod, e eu a prezo muito. Mas não vou aceitar dinheiro de você... nunca... e nem de qualquer outra pessoa. Se minha família faz alguma coisa por mim, é totalmente diferente, porque nos unimos para conseguir as coisas. Mas isso é tudo. Além do mais, você já nos ajudou bastante com o Humperdinck. — Ela fez uma pausa; ao voltar a falar, a voz estava mais suave: — Sou uma pessoa orgulhosa e independente. Espero que você compreenda.

— Claro que compreendo, e a respeito por isso.

— Ótimo! O respeito é importante. E agora, Nimrod querido só vai poder acreditar na diferença que o Humperdinck fez em minha vida se me deixar mostrar-lhe. Posso fazer um pedido atrevido?

– Pode me pedir qualquer coisa.

– Não poderíamos sair juntos um dia... talvez para irmos a um concerto sinfônico?

Nim hesitou somente por um momento.

– Por que não?

O rosto de Karen se iluminou com um sorriso e ela disse, com o maior entusiasmo:

– Basta dizer-me quando estará livre e providenciarei tudo imediatamente. Ah, como sou feliz!

– Depois de uma pausa; ela acrescentou, impulsivamente: – Beije-me de novo, Nimrod.

Quando Nim se aproximou, ela inclinou a cabeça para a frente, os lábios procurando os dele, ansiosamente. Ele pôs a mão atrás da cabeça dela, os dedos afagando suavemente o cabelo louro e comprido. Karen reagiu comprimindo os lábios contra os dele com mais força. Nim ficou excitado, emocional e sexualmente, e ocorreu-lhe um pensamento: quantas promessas os minutos seguintes não poderiam conter, se Karen fosse normal ao invés de parálitica! Ele interrompeu o beijo, afastando o pensamento. Acariciou o cabelo de Karen por mais um momento e depois voltou a sua cadeira.

– Se eu soubesse como – murmurou Karen – , juro que neste momento começaria a ronronar de satisfação.

Ele ouviu uma tosse discreta e virou a cabeça, deparando com Josie parada na porta. Ela havia tirado o uniforme branco que usara enquanto servia o jantar e estava agora com um vestido marrom de lã. Nim perguntou-se há quanto tempo ela não estaria parada ali.

— Já está pronta para ir, Josie? — indagou Karen, acrescentando em seguida para Nim: — Josie vai visitar a família esta noite.

— Já estou pronta, sim. Mas não seria melhor levá-la para a cama antes de sair?

— Acho que sim. — Karen fez uma pausa, as faces se tornando ligeiramente vermelhas. — Ou posso ir deitar mais tarde, se o sr. Goldman não se importar...

— Se me disser o que fazer, terei o maior prazer — declarou

— Então está tudo acertado — disse Josie. — Já vou embora. Boa noite.

Poucos minutos depois, eles ouviram o barulho da porta do apartamento sendo fechada. Quando Karen falou, parecia haver um toque de nervosismo em sua voz:

— Josie só vai voltar amanhã de manhã. Normalmente, tenho uma empregada de reserva para ficar comigo nestas emergências. Mas, como ela não

está passando bem, minha irmã mais velha virá passar a noite aqui. — Ela olhou para um relógio na parede. — Cynthia deverá chegar dentro de uma hora e meia. Pode ficar esperando?

— Claro.

— Se houver algum problema para você, Jiminy... o zelador a quem conheceu na primeira vez em que esteve aqui... poderá ficar comigo.

Nim disse firmemente:

— Aos diabos com Jiminy! Estou aqui e vou ficar!

— Fico contente por isso. — Karen sorriu. — Ainda resta um pouco de vinho. Vamos acabar com a garrafa?

— Boa idéia.

Nim foi à cozinha, encontrou copos e o Cabernet já novamente arrolhado. Voltando à sala, serviu o vinho restante nos dois copos e segurou um deles, enquanto Karen tomava um gole.

— Estou sentindo um calor maravilhoso — murmurou Karen. — O vinho ajudou, mas não é só por isso.

Num súbito impulso, Nim inclinou-se, segurou o rosto de Karen em sua mão e a beijou novamente. Ela reagiu tão ardentemente quanto nas outras ocasiões,, só que agora o beijo foi ainda mais pro-

longado. Finalmente, um tanto relutante, Nim afastou a cabeça, embora seus rostos permanecessem bem próximos.

— Nimrod...

Era um mero sussurro.

— O que é, Karen?

— Acho que estou pronta para deitar.

Nim descobriu que seu pulso estava acelerado.

— Diga-me o que fazer.

— Primeiro tem de desligar a cadeira da tomada.

Ele foi para trás da cadeira e desligou-a da tomada. O fio retrátil foi alojar-se numa reentrância, enquanto a bateria entrava em funcionamento. Um sorriso malicioso estampou-se subitamente no rosto de Karen.

— Siga-me, Nimrod.

Usando o tubo de controle da cadeira de rodas elétrica e com uma rapidez que só a prática pode proporcionar e que deixou Nim surpreso, Karen manobrou pela sala de estar, atravessou um pequeno corredor e entrou no quarto. Havia ali uma única cama, impecavelmente arrumada. Ao lado, estava acesa uma lâmpada fraca. Karen virou a cadeira, ao pé da cama. .

— Pronto! — Ela olhou para Nim, na expectati-

va.

– O que devo fazer agora?

– Vai me levantar da cadeira e depois girar, como se estivesse jogando golfe, pondo-me na cama. Josie costuma usar uma tipóia que levanta como um guincho. Mas você é forte, Nimrod, e pode me levantar em seus braços.

Ele assim fez, com gentileza, mas firmemente, consciente do corpo quente e macio de Karen. Depois, executou todas as instruções que ela deu relativas ao aparelho respiratório. Ligou um pequeno respirador Bantam, já ao lado da cama. Ouviu imediatamente o zumbido do aparelho entrando em funcionamento; o mostrador indicava quinze libras de pressão. Pôs o tubo na boca de Karen; quando ela começou a respirar, a pressão subiu para trinta libras. Karen já podia dispensar o cinto pneumático que estava usando por baixo das roupas.

– Mais tarde, Nimrod, vou pedir que coloque o respirador peitoral. Mas não agora.

Ela estava estendida na cama, o cabelo comprido espalhado sobre o travesseiro. Era uma visão que teria excitado Botticelli, pensou Nim.

– O que faço agora, Karen?

– Agora... — Ela hesitou e Nim percebeu, à luz fraca, que suas faces novamente cotavam. — Agora

você me despe, Nimrod...

Os olhos de Karen estavam parcialmente fechados. As mãos de Nim tremiam, e ele se perguntou se podia ser realmente verdade o que estava acontecendo. Lembrou-se de que, não fazia muito tempo, dissera a si mesmo que apaixonar-se por Karen envolveria o amor sem sexo, em contraste com o sexo sem amor que experimentara tantas vezes antes. Estaria errado? Será que poderia haver amor e sexo com Karen? Mas, se isso acontecesse, ele seria certamente um homem vil, por tirar proveito brutalmente da impotência dela. Poderia? Deveria? Os problemas éticos pareciam um pesadelo confuso de perguntas sem respostas, um labirinto moral.

Tinha desabotoado a blusa de Karen. Levantou-a pelos ombros, enquanto puxava a blusa pelos braços. Ela não usava sutiã. Os seios pequenos eram perfeitos, os mamilos estavam ligeiramente eretos.

— Acaricie-me, Nimrod...

Era uma ordem, em tom suave. Reagindo, Nim passou as mãos pelos seios dela, as pontas dos dedos acariciando-os. Depois, ajoelhou-se e beijou-os. Sentiu imediatamente os mamilos endurecerem. Karen murmurou:

— Ah, é maravilhoso... — Um momento depois, ela acrescentou: — A saia é desabotoada pelo

lado esquerdo.

Sempre gentilmente, Nim desabotoou a saia e tirou-a. Quando ela ficou nua, as dúvidas e a ansiedade ainda o atormentavam. Mas moveu as mãos, lentamente, sensualmente, como sabia agora que ela estava querendo. Murmúrios suaves deixavam patente o prazer que ela estava experimentando. Depois de algum tempo, Karen sussurrou:

— Quero dizer-lhe uma coisa.

— Estou escutando...

— Não sou virgem. Houve um rapaz... aconteceu quando eu tinha quinze anos, pouco antes de...

— Ela parou de falar abruptamente, e Nim viu que as lágrimas escorriam por suas faces.

— Não, Karen!

Ela sacudiu a cabeça.

— Tenho de contar! Porque quero que você saiba que não houve ninguém em todos esses anos, entre aquele dia tão distante... e agora.

Nim ficou esperando, deixando que o significado das palavras dela penetrassem fundo em sua consciência, antes de finalmente murmurar:

— Está querendo dizer que...?

— Quero você, Nimrod. E quero todo! Agora!

— Oh, Deus...

Nim balbuciou as palavras, sabendo que seu

próprio desejo, sempre à flor da pele, estava começando a prevalecer, com uma urgência irresistível. Acabou descartando-se de todas as dúvidas e começou a tirar a roupa, rapidamente.

Nim sempre imaginara, como outros homens certamente o faziam, como seria fazer amor com uma mulher paralítica. Seria Karen totalmente passiva? O homem teria de fazer todo o esforço, sem que houvesse qualquer reação? E, ao final, haveria prazer para um só, para os dois, ou para nenhum?

Ele estava descobrindo as respostas, e eram todas inesperadas.

Karen exigia, reagia, era excitante, extremamente satisfatória.

De certa forma, ela era de fato passiva. Tirando a cabeça, o resto do corpo era incapaz de qualquer movimento. Contudo, Nim podia sentir o efeito do ato sexual irradiando-se por sua pele, vagina, seios, acima de tudo nos gritos e beijos ardentes. Não era absolutamente, pensou ele num súbito relance, a mesma coisa que fazer amor com um manequim, como muitos podiam pensar. Assim como o prazer também não foi breve. Foi prolongado, como se nenhum dos dois quisesse terminá-lo. Nim tinha a sensação contínua de erotismo, de flutuar e subir pelas nuvens, de alegria e amor intenso, até que fi-

nalmente o fim inevitável chegou: a conquista de uma montanha, o clímax de uma sinfonia, o auge de um sonho. E para ambos! Uma mulher totalmente parálitica podia ter um orgasmo? A resposta, categórica, era sim!

E depois... mais uma vez... um retorno à ternura, ao amor suave e gentil.

Nim ficou estendido, imóvel, feliz, exausto. Imaginou o que ela estaria pensando no momento e se depois iria arrepender-se.

Como se a telepatia tivesse transmitido ambas as perguntas, Karen virou a cabeça e murmurou, com um tom de voz tranqüilo, mas feliz:

— Nimrod, um poderoso caçador do Senhor...

— Uma pausa e ela acrescentou: — Este foi o dia mais feliz de toda minha vida...

- Tive um dia difícil e bem que estou precisando de um drinque — disse Cynthia. — Costuma haver uísque por aqui. Vai querer também?

— Mas claro! — respondeu Nim.

Já se passara uma hora desde que ele fizera amor com Karen, que agora estava dormindo. E ele sentia também a necessidade de um drinque. A irmã mais velha de Karen entrara no apartamento havia vinte minutos, usando sua própria chave. Nim terminara de se vestir algum tempo antes.

Ela se apresentou como Cynthia Woolworth:

— Antes de fazer qualquer pergunta, vou logo dizendo que não, que infelizmente meu marido não tem qualquer relação com a família rica. Eu costumava passar metade do tempo respondendo a essa pergunta; agora, vou informando de saída. Sloan era mais simples.

Cynthia era diferente de Karen, embora tivessem alguns pontos de semelhança. Karen era loura e esguia; Cynthia era morena e tinha o corpo cheio, embora não excessivamente. A personalidade de Cynthia era também mais vigorosa e exuberante. Mas isso talvez se explicasse, pensou Nim, pelo in-

fortúnio que Karen tivera na adolescência e pelas diferenças no estilo de vida desde então. O que ambas tinham em comum era uma rara beleza natural, a mesma simetria delicada das feições, os lábios cheios, os olhos azuis muito grandes, uma pele impecável e, o que era mais característico em Cynthia, as mãos finas e elegantes. Ocorreu a Nim que as duas deviam ter herdado aqueles encantos da mãe Henrietta, em quem ainda perduravam os vestígios da antiga beleza. Ele recordou ainda que Cynthia era três anos mais velha que Karen; sendo assim, tinha quarenta e dois anos, embora parecesse mais moça.

Cynthia encontrou a garrafa de uísque e preparou eficientemente os drinques, com soda e gelo. A economia de movimentos indicava que ela estava acostumada a cuidar de si mesma. Demonstrara-o desde o momento em que entrara no apartamento, tirando a capa molhada e pendurando-a no banheiro, seguindo-se depois as apresentações mútuas.

— Pode sentar-se e relaxar — disse ela. — Trouxe o jornal vespertino. Fique lendo, enquanto faço o que for necessário por minha irmã.

Ela entrou no quarto de Karen e fechou a porta. Nim pôde ouvir um murmúrio de vozes, mas nada mais além disso. Ao sair, quinze minutos depois, Cynthia anunciou que Karen estava dormindo.

Agora, sentada diante de Nim, balançando o uísque no copo, Cynthia o informou:

— Sei o que aconteceu aqui esta noite. Karen me contou.

Desconcertado com a declaração abrupta, Nim mal conseguiu balbuciar:

— Entendo...

Cynthia jogou a cabeça para trás e soltou uma risada. Apontou um dedo acusador para Nim e disse:

— Está com medo! Pensa que vou bancar a irmã mais velha vingadora! Ou que vou chamar a polícia e gritar: "Tarado! Tarado!"

Nim disse, constrangido:

— Não sei se quero ou devo discutir com você...

— Ora, deixe disso! — Cynthia continuava a rir; parou subitamente, assumindo uma expressão séria. — Escute, Nimrod... se posso chamá-lo assim... lamento que tenha ficado constrangido e sei muito bem que isso aconteceu. Pois deixe-me dizer-lhe uma coisa: Karen acha que você é o homem mais gentil, amoroso, terno e bondoso que já existiu e que esta noite foi a mais feliz de toda a sua vida. E, se está interessado numa opinião alheia, também acho a mesma coisa.

Nim ficou olhando para ela, aturdido. Pela segunda vez naquela noite, estava vendo uma mulher chorar.

— Oh, diabos, eu não queria que isso acontecesse! — Cynthia enxugou as lágrimas com um lenço. — Mas acho que estou tão feliz e satisfeita quanto a própria Karen. — Ela o fitou com uma expressão de aprovação, antes de acrescentar: — Ou quase.

A tensão que Nim experimentara um instante antes dissipou-se rapidamente. Sorrindo, ele murmurou:

— Só posso dizer uma coisa: essa não!

— Posso dizer mais do que isso e certamente o farei. Mas, antes, que tal outro drinque?

Sem esperar por uma resposta, ela pegou o copo de Nim e tornou a enchê-lo, juntamente com o seu. Voltando a sentar-se, tomou um gole de uísque antes de começar a falar, lentamente, escolhendo cuidadosamente as palavras:

— Para seu bem, Nimrod, assim como para o de Karen, quero que compreenda uma coisa. O que aconteceu entre você e minha irmã esta noite foi maravilhoso e lindo. Pode não saber ou não compreender, mas algumas pessoas tratam as tetraplégicas como se fossem leprosas. Já vi acontecer al-

gumas vezes, e Karen sente esse problema muito mais. É por isso que, para mim, você é um grande sujeito. Jamais pensou ou tratou Karen como outra coisa que não uma mulher... Oh, não, pelo amor de Deus!... Já estou chorando de novo!

O lenço de Cynthia era visivelmente insuficiente para enxugar as lágrimas. Nim estendeu seu próprio lenço, e Cynthia o fitou com uma expressão de gratidão.

— São as pequenas coisas que você faz... Karen me contou...

Nim murmurou, humildemente:

— Tudo começou... minha primeira visita a Karen... acidentalmente.

— Como acontece com a maioria das coisas.

— E o que aconteceu entre nós esta noite... não planejei nada, nem mesmo pensava... — Nim fez uma pausa. — Simplesmente aconteceu.

— Sei disso. E, já que estamos falando a respeito, deixe-me perguntar-lhe outra coisa. Teve... ou tem... algum sentimento de culpa?

— Tenho — confessou Nim.

— Pois não deve ter! Há algum tempo, quando eu estava procurando descobrir a melhor maneira de ajudar Karen, li um artigo escrito por um homem chamado Milton Diamond. Ele é professor de medi-

cina no Havaí e fez um estudo sobre o sexo e as pessoas incapacitadas. Posso não estar repetindo as palavras com toda a exatidão, mas o sentido do que ele escreveu foi o seguinte: "Os incapacitados já têm problemas suficientes e não precisam que lhes sejam impingidos os valores convencionais, impregnados de sentimento de culpa... a satisfação sexual particular tem precedência sobre a aprovação pública; portanto, qualquer sentimento de culpa é um erro... e sexualmente tudo é válido para as pessoas incapacitadas". — Cynthia fez uma pausa, antes de acrescentar, com alguma veemência: — Você não precisa ter qualquer sentimento de culpa! Absolutamente nenhum!

— Não tenho certeza se conseguirei agüentar mais alguma surpresa esta noite. De qualquer forma, estou satisfeito que tenhamos conversado.

— E eu também estou. Tive de aprender muita coisa sobre Karen, assim como você também terá de fazê-lo. — Cynthia tomou outro gole de uísque, depois disse, pensativa: — Poderia acreditar se lhe contasse que, quando Karen tinha dezoito anos, eu a odiava?

— É realmente difícil de acreditar.

— Pois é verdade. Eu a odiava porque ela recebia todas as atenções de nossos pais e amigos. Era

sempre "Karen isso" e "Karen aquilo", "O que podemos fazer por nossa pobre e querida Karen?". Nunca se dizia: "O que podemos fazer pela saudável e normal Cynthia?". Foi no meu vigésimo primeiro aniversário. Eu queria dar uma festa, mas mamãe disse que era "impróprio", por causa de Karen. Assim, tivemos somente um pequeno chá em família, apenas meus pais e eu. Karen estava no hospital na ocasião. Foi um chá horrível, com um bolo ainda pior. Quanto a meus presentes de aniversário, foram simbólicos, pois tenho certeza de que pode imaginar para onde estava indo todo o dinheiro disponível, até o último centavo. Sinto-me envergonhada ao confessar, mas naquela noite rezei para que Karen morresse.

No silêncio que se seguiu, Nim pôde ouvir, apesar das cortinas fechadas, a chuva batendo contra as janelas. Compreendera perfeitamente o que Cynthia acabara de lhe dizer e estava comovido. Contudo, uma parte de sua mente pensava em outra coisa: mas que chuva maravilhosa! Para um homem que trabalhava numa companhia de serviços públicos como a GSP & L, a chuva significava a acumulação de potência hidrelétrica para agüentar a estação da seca, que se seguiria. Fez um esforço para permanecer atento, e perguntou a Cynthia:

— E quando foi que seus sentimentos mudaram?

— Só depois de alguns anos, e mesmo assim lentamente. Antes disso, passei por um período em que tinha sentimento de culpa. Sentia-me culpada porque era normal e Karen, não. Sentia-me culpada porque podia fazer coisas de que ela não era capaz, como jogar tênis, ir a festas, namorar. — Cynthia suspirou. — Eu não era uma boa irmã.

— Mas é agora.

— Na medida do possível... depois de cuidar de marido, casa, filhos. Foi depois que meu primeiro filho nasceu que comecei a compreender e apreciar minha irmã mais moça. Foi só aí que nos tornamos íntimas. Agora, somos muito amigas, partilhamos idéias e confidências. Não há nada que eu não faça por Karen. E não há coisa alguma que ela não me conte.

Nim disse secamente:

— Era o que eu já tinha imaginado.

Continuaram a conversar. Cynthia falou mais coisas a respeito de si mesma. Tinha casado aos vinte e dois anos, entre outros motivos para sair de casa. Desde então, o marido tivera uma sucessão interminável de empregos; o atual era como vendedor de sapatos. Nim imaginou que o casamento era um

fracasso e que Cynthia e o marido só continuavam juntos por falta de alternativa e por causa dos três filhos. Antes do casamento, Cynthia tomara algumas lições de canto; agora, quatro noites por semana, cantava num *night club* de segunda classe, para complementar o minguado salário do marido. Naquela noite estava de folga e ficaria com Karen, enquanto o marido tomava conta do único filho que ainda estava em casa. Cynthia tomou mais dois uísques enquanto conversavam. Ele não a acompanhou. Não demorou muito para que a voz dela estivesse um pouco engrolada.

Nim finalmente levantou-se.

— Já é tarde, tenho de ir.

— Vou buscar sua capa. Vai precisar, mesmo que seja para andar até o carro. — Ela fez uma pausa, antes de acrescentar: — Se quiser, pode ficar aqui. Há um sofá-cama em que pode dormir.

— Obrigado, mas tenho de ir.

Cynthia ajudou-o a vestir a capa. Na porta do apartamento, beijou-o nos lábios.

— Isso é em parte por Karen... e em parte por mim.

Voltando para casa, Nim tentou repelir o pensamento, por considerá-lo predatório e desleal. Mas o pensamento persistiu: havia tantas mulheres atra-

entes e desejáveis no mundo, e tantas estavam disponíveis, dispostas a partilhar os prazeres sexuais! A experiência, o instinto, os indícios inconfundíveis que ela lhe transmitira, tudo lhe dizia: Cynthia também estava disponível.

Entre outras coisas, Nim era um profundo conhecedor de vinhos. Tinha olfato e paladar aguçados e uma atração especial por variedades de vinhos do vale de Napa, que eram os melhores da Califórnia e nos bons anos se igualavam aos grandes vinhos franceses. Por isso, ficou satisfeito pela oportunidade de ir a Napa, em companhia de Eric Humphrey, apesar de ser final de novembro e mesmo sem ter a menor idéia da razão pela qual fora convidado.

O motivo da viagem era comemorar a volta ao lar. A volta honrosa, sentimental e vitoriosa de um dos mais eminentes filhos da Califórnia.

A volta de Paul Sherman Yale.

Até duas semanas atrás, ele fora um respeitado ministro do Supremo Tribunal dos Estados Unidos.

Se havia alguém que merecia o título de Mr. Califórnia, este era certamente Paul Sherman Yale. Tudo o que um californiano podia desejar ou se empenhar para alcançar fora realizado em sua carreira extraordinária, que agora chegava ao fim.

Desde os vinte e poucos anos, quando se formara com todas as honras na Faculdade de Direito

de Stanford, dois anos antes da maioria de seus contemporâneos, até seu octogésimo aniversário, que acabara de festejar, Paul Yale ocupara uma interminável sucessão de cargos públicos, cada vez mais importantes. Ainda jovem, como advogado, adquirira reputação em todo o Estado por defender os pobres e desamparados . Candidatara-se e fora eleito para a Assembléia Estadual da Califórnia. Depois de dois mandatos, tornara-se o membro mais jovem já eleito para o Senado. Sua atuação nas duas casas legislativas fora extraordinária. Distinguiu-se por ser o autor das primeiras leis para defender as minorias e garantir melhores condições aos trabalhadores. Também lutara por leis que protegiam os lavradores e pescadores da Califórnia.

Deixando o Senado, Paul Sherman Yale fora eleito para o cargo de procurador-geral da Califórnia, declarando guerra ao crime organizado e mandando para a cadeia alguns de seus chefes. O passo seguinte seria sem dúvida o cargo de governador do Estado, que ele poderia ter conquistado facilmente, se assim o desejasse. Em vez disso, Yale aceitara um convite do presidente Truman para ocupar uma vaga no Supremo Tribunal dos Estados Unidos. Fora rapidamente confirmado nas audiências do Senado, uma conclusão esperada, já que, tanto na ocasião

como posteriormente, nenhuma aragem de escândalo ou corrupção envolveu seu nome, motivo pelo qual de vez em quando lhe davam outro apelido: Mr. Integridade.

Enquanto servia no mais alto tribunal do país, Yale escrevera muitos pareceres que refletiam seus princípios humanistas, ao mesmo tempo que estes eram elogiados pelos estudiosos como "direito puro". Até mesmo seus pareceres divergentes da maioria eram amplamente citados, e alguns provocaram mudanças legislativas. Em meio a tudo, Yale jamais esqueceu de que ele e sua esposa Beth eram californianos, e em todas as oportunidades manifestava sua afeição pelo Estado em que nascera.

Quando chegou à conclusão de que seu trabalho estava concluído, Yale renunciou ao cargo e deixou Washington, sem qualquer alarde, o que era típico de seu comportamento. Numa entrevista à Newsweek, disse que estava voltando "para o oeste e para casa". Rejeitou a sugestão de um suntuoso banquete em sua homenagem em Sacramento, mas acabou concordando com um almoço mais modesto de boas-vindas no lugar onde nascera e que sempre amara, Napa, onde os Yale pretendiam passar os últimos anos de suas vidas.

Entre os convidados, por sugestão do próprio

Yale, estava o presidente da Golden State Power & Light. Humphrey pediu e obteve um convite extra para seu assistente, Nim.

A caminho de Napa, na limusine com motorista da presidência da companhia, Humphrey mostrou-se bastante afável, enquanto trabalhava com Nim em diversos planos e problemas, como sempre faziam em viagens desse tipo. Era evidente que o presidente já esquecera sua insatisfação com Nim. O objetivo daquela viagem não foi mencionado em momento algum.

Mesmo à entrada do inverno e várias semanas depois da época da colheita, o vale era extraordinariamente bonito. Era um dia ensolarado, claro e ameno, depois de vários dias de chuva. Já se podiam ver as primeiras ervas daninhas, cor de mostarda, crescendo entre as videiras, agora sem folhas, e que em breve seriam podadas para o ano seguinte. Nas semanas subseqüentes, as ervas daninhas cresceriam em profusão, até serem cortadas para servir como fertilizante e, segundo alguns, acrescentar uma pungência especial às uvas e ao vinho.

— Observe como as videiras estão espaçadas — comentou Humphrey, que largou o trabalho ao entrarem na região central do vale, onde as videiras se estendiam a perder de vista até as distantes colinas

verdejantes, em todas as direções. — O espaçamento é muito maior do que antigamente. É para permitir a colheita mecânica, o meio encontrado pelos produtores para derrotar os sindicatos. Os líderes sindicais, com sua intransigência, estão privando de empregos seus próprios comandados. Não vai demorar muito para que a utilização de mão-de-obra aqui seja mínima, pois a maioria dos trabalhos será realizada por máquinas, com muito mais eficiência.

Passaram pela cidadezinha de Yountville. Alguns quilômetros adiante, entre Oakville e Rutherford, entraram na Vinícola Robert Mondavi, onde seria realizado o almoço.

O convidado de honra e sua esposa haviam chegado cedo e estavam no elegante salão da vinícola recebendo os demais convidados. Humphrey, que já se encontrara antes com os Yale por diversas vezes, apresentou Nim.

Paul Sherman Yale era baixo, empertigado e lépido, tinha cabelo branco escasso, olhos castanhos, que pareciam penetrar até o fundo do que quer que estivesse olhando, e uma exuberância que não combinava com seus oitenta anos de idade. Para surpresa de Nim, ele disse:

— Eu estava mesmo aguardando a oportunidade de conhecê-lo, meu jovem. Antes de você vol-

tar para a cidade, vamos encontrar um canto sossegado para podermos conversar um pouco.

Beth Yale, uma mulher graciosa e simpática, que se casara com Paul quando ele ainda era um jovem deputado estadual e ela sua secretária, havia mais de cinquenta anos, disse a Nim:

— Acho que vai gostar de trabalhar com Paul. A maioria gosta.

Assim que pôde, Nim puxou Humphrey para um lado e perguntou em voz baixa:

— O que está acontecendo, Eric? Por que viemos até aqui?

— Fiz uma promessa, Nim. Se contasse agora, eu a estaria quebrando. Espere mais um pouco.

A medida que os convidados que chegavam iam se multiplicando e aumentava interminavelmente a fila dos que esperavam para apertar a mão dos Yale, foi se tornando cada vez mais patente a solenidade da ocasião. Parecia que todo o vale de Napa comparecera para apresentar suas homenagens. Nim reconheceu os rostos ligados a algumas das maiores vinícolas da Califórnia: Louis Martini, Joe Heitz, Jack Davies de Schramsberg, o anfitrião Robert Mondavi, Peter Mondavi de Krug, André Tchelistcheff, irmão Timothy da

Christian Brothers, Donn Chapellet e muitos

outros. O governador, ausente do Estado na ocasião, enviara o vice-governador para representá-lo. Os meios de comunicação também estavam presentes, inclusive diversas equipes de televisão.

O almoço fora classificado de particular e informal; no entanto a maioria dos californianos assistiria às reportagens sobre ele na televisão ou leria no jornal, naquela noite e no dia seguinte.

Terminado o almoço, acompanhado dos vinhos do vale de Napa, como não podia deixar de ser, houve alguns discursos introdutórios, felizmente breves. Foi feito um brinde a Paul e Beth Yale, seguindo-se uma estrondosa e espontânea ovação, todos de pé. O convidado de honra levantou-se, sorrindo, para agradecer. Falou por meia hora, descontraída, afetuosa e eloqüentemente, como se estivesse conversando com amigos. Não havia nada de sensacional, nenhuma revelação espetacular, apenas as palavras do garoto que finalmente voltava para casa.

— Ainda não estou preparado para morrer. Quem está? Mas, quando eu partir para a eternidade, quero embarcar no ônibus aqui.

O discurso estava chegando ao fim.

— Até que esse ônibus chegue, tenciono manter-me em atividade e, como espero, mostrar-me

útil. Há um trabalho que me disseram quê posso realizar para prestar algum serviço à Califórnia. Depois de pensar a respeito e conversar com minha esposa, que estava mesmo apreensiva com a perspectiva de me ver em casa durante o dia inteiro... (risos) aceitei o convite para ingressar na equipe da Golden State Power & Light. Não como leitor de medidores; infelizmente, minha vista já começa a me faltar... (mais risos), mas como membro da diretoria e porta-voz da companhia. Em deferência a meus poucos cabelos brancos, permitiram-me determinar o horário que melhor me aprouvesse; assim, provavelmente chegarei ao escritório... nos dias em que me dignar aparecer... a tempo de aproveitar o almoço por conta da verba de representação... (risos altos). Meu novo chefe, o sr. Eric Humphrey, está aqui presente hoje, provavelmente para apanhar minha ficha da Previdência Social e minha folha de serviços... (risos e palmas).

E houve mais, no mesmo tom. Depois, Humphrey informou a Nim:

— O velho insistiu no sigilo enquanto estávamos negociando e depois quis fazer o comunicado a sua maneira. Por isso não pude contar-lhe nada antes, muito embora você tenha sido o escolhido para trabalhar com ele e orientá-lo a respeito de todos os

problemas da companhia.

Quando Paul Sherman Yale concluiu seu discurso e se sentou, sob aplausos, os repórteres rapidamente cercaram Eric Humphrey.

— Ainda temos de definir todos os detalhes — disse-lhes Humphrey —, mas essencialmente o papel do sr. Yale será o que ele próprio descreveu: o de porta-voz da companhia, tanto publicamente como perante os comissários de serviços públicos e os legisladores.

Humphrey parecia extremamente satisfeito ao responder as perguntas dos repórteres da melhor forma que podia, pensou Nim. Recrutar os serviços de Paul Sherman Yale, atraí-lo para a órbita da GSP & L, era realmente uma manobra espetacular. Não apenas Yale tinha uma imensa credibilidade pública, como também todas as portas oficiais da Califórnia, do governador para baixo, sempre lhe estariam abertas. Evidentemente, ele seria no fundo um lobbyist*, embora Nim tivesse certeza de que tal palavra jamais seria mencionada na presença dele.

O pessoal da televisão já estava cercando o no-

* Pessoa que trabalha junto aos membros de corpos legislativos federais ou estaduais — atuando, em geral, no lobby das casas do Congresso —, a fim de obter dos legisladores a aprovação de medidas de interesse de suas empresas.

vo porta-voz da GSP & L para arrancar-lhe uma declaração. Seria a primeira de muitas, pensou Nim, algumas semelhantes às que poderia ter continuado a fazer, se não tivesse perdido o controle e explodido naquela audiência da Comissão de Energia da Califórnia. Observando agora a cena, ele sentiu uma pontada de inveja e arrependimento.

— Além do mais — disse Beth Yale a Nim, com uma franqueza que mais tarde ele descobriria ser característica sua —, estamos precisando de dinheiro. Ninguém fica rico no Supremo Tribunal, e viver em Washington é tão caro que não pudemos economizar nada. O avô de Paul criou um fundo de investimentos para a família, mas tem sido horrivelmente mal administrado... Importa-se de pôr mais lenha na lareira?

Estavam sentados diante de uma lareira de pedra, numa casa pequena mas confortável, num vinhedo, a cerca de dois quilômetros do local em que haviam almoçado. A casa fora alugada aos Yale pelo proprietário, que a usava apenas no verão. Eles ficariam ali até encontrar um imóvel que lhes agradasse.

Nim pôs mais lenha na lareira e remexeu a que já estava lá, formando um braseiro agradável.

Meia hora antes, Paul Sherman Yale pedira licença a fim de tirar o que chamara de "cochilo para recarregar as baterias". E explicara:

— É um recurso que aprendi há muitos anos, ao descobrir que minha atenção começava a vague-

ar. Alguns de meus colegas fazem isso até mesmo durante um julgamento.

Antes, haviam conversado por mais de duas horas sobre os problemas da Golden State Power & Light.

A "conversa num canto sossegado" com Nim, a que Paul Yale se referira antes do almoço, não pudera acontecer, pelo simples motivo de ele não ter conseguido fugir de seus admiradores. Por isso, Yale sugerira que Nim os acompanhasse até a pequena casa em que estavam residindo provisoriamente.

— Se vou fazer alguma coisa, meu jovem, quero começar logo a entrar em ação. Eric me disse que é você que pode me proporcionar a melhor visão global da companhia. Sendo assim, vamos conversar o mais depressa possível.

E foi precisamente o que fizeram. Enquanto Nim descrevia a situação, a política e os problemas da GSP & L, Paul Yale fazia perguntas objetivas e pertinentes. Nim descobriu que aquilo era um exercício mental estimulante, como jogar xadrez com um adversário à altura. O velho jurista parecia não ter esquecido coisa alguma dos anos que passara na Califórnia, e havia alguns aspectos em que seu conhecimento da história da GSP & L superava o de

Nim.

Enquanto o marido tirava o "cochilo para recarregar as baterias", Beth Yale serviu o chá diante da lareira. Pouco depois, Paul Yale voltou, anunciando:

— Ouvi-a falar do fundo de investimentos da família.

A esposa colocou mais água no bule e uma xícara diante dele.

— Eu sempre disse que você tem ouvidos de tuberculoso.

— É por causa dos muitos anos que passei no tribunal... tentando escutar os advogados quando eles começavam a murmurar, ficariam surpresos se descobrissem quantos falam assim. — Paul Yale virou-se para Nim. — O fundo de investimentos de que Beth falou foi criado por meu avô, na esperança de que o serviço público se tornasse uma tradição na família. Ele achava que qualquer um que quisesse esse caminho tinha de estar livre das preocupações com um rendimento apropriado. Não é um ponto de vista em voga atualmente, mas eu concordo plenamente com ele. Conheci muitas pessoas em altos postos, em Washington, tendo de se virar para conseguir algum dinheiro extra. O que sempre as deixa expostas a tentações. Yale tomou um gole do chá que a esposa lhe servira e comentou:

— O chá da tarde é um costume dos mais civilizados. É algo que devemos aos ingleses... além da estrutura de nosso direito. — Pôs a xícara na mesinha. — Como Beth disse, o fundo de investimentos da família tem sido pessimamente administrado. Enquanto eu estava no Supremo, não podia fazer nada. Mas, agora, já comecei a reparar alguns danos. — Ele soltou uma risadinha e acrescentou: — Além de passar a trabalhar para a GSP & L.

— Não é por nós mesmos — explicou Beth Yale. — Mas temos netos que demonstram toda a disposição de querer ingressar na vida pública. Pode ajudá-los mais tarde.

Nim sentiu que o problema do fundo de investimentos era um motivo de amargura para os Yale. Confirmando a impressão, Paul Yale resmungou:

— O fundo possui um vinhedo, uma fazenda de gado e dois prédios de apartamentos na cidade. E, por mais incrível que possa parecer, tudo estava dando prejuízo, criando dívidas, corroendo o capital. Na semana passada, tive uma conversa séria com o administrador, exigindo que reduzisse drasticamente as despesas. — Ele parou de falar abruptamente, acrescentando depois de uma breve pausa: — Beth, estamos aborrecendo esse jovem com nossos problemas de família. Vamos voltar a falar da

God's Power & Love (Força & Amor de Deus).

Nim riu ao ouvir a expressão, usada pelos velhos habitantes do Estado para se referirem à GSP & L.

— Estou preocupado, tanto quanto você, com os atos de sabotagem e os assassinatos que têm ocorrido — continuou Paul Yale. — As pessoas que reivindicam a autoria... como é mesmo que se chamam?

— Amigos da Liberdade.

— Ah, é isso mesmo! Um interessante exercício de lógica: "Seja livre a minha maneira ou vou acabar com você". Sabe por acaso se a polícia está prestes a agarrar os culpados?

— Aparentemente, não.

— Por que essas pessoas estão agindo assim? — indagou Beth Yale. — É o mais difícil de compreender.

— Umas poucas pessoas na companhia têm pensado e conversado muito a respeito — comentou Nim.

Paul Yale prontamente perguntou:

— Pensado o quê?

Nim hesitou. Mencionara o assunto num impulso súbito e agora, sob o olhar penetrante de Yale, estava arrependido por tê-lo feito. Contudo a per-

gunta tinha de ser respondida. Nim explicou a teoria da polícia, segundo a qual o grupo dos Amigos da Liberdade era pequeno, tendo um único homem como cérebro e líder.

— Partindo do pressuposto de que isso é verdade, achamos que se pudéssemos penetrar, mesmo que parcialmente, na mente desse homem, a quem chamamos de X, poderíamos melhorar nossas possibilidades de agarrá-lo. Poderíamos prever o que ele faria em seguida e teríamos até condições de nos preparar para recebê-lo devidamente.

O que Nim não contou foi que a idéia lhe ocorrera depois das últimas explosões, quando dois guardas de segurança haviam sido assassinados. Desde então, ele, Teresa van Buren, Harry London e Oscar O'Brien tinham se reunido três vezes, demoradamente, para conversar a respeito. Embora ainda não tivessem chegado a qualquer conclusão positiva, todos sentiam que estavam se aproximando da motivação dos sabotadores desconhecidos e de X. O'Brien, que ainda acalentava alguma hostilidade contra Nim por causa das audiências sobre Tunipah, opusera-se inicialmente à sugestão, classificando-a de "desperdício de tempo". Mais tarde, porém, o chefe do serviço jurídico da companhia acabara aceitando a idéia e começara a participar das reuni-

ões. Era um homem culto, e, com sua mente objetiva de advogado, proporcionara uma contribuição substancial às discussões.

— Partiram do pressuposto de que X é um homem — comentou Paul Yale. — Já consideraram a possibilidade de ser uma mulher?

— Já, sim. Mas tudo indica que se trata mesmo de um homem, principalmente porque a voz é de homem nas gravações recebidas logo depois de cada explosão, e parece provável que seja a do próprio X. Chegamos também à conclusão de que, ao longo da história, quase todos os líderes de revoluções armadas têm sido homens. Os psicólogos dizem que as mentes das mulheres são lógicas demais e os detalhes de uma revolução raramente têm sentido para elas. Joana d'Arc foi uma exceção.

Paul Yale sorriu:

— Que outras teorias já formularam?

— Muito embora o líder não seja uma mulher, estamos convencidos de que existe uma mulher entre os Amigos da Liberdade, certamente muito ligada a X.

— Por que pensam assim?

— Por diversas razões. Primeira: X é extremamente vaidoso. As gravações mostram-no claramente; nós as ouvimos diversas vezes. Segunda: ele é

bem viril. Prestamos atenção nas gravações à procura de qualquer indício de homossexualismo, quer nas palavras quer na entonação. Não havia nenhum. Ao contrário, o tom, a escolha das palavras... a descrição a que chegamos, depois de ouvirmos as gravações inúmeras vezes, foi a de que se trata de "um jovem e robusto macho".

Beth Yale estava escutando atentamente e nesse momento comentou:

— Então seu "X" é um macho típico. Mas onde isso nos leva?

— Estamos convencidos de que há uma mulher — respondeu Nim. — Nosso raciocínio foi o de que um homem como X precisaria ter uma mulher por perto, não poderia viver sem mulher. Além disso, ela deve ser uma confidente... pelo simples motivo de estar tão integrada no grupo e porque a vaidade de X assim o exige. Vejam a coisa pelo seguinte ângulo: X se considera um personagem heróico, o que está patente nas gravações. Sendo assim, vai querer que sua mulher o encare dessa forma. E outro motivo para que ela saiba e provavelmente partilhe o que ele está fazendo.

— Não resta a menor dúvida de que vocês conseguiram formular uma infinidade de teorias — comentou Paul Yale, um tanto divertido e cético. —

Mas eu diria que chegaram apenas a suposições, puras conjecturas, sem provas concretas.

— Tem razão.

Nim sentiu-se embaraçado, como se estivesse bancando o tolo. Diante da reação de um ministro do Supremo Tribunal, tudo o que acabara de relatar parecia inverossímil, até mesmo absurdo... especialmente agora que estava longe de seus três colegas de especulações. Decidiu não revelar as conclusões restantes, embora estivessem bem nítidas em sua mente.

A polícia estava convencida, por causa do *modus operandi* e de uma insinuação na última gravação, de que o líder dos Amigos da Liberdade, X, era o assassino dos dois guardas. O grupo integrado por Nim, London, Teresa van Buren e O'Brien, depois de muitas discussões, chegara também a essa conclusão. Além disso, haviam analisado a possibilidade, e agora estavam convencidos de que a mulher de X estava no local do crime. O raciocínio: aquele fora o projeto mais ambicioso de X até aquele momento, e ele certamente haveria de querer, consciente ou subconscientemente, que sua mulher o visse em ação. O que a transformava não apenas em testemunha, mas também em cúmplice do crime.

Como tal conhecimento... ou melhor, suposi-

ção... os aproximava da descoberta da identidade de X?

A resposta: não aproximava. Mas revelava uma fraqueza em potencial, um ponto vulnerável de X que poderia ser explorado. Como explorá-lo, se é que era possível, continuava a ser um problema sem solução.

Agora, pensou Nim, tudo parecia improvável e inverossímil.

Ele chegou a uma conclusão: a avaliação de Paul Yale era provavelmente o tipo de ducha de água fria de que todos estavam precisando. No dia seguinte, iria pensar na perspectiva de abandonar todo o esquema, deixando o trabalho de detetive a quem entendia do assunto, ou seja, à polícia municipal, ao FBI e aos diversos departamentos policiais que estavam trabalhando no caso dos Amigos da Liberdade.

Seus pensamentos foram interrompidos pela chegada da empregada dos Yale, que informou:

— Chegou o carro que veio buscar o sr. Goldman.

— Obrigado — disse Nim, levantando-se para ir embora. Uma segunda limusine da companhia viera da cidade para buscá-lo, pois Eric Humphrey, que tinha outro compromisso, partira assim que

acabara o almoço. — Foi um privilégio conhecê-los — disse ele ao casal. — E quando precisar novamente de mim, senhor, estou a sua disposição.

— Tenho certeza de que precisarei muito em breve. E devo dizer que apreciei muito nossa conversa. — Os olhos faiscaram, antes de ele acrescentar: — Pelo menos, a parte objetiva.

Nim decidiu que, no futuro, quando estivesse lidando com alguém do gabarito de Paul Sherman Yale, iria limitar-se exclusivamente aos fatos concretos.

A oportunidade que Harry London estava esperando surgiu inesperadamente.

O chefe do Departamento de Proteção à Propriedade estava em seu cubículo envidraçado — o departamento ainda não recebera instalações definitivas e ocupava um espaço improvisado —, quando ouviu o telefone de sua secretária tocar lá fora. Um momento depois, seu próprio telefone tocou.

Ele atendeu, preguiçosamente, pois era assim que se sentia naquele momento. Os últimos dois meses haviam sido um período monótono, em que não ocorrera nada de mais importante no setor de desvio de energia. A rotina prevalecia. Ao final do verão, um levantamento de computador revelara a existência espantosa de trinta mil possíveis casos de desvio de energia. Desde então, London, seu assistente Art Romeo e sua equipe, agora composta por cinco investigadores, estavam verificando os casos suspeitos, um a um. Como Harry London sabia perfeitamente, por sua experiência como detetive da polícia de Los Angeles, aquele era um trabalho de perseverança, monótono e cansativo. E de resultados variáveis.

Cerca de dez por cento das investigações até aquele momento haviam produzido provas suficientes para a GSP & L processar os consumidores e exigir o pagamento das contas atrasadas. Outros dez por cento mostravam que as mudanças nos níveis de consumo estavam baseadas em razões válidas, tais como uma poupança genuína, estando os consumidores inocentes. Os demais casos eram inconclusivos.

Para todos os envolvidos, o trabalho parecia lento e interminável. Era por isso que Harry London, com a cadeira inclinada para trás, os pés em cima da mesa, chegara a um estado de tédio naquela tarde em meados de dezembro.

— Alô! — disse ele ao telefone.

Uma voz perguntou, num sussurro quase inaudível:

— É o sr. London?

— Sim.

— Quem está falando é Ernie, o zelador do Edifício Zaco. O sr. Romeo disse que lhe telefonasse se aqueles homens voltassem. Eles estão aqui agora.

Os pés de London bateram no chão, como se fossem de mola. Ele se empertigou na cadeira.

— Os mesmos que adulteraram os medidores?

— Exatamente. Eles chegaram num caminhão,

o mesmo de antes. Estão trabalhando agora. Escute, não posso ficar falando ao telefone por mais de um minuto.

— Não será necessário. Preste bastante atenção. Já anotou o número da placa do caminhão?

- Já.

— Ótimo! Iremos para aí o mais depressa possível. Enquanto estamos a caminho, não faça nada que possa deixar os homens desconfiados. Mas, se eles se prepararem para ir embora, tente retê-los, falando qualquer coisa.

Enquanto falava ao telefone, London apertou um botão, chamando sua secretária. O interlocutor, ainda sussurrando, parecia estar em dúvida:

— Farei o que for possível. Escute, o sr. Romeo disse que eu receberia uma recompensa...

— Pode estar certo quanto a isso, meu amigo. É uma promessa. E agora faça o que estou dizendo. Já estou indo para aí.

London desligou o telefone. Sua secretária, uma jovem e inteligente sino-americana chamada Suzy, estava parada na porta. London lhe disse:

— Vou precisar da ajuda da polícia municipal. Ligue para o tenente Wineski; sabe onde encontrá-lo. Se não encontrar Wineski, peça a alguém da Divisão de Detetives para ir encontrar-me no Edifício

Zaco. Diga que o caso sobre o qual conversei com Wineski está estourando. E depois tente entrar em contato com Art Romeo. Diga-lhe a mesma coisa, e que deve ir imediatamente para o Zaco. Entendido?

— Claro, sr. London.

— Ótimo!

London correu até o elevador, que o levaria à garagem no subsolo. Enquanto descia, calculou que, guiando depressa e se o tráfego estivesse razoável, poderia chegar ao Edifício Zaco em dez minutos, ou menos.

A estimativa de Harry London não levou em consideração dois fatores: o início prematuro do rush a partir do centro da cidade e a proximidade do Natal, apinhando as ruas do centro e obrigando os carros a quase se arrastarem. Na maior frustração, ele levou vinte minutos para chegar ao Edifício Zaco, que ficava do lado oposto da zona comercial da cidade.

Ao parar o carro, reconheceu imediatamente o carro da polícia, sem qualquer identificação, que chegara poucos segundos antes. Dois homens à paisana estavam saltando. Um era o tenente Wineski. London abençoou sua sorte. Wineski era um amigo, um policial cuja amizade London sempre cultivara, sendo que sua presença iria evitar explicações e

perda de tempo.

O tenente Wineski vira London e ficou esperando, junto com o outro policial, um detetive chamado Brown. London conhecia-o de vista.

— Qual é o caso, Harry? — Wineski era jovem, inteligente, ambicioso; mantinha o corpo esguio e, ao contrário da maioria de seus colegas, vestia-se bem. Gostava também dos casos fora do comum, pois freqüentemente lhe proporcionavam boa publicidade.

Comentava-se na polícia que Boris Wineski ainda iria subir muito e que provavelmente chegaria ao topo do departamento. London respondeu:

— Uma boa informação, Boris. Vamos entrar logo.

Os três atravessaram rapidamente o pátio do prédio. Duas décadas antes, o Edifício Zaco, com vinte e três andares, de concreto armado, era moderno e elegante, o tipo de lugar onde uma grande corretora ou uma agência de publicidade poderia alugar vários andares. Agora, como outros prédios de escritórios do gênero, apresentava sinais de decadência, com vários dos antigos inquilinos se mudando para prédios mais novos, nos quais predominavam o vidro e o alumínio. A maior parte da área do Edifício Zaco continuava alugada, só que

para inquilinos de menor prestígio. Podia-se supor, sem a menor hesitação, que o prédio era hoje muito menos lucrativo do que em seu apogeu.

Tudo isso Harry London já sabia com base em suas investigações anteriores.

O saguão do prédio, imitação de mármore, com os elevadores de frente para a entrada, estava começando a se encher com os funcionários dos escritórios, que deixavam o trabalho. Esquivando-se do fluxo de pessoas que saíam, London seguiu na frente até uma porta de metal que ele sabia, por uma visita anterior, dar acesso aos três andares inferiores.

No caminho, ele deu aos dois policiais um sumário do telefonema que recebera vinte e cinco minutos antes. Agora, descendo rapidamente a escada de cimento, London estava rezando para que os homens que estava procurando ainda estivessem no prédio.

Outra coisa que o chefe do Departamento de Proteção à Propriedade sabia era que os medidores e controles de energia elétrica e gás estavam no último piso. Era dali que se distribuía a energia fornecida ao prédio, para o aquecimento, a operação dos elevadores, o ar condicionado e a iluminação.

Quase ao pé da escada, um homem muito magro, esquelético mesmo, de macacão, com o cabelo

louro desgrenhado e a barba por fazer, parecia estar examinando as latas de lixo. Levantou a cabeça, abandonando o que estava fazendo e adiantou-se quando Harry London e os dois policiais apareceram.

— Sr. London?

Não havia a menor dúvida de que era a mesma voz débil que ele ouvira ao telefone.

— Sou eu mesmo. Você é Ernie, o zelador?

O homem de macacão confirmou.

— Demorou um bocado.

— Não pude chegar antes. Os homens ainda estão aqui?

— Lá dentro. — O zelador apontou para uma porta de metal, semelhante às que existiam nos andares superiores.

— Quantos são?

— Três. E o meu dinheiro?

— Tenha paciência, pelo amor de Deus! — exclamou London, irritado. — Já falei que vai receber.

O tenente Wineski interveio:

— Há mais alguém aí dentro?

O zelador sacudiu a cabeça, com uma expressão mal-humorada.

— Não há mais ninguém aqui embaixo.

— Ótimo! — Wineski se adiantou, assumindo o

controle da situação e dizendo ao outro detetive e a London: — Vamos agir depressa. Harry, você entra por último. Depois que entrarmos, fique esperando ao lado da porta até eu chamá-lo. — Acrescentou para o zelador: — Fique esperando aqui. — Wineski pôs a mão na porta de metal e depois gritou: — Agora!

No instante em que a porta se abriu, os três homens avançaram. Lá dentro, junto à parede do outro lado, a cerca de oito metros de distância, três homens estavam trabalhando. Mais tarde, Harry London iria comentar, com a maior satisfação:

"Se tivéssemos despachado pelo correio uma lista de como gostaríamos que nos arrumassem as provas, eles não poderiam ter feito melhor".

A caixa do transformador da corrente elétrica, instalada pela GSP & L e depois trancada, estava aberta. Diversas chaves do transformador, como se constatou depois, haviam sido puxadas, envoltas com fita isolante e depois novamente empurradas para o lugar. O efeito era a redução em um terço dos registros de consumo. A poucos passos, um medidor de gás apresentava um desvio ilegal parcialmente exposto. Os equipamentos e ferramentas para o trabalho estavam espalhados ao redor: havia alicates isolantes, grifos, lacres de chumbo, uma prensa

de lacre mecânica (roubada da GSP & L), a chave especial da caixa do transformador introduzida na fechadura.

Wineski disse, incisivamente:

— Somos da polícia! Não se mexam! E deixem tudo onde está!

Ao ouvirem a porta se abrir, dois dos homens haviam se virado. O terceiro, deitado no chão e trabalhando no desvio do medidor de gás, rolou para o lado a fim de ver o que estava acontecendo e depois rapidamente se agachou, ficando todo encolhido. Os três estavam usando macacões do tipo uniforme, podendo-se ler no peito as letras SEGQ, que mais tarde se verificou significarem Serviços de Eletricidade & Gás Quayle.

Um dos homens perto da porta era imenso, barbudo, parecendo um campeão de luta livre. Os antebraços, com as mangas enroladas, apresentavam músculos poderosos. O outro era jovem, parecendo pouco mais que um menino, com o rosto fino e feições delicadas. Deixou transparecer no mesmo instante uma reação de pavor.

O homem imenso e barbudo não ficou tão intimidado. Ignorando a ordem para não se mexer, pegou um imenso pedaço de cano, ergueu-o e começou a avançar.

Harry London, que ficara para trás conforme lhe fora determinado, viu Wineski enfiar a mão debaixo do paletó e tirá-la um instante depois, empunhando um revólver.

— Sou um exímio atirador. Se der outro passo, vou meter uma bala em sua perna. — O gigante barbudo hesitou. — Largue esse cano! Agora!

O outro detetive, Brown, também estava com um revólver na mão. Relutantemente, o homem obedeceu.

— Todos encostados na parede! — gritou Wineski.

O terceiro homem, mais velho que os outros dois, estava agora de pé e dava a impressão de que tentaria fugir.

— Não tente nenhuma besteira! Simplesmente vire-se e fique de cara para a parede! Vocês dois! Fiquem ao lado dele, da mesma maneira!

Com o rosto contraído e ódio nos olhos, o gigante barbudo recuou. O rapaz, com o rosto pálido e o corpo tremendo visivelmente, já correra para cumprir a ordem. Houve uma pausa, durante a qual as três algemas foram colocadas.

— Muito bem, Harry — disse Wineski. — Conte-nos agora o que significa tudo isso.

— É a prova concreta que estávamos procurando.

do, a prova incontestável do desvio de energia elétrica e gás em larga escala.

— É capaz de jurar isso num tribunal?

— Claro! E muitos outros irão dizer a mesma coisa. Podemos arrumar-lhes tantas testemunhas técnicas quantas quiser.

— Está certo.

Wineski virou-se para os três homens algemados:

— Continuem de cara para a parede, mas prestem toda a atenção: estão todos sob ordem de prisão e sou obrigado a avisá-los sobre seus direitos. Não precisam falar nada. Mas se o fizerem...

Depois de pronunciar as palavras familiares do ritual Miranda, informando aos presos os seus direitos, Wineski fez um gesto para que Brown e London o acompanhassem até a porta. E ali ele disse, em voz baixa:

— Estou querendo separar os três. Pelo jeito, sou capaz de apostar que o garoto está prestes a desmoronar, que pode confessar tudo. Procure um telefone, Brown, e chame outro carro.

— Está bem.

O segundo detetive tornou a guardar a arma e afastou-se. A porta agora estava aberta. Momentos depois, soaram passos descendo apressadamente a

escada, Wineski e London viraram-se rapidamente e só relaxaram quando Art Romeo apareceu na porta. Harry London disse a seu assistente:

— O negócio deu certo. Dê uma olhada.

Art Romeo, pequeno e furtivo, parecendo pertencer também ao submundo, contemplou a cena e assoviou baixinho. O tenente Wineski, que conheceu Romeo antes de ele começar a trabalhar para a GSP & L, disse-lhe:

— Se isso aí na sua mão é uma máquina fotográfica, acho bom começar logo a bater as chapas.

— Claro, tenente!

Romeo abriu a máquina fotográfica e instalou o flash automático. Enquanto tirava dezenas de fotografias dos equipamentos espalhados e do trabalho ilegal incompleto, os reforços policiais chegaram. Eram dois guardas uniformizados, acompanhados pelo detetive Brown.

Poucos minutos depois, os presos foram levados para fora, o rapaz, ainda apavorado, na frente e separado dos outros. Um guarda ficou no local, para guardar as provas. Ao sair, Wineski disse a Harry London, piscando um olho:

— Quero interrogar o garoto pessoalmente. Pode deixar que lhe telefonarei se acontecer alguma coisa.

— Wineski estava absolutamente certo — informou Harry London a Nim Goldman. — O garoto... por falar nisso, ele tem apenas dezoito anos e saiu há pouco de uma escola profissionalizante... desmoronou sem qualquer dificuldade e contou tudo. Depois, Wineski e Brown aproveitaram o que ele disse para arrancar mais informações dos outros.

Quatro dias se haviam passado desde a confrontação e as prisões no Edifício Zaco. Imediatamente depois, London deu a notícia a Nim. Agora, como convidado de Nim para o almoço no refeitório dos executivos da sede da GSP & L, estava dando mais detalhes.

— Vamos, conte o resto — disse Nim.

Eles haviam feito uma pausa para saborear o guisado de carneiro, um "especial do dia", muito popular, pelo qual o cozinheiro era afamado.

— Segundo Boris Wineski me contou, o grandalhão, cujo nome é Kasner, não falou muita coisa ao ser interrogado. É um cara experiente, com várias prisões, mas sem nenhuma condenação. O mais velho, que estava trabalhando no desvio do gás, deixou escapar algumas coisas que não sabíamos, mas

depois também fechou a boca. A essa altura, contudo, isso já não tinha a menor importância. A polícia já dispunha de todas as informações importantes... e do caminhão.

— Ah, sim, o caminhão... A polícia o apreendeu?

— Mas claro! — London parecia feliz, o que não era de surpreender; nos últimos dias, ele andava exultante. — O caminhão estava carregado com mais provas da ilegalidade do que eles faziam, mais ainda do que foi encontrado no Edifício Zaco. Havia inclusive medidores de energia elétrica, lacres, chaves especiais, cabos de ponte e tudo o mais. E quase tudo roubado, como já era de se esperar. Não se pode comprar essas coisas numa loja. Estamos agora convencidos de que a turma da Quayle tem um ajudante aqui mesmo na companhia, o cara que era a fonte de abastecimento. Estamos investigando para descobrir quem é.

— E o que se descobriu sobre a tal organização Quayle?

— Muita coisa. Havia provas suficientes no caminhão e no Edifício Zaco para que Wineski pudesse pedir um mandado de busca para revistar os escritórios da Quayle. Ele pediu e conseguiu isso imediatamente. Resultado: a polícia já estava lá an-

tes que o pessoal da Quayle soubesse que seus homens haviam sido presos.

— Não deixe o guisado esfriar, Harry. Está muito gostoso.

— Claro que está! Não poderia dar um jeito para eu poder comer aqui com mais frequência?

— Continue a obter resultados como os da semana passada e estará almoçando aqui regularmente muito mais cedo do que imagina.

O refeitório, reservado aos altos executivos da companhia e seus convidados, era modesto no tamanho e na decoração, a fim de não dar uma impressão de opulência às pessoas de fora. Mas a comida era excepcional. A qualidade excedia em muito à do refeitório geral, num andar inferior.

— Mas vamos voltar à Quayle, Nim. A empresa é perfeitamente legalizada, de porte médio, com uma frota de vinte e cinco caminhões. Tem diversas subempreiteiras, empresas menores, para as quais distribui serviços. Pelo que está parecendo agora... e novamente estou citando o tenente Wineski... a Quayle usava o lado legítimo de seus negócios para encobrir as atividades no desvio de energia, que é feito em larga escala. Havia uma grande quantidade de material na sede da empresa, semelhante ao que foi encontrado no caminhão despachado para o Edi-

fício Zaco.

— Há uma coisa que não consigo entender. Se uma empresa como a Quayle possui negócios legítimos, por que foi meter-se no desvio de energia?

London deu de ombros.

— Pelo motivo mais velho do mundo: dinheiro. Uma boa parte ainda está na fase da suposição, mas tudo indica que a Quayle, como muitas outras empresas atualmente, estava enfrentando dificuldades financeiras, sem conseguir obter bons lucros por causa dos custos elevados. Mas as atividades ilegais proporcionam lucros excepcionais. Por quê? Porque eles provavelmente podem cobrar cinco, seis ou sete vezes o que normalmente cobrariam por um trabalho comum. E as pessoas para quem fazem o serviço, como os donos do Edifício Zaco, por exemplo, não hesitam em pagar, porque esperam obter assim reduções ainda maiores em seus próprios custos. O que não se pode esquecer, Nim, é que até recentemente tudo foi muito fácil, eles nunca tiveram problemas.

— Do jeito que você fala, parece que ainda há muita coisa a se descobrir.

— E como! Talvez se passem meses antes que fique tudo esclarecido. Mas há duas coisas que estão ajudando consideravelmente. Primeiro: o pessoal da

Promotoria Distrital está realmente interessado, e um promotor-assistente foi designado exclusivamente para o caso; Wineski está trabalhando com ele. Segundo: a Quayle mantinha registros detalhados de todos os seus serviços e das subempreiteiras que contratava.

— E a polícia apreendeu esses registros?

— Exatamente. A esta altura, é possível que já estejam na promotoria. O único problema é que não há nenhuma indicação sobre os trabalhos legítimos e os ilegais. E é nesse ponto que meu departamento está colaborando.

— De que maneira?

— Estamos verificando todos os serviços executados pela Quayle no último ano. Constam dos registros... ordens de serviço... os materiais usados em cada trabalho. Se pudermos provar que foram roubados ou usados para fins ilegais, a promotoria terá a sua disposição um caso na bandeja.

Nim pensou por um momento, digerindo a informação recebida, antes de perguntar:

— E o que vai acontecer com a empresa proprietária do Edifício Zaco e com as outras pessoas para as quais a Quayle andou prestando serviços ilegais? Também vamos levá-las a julgamento?

— Mas claro! Deve haver registros dos paga-

mentos à Quayle nos livros da Zaco e das outras pessoas, o que as deixará também envolvidas. — A voz de London refletia seu crescente entusiasmo. — Estou lhe dizendo, Nim, que descobrimos um tremendo ninho de ratos. Posso prever que, antes de tudo terminar, muitos nomes importantes desta cidade estarão cobertos de lama.

— O presidente vai querer um relatório detalhado, Harry. E, depois, terá de preparar relatórios de acompanhamento.

— Não há problema.

— E o que me diz de seu pessoal? Pode cuidar de tudo com os homens de que dispõe atualmente?

— Ainda não sei, Nim. Talvez eu vá precisar de alguma ajuda. Neste caso, eu lhe direi na próxima semana.

— O que aconteceu com os três homens que foram presos?

— Estão em liberdade sob fiança. A polícia está protegendo o garoto, escondendo-o, porque tenciona usá-lo como testemunha de acusação. Por falar nisso, uma das coisas que ele contou foi que somente algumas turmas da Quayle, as de confiança, participavam das instalações ilegais de energia elétrica e gás. Se pudéssemos determinar quais eram exatamente essas turmas, isso poderia facilitar muito as

investigações.

— Há outra coisa que ainda não consigo entender. Se o trabalho ilegal no Edifício Zaco já estava feito, por que a turma da Quayle tinha de voltar?

— Foi uma tremenda ironia. Pelo que o garoto soube e contou a Wineski, alguém na direção da Zaco ouviu um rumor de que tínhamos aparecido por lá bisbilhotando. Ou seja, souberam da minha presença e da Art Romeo. Ficaram preocupados. E decidiram que era melhor não desviar tanta energia. Os três caras foram até lá para modificar o serviço anterior. Se não tivessem aparecido, ainda estaríamos cozinhando em banho-maria, à espera.

— Por falar nisso, vamos pedir mais um pouco de guisado.

Mais tarde, no gabinete da presidência da companhia, Nim comunicou resumidamente a J. Eric Humphrey a essência do relatório do chefe do Departamento de Proteção à Propriedade.

— Pode encarar como um pequeno presente de Natal, Eric.

Humphrey manifestou rapidamente sua aprovação, sorriu da referência ao Natal, que seria dali a cinco dias, depois abandonou o assunto. Nim sabia perfeitamente que havia outros problemas mais prementes ocupando os pensamentos do presidente.

Um era Tunipah. Outro era água. O terceiro era petróleo.

As audiências sobre Tunipah na Comissão de Energia da Califórnia estavam prosseguindo ainda mais lentamente do que se previra. No dia anterior, descrevendo o ritmo, Oscar O'Brien comentara:

— Em comparação, uma lesma é um avião supersônico.

Evidentemente, iriam passar-se vários meses até que fosse concluído aquele estágio inicial das audiências, com a perspectiva de os estágios subseqüentes se prolongarem por anos. Ainda nem haviam começado as audiências perante outros órgãos públicos, como a Comissão de Serviços Públicos, a Comissão de Recursos Hídricos e a Comissão de Recursos do Ar.

Em decorrência disso, O'Brien fizera uma revisão de sua estimativa anterior de que o processo de aprovação do projeto levaria de seis a sete anos. Também no dia anterior, ele avisara:

— Do jeito que as coisas estão indo, podem passar-se oito anos, talvez dez, antes de conseguirmos obter autorização para iniciar a construção. Isto é, se conseguirmos.

O andamento dos outros dois projetos, as usinas do Portão do Diabo e Fincastle, era também de-

sanimadoramente lento.

Enquanto isso, como Eric Humphrey, Nim e os demais membros dos altos escalões da GSP & L sabiam, estava se aproximando cada vez mais o dia do ajuste de contas, o dia em que a demanda pública de energia elétrica iria superar em muito a que podia ser gerada pelas instalações existentes. Desse dia em diante, todos estariam interessados nas usinas não construídas de Tunipah, Fincastle e Portão do Diabo. Mas, a essa altura, já seria tarde demais.

A água estava em segundo lugar dentre as preocupações do presidente.

Apesar de duas fortes tempestades de inverno, com chuvas intensas, a precipitação pluviométrica sazonal na Califórnia fora alarmantemente pequena. Os reservatórios, esvaziados por uma estiagem anterior, estavam muito abaixo dos níveis normais para a terceira semana de dezembro. E a neve, que geralmente caía intensamente na serra Nevada e em outros lugares, fora excepcionalmente escassa ou inexistente.

Num bom ano de precipitação, a neve do inverno era dinheiro em caixa para uma gigantesca companhia de serviços públicos como a Golden State Power & Light. Quando a neve se derretia na primavera, imensos rios e pequenos córregos descia-

am as montanhas, enchendo os reservatórios que iriam abastecer uma vasta rede de usinas hidrelétricas durante os meses de verão.

Agora, de acordo com os cálculos que Eric Humphrey recebera, a energia hidrelétrica no ano seguinte poderia ser reduzida em vinte e cinco por cento, por causa da escassez da água.

E havia também o petróleo.

Para a Golden State Power & Light, assim como para outras companhias de serviços públicos de todo o país, o petróleo era o maior ponto de interrogação, a maior de todas as preocupações.

Naquela manhã mesmo, no Chronicle-West, um famoso colunista, conhecido em todo o país, assim resumira a situação:

O perigo representado pelo petróleo está rondando sorrateiramente, como um tigre no mato, enquanto não o notamos ou preferimos ignorá-lo.

Começou com o declínio do dólar, há vários anos, a nossa moeda outrora respeitada, mas não mais forte, não mais 'tão boa quanto ouro', porque o padrão-ouro do dólar foi cancelado durante a presidência de Nixon.

Depois, enquanto o dólar cata por causa da inépcia e dos políticos de Washington, as nações exportadoras de petróleo do Oriente Médio, norte da África, África oci-

dental, Indonésia e Venezuela elevaram seus preços em dólar, numa tentativa de manter o equilíbrio.

Não deu certo. O dólar continuava a cair como o sol poente, com um valor real cada vez menor, porque os Estados Unidos têm pago (e continuam a pagar) muito mais pelo petróleo importado do que ganham com suas exportações. E, à medida que mais dólares partiam para a Arábia Saudita, Irã e outros países, outros mais eram emitidos pelo Departamento do Tesouro dos Estados Unidos, desvalorizando a moeda ainda mais.

Depois disso, assistimos a algumas experiências intermediárias, como o pagamento do petróleo com uma 'canastra de moedas'. (Um nome bombástico para uma mistura que incluía marcos alemães, florins, francos franceses e suíços, libras esterlinas, ienes e dólares.) Mas tal recurso também foi ineficaz, porque o dólar e a libra, combalidos, inclinavam a canastra para baixo.

Finalmente, as nações produtoras de petróleo exigiram pagamento na única moeda que, em toda a longa história deste mundo, jamais deixou de manter seu valor: o ouro.

Os Estados Unidos recusaram. E ainda recusam. (Claro que se pode entender a posição do Departamento do Tesouro. Os Estados Unidos já não têm tanto ouro assim, tendo esbanjado quantidades vultosas nas inúteis tentativas de 'desmonetizar' o ouro. Na verdade há em Fort Knox e nos bancos da Reserva Federal apenas o sufi-

ciente para pagar a conta de um ano de petróleo, sobrando um pouquinho.)

Em vez disso, o Departamento do Tesouro dos Estados Unidos, que há mais de uma década vem se baseando no papel-moeda, sem qualquer lastro, para pagar o que é necessário, propôs-se a rodar os prelos ainda mais depressa e produzir ainda mais papel.

Mas, desta vez, as nações produtoras de petróleo se mostraram irredutíveis. E disseram: 'Se quisermos papel-moeda, podemos emitir o nosso... sem precisar dar o nosso petróleo em troca para obtê-lo'. E, como o tintureiro chinês da história que insistia: 'Sem talão não tem roupa lavada', estão agora ameaçando: 'Sem ouro não tem petróleo'.

Assim, ao que tudo indica, o impasse é iminente.

É verdade que o petróleo não parou de fluir... ainda! É igualmente verdade que podem passar-se mais um ou dois anos antes que isso aconteça.

Enquanto isso, as discussões entre governos continuam, e é possível que se chegue a um acordo.

Vamos esperar para ver.

A incerteza geral em relação ao petróleo era sinistra; uma nuvem ameaçadora pairava sobre a GSP & L, porque quase a metade da capacidade geradora da companhia dependia do petróleo para seu

funcionamento... e quase todo esse petróleo era importado.

O gás natural, que costumava ser usado para gerar energia elétrica, já estava começando a escassear,

A perspectiva de uma escassez de petróleo, gás e água, tudo ao mesmo tempo, era algo em que Eric Humphrey, Nim e os outros executivos da GSP & L preferiam não pensar... e estremeciam à simples idéia.

— Acha que há alguma possibilidade de o governador mudar de idéia e endossar publicamente o projeto de Tunipah? — perguntou Eric Humphrey a Paul Sherman Yale. — Afinal, que argumento mais forte pode-se ter para uma usina à base de carvão do que uma crise iminente de petróleo e gás, quando a energia nuclear ainda está no limbo?

Yale entrou na sala pouco depois que Nim apresentou o relatório sobre o desvio de energia. No dia anterior, o novo e eminente porta-voz da GSP & L estivera no palácio do governo estadual, em Sacramento.

— O governador aceita esse argumento, mas está vacilando — disse Yale. — Insisti ontem em que ele fizesse uma declaração em favor de Tunipah. Eu diria que as chances são de sessenta por

cento.

— Fico satisfeito em saber disso.

Humphrey imediatamente se animou. Mais uma vez, pensou Nim, o bom senso do presidente da companhia ao contratar Paul Yale estava sendo demonstrado. Yale aparentemente era capaz de entrar no gabinete do governador a qualquer momento que desejasse, sem marcar audiência, assim como também tinha acesso a todos os líderes do Legislativo estadual.

— Posso assegurar-lhes — continuou Yale — que existe a maior preocupação com o petróleo em Sacramento. As pessoas com quem conversei ontem, inclusive o governador, consideram que o racionamento de gasolina será inevitável e não vai demorar muito, seja ou não resolvida a crise atual.

— Pessoalmente, considero uma medida das mais acertadas — comentou Humphrey. — A maneira como os americanos usam carros, especialmente os carros grandes, esbanjando gasolina como se não houvesse um amanhã, é absurda e revoltante. É por isso que os europeus, com toda razão, acham que somos irresponsáveis.

Nim resistiu ao impulso de recordar ao presidente que ele próprio possuía um carro grande. Em vez disso, comentou com Yale:

— Espero que Sacramento compreenda que gerar eletricidade é uma utilização muito mais econômica para o petróleo do que pôr um carro em movimento.

Paul Sherman Yale sorriu.

— Posso garantir-lhe que não perco nenhuma oportunidade, em público ou em particular, de deixar isso bem claro.

Nim recordou que Yale fizera tal declaração publicamente uma semana antes. Fofa num programa de TV, Encontro com a Imprensa, onde o ex-ministro do Supremo, levando-se em consideração o pouco tempo em que estava na companhia, demonstrara um bom conhecimento dos problemas da GSP & L. Enquanto assistia ao programa, em casa, Nim lamentava novamente não ser mais o porta-voz da companhia. Mas a honestidade o obrigava a reconhecer que Yale estava se comportando de maneira excepcional.

Humphrey voltou a se interessar pela conversa sobre petróleo, e disse.

— À vezes fico pensando que se fosse árabe recusaria dólar-papel pelo meu petróleo e exigiria ouro, ou pelo menos uma moeda com lastro-ouro. Não sei se os Estados Unidos iriam ceder e usar uma parte de seu ouro, mesmo sabendo que não duraria

muito tempo.

— Será que realmente possuímos tanto ouro quanto se supõe? — indagou Nim. — Parece haver muitas dúvidas a respeito.

Humphrey ficou surpreso, ao contrário de Yale, que simplesmente sorriu.

— Sou assinante de uma publicação financeira chamada *The International Harry Schultz Letter* — explicou Nim. — Frequentemente apresenta notícias cuja veracidade é posteriormente confirmada, mas que os jornais não parecem interessados em publicar. Schultz anda divulgando declarações de dois homens, um advogado de Washington, Peter Beter, que era assessor jurídico do Banco de Exportação e Importação dos Estados Unidos (Eximbank), e Edward Durell, um industrial americano. Ambos estão dizendo que há "fraude" em relação ao ouro de Fort Knox e que há muito menos do que o mundo imagina.

Paul Sherman Yale concordava com isso.

— Há muita gente em Washington que já ouviu falar desses dois homens, mas são bem poucos os que admitem tal possibilidade. Por falar nisso, também sou assinante dessa publicação.

— O que Beter e Durell alegam é que não há uma auditoria apropriada do ouro de Fort Knox

desde 1953 — explicou Nim a Humphrey. — Afir-
mam também que a maior parte do ouro restante é
impura, de moedas derretidas contendo prata, cobre
e antimônio, que o presidente Roosevelt tirou de
circulação quando a posse de ouro por americanos
foi declarada ilegal. Só isso reduziria as reservas de
ouro em vinte por cento, talvez mais.

— Nunca tinha ouvido falar a respeito — co-
mentou Humphrey. — É bem interessante.

— E tem mais — continuou Nim. — Supõe-se
que na crise do dólar de 1960 usou-se uma boa parte
das reservas de ouro para sustentar nossa moeda,
com a intenção de repô-la posteriormente. Mas essa
reposição jamais foi consumada.

— Mas por que manter tudo isso em segredo?
— indagou Humphrey.

Paul Yale explicou:

— É fácil responder. Se o resto do mundo che-
gar à conclusão de que os Estados Unidos não pos-
suem o ouro que alegam ter, haverá uma nova cor-
rida do dólar, com o pânico da venda. — Fez uma
breve pausa, antes de acrescentar, pensativo: — Já
ouvi rumores em Washington a respeito desse ouro
desaparecido. Dizem que cada novo secretário do
Tesouro é obrigado a fazer um juramento de sigilo e
depois é informado dos fatos. Uma coisa é evidente:

o governo jamais permitirá uma auditoria independente em Fort Knox. — O ex-ministro deu de ombros. — Não tenho meios de verificar se as alegações de Beter e Durell são procedentes. Mas coisas bem mais estranhas já aconteceram, especialmente em Washington.

Eric Humphrey suspirou, comentando com Yale:

— Há dias em que desejo que meu assistente direto fosse menos bem informado, que lesse um pouco menos, que de vez em quando freasse sua mente inquisitiva. Como se eu já não tivesse preocupações suficientes... Tunipah, carvão, água, gás, petróleo... ele acaba de acrescentar mais uma: o ouro.

No gabinete revestido de mogno da presidência do Clube da Sequóia, em Cable Hill, Laura Bo Carmichael hesitou, com a caneta suspensa sobre o cheque a sua frente. Era de vinte e cinco mil dólares.

O cheque era da conta de projetos especiais da organização e seria entregue à força & luz para o povo.

Seria o segundo pagamento do total de cinquenta mil dólares que fora prometido a Davey Birdsong em fins de agosto, cinco meses antes. O primeiro pagamento fora efetuado logo depois do acordo secreto entre o Clube da Sequóia e a f & lp. Agora, chegara o momento de fazer o segundo.

A assinatura de Roderick Pritchett, diretor-secretário do Clube da Sequóia, já estava no cheque, abaixo da linha em que a presidente deveria assinar. Com um rabisco da caneta, pois sua assinatura era normalmente ilegível, Laura Bo poderia tornar o cheque oficial. Contudo, ainda hesitava.

A decisão de fazer um pacto entre o Clube da Sequóia e a f & lp ainda a atormentava com dúvidas, e isso desde o momento em que fizera o primeiro acordo.

As dúvidas de Laura haviam aumentado durante as audiências de Tunipah, ocasião em que Davey Birdsong se comportara abominavelmente. Toda sua inteligência se rebelara contra as táticas baratas e presunçosas, as palhaçadas para a galeria, o apelo cínico a níveis os mais baixos possíveis.

Agora ela se perguntava novamente se teria errado ao dar o voto decisivo que firmara a aliança e tornara o dinheiro disponível. Seria o respeitável Clube da Sequóia rebaixado e desonrado por aquela aliança, cuja responsabilidade seria inevitavelmente atribuída a ela, caso a informação transpirasse, como poderia perfeitamente acontecer?

No final das contas, não deveria ter ficado do lado de Priscilla Quinn, que formulara sua posição contrária a Birdsong sem a menor hesitação? Laura podia recordar nitidamente, inquieta e contra-feita, as palavras de Priscilla: 'Todos os meus instintos dizem que não devemos confiar nele... Tenho princípios, algo que aquele homem repulsivo parece ignorar inteiramente'. E depois: "Acho que vocês ainda vão se arrepender desse voto. E quero que minha divergência fique registrada em ata".

Laura Bo Carmichael já estava arrependida de seu voto.

Ela largou a caneta e o cheque ainda por assi-

nar e estendeu a mão para o telefone interno. Quando o diretor-secretário atendeu, Lautá perguntou:

— Poderia fazer o favor de dar um pulo a minha sala, Roderick?

Alguns minutos depois, ela disse a Pritchett:

— Estou pensando na possibilidade de reconsiderar esse segundo pagamento. Se o primeiro foi um erro, podemos pelo menos evitar o segundo.

Pritchett, empertigado e impecável como sempre, ficou surpreso. Tirou os óculos sem aros e limpou-os com um lenço, uma tática antiga para ganhar tempo. Tornando a pôr os óculos, disse:

— Já lhe ocorreu, senhora presidente, que se retivermos esse cheque estaremos violando um acordo honrosamente feito e cumprido até agora pela outra parte?

— Mas teria sido mesmo cumprido? O que recebemos em troca do primeiro pagamento? A histrionice de Birdsong nas audiências de Tunipah?

Escolhendo cuidadosamente as palavras, Pritchett respondeu:

— Eu diria que Birdsong conseguiu muito mais que impressionar pela histrionice. Suas táticas, embora grosseiras, certamente muito mais do que as que empregaríamos, foram até agora extremamente

hábeis e eficientes. Conseguiu fazer com que a atenção dos meios de comunicação se concentrasse na oposição a Tunipah, enquanto os argumentos da Golden State Power têm merecido pouca ou nenhuma divulgação. Conseguiu também destruir a principal testemunha da GSP & L, Goldman, provocando-o primeiro e depois recuando, enquanto Goldman antagonizava a tudo e a todos, inclusive a sua própria companhia.

— Sinto pena dele — comentou Laura. — Conheço Nim Goldman há muitos anos. Ele pode estar mal orientado, mas é honesto e sincero. Não merecia o que aconteceu.

Pritchett declarou formalmente:

— Em controvérsias assim, é inevitável que alguns dos envolvidos... e suas reputações... sejam prejudicados. O importante, do ponto de vista do Clube da Sequóia, é vencer. E, no que se refere a Tunipah, creio que venceremos.

— Mas acontece que jamais acreditei em vencer a qualquer custo. Já ouço esse argumento há muitos anos. E até o dia em que morrer não me arrependerei de contestá-lo.

O diretor-secretário sentiu vontade de suspirar, mas absteve-se com algum esforço. O sentimento de culpa de Laura em relação a Hiroxima e Nagasáqui

já se manifestara muitas vezes antes, e ele aprendera a contorná-lo. Recuando rapidamente, Pritchett disse:

— Minha escolha das palavras foi infeliz. O que eu deveria dizer é que o acordo com Birdsong nos ajudará a atingir o objetivo proposto, o que é admirável, como ambos sabemos.

— Mas para onde está indo todo o dinheiro que estamos dando?

— Não resta a menor dúvida de que uma parte fica com o próprio Birdsong. Afinal, ele está investindo pessoalmente muitas horas, comparecendo todos os dias às audiências, ao mesmo tempo que mantém a si mesmo e à oposição a Tunipah no noticiário. E há também os seus partidários. Birdsong está conseguindo lotar permanentemente a sala de audiências, o que, por si só, dá uma impressão de oposição forte e espontânea a Tunipah por parte do público.

— Está por acaso sugerindo que não é espontânea, que Birdsong paga às pessoas para comparecerem?

— Absolutamente. — Pritchett fez outra pausa, novamente escolhendo as palavras com cuidado; sabia das táticas utilizadas por Birdsong, pois conversara com ele a respeito, mas sentia-se relutante

em ser específico. — Digamos que algumas daquelas pessoas têm despesas, precisam ausentar-se do trabalho, e assim por diante. São os mesmos partidários que Birdsong recrutou, além de mais alguns, para as manifestações por ocasião da assembléia anual de acionistas da Golden State Power & Light. Se está lembrada, ele nos falou por alto sobre seus planos, quando nos encontramos.

Laura Bo Carmichael estava chocada.

— Manifestantes pagos! Um tumulto pago numa assembléia de acionistas! E tudo isso com o nosso dinheiro! Não gosto nada disso!

— Permita que lhe recorde, senhora presidente, que entramos na aliança com a f & lp de olhos abertos. Quando nosso comitê se reuniu, o sr. Irwin Saunders, a sra. Quinn e nós dois sabíamos perfeitamente que os métodos de Birdsong poderiam ser... heterodoxos, digamos assim, em comparação com os nossos. Há poucos dias, revendo minhas anotações daquela reunião, verifiquei que todos concordamos que poderia haver determinadas coisas que seria melhor ignorarmos. Para ser mais preciso, o comentário foi do sr. Saunders.

— Mas será que Irwin na ocasião podia compreender os métodos de Birdsong?

Pritchett respondeu secamente:

— Tenho certeza de que um advogado experiente como ele não poderia deixar de ter uma boa idéia.

O argumento era válido. Como seus amigos e inimigos sabiam, Irwin Saunders era um lutador implacável nos tribunais e não se destacava pelas sutilezas éticas. Talvez com mais precisão do que os outros, ele havia previsto o método de trabalho de Birdsong.

O diretor-secretário, embora não o mencionasse a Laura, estava também preocupado com outra questão que envolvia o advogado Irwin Saunders.

Roderick Pritchett deveria aposentar-se em breve. Saunders era o influente chefe do comitê financeiro do Clube da Sequóia, o qual iria decidir quão grande — ou pequena — seria sua pensão.

As pensões concedidas pelo clube a seu pessoal aposentado não eram automáticas nem fixas, mas baseadas nos anos de serviço e na opinião do comitê sobre o desempenho individual. Roderick Pritchett, que sabia ter sido muito criticado ao longo dos anos, desejava particularmente apresentar uma boa imagem aos olhos de Saunders naqueles meses finais, e as audiências de Tunipah e Davey Birdsong poderiam ser os fatores críticos.

Ele disse a Laura:

— O sr. Saunders está satisfeito com os esforços de Birdsong na oposição a Tunipah. Telefonou para dizê-lo e recordou que Birdsong prometeu atacar a Golden State Power & Light em várias frentes. A f & lp tem cumprido a promessa. Outra coisa que combinamos foi que não haveria violência... e deve estar lembrada de que levantei especificamente a questão. Birdsong também manteve sua promessa nesse particular.

— E Priscilla Quinn também lhe disse alguma coisa?

— Não. — Roderick Pritchett sorriu. — Mas é claro que a sra. Quinn ficaria exultante, até mesmo triunfante, se você recuasse agora e se negasse a efetuar o segundo pagamento. Tenho a impressão de que ela sairia a dizer a todo mundo que estava certa desde o início, enquanto você estava errada.

Era uma manobra astuciosa, e ambos sabiam disso.

Se a decisão original fosse revogada àquela altura dos acontecimentos, seria lembrado que Laura Bo Carmichael é que dera o voto decisivo; por isso, o constrangimento dela seria intenso, inclusive porque estaria tacitamente reconhecendo que os primeiros vinte e cinco mil dólares haviam sido gastos imprudentemente. E a língua afiada de Priscilla

Quinn certamente saberia tirar o melhor proveito da oportunidade.

Mulher versas mulher. Apesar de todo o seu desdém pela feminilidade, de sua determinação em não permitir que o sexo influenciasse as decisões, ao final foi o orgulho feminino de Laura que prevaleceu com o argumento decisivo.

Pegando a caneta, rabiscou sua assinatura no cheque para a f & lp, entregando-o ao sorridente Roderick Pritchett.

O cheque foi enviado para Davey Birdsong naquele mesmo dia.

— Precisamos de mais violência! Mais, mais, mais! — Davey Birdsong deu um murro na mesa, furiosamente, já aos berros. — Muita violência, para deixar as pessoas abaladas! E algumas mortes bem dramáticas, muitas mortes! É a única maneira, absolutamente a única, de despertar o povo tão estúpido, fazer com que levante o rabo complacente da cadeira e entre em ação! Você parece que não está compreendendo isso!

Do outro lado da tosca mesa de madeira que os separava, o rosto fino e ascético de Georgos Winslow Archambault ficou vermelho diante da última acusação. Ele inclinou-se para a frente e insistiu:

— Compreendo perfeitamente. Mas o que você está querendo exige organização e tempo. Estou fazendo o melhor possível, mas não podemos atingir um alvo todas as noites!

— Por que não? — O gigante barbudo lançou um olhar furioso para Georgos. — Tudo o que está fazendo é soltar uns fogos de artifício e depois ficar molengando por aqui, tirando um mês de férias!

A conversa, que rapidamente se transformara numa discussão, estava ocorrendo na oficina situa-

da no porão da casa alugada no lado esquerdo da cidade, o esconderijo dos Amigos da Liberdade. Como sempre a oficina estava apinhada de ferramentas e material de destruição, fios, peças de metal, produtos químicos, mecanismos de tempo explosivos. Birdsong chegara dez minutos antes, depois de tomar as precauções habituais contra a possibilidade de estar sendo seguido.

— Já lhe disse antes que há grana suficiente para qualquer coisa que precisar — comentou Birdsong, o vestígio de um sorriso se insinuando em seu rosto. — E acabei de receber mais.

— O dinheiro é importante — admitiu Georgos. — Mas somos nós que corremos os riscos, não você.

— Essa não! Os riscos fazem parte da coisa. Afinal, você não é um soldado da revolução? E também estou correndo riscos... só que de uma espécie diferente.

Georgos mudou de posição na cadeira, sentindo-se pouco à vontade. Estava ressentido com toda a conversa, assim como com o domínio cada vez maior de Birdsong, que começara a partir do momento em que sua fonte de recursos secara e fora substituída pela do líder da f & lp. Mais do que nunca, Georgos odiava sua mãe atriz de cinema,

que no início financiara os Amigos da Liberdade sem saber, deixando de fazê-lo ao suspender a mesada do filho, paga por intermédio de um escritório de advocacia de Atenas. Lera recentemente num jornal que a mãe estava gravemente doente. E torcia para que fosse uma doença extremamente dolorosa e fatal.

— O último ataque contra o inimigo foi o mais bem-sucedido — declarou Georgos, tensamente. — Conseguimos provocar a interrupção no fornecimento de energia em uma área de duzentos e cinquenta quilômetros quadrados.

— E que efeito isso teve? — Desdenhosamente, Birdsong respondeu à própria pergunta: — Absolutamente nenhum! Alguma de nossas exigências foi atendida? Não! Você matou dois porcos guardas de segurança. E quem se importou com isso? Ninguém!

— Admito que foi surpreendente e desapontador que nenhuma de nossas exigências...

Birdsong interrompeu-o bruscamente:

— E nunca serão atendidas! Ou pelo menos até que haja cadáveres se empilhando nas ruas, pilhas e pilhas, o sangue escorrendo, o fedor se espalhando! Não até que os mortos causem pânico entre os vivos! É essa a lição de todas as revoluções! É a única

mensagem que o burguês dócil e imbecil é capaz de compreender!

— Sei disso perfeitamente. — Georgos fez uma pausa, antes de acrescentar, sarcasticamente: — Talvez tenha algumas idéias melhores para...

— Mas claro que tenho! E agora preste muita atenção...

Birdsong baixou a voz, a raiva e o desdém parecendo dissipar-se instantaneamente. Era como se fosse um professor tentando transmitir a um aluno a necessidade de aprender, para logo depois começar a dar a aula.

— Em primeiro lugar, temos de enunciar alguns artigos de fé. Por que estamos fazendo tudo isso? A resposta: porque o sistema existente neste país é nojento, podre, corrupto, opressivo, espiritualmente falido. E há mais: o sistema não pode ser mudado, o que já foi tentado e falhou. Assim, tudo o que existe, todo o sistema capitalista, em prol dos ricos e oprimindo os pobres, tem de ser destruído, para permitir que os verdadeiros crentes, nós que amamos nossos semelhantes, construam tudo de novo, de uma maneira decente. O revolucionário é o único que percebe isso claramente. E a destruição, gradativa e inexorável, é o que os Amigos da Liberdade estão fazendo, juntamente com outros como

nós.

Enquanto falava, Davey Birdsong exibia, como em muitas outras ocasiões, suas características de camaleão. Tornara-se em parte o professor universitário, persuasivo, eloqüente, em parte um místico, falando para sua própria alma, além de Georgos.

— E onde deve começar a destruição? O ideal seria em toda parte. Mas como somos poucos, até agora, escolhemos um alvo comum: a eletricidade. Afeta todo o populacho. Lubrifica as engrenagens do capitalismo. Faz com que os ricos fiquem ainda mais ricos. Permite pequenos confortos, meros paliativos, ao proletariado, iludindo as massas e levando-as a acreditar que são livres. Cortando a eletricidade, destruindo a base do sistema, se estará cravando um punhal no coração do capitalismo!

Animando-se prontamente, Georgos disse:

— Lênin falou: o comunismo é o governo soviético mais a eletrificação de...

— Não me interrompa! Sei perfeitamente o que Lênin falou, só que o contexto era diferente!

Georgos se retraiu. Aquele era um novo Birdsong, diferente de todas as variantes que já vira antes. E também parecia não haver qualquer dúvida, pelo menos naquele momento, sobre quem estava no comando.

De pé, andando de um lado para outro, o gigante barbudo continuou:

— Mas já verificamos que é preciso algo mais do que simplesmente a destruição do sistema de energia elétrica. Devemos atrair maior atenção para os Amigos da Liberdade, para os nossos objetivos destruindo o próprio pessoal da eletricidade!

— Já fizemos alguma coisa nesse sentido — ressaltou Georgos — quando explodimos a usina de La Mission, e depois com as cartas-bombas. Matamos o engenheiro-chefe, o diretor-superintendente.

— Tudo isso foi ninharia! Os números foram insignificantes! Estou pensando em algo grande, não em termos de um ou dois, mas de centenas. Os espectadores serão eliminados também, porque não existem margens de segurança numa revolução. E quando isso acontecer, finalmente nossos objetivos terão atraído a atenção de todos! Haverá o medo, depois o pânico. Quem detiver algum poder vai apressar-se em fazer exatamente tudo o que quisermos!

Os olhos de Davey Birdsong focalizavam a distância, muito além do porão sombrio e desarrumado. Era como se estivesse contemplando um sonho, uma visão, pensou Georgos... e descobriu que a experiência era inebriante e contagiante.

A perspectiva de novas mortes deixou Georgos excitado. Na noite das explosões em Millfield, logo depois que matara os dois guardas de segurança, sentira-se por um momento nauseado e aterrorizado. Afinal, fora a primeira vez que matara outro ser humano cara a cara. Mas esse sentimento passara rapidamente, dissipado pela exultação e — o que ele achara bastante curioso — a excitação sexual. Possuía Yvette naquela noite, brutalmente, revivendo, enquanto o fazia, o golpe com a faca que matara o primeiro guarda. Agora, recordando, ouvindo Birdsong falar da morte de centenas de pessoas, Georgos sentiu novamente uma excitação nos órgãos sexuais.

Birdsong acrescentou calmamente:

— A oportunidade que esperávamos vai surgir em breve.

Ele tirou do bolso uma folha de jornal dobrada. Era da edição do Califórnia Examiner de dois dias antes, e uma notícia de um parágrafo fora assinalada com lápis vermelho:

GRUPO DE ENERGIA SE REÚNE

A possível escassez de energia elétrica, em escala nacional, será debatida no próximo mês, quando o Instituto

Nacional de Energia Elétrica vai realizar uma convenção de quatro dias, no Christopher Columbus Hotel, nesta cidade. Espera-se o comparecimento de mil delegados de companhias de serviços públicos e fabricantes de equipamentos elétricos.

— Andei sondando outras fontes em busca de mais detalhes — informou Birdsong. — Aqui estão as datas exatas da convenção e um programa preliminar. — Jogou duas folhas datilografadas em cima da mesa. — Será fácil obter mais tarde o programa oficial. Dessa maneira, saberemos onde e quando estará todo mundo.

Georgos ficou interessado e seus olhos brilhavam intensamente; já havia esquecido por completo o ressentimento de poucos minutos atrás.

— Todos esses figurões reunidos... os criminosos sociais! Podemos enviar cartas-bombas para determinados delegados. Se eu começar a trabalhar agora...

— Não! Na melhor das hipóteses, conseguiria matar, assim, meia dúzia... talvez nem tantos, porque certamente eles vão tomar precauções, depois daquelas outras cartas-bombas.

— Tem razão. Então o quê...?

— Tenho uma idéia melhor. Mas muito melhor

mesmo! — Birdsong permitiu-se um sorriso. — No segundo dia da convenção, depois que todo mundo tiver chegado, você e seus homens vão até o Christopher Columbus Hotel e preparam duas séries de bombas. As bombas da primeira série irão explodir mais ou menos ao mesmo tempo, por volta das três horas da madrugada. Deverão concentrar-se no térreo e mezanino. O objetivo será bloquear ou destruir todas as saídas do prédio, assim como todas as escadas e elevadores. Dessa forma, ninguém poderá escapar dos andares acima quando começarem as explosões da segunda série.

Georgos concordou escutando atentamente, enquanto Birdsong continuava:

— Poucos minutos depois da explosão das primeiras bombas, outras deverão explodir nos andares superiores, também ao mesmo tempo. Serão bombas incendiárias, tantas quantas puder colocar, e contendo gasolina, a fim de incendiar o hotel e alimentar o fogo.

Um sorriso de expectativa estampou-se no rosto de Georgos. E ele balbuciou:

— Sensacional! Magnífico! E podemos perfeitamente conseguir!

— Se fizer tudo direito, nenhuma pessoa que estiver nos andares superiores deixará o prédio vi-

va. As três horas da madrugada, mesmo aqueles que ainda estiverem acordados já estarão na cama. Vamos executar todo mundo... os delegados à convenção, o principal alvo de nossa punição, suas mulheres, filhos e todos os outros que se encontrarem no hotel e que se meteram no caminho de uma revolução justa.

— Vou precisar de mais explosivos, muito mais. — A mente de Georgos já estava funcionando rapidamente. — Sei onde e como colocar as bombas, mas não vai sair barato.

— Já lhe disse que temos dinheiro suficiente. Para esta operação e muitas outras.

— Não será problema arrumar a gasolina. Mas os mecanismos de tempo... e concordo plenamente que as explosões devem ser simultâneas, na medida do possível... terão que vir de fora. Iremos comprá-los em pequenas quantidades, em diversas outras cidades. É o jeito para não atraírmos atenção.

— Pode deixar que eu cuido disso. Darei um pulo até Chicago, que é longe o bastante para que não haja qualquer problema. Basta me dar uma lista do que vai precisar.

Ainda se concentrando, Georgos disse:

— Vou precisar de uma planta do hotel... pelo menos do térreo e do mezanino, onde colocaremos

as bombas da primeira série.

– Precisa de uma planta exata?

– Não. Um esboço já é suficiente.

– Neste caso, podemos fazê-lo sem problemas.

Qualquer pessoa pode entrar lá, a qualquer hora.

– Há outra coisa que teremos de comprar: algumas dezenas de extintores de incêndio, portáteis, pintados de vermelho, do mesmo tipo que se encontra no hotel.

– Extintores de incêndio? Pelo amor de Deus!

Queremos provocar um incêndio e não apagá-lo!

Georgos sorriu ironicamente, sabendo que era sua vez de mostrar-se superior.

– Os extintores serão esvaziados, e as bombas ficarão escondidas lá dentro. É uma idéia que tive. Extintores de incêndio podem ser colocados em qualquer lugar, especialmente num hotel, sem se tornarem suspeitos, muitas vezes não sendo sequer notados. E, quando notados, poderá parecer que a gerência está simplesmente tomando precauções extras.

Sorrindo satisfeito, Birdsong inclinou-se para a frente e bateu no ombro de Georgos.

– É diabólico! Maravilhosamente diabólico!

– Podemos decidir depois como introduzir os extintores no hotel. — Georgos ainda estava pen-

sando em voz alta. — Não deve ser difícil. Podemos alugar ou comprar um caminhão, pintar o nome de uma falsa companhia. Podemos imprimir alguma espécie de autorização... talvez obter alguma ordem de compra do hotel e copiá-la. Nossos homens a levariam. E vamos precisar também de uniformes, para mim e para os outros...

— Arrumar o caminhão e os uniformes não é problema, e podemos dar um jeito de obter também a ordem de compra. — Birdsong fez uma pausa, pensativo. — Tenho o pressentimento de que vai dar tudo certo. E, quando tudo estiver acabado, as pessoas irão reconhecer a nossa força e tratarão de nos obedecer.

— Para os explosivos, vou precisar de dez mil dólares, em notas pequenas, nos próximos dias. E depois...

Com um entusiasmo cada vez maior, os dois continuaram a planejar.

— Se houver algum obscuro feriado judaico do qual ninguém mais ouviu falar — disse Nim a Ruth, sentado ao volante do Fiat —, pode ter certeza de que seus pais irão buscá-lo na prateleira, tirar a poeira e aproveitá-lo.

A esposa, sentada a seu lado, soltou uma risada. Nim havia percebido antes, quando chegara a casa de volta do trabalho e enquanto se preparavam para sair, que Ruth estava descontraída e jovial. O que contrastava com o mau humor e algumas vezes a depressão total que ela exibira nas últimas semanas.

Já estavam em meados de janeiro e, muito embora três meses se tivessem passado desde a conversa sobre um possível divórcio — e a concessão de Ruth de que iria esperar um pouco —, nenhum dos dois voltara a abordar o assunto diretamente. Mas era evidente que teriam de conversar outra vez muito em breve.

Basicamente, o relacionamento entre os dois, uma trégua incerta, permanecia inalterado. Mas Nim, conscientemente, passara a ser mais atencioso, ficando cada vez mais tempo em casa, fazendo mais

companhia aos filhos. Talvez fosse a satisfação óbvia de Leah e Benjy pela presença mais constante do pai que levasse Ruth a evitar a confrontação final. Nim, por seu lado, ainda não sabia ao certo como gostaria que o dilema fosse resolvido. Enquanto isso, os problemas da GSP & L mantinham-no intensamente ocupado, sobrando-lhe pouco tempo para as preocupações pessoais.

— Jamais consigo lembrar de todos os feriados judaicos — comentou Ruth. — Papai disse que esse era o quê?

— Rosh Hashanah L'Elanoth... ou dia judaico da árvore. Andei fazendo uma pesquisa na biblioteca do escritório e descobri que é literalmente o Ano-Novo das Árvores.

— Um ano-novo para as árvores judaicas? Ou para todas as árvores?

Nim riu.

— É melhor perguntar a seu velho.

Estavam atravessando a cidade, na direção oeste; Nim ziguezagueava pelo tráfego intenso, que parecia jamais diminuir, a qualquer hora do dia.

Uma semana antes, Aaron Neuberger telefonara para Nim no escritório, sugerindo que levasse Ruth para uma festa do Tu B'Shvat, o nome mais comum do mesmo feriado. Nim aceitara imediata-

mente, em parte porque o sogro se mostrara excepcionalmente amistoso ao telefone, em parte porque tinha algum sentimento de culpa por seu comportamento em relação aos Neuberger no passado. Parecia uma boa oportunidade para se redimir. Mas nem por isso mudara seu ceticismo a respeito do judaísmo quase fanático dos sogros.

Ao chegarem à casa dos Neuberger, espaçosa, confortável, de dois andares, numa área próspera do lado oeste da cidade, encontraram diversos carros estacionados nas proximidades e ouviram o barulho de vozes no andar superior. Nim sentiu-se aliviado por verificar que havia outros convidados. A presença de estranhos poderia evitar a onda habitual de perguntas pessoais, inclusive as inevitáveis sobre um bar *mitzvah* para Benjy.

Ruth tocou no mezuzah que estava na porta e depois beijou a mão, como sempre fazia por deferência aos pais. Nim, que no passado sempre desdenhara o costume, como sendo, entre outras coisas, supersticioso, fez o mesmo, num súbito impulso.

Lá dentro, foram acolhidos prazerosamente, sem sombra de dúvida, especialmente Nim.

Aaron Neuberger, corpulento, totalmente calvo, muitas vezes encarara Nim com uma desconfiança que mal conseguia disfarçar. Naquela noite,

porém, os olhos estavam amistosos por trás das lentes grossas, e ele apertou calorosamente a mão do genro. Rachel, a mãe de Ruth, uma mulher volumosa, que era contrária às dietas para si mesma e para os outros, abraçou Nim efusivamente e depois disse, jovialmente:

— Minha filha está mesmo lhe dando comida direito? Você está que é osso puro! Mas vamos acrescentar-lhe um pouco de carne esta noite!

Nim achou graça e, ao mesmo tempo, ficou comovido. Quase certamente, pensou ele, os Neuberger haviam descoberto que o casamento de Ruth corria perigo e resolveram pôr de lado seus sentimentos numa tentativa de salvá-lo. Nim olhou para Ruth, que estava contente com a recepção efusiva.

Ruth estava usando um vestido estampado de seda, azul-claro, e brincos de pérola na mesma tonalidade. Como sempre, o cabelo preto estava impecavelmente arrumado e elegante, a pele era suave, embora mais pálida do que o normal.

Enquanto Nim e Ruth se adiantavam para cumprimentar os que tinham chegado antes, ele sussurrou:

— Você está linda esta noite!

Ela fitou-o atentamente e disse em voz baixa:

— Tem alguma idéia de quanto tempo faz des-

de que me disse isso pela última vez?

Não houve tempo para mais nada. Foram cercados por rostos incontáveis, houve apresentações, apertos de mão. Entre as duas dezenas ou mais de convidados, havia uns poucos que Nim já conhecia. Quase todos já estavam comendo; os pratos, repletos de quitutes, estavam sendo servidos por um bufê refinado.

— Venha comigo, Nimrod! — A mãe de Ruth segurou-lhe o braço firmemente, levando-o da sala de estar para a sala de jantar, onde estava armado o serviço do bufê. — Pode conhecer depois o resto de nossos amigos. Agora, quero providenciar alguma coisa para encher esse vazio dentro de você, antes que desmaie de fome.

Ela pegou um prato e começou a enchê-lo de comida, generosamente, como se fosse o dia anterior ao jejum do Yom Kippur. Nim reconheceu diversas variedades de knishes, kishke, lokshen kugel, repolho recheado epitcha. Como sobremesa, havia bolo de mel, strudel e pirushkes de maçã*

Nim serviu-se de um copo do vinho branco israelense, Carmel.

Ao voltar para a sala, percebeu claramente o objetivo da festa. O Rosh Hashanah L'Elanot, explicou o anfitrião, era comemorado em Israel pelo

plantio de árvores e na América do Norte comendo-se frutos que, até aquele momento, no início do ano judaico, ainda não haviam sido consumidos. Para ressaltar isso, Aaron Neuberger e os outros estavam mastigando figos, de diversos pratos espalhados pela sala.

Outra coisa que os Neuberger logo deixaram claro foi que esperavam contribuições dos convidados; o dinheiro seria remetido para Israel a fim de pagar o plantio de árvores. Várias notas de cinquenta e vinte dólares já haviam sido depositadas numa bandeja de prata.

Nim pôs também uma nota de vinte dólares e depois serviu-se de figos.

— Se me permite o trocadilho infame — disse uma voz atrás dele —, creio que tudo isso mostra que estamos convencidos de que nada vale mais do que um figo.

Nim virou-se. O homem que falara era idoso, quase um anão, o rosto jovial, lembrando um querubim, por baixo de uma nuvem de cabelo branco. Nim lembrava-se de que ele era um médico, clínico geral, que de vez em quando comparecia às reuniões na casa dos Neuberger. Vasculhou a memória à procura de um nome e o descobriu.

— Boa noite, dr. Levin. — Erguendo o copo de

vinho, Nim fez o brinde tradicional: — L'Chaim.

— L'Chaim... Como tem passado, Nim? Não o vejo com frequência nestas comemorações judaicas. Estou surpreso por descobrir que se interessa pela Terra Santa.

— Não sou religioso, doutor.

— Também não sou, Nim. Nunca fui. Sei o que fazer num hospital muito melhor do que numa sinagoga. — O médico terminou de comer o figo e pegou outro. — Mas gosto dos rituais e cerimônias, de toda a história antiga do nosso povo. Como deve saber perfeitamente, não é a religião que mantém o povo judaico unido. É um senso de comunidade, que remonta a cinco mil anos. É muito, muito tempo. Já tinha pensado nisso, Nim?

— Já, sim. E venho pensando muito a respeito, ultimamente.

O homem mais velho fitou-o com uma expressão irônica.

— E algumas vezes isso o perturba, não é mesmo? Está se perguntando até que ponto pode ser um judeu. Ou se é possível sê-lo sem observar esses rituais confusos e elaborados como faz o velho Aa-ron, não é?

Nim sorriu ao ouvir a referência ao sogro, que do outro lado da sala acuara um recém-chegado

num canto e estava lhe descrevendo exuberantemente o Tu B'Shvat:

— ...tem suas raízes no Talmude...

— É mais ou menos isso — disse Nim.

— Pois então vou lhe dar um conselho, filho: não se preocupe com essas coisas; não vale a pena. Faça como eu: gosto de ser um judeu, sinto o maior orgulho das realizações de nosso povo, mas quanto ao resto... só faço o que me dá na veneta. Respeito os dias sagrados, por exemplo. Pessoalmente, tiro uma folga e vou pescar. Mas, se não quiser respeitá-los, também não há problema.

Nim começou a sentir uma profunda simpatia por aquele velho médico, tão jovial.

— Meu avô era rabino, um velho suave. Lembro-me dele nitidamente. Foi meu pai quem me afastou da religião.

— E de vez em quando se pergunta se deveria voltar a ela, não é mesmo?

— De uma maneira um tanto vaga, sem levar a coisa muito a sério.

— Seja como for... esqueça! É impossível para alguém no seu estágio mental, ou no meu... ser um judeu praticante. Se começar a freqüentar a sinagoga, vai descobrir isso em cinco minutos. O que está sentindo, Nim, é nostalgia, uma afeição pelas coisas

do passado. Não há nada de errado nessa situação, mas é apenas isso.

Nim comentou, pensativo:

— Acho que é isso mesmo...

— Deixe-me dizer-lhe outra coisa: pessoas como você e eu sentem pelo judaísmo o mesmo que por velhos amigos... um sentimento de culpa ocasional por não os vermos mais freqüentemente, somado à ligação emocional. Foi assim que me senti quando fui com um grupo a Israel.

— Um grupo religioso?

— Não. Quase todos eram empresários, havia uns poucos médicos, dois ou três advogados. — O dr. Levin soltou uma risada. — Quase ninguém levou uma yarmulke.* Muito menos eu. Tive de pedir uma emprestada quando fui ao Muro das Lamentações, em Jerusalém. O que não impediu que fosse uma experiência emocional profunda, algo de que jamais esquecerei. Tive a sensação de integração, um orgulho imenso. Senti-me judeu naquele momento. E sempre me sentirei.

— Tem filhos, doutor?

O médico sacudiu a cabeça.

— Nunca tive. Eu e minha querida esposa... ela

* Pequeno chapéu usado pelos judeus ortodoxos.

já morreu, que Deus a guarde... sempre lamentamos profundamente. Uma das poucas coisas que lamentei em minha vida.

— Pois eu tenho dois filhos, um rapaz e uma moça.

— Sei disso. E foi por causa deles que começou a pensar na religião, não é mesmo?

Nim sorriu.

— Parece conhecer todas as perguntas, assim como as respostas.

— Acho que já as ouvi antes. E também tenho uma longa experiência de vida. Não se preocupe com seus filhos, Nim. Basta ensinar-lhes os instintos humanos decentes. Tenho certeza de que já o está fazendo. Quanto ao resto, pode deixar que eles descobrirão pessoalmente seus caminhos.

Havia uma pergunta óbvia a fazer. Nim hesitou por um instante, mas acabou formulando-a:

— Acha que um *bar mitzvah* ajudaria meu filho a encontrar seu caminho?

— Não vai lhe fazer mal algum, não é mesmo? Afinal, não iria expô-lo a nenhuma doença social, se o mandasse para uma escola hebraica. E um *bar mitzvah* é sempre seguido por uma festa espetacular. Encontram-se velhos amigos, come-se e bebe-se mais do que se deveria. Mas todo mundo adora.

Nim sorriu novamente.

— É um argumento de bom senso como nunca ouvi antes.

O dr. Levin falou, alegremente:

— E posso lhe dizer mais uma coisa de bom senso: seu filho tem o direito de fazer uma opção pessoal. É um direito que lhe cabe, é sua herança. E vai ter essa oportunidade ao estudar para o bar *mitzvah*. É como abrir uma porta. Deixe-o decidir se quer ou não transpô-la. Mais tarde, ele poderá optar pelo caminho de Aaron, pelo nosso, talvez por um caminho intermediário. Qualquer que seja o caminho que ele escolher, não devemos nos preocupar com isso.

— Obrigado, dr. Levin. Não sabe como me ajudou.

— Foi um prazer. E a consulta é de graça.

Enquanto os dois conversavam, o número de convidados aumentara consideravelmente, e o murmúrio das conversas crescera de intensidade. O companheiro de Nim volta e meia olhava ao redor, sorrindo e cumprimentando os outros; era evidente que conhecia quase todos os presentes. Os olhos dele se detiveram por um momento em Ruth, que estava conversando com outra mulher. Nim reconheceu a pianista famosa que freqüentemente dava

concertos em favor de causas israelenses.

— Sua esposa está linda esta noite — comentou o dr. Levin.

— Também acho. E foi justamente o que eu disse a ela ao chegarmos.

O médico meneou a cabeça, com uma expressão triste.

— Ela esconde perfeitamente o seu problema e angústia. — Fez uma pausa, antes de acrescentar: — Uma angústia que é também minha, diga-se de passagem.

Nim ficou perplexo.

— Está falando de Ruth?

— Claro. — Levin suspirou. — Há momentos em que eu gostaria de não ter de tratar de pacientes de quem gosto muito, como é o caso de sua esposa. Eu a conheço há muito tempo, Nim, desde que ela era uma garotinha. Espero que compreenda que estamos fazendo tudo o que é possível. Tudo mesmo!

Nim experimentou uma súbita sensação de alarme, um frio no estômago.

— Não tenho a menor idéia do que está falando, doutor!

— Não? — Foi a vez de o velho médico ficar perplexo, e uma expressão de confusão e culpa se estampou em seu rosto. — Ruth não lhe disse nada?

— Dizer o quê?

O dr. Levin pôs a mão no ombro de Nim e disse:

— Meu amigo, acabei de cometer um erro. Um paciente, qualquer um, tem direito ao sigilo, a ser protegido contra um médico tagarela. Mas você é o marido de Ruth, imaginei...

Nim protestou:

— Pelo amor de Deus, dr. Levin, sobre o que estamos conversando? Qual é o mistério?

— Lamento, mas não posso lhe dizer. — O dr. Levin sacudiu a cabeça. — Terá de perguntar a Ruth. E, quando o fizer, diga-lhe que lamento minha indiscrição. Mas diga também... que acho que você deve saber.

Ainda constrangido e antes que Nim pudesse fazer mais alguma pergunta, o médico tratou de se afastar.

Para Nim, as duas horas seguintes foram de intensa agonia. Observou os rituais sociais, encontrou-se com convidados com quem ainda não falara, participou de conversas, respondeu a perguntas de umas poucas pessoas que conheciam sua função na GSP & L. Mas, durante todo o tempo, seus pensamentos estavam concentrados em Ruth. O que Levin quisera dizer Com "ela esconde perfeitamente o

seu problema e angústia" e "estamos fazendo tudo o que é possível"?

Por duas vezes ele se esgueirou por entre os grupos para se postar ao lado de Ruth, tentando ter uma conversa particular, mas percebeu que era impossível. Em determinado momento, conseguiu dizer-lhe:

— Preciso muito falar com você.

E isso foi tudo. Nim compreendeu que teria de esperar até o momento de voltarem para casa.

Finalmente a festa foi se aproximando do fim, e os convidados começaram a se retirar. A bandeja de prata estava repleta de dinheiro para mais árvores em Israel. Aaron e Rachel Neuberger estavam na porta, despedindo-se dos convidados.

— Vamos embora também — disse Nim para Ruth.

Ela foi buscar o casaco num quarto, e os dois juntaram-se ao êxodo.

Eram os últimos a partir. Por isso, os quatro tiveram um momento de intimidade, que não fora possível antes. Enquanto Ruth beijava os pais, a mãe suplicou:

— Não, podem ficar mais um pouco?

Ruth meneou a cabeça.

— Já é tarde, mamãe, e estamos cansados. Nim

tem trabalhado demais.

— Se ele está trabalhando tanto, então trate de alimentá-lo melhor! — declarou Rachel.

Nim sorriu.

— O que comi esta noite será suficiente para me deixar alimentado por uma semana. — Estendeu a mão para o sogro e acrescentou: — Antes de irmos, gostaria que soubesse de uma coisa. Decidi matricular Benjy numa escola hebraica, a fim de que ele possa ter um *bar mitzvah*.

Por alguns segundos, houve silêncio. Depois, Aaron Neuberger ergueu as mãos à altura da cabeça, as palmas viradas para a frente, como numa prece.

— Louvado seja o Mestre do Universo! E que todos nós vivamos com saúde até esse dia glorioso!

— Por trás dos óculos de lentes grossas, os olhos estavam molhados de lágrimas.

— Vamos conversar sobre os detalhes... — Nim não pôde continuar falando, porque os pais de Ruth o abraçaram fortemente. Ruth não disse nada. Mas, alguns minutos depois, quando já estavam no carro e Nim dava a partida, virou-se para ele e disse:

— Foi uma coisa maravilhosa o que acabou de fazer, muito embora seja contra suas convicções. Por que tomou essa decisão?

Nim deu de ombros.

— Há dias em que não sei direito no que acredito. Além do mais, o seu amigo, o dr. Levin, me ajudou a pensar com um pouco mais de lucidez.

— Eu o vi conversando com ele... por um longo tempo.

Nim contraiu as mãos no volante.

— Não gostaria de me dizer alguma coisa?

— Por exemplo?

A frustração acumulada de Nim finalmente estourou:

— Por que você tem consultado o dr. Levin? O que a está deixando tão preocupada? Por que me escondeu o problema, qualquer que seja? Ah, sim... já ia me esquecendo de uma coisa. O seu médico pediu para dizer-lhe que lamenta muito ter sido indiscreto, mas acha que eu devo saber.

— Ele tem razão. Acho que está mesmo na hora de você saber. — Ruth falou com voz cansada. Toda a jovialidade anterior desaparecera. — Mas pode esperar até chegarmos em casa? Irei, então, contar-lhe tudo.

Seguiram pelo resto do caminho em silêncio.

— Estou com vontade de tomar um bourbon com soda, Nim. Pode prepará-lo para mim?

Estavam na sala de estar de sua casa, uma sala

pequena mas aconchegante. Era uma hora da madrugada. Leah e Benjy estavam profundamente adormecidos lá em cima.

— Claro!

Era estranho que Ruth pedisse um drinque, já que raramente bebia algo mais forte do que vinho. Nim foi até o aparador que servia de bar, preparou um bourbon com soda e serviu-se de um conhaque. Ao voltar, sentou-se diante da esposa, que bebeu um terço do drinque de um só gole, depois fez uma careta e largou o copo.

— Muito bem, Ruth, pode começar a falar.

Ela respirou fundo antes de começar:

— Está lembrado daquela verruga que eu removi há seis anos?

— Claro que estou.

Estranhamente, Nim a recordara recentemente, na noite em que ficara sozinho em casa, enquanto Ruth viajava, quando tomara a decisão de fazer uma visita a Denver. Notara a verruga no retrato a óleo de Ruth que estava pendurado na sala de estar, o retrato em que ela usava um vestido de baile sem alças. Nim olhou novamente para o retrato. Lá estava a verruga, exatamente como a lembrava antes de ser removida cirurgicamente: pequena e escura, no ombro esquerdo.

— E qual é o problema?

— Era um melanoma.

— Um o quê?

— Um melanoma é uma verruga que pode ter células cancerosas. Foi por isso que o dr. Mittelman... deve estar lembrado dele, era o meu médico na ocasião... aconselhou-me a removê-la. Concordei. Outro médico, um cirurgião, fez a operação. Foi relativamente simples, e depois ambos disseram que a verruga saiu sem qualquer problema. Não havia qualquer indício de que algo se espalhara.

— Lembro-me perfeitamente do que Mittelman disse.

Na ocasião, Nim ficara meio preocupado, mas o medido o tranqüilizara, insistindo em que fora apenas uma precaução, nada mais. Como Ruth acabara de ressaltar, isso acontecera havia seis anos; Nim esquecera os detalhes, só voltando a lembrá-los agora.

— Pois os dois estavam errados. — A voz de Ruth baixara, era agora quase um sussurro. — Havia células cancerosas e já tinham se espalhado. Agora... se espalharam mais ainda... pelo corpo todo.

Ela mal conseguiu balbuciar as últimas palavras. Depois, como uma represa cheia demais por

muito tempo e que finalmente transborda, seu controle dissipou-se inteiramente. O ar escapou de seus pulmões num gemido, o corpo foi sacudido por soluços violentos.

Por um momento, Nim continuou sentado, imóvel, impotente, aturdido, incapaz de compreender, muito menos de acreditar, no que acabara de ouvir. Depois, a realidade o invadiu. Como um turbilhão confuso de emoções, horror, sentimento de culpa, angústia, compaixão, amor, aproximou-se de Ruth e a abraçou.

Tentou confortá-la, apertando-a firmemente, os rostos colados.

— Oh, minha querida, meu amor, por que nunca me contou? Em nome de Deus... por quê?

A voz de Ruth era quase inaudível, entrecortada pelos soluços:

— Não éramos mais íntimos... não havia mais amor como antes... eu não queria apenas compaixão... você tinha outros interesses... outras mulheres...

Nim sentiu-se invadir por uma onda de vergonha e repulsa por si mesmo. Instintivamente, largou Ruth, caiu de joelhos diante dela e, segurando-lhe as mãos, suplicou:

— É tarde demais para pedir perdão, mas eu

peço. Fui um idiota, cego, egoísta...

Ruth meneou a cabeça, já recuperando parte do controle.

— Não precisa dizer nada disso!

— Quero dizer porque é verdade. Eu não tinha percebido antes, mas agora posso ver tudo claramente.

— Já lhe disse que não quero... apenas compaixão...

— Olhe para mim, Ruth! — Quando ela levantou a cabeça, Nim acrescentou, suavemente: — Eu a amo...

— Tem certeza de que não está dizendo isso só porque...?

— Eu disse que a amo e é o que sinto! E sempre amei, só que por algum tempo fiquei confuso, banquei o estúpido. Precisava que me acontecesse algo assim para compreender... — Ele parou de falar abruptamente e, depois de uma breve pausa, voltou a suplicar: — Já é tarde demais?

— Não. — O esboço de um sorriso se insinuou no rosto de Ruth. — Jamais deixei de amá-lo, apesar de você ter-se comportado como um miserável.

— E fui mesmo...

— No final das contas, talvez devamos alguma coisa ao dr Levin.

— Escute, meu amor... — Nim fez uma pausa, procurando as palavras certas, querendo tranqüilizá-la. — Vamos enfrentar tudo juntos. Faremos tudo o que for clinicamente possível. E não se fala mais de separação ou divórcio.

Ruth disse em voz firme; bem alto:

— Eu jamais quis qualquer um dos dois! Oh, Nim querido, aperte-me com força! Beije-me!

Ele o fez. E no mesmo instante, como se nunca tivesse existido, o abismo entre os dois desapareceu.

— Está muito cansada para me contar tudo, Ruth? Esta noite? Agora?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não. E quero contar-lhe tudo.

Ruth falou por mais uma hora, e Nim escutou atentamente, de vez em quando fazendo uma pergunta.

Fazia mais ou menos oito meses, Ruth havia descoberto um pequeno caroço no lado esquerdo do pescoço. O dr. Mittelman se aposentara no ano anterior, e ela fora consultar o dr. Levin.

O médico ficou desconfiado do caroço e pediu uma série de exames, inclusive radiografia do tórax, exames do fígado e dos ossos. Os exames minuciosos explicavam as ausências de Ruth durante o dia, que Nim havia notado. Os resultados mostraram

que as células cancerosas, depois de permanecerem latentes por seis anos, haviam subitamente se espalhado pelo corpo de Ruth.

— No dia em que eu soube, Nim, fiquei sem saber o que fazer ou pensar.

— Não importava tudo o mais que pudesse estar errado entre nós, deveria ter me contado.

— Você parecia já estar com problemas demais. Foi mais ou menos na ocasião em que Walter foi morto naquela explosão em La Mission. Seja como for, resolvi não contar. Depois, atualizei os seguros, providenciei tudo o que era necessário.

— Seus pais não sabem?

— Não.

Depois dos resultados dos exames, explicou Ruth, ela começara a comparecer a um hospital local uma vez por semana, como paciente externa, para tratamentos de quimioterapia e imunoterapia. O que também explicava suas ausências durante o dia.

Ruth sofria enjôos ocasionais e emagrecera por causa do tratamento, mas conseguira ocultar as duas coisas. As repetidas ausências de Nim tornavam tudo mais fácil.

Nim pôs a cabeça entre as mãos, sua vergonha se aprofundava. Pensava que Ruth estivesse se encontrando com outro homem, quando, na verdade...

Mais tarde, continuou Ruth, o dr. Levin informou-a sobre um novo tratamento que estava sendo experimentado no Sloan-Kettering Institute, em Nova Iorque. Achava que Ruth deveria ir até lá. E ela foi, para uma estada de duas semanas e uma nova série de exames.

Nim encarara com indiferença aquela ausência prolongada, no máximo como uma inconveniência para si próprio.

Ele simplesmente não sabia o que dizer agora.

— O que aconteceu, aconteceu, Nim. Você não poderia ter imaginado.

Nim formulou finalmente a pergunta que tanto receava:

— E o que dizem os médicos sobre o futuro... qual o prognóstico?

— Em primeiro lugar, não há cura; em segundo, já é tarde demais para a cirurgia. — A voz de Ruth já estava firme novamente, ela recuperara seu equilíbrio habitual. — Mas posso ter ainda alguns anos de vida, embora só possamos saber quantos no momento em que se esgotarem. Também não sei se devo ou não fazer o tratamento do Sloan-Kettering Institute. Os médicos de lá estão usando um tratamento que consiste na aplicação de microondas para aumentar a temperatura de um tumor, seguido

por radiação, que pode... ou não... destruir o tecido do tumor. — Ruth sorriu debilmente. — Como pode imaginar, procurei descobrir o máximo possível sobre a doença e seu tratamento.

— Vou conversar pessoalmente com o dr. Levin, amanhã... ou melhor, hoje. Importa-se?

— Se me importo? — Ruth suspirou. — Claro que não! É maravilhoso ter alguém em quem me apoiar! Oh, Nim, eu precisava tanto de você!

Ele a abraçou novamente. Pouco depois, apagou as luzes e levou-a para o quarto.

Pela primeira vez, em muitos meses, Nim e Ruth partilharam uma só cama. E, quando o dia estava raiando, eles se amaram.

A lâmina da faca faiscou, e o sangue esguichou. Observando o processo de castração, Nim sentiu-se ligeiramente nauseado. Ao lado dele, Paul Yale riu e comentou:

— Agradeça a Deus por ter nascido homem e não um novilho.

Os dois estavam num passadiço estreito por cima de um curral, na fazenda de gado do vale San Joaquin, o coração agropecuário da Califórnia. A fazenda era uma das propriedades do fundo de investimentos da família Yale.

— Fico deprimido ao pensar em qualquer macho sendo privado de seu sexo — explicou Nim.

Ele chegara de avião naquela manhã, a fim de apresentar a Paul Yale um relatório sobre a energia elétrica em seu relacionamento com a agricultura. Os fazendeiros da Califórnia eram grandes consumidores de energia elétrica; a agropecuária e as indústrias, juntas, consumiam dez por cento de toda a energia gerada pela GSP & L. Sem eletricidade, as atividades agropecuárias iriam definhar... e afetar inevitavelmente o bem-estar do Estado.

Mais tarde, naquele mesmo dia, o ex-ministro

do Supremo iria comparecer, como representante da GSP & L, a uma audiência regional sobre o projeto da companhia para Tunipah. Fazia parte da série de audiências da Comissão de Energia, que alguns chamavam de espetáculo ambulante. Líderes comunitários seriam convidados a depor sobre as necessidades locais de energia. Os fazendeiros do vale San Joaquín, que viam sua subsistência ameaçada pela escassez de energia, já figuravam entre os mais resolutos defensores de Tunipah.

Inevitavelmente, haveria também alguma oposição.

Ainda observando a atividade abaixo deles, Yale disse a Nim:

— Entendo o que está querendo dizer sobre a supressão da masculinidade... mesmo em animais. De certa forma, é uma pena. Mas é também necessário. Quando se é fazendeiro, nem mesmo se pensa nessas coisas.

— Gosta de ser fazendeiro?

— Um fazendeiro de meio expediente? Não sei ainda. — O velho jurista franziu o rosto. — O que estou fazendo é examinar os balanços e tentar entender por que esta e outras operações do fundo da família não estão dando lucro.

— O que estamos vendo neste momento pare-

ce-me bastante eficiente.

— Pode ser eficiente, mas é também extremamente dispendioso.

Eles estavam observando a chegada do gado. Os bezerros, nascidos nas pastagens e ali criados por seis meses, eram trazidos para os currais, a fim de serem engordados para a venda no mercado.

Cinco vaqueiros, homens de meia-idade, em roupas de zuarte, cuidavam da operação.

Meia dúzia de bezerros eram levados para um curral circular, de onde os animais eram empurrados, através de choques elétricos, para um corredor estreito de cimento; as paredes, ali, erguiam-se acima de suas cabeças, mas eram abertas no topo. Uma solução de inseticida era generosamente despejada sobre os animais, para matar os insetos e larvas.

O corredor levava, com uma inexorabilidade terrível, pensou Nim, a uma prensa hidráulica. Era uma caixa de metal, que se contraía assim que o bezerro entrava, a cabeça solta, o corpo levantado do solo. O assustado animal berrava desesperadamente... e tinha boas razões para isso, como ficaria comprovado nos minutos seguintes.

Primeiro, uma seringa contendo óleo de motor era despejada nas duas orelhas, para matar os carrapatos. Depois, uma imensa seringa era introduzi-

da na boca do animal injetando um vermífugo. Em seguida, as extremidades afiadas dos chifres eram cortadas com uma tesoura especial, deixando à mostra a parte mole e sangrenta interior. Simultaneamente, sentia-se um cheiro forte e nauseante de pêlo e carne queimados, quando um ferro de marcar elétrico, em brasa, era comprimido contra o flanco do animal

Ao toque de uma alavanca e com um zumbido de ar comprimido, a caixa de metal girava noventa graus para o lado. No que fora antes o fundo, ficava à mostra uma pequena "janela", que um vaqueiro abria. Inserindo pela abertura uma lata de aerossol contendo desinfetante, o homem o espalhava sobre os órgãos genitais do bezerro. Depois, largava a lata e pegava uma faca. Cortava os testículos e jogava-os num recipiente a seu lado. Outra aplicação do jato de aerossol na ferida sangrando e a operação estava concluída.

O bezerro, tendo sido privado de todos os seus desejos que não o de comer, iria engordar facilmente.

A prensa hidráulica era aberta. Ainda berrando, o animal corna para um curral mais à frente.

Do princípio ao fim, a operação levava menos de quatro minutos.

— É mais rápido e mais simples do que antigamente -- comentou Yale. — Nos tempos do meu avô e até mesmo recentemente, os bezerros tinham de ser laçados e amarrados para que se pudessem fazer as coisas que acabamos de observar. Hoje em dia, nossos vaqueiros raramente montam a cavalo, e alguns nem sabem montar.

— E o método moderno é mais barato?

— Deveria ser, mas não é. E tudo por causa do custo cada vez maior da mão-de-obra, materiais, forragem, energia elétrica... especialmente de energia elétrica. Usamos energia elétrica para tudo. Como, por exemplo, o moinho que prepara a forragem para quarenta mil cabeças de gado. E sabia que as luzes dos currais ficam acesas a noite toda?

— Pelo que sei, servem para o gado poder ver e comer.

— Exatamente. O gado dorme menos, come mais, engorda mais depressa. Mas nossas contas de energia são astronômicas.

Nim cantarolou:

— Acho que já ouvi essa música antes...

Yale não pôde deixar de rir.

— Estou parecendo um desses consumidores que vivem reclamando, não é mesmo? Pois é o que sou hoje. Tive uma conversa com nosso administra-

dor, Ian Norris, e mandei que reduzisse drasticamente as despesas, economizasse, eliminasse o desperdício, poupasse em tudo. Não há outro jeito.

Nim fora apresentado a Norris naquela manhã. Era um homem soturno, mal-humorado, de cinquenta e tantos anos, que tinha um escritório na cidade e administrava outros bens além do fundo de investimentos da família Yale. Pelo que Nim pudera observar, Norris talvez ficasse mais à vontade quando Paul Sherman Yale estava em Washington e não se envolvia nos negócios da família.

— O que eu realmente gostaria de fazer era vender esta propriedade e algumas outras que meu avô deixou — disse Yale. — Mas agora não é uma ocasião propícia para isso.

Enquanto conversavam, Nim continuou a observar a procissão lá embaixo. Algo o deixou perplexo.

— Esse último bezerro e o anterior não foram castrados. Por quê?

— Nim, meu rapaz, há algo que preciso revelar-lhe — disse Yale, inclinando-se e falando em tom confidencial. — É que eram fêmeas...

Almoçaram em Fresno, no Salão Windsor do Hilton Hotel. Durante o almoço, Nim continuou a dar-lhe as informações necessárias. Era um trabalho

fácil. Assim que qualquer fato ou estatística era mencionado, Yale parecia decorá-lo instantaneamente. Raramente pedia que alguma coisa fosse repetida, e suas perguntas objetivas demonstravam uma excepcional rapidez de raciocínio, além de uma boa compreensão do quadro geral. "Gostaria que minha capacidade mental continuasse tão boa quanto a dele quando chegasse aos oitenta anos", pensou Nim.

Uma boa parte da conversa foi sobre água. Noventa por cento da energia elétrica consumida pelos fazendeiros do fértil vale San Joaquin, informou Nim, era para bombear água de poços para irrigação. Assim, as interrupções no fornecimento de energia seriam desastrosas.

— Lembro-me deste vale quando era quase totalmente um deserto — recordou Paul Yale. — Foi na década de 20. Houve um tempo em que ninguém acreditava que se pudesse cultivar qualquer coisa aqui. Os índios chamavam-no de "vale vazio".

— É que não tinham ouvido falar da eletrificação rural.

— Tem razão. Operou milagres por aqui. Como é mesmo aquela frase de Isaías? Ah, sim... "O deserto irá regozijar-se e desabrochar como a rosa". — Yale soltou uma risada, antes de acrescentar: —

Talvez eu possa incluir isso no meu depoimento. Não acha que uma ou duas citações da Bíblia dão um toque de classe?

Antes que Nim pudesse responder, o maître se aproximou da mesa e informou:

— Telefone para o senhor. Pode atender na mesa da hostess, se desejar, sr. Yale.

O velho jurista se afastou por vários minutos. Nim podia vê-lo do outro lado do salão, escrevendo num caderninho de anotações, enquanto escutava atentamente o que estava sendo dito pelo telefone. Ao voltar para a mesa, estava radiante, o caderninho aberto.

— Boas notícias sobre Tunipah, Nim. Eu diria mesmo que são excelentes. Um assessor do governador estará presente à audiência desta tarde. Vai fazer uma declaração segundo a qual o governador agora apóia resolutamente o projeto de Tunipah. Um *press release* de confirmação está sendo distribuído neste momento pelo gabinete do governador. — Yale deu uma olhada em suas anotações. — Diz que por "convicção pessoal, depois de profundos estudos, o governador está agora certo de que o projeto de Tunipah é essencial para o desenvolvimento e a prosperidade da Califórnia".

— Conseguiu mesmo! Meus parabéns!

— Admito que estou satisfeito. — Guardando o caderninho no bolso, Yale consultou o relógio. — O que acha de fazermos algum exercício e irmos a pé até o local da audiência?

— Vou acompanhá-lo até lá, mas não entrarei.
— Nim sorriu. — Não se esqueça... ainda sou *persona non grata* na Comissão de Energia.

O prédio onde se realizaria a audiência ficava a cerca de dez minutos de distância, a pé.

Era um dia claro e ameno. Paul Yale, lépido no andar como em tudo o mais, saiu rapidamente do hotel. Depois de tanta conversa antes e durante o almoço, os dois ficaram agora em silêncio.

Os pensamentos de Nim voltaram a Ruth, como vinha acontecendo com extrema frequência ultimamente. Uma semana e meia já se passara desde aquela noite, comovente em que Nim soubera que a vida de Ruth estava ameaçada por células cancerosas espalhadas por seu corpo. Afora uma conversa com o dr. Levin, Nim guardara o segredo para si. Não via razão para transformar Ruth, como ele já vira acontecer em outras famílias, num objeto de comentários e explicações.

A atitude do dr. Levin não fora derrotista nem

tranqüilizadora.

— Sua esposa pode ter ainda muitos anos de vida normal. Mas você deve saber também que o estado dela pode deteriorar-se súbita e rapidamente. O tratamento, quer seja quimioterapia ou imunoterapia, fará com que as chances dela sejam um pouco melhores.

Quanto a uma possível terapia adicional, Ruth faria em breve outra viagem a Nova Iorque. Seria decidido então se o método mais novo e em pane ainda experimental do Sloan-Kettering Institute poderia ajudá-la. Para Nim, assim como para Ruth, a espera era como viver numa saliência solta à beira de um precipício, sem saber se iria desmoronar ou agüentar firme.

— O único conselho que posso lhe dar é o mesmo que já dei a sua esposa: viver cada dia de modo especial, sabendo aproveitá-lo ao máximo — acrescentara o médico. — Não a deixe adiar ou se esquivar das coisas que ela queira e possa fazer. Pensando bem, é um bom conselho para todos nós. Não se esqueça de que você ou eu podemos morrer amanhã de um ataque cardíaco ou num acidente de carro, e sua esposa sobreviver a nós dois em muitos anos. — O dr. Levin suspirara, antes de arrematar: — Sinto muito, Nim. Provavelmente, o que estou

dizendo parece bobagem. Sei que gostaria de ouvir algo mais objetivo e definido. Todo mundo quer. Mas o conselho que estou lhe dando é o melhor de que disponho.

Nim seguiu o conselho do dr. Levin; passava o máximo de tempo possível em companhia de Ruth. Naquela noite, por exemplo, poderia ficar em Fresno. Havia alguns projetos locais sobre os quais poderia informar-se, com grande proveito. Em vez disso, reservara uma passagem num vôo da tarde, a fim de voltar para casa a tempo para o jantar.

Seus pensamentos foram trazidos de volta ao presente por um comentário de Paul Yale:

— Parece que há um número extraordinário de pessoas na rua a esta hora do dia.

Nim estava tão absorto em seus pensamentos que não havia reparado.

— Tem razão.

As ruas próximas estavam repletas de pedestres, todos aparentemente seguindo na mesma direção de Yale e Nim: o local onde seria realizada a audiência. Algumas pessoas caminhavam apressadamente, como se desejassem chegar na frente. Havia também muitos carros, e o trânsito já começava a ficar congestionado. Entre os ocupantes dos carros e os que estavam a pé, pareciam predominar mu-

Iheres e adolescentes.

— Talvez tenha se espalhado a notícia de que o senhor viria hoje aqui — comentou Nim.

O velho jurista riu.

— Mesmo que tivesse, não tenho o carisma para atrair tal multidão.

Chegaram ao gramado diante do prédio, que já estava apinhado de gente.

— Quando se quer descobrir alguma coisa, a melhor maneira é perguntar — comentou Yale. Tocou o braço de um homem de meia-idade, metido num macacão de operário. — Com licença... Estamos curiosos e gostaríamos de saber por que há tanta gente aqui.

O homem fitou-o com uma expressão de incredulidade.

— Quer dizer que não sabe?

Yale sorriu.

— Foi por isso que perguntei.

— Cameron Clarke vai aparecer aqui.

— O ator de cinema?

— Quem mais poderia ser? Ele vai falar em alguma audiência do governo. O rádio falou nisso a manhã inteira. E deu também na televisão, segundo minha velha.

— Que audiência do governo? — indagou Nim.

— Como é que vou saber? Além do mais, quem se importa com isso? Só quero dar uma olhada nele e mais nada.

Paul Yale e Nim se entreolharam, o mesmo pensamento ocorrendo a ambos.

— Saberemos em breve — murmurou Yale.

Começaram a abrir caminho através da multidão na direção da entrada do prédio, que era funcional, sem qualquer característica arquitetônica interessante, com uma escadaria na frente. Nesse momento, uma limusine preta, com uma escolta de motociclistas da polícia, aproximou-se pelo outro lado. Soou um grito, que logo foi repetido por incontáveis vozes:

— Lá está ele! Lá está ele!

A multidão avançou. Apareceram mais guardas. Abriram caminho para que a limusine chegasse ao meio-fio, diante da escadaria. Assim que o carro parou, um motorista uniformizado saltou e foi abrir a porta de trás. Um jovem baixo e esguio saiu do carro. O cabelo era louro, usava um terno bege. A multidão pôs-se a aclamar. Alguém gritou, e outros se puseram a repetir:

— Cameron! Ei, Cameron!

Como se fosse um rei, Cameron Clarke acenou em resposta.

Ele era no momento a grande garantia de bilheteria de Hollywood. O rosto bonito, infantil e jovial era conhecido por cinquenta milhões de fãs que o idolatravam, de Cleveland a Calcutá, de Seattle a Serra Leoa, do Brooklyn a Bagdá. Até mesmo os augustos ministros do Supremo Tribunal dos Estados Unidos já tinham ouvido falar de Cameron Clarke, como Paul Sherman Yale demonstrara um momento antes. A simples presença de Clarke em qualquer lugar era suficiente para provocar um verdadeiro tumulto. A polícia de Fresno, sabendo disso, estava se empenhando ao máximo para conter a multidão.

Os fotógrafos, que começaram a tirar fotos no momento em que a limusine parou, continuavam a fotografar como se os filmes fossem inesgotáveis. Uma equipe de TV, que estava à espera, aproximou-se do grande astro do cinema.

E foi feita uma entrevista ali mesmo.

Entrevistador (com grande respeito): — Sr. Clarke, por que está aqui?

Cameron Clarke: — Estou aqui, Como um cidadão comum e humilde, para protestar contra um plano sórdido e totalmente desnecessário que iria conspurcar a magnífica e ainda intata região da Califórnia conhecida como Tunipah.

E.: — São palavras bem fortes. Poderia explicar

por que se sente assim?

C. C: — Claro! O projeto de Tunipah é desastroso porque é contra o meio ambiente. É sórdido porque o objetivo exclusivo é proporcionar mais lucros à Golden State Power & Light, que não está precisando disso. É desnecessário porque existe outra fonte de energia disponível. Além do mais, a redução no consumo de energia iria diminuir as necessidades muito mais do que Tunipah seria capaz de gerar.

Nim e Paul Yale estavam próximos e podiam ouvir a entrevista. Nim murmurou, furioso:

— Ele está recitando a lição que lhe ensinaram. Eu gostaria de saber quem foi o idiota desinformado que escreveu essas respostas.

E.: — Qual é essa outra fonte de energia, sr. Clarke?

C. C: — A energia solar.

E.: — Acha que a energia solar já está disponível?

C. C.: — Tenho certeza absoluta. Mas não há qualquer pressa, nem mesmo para a energia solar. Essa conversa sobre escassez de energia não passa de uma tática de apavoramento... mera propaganda das companhias de energia elétrica.

Um espectador gritou:

— É isso aí, Cameron! Vamos dar uma lição nesses miseráveis gananciosos!

O ator virou-se, acenou e sorriu. Nim disse a Paul Yale:

— Acho que já ouvi o bastante. Se não se importa, sr. Yale, vou seguir para o norte, deixando-o aqui na audiência. Ao que parece, vai ser um espetáculo e tanto.

— Já sei quem será o astro, e pode estar certo de que não serei eu — murmurou Yale, tristemente.

— Está bem, Nim, pode ir. E obrigado por sua ajuda.

Enquanto Nim abria caminho por entre a multidão na direção oposta, Yale chamou um guarda e identificou-se. Um momento depois, inteiramente despercebido, ele entrou no prédio, escoltado por guardas.

A entrevista da televisão com Cameron Clarke continuava.

— Para dizer a verdade, Cameron Clarke é um rapaz dos mais decentes pessoalmente — comentou Oscar O'Brien, no dia seguinte. Conversei com ele e também com alguns dos seus amigos. Ele tem um casamento sólido e três filhos que adora. O proble-

ma é que, sempre que abre a boca em público, tudo o que diz parece vir diretamente do monte Olimpo.

O advogado, que comparecera à audiência em Fresno, estava relatando os acontecimentos a J. Eric Humphrey, Teresa van Buren e Nim.

— A principal razão de Clarke se opor a Tunipah é o fato de possuir uma propriedade nas imediações, um refugio onde passa os verões com a família. Eles têm cavalos, andam pelas trilhas, pescam, de vez em quando passam a noite acampados no mato. Clarke está com medo de que o projeto de Tunipah acabe com tudo isso. E provavelmente é o que iria mesmo acontecer.

Eric Humphrey perguntou:

— Mas não foi ressaltado que o bem-estar de milhões de californianos é muito mais importante do que os privilégios de férias de um único indivíduo?

— Claro que foi — respondeu Oscar O'Brien. — Procurei deixar isso bem claro na inquirição. Mas acha que alguém se importou? Não! Cameron Clarke se manifestou contra Tunipah, e ponto final. O deus das telas tinha falado, nada mais podia ter qualquer importância.

O advogado parou de falar por um momento, recordando, antes de acrescentar:

— Quando Clarke falou na audiência sobre a destruição da natureza... e não posso deixar de reconhecer que ele foi sensacional, parecia até Marco Antônio discursando sobre o cadáver de César... muitas pessoas começaram a chorar. E estou falando sério: estavam chorando mesmo!

— Ainda acho que alguém escreveu o roteiro para ele — comentou Nim. — Pelo que ouvi dizer, ele não sabe tanto assim a respeito de coisa alguma.

O'Brien deu de ombros.

— É uma dúvida inteiramente acadêmica. Mas a coisa não ficou por aí. Quando Clarke terminou o depoimento e se preparava para ir embora, o comissário que presidia a audiência mandou avisá-lo de que gostaria de um autógrafo. Disse que era para a sobrinha. Um tremendo mentiroso. Era para ele próprio!

— Seja como for — concluiu Teresa van Buren —, o fato é que Cameron Clarke nos causou um tremendo prejuízo.

Ninguém comentou o que não precisava ser dito: que a televisão, o rádio e os jornais tinham dado uma ampla cobertura ao depoimento do ator, ofuscando todas as demais notícias a respeito de Tuni-pah. No Chronicle-West e no Califórnia Examiner, a declaração do governador da Califórnia em apoio

ao projeto merecera apenas um pequeno parágrafo, ao final da ampla reportagem dominada por Clarke. Na TV, a declaração do governador nem fora mencionada. E a presença de Paul Sherman Yale fora totalmente ignorada.

O instinto dizia a Nancy Molineaux que estava na pista de alguma coisa importante. Possivelmente, uma grande reportagem, embora até aquele momento ainda estivesse informe e inconsistente. Havia outros problemas. Um deles era o fato de ela não saber exatamente o que estava procurando. Outro era a necessidade prática de continuar a fazer reportagens regulares para o *Califórnia Examiner*, o que limitava consideravelmente o tempo de que dispunha para sua nebulosa investigação. E tudo se tornava ainda mais difícil pelo fato de Nancy não ter revelado a ninguém o que estava fazendo, muito menos ao editor local do *Examiner*, um homem sempre em busca de resultados imediatos e incapaz de compreender que a astúcia e a paciência podiam muitas vezes ser as grandes armas de um bom repórter. Nancy possuía ambas.

E as vinha usando desde a assembléia anual dos acionistas da *Golden State Power & Light*, quando Nim Goldman lhe sugerira, num acesso de raiva:

— Por que não investiga sobre ele?

"Ele" era Davey Birdsong.

Evidentemente, Goldman perdera o controle e não esperava que Nancy levasse a sugestão a sério. Mas, depois de pensar muito a respeito, ela decidira aceitar a sugestão.

Já antes estava curiosa em relação a Birdsong. Nancy desconfiava de pessoas que estavam sempre ao lado da justiça e na defesa dos oprimidos, ou gostavam de fazer com que os outros assim pensassem. Era o caso de Davey Birdsong. De acordo com a experiência de Nancy, os idealistas liberais populistas em geral estavam querendo simplesmente se sobrepor aos demais, ocupando o primeiro lugar absoluto, deixando para os outros apenas as migalhas. Ela já testemunhara isso pessoalmente mais de uma vez, tanto nas comunidades negras como nas brancas.

O sr. Milo Molineaux, pai de Nancy, não era um idealista e reformador liberal. Era apenas um empreiteiro de obras, que durante a vida toda visara a um objetivo declarado: o de passar da situação de menino pobre, nascido de pais negros na região rural da Louisiana, para a de homem rico. E conseguira, através do trabalho árduo e honesto. Atualmente, o sr. Molineaux era um homem imensamente rico.

Contudo, Nancy já chegara à conclusão de que

o pai fizera muito mais pela gente de sua raça, proporcionando bons empregos, salários justos e dignidade humana, do que mil ativistas políticos e outros do gênero.

Ela desprezava alguns dos liberais, inclusive brancos, que se comportavam como se estivessem querendo reparar pessoalmente trezentos anos de escravidão dos negros. Pela maneira como esses idiotas falavam e agiam, era de acreditar que um negro jamais pudesse fazer qualquer coisa errada. Nancy se divertia sendo grosseira e agressiva com tais liberais, observando como aceitavam qualquer atitude sua e sorriam, deixando que ficasse impune em situações inaceitáveis, só porque era negra. E, enquanto eles se comportavam assim, o desprezo de Nancy ia se tornando cada vez maior.

Ela não desprezava Nim Goldman. Ao contrário — o que teria deixado o próprio Nim espantado —, passara a gostar dele, a admirá-lo.

Goldman a detestava, e Nancy sabia disso. Ele a detestava com toda a franqueza, sem fazer o menor esforço para disfarçar. Detestava-a como repórter e como mulher. Nancy tinha certeza de que a cor de sua pele nada tinha a ver com o ódio de Goldman, que teria sido igualmente intenso quer ela fosse branca, amarela ou roxa. No que tocava a seu

ódio contra Nancy Molineaux, ele não distinguia nenhuma cor.

E era assim mesmo que tinha de ser. Por isso Nancy o respeitava.

Por pura implicância, como era a primeira a reconhecer, Nancy gostava de provocar a raiva de Goldman. Era tão agradável! De qualquer forma, já era suficiente. Nancy conseguira crucificá-lo por duas vezes, mas não era justo continuar a fazê-lo. Além do mais, o filho da mãe era corajoso e honesto, o que já não se podia dizer da maioria das pessoas pomposas e inconsistentes que haviam pontificado nas audiências, enquanto Goldman falara o que pensava e por isso fora depois amordaçado.

Nancy escrevera a reportagem sobre a audiência final de Goldman da forma que fizera porque se orgulhava de ser, em primeiro lugar e acima de tudo, um boa jornalista. O que significava ser implacável, pondo em segundo plano as emoções e sentimentos pessoais. Mas nem por isso deixara de lamentar o que acontecera com Goldman e desejar que ele se recuperasse.

Se algum dia viesse a conhecê-lo melhor, o que era altamente improvável, Nancy não hesitaria em dizer-lhe isso.

Por enquanto, havia uma certa lógica e justiça,

pensava Nancy Molineaux, em concentrar sua atenção em Davey Birdsong, depois de ter abandonado Goldman como alvo.

De uma coisa Nancy tinha certeza: não sentia a menor admiração por Birdsong e estava convencida, mesmo no estágio inicial de suas investigações, de que ele era um farsante e provavelmente um vigarista.

Logo depois da assembléia anual dos acionistas, ela começou a investigar discretamente sobre Birdsong e sua f & lp. As investigações se prolongaram por vários meses, pois só podia se dedicar a elas nas horas vagas, e havia períodos em que simplesmente deixava tudo de lado. Mas os resultados, embora lentos, eram dos mais interessantes.

Nancy descobriu que Birdsong havia fundado a f & lp quatro anos antes, numa ocasião em que a inflação, somada ao aumento dos preços do petróleo, fizera com que as tarifas de energia elétrica e gás se tornassem consideravelmente mais altas. Incontestavelmente, a elevação das tarifas havia causado problemas e dificuldades para as famílias das classes média e baixa. Birdsong se proclamou então o defensor do povo.

Sua exuberância lhe valeu uma atenção imediata dos meios de comunicação, e ele tratou de capita-

lizá-la, recrutando milhares de membros para a sua f & lp. Com essa finalidade, contratou um pequeno exército de universitários. Nancy conseguiu localizar diversos ex-estudantes que haviam trabalhado para Birdsong. Todos, sem exceção, mostraram-se revoltados com a experiência.

— Achávamos que estávamos fazendo algo nobre, ajudando os menos favorecidos — disse um desses antigos estudantes, hoje arquiteto. — Mas logo descobrimos que estávamos principalmente ajudando a Davey Birdsong.

E o informante não parou por aí:

— Quando saíamos a campo, levávamos petições que Birdsong mandara imprimir. Eram endereçadas ao governador, a algum senador estadual, à Assembléia Legislativa, à Comissão de Serviços Públicos, e assim por diante. Pediam a redução das tarifas dos serviços públicos para os consumidores mais pobres. Íamos de porta em porta, pedindo às pessoas para assinar. E quem não iria assinar um pedido daqueles? Todo mundo assinava!

Uma jovem que também trabalhara para Birdsong, e consentiu em conversar com Nancy na mesma ocasião, continuou a história:

— Assim que tínhamos a assinatura, não antes, passávamos a explicar que organizar petições cus-

tava dinheiro. Pedíamos, então, à pessoa que nos ajudasse, contribuindo com três dólares para a campanha, o que representava um ano de associação à f & lp. A essa altura, a pessoa com quem estávamos falando já pensava que nos devia alguma coisa pelo trabalho que estávamos realizando. Era uma hábil manobra psicológica, coisa em que Birdsong é muito bom. Eram bem poucas as famílias, até entre as mais pobres, que não davam os três dólares.

O jovem arquiteto retomou a narrativa:

— Acho que não havia nada de realmente desonesto nisso, a não ser que se possa chamar de desonesto angariar muito mais dinheiro do que o necessário para manter a f & lp. Mas houve realmente desonestidade na maneira como Birdsong tratou os estudantes que trabalhavam para ele.

A moça voltou a falar:

— Birdsong prometeu-nos, como remuneração, um dólar de cada três que angariássemos. Mas insistiu em que todo o dinheiro fosse primeiro entregue a ele, explicando que precisava registrá-lo nos livros. Só depois é que nos pagaria. E só pagou mesmo depois, mas muito depois. Mesmo assim pagou apenas um quarto do que prometera... vinte e cinco cents, em vez de um dólar para cada três angariados. Claro que discutimos com ele, mas Birdsong

simplesmente alegou que fora mal compreendido.

Nancy perguntou:

— E não tinham nada por escrito?

— Não. Confiávamos nele. Afinal, Birdsong estava do lado dos pobres, lutando contra as companhias poderosas... ou, pelo menos, era o que pensávamos.

— Além disso — acrescentou o arquiteto —, Birdsong era precavido, como só viemos a descobrir depois, já que conversava separadamente com cada um. Dessa maneira, não havia testemunhas. Mas, se houve um mal-entendido, todos nós participamos dele.

— Houve de fato um mal-entendido — comentou a moça. — Não percebemos que Birdsong não passava de um vigarista.

Nancy Molineaux pediu aos dois e a outras pessoas que fizessem uma estimativa do quanto fora angariado. Em suas declarações públicas, Birdsong dizia que a f & lp tinha vinte e cinco mil associados. Mas a maioria das pessoas com quem Nancy conversou estava convencida de que o número era consideravelmente mais alto, provavelmente trinta e cinco mil associados. Se assim fosse, e descontando-se a quantia paga aos estudantes, a receita da f & lp no primeiro ano fora provavelmente em torno de

cem mil dólares.

— Não deve estar longe da verdade — comentou o jovem arquiteto, quando informado da estimativa de Nancy. — Birdsong tem um negócio lucrativo. — Fez uma pausa, antes de acrescentar, tristemente: — É... acho que estou no negócio errado.

Nancy descobriu também que a coleta de dinheiro para a f & lp continuava.

Davey Birdsong ainda contratava universitários, pois sempre havia uma nova geração que precisava de dinheiro e um trabalho de meio expediente, com o objetivo de recrutar novos associados para a f & lp, assim como renovar a participação dos antigos. Aparentemente, Birdsong não estava mais enganando os estudantes; compreendera, com certeza, que não poderia continuar indefinidamente com a trapaça. Mas não restava a menor dúvida de que muito dinheiro continuava a fluir para a f & lp.

O que Birdsong fazia com esse dinheiro? A resposta não era simples. É verdade que ele fazia uma oposição ativa à Golden State Power & Light, em diversas frentes, muitas vezes com sucesso. Muitos associados da f & lp achavam que a atuação dele era digna do dinheiro com que contribuía. Mas Nancy não pensava assim.

Com a ajuda de um contador, Nancy fez os cál-

culos aritméticos necessários. Mesmo com despesas generosas e um salário pessoal para Birdsong, não havia possibilidade de gastar mais do que a metade do dinheiro que estava entrando. E o que acontecia com o resto? Birdsong, que controlava totalmente a f & lp, provavelmente estava desviando dinheiro para outros fins.

É claro que Nancy não podia provar. Pelo menos, por enquanto. O contador comentou que o Serviço de Imposto de Renda podia exigir uma auditoria da f & lp e de Birdsong. Mas o problema era que esse serviço sempre tivera escassez de pessoal. Por isso, muitas organizações supostamente não-lucrativas jamais eram inspecionadas e escapavam impunes com suas trapações financeiras.

O contador perguntou se Nancy gostaria que ele informasse o Serviço de Imposto de Renda confidencialmente.

A resposta categórica foi "não". Ela ainda não estava pronta para dar informações a quem quer que fosse.

Os serviços do contador estavam à disposição de Nancy porque o pai dela era um importante cliente da firma. O mesmo acontecia com um advogado freqüentemente contratado pela Milo Molineaux, inc. Nancy levou os ex-estudantes ao escritório do

advogado, que providenciou depoimentos juramentados. Os antigos colaboradores de Birdsong não hesitaram em contar tudo o que sabiam.

Ela estava preparando seu dossiê cuidadosamente.

Nancy Molineaux estava a par das outras fontes de rendimentos de Birdsong, as aulas na universidade e os artigos. Não havia nada de errado quanto a isso, nada fora do comum; mas aguçava sua curiosidade o destino que Davey Birdsong dava a todo o dinheiro que recebia.

Havia ainda um vago rumor, que Nancy ouvira num coquetel, de que Birdsong e a f & lp tinham apelado ao Clube da Sequóia em busca de apoio financeiro. Nancy achava isso improvável, pois o rico e prestigiado Clube da Sequóia certamente não ia querer qualquer associação com alguém como Davey Birdsong. De qualquer forma, por ter o hábito de investigar tudo, Nancy fizera algumas sondagens. Até agora, porém, sem resultados.

O problema mais intrigante começou num dia de janeiro, quando ela estava guiando seu Mercedes 450SL e por acaso avistou Davey Birdsong caminhando a pé numa rua do centro. Instintivamente, Nancy decidiu segui-lo. Deixou o carro num estacionamento convenientemente próximo e foi atrás de-

le a pé, mantendo-se a uma distância discreta. O que aconteceu a seguir parecia saído de uma novela de espionagem.

Embora Nancy tivesse certeza de que Birdsong não a vira, ele se comportou como se esperasse que alguém o seguisse e estivesse disposto a se desven-cilhar de qualquer maneira. Primeiro, entrou no movimentado saguão de um hotel. Olhou ao redor e foi ao banheiro, de onde saiu alguns minutos depois usando óculos escuros e um chapéu de feltro. A mudança não enganou Nancy. Contudo, a aparên-cia dele era diferente, e Nancy compreendeu que, se Birdsong estivesse daquele jeito antes, ela prova-velmente não o teria reconhecido. Ele saiu do hotel por uma porta lateral. Ela esperou que ele se distan-ciasse um pouco, e continuou a segui-lo.

Quase o perdeu nessa ocasião, pois mais adian-te, na esquina. Birdsong estava embarcando num ônibus, que prontamente fechou a porta e se afas-tou.

Não havia tempo para voltar a seu carro, mas por sorte um táxi estava se aproximando. Nancy fez sinal. Mostrou um nota de vinte dólares e disse ao motorista, um jovem negro:

— Siga aquele ônibus, mas não deixe perceber que estamos atrás dele. Cada vez que o ônibus pa-

rar, no entanto, quero ver quem salta.

O motorista prontamente se entusiasmou.

— Não se preocupe! Basta se recostar aí atrás e deixar que eu cuido de tudo!

O jovem negro era bastante esperto. Ultrapassou o ônibus duas vezes, depois voltou para a faixa da direita, deixando que o ônibus o ultrapassasse. Quando os veículos ficavam perto um do outro, Nancy procurava esconder-se. Sempre que o ônibus parava num ponto, o táxi estava numa posição tal que ela podia ver tudo claramente. Birdsong não apareceu por um longo tempo, e Nancy começou a se perguntar se não teria perdido a pista. Mas finalmente, cerca de seis quilômetros depois do ponto em que embarcara, Birdsong saltou do ônibus. Nancy o viu olhando ao redor e disse ao motorista:

— É aquele ali... o barbudo!

— Já vi! — O motorista acelerou, passando por Birdsong e depois parando na esquina. — Não precisa virar-se, moça. Estou vendo o homem pelo espelho. Ele está atravessando a rua. — Um ou dois minutos depois, ele acrescentou: — Ei, essa não! O cara está pegando outro ônibus!

Seguiram o outro ônibus, que ia na direção oposta ao primeiro, percorrendo em parte o percurso original. Dessa vez, Birdsong saltou alguns quar-

teirões mais adiante, olhando novamente ao redor. Ali perto, havia diversos táxis estacionados. Birdsong pegou o primeiro da fila. No momento em que o táxi arrancou, Nancy pôde vê-lo espiando pela janela traseira.

Ela tomou outra decisão e disse a seu motorista:

— Pode deixá-lo ir embora e leve-me de volta ao centro da cidade.

Nancy achou que não devia exigir demais de sua sorte. Esperava que Birdsong não tivesse percebido o táxi que o seguira; mas ele inevitavelmente o veria, se por acaso persistisse. Teria de encontrar algum outro meio de descobrir para onde ele estava indo e por quê.

— Ei, dona, não estou conseguindo entender o que quer — queixou-se o motorista, ao mudarem de direção. — Primeiro, quer seguir o cara para saber aonde ele vai, depois larga tudo. E nem mesmo chegamos perto o bastante para que eu pudesse ver a placa do outro táxi!

Como o jovem motorista cooperara ao máximo, Nancy resolveu explicar por que não queria chegar tão perto e possivelmente ser vista. O jovem negro escutou atentamente e sacudiu a cabeça.

— Ah, agora estou entendendo...

Alguns minutos depois, ele virou a cabeça e

perguntou a Nancy:

— Ainda está querendo descobrir para onde vai o barbudo?

— Bem que gostaria...

Quanto mais pensava nas precauções meticulosas de Birdsong, mais Nancy se convencia de que não podia deixar de ser algo muito importante. Algo que ela tinha de saber de qualquer maneira.

— Sabe o lugar onde o cara faz ponto? — perguntou o motorista.

— O endereço da casa dele? Não, não sei. Mas não seria difícil descobrir.

— Talvez possamos fazer o negócio, eu e mais dois colegas. Eles não estão trabalhando e dispõem de rádio transmissores. Também tenho um. Nós três poderíamos nos revezar seguindo o cara, um de cada vez, a fim de que ele não visse sempre o mesmo carro. Usaríamos o rádio para nos comunicar e avisar quando um deveria se aproximar para o outro cair fora.

— Mas para isso, teriam de vigiá-lo durante todo o tempo.

— Não é problema. Como eu disse antes, meus amigos não estão trabalhando.

Era uma boa idéia. Nancy perguntou:

— E quanto isso custaria?

— Vou ter de calcular, dona. Mas pode estar certa de que não será tão caro quanto está imaginando.

— Telefone-me depois que fizer os cálculos.

Ela escreveu o telefone de seu apartamento num cartão de visitas e o entregou ao motorista. Ele lhe telefonou naquela noite. Nancy, a essa altura, já havia verificado o endereço de Birdsong no catálogo.

— Vai custar duzentos e cinqüenta dólares por semana, dona, para mim e os outros dois.

Nancy hesitou por um momento. Seria tão importante assim para que se desse tanto trabalho e com tamanha despesa? Novamente o instinto lhe disse que sim.

Deveria pedir o dinheiro ao Examiner? Nancy ficou em dúvida. Se o fizesse, teria de revelar tudo o que já descobrira até aquele momento. O jornal certamente iria querer publicar o material já disponível sobre Davey Birdsong e sua f & lp. Na opinião de Nancy, isso seria prematuro, pois ela estava absolutamente convencida de que muita coisa mais iria aparecer e que valia a pena esperar. Outra coisa: a direção do jornal, sempre sovina, detestava gastar dinheiro, a menos que não tivesse alternativa.

Nancy decidiu continuar as investigações por

conta própria. Ela mesma pagaria e guardaria a esperança de cobrá-lo mais tarde. Se não conseguisse, não seria um desastre de grandes proporções, embora violasse uma das regras pelas quais se orientava.

Por quase todos os padrões, Nancy Molineaux podia ser considerada uma mulher rica. Alguns anos antes, o pai instituíra um fundo de investimentos para ela, que lhe proporcionava rendimentos regulares e substanciais. Mas, por uma questão de orgulho, Nancy mantinha em separado suas finanças particulares e os rendimentos profissionais.

Por uma vez, no entanto, o orgulho teria de ser subjugado.

O motorista disse que gostaria de receber alguma coisa adiantado, o que era razoável. Nancy respondeu que ele podia passar em seu apartamento para pegar o dinheiro.

Durante seis dias, Nancy não recebeu qualquer notícia. Ao final desse período, o jovem motorista de táxi, cujo nome era Vickery, trouxe-lhe um relatório. Para surpresa de Nancy, era detalhado e estava impecavelmente escrito. Todos os movimentos de Birdsong estavam descritos; eram rotineiros e inócuos. Em nenhum momento ele demonstrara ter percebido que estava sendo seguido. Mais im-

portante ainda: não fizera qualquer tentativa de desvencilhar-se de algum possível seguidor.

— Acho que uma semana não é suficiente — comentou Vickery. — Não quer tentar outra?

Nancy pensou: "Por que não?"

Mais sete dias e Vickery voltou, com outro relatório igualmente detalhado e com resultados igualmente negativos. Desapontada, Nancy lhe disse:

— Vamos esquecer o assunto.

O jovem motorista contemplou-a com um desdém indisfarçável.

— Vai desistir logo agora? Pense no que já investiu! — Ao perceber que Nancy vacilava, ele insistiu: — Ou tudo ou nada! Tente só mais uma semana!

— Você devia ser vendedor, não motorista de táxi — comentou Nancy.

Ela pensou um pouco no assunto. Já dispunha de provas de que Birdsong era uma fraude. Seria ele, além disso, um escroque? Descobrir o local ao qual ele ia tão misteriosamente iria ajudar na reportagem que tencionava escrever? Finalmente, deveria desistir e parar de ter prejuízo ou seguir o conselho do motorista e tentar por mais uma semana?

O instinto novamente entrou em ação: iria continuar.

— Muito bem, Vickery, vamos tentar mais uma semana. E mais nada!

O resultado esperado aconteceu no quarto dia. Vickery telefonou e depois, à noite, foi procurá-la no apartamento.

— Imaginei que iria querer saber de tudo o mais depressa possível. Esta tarde, o barbudo tentou desvencilhar-se de seguidores, como fez naquele primeiro dia com a gente. Mas conseguimos ser mais espertos que o filho da mãe.

— Pelo que me custou, não podia ser de outra forma.

O jovem sorriu, enquanto estendia seu relatório escrito. Davey Birdsong saiu em seu carro da garagem do prédio em que morava e foi estacionar no outro lado da cidade. Antes de saltar do carro, pôs óculos escuros e um chapéu. Depois, pegou um taxi de volta ao outro lado da cidade, tomou dois ônibus para direções opostas e finalmente seguiu a pé, dando uma volta grande, até uma casa pequena, no lado leste da cidade.

Entrou na casa, cujo endereço constava do relatório.

— O barbudo ficou lá dentro cerca de duas horas — informou Vickery.

Depois disso, continuava o relatório, Birdsong

pegou um táxi até um ponto a alguns quarteirões do lugar em que deixara seu automóvel estacionado. Seguiu a pé até o carro e voltou para casa.

Vickery perguntou, esperançoso:

— Quer que a gente vigie o barbudo por mais algum tempo? Aqueles meus dois colegas ainda estão sem trabalho.

— Com um amigo como você, eles não precisam se preocupar. — Nancy meneou a cabeça e arrematou: — Não há mais necessidade.

Dois dias depois, Nancy estava sentada em seu carro observando a casa que Davey Birdsong visitara tão furtivamente. Já era quase meio-dia, e ela estava ali há cerca de duas horas.

No dia anterior, o seguinte à entrega do relatório final de Vickery, ela ficara absorvida por uma reportagem para o Examiner, embora ainda não tivesse entregue o texto à editoria. Teria que fazê-lo no dia seguinte. Até lá, podia dispor livremente de seu tempo.

A casa que estava observando era a número 117 da Crocker Street. Havia uma dúzia de casas idênticas, construídas lado a lado, na década de 20, e reformadas uns dez anos antes por uma imobiliária convencida de que o bairro iria recuperar-se e melhorar de status. A imobiliária havia se enganado. A

Crocker Street continuava a mesma, um lugar sem qualquer importância, miserável, onde as pessoas moravam porque não tinham condições de mudar para um lugar melhor. E as casas reformadas estavam retornando ao estado anterior, o que se podia constatar pela alvenaria lascada, vidraças quebradas e tinta descascando.

Aos olhos de Nancy, a número 117 não parecia diferente das outras.

Prudentemente, estacionou seu Mercedes a um quarteirão e meio, de onde podia ver a casa perfeitamente sem se expor ao risco excessivo de ser observada. A presença de diversos outros carros estacionados na rua ajudava bastante. Ela trouxera um binóculo, mas até aquele momento não o usara, com receio de despertar a curiosidade de algum transeunte.

Naquelas duas horas, quase não houvera atividade na rua, e nenhuma no número 117.

Nancy não tinha a menor idéia do que esperar, se é que alguma coisa iria ocorrer, assim como não tinha qualquer plano. A medida que a manhã foi chegando ao fim, ela desejou poder ver algum dos ocupantes da casa, o que ainda não acontecera. Perguntou-se se já não teria ficado ali por tempo suficiente. Talvez devesse partir então e voltar outro dia.

Um veículo passou por seu carro estacionado, como vários outros já tinham feito nas duas horas anteriores. Distraidamente, Nancy notou que era uma Kombi, bastante velha, pintada de marrom, com uma janela lateral quebrada e um papelão pregado na abertura.

De repente, ela ficou alerta. A Kombi fez uma curva e parou diante do 117.

Um homem saltou. Nancy arriscou-se a usar o binóculo. Viu que o homem era esguio, de cabelo curto e bigode fino; devia estar se aproximando dos trinta anos. Em contraste com a Kombi, estava impecavelmente vestido, usando terno azul-marinho e gravata. Foi até a traseira do veículo e abriu-o. O binóculo era potente — Nancy usava-o para observar, de seu apartamento, o movimento no porto —, e ela pôde examinar nitidamente as mãos do homem. Pareciam manchadas.

O homem se inclinou para o interior do veículo e tirou um cilindro vermelho. Parecia bastante pesado. Deixando-o na calçada, tirou outro cilindro da Kombi e depois levou os dois para dentro da casa. Nancy percebeu que eram extintores de incêndio.

O homem fez mais duas viagens entre a Kombi e a casa, levando em cada uma mais dois extintores de incêndio vermelhos. Seis, no total. Depois de le-

var os dois últimos, ele ficou dentro da casa por cerca de cinco minutos; saiu novamente, sentou-se ao volante da Kombi e se afastou.

Nancy pensou em segui-lo, mas depois decidiu que era melhor não fazê-lo. E ficou pensando por que uma casa tão pequena precisava de tantos extintores de incêndio. Subitamente, ela exclamou:

— Mas que merda!

Não se lembrara de anotar a placa da Kombi, o que poderia ter feito sem a menor dificuldade. Mas agora já era tarde demais. Censurou-se por ser uma péssima detetive e chegou à conclusão de que, no final das contas, deveria ter seguido a Kombi.

Não estava na hora de ir embora? Concluiu que sim. Estendeu a mão para a ignição, mas parou no meio do movimento. Alguma coisa estava acontecendo no 117. Ela pegou novamente o binóculo.

Uma mulher saiu da casa; era jovem, franzina, e estava vestida descuidadamente com um jeans desbotado e uma japona. Olhou ao redor por um momento, depois começou a andar rapidamente, na direção oposta ao lugar em que estava o Mercedes.

Desta vez, Nancy não hesitou. Ligou o carro e saiu da vaga. Foi seguindo a mulher, lenta e cautelosamente, encostando no meio-fio de vez em quando, a fim de não ultrapassá-la.

A mulher não olhou para trás. Ao dobrar uma esquina, Nancy ficou esperando pelo tempo suficiente para que se distanciasse um pouco antes de virar também. E o fez a tempo de ver a mulher entrar num pequeno supermercado. Havia um estacionamento ao lado; Nancy foi até lá. Trancou o carro e entrou no supermercado.

O movimento era regular; havia cerca de vinte pessoas fazendo compras. Nancy avistou a mulher que seguira, na extremidade de um corredor, pondo latas num carrinho de compras. Pegou também um carrinho, apanhou alguns artigos ao acaso nas prateleiras próximas e foi se aproximando lentamente da mulher.

Descobriu que ela parecia mais jovem do que julgara inicialmente, ao vê-la à distância; era pouco mais do que uma menina: bastante pálida, o cabelo louro estava desganhado, não usava qualquer pintura. Tinha na mão direita o que parecia ser uma luva improvisada. Obviamente, escondia alguma deformação ou ferimento, porque estava usando apenas a mão esquerda. Pegou uma garrafa de óleo e leu o rótulo.

Nancy Molineaux manobrou seu carrinho até além dela e depois virou-se abruptamente, como se tivesse esquecido alguma coisa. Seus olhos se en-

contraram com os da outra mulher. Nancy sorriu e disse jovialmente:

— Ei, não nos conhecemos? Acho que temos um amigo em comum... Davey Birdsong.

A reação foi imediata e surpreendente. A jovem ficou ainda mais pálida, tremeu visivelmente, e deixou cair a garrafa de óleo, que se espatifou no chão.

Houve um silêncio que se prolongou por vários segundos, sem que nada acontecesse, enquanto o óleo se espalhava rapidamente pelo chão. Então, o gerente do supermercado aproximou-se depressa.

— Santo Deus! Mas que confusão! O que aconteceu aqui?

— A culpa foi minha — apressou-se Nancy em dizer. — Sinto muito. Pagarei os estragos.

— Mas não pagará a limpeza, não é mesmo?

— Não, mas acho que o exercício vai lhe fazer bem. — Ela pegou o braço da mulher, que continuava no mesmo lugar, imóvel, como que em estado de choque. — Vamos sair daqui.

Sem oferecer qualquer resistência, abandonando o carrinho de compras, a jovem de jeans desbotado e japona acompanhou-a. No estacionamento, Nancy conduziu-a até o Mercedes. Mas quando abriu a porta, ela pareceu despertar subitamente.

— Não posso! Não posso mesmo! Tenho de

voltar para casa! — A voz era nervosa e estridente, e recomeçou a tremedeira que havia cessado ao deixarem o supermercado. Olhou para Nancy com uma expressão desvairada. — Quem é você?

— Sou uma amiga. Há um bar no outro quarteirão. Por que não damos um pulo até lá para tomar um drinque? Parece que está precisando.

— Estou dizendo que não posso!

— Pode e vai! Porque, se não for, vou telefonar para seu amigo Davey Birdsong esta tarde e contar...

Nancy não tinha a menor idéia de como iria terminar a frase, mas o efeito das primeiras palavras foi fulminante. A jovem entrou no automóvel sem mais nenhum protesto. Nancy fechou a porta, contornou o carro e sentou-se ao volante.

Chegaram ao bar em poucos minutos e encontraram uma vaga na frente. Entraram no bar, escuro e cheirando a mofo.

— Mas que coisa! — exclamou Nancy. — Nessa escuridão, vamos precisar de um cachorro de cego!

Caminhou quase às cegas para uma mesa nos fundos, longe das poucas pessoas que estavam bebendo ali naquele momento. A jovem a seguiu. Ao se sentarem, Nancy perguntou:

— Tenho de chamá-la por algum nome. Qual?

— Yvette.

Um garçom apareceu e Yvette pediu uma cerveja. Nancy pediu um daiquiri. As duas ficaram caladas até chegarem as bebidas. Dessa vez, foi a jovem quem falou primeiro:

— Ainda não me disse quem você é.

Parecia não haver qualquer razão para esconder a verdade.

— Meu nome é Nancy Molineaux e sou repórter de um jornal.

Por duas vezes antes, Yvette demonstrara ter ficado chocada. Então, o efeito foi ainda maior. A boca se entreabriu, a cerveja começou a escorregar em sua mão. Se Nancy não a tivesse segurado a tempo, teria seguido o mesmo destino do óleo.

— Não precisa ficar assim — disse Nancy. — Os repórteres só devoram as pessoas quando estão com fome. O que não é o meu caso neste momento.

A jovem balbuciou, com visível dificuldade para falar:

— O que quer de mim?

— Algumas informações.

Yvette passou a língua pelos lábios.

— Que informações?

— Quem vive na casa de onde você saiu? O que está acontecendo lá dentro? Por que Davey Bird-

song costuma ir até lá? Isso é para começar.

— Nada disso é da sua conta!

Os olhos de Nancy já tinham se acostumado à escuridão e ela pôde ver que, apesar da reação brusca, a jovem continuava apavorada. Resolveu experimentar um tiro no escuro:

— Como achar melhor. Posso ir à polícia e...

— Não! — Yvette soergueu-se, mas logo voltou a desabar na cadeira, pôs o rosto entre as mãos e começou a chorar. Nancy inclinou-se por cima da mesa.

— Sei que está metida em alguma encrenca e prometo ajudá-la, se me deixar.

Por entre os soluços, Yvette balbuciou:

— Ninguém pode ajudar... — Um momento depois, com um tremendo esforço, ela se levantou. — Vou embora. — Mesmo dominada por uma terrível angústia, ela ainda possuía um certa dignidade.

— Vamos fazer um acordo — disse Nancy. — Se concordar em se encontrar comigo novamente, não direi nem farei nada até lá.

A jovem hesitou.

— Quando?

— Daqui a três dias. Aqui mesmo.

— Três dias não é possível. — Novamente uma

mistura de dúvida e medo. — Talvez uma semana.

Não havia outro jeito, pensou Nancy.

— Está certo. Dentro de uma semana, na próxima quarta-feira... à mesma hora, no mesmo lugar.

Concordando, Yvette retirou-se.

Enquanto voltava para o carro e se afastava, Nancy perguntou-se se lidara bem ou mal com, a situação. E que diabos significava tudo aquilo? Qual seria a ligação entre Davey Birdsong e Yvette? A referência de Nancy à polícia, durante a breve conversa com Yvette, fora impulsiva e impensada. Contudo, a reação quase histérica da jovem indicava que alguma coisa de ilegal estava acontecendo na casa. Se assim fosse, o que poderia ser? A frustração era terrível. Havia perguntas demais e poucas respostas. Era como tentar montar um quebra-cabeças sem ter a menor idéia de qual poderia ser o resultado final.

Para Nancy Molineaux, outra peça do quebra-cabeças se ajustou no dia seguinte. Referia-se ao vago rumor que ela ouvira, e no qual não acreditara, de que a f & lp de Birdsong estava procurando ajuda financeira junto ao Clube da Sequóia.

Apesar de seu ceticismo, fez algumas sondagens. E uma delas acabou dando resultado.

Uma funcionária do Clube da Sequóia, uma negra idosa chamada Grace, pedira certa vez a ajuda de Nancy Molineaux para obter uma casa popular financiada pela prefeitura. Na ocasião, fora necessário apenas um telefonema e a influência do Califórnia Examiner para fazer com que o nome de Grace subisse para o alto da lista oficial. Mas Grace se mostrara profundamente grata e dissera que iria retribuir o favor, se algum dia surgisse a oportunidade.

Algumas semanas antes, Nancy telefonara para a casa de Grace e mencionara o rumor sobre a ligação entre o Clube da Sequóia e a f & lp. Pediu a Grace que descobrisse se havia alguma base para o rumor e, em caso positivo, se o pedido da f & lp fora atendido.

Alguns dias depois, ela recebeu um relatório: pelo que Grace pudera descobrir, o rumor era inverídico. Mas ela acrescentou:

— É claro que algum acordo desse tipo pode ter sido feito secretamente, sendo do conhecimento só de duas ou três pessoas da cúpula, como Prissy "Bicha" Pritchey (era assim que os empregados do Clube da Sequóia se referiam a Roderick Pritchett).

Naquele dia, na hora do almoço, Grace aproveitou para ir ao prédio do Examiner, e subiu à redação. Nancy por acaso estava presente. Foram para um cubículo de vidro à prova de som, onde podiam conversar à vontade. Grace, robusta, transbordando num vestido estampado de cores alegres, com um chapéu na cabeça, enfiou a mão na bolsa de corda:

— Descobri uma coisa, srta. Molineaux. Não sei se tem algo a ver com o que está procurando, mas aqui está a coisa.

"A coisa" era a cópia de um memorando do Clube da Sequóia.

Grace explicou: três envelopes, em que estava marcado "Particular" e "Confidencial", tinham chegado à sala de correspondência, onde ela trabalhava. O que nada tinha de estranho. Mas o que era estranho era o fato de um envelope ter chegado sem lacre, provavelmente em decorrência da negligência

da secretária. Grace deixara o envelope de lado e, mais tarde, quando não estava sendo observada, leu o conteúdo. Nancy sorriu, imaginando quanta correspondência não teria sido lida daquela maneira.

Grace usara uma das máquinas xerox do Clube da Sequóia para tirar a cópia. Nancy leu atentamente o memorando:

De: Diretor executivo

Para: Membros do Comitê Executivo Especial

Para seu conhecimento, o segundo donativo à organização de B, do fundo de emergência, conforme ficou acertado em nossa reunião de 22 de agosto, já foi pago.

As iniciais da assinatura eram "R.P."

— A quem estava endereçado o envelope? — perguntou Nancy.

— Ao sr. Saunders. Ele é do comitê e...

— Sei disso. — Irwin Saunders, o famoso advogado, era um dos esteios do Clube da Sequóia. — E para quem eram os outros dois envelopes?

— Um era para a sra. Carmichael, a nossa presidente, o outro para a sra. Quinn.

Ou seja, Priscilla Quinn. Nancy conhecia-a li-

geiramente. Uma esnobe, mulher da sociedade.

— É o que estava procurando? — perguntou Grace, ansiosamente.

— Não tenho certeza.

Nancy leu novamente o memorando. É claro que "B" podia referir-se a Birdsong, mas também podia indicar outras coisas. Por exemplo: o prefeito, cujo sobrenome começava com "B" e que liderava uma organização chamada Salvemos os Prédios Antigos, apoiada ativamente pelo Clube da Sequóia. Mas, nesse caso, o memorando estaria marcado como "Particular" ou "Confidencial"? Talvez. O Clube da Sequóia sempre fora discreto em relação a seu dinheiro.

— Haja o que houver, não vai contar onde conseguiu isso, não é mesmo? — indagou Grace.

— Nem mesmo a conheço, Grace. E você nem esteve aqui.

A outra sorriu.

— Preciso do emprego, mesmo o salário sendo baixo — disse e levantou-se. — Já está na hora de eu voltar.

— Obrigada, Grace. Agradeço sua ajuda. E, quando precisar de mim para alguma coisa, basta avisar.

A troca de favores, Nancy descobrira bem cedo,

fazia parte do jornalismo. Voltando a sua mesa, ainda se perguntando se o memorando se referia ou não a Birdsong e a sua f & lp, Nancy esbarrou no editor local.

– Quem era a velha, Nancy?

– Uma amiga.

– Está trabalhando em alguma história?

– Talvez.

– Conte-me o que é.

Nancy meneou a cabeça.

– Ainda não.

O editor de assuntos locais fitou-a com uma expressão irônica. Era um veterano de cabelo grisalho, eficiente em suas funções, mas que alcançara os limites máximos em sua carreira.

– Devia fazer parte de uma equipe, Nancy, da qual sou o treinador. Sei que prefere trabalhar sozinha e até agora nada lhe tem acontecido porque vem obtendo resultados. Mas, acho que está começando a ir longe demais.

Ela deu de ombros.

– Se é o que pensa, pode me despedir.

É claro que ele não o faria, e ambos sabiam disso. Deixando-o frustrado, como costumava fazer com muitos homens, Nancy voltou para sua mesa e pôs-se a telefonar.

Tentou primeiro Irwin Saunders.

Uma secretária informou que ele não podia atender. Mas, quando Nancy mencionou o Examiner, Saunders prontamente atendeu, dizendo jovialmente:

— Em que posso servi-la, srta. Molineaux?

— Gostaria de conversar sobre a doação do Clube da Sequóia à força & luz para o povo, do sr. Birdsong.

Houve um segundo de silêncio.

— Que doação?

— Fomos informados...

Saunders riu.

— Isso tudo é bobagem, Nancy... permite que a chame assim?

— Claro.

— Nancy, essa história de já-sei-mas-gostaria-de-uma-confirmação é um golpe antigo no jornalismo. Está falando com um peixe velho e esperto que não costuma morder essas iscas.

Nancy riu também.

— Sempre ouvi dizer que é um homem muito esperto, sr. Saunders.

— Não tenha a menor dúvida quanto a isso, menina.

— Mas não existe nenhum vínculo entre o Clu-

be da Sequóia e a f & lp?

— É um assunto, Nancy, sobre o qual é improvável que eu possa saber alguma coisa.

Já havia marcado o primeiro ponto, pensou Nancy. Ele não dissera simplesmente não sei, mas que era improvável que pudesse saber. Mais tarde, se necessário, ele poderia alegar que não havia mentido. Provavelmente tinha um gravador ligado naquele momento.

— A informação que eu tenho é de que o comitê do Clube da Sequóia decidiu...

— Diga-me alguma coisa sobre esse suposto comitê, Nancy. Quem participa dele? Indique os nomes.

Ela pensou rapidamente. Se mencionasse os outros nomes que conhecia, Laura Bo Carmichael e Priscilla Quinn, Saunders imediatamente telefonaria para avisá-las. E ela queria entrar em contato com as duas primeiro. Por isso, mentiu:

— Não tenho mais nenhum nome.

— Em outras palavras, não tem mais nada. — Subitamente, a voz já não era tão cordial. — Sou um advogado muito ocupado, srta. Molineaux. Os clientes pagam pelo meu tempo, e a senhorita o está desperdiçando.

— Pois não vou mais desperdiçá-lo.

Sem responder, Saunders desligou.

Enquanto falava, Nancy já estava folheando o catálogo, à procura do nome Quinn. Encontrou finalmente o que procurava: Quinn, Dempster W. R. Como não podia deixar de ser, era inevitável que o marido de Priscilla Quinn tivesse mais nomes que o comum dos mortais. Nancy discou e foi informada por uma voz de homem:

— Residência Dempster Quinn.

— A sra. Quinn, por gentileza.

— Lamento muito. Madame está almoçando e não pode ser incomodada.

— Pois trate de incomodá-la, avisando que o Califórnia Examiner tenciona mencionar o nome dela numa notícia e que provavelmente ela vai querer nos ajudar, explicando os fatos direito.

_ Um momento, por favor.

Não esperou apenas um momento, mas vários minutos. Finalmente uma voz fria de mulher disse:

— Pois não?

Nancy identificou-se.

— O que deseja?

— Sra. Quinn, quando o Comitê Executivo do Clube da Sequóia, do qual faz parte, reuniu-se em agosto último e decidiu associar-se à força & luz para o povo, de Davey Birdsong, o que foi... ?

Priscilla Quinn interrompeu-a bruscamente:

— Essa reunião do comitê e o acordo deveriam permanecer no mais absoluto sigilo.

Ótimo! Ao contrário do advogado Saunders, Priscilla Quinn não era tão esperta. Nancy tinha agora a confirmação que procurava e que jamais teria conseguido obter através de perguntas diretas.

— Pois parece que a notícia se espalhou — disse Nancy. — Talvez Birdsong tenha falado.

Ela ouviu o que parecia ser uma fungadela desdenhosa.

— O que é bastante provável. Eu jamais confiei nesse homem.

— Posso perguntar-lhe então por que concordou em apoiar...

— Não concordei. Fui a única que votou contra, mas fui derrotada pelos outros. — Um tom de alarme se insinuou na voz de Priscilla Quinn. — Está pensando em publicar essa notícia?

— Naturalmente.

— Não quero ser citada.

— Sra. Quinn, identifiquei-me assim que atendeu. E não me pediu que a conversa fosse sigilosa.

— Pois o estou fazendo agora.

— Já é tarde demais.

Priscilla Quinn ficou indignada.

— Vou telefonar para seu diretor!

— Ele não vai fazer nada, a não ser mandar-me seguir em frente. — Nancy fez uma pausa, antes de acrescentar: — Mas posso fazer um acordo.

— Que espécie de acordo?

— Tenho de usar seu nome como membro do Comitê Executivo do Clube da Sequóia. Não há jeito de evitá-lo. Mas não escreverei que conversamos, se me disser quanto o Clube da Sequóia deu à f & lp.

— Mas isso é chantagem!

— Prefiro chamar de transação... e uma transação das mais justas.

Houve um breve momento de silêncio.

— Como vou saber se posso confiar em você?

— Terá de correr o risco.

Outra pausa.

— Foram cinqüenta mil dólares.

Nancy contraiu os lábios, num assovio silencioso. Ao desligar, o instinto lhe dizia que estragara o almoço da sra. Dempster W. R. Quinn. Cerca de uma hora depois, tendo concluído algumas missões de rotina, Nancy ficou sentada a sua mesa, pensando. Quanto descobrira até aquele momento?

Fato 1: Davey Birdsong enganara os estudantes e angariara muito mais dinheiro do que precisava

para dirigir a f & lp.

Fato 2: O Clube da Sequóia estava apoiando Birdsong com dinheiro... e não era pouco. Somente isso já era um furo e tanto, que iria provocar muita reação e certamente prejudicar a reputação do clube como uma organização honrada e de alto nível.

Fato 3: Birdsong estava envolvido em algo que não queria que fosse descoberto, daí a razão de suas precauções meticulosas quando visitava a casa da Crocker Street. Pergunta 1: O que ia fazer ali? Estaria relacionado com as grandes quantias de dinheiro que acumulara? O que se passava naquela casa? Nancy ainda não tinha a menor idéia.

Fato 4: A moça que vivia na casa, Yvette, estava apavorada com alguma coisa. Pergunta 2: Apavorada com quê? A mesma resposta que à pergunta 1.

Fato 5: O imóvel situado no número 117 da Crocker Street pertencia à Imobiliária Redwood. Nancy se informara sobre isso, no início daquele dia, no Departamento de Imposto Predial. Depois, apresentando-se como investigadora do serviço, telefonou para a Redwood e soube que a casa fora alugada no ano anterior para o sr. G. Archambault. Não havia qualquer informação sobre o inquilino, a não ser que pagava o aluguel pontualmente. Pergunta 3: Quem era Archambault e do que vivia? De

volta à pergunta 1.

Conclusão: O quebra-cabeças estava incompleto, a reportagem ainda não estava pronta para ser publicada.

Nancy achou que teria de ser paciente e esperar até seu novo encontro com Yvette, dentro de seis dias. Agora estava arrependida por ter concordado em esperar tanto tempo, mas havia feito a promessa e teria de cumpri-la.

Por um breve instante, Nancy se perguntou se correria algum perigo se voltasse ao local, depois de ter feito o contato com Yvette e, dessa forma, se revelado. Achava que não. De qualquer maneira, o medo das conseqüências raramente a incomodava.

No entanto... Nancy tinha a sensação incômoda de que deveria partilhar os fatos que descobrira com outra pessoa, conversar a respeito, pedir uma segunda opinião sobre o que fazer em seguida. Logicamente, deveria procurar seu editor. E talvez o tivesse feito, se o filho da mãe não viesse com aquela história de trabalho de equipe e treinador. Agora, ficaria parecendo que ela o estava bajulando, por causa do atrito.

Por isso ela decidiu que, por enquanto, continuaria a manter em segredo todos os fatos que descobrira.

Essa decisão, mais tarde, ao recordar os acontecimentos, iria causar-lhe um amargo arrependimento.

Em sua sala, Nim estava examinando a correspondência da manhã. Sua secretária, Victoria Davis, já abrira e separara a maioria das cartas e memorandos, pondo tudo em duas pastas, uma verde, outra vermelha, esta reservada para os assuntos urgentes e mais importantes. Naquele dia, a pasta vermelha estava cheia. Havia também, em separado, algumas cartas onde estava escrito "Pessoal". Nim reconheceu no meio delas um envelope azul-claro familiar, com o endereço datilografado. Era de Karen Sloan.

A consciência de Nim o andava perturbando em relação a Karen, sob dois aspectos. Por um lado, ele realmente gostava muito dela e sentia-se culpado porque não a visitara desde a noite em que haviam feito amor, muito embora tivessem conversado pelo telefone. Por outro, havia o problema de Ruth. Como sua ligação amorosa com Karen poderia ajustar-se em sua reconciliação e nova harmonia com Ruth? Na verdade, não podia. Contudo, ele não podia simplesmente descartar-se de Karen, como se fosse um lenço de papel usado. Poderia e o faria, se fosse alguma outra mulher. Mas com Karen era di-

ferente.

Chegara a pensar em contar a Ruth a história de Karen, mas concluíra que nada teria a ganhar com isso. Além do mais, Ruth já tinha problemas suficientes para que lhe fosse acrescentado mais um. E ele é quem teria de tomar uma decisão em relação a Karen.

Sentia-se envergonhado em admitir, até para si próprio, mas no momento relegara Karen a um cantinho de sua mente. Por isso, hesitava agora em abrir a carta.

Pensando em Ruth, lembrou-se de outra coisa. E gritou pela porta aberta da sala:

— Vicki, já fez as reservas do hotel?

— Fiz ontem. — Ela entrou na sala, apontando para a pasta verde. — Escrevi um bilhete, que está aí dentro. O Columbus recebeu um cancelamento e puderam, assim, arrumar uma suíte com dois quartos. Prometeram que será num andar alto, com uma boa vista.

— Ótimo! E quando vai terminar de bater o meu discurso?

— Se parar de fazer perguntas às quais já respondi, ficará pronto esta tarde.

Nim sorriu.

— Suma daqui!

Dentro de uma semana, Nim deveria falar na convenção anual do Instituto Nacional de Eletricidade. Seu discurso, que já passara por diversas revisões, abordaria a demanda futura de energia e era intitulado "Colapso".

A grande convenção nacional do instituto, reunindo representantes de todas as companhias de serviços públicos no setor de energia elétrica, seria realizada naquele ano, na cidade, no Christopher Columbus Hotel. Iria durar quatro dias. Como havia diversos acontecimentos sociais, Nim achou que seria bom para sua família mudar um pouco de ambiente, ficando todos no hotel durante a convenção. Apresentou a sugestão a Ruth, Leah e Benjy, que reagiram com o maior entusiasmo.

A idéia de arrumar uma suíte num dos últimos andares, com uma vista panorâmica, foi de Nim. Achava que os filhos iriam gostar.

A promessa de falar na convenção fora feita quase um ano antes, quando ainda não o tinham afastado do cargo de porta-voz da companhia. Ao falar recentemente no compromisso com Eric Humphrey, o presidente da companhia lhe disse:

— Pode falar, mas não aborde qualquer problema controvertido.

O discurso de Nim seria bastante técnico, des-

tinado principalmente aos planejadores de outras companhias. Ainda não decidira se iria ou não temperar o discurso, apesar da advertência do presidente, com uma pitada de controvérsia.

Enquanto Vicki fechava a porta, Nim voltou a examinar os papéis que estavam na pasta vermelha. Um momento depois, porém, decidiu abrir a carta de Karen.

Tinha certeza de que o envelope continha versos... os versos que Karen tão diligentemente datilografava com uma vareta presa entre os dentes. E, como sempre, Nim ficou comovido ao pensar no tempo e paciência que Karen despendera por causa dele. Ele estava certo.

ULTRA-SECRETO (como dizem os militares);

Para seus olhos apenas, Nimrod querido,

(Tão querido, olhos ternos.)

Mais ninguém deve olhar

Este comunicado...

Sem nada de militar.

Mas particular, íntimo, amoroso.

Meu deleite sensual perdura:

Uma sensação inebriante, licenciosa,

Ao mesmo tempo

*Tão suave e terna, tão intensamente carnal.
Minha mente, minha carne,
Nervos, dedos, lábios,
Tudo vibra de resíduos de alegria,
Tudo lembra, ó meu querido amor!,
A consumação do seu amor.
Ah, tanto êxtase!
Deste dia em diante
Votarei pelo hedonismo!*

*E um nobre cavaleiro
De lustrosa armadura
Cuja espada reluzente
Especialmente aquela espada)
Proporciona uma áurea felicidade.
E por ela me excito,
Por você também,
Para sempre.*

"Karen", pensou ele, ao terminar de ler, "você me excita. E como!" Suas melhores intenções pareciam dissipar-se. Tornaria a se encontrar com Karen, não importando o que pudesse acontecer. E o faria em breve.

Antes, porém, recordou-se, tinha de cuidar de seu intenso programa de trabalho, inclusive o dis-

curso para a convenção. E voltou a se concentrar na correspondência. Momentos depois, o telefone tocou. Ao atender, impacientemente, Vicki o informou:

— O sr. London está na linha e deseja falar-lhe.

Consciente da quantidade de trabalho na pasta vermelha, Nim disse:

— Pergunte a ele se é importante.

— Já perguntei. Ele disse que é.

— Nesse caso, ponha-o na linha.

Depois de um estalido, a voz do chefe do Departamento de Proteção à Propriedade soou pelo telefone-

— Nim?

— Harry, esta é uma semana de muito trabalho para mim. O que você tem a me dizer não pode esperar?

— Acho que não. Aconteceu algo muito delicado e creio que você deve tomar conhecimento imediatamente.

— Está certo. Pode falar.

— Não posso falar pelo telefone. Tem de ser pessoalmente.

Nim suspirou. Havia ocasiões em que Harry London se comportava como se tudo em seu departamento merecesse alta prioridade em comparação

com o resto da GSP & L.

— Está bem. Venha agora.

Nim recomeçou a trabalhar até a chegada de London, cinco minutos depois. Empurrando a cadeira para trás, disse:

— Estou escutando, Harry. Mas seja o mais breve possível.

— Tentarei.

London se acomodou numa cadeira diante da mesa. Na aparência e no traje, ainda parecia o ex-fuzileiro, mas agora havia mais rugas em seu rosto do que poucos meses antes, pensou Nim.

— Deve estar lembrado, Nim, de que lhe falei, pouco depois de pegarmos aqueles caras da Quayle desviando energia no Edifício Zaco, que havíamos descoberto um ninho de ratos. Previ que muito mais iria acontecer e que alguns nomes importantes poderiam estar envolvidos.

Nim confirmou e London acrescentou:

— Pois quero que me diga o que acha de um desses nomes: Paul Sherman Yale.

Nim instantaneamente empertigou-se na cadeira.

— Você deve estar brincando!

— Gostaria de estar — murmurou London, tristemente. — Mas, infelizmente, não estou.

Toda a impaciência de Nim desapareceu.

— Conte-me tudo o que sabe. Tudo mesmo!

— Naquele dia em que almoçamos juntos, outra coisa que lhe disse foi que meu departamento iria verificar todos os registros da Quayle em relação aos serviços efetuados no último ano, trabalhando em conjunto com a Promotoria Distrital. Depois disso, iríamos descobrir quais os serviços que eram ilegais, se houvesse mais algum.

— Eu me recordo disso.

— Pois foi o que fizemos. Meus homens trabalharam incansavelmente, e descobrimos uma porção de coisas. Terá todos os detalhes num relatório que estou preparando. A essência é que a Promotoria Distrital tem agora muitos casos para levar a julgamento, envolvendo quantias vultosas.

— Fale logo do sr. Yale, Harry. Como ele entra nessa história?

— Já vou chegar lá.

— Entre as ordens de serviço da firma Quayle — informou London — havia uma quantidade excepcionalmente grande em nome da mesma pessoa, um tal de Ian Norris.

Embora o nome parecesse familiar, Nim não conseguiu se lembrar de onde o conhecia. London esclareceu:

— Norris é um advogado que trabalha como uma espécie de assessor financeiro. Tem um escritório na cidade... no Edifício Zaco, para ser mais exato... e toma conta de fundos e espólios. Um deles é o da família Yale.

— Já ouvi falar do Fundo Yale. — Nim estava se lembrando agora de Norris. Haviam se encontrado rapidamente na fazenda de gado perto de Fresno.

— Temos provas concretas de que Norris está afundado até o pescoço no esquema de desvio de energia. Ele controla inúmeras propriedades... prédios de escritórios e industriais, apartamentos, lojas e tudo o mais. Aparentemente, Norris descobriu há algum tempo que podia fazer um trabalho melhor para seus clientes, poupando-lhes algum dinheiro e ao mesmo tempo ganhando mais um pouco para si mesmo, se conseguisse reduzir as contas de energia elétrica e gás, através de fraude. Ele imaginou que poderia escapar impune... pelo menos é o que parece... e pôs-se a desviar energia em grande escala, usando os serviços da Quayle.

— Mas isso não significa, Harry, que as pessoas que Norris representa tenham qualquer idéia do que está acontecendo. — Nim experimentou uma sensação de alívio. Muito embora o fundo da família

Yale pudesse estar envolvido, ele estava absolutamente convencido de que Paul Sherman Yale jamais seria, pessoalmente, cúmplice de qualquer coisa desonesta.

— Tem razão, Nim. E, mesmo que algum dos clientes de Norris soubesse o que está acontecendo, duvido muito que pudéssemos algum dia prová-lo. Mas a Promotoria Distrital está preparando um processo contra Norris e o nome de Yale inevitavelmente vai aparecer. Por isso, achei que deveria informá-lo. A repercussão vai ser a pior possível, Nim, tanto para ele como para nós.

Harry estava certo, pensou Nim. Os nomes de Yale e da Golden State Power & Light estavam agora intimamente vinculados, e haveria muita gente que, apesar de todas as provas em contrário, acreditaria na existência de alguma espécie de conspiração. Não importava que isso não tivesse o menor sentido. Nada iria impedir que os rumores se espalhassem, e haveria uma situação embaraçosa, inevitavelmente.

— Ainda não acabei, Nim. E o que falta dizer é, provavelmente, o mais importante.

Nim ficou calado, imaginando o que poderia vir em seguida.

— Grande parte do trabalho ilegal que a Quay-

le fez para Norris... ou antes, para as pessoas que Norris representa... começou há quase um ano. Mas tudo o que foi feito para o fundo da família Yale, o que inclui instalações ilegais em dois prédios de apartamentos na cidade, em uma vinícola no vale de Napa e em uma fazenda de gado perto de Fresno, começou a partir dos últimos três meses. Para refrescar sua memória: começou depois que Yale deixou o Supremo Tribunal e veio trabalhar na Golden State Power.

— Dê-me só um minuto, Harry. — Nim experimentava uma sensação de choque, estava aturrido, desconcertado. — Quero pensar um pouco em tudo isso.

— Pode demorar o tempo que quiser. Também ando pensando muito no assunto.

Nim não podia acreditar. Era simplesmente impossível que Paul Sherman Yale pudesse estar participando de um esquema de desvio de energia, até mesmo sem participação direta ou como um espectador silencioso. No entanto... Nim recordou, apreensivo, a conversa na fazenda de gado. O que fora mesmo que Paul Yale dissera? "Tudo por causa do custo cada vez maior... especialmente de energia elétrica. Usamos energia elétrica para tudo. Como para o moinho... para quarenta mil cabeças de ga-

do... durante a noite inteira há luzes acesas nos currais... nossas contas de energia são astronômicas." E depois: "Tive uma conversa com nosso administrador, Ian Norris, e mandei que reduzisse drasticamente as despesas, economizasse... Não há outro jeito".

Mesmo antes disso, naquele primeiro dia no vale de Napa, quando Nim fora apresentado aos Yale, Beth Yale já deixara transparecer a amargura do marido, e a sua própria, ao comentar que o fundo da família estava sendo mal administrado e dando prejuízo.

— Uma pergunta, Harry. Sabe se alguém... de seu departamento, da polícia ou da Promotoria Distrital... entrou em contato com o sr. Yale para falar sobre esse assunto?

— Sei, sim: a resposta é não.

Nim fez uma pausa, avaliando novamente tudo o que acabara de ouvir. E depois anunciou:

— Não posso resolver um problema dessa natureza, Harry. Vou apresentá-lo ao presidente.

O chefe do Departamento de Proteção à Propriedade estava de acordo. .

— Era o que eu ia sugerir.

Às onze horas da manhã seguinte, J. Eric Humphrey, Nim, Harry London e Paul Sherman Yale reuniram-se no gabinete da presidência. Yale, que acabara de chegar de carro do vale de Napa, estava particularmente jovial; seu rosto vincado estava radiante. Ele disse aos outros:

— Voltar à Califórnia me faz sentir mais jovem e feliz. Deveria tê-lo feito muitos anos antes. — Percebendo subitamente que ninguém mais estava sorrindo, virou-se para Humphrey. — Algum problema, Eric?

Humphrey, embora exteriormente aprumado e controlado como de hábito, estava muito constrangido, conforme Nim percebeu claramente. Sabia que o presidente ficara muito apreensivo depois de receber a notícia.

— Para ser franco, não tenho certeza — respondeu Humphrey. — Foi-me transmitida uma informação que achei que deveria levar a seu conhecimento. Nim, explique a situação ao sr. Yale.

Em poucas frases, Nim falou da alta incidência do desvio de energia e das funções de Harry London na companhia, a quem Yale ainda não conhecia. Enquanto Nim falava, o velho jurista franzia o rosto. Parecia estar confuso e aproveitou uma pausa para perguntar:

— Mas qual é a relação de tudo isso com meu trabalho?

Humphrey voltou a intervir:

— Infelizmente, o motivo desta reunião não envolve seu trabalho. Parece que há... alguns aspectos pessoais em questão.

Yale sacudiu a cabeça, num gesto de perplexidade:

— Agora estou ainda mais confuso. Alguém pode fazer a gentileza de me explicar o que está havendo?

— Assuma o comando, Harry — determinou Nim.

Dirigindo-se a Yale, London disse:

— Creio que o senhor conhece um homem chamado Ian Norris, não?

Seria imaginação, perguntou-se Nim, ou vira uma expressão de alarme estampar-se por um breve instante no rosto de Yale? Provavelmente, não. Nim advertiu a si mesmo: não procure por fantasmas que não existem.

— Claro que conheço Norris. Temos negócios em comum. Mas eu gostaria de saber a sua relação com ele.

— Minha relação com ele, sr. Yale, se deve ao fato de Norris ser um ladrão. Temos provas incon-

testáveis disso.

Harry London descreveu o que revelara a Nim, no dia anterior, sobre o desvio de energia por parte de Norris e o fundo da família Yale. Dessa vez, a reação de Paul Sherman Yale foi inconfundível: em rápida sucessão... incredulidade, choque e raiva.

Ao final do relato de London, Humphrey acrescentou:

— Espero que compreenda, Paul, por que decidi que esse assunto, extremamente delicado, devesse ser levado a seu conhecimento.

Yale aquiesceu. Seu rosto estava vermelho, ainda deixando transparecer o conflito de emoções.

— Quanto a essa parte, compreendo perfeitamente. Mas quanto ao resto... — Ele disse firmemente a Harry London: — É uma acusação muito grave. Tem certeza dos fatos que acabou de expor?

— Tenho, sim, senhor. Certeza absoluta. — London sustentou inabalavelmente o olhar de Yale. — E a Promotoria Distrital também não tem mais qualquer dúvida. Todos lá estão convencidos de que já dispõem de provas suficientes para obter uma condenação.

Eric Humphrey voltou a intervir:

— Gostaria de lhe explicar, Paul, que os serviços que o sr. London vem prestando à companhia

são de fato excepcionais. Ele assumiu o comando do Departamento de Proteção à Propriedade e mostrou-se um executivo eficiente e responsável. Não tem o hábito de fazer acusações sem dispor de provas concretas.

— Especialmente num caso tão grave assim — acrescentou Nim.

— Não resta a menor dúvida de que é mesmo grave. — Yale já recuperara o controle e, na opinião de Nim, falava como se estivesse novamente no Supremo Tribunal. — No momento, aceito o que estão me dizendo, mas insisto em examinar as provas pessoalmente mais tarde.

— Mas é claro! — disse Humphrey.

— Em todo caso, presumo que seja evidente que, até este momento, eu não tinha o menor conhecimento do que acabaram de me relatar.

Humphrey asseverou-lhe:

— Isso nem precisa ser dito, Paul. Nenhum de nós jamais teve a menor dúvida quanto a isso. Nossa preocupação principal é a situação difícil em que poderá ficar.

— E também a Golden State Power — acrescentou Nim.

Yale lançou-lhe um olhar rápido e astuto.

— Tem razão, também temos de levar isso em

consideração. — Sorriu ligeiramente, antes de acrescentar: — Agradeço a confiança que demonstraram.

— Uma confiança inabalável — comentou Humphrey.

Por um momento, Nim se perguntou se o presidente da companhia não estaria exagerando um pouco. Mas no instante seguinte ele afastou esse pensamento.

Paul Yale parecia estar com vontade de continuar a conversar:

— Independentemente desse infortunado incidente, acho extremamente interessante esse esquema de desvio de energia. Não tinha a menor idéia de que isso existisse. Nunca ouvi falar a respeito. Como também não sabia que existia gente como o sr. London numa companhia de energia elétrica. — Virou-se para o chefe do Departamento de Proteção à Propriedade e acrescentou: — Em outra ocasião, eu gostaria de obter mais informações sobre o seu trabalho.

— Terei o maior prazer em contar-lhe tudo o que desejar saber, senhor.

Os quatro continuaram a conversar, já desaparecida a tensão inicial. Ficou combinado que, à tarde, Harry London informaria Paul Yale sobre as provas contra Ian Norris. Yale declarou sua intenção

de contratar um advogado para defender seus interesses diante de Norris. E explicou:

— O problema dos administradores do nosso fundo sempre foi difícil. Meu avô fez cláusulas rígidas, que se tornaram piores com o passar do tempo. Será necessária uma decisão judicial para afastar Norris. Nas circunstâncias, é o que terei de providenciar.

Nim quase não participou da conversa. Em algum lugar, no fundo de sua mente, havia alguma coisa que o estava incomodando. Mas não sabia exatamente o quê.

Dois dias depois, Harry London voltou a procurar Nim.

— Tenho algumas notícias sobre o caso Norris.

Nim levantou a cabeça, deixando de lado as folhas datilografadas do discurso que faria na convenção, e indagou:

— Quais são?

— Ian Norris fez uma declaração de que seu amigo Paul Sherman Yale nada sabia do que estava acontecendo. O que confirma a história do velho.

Curioso, Nim perguntou:

— Por que Norris iria fazer uma declaração

dessas?

— Ao que parece, houve um acordo confidencial. Por isso é que tenho minhas dúvidas sobre a imparcialidade da balança da justiça. O advogado de Norris teve uma conversa com o promotor distrital. Primeiro, ficou acertado que a GSP & L receberá tudo o que lhe é devido... ou melhor, o que calculamos que é devido, uma quantia e tanto. Depois disso, Norris irá declarar que não tem nada a dizer diante da acusação de desvio criminoso nos termos do artigo 591.

— E o que é isso?

— Faz parte do Código Penal da Califórnia. Cobre fraudes contra companhias de serviços públicos como a nossa e a telefônica. Prevê uma multa e uma pena de prisão de até cinco anos. No final das contas, as provas não serão apresentadas no tribunal, e o nome de Yale não vai aparecer.

Harry London parou de falar abruptamente. Nim queixou-se:

— É preciso um saca-rolhas para arrancar qualquer informação de você. Conte-me o resto desse acordo por baixo do pano.

— Não consegui descobrir tudo, provavelmente jamais conseguirei. Mas uma coisa que transpirou é que o sr. Yale tem amigos poderosos. O promotor

distrital foi pressionado a resolver o caso através de um acordo e manter o nome de Yale em sigilo. — London deu de ombros. — Imagino que é mesmo o melhor para a nossa querida GSP & L.

— Tem razão, Harry, é o melhor, mesmo.

Depois que London se retirou, Nim ficou pensando no caso. Era verdade: teria sido uma publicidade nociva para a companhia se um de seus diretores, justamente o porta-voz oficial, fosse envolvido num escândalo de desvio de energia, mesmo que inocentemente. Nim imaginou que deveria sentir-se aliviado. No entanto, algo continuava a atormentá-lo, como já vinha acontecendo havia dois dias, algo meio nebuloso, vindo de seu subconsciente, uma convicção de que sabia algo importante, mas não conseguia lembrar-se.

Havia outra coisa. E essa não estava oculta no subconsciente.

Por que Yale fizera questão de ressaltar, como acontecera na reunião com Eric Humphrey, Harry London e Nim, que nunca tinha ouvido falar em desvio de energia? Havia saído reportagens e notícias em jornais e revistas, a televisão também abordara o assunto. Na verdade, nenhuma pessoa, nem mesmo um ex-ministro do Supremo Tribunal, poderia estar a par de todas as notícias que saíam.

Mesmo assim, a insistência parecera a Nim bastante exagerada.

Voltou a seu pensamento anterior, à dúvida que o atormentava. O que era afinal que sabia, e de que não se recordava? Talvez, se não se empenhasse tanto em descobrir, o fato pudesse emergir mais facilmente.

Assim voltou a trabalhar no discurso que faria na convenção do Instituto Nacional de Eletricidade, dentro de quatro dias.

"Um dia de glória se aproxima!

O valente exército do povo, os Amigos da Liberdade, lutando contra os torpes capitalistas que mantêm a América acorrentada, irá desfechar uma ofensiva que será aclamada pela história.

Todos os preparativos estão prontos para a contagem regressiva".

Georgos Winslow Archambault, escrevendo em seu diário, hesitou por um momento. Depois, usando o toco de lápis (estava ficando cada vez mais incômodo de tão pequeno, e em breve teria de jogá-lo fora, independentemente dos preceitos de Gandhi), riscou as nove últimas palavras. Tinha chegado à conclusão de que possuíam um tom inequivocamente capitalista. Escreveu no lugar delas: "foram brilhantemente executados pelo autocomando dos Amigos da Liberdade".

Melhor, muito melhor! Ele continuou a escrever:

"Os inimigos do povo, congregando-se sob a infame fachada fascista do Instituto Nacional de Eletricidade,

começarão a se reunir dentro de dois dias.

Vão ter uma tremenda surpresa... e uma punição bem merecida''.

Georgos sorriu ao largar o lápis e descansou um pouco, pois escrever, para ele, representava um grande esforço mental. Levantando-se, correu os olhos pela oficina do porão, agora abarrotada de novos suprimentos e equipamentos. Espreguiçou o corpo esguio e flexível. Depois, deitou-se no chão, num espaço que deixara deliberadamente vago, e fez rapidamente quarenta flexões. Ficou satisfeito por ter feito o exercício facilmente e a respiração estar normal ao final. Dali a três dias, ele poderia ter a oportunidade de se felicitar por sua boa forma física.

Voltaria ao diário dentro de um minuto. Com um grande acontecimento da história prestes a se consumir, o diário não devia ser negligenciado, porque um dia haveria de ocupar um lugar de honra nos arquivos da revolução.

Toda a operação iminente já estava preparada e planejada, pensou Georgos; os suprimentos estavam em ordem e já fora definida a logística: como levar as bombas explosivas e incendiárias para o Christopher Columbus Hotel. A primeira série de bom-

bas, contendo explosivos de alta potência, iria detonar às três horas da madrugada do segundo dia da convenção do instituto; as bombas incendiárias detonariam de cinco a dez minutos depois. Às bombas, ocultas em extintores de incêndio, seriam colocadas no interior do hotel no dia anterior, cerca de dezesseis horas antes da detonação.

Graças a sua hábil liderança, tudo estava transcorrendo como... ele hesitou, procurando uma boa metáfora... como aqueles excelentes mecanismos de relógio que Davey Birdsong comprara em Chicago e lhe entregara.

Georgos havia revisto suas opiniões anteriores sobre Birdsong. Agora, sentia admiração e até mesmo amor pelo gigante barbudo.

Não apenas a idéia original de Birdsong era de puro gênio, mas também assumira riscos ativos ao ajudar na execução. Além da viagem de compra a Chicago, Birdsong ajudara a adquirir os extintores de incêndio ali mesmo na cidade, poucos de cada vez, em locais diferentes. Havia agora, no porão, quase três dúzias de extintores, quantidade mais do que suficiente para a execução do plano dos Amigos da Liberdade. Georgos fora cauteloso ao levar os extintores para casa, procurando trabalhar só depois do anoitecer. Correria o risco calculado, ao levar seis

extintores à luz do dia, porque precisava urgentemente de espaço na Kombi para buscar outros. Mas examinara a rua cuidadosamente, e depois trabalhara rapidamente; estava convencido de que não fora observado.

Além de trazer os trinta e tantos extintores, Georgos já havia realizado a metade do trabalho necessário. Primeiro, esvaziara o conteúdo, depois enfraquecera internamente os extintores. Naqueles que serviriam como bombas incendiárias, colocou garrafas plásticas com gasolina e as cargas explosivas, com detonadores e mecanismos de tempo. No caso das bombas de alto poder explosivo, que iriam bloquear as saídas do hotel, substituiu a gasolina por dois quilos de dinamite.

Assim que terminasse de escrever o diário, continuaria a trabalhar nos demais extintores. Precisaria ser rápido nas quarenta e oito horas seguintes... e extremamente cuidadoso, porque a quantidade de explosivos que havia agora na oficina era suficiente para arrasar todo o quarteirão, se algo saísse errado. Mas Georgos tinha plena confiança em sua capacidade e sabia que poderia deixar tudo pronto a tempo.

O rosto fino e ascético iluminou-se de satisfação recordando as palavras de Birdsong, ao conversa-

rem pela primeira vez sobre o plano de bloquear as saídas do hotel e depois provocar incêndios nos andares superiores: "Se fizer tudo direito, nenhuma pessoa nos andares superiores deixará o prédio viva".

Mais um ponto favorável a Birdsong: ele providenciara todo o dinheiro que Georgos pedira, muito embora o custo total fosse muito superior ao previsto inicialmente.

E havia também a manobra diversionista que Birdsong planejava. Ela facilitaria a Georgos e aos outros combatentes da liberdade a colocação das bombas, em segurança, no interior do hotel.

Como já fizera antes por diversas vezes, Georgos repassou mentalmente os detalhes.

Com mais um pouco do dinheiro de Birdsong, Georgos comprou uma pick-up Dodge, usada, mas em bom estado, por uma feliz coincidência pintada de vermelho. Pagou à vista, em dinheiro, usando documentos de identidade falsos, a fim de evitar deixar qualquer pista que viesse a condená-lo.

A pick-up estava agora escondida numa garagem particular, trancada, ao lado de um segundo esconderijo dos Amigos da Liberdade, um apartamento recentemente alugado, no bairro de North Castle, do qual somente Georgos tinha conhecimen-

to até aquele momento. O apartamento poderia servir como recurso numa emergência, caso se tornasse impraticável, por qualquer razão, continuar a usar a casa da Crocker Street.

Nos dois lados da pick-up vermelha já estavam pintadas as seguintes palavras: Serviço de Proteção Contra Incêndios. Um golpe de mestre (outra das idéias de Georgos) fora a escolha de uma pick-up aberta, ao invés de fechada. Assim, todos poderiam ver a carga do veículo, aparentemente inocentes extintores de incêndio.

O carro que Georgos usava regularmente, a Kombi, estava numa garagem particular não muito longe da casa da Crocker Street. Não seria usada no ataque à convenção do Instituto Nacional de Eletricidade.

O esquema diversionista de Birdsong era simples. Ele e cerca de uma centena de partidários da f & lp iriam promover uma manifestação contra a GSP & L diante do hotel, no momento em que os extintores com bombas fossem levados à entrada de serviço e descarregados. Os manifestantes causariam tumulto suficiente para atrair a atenção e manter ocupadas todas as forças policiais e de segurança que estivessem no local, permitindo que a pick-up vermelha passasse despercebida.

Quanto aos outros detalhes, Birdsong cumpriu a promessa e apresentou os esboços do andar térreo e do mezanino do Christopher Columbus Hotel. Depois de examiná-los, Georgos fez pessoalmente três visitas ao hotel, a fim de verificar os detalhes e determinar os melhores locais para colocar as bombas de alto poder explosivo que detonariam primeiro.

Outra coisa que Georgos descobriu foi que o movimento de empregados no hotel era muito intenso, às vezes até frenético, tanto que durante o dia praticamente qualquer um podia andar pelas áreas de serviço do hotel, contanto que desse a impressão de estar fazendo alguma coisa. Para testar tal possibilidade, em sua terceira visita ao hotel, ele vestiu um dos macacões cinza comprados recentemente, no qual estavam bordadas as palavras Serviço de Proteção contra Incêndios, que ele e seus companheiros usariam na expedição, três dias depois.

Não houve o menor problema. Chegou mesmo a receber acenos amistosos de diversos empregados do hotel, que consideravam sua presença normal. Georgos, por sua vez, representou o mesmo papel que iria assumir quando colocasse as bombas. Naquela ocasião ele e os outros iriam tornar-se lacaios subservientes e rastejariam diante dos capitalistas,

exatamente como eles gostavam que seus servos fizessem. Os combatentes da liberdade, como camaleões, iriam sorrir suavemente, balbuciando tolices como "Com licença", "Sim, senhor", "Não, madame", num rebaixamento repulsivo perante inferiores, mas que tinha de ser suportado pela causa da revolução.

E os resultados fariam com que tudo valesse a pena!

Por questão de segurança extra, no caso de qualquer combatente da liberdade ser detido e interrogado, Birdsong mandou imprimir algumas ordens de serviço em nome do Serviço de Proteção contra Incêndios. Já estavam agora preenchidas. Determinavam que extintores de incêndio suplementares fossem entregues no hotel e deixados no local em que seriam posteriormente montados. Birdsong também datilografou, em papel timbrado do hotel, uma autorização para que o pessoal do Serviço de Proteção contra Incêndios lá entrasse com esse objetivo. Ele pegou o papel timbrado durante uma de suas incursões ao Christopher Columbus, onde estava disponível para os hóspedes, nas mesas no mezanino.

Os dois documentos substituíam a idéia original de Georgos de providenciar ordens de compra do hotel, muito difíceis de obter. Ele e Birdsong sa-

biam perfeitamente que nenhum dos documentos resistiria a um exame mais atento, mas podiam constituir a grande diferença numa situação crítica.

Pelo que Georgos podia ver, haviam simplesmente pensado em tudo.

Naquele momento, só uma coisa o perturbava, e mesmo assim vagamente: sua mulher, Yvette. Desde aquela noite, quatro meses atrás, em que Georgos executara os dois "porcos de segurança",- em Millfield, e Yvette logo depois protestara, nunca mais confiara plenamente nela. Em seguida a Millfield, chegou a pensar em eliminá-la. Não seria difícil, como Davey Birdsong havia ressaltado certa ocasião, mas Georgos decidiu adiar qualquer ação. A mulher lhe era útil. Cozinhasse bem e era conveniente quando ele desejava dar vazão a seus excitamentos sexuais, que ultimamente haviam se tornado cada vez mais freqüentes, à medida que se aproximava a perspectiva de matar mais inimigos do povo.

Como precaução, ele não revelou a Yvette o plano para destruir o Christopher Columbus Hotel, muito embora ela devesse ter percebido que algo importante estava para acontecer. Talvez sua exclusão fosse o motivo pelo qual Yvette se mostrara silenciosa e mal-humorada nas últimas semanas, Mas não importava! Nesse momento, Georgos tinha

preocupações mais importantes. Muito em breve, quase certamente, seria obrigado a dar um jeito em Yvette, apesar da inconveniência pessoal que isso representaria.

Extraordinário! Só de pensar em matar sua mulher, já estava tendo uma ereção.

Com crescente excitamento, devido a tantas situações agradáveis, ele voltou a dedicar-se ao seu diário.

Parte 4

1

Numa suíte do vigésimo quinto andar do Christopher Columbus, Leah levantou os olhos do caderno de deveres em que estava escrevendo e disse:

— Papai, posso fazer-lhe uma pergunta pessoal?

— Claro!

— As coisas entre você e mamãe já se acertaram?

Nim levou um ou dois segundos para se dar conta do significado da pergunta da filha. Só depois respondeu, baixinho:

— Já, sim.

— E não vão... — Leah hesitava — não vão mais se separar?

— Se anda preocupada com isso, não há mais razão. Espero que isso jamais aconteça.

— Oh, papai! — Leah correu para ele com os

braços estendidos e abraçou-o fortemente. — Oh, papai, não sabe como estou contente!

Nim sentiu o rosto jovem e macio da filha encostado ao seu, as lágrimas escorrendo. Abraçou-a, afagando-lhe carinhosamente o cabelo.

Os dois estavam sozinhos na suíte porque Ruth e Benjy tinham descido ao saguão alguns minutos antes, a fim de experimentarem o sorvete, uma das especialidades mais famosas do hotel. Leah preferira ficar com o pai, alegando que precisava terminar os deveres de casa. Ou teria sido, perguntava-se Nim agora, porque ela esperava a oportunidade de formular sua pergunta tão importante?

Quantos pais, pensou Nim, não desconheciam o que se passava na cabeça dos filhos ou as mágoas que eles sentiam em decorrência de seu egoísmo ou de sua indiferença? Ele recordou como Leah evitara cuidadosamente o assunto na ausência de Ruth enquanto estava na casa dos Neuberger com Benjy e haviam falado pelo telefone. Que agonia Leah, uma menina sensível e perceptiva de catorze anos, não deveria ter sofrido na ocasião! Nim sentiu-se envergonhado só de pensar.

Mas tudo isso levantava outra questão: quando as crianças deveriam ser informadas sobre o estado de saúde de Ruth? Provavelmente em breve. Isso

iria provocar-lhes uma tremenda ansiedade, tal como acontecera e continuava a acontecer com Nim. Mas seria melhor Leah e Benjy serem informados com calma e tranqüilidade, para evitar que descobrissem bruscamente, talvez numa crise; era algo que poderia perfeitamente acontecer. Nim decidiu conversar a respeito com Ruth nos próximos dias.

Como se sentisse uma parte do que ele estava pensando, Leah disse:

— Está tudo bem, papai, tudo bem...

Depois, com a flexibilidade típica dos jovens, ela desvencilhou-se e voltou a se concentrar nos deveres. Nim foi até a janela da sala e contemplou a vista panorâmica de San Francisco: parecia um cartão postal. A cidade histórica, o porto movimentado e cheio de navios, as duas pontes famosas no mundo inteiro, tudo no tom dourado que o sol de fim de tarde proporcionava. Virando a cabeça, ele disse para a filha:

— Ei, dê uma olhada nesta cena fantástica!

Leah levantou a cabeça, sorrindo.

— É mesmo...

Uma coisa já era patente: levar a família para a convenção do Instituto Nacional de Eletricidade, agora em seu primeiro dia, fora uma grande idéia. Os filhos estavam extremamente excitados ao se re-

gistrarem no hotel, naquela manhã. Leah e Benjy iriam passar quatro dias sem ir à escola, mas tinham recebido deveres de casa, inclusive o de escrever uma redação sobre a própria convenção. Planejando o que iria escrever, Benjy manifestara o desejo de ouvir o discurso do pai no dia seguinte. Normalmente não se admitiam crianças nas sessões oficiais, mas Nim conseguira dar um jeito. Havia outras atividades para as famílias, como um cruzeiro pela baía, visitas a museus, exposições particulares de filmes, de que Ruth e as crianças participariam.

Algum tempo depois, Ruth e Benjy voltaram à suíte rindo felizes e anunciando que fora necessário tomar dois sorvetes cada um antes de concederem três estrelas à sorveteria.

O segundo dia da convenção.

Amanheceu um dia claro e sem nuvens, o sol entrando pela suíte; Nim, Ruth e as crianças desfrutaram o luxo de um café da manhã servido no quarto.

Depois do café e pela última vez antes de pronunciá-lo, Nim fez mais uma revisão do discurso. Pelo programa, ele deveria falar às dez horas. Poucos minutos depois das nove, deixou os outros na

suíte e desceu de elevador até o saguão.

Tinha uma razão para ir até lá antes. Por uma janela da suíte, vira uma manifestação ocorrendo diante do hotel e estava curioso em saber quem eram os participantes e por que estavam ali.

Ao sair pela porta principal do hotel, percebeu imediatamente que era a mesma turma de sempre: a força & luz para o povo. Cerca e uma dezena de pessoas, de idades diversas, desfilavam de um lado para outro na frente do hotel, gritando slogans. "Será que eles não se cansam nunca?", pensou Nim. "E será que jamais podiam ver qualquer coisa além de seu ponto de vista tão obtuso?" Os cartazes habituais estavam sendo exibidos:

**A GSP & L
engana os
consumidores**

**Que o povo,
e não os capitalistas,
seja o dono da GSP & L**

**A f & lp exige
a desapropriação das
companhias de serviços públicos**

A propriedade pública vai garantir tarifas mais baixas

Que influência a f & lp podia esperar exercer sobre o Instituto Nacional de Eletricidade? Segundo Nim, absolutamente nenhuma. Mas é claro que a intenção era chamar a atenção, e estavam conseguindo, como sempre. Nim avistou as onipresentes câmaras da TV. E lá estava Davey Birdsong, jovial e exuberante, orientando tudo.

Os manifestantes fizeram uma tentativa de impedir que qualquer veículo se aproximasse do hotel. O caminho principal foi bloqueado por uma turma de manifestantes, de braços dados, impedindo o acesso de diversos carros particulares e táxis. Um segundo contingente estava também bloqueando a entrada de serviços. Dois veículos estavam parados ali, um furgão de entrega de leite e uma pick-up aberta carregada de extintores de incêndio. Os motoristas haviam saltado e estavam protestando contra o bloqueio.

Diversos guardas apareceram. Circularam entre os manifestantes, advertindo-os. Surgiu uma discussão entre a polícia e os manifestantes, da qual

Davey Birdsong participou. O gigante barbudo acabou dando de ombros e fez um sinal para que seus partidários desobstruíssem os dois acessos ao hotel, enquanto a polícia, acelerando o processo, escoltava os dois veículos de carga e depois os carros particulares e táxis à espera.

— Pode imaginar uma irresponsabilidade maior? — Outro delegado à convenção, que observava a cena perto de Nim, mostrava-se indignado. Ele podia ser identificado pelo crachá do Instituto Nacional de Eletricidade na lapela. — Esse bando de idiotas está querendo suspender o fornecimento de leite e a proteção contra incêndio do hotel. Por quê?

Nim concordou:

— Tem razão. Não tem o menor sentido.

Talvez não tivesse também para os próprios manifestantes, que nesse momento começaram a se dispersar. Nim retornou ao interior do hotel e pegou um elevador para o mezanino, o quartel-general da convenção.

Como qualquer convenção, um ritual tribal singular, a reunião do Instituto Nacional de Eletricidade congregava várias centenas de empresários do setor, engenheiros e cientistas, com o objetivo de discutir os problemas comuns, trocar informações sobre novos desenvolvimentos e promover o convívio.

vio social. A teoria era a de que cada delegado faria depois o seu trabalho muito melhor. Era difícil atribuir um valor objetivo a tais reuniões, mas era inegável que havia algum.

Na ante-sala do salão principal da convenção, diversos delegados estavam se reunindo para um café e uma conversa, que habitualmente precediam as sessões oficiais. Nim juntou-se ao grupo, encontrando-se com executivos de outras companhias de energia elétrica, alguns já conhecidos, outros não.

A conversa, de um modo geral, era sobre petróleo. Uma notícia divulgada ao final da noite anterior revelara que as nações da OPEP estavam irredutíveis na exigência de que os pagamentos futuros pelo petróleo fossem efetuados em ouro, não mais em papel-moeda, especialmente no caso do dólar, que se desvalorizava a cada dia. As negociações entre os Estados Unidos e a OPEP haviam chegado a um impasse, e a perspectiva de um novo embargo de petróleo tornava-se alarmantemente real.

Se isso acontecesse, o impacto sobre as companhias de serviços públicos que geravam e distribuíam energia elétrica seria desastroso.

Depois de alguns minutos de conversa, Nim sentiu alguém apertando seu braço. Virando-se, deparou com Thurston Jones, seu amigo de Denver.

Apertaram-se as mãos calorosamente.

— Alguma notícia sobre Tunipah, Nim?

Nim fez uma careta.

— A construção das pirâmides foi mais rápida.

— E os faraós não precisavam de autorização, não é mesmo?

— Exatamente. Como está Ursula?

— Muito bem. — Thurston exibiu uma expressão radiante. — Vamos ter um filho!

— Mas isso é maravilhoso! Meus parabéns! E quando será o grande dia?

Nim estava recorrendo às palavras para preencher o tempo, enquanto procurava pôr em ordem os pensamentos aturdidos. Recordava-se nitidamente do fim de semana que passara em Denver e da chegada de Ursula em sua cama. Ursula havia contado que ela e o marido desejavam muito ter um filho, mas não podiam, o que Thurston posteriormente confirmou. "Ambos fizemos uma porção de exames médicos... minha pistola engatilha e dispara, mas apenas balas de festim. E jamais terei balas de verdade..."

— O médico diz que deverá nascer ao final de junho.

Santo Deus! Nim não precisava de uma calculadora para saber que o filho era seu. Suas emoções

eram tumultuadas e desencontradas. O que deveria dizer num momento como aquele?

O amigo proporcionou-lhe a resposta, passando o braço pelos ombros de Nim e dizendo:

— Ursula e eu queremos que você seja o padrinho da criança.

Nim fez menção de aceitar, dizer que seria uma honra, mas descobriu que não conseguia falar. Em vez disso, apertou a mão de Thurston, firmemente, concordando. E jurou, silenciosamente, que o filho dos Jones teria o melhor e mais consciencioso padrinho que jamais existira.

Combinaram encontrar-se novamente, antes do término da convenção.

Nim seguiu adiante, conversando com executivos de outras companhias de energia elétrica, como a Con Edison, de Nova Iorque, na opinião dele uma das mais eficientes da América do Norte, apesar de seu papel compulsório como coletora de impostos da cidade de Nova Iorque e dos desmandos de políticos oportunistas, a Florida Power & Light, a Commonwealth Edison, de Chicago, a Houston Lighting & Power, a Southern Califórnia Edison, a Arizona Public Service, e muitas outras.

Havia também um contingente de uma dúzia de delegados da Golden State Power & Light mistu-

rando-se com os outros, já que representavam a companhia-anfitriã. Ray Paulsen integrava o grupo da GSP & L; ele e Nim se cumprimentaram secamente, sem a cordialidade habitual. J. Eric Humphrey ainda não aparecera na convenção, mas não devia demorar.

Ao concluir uma conversa, Nim notou um rosto familiar aproximando-se através do grupo de delegados, cada vez maior e mais ruidoso. Era Nancy Molineaux, a repórter do *Califórnia Examiner*. Para surpresa de Nim, ela se encaminhou diretamente para ele.

— Oi!

A atitude dela era amistosa, havia um sorriso em seu rosto. Mas as recordações de Nim ainda eram muito intensas e amargas para que reagisse da mesma forma. Porém, não podia deixar de reconhecer que a mulher era tremendamente atraente; os malares salientes e a atitude altiva contribuía para isso. E ela sabia se vestir bem, além de dispor de dinheiro suficiente para isso, a julgar pela aparência das roupas.

— Bom dia — disse Nim, friamente.

— Acabei de pegar seu discurso na sala de imprensa — disse Nancy Molineaux, mostrando uma cópia integral e o *press release*. — É de uma insipidez

total. Está planejando dizer mais alguma coisa além do que está escrito aqui?

— Mesmo que estivesse, não iria ajudá-la de jeito nenhum, informando qualquer coisa de antemão.

A resposta pareceu deixá-la satisfeita. E Nancy soltou uma risada. Foram interrompidos nesse momento:

— Papai, já estamos indo para o salão.

Era Benjy. Ele se esquivara por entre os delegados que estavam a caminho de uma pequena galeria, onde podiam ser alojados uns poucos visitantes. No alto da escada, Nim avistou Ruth e Leah. Ambas lhe acenaram e ele acenou em resposta.

— Está certo, Benjy. É melhor mesmo irem ocupar logo seus lugares.

Nancy Molineaux prestou atenção naquela troca de palavras, com uma expressão divertida. E perguntou, assim que Benjy se afastou:

— Trouxe a família para a convenção?

— Trouxe, sim — respondeu Nim, bruscamente. Uma pausa, e ele acrescentou: — Minha esposa e nossos filhos estão hospedados em minha companhia no hotel. E, caso pense em tirar algum proveito dessa informação, devo lhe dizer que estou pagando pessoalmente as despesas deles.

— Essa não! Mas que terrível reputação eu ad-

qu岸!

— Sempre a trato com a maior cautela... como faria com uma cobra.

"Esse Goldman não está mesmo a fim de conversa", pensou Nancy, enquanto se afastava.

Sua presença ali fora imposta pelo editor local, que, ao notar o nome de Goldman no programa, mandou Nancy fazer a cobertura, esperando que ela descobrisse algum ponto fraco, e assim continuasse o que ele considerava uma vendeta jornalística. Mas o velho sou-o-treinador estava enganado. Ela iria noticiar o discurso de Goldman objetivamente, até mesmo daria algum destaque, se o material disponível merecesse. (A versão impressa não o merecia e fora por isso que ela fizera a pergunta.) Mas, no fundo, queria sair dali o mais depressa possível. Aquele era o dia em que combinara encontrar-se com a moça, Yvette, no bar onde haviam conversado rapidamente uma semana antes. Nancy não teria qualquer dificuldade para ir ao encontro, pois deixara o carro no subsolo do hotel. Mas o tempo seria curto. Esperava que a moça aparecesse e respondesse a algumas das perguntas que a desconcertavam.

Enquanto isso, teria de cuidar de Goldman. Nancy entrou no salão da convenção e foi sentar-se perto da mesa da imprensa.

Mesmo enquanto falava à convenção, Nim descobriu-se a concordar com Nancy Molineaux: um discurso tão repleto de material técnico como o seu não tinha nada que pudesse atrair a atenção de uma repórter. Mas, enquanto ele descrevia os problemas de carga e potência, presentes e futuros, da Golden State Power & Light, a audiência escutava atentamente, o que indicava que a maioria dos presentes partilhava os mesmos problemas, frustrações e temores que Nim estava apresentando, sob o título de "Colapso". Eles também estavam encarregados de proporcionar um sistema eficiente de energia elétrica a suas comunidades. Também compreendiam que estavam correndo contra o relógio e que não faltavam muitos anos para uma terrível escassez de energia elétrica. Contudo, quase diariamente, a honestidade deles era contestada, as advertências, desacreditadas, as estatísticas e previsões sombrias, escarnecidas.

Quase ao final do texto, Nim tirou do bolso uma folha de anotações que fizera no dia anterior. Iria usá-las para a conclusão.

— A maioria dos que estão aqui presentes, provavelmente todos nós, partilha duas convicções im-

portantes. A primeira se refere ao meio ambiente. O meio ambiente em que vivemos deve ser mais limpo do que é atualmente. Portanto, todos os que trabalham visando a esse objetivo, de maneira responsável, merecem nosso apoio. A segunda convicção diz respeito ao processo democrático. Acredito na democracia, sempre acreditei, embora ultimamente faça algumas restrições. O que me leva de volta ao meio ambiente. Alguns dos que se intitulam ecologistas deixaram de apoiar racionalmente uma causa justa para se tornarem fanáticos. Constituem uma minoria. Mas, por um fanatismo rígido, ruidoso, intransigente, muitas vezes desinformado, estão conseguindo impor sua vontade à maioria. Ao agirem assim, tais pessoas prostituíram o processo democrático, usaram-no implacavelmente, como nunca deveria ter sido usado, para impedir e destruir tudo, exceto seus próprios objetivos mesquinhos. O que não conseguem frustrar pela razão e pelos argumentos, obstruem pelas protelações e artifícios legais. Tais pessoas nem mesmo fingem aceitar o governo da maioria, porque estão convencidas de que sabem mais do que a maioria. Além disso, reconhecem apenas aqueles aspectos da democracia que podem ser subvertidos em proveito próprio.

As últimas palavras provocaram uma tempes-

tade de aplausos. Nim levantou a mão, pedindo silêncio, antes de continuar:

— Essa espécie de ecologista se opõe a tudo. Não há nada, absolutamente nada, que nós, da indústria de energia elétrica, possamos propor que não lhe desperte a ira, a condenação, a oposição fervorosa e virtuosa. Mas os fanáticos entre os ecologistas não estão sozinhos. Têm aliados.

Nim fez uma pausa, subitamente sentindo dúvidas sobre suas anotações, sabendo perfeitamente que as palavras a seguir provavelmente o meteriam na mesma encrenca de cinco meses antes, depois da audiência da Comissão de Energia da Califórnia sobre Tunipah. Iria também contrariar a determinação de J. Eric Humphrey para não abordar nenhum tema controvertido. Seja como for, o pior que poderiam fazer seria enforcá-lo. Por isso ele continuou:

— Os aliados a que me estou referindo são os comissários dos órgãos fiscalizadores e reguladores oficiais, designados exclusivamente por motivos políticos.

Nim sentiu o interesse imediato e atento da audiência.

— Houve um tempo, neste Estado e em outros, em que as juntas e comissões que regulavam nossa indústria eram relativamente poucas, e podia-se

confiar que fariam julgamentos razoavelmente justos e imparciais. Mas isso já não mais acontece. Não apenas tais comissões proliferaram a um ponto tal que suas funções agora se superpõem como também competem abertamente entre si por predomínio e poder. Além disso, muitos dos membros dessas comissões foram nomeados em decorrência de clamorosas recompensas políticas. Raramente, se é que existe algum caso, eles conquistaram o cargo por mérito ou experiência. Como resultado, esses comissários têm pouco ou nenhum conhecimento empresarial, e muitas vezes manifestam abertamente seu preconceito contra as grandes empresas. E todos têm ambições políticas que governam suas ações e decisões. É precisamente por isso que nossos críticos e oponentes extremistas encontram aliados. Pois são os pontos de vista militantes, populistas, as posições contra as companhias de serviços públicos que atualmente se tornam notícia e atraem a atenção. As decisões serenas, equilibradas e ponderadas não são notícia. E os comissários a que me referi conhecem muito bem essa lição. Em outras palavras: aquelas que deveriam ser posições imparciais, na defesa do interesse público, estão sendo distorcidas e utilizadas contra o próprio interesse público. Não tenho uma solução fácil a sugerir para esses dois proble-

mas de grandes proporções. E desconfio que nenhum dos presentes a tem. O melhor que podemos fazer é informar ao público, sempre que possível, que seus interesses estão sendo minados por uma minoria. .. por uma insidiosa aliança entre fanáticos e políticos preocupados exclusivamente com as vantagens pessoais. Nim decidiu parar por aí.

E, enquanto se perguntava qual seria a reação de J. Eric Humphrey e de outros colegas da GSP & L, descobriu-se, espantado, alvo de uma entusiasmada ovação, todos de pé.

"Parabéns!"... "Era preciso coragem para dizer, mas é tudo verdade" ... "Espero que suas palavras tenham a mais ampla divulgação"... "Gostaria de uma transcrição para distribuir"... "A indústria precisa de homens francos e objetivos como você"... "Se um dia se cansar de trabalhar para a Golden State Power, não se esqueça de nos avisar"

Enquanto os delegados o cercavam, Nim descobriu-se, inesperada e inacreditavelmente, um herói. O presidente de uma gigantesca companhia de serviços públicos do centro-oeste assegurou-lhe:

— Espero que sua companhia saiba reconhecer o valor que você possui. E pode estar certo de que direi a Eric Humphrey que poucas vezes ouvi pala-

vras tão objetivas, francas e sensatas.

Cansado dos apertos de mão e parabéns, Nim deu um jeito de se afastar.

A única coisa que toldava seu sucesso era a visão do rosto franzido e hostil de Ray Paulsen. Mas Paulsen não fez nenhum comentário e retirou-se do salão de convenções.

Nim estava chegando à entrada que levava ao mezanino quando uma voz serena disse a suas costas:

— Vim até aqui especialmente para ouvi-lo. E valeu a pena.

Nim virou-se e, espantado, deparou com Wally Talbot Jr. Parte da cabeça de Wally estava envolta por ataduras, e ele andava com a ajuda de muletas. Mas conseguiu exibir um sorriso jovial.

— Wally! Mas que prazer vê-lo! Não sabia que havia deixado o hospital.

— Saí há cerca de duas semanas, embora ainda não definitivamente. Terei de voltar para continuar o tratamento. Podemos ter uma conversa?

— Mas claro! Vamos procurar um canto sossegado.

Nim pensou em ir procurar Ruth e as crianças, mas poderia encontrar-se com eles mais tarde, na suíte. Ele e Wally desceram de elevador até o térreo.

Num canto, perto de uma escada, havia duas poltronas vagas. Encaminharam-se para lá. Wally usava as muletas sem muito jeito, mas obviamente preferia que ninguém tentasse ajudá-lo.

— Cuidado, por favor! — Um homem de macacão azul, manobrando um carrinho de duas rodas no qual estavam equilibrados três extintores de incêndio vermelhos, passou por eles. — Não vai demorar. Só vou pôr um desses extintores no lugar.

O homem, ainda jovem, puxou uma das poltronas, colocou um extintor atrás e empurrou a poltrona de volta ao lugar. Sorriu para Nim e acrescentou:

— Isso é tudo, senhor. Desculpe ter incomodado.

— Não foi nada.

Nim recordou-se de já ter visto o homem antes, guiando a pick-up vermelha que a polícia escoltara, durante a manifestação da f & lp. Ocorreu-lhe que colocar um extintor num local pouco visível, atrás de uma poltrona, era uma estranha disposição. Mas não era de sua conta, e o homem presumivelmente sabia o que estava fazendo. No macacão estavam bordadas as palavras Serviço de Proteção contra Incêndios.

Nim e Wally se sentaram.

— Viu as mãos daquele cara? — perguntou Wally.

— Vi, sim.

Nim havia notado que as mãos do jovem estavam bastante manchadas, provavelmente em decorrência do manuseio negligente de produtos químicos. Sorrindo outra vez, agora um pouco tristemente, Wally comentou:

— Ele poderia dar um jeito com enxertos de pele. Estou ficando um especialista no assunto.

— Não estou interessado nos outros, Wally. Fale-me a seu respeito.

— Como eu já disse, os enxertos de pele que estou fazendo ainda vão prolongar-se por muito tempo. Os médicos só podem fazer um pouco de cada vez.

— Eu já sabia.

— Mas tenho uma boa notícia e achei que gostaria de partilhá-la com você. Vou arrumar um novo pau.

— Você o quê?

— Isso mesmo que acabou de ouvir. Lembra-se de que o antigo foi queimado?

— Claro que me lembro.

Nim jamais esqueceria as palavras do médico no dia seguinte à eletrocussão de Wally: "...a cor-

rente elétrica passou pela superfície superior do corpo e saiu... por intermédio do pênis... Foi destruído. Totalmente queimado..."

— Mas continuei a ter uma sensação sexual, e isso já é um começo — continuou Wally. — Foi por isso que me mandaram na semana passada a Houston, ao Centro Médico do Texas. Estão fazendo coisas maravilhosas por lá, especialmente para gente como eu. Existe um médico chamado Brandey Scott que está supervisionando tudo. Ele vai fazer um novo pênis para mim e prometeu que irá funcionar.

— Fico muito satisfeito por você, Wally. Mas como é possível fazer uma coisa dessas?

— É feito em parte por enxertos de pele especiais, em parte por uma coisa chamada prótese do pênis. É uma pequena bomba, alguns tubos, um minúsculo reservatório, tudo ligado e implantado no corpo cirurgicamente. O negócio é feito de silicone, o mesmo material que se usa no marcapasso cardíaco. Na verdade, é um substituto para o que a natureza nos deu.

Curioso, Nim perguntou:

— E realmente funciona?

— Mas claro que funciona! — O entusiasmo de Wally era patente. — Já vi pessoalmente! E também descobri que centenas de homens já fizeram a ope-

ração com pleno sucesso. E vou lhe dizer mais uma coisa, Nim...

— O quê?

— A prótese de pênis não é apenas para homens como eu, que sofreram acidentes. É também para outros homens, geralmente velhos, que são normais, só que perderam o vigor e não mais conseguem fazer nada com uma mulher. Isso lhes proporciona uma vida nova. O que me diz de você, Nim? Não está precisando de ajuda?

— Não desse tipo. Pelo menos, ainda não, graças a Deus.

— Mas algum dia pode precisar. Pense só nisso! Ninguém mais terá de fazer jejum sexual compulsório! E poderá ir para a sepultura com uma ereção!

Nim sorriu.

— E o que vou fazer com o pau duro na sepultura?

— Ei, lá está Mary! — exclamou Wally. — Ela veio me buscar. Ainda não estou em condições de guiar.

Nim avistou Mary Talbot, a esposa de Wally, no outro lado do saguão. Ela já os vira e estava se aproximando. Nim viu também, com alguma preocupação, que Ardythe Talbot a acompanhava. Não

vira nem tivera notícias de Ardythe desde o encontro no hospital, quando ela histericamente atribuíra ao seu "pecado" e de Nim os problemas de Wally. Nim se perguntou se Ardythe já renunciara a seu fervor religioso.

As duas mulheres apresentavam sinais de tensão. Afinal, apenas sete meses se haviam passado desde a trágica morte de Walter Talbot na explosão da usina de La Mission; e o acidente com Wally Jr. ocorrera algumas semanas depois. Mary, que sempre fora esbelta, ao que Nim podia recordar-se, envergara consideravelmente, o que podia ser perfeitamente explicado pela infelicidade e pelas preocupações. O rosto de menina mudara, ela agora parecia mais velha. Nim descobriu-se a desejar que o que Wally acabara de lhe contar desse certo. Se isso acontecesse, ajudaria muito a ambos.

Ardythe parecia estar um pouco melhor do que na última vez que a vira, embora não muito. Em contraste com o que fora imediatamente antes da morte de Walter, bonita, elegante, atlética, não passava agora de uma mulher envelhecida. Ela sorriu para Nim e cumprimentou-o cordialmente, o que o deixou aliviado.

Conversaram um pouco. Nim manifestou sua satisfação por encontrar Wally ativo novamente.

Mary comentou que alguém lhe falara, no caminho, sobre o discurso de Nim e deu-lhe os parabéns. Ardythe informou que encontrara mais alguns arquivos antigos de Walter e queria entregá-los à GSP & L. Nim ofereceu-se para ir buscá-los, se ela assim o desejasse. Ardythe apressou-se em dizer:

— Não há necessidade. Posso mandá-los para você. Não são tantos quanto da última vez e... — Ela parou de falar abruptamente. Depois, perguntou: — O que aconteceu, Nim?

Nim fitava-a fixamente, a boca entreaberta. Na última vez... Os arquivos de Walter!

— O que aconteceu, Nim? — repetiu Ardythe.

Mary e Wally também o fitavam, curiosos e aturdidos. Nim conseguiu murmurar:

— Não é nada... apenas acabei de me lembrar de uma coisa...

Agora ele sabia. Sabia qual era a informação desaparecida que lhe atormentava a mente, esquiva e nebulosa, desde a reunião no gabinete de Eric Humphrey, junto com Harry London e Paul Yale. Estava nos arquivos de Walter Talbot, aqueles que Ardythe entregara a Nim, em caixas de papelão, pouco depois da morte do marido. Na ocasião, Nim os examinara rapidamente; agora, estavam guardados na GSP & L.

— Acho que está na hora de irmos — disse

Wally. — Foi um prazer vê-lo de novo, Nim.

— O prazer foi meu, Wally. E boa sorte... em tudo!

Depois que os três se foram, Nim continuou no mesmo lugar, pensando. Sabia agora o que estava naqueles arquivos. E sabia também o que tinha de ser feito. Antes, porém, deveria verificar, confirmar seu pressentimento.

Mais três dias. Imediatamente depois da convenção.

Pressa, pressa, pressa! Era sempre assim, pensou Nancy Molineaux, enquanto acelerava o Mercedes além do limite máximo de velocidade, com um olhar cauteloso no espelho retrovisor, atento a qualquer guarda de trânsito.

- As pressões da vida pareciam jamais deixá-la em paz, por um único dia que fosse.

Ela havia telefonado para o jornal, passando apressadamente a notícia sobre Goldman, que sairia na edição vespertina, e agora, dez minutos depois, estava seguindo para o encontro com Yvette. esperava que a jovem tivesse o bom senso de esperar um pouco.

Naquela tarde, Nancy precisaria esclarecer alguns pontos obscuros de outra reportagem, para o que teria de voltar ao Examiner. E ainda tinha de arranjar tempo para dar um pulo ao banco, pois precisava de dinheiro. Estava com hora marcada no dentista às quatro. E prometera ir a duas festas depois do trabalho, uma cedo, informal, rápida, a outra devendo prolongar-se até muito depois da meia-noite.

Por outro lado, ela gostava daquele ritmo vertiginoso, no trabalho e nas diversões, embora houves-

se dias, como aquele, em que aconteciam coisas demais.

Enquanto guiava, sorriu ao pensar na notícia que redigira a respeito do discurso de Goldman. Iria provavelmente deixá-lo surpreso, porque era uma notícia objetiva, sem nenhum comentário pessoal.

Várias centenas de líderes da indústria de energia elétrica da América aclamaram hoje, de pé, Nimrod Goldman, um vice-presidente da Golden State Power & Light, que declarou que os organismos governamentais, politicamente dominados, estão abusando da confiança pública e "competem abertamente entre si por predomínio e poder".

Goldman assim falou na convenção do Instituto Nacional de Eletricidade, que se realiza nesta cidade.

Pouco antes, Goldman criticou alguns ecologistas, afirmando que se opõem a tudo. "Não há nada, absolutamente nada, que nós, da indústria de energia elétrica, possamos propor que..." etc., etc.

Nancy citou também algumas declarações de Goldman a respeito da escassez de energia elétrica que ele alegava ser iminente. Assim, se Goldman tivesse agora alguma reclamação a fazer, seria contra o que ele próprio dissera, não contra a notícia.

"Deus do céu! Como é que alguns malucos idiotas conseguem tirar carteira de motorista?" Ela estava em segundo lugar na fila, diante de um sinal que acabara de passar para o verde, mas o cara da frente ainda não se mexera. Estaria dormindo? Nancy buzinou, impaciente. "Mas que droga!" O sinal passou para o amarelo e voltou ao vermelho no momento em que Nancy o alcançou. Mas o cruzamento parecia livre e Nancy resolveu correr o risco, avançando o sinal.

Mais alguns minutos e ela avistou o bar imundo onde estivera na semana anterior. Estaria muito atrasada? Ao se aproximar do bar, Nancy deu uma olhada no relógio Piaget. Dezoito minutos. E, como não podia deixar de ser, não havia nenhuma vaga diante do bar naquele dia! Nancy só foi encontrar uma vaga a dois quarteirões de distância. Trancou o Mercedes e voltou apressadamente.

O interior do bar estava escuro e com cheiro de mofo, como na vez anterior. Parou logo depois da entrada, para que seus olhos se ajustassem à escuridão; teve a impressão de que nada mudara naqueles sete dias, nem mesmo os fregueses.

Yvette estava esperando por ela. Sentara-se sozinha, com uma cerveja a sua frente, na mesma mesa dos fundos que tinham ocupado antes. Levantou

a cabeça quando Nancy se aproximou, mas não mostrou qualquer sinal de interesse ou de reconhecimento.

— Oi! — disse Nancy. — Desculpe o atraso.

Yvette deu de ombros ligeiramente, sem fazer qualquer comentário. Nancy fez sinal para um garçom.

— Pode trazer outra cerveja.

Ela ficou esperando a cerveja, examinando disfarçadamente a moça, que continuava calada. Yvette parecia estar em estado ainda pior do que na semana anterior, a pele inchada, o cabelo desganhado. As roupas eram as mesmas, imundas, dando a impressão de que havia um mês dormia com elas. Na mão direita estava a luva improvisada, presumivelmente ocultando uma deformidade, conforme Nancy já notara no primeiro encontro.

Nancy tomou um gole de cerveja, que achou gostosa. E decidiu ir direto ao assunto:

— Disse que me contaria hoje o que está acontecendo na casa da Crocker Street e o motivo das visitas de Davey Birdsong.

Yvette levantou a cabeça.

— Eu não disse nada. Você é que ficou na esperança de que eu falasse.

— E ainda estou. Por que não começa por me

dizer qual a razão de você estar com tanto medo?

— Não tenho mais medo.

A jovem fez a declaração em voz indiferente, com o rosto inexpressivo. Nancy achou que dessa forma não chegaria a nenhum resultado; talvez sua ida até ali tivesse sido pura perda de tempo. Tentando novamente, ela perguntou:

— O que aconteceu, desde a semana passada, para que a situação mudasse?

Yvette não respondeu. Parecia estar avaliando mentalmente alguma coisa. Enquanto o fazia, instintiva e aparentemente sem pensar usou a mão esquerda para coçar a direita. Primeiro com a luva e depois tirando-a.

Com choque e horror, Nancy ficou olhando para o que estava à mostra.

O que antes fora mão era agora um confusão horrenda de estrias e cicatrizes. Dois dedos haviam desaparecido, ficando os cotos desiguais, a pele solta. Nos outros dedos, embora mais ou menos completos, faltavam pedaços. Um dedo estava grotescamente encurvado, com um pedaço de osso exposto.

Nancy murmurou, dominada pela repulsa:

— Santo Deus! O que aconteceu com sua mão?

Yvette baixou os olhos. Percebendo o que aca-

bara de fazer, apressou-se em cobrir novamente a mão. Nancy insistiu:

— O que aconteceu?

— Foi... sofri um acidente.

— Mas quem deixou sua mão assim? Um médico?

— Não fui ao médico — balbuciou Yvette, esforçando-se para conter as lágrimas. — Eles não deixaram.

— Quem não deixou? — Nancy sentia a raiva invadi-la. — Birdsong?

A jovem assentiu.

— E Georgos.

— Quem é Georgos? E por que não a levaram a um médico? — Nancy estendeu o braço, pegando a mão sã de Yvette. — Deixe-me ajudá-la, menina. Posso fazê-lo. E talvez ainda seja possível dar um jeito em sua mão.

A jovem sacudiu a cabeça. A emoção desaparecera inteiramente; o rosto e os olhos estavam como antes, vazios, apáticos, resignados.

— Fale, por favor — suplicou Nancy. — Conte-me o que está acontecendo.

Yvette deixou escapar o ar dos pulmões, o que poderia ou não ser um suspiro. De repente, abaixou-se ao lado da mesa e pegou no chão uma bolsa mar-

rom bastante velha. Abrindo-a, tirou duas fitas casete; colocou-as em cima da mesa e empurrou-as na direção de Nancy.

— Está tudo aí — disse Yvette.

Depois, num movimento contínuo, ela tomou o que restava da cerveja e levantou-se para ir embora.

— Ei, não vá ainda! — protestou Nancy. — Mal começamos! Por que não me diz o que há nessas fitas e depois conversamos a respeito?

— Está tudo aí — repetiu a jovem.

— Mas... — Nancy já estava falando sozinha. Um momento depois, a porta da rua se abriu por um breve instante, deixando entrar a luz do sol. E Yvette se foi.

Parecia não haver nenhum motivo para ir atrás dela.

Curiosa, Nancy examinou as fitas, de uma marca ordinária, que podiam ser compradas por um dólar ou menos em qualquer loja. Nenhuma das fitas tinha rótulo, e apenas estavam escritos a lápis, nos diversos lados, os números 1, 2, 3 e 4. Quando voltasse para casa naquela noite, pensou Nancy, iria ouvi-las, na esperança de que contivessem algo que valesse a pena. Naquele momento, sentia-se desanimada e desapontada por não ter conseguido arrancar nenhuma informação concreta de Yvette.

Acabou de tomar a cerveja, pagou e foi embora.
Meia hora depois, estava na redação do Examiner,
absorvida em outro trabalho.

Ao dizer para Nancy Molineaux que não tinha mais medo, Yvette estava sendo sincera. No dia anterior, ela tomara a decisão que a aliviara de qualquer preocupação com problemas imediatos, libertando-a de todas as dúvidas, angústia e sofrimento, e acabando com o medo, que havia meses a dominava, de ser presa e passar o resto da vida na cadeia.

A decisão tomada no dia anterior era simples: assim que entregasse as fitas gravadas àquela negra que trabalhava para um jornal e que saberia o que fazer com elas, Yvette iria se matar. Ao deixar a casa da Crocker Street naquela manhã, pela última vez, Yvette levava consigo o meio de acabar com a própria vida.

E agora ela já entregara as gravações, que fizera cuidadosa e pacientemente; elas incriminavam Georgos e Davey Birdsong, revelando o que tinham feito e o que planejavam, e indicavam o cenário da destruição e da morte naquela noite — às três horas da madrugada, no Cristopher Columbus Hotel. Georgos não podia imaginar que ela soubesse de alguma coisa, mas Yvette sabia desde o início.

Ao sair do bar, depois de ter cumprido o que

planejara, Yvette sentiu-se em paz.

Finalmente em paz.

Há muito tempo não sabia o que era isso. Certamente jamais tivera qualquer paz com Georgos, embora no início a emoção de ser a mulher dele, de escutar sua conversa tão instruída e partilhar as coisas que ele fazia tornasse tudo o mais sem importância. Só mais tarde, muito mais tarde, quando já não havia mais jeito, é que ela começara a se perguntar se Georgos não estaria doente, se toda sua esperteza e as coisas que aprendera na universidade não teriam sido... como era mesmo a palavra?... deturpadas.

Agora Yvette estava absolutamente convencida de que era verdade; Georgos estava doente, talvez doido.

No entanto, ainda gostava de Georgos; mesmo agora, depois do que acabara de fazer. Não importava o que pudesse acontecer a Georgos, ela esperava que não o fizessem sofrer demais; ao mesmo tempo, sabia que isso era quase inevitável, depois que a negra ouvisse as gravações e revelasse a alguém, provavelmente à polícia, o que continham.

Por outro lado, Yvette não se importava absolutamente com o que pudesse acontecer a Davey Birdsong. Não gostava dele, jamais gostara. Era mesqui-

nho e implacável, não demonstrava a mesma gentileza que Georgos de vez em quando exibia, apesar de ser um revolucionário e não dever fazê-lo. Birdsong podia ser morto antes de aquele dia acabar ou apodrecer na cadeia pelo resto da vida que ela não se importaria; ao contrário, torcia até para que uma das duas coisas acontecesse. Culpava Birdsong por muitas das cenas terríveis que haviam ocorrido entre ela e Georgos. O plano para o Christopher Columbus Hotel fora idéia de Birdsong, conforme estava nas fitas.

Subitamente, Yvette compreendeu que jamais saberia o que iria acontecer a Birdsong ou a Georgos, pois já estaria morta.

Oh, Deus! Tinha apenas vinte e dois anos! Mal começara a vida, não queria morrer. Mas também não queria passar o resto da vida na cadeia. Até mesmo morrer era melhor que isso.

Continuou a andar. Sabia para onde estava indo, e sabia também que levaria meia hora para chegar a seu destino. Já havia decidido tudo no dia anterior.

Menos de quatro meses antes, uma semana depois da noite em Millfield, quando Georgos havia matado os dois guardas, Yvette compreendera a encenação em que se metera. Homicídio. Era tão culpa-

da quanto Georgos.

A princípio, não acreditou quando o próprio Georgos lhe contou. Ele estava simplesmente tentando assustá-la, pensou Yvette, ao adverti-la, enquanto voltavam de Millfield: "Está metida nisso tanto quanto eu! Esteve lá, participou de tudo, é tão culpada pela morte daqueles porcos como se tivesse enfiado a faca ou disparado o revólver. Por isso, o que quer que aconteça comigo, também acontecerá com você".

Alguns dias depois, no entanto, ela leu num jornal a reportagem sobre três homens acusados de homicídio em primeiro grau na Califórnia. Os três haviam arrombado um prédio juntos, e o chefe alvejara e matara o vigia noturno. Embora os outros dois estivessem desarmados e não tivessem participado ativamente do assassinato, todos haviam sido considerados culpados e condenados à mesma pena: prisão perpétua, sem possibilidade de livramento condicional. Nessa ocasião compreendera que Georgos estava dizendo a verdade; a partir desse momento, seu desespero foi se tornando cada vez maior.

E cresceu com base na certeza de que não havia possibilidade de retornar no tempo, não havia jeito de escapar. Isso havia sido o mais difícil de aceitar,

mesmo sabendo que não havia alternativa.

Algumas noites, deitada ao lado de Georgos, acordada, na escuridão daquela horrível casa da Crocker Street, Yvette dava asas a sua imaginação, voltando no tempo e se encontrando novamente ria fazenda do Kansas em que nascera e passara a infância. Em comparação com o presente, aqueles tempos pareciam felizes e despreocupados.

O que não era verdade, é claro.

A fazenda era uma propriedade de vinte acres, pedregosa, da qual o pai de Yvette, um homem amargo, sempre irritado, beligerante, mal conseguia arrancar o suficiente para sustentar a família de seis pessoas, muito menos pagar as prestações da hipoteca. Jamais fora um lar de cordialidade e amor. As brigas violentas entre os pais eram a norma que os filhos haviam aprendido a imitar. A mãe, uma mulher que vivia queixando-se de tudo, freqüentemente dizia a Yvette, a caçula, que não fora desejada e que um aborto teria sido preferível.

Seguindo o exemplo de dois irmãos e uma irmã mais velhos, Yvette saiu de casa para sempre assim que pôde e nunca mais voltou. Não tinha a menor idéia de onde andavam os membros de sua família, ou se os pais ainda estavam vivos; e disse a si mesma que não se importava. Mas perguntou-se se os

pais ou os irmãos iriam tomar conhecimento de sua morte e se isso teria alguma importância para eles.

É claro, pensou, que seria fácil atribuir a culpa a esses primeiros anos de sua vida pelo que lhe acontecera desde então; mas isso não seria verdadeiro nem justo. Chegando à Califórnia, e apesar de não ter a instrução mínima exigida por lei, arrumou um emprego de vendedora numa loja de departamentos. Trabalhava na seção de roupas para crianças e gostava do que fazia. Ajudava a escolher roupas para crianças e, na ocasião, pensava que gostaria de ter filhos algum dia, embora não fosse tratá-los da maneira como fora tratada.

O fato que a lançara na estrada que iria trilhar com Georgos fora o convite de uma colega para irem a reuniões políticas de extrema-esquerda. Uma coisa levava a outra. Ela conhecera Georgos e... Oh, Deus, de que adiantava repassar tudo outra vez?

Yvette sabia perfeitamente que, sob alguns aspectos, não era muito esperta. Sempre tivera dificuldade em entender as coisas; na pequena escola rural que freqüentara até os dezesseis anos, os professores lhe haviam dito que era muito burra. Fora provavelmente por isso que Yvette não tivera a menor idéia daquilo em que estava se metendo quando Georgos a persuadira a largar o emprego e entrar na

clandestinidade em sua companhia, para formar os Amigos da Liberdade. Na ocasião, parecera simplesmente algo divertido, uma aventura, e não o pior erro de sua vida, conforme pudera constatar depois.

A compreensão de que ela, assim como Georgos, Wayde, Ute e Felix haviam se tornado criminosos procurados só fora surgindo gradativamente. E, quando finalmente assimilou totalmente a noção, ficou apavorada. O que lhe fariam se a apanhassem? Yvette pensava em Patty Hearst, que sofrera terrivelmente, mesmo sendo apenas uma vítima. Não seria muito pior para Yvette, que não era uma vítima?

(Yvette recordava-se perfeitamente de como Georgos e os outros três revolucionários haviam se divertido com o julgamento de Patty Hearst, da maneira como o sistema estava empenhado num esforço virtuoso para crucificar um de seus próprios membros, só para provar que podia fazê-lo. E claro, como dissera Georgos depois, que Patty Hearst mereceria mais simpatia e um tratamento mais justo se fosse pobre ou negra como Angela Davis. O infortúnio de Patty Hearst fora o fato de seu pai ser um homem rico. O que era irônico. Yvette ainda podia ver o pequeno grupo assistindo a televisão, rindo e

comentando sempre que transmitiam notícias sobre o julgamento.)

Mas, então, o medo por ter também cometido crimes pairava sobre Yvette, um medo que se alastrara como câncer até, ao final, ocupar todas as horas em que estava desperta.

E, mais recentemente, ela havia descoberto que Georgos não mais confiava nela.

Surpreendera-o fitando-a de maneira estranha. Ele já não falava tanto quanto antes. E se mostrava reservado sobre o novo trabalho que estava fazendo. Yvette sentiu que, o que quer que pudesse acontecer, seus dias como mulher de Georgos estavam chegando ao fim.

Nessa ocasião, sem realmente saber por que, ela começou a ouvir as conversas, através de gravações. Não tinha sido difícil. Havia equipamento disponível, e Georgos lhe ensinara como usá-lo. Com um microfone escondido e operando o gravador em outro aposento, ela gravou as conversas entre Birdsong e Georgos. Ao ouvir posteriormente o que havia gravado, descobriu tudo sobre as bombas escondidas em extintores de incêndio que seriam colocadas no Christopher Columbus Hotel.

As conversas de Georgos e Birdsong estavam nas fitas cassete e entregara à repórter negra. Havia

também um relato longo e um tanto desconexo de tudo, desde o início, feito pela própria Yvette. Por que ela fizera isso?

Mesmo agora não sabia direito. Não era uma questão de consciência e não havia sentido em querer enganar-se com isso. Também não era por causa das pessoas que estavam no hotel; Yvette estava distante demais, fora muito longe para se importar. Talvez fosse para salvar Georgos, salvar sua alma (se é que ele tinha uma alma, se é que algum deles tinha), impedindo que tivesse êxito nas coisas terríveis que tencionava fazer.

A mente de Yvette estava começando a ficar cansada. Era o que sempre acontecia quando pensava demais.

E ela não queria morrer!

Mas sabia que tinha de morrer.

Olhou ao redor. Continuou a andar, sem perceber onde estava, e agora descobriu que havia avançado depressa demais e fora além do que imaginava. Seu destino, que já podia avistar, estava agora bem perto.

Era um pequeno morro, coberto de relva, erguendo-se acima da cidade e preservado como local público. O nome extra-oficial era colina Solitária, dos mais apropriados, já que poucas pessoas iam

ali. Justamente por isso Yvette o escolhera. Os duzentos metros finais, além das últimas ruas e casas, eram íngremes, um caminho estreito. Ela subiu lentamente. O topo, que ela temia alcançar, chegou depressa demais.

Antes, o dia estava claro; agora, tornara-se nublado, um vento frio soprava no alto do morro. Ela estremeceu. À distância, além da cidade, podia avistar o mar, cinzento e desolado.

Yvette sentou-se na relva e abriu a bolsa, pela segunda vez. A primeira fora no bar, quando tirara as fitas cassete.

Tirou da bolsa um artefato que pegara vários dias antes na oficina de Georgos e escondera até aquela manhã. Era um torpedo bangalore, simples mas eficaz, uma banana de dinamite dentro de um pedaço de cano. O cano estava fechado nas duas extremidades, mas numa delas havia um pequeno buraco, para permitir a passagem do detonador. Yvette inserira o detonador cuidadosamente, algo que Georgos também lhe ensinara. Ligara ao detonador um pavio curto, que agora saía pela extremidade do cano. Era um pavio de cinco segundos. O tempo suficiente.

Tornando a enfiar a mão na bolsa, pegou um isqueiro pequeno. As mãos estavam tremendo.

Foi difícil acender o isqueiro no vento. Ela pôs a bomba no chão e com uma das mãos protegeu a chama do isqueiro, conseguindo finalmente acendê-lo.

Pegou novamente a bomba, com alguma dificuldade, pois seu tremor havia aumentado; mas conseguiu encostar a ponta do pavio na chama do isqueiro. Largou o isqueiro e apertou a bomba contra o peito. Fechou os olhos e ficou rezando para que não fosse...

O segundo dia da convenção do Instituto Nacional de eletricidade estava chegando ao fim.

Todas as sessões oficiais do dia já haviam terminado. As salas de reuniões estavam desertas. Inúmeros delegados que tinham vindo com suas esposas, uns poucos com a família, encontravam-se em seus quartos e suítes. Alguns espíritos mais animados ainda estavam festejando, mas a maioria já dormia.

Alguns dos delegados mais jovens e um punhado de foliões mais velhos estavam espalhados pela cidade, em bares, restaurantes, discotecas. Mas mesmo esses já estavam começando a voltar ao Christopher Columbus. E quando todos esses lugares fechassem, às duas horas da madrugada, os demais também voltariam.

— Boa noite, meus queridos. — Nim beijou Leah e Benjy, e depois apagou a luz do segundo quarto da suíte que os filhos estavam partilhando.

Leah, quase dormindo, murmurou algo inaudível. Benjy, que estava mais desperto, apesar de já passar da meia-noite, disse:

— Viver num hotel é realmente sensacional,

papai.

— Mas fica muito caro depois de algum tempo... especialmente quando alguém chamado Benjamin Goldman se põe a assinar contas de serviços especiais para o quarto.

Benjy riu.

— Gosto de fazer isso.

Nim deixara Benjy assinar a conta do café da manhã e também a da noite, quando os filhos haviam jantado na suíte, enquanto ele e Ruth compareciam à recepção oficial do instituto. Logo depois, toda a família deixara o hotel para ir ao cinema; tinham acabado de chegar.

— Vá dormir agora, Benjy, ou seu braço não estará em boas condições amanhã para que continue assinando.

Na sala de estar, Ruth, que ouvira a conversa através da porta aberta do quarto, sorriu quando Nim voltou.

— Talvez eu já tenha comentado antes, mas sabia que seus filhos o adoram?

— E isso não acontece com todo mundo?

— Bem... — Ruth fez uma pausa, assumindo uma expressão pensativa, — Já que falou nisso, pode haver umas poucas exceções. Como Ray Paulsen.

Nim soltou uma gargalhada.

— Você devia ter visto a cara de Ray quando ele voltou para a convenção junto com Eric Humphrey, pensando que o presidente iria me repreender pelo que falei esta manhã. Mas Eric fez justamente o inverso.

— O que ele disse?

— Falou que havia recebido tantos elogios referentes a meu discurso que não podia ficar com a minoria. E deu-me os parabéns.

— Se Eric chegou a esse ponto, não acha que poderá haver agora uma mudança na política da companhia... no sentido de uma maior franqueza, como você sempre desejou?

Nim meneou a cabeça.

— Não sei. A facção do não-vamos-balançar-o-barco, liderada por Ray, ainda é muito forte. Além do mais, somente umas poucas pessoas em nossa própria organização podem compreender que uma crise futura de energia elétrica seria inevitável. — Ele se espreguiçou, bocejando. — Mas chega de preocupações por esta noite!

— Já é de manhã — corrigiu-o Ruth. — Quase uma hora da madrugada. Ontem foi um bom dia para você, e fiquei satisfeita com a cobertura favorável da imprensa.

Ruth apontou para uma edição vespertina do

Califórnia Examiner, a seu lado. Nim já tinha lido, algumas horas antes, a notícia sobre seu discurso.

— Foi uma surpresa e tanto para mim, Ruth. Não consigo entender aquela tal de Molineaux. Estava certo de que iria novamente me meter uma faca afiada e torcer para ferir mais.

— Será que, a esta altura, ainda não descobriu que nós, mulheres, somos imprevisíveis? — Ruth fez uma pausa, antes de acrescentar, maliciosamente: — Eu imaginava que toda sua pesquisa lhe tivesse ensinado pelo menos isso.

— Talvez eu tenha esquecido. E espero que tenha percebido que ultimamente reduzi consideravelmente o campo de pesquisa. — Nim inclinou-se e beijou-a de leve no pescoço. Depois, sentou-se diante dela e perguntou: — Como está se sentindo?

— Inteiramente normal, na maior parte do tempo. Mas me canso com facilidade, em comparação com a energia que tinha antigamente.

— Há uma coisa que estou precisando conversar com você. — Nim descreveu sua conversa com Leah e manifestou sua convicção de que as crianças deveriam ser informadas sobre a doença de Ruth, para não serem apanhadas desprevenidas no caso de uma súbita piora.

— Espero que isso jamais aconteça, Ruth, mas

acho que devemos estar preparados para tudo.

— Também estive pensando nisso, Nim. Pode deixar que resolvo tudo. Nos próximos dias, escolherei um momento propício e direi tudo às crianças.

Nim já deveria ter imaginado. Ruth, com seu bom senso, sua capacidade de enfrentar os problemas, faria sempre o que fosse melhor para a família.

— Obrigado.

Continuaram a conversar, tranqüilamente, desfrutando a companhia um do outro, até que Nim finalmente pegou as mãos de Ruth e disse:

— Está cansada e eu também. Vamos nos deitar.

Foram para o quarto de mãos dadas. Pouco antes de apagar a luz, Nim verificou a hora: uma e meia da madrugada. Dormiram quase imediatamente, abraçados.

A cerca de meio quilômetro do hotel, Georgos Winslow Ar-chambault estava sentado sozinho na pick-up vermelha do Serviço de Proteção contra Incêndios. Mal conseguia esperar pelas três horas da madrugada, quando começariam as explosões. Georgos estava excitadíssimo, a tal ponto que tivera de

se masturbar poucos minutos antes.

Era quase inacreditável como tudo corra bem, sem nenhum problema. A partir do momento em que a polícia havia aberto um caminho para que a pick-up dos Amigos da Liberdade alcançasse a entrada de serviço do hotel — o que era uma tremenda ironia! —, somente duas vezes os combatentes da liberdade haviam sido detidos, enquanto se deslocavam pelo hotel. Ute fora interrogado rapidamente por um agente de segurança à paisana, Georgos por um assistente da gerência com quem se encontrara num elevador de serviço. Os incidentes haviam proporcionado momentos de nervosismo a Ute e Georgos, mas as ordens de serviço foram rapidamente exibidas e examinadas superficialmente, acabando com as perguntas Não fora sequer necessário apresentar a carta em papel timbrado do hotel.

O pensamento geral, bastante previsível, parecia ser o seguinte: quem iria querer impedir que um extintor de incêndio fosse posto em seu lugar? Os poucos que podiam pensar a respeito iriam certamente supor que alguém mais ordenara ou aprovara as precauções extras contra incêndios.

Agora, restava apenas a espera, o mais difícil de tudo. Georgos estacionou deliberadamente a alguma distância do hotel, em parte para evitar a pos-

sibilidade de ser notado, em parte para poder escapar rapidamente, em caso de necessidade. Chegaria mais perto, a pé, para ter uma vista melhor, pouco antes de a festa começar.

Assim que o hotel estivesse em chamas, com as pessoas encurraladas lá dentro, Georgos tencionava telefonar para uma emissora de rádio, lendo o comunicado que já escrevera. Continha suas novas exigências, agora que a estrutura fascista do poder finalmente teria compreendido a força e os recursos dos Amigos da Liberdade. Mentalmente, Georgos pôde ver as pessoas que detinham alguma autoridade rastejando a sua frente...

Somente um pequeno problema ainda o perturbava: o súbito desaparecimento de Yvette. Sentia-se apreensivo, consciente de que fora culpado pela fraqueza em relação a sua mulher. Deveria tê-la eliminado semanas antes. Quando ela voltasse, como Georgos tinha certeza de que aconteceria, iria liquidá-la rapidamente. Apesar de tudo, sentia-se satisfeito por não ter revelado a Yvette os planos para aquela última e sensacional batalha.

Ah, que dia para ficar na história!

Pelo que devia ser a vigésima vez desde que ali chegara, Georgos verificou a hora: uma e quarenta da madrugada. Ainda faltavam uma hora e vinte

minutos.

Apenas como precaução, embora não acreditasse que fosse realmente necessário, Davey Birdsong providenciou um álibi.

Estava fora da cidade, a mais de trinta quilômetros do Christopher Columbus Hotel, e tencionava manter-se a essa distância até que tudo terminasse.

Várias horas antes, fez uma conferência (paga, é claro) para um grupo de estudantes, que se intitulava "O ideal socialista". A conferência se prolongou por uma hora, e os debates posteriores haviam consumido mais de noventa minutos. Agora, estava com cerca de uma dúzia de membros do grupo, todos tediosos e cansativos, reunidos na casa de um deles, conversando sobre política internacional, de que tinham um conhecimento apenas vago. Além de falarem, estavam todos tomando muita cerveja e café. Era evidente, pensou Birdsong, que a reunião se prolongaria até o amanhecer. Pois que assim acontecesse! Ele, ocasionalmente, contribuiria com algum comentário, para garantir que todos notassem sua presença.

Davey Birdsong também tinha uma declaração datilografada, que distribuiria à imprensa. Havia

uma cópia em seu bolso; começava assim:

A organização popular de consumidores, força & luz para o povo, reafirma sua posição contra toda e qualquer violência.

"Deploramos a violência em tais circunstâncias, especialmente um acontecimento trágico como as explosões no Christopher Columbus Hotel ontem à noite", declarou Davey Birdsong, o líder da f & lp. Nossa organização continuará em seus esforços pacíficos para...

Birdsong sorriu ao pensar no que estava prestes a acontecer e furtivamente verificou a hora: uma e quarenta e cinco da madrugada.

Nancy Molineaux ainda estava na festa, bastante agradável, mas já se preparava para ir embora. Por um lado, porque estava cansada; fora um daqueles dias movimentados, em que mal tivera tempo para respirar. Por outro, porque sentia a boca doer intensamente. O maldito dentista havia aberto uma cárie como se estivesse escavando um novo buraco de metrô; e, quando Nancy reclamou, ele se limitara a rir.

Apesar da dor, ela tinha certeza de que dormiria muito bem naquela noite, e pensava ansiosamen-

te no momento em que iria deitar-se em seus lençóis de seda.

Depois de se despedir dos anfitriões, que moravam num apartamento de cobertura não muito longe do centro da cidade, desceu pelo elevador até a entrada do prédio, onde o porteiro já estava esperando com seu carro. Depois de dar-lhe uma gorjeta, verificou a hora: uma e cinqüenta da madrugada. O prédio de apartamentos em que ela morava ficava a menos de dez minutos de carro. Com um pouco de sorte, poderia estar na cama alguns minutos depois das duas horas.

Subitamente, recordou-se de que tinha de escutar naquela noite as fitas cassete que lhe haviam sido entregues por Yvette. Talvez não; afinal já estava trabalhando naquela história há tanto tempo que mais um dia não faria a menor diferença. Talvez fosse melhor levantar cedo na manhã seguinte e ouvir as gravações antes de sair para o Examiner.

Nancy Molineaux gostava das boas coisas da vida e isso se refletia em seu apartamento, num prédio moderno e requintado.

O tapete bege de Stark na sala de estar combinava com as venezianas verticais da janela. Uma mesinha Pace, de vidro fume, cromados e carvalho, estava diante de um confortável sofá de camurça da Clarence House. O acrílico Calder era original, assim como o óleo de Roy Lichstenstein do quarto.

As portas de vidro da sala de jantar se abriam para uma varanda com um pequeno jardim e uma vista panorâmica do porto.

Se fosse necessário, Nancy poderia morar em outro lugar e sustentar-se de maneira apropriada com o que ganhava; mas havia muito ela aceitava tranqüilamente o dinheiro que o pai punha a sua disposição. O dinheiro estava disponível, fora ganho honestamente; assim, o que havia de errado em usá-lo? Nada.

Contudo, tomava a precaução de não ostentar demais junto a seus colegas de trabalho. Era por isso que jamais os convidava a irem a seu apartamento. Enquanto se preparava para se deitar, tirou da bolsa

as fitas cassete e deixou-as perto do equipamento de som, a fim de ouvi-las pela manhã.

Ao entrar no apartamento, alguns minutos antes, ligara o rádio FM, que mantinha permanentemente sintonizado numa emissora que transmitia principalmente música. Mal percebeu, quando estava no banheiro escovando os dentes, que a música havia sido interrompida para a transmissão de um noticiário:

... em Washington, aumentando ainda mais a sombria perspectiva de uma iminente crise de petróleo... o secretário de Estado acaba de chegar à Arábia Saudita para retomar as negociações. ..o Senado aprovou ontem a elevação do teto da dívida nacional... o Cremlin novamente anunciou atos de espionagem de jornalistas ocidentais... na cidade, surgiram novas acusações de corrupção na administração municipal... as passagens de ônibus deverão aumentar, em decorrência dos novos acordos salariais... a polícia faz um apelo para a identificação do corpo de uma jovem, aparentemente suicida, encontrado esta tarde na colina Solitária... fragmentos de bomba no local... embora o corpo estivesse consideravelmente destruído pela explosão, constatou-se que faltavam dois dedos numa das mãos da mulher, muito provavelmente de um ferimento anterior...

Nancy largou bruscamente a escova.

Será que realmente ouvira o que pensava ter ouvido?

Pensou em telefonar para a emissora, a fim de pedir uma confirmação da notícia. Mas logo chegou à conclusão de que não era necessário. Ouvira o suficiente, embora não estivesse prestando atenção, para saber que o corpo da jovem de que estavam falando só podia ser de Yvette. Santo Deus!, pensou Nancy. E ela deixara a moça ir embora, não se preocupara em segui-la! Não poderia ter ajudado? O que fora mesmo que Yvette dissera? "Não tenho mais medo." Agora, era evidente o motivo que a levava a dizer isso.

E ela ainda não ouvira as gravações!

Subitamente, Nancy ficou alerta, e desapareceu todo o cansaço anterior.

Vestiu um quimono, acendeu a luz da sala de estar e colocou a primeira fita cassete no aparelho. Houve uma pausa, antes que a gravação começasse; Nancy aproveitou para acomodar-se numa poltrona com um bloco sobre os joelhos e o lápis na mão. Logo depois a voz de Yvette, indecisa, hesitante, começou a sair pelos alto-falantes.

Ao ouvir as primeiras palavras, Nancy emper-

tigou-se, totalmente concentrada.

Isto é sobre os Amigos da Liberdade, todas aquelas bombas e assassinatos. Os Amigos da Liberdade se escondem na Crocker Street, 117. O chefe é Georgos Archambault, que tem um nome no meio, Winslow, que ele gosta muito de usar. Sou a mulher de Georgos. E também estou metida em tudo. Assim como Davey Birdsong, que arruma dinheiro para comprar os explosivos e tudo o mais.

A boca de Nancy estava entreaberta. Ela sentia calafrios a lhe percorrerem o corpo. O lápis disparava sobre o papel.

Havia mais declarações de Yvette na gravação, depois uma conversa entre duas vozes masculinas, uma presumivelmente do tal Georgos, a outra inconfundivelmente de Davey Birdsong.

O primeiro lado da primeira fita terminou. O aparelho de Nancy dispunha de um dispositivo automático para virar a fita. O segundo lado começou quase imediatamente.

Novas declarações de Yvette. Ela descrevia a noite em Millfield. A explosão da subestação. A morte dos dois guardas.

O excitamento de Nancy era cada vez maior. Ela mal podia acreditar no que tinha em suas mãos:

o maior furo jornalístico de sua carreira. E, naquele momento, era todo seu. Ela continuou a escutar, sempre fazendo anotações.

Novamente, Georgos e Birdsong. Estavam discutindo alguma coisa... acertando providências... Christopher Columbus Hotel... bombas disfarçadas em extintores de incêndio... uma pick-up vermelha: Serviço de Proteção contra Incêndios... segunda noite da convenção do Instituto Nacional de Eletricidade... três horas da madrugada...

Nancy ficou toda arrepiada. Fez rapidamente um cálculo mental, olhou para o relógio e correu para o telefone.

A reportagem deixara de ter prioridade.

A mão dela estava tremendo quando discou 911, o número de emergência da polícia.

O tenente de plantão no centro de operações da polícia compreendeu que precisava tomar uma decisão rápida.

Poucos momentos antes, o telefonista do centro, depois de atender ao chamado de Nancy Molineaux e anotar a informação, avisou o tenente para entrar na linha. Ele assim o fez. Depois de ouvir por um instante, interrogou a mulher, que se identificou pelo nome e como repórter do *Califórnia Examiner*. Ela explicou como havia obtido as fitas gravadas que revelavam a informação, que estava agora transmitindo, em caráter de urgência.

-- Já a conheço de nome, srta. Molineaux -- disse o tenente. -- Está telefonando do jornal?

— Não. Estou em meu apartamento.

— Pode me dar o endereço?

Nancy deu a informação.

— Está relacionada na lista telefônica?

— Estou, sim, sob o nome "Molineaux, N.".

— Desligue agora, por favor. Vou tornar a telefonar logo em seguida.

O telefonista da polícia, um dos vinte e um que recebiam os chamados de emergência, já localizara o

telefone na lista. Anotou-o num pedaço de papel e entregou-o ao tenente, que prontamente discou e ficou esperando. Nancy atendeu ao primeiro toque.

— Acabou de ligar para o telefone de emergência da polícia, srta. Molineaux?

— Exatamente.

— Obrigado. Precisávamos confirmar o telefonema. Onde poderemos encontrá-la mais tarde, se houver necessidade?

— No Christopher Columbus Hotel. Onde mais poderia ser?

Nancy desligou. O tenente pensou por um momento. Já verificara que o telefonema era genuíno, e não um trote. Mas seria aquela informação suficiente para justificar a evacuação do maior hotel da cidade, com o caos resultante, em plena madrugada?

Normalmente, no caso de um aviso de bomba — e a polícia recebia centenas todos os anos —, a tática era enviar uma patrulha para investigar, composta por um sargento e dois ou três soldados. Se por acaso encontrassem algo suspeito ou achessem que a informação era procedente, telefonavam para o centro de operações e só então medidas de emergência começavam a ser tomadas. (Neste estágio, jamais se usava a comunicação pelo rádio, por dois

motivos. Primeiro: se havia realmente uma bomba, podia ser detonada por um sinal de rádio. Segundo: como o rádio da polícia era ouvido por todo mundo, era preciso evitar que a imprensa e os curiosos atravancassem o local.)

Mas se a informação que acabara de ser recebida fosse verdadeira, se o perigo fosse real, não haveria tempo suficiente para seguir os métodos normais.

Durante o dia, com as forças de emergência da polícia e do corpo de bombeiros trabalhando em conjunto, um hotel grande como o Christopher Columbus poderia ser evacuado em meia hora. À noite, no entanto, levaria mais tempo, em torno de uma hora, se tudo corresse bem e depressa, se contassem com um pouco de sorte. A evacuação noturna sempre apresentava problemas difíceis: havia os que tinham um sono profundo, os bêbados, os céticos, os amantes ilícitos que não queriam ser descobertos; seria preciso verificar quarto por quarto, usando chaves-mestras.

Mas não dispunha nem de uma hora. O tenente de plantão olhou para o grande relógio digital na parede: duas e vinte e um da madrugada. A jornalista dissera que uma bomba, ou mesmo várias, poderia explodir às três horas. Verdade? Mentira? O

tenente gostaria que houvesse algum superior por perto, para que tomasse a decisão em seu lugar. Mas não havia tempo nem para procurar um superior.

Ele acabou tomando a única decisão possível e ordenou:

— Vamos iniciar o esquema de evacuação de emergência do Christopher Columbus Hotel. Há uma ameaça de explosão de bombas.

Meia dúzia de telefones do centro de operações entrou em ação imediatamente. Avisos de alarme foram dados à delegacia policial central e ao quartel-general dos bombeiros; todos os carros de bombeiros e da polícia disponíveis deveriam seguir prontamente para o local. Em seguida, foram avisados o chefe de polícia do plantão noturno e o subcomandante dos bombeiros, que assumiriam juntos o comando das operações de evacuação do hotel. Ao mesmo tempo, entraram em contato com a unidade especial da polícia, que incluía o esquadrão de bombas; deveriam seguir rapidamente as outras unidades. Depois, foi dado um telefonema para um quartel do exército, que contribuiria com especialistas em desativar as bombas. As polícias dos municípios vizinhos também receberiam pedidos de ajuda, para que mandassem seus esquadrões de bombas. Foram convocadas ambulâncias, que seriam quase

certamente necessárias. Seguindo o esquema de emergência, autoridades policiais, do corpo de bombeiros e funcionários municipais foram também alertados, quase todos arrancados da cama.

O tenente de plantão do centro de operações entrou em contato pelo telefone com o gerente noturno do Christopher Columbus:

— Recebemos um aviso, que julgamos ser autêntico, de que foram colocadas bombas em seu hotel. Recomendamos a evacuação imediata. Carros da polícia e de bombeiros já estão a caminho.

A palavra "recomendamos" foi usada deliberadamente. Tecnicamente, o tenente não tinha autoridade para ordenar a evacuação; tal decisão só poderia partir da direção do hotel. Felizmente, o gerente noturno do hotel não era nenhum tolo, nem tinha a mania de argumentar, e prontamente declarou:

— Vou acionar o sistema de alarme do hotel. E nossos funcionários farão tudo o que determinar.

Como se fosse uma máquina de guerra subitamente acionada, o efeito de comando rapidamente se espalhou, cada componente adquirindo um impulso crescente, cada um utilizando suas técnicas específicas para tornar-se parte de um esforço total. A ação já se afastara do centro de operações, que seria agora uma base de comunicações. Enquanto isso,

permaneciam ignoradas as respostas a duas questões vitais. Primeira: as explosões das bombas iriam realmente ocorrer às três horas da madrugada? Segunda: pressupondo-se que isso fosse mesmo acontecer, o hotel poderia ser totalmente evacuado no pouco tempo que restava, apenas trinta e seis minutos?

O suspense teria curta duração. As respostas às duas questões seriam em breve conhecidas.

Já havia feito o que podia pela humanidade, decidiu Nancy Molineaux. Agora, voltaria a ser uma repórter.

Ainda estava em seu apartamento, aprontando-se para sair. Num intervalo, enquanto se vestia apressadamente, telefonou para o editor do Examiner e informou-o rapidamente do que estava acontecendo. Enquanto ele formulava algumas perguntas, ela pôde sentir o excitamento que o dominava diante da perspectiva de uma grande notícia.

— Estou a caminho do hotel — informou Nancy. — E depois irei para o jornal a fim de escrever a reportagem.

Ela sabia, mesmo sem perguntar, que todos os fotógrafos disponíveis seriam imediatamente mandados para o local.

— Mais uma coisa que já ia esquecendo —

acrescentou ela, ao telefone. — Tenho duas fitas casete gravadas. Tive de informar a polícia a respeito disso, e eles certamente irão querer confiscá-las como provas. Antes que isso aconteça, precisamos tirar cópias.

Combinaram que um mensageiro iria encontrar-se com Nancy no hotel e apanharia as fitas. Iria levá-las em seguida para a casa do editor de variedades do jornal, que era um maníaco por som e possuía um estúdio particular. As cópias e um aparelho de som portátil estariam na redação, à espera, quando Nancy chegasse para escrever a matéria.

Ela já estava chegando à porta do apartamento, quase correndo, quando se lembrou de mais uma coisa. Voltando ao telefone, discou o número do Christopher Columbus Hotel, que já sabia de cor. Quando a telefonista atendeu, ela pediu:

— Ligue-me com o quarto de Nimrod Goldman.

No sonho de Nim, todo o sistema da GSP & L entrara numa crise desesperadora. Uma a uma, as usinas geradoras do sistema haviam entrado em colapso, até que só restava uma em funcionamento: La Mission 5, o Big Lil. Depois, exatamente como acontecera naquele dia do verão passado em que Walter Talbot morrera, o painel de La Mission 5, no contro-

le de energia, começou a emitir sinais de alarme, luzes faiscando, uma campainha estridente soando. As luzes diminuíram, mas a campainha estridente persistiu, preenchendo todo o consciente de Nim, até que ele finalmente despertou e descobriu que o telefone na mesinha-de-cabeceira estava tocando. Ainda sonolento, ele atendeu.

— Goldman! É você, Goldman?

Apenas parcialmente acordado, Nim murmurou:

— Sou eu mesmo...

— Aqui é Nancy Molineaux. Escute com atenção!

— Quem?

— Nancy Molineaux, seu idiota!

A raiva prevaleceu sobre o sono.

— Molineaux, será que ainda não percebeu que ainda é madrugada e...

— Cale a boca e escute! Acorde logo de uma vez, Goldman! Você e sua família estão correndo perigo. Confie em mim...

Soerguendo-se num cotovelo, Nim disse:

— Eu não confiaria em você... — Parou de falar abruptamente, recordando o que Nancy escrevera no dia anterior.

— Pegue sua família e saia imediatamente do

hotel! Agora! Não pare para nada! Vão explodir bombas aí!

Nim estava agora inteiramente desperto.

— Por acaso isso é uma piada de mau gosto? Porque se é...

— Não é nenhuma piada! — A voz de Nancy era suplicante. — Pelo amor de Deus, confie em mim! Aqueles filhos da mãe dos Amigos da Liberdade puseram no hotel várias bombas, disfarçadas como extintores de incêndio. Pegue sua mulher e seus filhos...

As palavras "Amigos da Liberdade" convenceram Nim. No instante seguinte, lembrou-se de que o hotel estava apinhado de convencionais.

— E os outros?

— O alarme já foi dado. Entre logo em ação!

— Certo!

— Verei você defronte do hotel.

Mas Nim não ouviu as últimas palavras de Nancy. Já tinha batido o telefone e estava sacudindo Ruth vigorosamente.

Alguns minutos depois — as crianças reclamavam, sonolentas, aturdidas, ainda em roupas de dormir —, Nim empurrou a família para fora da suíte. Ruth estava logo atrás dele. Nim seguiu para a escada de emergência, sabendo que era melhor ficar

longe dos elevadores, pois podia haver uma interrupção no fornecimento de energia e as pessoas lá dentro ficariam presas. Ao iniciarem a longa descida dos vinte e seis andares, ele pôde ouvir o barulho de sirenes lá fora, fracamente a princípio, depois tornando-se cada vez mais forte.

Estavam três andares abaixo quando as campainhas de alarme de incêndio do hotel começaram a tocar, estridentemente.

Houve muitos atos de bravura e heroísmo naquela noite. Alguns passaram despercebidos, outros atraíram muita atenção.

A evacuação do hotel processou-se rápida e, de um modo geral, calmamente. Policiais e bombeiros percorreram com rapidez todos os andares do hotel, batendo nas portas, gritando, sufocando as perguntas com ordens, apressando as pessoas para a escada, advertindo-as a não usarem os elevadores. Outros membros da força de emergência, ajudados por funcionários do hotel, usaram chaves-mestras para verificar os quartos de onde não recebiam qualquer resposta. E, durante todo o tempo, as campainhas de alarme contra incêndio continuavam a soar estridentemente.

Uns poucos hóspedes protestaram e discutiram, um punhado se mostrou beligerante, mas to-

dos acabaram juntando-se ao êxodo geral, quando ameaçados de prisão. Poucos hóspedes do hotel, se é que havia algum, sabiam exatamente o que estava acontecendo; aceitavam a iminência do perigo e agiam depressa, vestindo o mínimo de roupas necessário e abandonando seus pertences nos quartos. Um homem, sonolento, obedeceu prontamente às ordens e chegou à porta da escada de emergência de seu andar antes de perceber que estava inteiramente nu. Um bombeiro sorridente permitiu-lhe voltar ao quarto para vestir uma calça e uma camisa.

A evacuação já estava sendo processada quando chegou o esquadrão de bombas da polícia, em três caminhões, as sirenes tocando, os pneus rangendo. Os homens se espalharam pelo hotel e, trabalhando rapidamente, mas com extremo cuidado, verificaram todos os extintores de incêndio que estavam à vista. Amarrando cordas nos que eram suspeitos, iam desenrolando-as à medida que se afastavam, até o mais longe possível. Depois de se certificarem de que não havia ninguém nas proximidades, os homens puxavam as cordas. Com isso, viravam os extintores, com um movimento suficiente para que fosse detonada qualquer bomba, caso houvesse uma armadilha. Contudo, não houve explosões. Cada extintor era, então, levado para fora

por um homem do esquadrão de bombas. Era o maior de todos os riscos, mas tinha de ser assumido, por causa das circunstâncias especiais.

Da rua em frente ao hotel, as bombas eram levadas, por uma frota de caminhões reunida às pressas, para um cais fora de uso nas proximidades, sendo lançadas na baía.

Pouco depois de o esquadrão de bombas da polícia entrar em ação, chegou também uma unidade especial do exército, integrada por meia dúzia de oficiais e sargentos, técnicos em bombas, que ajudaram a acelerar o processo de remoção.

Vinte minutos depois de ser dado o alarma, era evidente para os que estavam no comando das operações de evacuação que estava tudo correndo bem, muito mais rapidamente do que se esperava. Pareciam boas as possibilidades de a maioria dos hóspedes estar fora do hotel antes das três horas da madrugada.

A essa altura, todas as ruas que levavam ao Christopher Columbus já estavam apinhadas de veículos, bombeiros, polícia e ambulâncias, com as luzes no teto faiscando. Um imenso caminhão do Serviço Municipal de Emergência acabara de chegar, permitindo a instalação de um posto de comando no local. Dois caminhões de serviço da GSP & L

também estavam no local, uma das equipes de prontidão para o caso de haver qualquer problema com o fornecimento de energia, a outra para cortar o fornecimento de gás na rua principal.

Representantes de jornais e de emissoras de rádio e televisão estavam chegando em número cada vez maior, ansiosamente fazendo perguntas a quem quer que pudesse responder. Duas emissoras de rádio locais transmitiam diretamente do cenário dos acontecimentos. A notícia já era internacional: a AP e a UPI já a haviam transmitido para todo o país e para o exterior.

Entre os representantes da imprensa, Nancy Molineaux era o centro das atenções de um grupo integrado por diversos detetives da polícia, um agente especial do FBI e um jovem assistente de promotor. (O nome deste último constava da lista de emergência do centro de operações da polícia.) Nancy respondeu a tantas perguntas quantas podia, mostrando-se evasiva em relação às duas fitas cassete, que já haviam sido apanhadas por um mensageiro do jornal, conforme fora combinado. Depois de uma ameaça do assistente, Nancy prometeu que as fitas lhe seriam entregues dentro de duas horas aproximadamente. Um detetive, depois de longas discussões entre seus superiores e o assistente, afas-

tou-se do grupo, para transmitir duas ordens pelo telefone: dar uma batida na casa da Crocker Street, 117, e prender Georgos Winslow Archambault e Davey Birdsong.

Enquanto isso, policiais e bombeiros continuavam a apressar a evacuação do hotel.

Inevitavelmente, à medida que o hotel se esvaíava, houve baixas. Uma mulher idosa tropeçou na escada de emergência de concreto e caiu, quebrando a bacia e o braço. Gemendo, foi removida de maca pela equipe de uma ambulância. O diretor de uma companhia de energia elétrica da Nova Inglaterra sofreu um ataque cardíaco depois de descer vinte andares e morreu a caminho do hospital. Outra mulher caiu e sofreu uma concussão. Houve diversos outros feridos, com pequenos cortes e equimoses, decorrentes da pressa e do congestionamento nas escadas.

Mas parecia não haver pânico. Estranhos se ajudavam, não havia praticamente manifestações de grosseria e irritação. Alguns espíritos mais animados contavam piadas, ajudando os outros a dominar o medo.

Saindo do hotel, os evacuados eram conduzidos até uma rua transversal, a dois quarteirões, onde carros da polícia haviam estacionado para for-

mar uma barricada. Felizmente, a noite era amena e ninguém parecia estar sofrendo com os trajes mais ou menos sumários. Depois de algum tempo, apareceu um caminhão da Cruz Vermelha, e alguns voluntários começaram a distribuir café quente e a fazer tudo o que era possível para proporcionar algum conforto aos evacuados, enquanto esperavam.

Nim Goldman e sua família estavam entre os primeiros a chegar à área isolada pela polícia. A essa altura, Leah e Benjy já estavam totalmente despertos. Depois de certificar-se de que a mulher e os filhos estavam em segurança, Nim decidiu retornar ao hotel apesar dos protestos de Ruth. Posteriormente, ele compreendeu que fora temerário ao extremo, mas na ocasião foi impelido pelo excitação geral e pela recordação de dois fatos. Um deles era a referência de Nancy, ao telefone, a bombas disfarçadas como extintores de incêndio; outro foi a lembrança do jovem que no dia anterior colocara um extintor atrás de uma poltrona no saguão, enquanto Nim e Wally Talbot observavam. Muitas pessoas ainda estavam no hotel, por isso ele queria certificar-se de que aquele extintor, em particular, já havia sido localizado.

Já eram quase três horas da madrugada.

Apesar do fluxo de hóspedes saindo nervosa-

mente pela entrada principal do hotel, Nim conseguiu voltar ao saguão. Lá dentro, tentou deter um bombeiro que passava, mas o homem afastou-o, com um "agora não, companheiro", correndo pela escada acima, na direção do mezanino.

Parecia não haver qualquer autoridade desocupada. Então ele se encaminhou para o local em que fora escondido o extintor.

— Sr. Goldman! Sr. Goldman!

O grito partia da direita. Nim virou-se e avistou um homenzinho, de terno, com um distintivo de metal pregado no bolsinho do paletó, avançando rapidamente. Reconheceu Art Romeo, o assistente de Harry London no Departamento de Proteção à Propriedade, que lhe parecia uma pessoa dissimulada. Nim percebeu que o distintivo era de agente de segurança da GSP & L, mas sem dúvida estava proporcionando alguma autoridade a Romeo.

Mais tarde, iria descobrir que Art Romeo estava de visita ao hotel, jogando pôquer com colegas de outra companhia, quando soou o alarme. Prontamente pregou o distintivo no peito e começou a ajudar na evacuação.

— Tem de sair daqui, sr. Goldman!

— Não posso! Tenho de ajudar!

Rapidamente, Nim explicou tudo sobre o extin-

tor de incêndio que desconfiava ser uma bomba.

— E onde está, senhor?

— Ali!

Nim se encaminhou para o lugar em que estivera sentado no dia anterior e puxou uma poltrona. O extintor vermelho ainda estava ali. A voz de Art Romeo assumiu um tom de autoridade:

— Afaste-se! Saia daqui! Agora!

— Não! Tenho de...

O que aconteceu em seguida foi tão rápido que Nim posteriormente teve dificuldade em recordar a seqüência exata dos acontecimentos. Ele ouviu Art Romeo gritar:

— Guardas! Aqui! — Subitamente, dois guardas musculosos estavam ao lado de Nim, e Romeo lhes disse: — Esse homem se recusa a sair daqui! Levem-no para fora!

Sem questionar a ordem, os dois guardas agarraram Nim e começaram a empurrá-lo bruscamente na direção da porta principal. Nim conseguiu olhar para trás. Art Romeo pegara o extintor, aninhando-o nos braços, e os estava seguindo.

Ignorando os protestos de Nim, os guardas continuaram a arrastá-lo na direção da área de evacuação, a dois quarteirões do trotei. Só o largaram quando estavam a poucos metros de distância do

cordão de isolamento. Um dos guardas disse:

— Se voltar, cara, vamos prendê-lo, levá-lo para a delegacia e indiciá-lo. Estamos fazendo isso para seu próprio bem.

Nesse instante, houve uma tremenda explosão, seguida pelo ruído de vidro estilhaçado.

Nos dias subseqüentes, com base em depoimentos de testemunhas e relatórios oficiais, foi possível determinar o que acontecera.

Usando a informação que Nancy Molineaux fornecera ao centro de operações da polícia, obtida a partir das gravações e de suas anotações, o esquadrão de bombas da polícia sabia que devia procurar bombas de alto poder explosivo no andar térreo e mezanino, e bombas incendiárias nos andares superiores. Haviam localizado — pelo menos era o que pensavam — todas as bombas de alto poder explosivo, removendo-as com a ajuda do exército. No dia seguinte, um porta-voz do esquadrão de bombas declarou:

— Tendo em vista as circunstâncias, nós e os homens do exército corremos riscos que normalmente não iríamos assumir. Torcemos para que tivéssemos tempo de fazer o que era necessário, e felizmente tivemos sorte. Se algo saísse errado, só Deus poderia nos ajudar.

O esquadrão de bombas, no entanto, estava enganado ao pensar que localizara todas as bombas de alto poder explosivo. A que faltava era justamente a bomba que Nim indicara.

No momento em que Art Romeo corajosamente pegou a bomba, saindo do hotel e levando-a para o local onde os caminhões de remoção estavam parados, todos os membros do esquadrão de bombas estavam nos andares superiores, trabalhando freneticamente para remover as bombas incendiárias.

Por isso, quando largou a bomba, não havia mais ninguém por perto. A explosão ocorreu segundos depois. Romeo morreu instantaneamente, seu corpo ficou despedaçado. Quase todas as janelas dos quartos ao redor e os vidros dos veículos próximos foram espatifados. Mas milagrosa e incredivelmente, ninguém mais ficou ferido.

Assim que se dissipou o troar da explosão, muitas mulheres gritaram e homens praguejaram.

A explosão assinalou também uma reviravolta psicológica. A partir daquele momento, ninguém mais contestou a necessidade do êxodo de emergência. As conversas entre os hóspedes evacuados diminuíram consideravelmente. Muitos, abandonando a idéia de voltar ao Christopher Columbus, afastaram-se silenciosamente, à procura de um outro lo-

cal onde passar o resto da noite.

No interior do hotel, porém, embora já não houvesse mais qualquer hóspede, o trabalho continuava.

Das quase vinte bombas incendiárias que Georgos Archambault e os outros terroristas haviam colocado nos andares superiores, oito não foram localizadas e removidas a tempo; detonaram pouco depois das três horas da madrugada. Houve o início de diversos incêndios. Mais de uma hora se passou antes que tudo estivesse sob controle; a essa altura, nos andares onde haviam irrompido os incêndios a confusão era total, tudo ficou destruído e molhado. Ninguém tinha a menor dúvida de que, sem o alerta e a conseqüente evacuação, o número de mortos teria sido elevado.

Mesmo assim, dois guardas e três bombeiros morreram. Outros dois bombeiros ficaram gravemente feridos. Estavam todos nas proximidades das bombas incendiárias por ocasião das explosões.

Quando a madrugada dissipou a escuridão, o trabalho de rescaldo ainda continuava.

Providenciaram-se acomodações em outros lugares para a maioria dos hóspedes do Christopher Columbus. Mais tarde, naquele mesmo dia, muitos retornaram ao hotel para buscar seus pertences e

iniciar uma desanimada viagem de volta para casa.

Por acordo unânime, que ninguém se deu ao trabalho de contestar, a convenção do Instituto Nacional de Eletricidade foi encerrada.

Nim levou Ruth, Leah e Benjy para casa, de táxi. Desejava agradecer a Nancy Molineaux pelo telefonema, mas decidiu deixar isso para depois, ao vê-la cercada por um enorme grupo de pessoas, como o centro das atenções, por algum motivo que ele desconhecia.

No momento em que Nim e sua família partiam, os rabecões se juntavam aos demais veículos que estavam no local.

Logo depois da explosão que matou Art Romeo, Georgos Archambault, chorando, saiu correndo na direção do lugar em que deixara estacionada a pick-up do Serviço de Proteção Contra Incêndios.

Tudo saía errado! Tudo!

Georgos não podia entender.

Cerca de trinta e cinco minutos antes, pouco depois das duas e vinte e cinco da madrugada, ficara aturdido ao ouvir inúmeras sirenes se aproximando do local em que estava esperando, na pick-up. Momentos depois, carros dos bombeiros e da polícia passaram por ele, obviamente a caminho do Christopher Columbus. À medida que os minutos

passavam, a atividade aumentava e mais veículos apareciam. A essa altura, Georgos já estava totalmente alarmado.

Quando faltavam vinte minutos para as três horas, ele não bode mais esperar. Saiu da pick-up, trancou-a e caminhou na direção do hotel, chegando o mais perto possível, antes de ser detido por uma barreira de carros da polícia.

Mas chegou perto o bastante para poder ver, consternado, os hóspedes saindo do hotel, muitos em trajes de dormir, e a polícia e os bombeiros instando para que se apressassem.

"Mas aquelas pessoas deveriam ficar lá dentro até que as bombas explodissem e o hotel estivesse em chamas! Então, seria tarde demais para saírem!"

Ele sentiu vontade de sacudir os braços e gritar: Voltem! Voltem! Mas, desesperado, sabia que isso de nada adiantaria e só serviria para atrair a atenção dos guardas para ele.

Depois, enquanto observava, algumas das bombas que tão cuidadosamente instalara eram retiradas do hotel por homens que não tinham o direito de interferir, sendo levadas para longe em caminhões e evitando o que Georgos tão meticulosamente planejara. Ele pensou que, se tivesse colocado algum dispositivo nas bombas, para que detonassem

ao ser sacudidas, o que poderia ter feito facilmente com mais um pouco de trabalho, teria sido totalmente impossível removê-las. Ficara confiante demais, convencido de que nada poderia sair errado. Mas foi o que aconteceu, privando os Amigos da Liberdade de uma gloriosa vitória.

Nesse momento Georgos começou a chorar.

Não se consolou nem mesmo ao ouvir a explosão da bomba na rua. Como pudera acontecer? Por que fracassara? Como o inimigo descobrira? Continuou a observar os bombeiros e policiais, cegos e ignorantes escravos do capitalismo fascista, com amargura e ódio.

Nesse momento compreendeu que poderia ser identificado, que talvez estivesse exposto a um sério perigo. E começou a correr.

A pick-up continuava no lugar em que a deixara. Ninguém parecia estar prestando atenção quando ele entrou no veículo, ligou o motor e se afastou, embora muitas luzes estivessem se acendendo nos prédios próximos e curiosos corressem na direção do hotel, atraídos pelo barulho e pelo movimento.

Instintivamente, Georgos seguiu para a Crocker Street. Mas logo se perguntou: seria seguro?

Não demorou para decidir. Ao virar a esquina da Crocker Street, longe do número 117, percebeu

que mais adiante a rua estava bloqueada por carros da polícia. Um momento depois, ouviu tiros, depois uma pausa de um segundo, e novos tiros, como se o fogo inicial estivesse sendo respondido. Georgos sabia que Wayde, Ute e Felix, que haviam decidido ficar em casa naquela noite, estavam encurralados. Desejou desesperadamente estar ao lado deles, para morrer nobremente, se necessário. Mas não havia agora a menor possibilidade de alguém alcançar a casa... nem sair de lá.

Tão depressa quanto podia, esperando não atrair qualquer atenção, Georgos fez a volta e retornou pelo caminho por que viera. Só tinha um lugar para onde ir: o apartamento em North Castle, reservado para uma emergência como aquela.

Enquanto guiava, a mente de Georgos trabalhava rapidamente. Se sua identidade era conhecida, a polícia devia estar a sua procura. Bem naquele momento, poderiam estar transmitindo sua descrição e espalhando uma rede para agarrá-lo; por isso, tinha de se esconder o mais depressa possível. Outra coisa: os porcos provavelmente sabiam também sobre a pick-up do Serviço de Proteção contra Incêndios e estariam a sua procura. Portanto, teria de abandoná-la. Mas só quando estivesse perto do esconderijo de North Castle. Correndo o risco, Geor-

gos acelerou.

Mas havia outro risco que não podia correr, pensou ele. Não poderia deixar a pick-up muito próxima do apartamento, pois isso indicaria seu paradeiro. Estava se aproximando de North Castle. A que distância deveria deixar a pick-up? Tomou uma decisão: a dois quilômetros aproximadamente.

Ao calcular que já estava a essa distância, encostou no meio-fio e parou. Desligou o motor e saltou, sem se dar ao trabalho de tirar a chave ou trancar o veículo. Outra possibilidade: a polícia poderia pensar que ele deixara um carro ali estacionado a sua espera e trocara de veículo, ou então que pegara um ônibus ou um táxi. Qualquer que fosse a suposição, provocaria dúvidas quanto a seu paradeiro.

O que Georgos não sabia era que um bêbado, recuperando-se de uma garrafa de vinho ordinário que bebera algumas horas antes, estava abrigado num portal do outro lado da rua. E encontrava-se suficientemente lúcido para observar Georgos se afastando a pé quando a pick-up do Serviço de Proteção Contra Incêndios chegava.

Georgos pôs-se a andar rapidamente. As ruas estavam silenciosas, praticamente desertas, ele sabia que qualquer um iria notar sua presença. Mas ninguém o abordou, aparentemente ninguém lhe dis-

pensou qualquer atenção especial. Quinze minutos depois, ele estava abrindo a porta do apartamento. E entrou, com intenso alívio.

Foi então que um carro da polícia localizou a pick-up vermelha, a respeito da qual fora transmitido um alerta pouco antes. O guarda que deu a informação pelo rádio comunicou que o radiador da pick-up ainda estava quente.

Momentos depois, o mesmo guarda avistou o bêbado no outro lado da rua e arrancou-lhe a informação sobre o destino do motorista. O carro da polícia seguiu rapidamente na direção indicada, mas não conseguiu encontrar Georgos.

Os guardas voltaram ao local em que fora estacionada a pick-up e, com uma ingratidão absurda, prenderam o informante, sob a acusação de embriaguez em público.

Davey Birdsong foi preso pouco depois das cinco e meia da manhã, diante do prédio de apartamentos em que morava.

Acabara de chegar da conferência e da reunião com o grupo de estudos, que o haviam mantido fora da cidade durante a noite inteira.

Ficou chocado. Protestou veementemente contra os dois detetives à paisana que o prenderam, um dos quais prontamente o informou de seu direito

constitucional de permanecer calado. Apesar da advertência, Birdsong declarou:

— Não sei o que está acontecendo, mas posso lhes afirmar que estou fora da cidade desde ontem. Saí do apartamento às seis horas da tarde de ontem e não voltei desde então. Tenho muitas testemunhas para confirmar isso. - O detetive que advertira Birdsong anotou a declaração. Ironicamente o "álibi" foi a perda de Birdsong.

Quando ele foi revistado na chefatura de polícia, encontraram num bolso do paletó a declaração da f & lp para a imprensa, lamentando "as explosões no Christopher Columbus Hotel na noite passada". Comprovou-se posteriormente que a declaração fora datilografada numa máquina que Birdsong tinha em seu apartamento... o apartamento em que ele afirmava não ter entrado desde as seis horas da tarde anterior, quase nove horas antes de as bombas se tornarem do conhecimento público. Como se isso já não fosse suficiente, encontraram ainda no apartamento dois esboços rasgados e amassados da declaração, escritos pelo próprio Birdsong.

Outra prova tremendamente incriminadora: as gravações em fitas cassete de conversas entre Davey Birdsong e Georgos Winslow Archambault. Comprovou-se que a voz era realmente de Birdsong. O

jovem motorista de táxi, Vickery, a quem Nancy Molineaux contratara, prestou depoimento, confirmando o esquema furtivo empregado por Birdsong para chegar à casa da Crocker Street, 117. Também ficou comprovado que Birdsong comprara diversos extintores de incêndio, que mais tarde foram convertidos em bombas.

Ele foi acusado por seis homicídios em primeiro grau, além de diversas outras acusações menores. A fiança foi fixada em um milhão de dólares, quantia que Birdsong não podia levantar, e coisa que ninguém mais parecia disposto a fazer para ajudá-lo. Assim, ele ficou na prisão, aguardando julgamento.

Dos outros Amigos da Liberdade, Wayde, o jovem intelectual marxista, e Felix, oriundo de um bairro pobre de Detroit, foram mortos na batalha a tiros com a polícia, na Crocker Street, 117. Ute, o índio amargo, voltou o revólver contra a própria cabeça e matou-se no momento em que a polícia invadiu a casa.

As provas de atividades revolucionárias no número 117 foram apreendidas intatas, inclusive o diário de Georgos Winslow Archambault.

Na redação do Califórnia Examiner e no bar do Clube da Imprensa já se comentava que Nancy Mo-

lineaux era forte concorrente ao Prêmio Pulitzer.

Ela tinha tudo para ganhá-lo.

— Aquela garota danada apareceu com tudo prontinho, embrulhado para presente, sem faltar coisa alguma! E é a história mais quente dos últimos séculos! — foi exatamente o que ouviram o editor-chefe dizer ao diretor do jornal.

Deixando o Christopher Columbus Hotel, Nancy foi para o Examiner e escreveu sem parar até a hora do fechamento da primeira edição do jornal, às seis e meia da manhã. Pelo resto da manhã e início da tarde atualizou e ampliou o material para as três edições subseqüentes. E todas as notícias que iam chegando eram canalizadas para ela.

No caso de qualquer pergunta a respeito dos Amigos da Liberdade, Georgos Archambault, Davey Birdsong, a f & lp, o dinheiro do Clube da Sequóia, as bombas no hotel, a vida e a morte de Yvette, a senha era invariável:

— Pergunte a Nancy.

Como num sonho de repórter, sob uma manchete garrafal, quase toda a primeira página era de Nancy Molineaux.

O jornal determinou o copyright da reportagem, o que significava que qualquer emissora de rádio ou televisão ou outro jornal que aproveitasse a

cobertura exclusiva era obrigado a citar o Examiner como fonte.

Como Nancy era pessoalmente uma parte integrante da história, com a descoberta da Crocker Street, 117, os encontros com Yvette e a posse da única cópia existente das gravações, acabou se tornando uma celebridade.

Ela foi entrevistada na redação, pela TV. Naquela noite, a entrevista foi ao ar em rede nacional pela NBC, ABC e CBS.

A direção do jornal obrigou as equipes de televisão, furiosas, a esperarem, enquanto Nancy terminava de escrever sua reportagem para o próprio jornal.

Repórteres da Newsweek e Time, que apareceram depois do pessoal da televisão, receberam o mesmo tratamento.

No Chronicle-West, o matutino da cidade, o grande concorrente do Examiner, houve uma inveja indisfarçável, um esforço geral para superar a desvantagem. O editor do Chronicle teve grandeza suficiente para no dia seguinte enviar meia dúzia de rosas para Nancy (ele achou que uma dúzia seria um exagero), com um bilhete de congratulações, que ela recebeu na redação.

Os efeitos da reportagem se espalharam não em

ondulações, mas em ondas impetuosas.

Para muitos que leram a reportagem de Nancy Molineaux, a revelação mais chocante foi a de que o Clube da Sequóia, mesmo que indiretamente, havia financiado as bombas colocadas no Christopher Columbus Hotel.

De todo o país, membros indignados do Clube da Sequóia enviaram seus pedidos de demissão, por telefone, telegrama ou carta.

O senador mais antigo da Califórnia, numa entrevista ao Washington Post, declarou: "Nunca mais confiarei nessa desprezível organização, nem aceitarei qualquer coisa que ela defender".

A declaração encontrou ressonância em toda parte. Todos concordaram que o Clube da Sequóia nunca mais voltaria a ser o mesmo; depois de sua reputação ter sido destruída, sua influência se reduziu.

Laura Bo Carmichael renunciou imediatamente à presidência do clube. Em seguida, isolou-se em sua casa, recusando-se a atender telefonemas da imprensa ou de qualquer outra pessoa. Uma secretária particular se encarregava de atender, lendo uma declaração que assim concluía: "A sra. Carmichael considera que sua vida pública está encerrada".

A única pessoa a emergir com honra do escândalo que envolveu o Clube da Sequóia foi Priscilla Quinn, que Nancy revelou, com precisão, ter sido a única a se opor ao pagamento dos cinquenta mil dólares para a f & lp de Birdsong.

Nancy experimentou a maior satisfação em revelar que o tão pomposo advogado Irwin Saunders tinha sido um dos que votaram "sim".

Se o Clube da Sequóia tentasse reabilitar-se, era de se esperar que a nova presidente fosse Priscilla Quinn, a ênfase deslocando-se para o trabalho assistencial, e não mais se concentrando nos problemas do meio ambiente.

Depois que Nancy revelou a existência de Georgos Archambault e forneceu informações posteriores sobre seu desaparecimento, um pequeno exército de detetives da polícia e agentes especiais do FBI vasculhou todo o bairro de North Castle, à procura do líder dos Amigos da Liberdade. Mas não conseguiram encontrá-lo.

A polícia revistou meticulosamente a casa da Crocker Street, 117, e encontrou incontáveis provas, incriminando ainda mais Georgos e Davey Birdsong. Entre as roupas deixadas por Georgos, a polícia encontrou um macacão rasgado; a parte que faltava combinava com o material encontrado na su-

bestação de Millfield, preso num arame cortado, na noite em que os dois guardas de segurança tinham sido mortos. Havia também na casa volumosos registros escritos, inclusive o diário de Georgos; tudo foi entregue ao promotor distrital. A existência do diário foi revelada à imprensa, embora não se divulgasse seu conteúdo.

Depois que os jornais publicaram a história da participação de Davey Birdsong, tiveram de separá-lo dos outros presos na prisão, para sua própria segurança.

Antes que tudo isso acontecesse, Nancy Molineaux enfrentou uma terrível crise moral. Aconteceu pouco antes do meio-dia, no próprio dia de seu grande furo jornalístico.

Ela estava exausta, trabalhando sob pressão desde a madrugada. Não dormira na noite anterior e se agüentava graças apenas a sucessivos cafés e copos de suco de laranja. Sua exaustão era visível.

Por diversas vezes, desde as sete e meia da manhã, quando o editor local havia entrado em serviço, a tempo de preparar a segunda edição, ele parou na mesa de Nancy dizendo algumas palavras de estímulo. Além disso, não havia praticamente qualquer necessidade de discussão editorial. Nancy estava alinhavando os fatos perfeitamente, não só os

que ela própria descobrira como também outros que lhe eram transmitidos. E ela tinha a reputação de escrever um texto "limpo", que precisava de pouco ou nenhum auxílio do copidesque.

De vez em quando, ao parar de escrever e levantar a cabeça, Nancy descobria o editor local, o velho mandachuva, fitando-a. Embora a expressão dele fosse impassível, Nancy tinha certeza de que ambos estavam pensando a mesma coisa, algo que ela deliberadamente afastara do pensamento, ao longo da maior parte daquelas horas.

A última coisa que Nancy observara, antes de deixar o Christopher Columbus, fora os corpos amortalhados dos guardas e bombeiros mortos sendo retirados do hotel para os rabecões à espera. Fora do hotel, havia também dois homens recolhendo pedaços de alguma coisa e colocando-os num saco plástico; Nancy levou um minuto para compreender que estavam pegando o que restava do sexto homem morto, o que fora esfaqueado por uma bomba.

Foi nesse momento que Nancy enfrentou a verdade terrível, aquela de que até então se esquivara: a de que, durante uma semana inteira, estivera de posse de informações que poderiam ter evitado aquelas seis mortes e muitas outras coisas, se as ti-

vesse partilhado.

O mesmo pensamento lhe voltava à consciência cada vez que descobria o editor local a fitá-la. E ela se recordava das palavras dele, uma semana antes: "Deveria fazer parte de uma equipe, Nancy, da qual sou o chefe. Sei que prefere trabalhar sozinha e até agora nada lhe tem acontecido porque vem obtendo resultados satisfatórios. Mas acho que está indo longe demais".

Na ocasião, ela rejeitou o conselho, dizendo consigo mesma: "Não encha!" Agora, porém, se arrependia desesperadamente de não tê-lo feito.

Às onze e cinqüenta e cinco da manhã, faltando duas horas e vinte minutos para o fechamento da última edição, Nancy não conseguia mais afastar do pensamento a recordação dos seis cadáveres, e estava prestes a desmoronar.

— Faça uma pausa e venha comigo — disse uma voz, suavemente.

Nancy levantou a cabeça e descobriu que o velho chefe estava novamente a seu lado. Ela hesitou por um instante, e ele acrescentou:

— É uma ordem.

Com uma docilidade inesperada, Nancy levantou-se e o seguiu para fora da redação. No corredor, havia uma sala pequena, normalmente trancada e

usada ocasionalmente para reuniões da diretoria do jornal. O editor local tirou uma chave do bolso, abriu a porta e fez sinal para que ela entrasse.

A decoração da sala era simples, mas agradável: uma mesa de reuniões, cadeiras estofadas, dois armários de nogueira que serviam de bar e cortinas bege.

Com outra chave, o editor local abriu um dos armários, enquanto fazia sinal para Nancy sentar-se.

— Pode escolher entre conhaque e uísque, Nancy. Não são das melhores marcas, porque não estamos querendo concorrer com o Ritz. Sugiro o conhaque.

Nancy limitou-se a fazer um gesto, descobrindo subitamente que não conseguia falar. Ele encheu dois copos de conhaque da Califórnia e sentou-se diante dela. Depois de tomarem um gole, ele disse:

— Estive observando-a...

— Sei disso.

— E ambos estamos pensando a mesma coisa, não é?

Nancy novamente fez que sim com a cabeça, sem falar.

— Pelo que estou prevendo, Nancy, ao final deste dia você poderá ter seguido por dois caminhos. Ou chegar à beira do precipício e cair direto, o

que significa um colapso mental, terminando num divã de analista duas vezes por semana, *ad infinitum*; ou tratar de recuperar o controle e deixar o passado onde está. Só posso lhe dizer uma coisa a respeito do primeiro caminho: vai transformar sua vida num verdadeiro inferno e não beneficiará ninguém, a não ser o analista. Quanto ao segundo, você tem coragem e inteligência, pode consegui-lo. Mas terá de tomar uma decisão positiva, não apenas deixar as coisas como estão.

Finalmente aliviada por poder dizer o que pensava, Nancy murmurou:

— Sou a culpada pelo que aconteceu ontem à noite. Se tivesse contado a alguém o que sabia, a polícia poderia ser alertada e investigaria a casa da Crocker Street.

— A primeira declaração é falsa, a segunda, verdadeira. Não estou dizendo que não vai viver com a recordação da noite passada pelo resto de sua vida. Acho que isso é inevitável. Mas não é a primeira a cometer um erro de julgamento que prejudicou a outros, assim como não será a última. E há outro fator em sua defesa: não sabia o que iria acontecer; se soubesse, certamente teria agido de maneira diferente. Assim, Nancy, meu conselho é o seguinte: enfrente os fatos, aceite o que fez e o que não

fez, jamais esqueça... como experiência e aprendizado. Afora isso, o resto é passado.

Como Nancy permanecesse em silêncio, ele continuou:

— Vou dizer-lhe mais uma coisa. Estou há muitos anos neste negócio... e há ocasiões em que penso que são anos demais. Mas na minha opinião, Nancy, você é a melhor repórter com quem já trabalhei.

Foi nesse momento que Nancy Molineaux fez algo que só acontecera raramente no passado e mesmo assim não permitira que outros assistissem. Pôs a cabeça entre os braços e desatou a chorar.

O velho chefe foi até a janela e discretamente se virou. Olhando para a rua lá embaixo, ele comentou:

— Tranquei a porta quando entramos, Nancy. Ainda está trancada e assim continuará até que você esteja pronta para voltar. Portanto, não precisa apressar-se. E mais uma coisa: prometo que ninguém mais, além de nós dois, saberá o que aconteceu aqui dentro hoje.

Meia hora depois, Nancy estava de volta a sua mesa na redação, com o rosto lavado e a pintura refeita; começou a escrever outra vez, tendo recuperado inteiramente o controle.

Nim Goldman telefonou para Nancy Moline-

aux na manhã seguinte, depois de ter tentado, em vão, falar com ela.

— Queria agradecer-lhe pelo telefonema que deu para o hotel.

— Talvez eu lhe devesse isso.

— Quer devesse ou não, sou grato pelo que fez.

— Uma pausa, e Nim acrescentou, um tanto contrafeito: — Foi uma reportagem sensacional. Meus parabéns.

Curiosa, Nancy perguntou:

— O que acha de tudo isso?

— Quanto a Birdsong, não sinto a menor pena dele. Espero que receba tudo o que merece. E espero também que a falsa f & lp nunca mais reapareça.

— E o que me diz do Clube da Sequóia? Também sente a mesma coisa?

— Não.

— Por quê?

— O Clube da Sequóia tem sido algo de que todos nós precisamos, uma parte de nosso sistema comunitário de controles e equilíbrios. É verdade que já tive discussões com o pessoal do Clube da Sequóia, assim como outros também tiveram. E acho que a organização foi longe demais ao se opor sistematicamente a tudo o que era proposto. Mas o Clube da Sequóia era também uma espécie de cons-

ciência da comunidade, fazendo-nos pensar e nos preocupar com o meio ambiente, impedindo algumas vezes que cometêssemos excessos. — Nim fez uma pausa, antes de acrescentar: — Sei que o Clube da Sequóia está agora por baixo e lamento profundamente por Laura Bo Carmichael, que sempre foi uma boa amiga, apesar de nossas divergências. Mas espero que o Clube da Sequóia não acabe. Seria uma perda para todos nós se isso acontecesse.

— Puxa, há dias que são repletos de surpresas! — exclamou Nancy, que tomara anotações enquanto Nim falava. — Posso citar tudo o que acabou de dizer?

Ele hesitou só por um instante antes de responder:

— Por que não?

E as declarações de Nim saíram publicadas na edição seguinte do Examiner.

Harry London examinou os documentos que Nim lhe havia mostrado e finalmente disse, sombrio:

- Sabe como me sinto em relação a tudo isso?
- Posso imaginar.

Como se não tivesse ouvido, o chefe do Departamento de Proteção à Propriedade continuou:

— A semana passada foi a pior que já tive em muitos e muitos anos. Art Romeo era um bom sujeito. Sei que você não o conhecia muito bem, Nim, mas pode ter certeza de que Art era leal, honesto, um amigo de verdade. Passei mal quando soube o que aconteceu. Ao deixar a Coréia e o Corpo de Fuzileiros, pensava que nunca mais ouviria falar de sujeitos que eu conhecia sendo despedaçados por explosões.

— Também lamento profundamente o que aconteceu com Art Romeo, Harry. E jamais esquecerei o que ele fez naquela noite.

London sacudiu a mão, como se quisesse afastar a interrupção.

- Deixe-me acabar...

Nim ficou calado, esperando.

Era uma manhã de quarta-feira, na primeira semana de março, seis dias depois dos acontecimentos traumáticos no Christopher Columbus Hotel. Os dois estavam na sala de Nim, com a porta trancada, para que ninguém os interrompesse bruscamente.

— E agora você me mostra isso, Nim. Para ser franco, preferia que não o tivesse feito. Do jeito que eu vejo as coisas, o que mais resta para se acreditar?

— Muita coisa, Harry. Ainda há muito com que se importar, em que se acreditar. Embora não mais na integridade de Paul Sherman Yale, ex-ministro do Supremo Tribunal do Estados Unidos.

— Fique com isso.

Harry London devolveu os documentos. Eram oito cartas, algumas com cópias anexas, todas dos arquivos do falecido Walter Talbot, que fora engenheiro-chefe da GSP & L até sua morte, em julho do ano anterior.

As três caixas de papelão das quais as cartas haviam sido retiradas estavam abertas na sala de Nim, os conteúdos espalhados ao redor.

A localização das cartas, de que Nim recordara subitamente durante a convenção do Instituto Nacional de Eletricidade, fora protelada por causa da tragédia da semana anterior e suas conseqüências. Naquele dia, ao chegar ao escritório, Nim mandou

que lhe trouxessem as caixas, guardadas num depósito no porão. Levou mais de uma hora para localizar os documentos que estava procurando, os que se recordava ter visto de passagem sete meses antes, na casa de Ardythe, quando ela lhe entregara as caixas para devolver à companhia.

Mas acabou encontrando. E descobriu que a memória não o enganara.

E agora, inevitavelmente, as cartas teriam de ser usadas como provas numa confrontação.

Exatamente duas semanas antes, na reunião entre J. Eric Humphrey, Nim, Harry London e Paul Yale sobre desvio de energia, o ex-ministro do Supremo Tribunal havia declarado claramente: "...acho extremamente interessante esse esquema de desvio de energia. Não tinha a menor idéia de que isso existia. Nunca antes ouvi falar a respeito disso. Como também não sabia que existia gente como o sr. London numa companhia de energia elétrica".

A correspondência que Nim encontrou mostrava que todas essas declarações eram falsas e inverídicas.

Eram, na expressão tantas vezes usada no escândalo de Watergate, "cortina de fumaça".

— É claro que jamais saberemos com certeza se o velho deu sua aprovação ao desvio de energia pe-

lo Fundo Yale ou se sabia e não fez nada — disse London, abruptamente. — Tudo o que podemos provar é que ele é um mentiroso.

— E ele estava tremendamente preocupado. Caso contrário, não teria caído na armadilha dessas declarações.

Os fatos eram simples e inequívocos.

Walter Talbot fora um pioneiro em chamar a atenção para os imensos prejuízos financeiros sofridos pelas companhias de gás e energia elétrica em decorrência de desvios. Escrevera artigos sobre o problema, fizera conferências, fora entrevistado pelos meios de comunicação, havia sido convocado como testemunha técnica para um julgamento criminal no Estado de Nova Iorque, levado a instâncias superiores através de apelações. O caso despertara amplo interesse. E muita correspondência.

E uma parte dessa correspondência fora trocada com um ministro do Supremo Tribunal dos Estados Unidos.

Paul Sherman Yale.

Era patente, pela correspondência, que Walter Talbot e Paul Yale haviam se conhecido muito bem na Califórnia, antes de o ex-ministro mudar-se para Washington.

A primeira carta tinha um cabeçalho imponente.

te:

Supreme Court of the United States
Washington D. C. 20543

E começava com "Meu caro Walter".

O autor manifestava seu interesse, como estudioso de assuntos legais, por um campo novo da lei, relacionado com o desvio de energia elétrica e gás. Pedia mais detalhes sobre os tipos de infrações envolvidas e os métodos que estavam sendo usados na repressão. Também pedia todos os fatos conhecidos sobre processos e seus resultados, em todas as partes do país. Ao final, perguntava pela saúde de Ardythe e assinava simplesmente "Paul".

Walter Talbot respondera mais formalmente: "Prezado ministro Yale".

A carta dele tinha quatro páginas. Anexo, havia uma cópia de um dos seus primeiros artigos sobre o assunto.

Várias semanas depois, Paul voltara a escrever. Acusava o recebimento da carta e do artigo e formulava diversas perguntas pertinentes, demonstrando que lera o material cuidadosamente.

A correspondência continuava através de cinco outras cartas, espaçadas ao longo de oito meses.

Numa delas, Walter Talbot descrevia as funções do Departamento de Proteção à Propriedade numa típica companhia de serviços públicos e os deveres do homem que o dirigia... como Harry London.

As cartas ressaltavam a inteligência atenta e inquisitiva de Paul Sherman Yale, o seu interesse por tudo. O que não era de surpreender.

E toda a correspondência fora trocada apenas dois anos, antes de Paul Yale se aposentar do Supremo Tribunal.

Será que Paul Yale poderia ter esquecido? Nim já se questionara a respeito e decidira que a resposta era um categórico "não". Como o velho já demonstrara, em várias oportunidades, possuir uma memória excepcional, tanto para as questões mais amplas quanto para os detalhes, não poderia ser possível.

Foi Harry London quem levantou a questão básica que Nim estava debatendo interiormente:

— Por que o velho fez uma coisa dessas? Por que mentiu para nós?

— Provavelmente porque sabia que Walter estava morto e seria remota a possibilidade de um de nós três, Eric, você ou eu, ler a correspondência. As chances de as cartas aparecerem eram de uma em um milhão.

London estava de acordo e depois disse:

— Creio que a próxima pergunta é a seguinte: quantas vezes o meritíssimo Paul Yale fez a mesma coisa e escapou impune?

— Nunca saberemos, não é mesmo?

O chefe do Departamento de Proteção à Propriedade apontou para as cartas.

— Vai mostrar isso ao presidente, não vai?

— Esta tarde. E, por falar nisso, fui informado de que o sr Yale deverá aparecer ao final do expediente.

— O que nos leva a outro problema. — A voz de London estava amargurada. — Continuaremos a nos empenhar para que o precioso nome de Yale fique fora do processo que está começando? Ou vamos deixar, tendo em vista as novas informações, que o "o sr. Integridade" assuma os mesmos riscos do comum dos mortais?

— Não sei... — Nim suspirou. — Simplesmente, não sei. De qualquer maneira, a decisão não me cabe.

A confrontação com Paul Sherman Yale ocorreu pouco depois das quatro horas da tarde, no gabinete do presidente da companhia.

Quando Nim chegou, convocado pela secretária de J. Eric Humphrey, era óbvio que o ambiente estava tenso. A expressão do presidente podia ser

mais bem descrita, pensou Nim, como a de “um velho bostoniano ferido”. Os olhos de Humphrey estavam frios, os lábios, contraídos. Paul Yale, embora não soubesse exatamente o que estava no ar, evidentemente partilhava o conhecimento de que era algo desagradável; o rosto estava tenso, substituindo a expressão habitualmente jovial. Os dois estavam sentados à mesa de reuniões, em silêncio, quando Nim se aproximou.

O vice-presidente sentou-se na cadeira à esquerda de Eric Humphrey, de frente para Paul Yale. Pôs em cima da mesa a pasta contendo a correspondência Talbot-Yale.

Pouco antes, Eric Humphrey e Nim, depois de algum debate, haviam aceitado a seqüência do procedimento a ser adotado. Decidiram também que, daquela vez, Harry London não precisava participar da reunião. Humphrey começou:

— Paul, numa reunião anterior, da qual nós três participamos, tivemos uma conversa sobre certos problemas de desvio de energia, que envolviam, em parte, o fundo da família Yale. Tenho certeza de que se lembra.

Paul Yale confirmou:

— Claro que me lembro.

— Na ocasião, você fez algumas declarações.

Todas visando a deixar bem claro que não tinha a menor idéia, até aquele momento, de que existia qualquer esquema de desvio de energia.

— Pare com isso! — gritou Paul Yale, vermelho de taiva. — Não gosto de seu tom nem de sua atitude, Eric. Nem estou aqui para ser questionado pelo que possa ou não ter falado...

A voz fria de Humphrey interrompeu bruscamente o protesto:

— Não há qualquer condicional. O que nos disse foi preciso e claro. Além do mais, foi repetido diversas vezes. Lembro-me perfeitamente. Assim como Nim.

Para Nim, era óbvio que a mente de Paul Yale funcionava a todo o vapor. O velho disse firmemente:

— O que quer que tenha sido dito, não significa...

Humphrey voltou a interrompê-lo:

— Nim, mostre ao sr. Yale o conteúdo da pasta.

Abrindo a pasta, Nim empurrou a pequena pilha de cartas e anexos por cima da mesa. A primeira carta, em papel timbrado do Supremo Tribunal, estava por cima.

Paul Yale pegou-a, deu uma olhada, depois largou-a rapidamente. Não se deu ao trabalho de

olhar as outras. O rosto, que já ficara corado antes, estava agora totalmente vermelho.

Mais tarde, reconstituindo a cena mentalmente, Nim chegou à conclusão de que Yale teria esperado alguma revelação desagradável, mas não lhe ocorreria absolutamente ser confrontado com sua antiga correspondência. Se a conjectura de Nim fosse verdadeira, poderia explicar o choque total e abjeto do velho jurista.

Ele passou a língua pelos lábios. Parecia incapaz de encontrar as palavras que procurava. Depois de um momento, murmurou em tom contrafeito e defensivo:

— Algumas vezes, especialmente em Washington... com tanta coisa acontecendo, tantos documentos, uma correspondência interminável... a gente esquece...

Ele parou por aí. Evidentemente, a declaração soava tão falsa e pouco convincente a Paul Yale quanto aos outros dois.

— Esqueçam! — disse ele abruptamente, levantando-se. Empurrando a cadeira para trás, afastou-se da mesa. E, sem olhar para Nim e Humphrey, pediu: — Por favor, dêem-me um momento para me recuperar...

Por um momento, o velho jurista ficou andan-

do de um lado para outro da sala. Finalmente, virou-se e, continuando de pé declarou:

— É evidente, senhores, como somente se pode determinar por provas documentais, que sou culpado de falso testemunho e... sem duvida merecidamente... fui apanhado. — A voz de Paul Yale era mais baixa do que o normal, o rosto refletia uma angústia intensa. — Não vou tentar redimir meu erro com explicações ou desculpas, quer descrevendo minha considerável ansiedade por ocasião de nossa conversa anterior ou meu desejo natural e premente de proteger uma reputação que levei tanto tempo para construir.

"O que não o impediu de fazer as duas coisas, enquanto dizia que não iria fazê-lo", pensou Nim.

— Contudo, juro que não participei do desvio de energia pelo Fundo Yale, como também não tive qualquer conhecimento dele antes de nossa primeira conversa a respeito.

Eric Humphrey, que ansiosamente aceitara a palavra de Yale antes, conforme Nim se recordava muito bem, permaneceu calado. Provavelmente, o presidente estava pensando, assim como Nim, que um homem capaz de mentir uma vez para proteger sua reputação poderia mentir novamente pelo mesmo motivo.

Inevitavelmente, Nim recordou-se das palavras de Harry London: "Quantas vezes o meritíssimo Paul Yale fez a mesma coisa e escapou impune?"

Enquanto o silêncio perdurava, a angústia nos olhos do velho se aprofundou.

Finalmente, Eric Humphrey murmurou:

— Nim, creio que sua presença não é mais necessária...

Com visível alívio, Nim recolheu os documentos que estavam sobre a mesa e tornou a guardá-los na pasta, enquanto os outros dois observavam. Levando a pasta e sem dizer mais nada, Nim retirou-se apressadamente.

Não sabia naquele momento, mas era a última vez que via Paul Yale.

Nim nunca soube o que mais aconteceu na sala do presidente naquele dia. Não perguntou, e Eric Humphrey não lhe deu voluntariamente qualquer informação. Mas o resultado final foi revelado na manhã seguinte.

Às onze horas, Humphrey mandou chamar Nim e Teresa van Buren. Sentado a sua mesa e segurando uma carta, ele informou:

— Acabei de receber o pedido de demissão de Paul Sherman Yale como porta-voz e diretor da companhia. Foi aceito com pesar. Eu gostaria que

fosse emitido um comunicado imediato a respeito.

Teresa van Buren disse:

— Devemos apontar alguma razão, Eric?

— Problemas de saúde. — Humphrey levantou a carta que tinha na mão. — Os médicos do sr. Yale aconselharam-no a tomar essa decisão, tendo em vista que, na sua idade, seus novos deveres na GSP & L provaram ser por demais extenuantes. Aconselharam-no a deixar o cargo.

— Está certo, Eric. A notícia já estará divulgada esta tarde. Mas tenho outra pergunta a fazer.

— E qual é?

— Isso nos deixa sem um porta-voz na companhia. Quem vai assumir?

O presidente sorriu pela primeira vez.

— Estou ocupado demais para procurar outro, Tess. Por isso, creio que não tenho alternativa. Ponha a sela de volta em Nim.

— Aleluia! — exclamou Teresa van Buren. — Sabe o que penso. Nunca a deveria ter tirado de cima dele!

Ao saírem do gabinete do presidente, Teresa baixou a voz para dizer:

— Nim, quero que me conte toda essa história de Yale. Qual foi o problema? É melhor me dizer logo, pois vou acabar descobrindo, mais cedo ou mais

tarde.

Nim meneou a cabeça.

— Ouviu o que o presidente disse, Tess. Problemas de saúde.

— Ah, seu filho da mãe! Só por causa disso acho que não vou lhe arrumar nenhuma entrevista na televisão até a semana que vem.

Harry London leu a notícia do afastamento de Paul Yale e foi procurar Nim no dia seguinte.

— Se eu tivesse um mínimo de coragem — comentou ele —, pediria demissão por essa ficção de problemas de saúde e aceitação com pesar. Isso transforma todos nós em mentirosos, exatamente como ele.

Nim, que não dormira bem, disse, bastante irritado:

— Pois então peça demissão.

— Não posso me dar a esse luxo.

— Nesse caso, Harry, pare de bancar o justo e virtuoso. Você mesmo disse que não há possibilidade de provarmos que o sr. Yale estava envolvido pessoalmente no desvio de energia.

London murmurou, sombriamente:

— Mas acontece que ele estava. Quanto mais penso a respeito, mais tenho certeza.

— Não se esqueça de que Ian Norris, o admi-

nistrador do Fundo Yale, jurou que ele não estava.

— Sei disso... e a impressão que se tem é que houve uma barganha. Norris vai receber seu pagamento mais tarde, talvez continuando como o administrador de confiança. Além disso, Norris nada teria a ganhar se envolvesse diretamente o grande homem.

— O que quer que possamos pensar ou deixarmos de pensar, Harry, o caso está acabado e encerrado. Portanto, trate de voltar ao trabalho e pegar mais alguns ladrões de energia.

— Já o fiz. Há uma porção de casos novos, além de outros decorrentes da investigação da Quayle. Mas há uma coisa que eu gostaria de lhe dizer, para o futuro.

Nim suspirou.

— Pode falar.

— Participamos de um esquema escuso, você e eu, para proteger a reputação do todo-poderoso Yale. Isso serve para mostrar que ainda existem regras e leis especiais para aqueles que têm influência e poder.

— Escute aqui, Harry...

— Não! Você é que vai me escutar. O que estou querendo fazer, Nim, é dar-lhe um aviso antecipado de que, no futuro, se eu descobrir quaisquer provas

concretas num caso, não importa a quem envolvam, ninguém vai me impedir de revelá-lo e fazer o que for necessário.

— Está bem, está bem... Se houver provas concretas, lutarei a seu lado. E agora que já acertamos isso, saia, por favor, para que eu possa trabalhar um pouco.

Ao ficar sozinho, Nim lamentou ter descarregado seu mau humor em cima de Harry London. Já lhe ocorrera a maior parte do que London dissera, como a mentira do comunicado oficial e o fato de fazerem parte de um embuste. Por isso, tivera um sono irrequieto na noite anterior. Haveria graus diversos de mentira? Nim achava que não. Para ele, uma mentira era uma mentira. E ponto final. Sendo assim, a GSP & L, nas pessoas de Eric Humphrey, que autorizara uma falsidade pública, e de Nim, que a endossara com seu silêncio, não seria tão culpada quanto Paul Sherman Yale?

Resposta: sim.

Ainda estava pensando no assunto quando sua secretária o avisou pelo interfone:

— O presidente deseja vê-lo imediatamente.

Nim compreendeu no mesmo instante que J. Eric Humphrey estava estranhamente perturbado.

Quando Nim entrou, o presidente da compa-

nhia estava andando nervosamente de um lado para outro da sala, algo que raramente fazia. E continuou de pé, enquanto falava:

— Há algo que preciso lhe dizer, Nim, e daqui a pouco explicarei por quê. Recentemente fiquei envergonhado e desgostoso com determinados acontecimentos nesta companhia. E não gosto de me sentir envergonhado da organização que me paga um salário e que dirijo.

Humphrey fez uma pausa. Nim ficou calado, tentando imaginar o que viria em seguida.

— Um dos motivos de vergonha foi resolvido nas últimas vinte e quatro horas, Nim. Mas há outro, bem maior, que persiste... os ataques brutais contra as vidas e propriedades desta companhia.

— O FBI e a polícia...

— Não fizeram nada! — arrematou Humphrey, rispidamente. — Absolutamente nada!

— Birdsong está preso.

— E por quê? Porque uma repórter inteligente e decidida mostrou possuir mais capacidade que um verdadeiro exército de agentes da lei. E não se esqueça também de que foi uma informação da mesma jovem que resultou na morte daqueles marginais da Crocker Street... uma justa pena, diga-se de passagem.

Somente J. Eric Humphrey, pensou Nim, seria capaz de usar termos como "marginais" e "justa pena". Mas a verdade é que Nim raramente vira Humphrey demonstrar tanta emoção. E desconfiou que o presidente da companhia havia sufocado por muito tempo dentro de si o que estava dizendo agora.

— Pense bem no que tem acontecido, Nim. Há mais de um ano que sofremos a indignidade de ter nossas instalações, até mesmo a sede principal, bombardeadas por um bando pequeno e desqualificado de terroristas. E o que é pior: custou as vidas de nove dos nossos homens, sem contar o sr. Art Romeo, vitimado no Christopher Columbus Hotel. E, por falar nisso, estou profundamente envergonhado por termos patrocinado a convenção do Instituto Nacional de Eletricidade e permitido que um incidente tão lamentável ocorresse!

— Não creio, Eric, que alguém possa culpar a GSP & L pelo que aconteceu no Columbus.

— Pois eu culpo a nós... e culpo a mim mesmo, por não ter sido mais insistente antes, por não ter pressionado para que a polícia fizesse alguma coisa. Mesmo agora, aquele homem ignóbil, o chefe, Archambault, ainda está à solta! — A voz de Humphrey se alteara, estridentemente. — Uma semana

inteira já se passou. Onde ele está? Por que a polícia ainda não o descobriu?

— Pelo que sei, a polícia continua a procurar, convencida de que Archambault está escondido em algum lugar de North Castle.

— Onde certamente está tramando para matar ou aleijar mais alguns dos nossos homens e nos causar mais prejuízos! Nim, eu quero que esse malfeitor seja encontrado! Se necessário, quero que nós, da GSP & L, o encontremos!

Nim ia dizer que uma companhia de serviços públicos não estava equipada para desempenhar um trabalho de polícia, mas mudou de idéia. Em vez disso, perguntou:

— Em que, exatamente, está pensando, Eric?

— Estou pensando que somos uma organização com homens de primeira qualidade, com uma abundância de cérebros excepcionais. A julgar pelos resultados, é o que falta à polícia. Portanto, Nim, minha determinação é a seguinte: concentre seu cérebro e o de outros no problema. Pode convocar qualquer um que julgar necessário para ajudá-lo. Tem carta branca. Mas quero resultados. Por nossos funcionários que foram mortos, por suas famílias, por todos nós que nos orgulhamos da GSP & L, quero que essa desprezível personagem, Archam-

bault, seja capturada e levada à justiça.

O presidente fez uma pausa, o rosto vermelho, para depois concluir, secamente:

— Isso é tudo.

Foi uma coincidência, pensou Nim, depois de seu encontro com Eric Humphrey, que ele também estivesse pensando na mesma coisa.

Quatro meses antes, em grande parte por causa do ceticismo de Paul Yale, Nim abandonara o esquema do "grupo de pensamento" como meio para solucionar o mistério dos ataques terroristas dos Amigos da Liberdade.

Depois da crítica de Paul Yale, de que estavam apenas chegando "a suposições, puras conjecturas, sem provas concretas, até os limites e muito além", Nim não mais convocara nenhuma reunião do grupo, integrado por ele próprio, Oscar O'Brien, Teresa van Buren e Harry London. No entanto, repassando o que se sabia agora, descobria que as idéias e palpites do quarteto tinham chegado espetacularmente próximos da verdade.

Para ser justo, pensou Nim, só podia culpar a si mesmo. Se tivesse persistido, ao invés de se deixar intimidar por Yale, poderiam ter previsto, talvez até mesmo evitado, alguns dos trágicos acontecimentos ocorridos posteriormente.

Agora, com a determinação de Eric Humphrey, talvez eles ainda pudessem fazer alguma coisa.

Anteriormente, ao discutir sobre o então desconhecido líder dos Amigos da Liberdade, o grupo chamara-o de "X". A identidade de X era agora conhecida, e o homem, Georgos Archambault, extremamente perigoso, uma ameaça para a GSP & L e toda a sociedade, continuava escondido em algum lugar da cidade.

Será que através do puro pensamento e de discussões em grupo seria possível ter uma idéia de seu esconderijo?

Era sexta-feira. Nim decidiu que, em algum momento daquele fim de semana, usando a autorização do presidente se fosse necessário, iria reunir novamente os quatro "pensadores".

— Conforme se pôde constatar mais tarde — disse Nim, consultando suas anotações —, fomos excepcionalmente precisos. Gostaria de recordar-lhes até que ponto.

Ele fez uma pausa para tomar um gole do uísque com soda que Oscar O'Brien lhe servira há poucos minutos, antes de começarem.

Era a tarde de domingo. A convite de O'Brien, o grupo se reunira na casa dele e estava naquele momento instalado no jardim de inverno informal e confortável. Os outros três haviam se mostrado dispostos a cooperar quando Nim os procurara, ainda mais depois de serem informados da determinação de J. Eric Humphrey.

A casa de O'Brien, numa pequena elevação à beira da praia, tinha uma vista espetacular, que no momento incluía incontáveis embarcações a vela, com os marinheiros de fim de semana zigzagueando e milagrosamente conseguindo evitar colisões, em meio às cristas espumantes das ondas, agitadas por uma brisa que soprava do oeste.

Como em ocasiões anteriores em que o grupo se reunira, havia um gravador ligado.

— Com base nas informações então disponíveis — continuou Nim —, superficiais e sumárias, formulamos a hipótese de que um homem, X, era o líder e cérebro dos Amigos da Liberdade, que era bastante viril e vaidoso e tinha uma mulher por confidente, a qual trabalhava com ele, em estreita associação. Também achávamos que X assassinara pessoalmente os dois guardas em Millfield e que a mulher estava presente na ocasião. Além disso, concluímos que a mulher podia ser uma fonte de fraqueza e talvez se tornasse a causa da perdição de X.

— Eu já tinha esquecido quase tudo — interveio Teresa van Buren. — Puxa, acertamos em cheio!

A vice-presidente de relações públicas, parecendo tão à vontade quanto num fim de semana sem nada para fazer em sua própria casa, usava um cafetã verde sobre o amplo corpo. O cabelo, como de hábito, estava despenteado, provavelmente porque passava os dedos por ele sempre que estava pensando. Os pés estavam descalços, as sandálias velhas ao lado da cadeira.

— Sim — concordou Nim. — E tenho de admitir que a culpa foi minha por não continuarmos. Acho que perdi a fé, no que estava errado. — Decida não dizer nada a respeito da influência de Paul

Yale, que no final das contas se limitara a manifestar uma opinião. Uma breve pausa, e ele continuou: — Agora que conhecemos a identidade de X e muitos fatos a seu respeito, talvez possamos usar o mesmo processo para descobrir seu paradeiro. — Nim fez uma nova pausa, consciente de que três pares de olhos estavam focalizados atentamente nele. — Talvez não seja possível. Mas o presidente acha que devemos tentar.

Oscar O'Brien resmungou e tirou dos lábios grossos o charuto que estava fumando. Já havia bastante fumaça no ar, algo que desagradava a Nim. Mas era a casa de O'Brien, e um protesto pareceria despropositado.

— Estou disposto a fazer a tentativa — disse o advogado. — Por onde começamos? — Estava usando uma calça esporte cinza visivelmente velha, presa por um cinto, meio frouxamente, a barriga volumosa sobressaindo, um blusão folgado e sapatos de lona sem meias.

— Preparei um memorando.

Abrindo uma pasta, Nim tirou cópias e as distribuiu. O memorando continha um sumário de todas as informações, publicadas desde a convenção do Instituto Nacional de Eletricidade, sobre os Amigos da Liberdade e Georgos Archambault. A maior

parte provinha das reportagens de Nancy Molineaux.

Nim esperou até que os outros terminassem de ler e depois perguntou:

— Alguém sabe de mais algum fato adicional que não esteja incluído aí?

— Acho que tenho algumas coisinhas — disse Harry London.

O chefe do Departamento de Proteção à Propriedade se mostrara frio ao se encontrar com Nim naquele dia, provavelmente recordando as palavras ásperas de dois dias antes. Mas o tom era normal, quando acrescentou: — Tenho amigos na polícia. Como Nim já sabe, eles de vez em quando me dão algumas informações que não aparecem nos jornais.

Em contraste com os outros, inclusive Nim, que estava também vestido informalmente, London mostrava-se impecável, com calças esportes beges com o vinco perfeito e um blusão bem passado. As meias combinavam com o conjunto, e os sapatos de couro estavam reluzentes.

— Os jornais mencionaram que Archambault mantinha um diário — continuou London, batendo com os dedos no memorando de Nim. — A informação está aqui. O que não está e não foi divulgado, porque o promotor distrital espera usar como prova

no julgamento de Archambault, é o que o diário contém.

— E você viu o diário? — perguntou Teresa van Buren.

— Não. Mas mostraram-me uma xerox.

Como sempre, pensou Nim, Harry London estava se arrastando no relato em seu típico ritmo pedante. O'Brien indagou, impacientemente:

— E o que havia no tal diário?

— Não me lembro. — Houve um desapontamento óbvio, o interesse renascendo quando London acrescentou: — Ou pelo menos não me lembro de tudo. Mas há duas coisas que se pode depreender pelo que o cara escreveu. Primeiro, ele é tão vaidoso e presunçoso quanto imaginamos, talvez até mais. Segundo, o que se percebe imediatamente pela leitura de todas as porcarias que estão no diário é o que se poderia chamar de compulsão para escrever coisas.

— O mesmo acontece com milhares de outras pessoas — comentou Teresa van Buren. — Isso é tudo?

— Sim.

London parecia desolado, e Nim apressou-se em intervir:

— Não despreze sumariamente esse tipo de in-

formação, Tess. Qualquer detalhe pode ajudar.

— Lembra-se de alguma coisa da caligrafia do diário, Harry? — perguntou Oscar O'Brien.

— Que espécie de coisa?

— Tinha alguma característica definida?

O chefe do Departamento de Proteção à Propriedade pensou por um momento antes de responder:

— Eu diria que sim.

— O que estou pensando é muito simples — explicou o advogado. — Se tivermos uma amostra da caligrafia do diário e outra procedente de uma fonte diferente, seria fácil comparar as duas e determinar se pertencem ou não à mesma pessoa?

— Estou entendendo — disse London. — E pode estar certo de que seria bastante fácil.

— Hum... — murmurou O'Brien, cocando o queixo, parecendo mergulhar num devaneio particular. — Continuem, por favor. Tenho uma idéia que ainda preciso desenvolver.

— Está certo — disse Nim. — Vamos falar sobre North Castle, a parte da cidade em que foi encontrada abandonada a pick-up do Serviço de Proteção contra Incêndios.

— Com o radiador ainda quente — recordou Teresa van Buren. — E ele foi visto se afastando a pé, o que parece indicar que não pode ter ido muito

longe.

— Talvez não — comentou Harry London. — Seja como for, toda a área de North Castle é superpovoada. A polícia vasculhou tudo e nada conseguiu descobrir. Se alguém quiser escolher um lugar nesta cidade para desaparecer, aquele é o bairro ideal.

— E pelo que tenho lido e ouvido — acrescentou Nim —, é bem possível que Archambault já tivesse um segundo esconderijo preparado, para o caso de haver uma emergência. Deve estar lá agora. Sabemos que não lhe faltava dinheiro; assim, ele podia providenciar tudo com antecedência.

— Usando um nome falso, é claro — disse Teresa van Buren. — Da mesma forma como ele comprou a pick-up.

Nim sorriu.

— Duvido que a companhia telefônica tenha incluído o nome dele na lista.

— A tal pick-up já foi meticulosamente investigada pela polícia, e não deu em nada — informou London.

O'Brien saiu de seu devaneio:

— Harry, alguém calculou a extensão da área em que Archambault aparentemente se esconde? Em outras palavras: se se traçasse um círculo num

mapa e se declarasse "o homem provavelmente está escondido em algum lugar por aqui", de que tamanho seria esse círculo?

— Creio que a polícia já fez esse cálculo. Mas é claro que não passa de uma estimativa.

— Diga-nos o que sabe a respeito — sugeriu Nim.

— O raciocínio foi mais ou menos o seguinte: ao abandonar a pick-up, Archambault estava com uma tremenda pressa. Supondo-se que estivesse seguindo para um esconderijo, não iria deixar o veículo muito perto, mas também não o abandonaria longe demais. Digamos que o deixaria a dois quilômetros do esconderijo, no máximo três. Assim, tomando-se a pick-up como centro, isso representa um círculo com um raio de três quilômetros.

— Se é que ainda me lembro da geometria que aprendi na escola — comentou O'Brien —, a área de um círculo é π vezes o raio ao quadrado. — Ele foi até uma escrivaninha e pegou uma calculadora eletrônica. Depois de um momento, anunciou: — Dá em torno de vinte quilômetros quadrados.

— O que significa que estamos falando sobre doze mil casas e pequenas lojas aproximadamente — disse Nim. — Com trinta mil pessoas provavelmente vivendo dentro desse círculo.

— Sei que é uma área e tanto, e procurar por Archambault aí seria como tentar achar a proverbial agulha no palheiro — disse O'Brien. — O que não nos impede de o obrigarmos a se mostrar. E já tenho uma idéia para vocês se divertirem.

Nim, London e Teresa van Buren ficaram escutando atentamente. Todos se recordavam perfeitamente de que as idéias do advogado é que haviam levado à maioria das conclusões das sessões anteriores.

O'Brien continuou:

— Harry diz que Archambault tem uma verdadeira compulsão por escrever. Juntamente com as outras informações de que dispomos a respeito dele, chega-se à conclusão de que o homem é um exibicionista, com uma intensa necessidade de se mostrar constantemente, mesmo que seja em pequenas coisas. Por tudo isso, minha idéia é a seguinte: se pudermos distribuir algum questionário público nessa área de vinte quilômetros quadrados... um questionário com uma lista de perguntas para as pessoas escreverem as respostas... é bem possível que nosso homem não resista à tentação de responder também.

Houve um momento de silêncio e perplexidade, até que Teresa van Buren perguntou:

— Sobre o que seriam as perguntas?

— Sobre energia elétrica, é claro... algo que desperte o interesse de Archambault, se possível que o deixe furioso. Por exemplo: como classifica os serviços que a GSP & L presta ao público? Concorde que a continuação dos bons serviços vai exigir um aumento das tarifas em breve? É a favor de uma companhia de serviços públicos continuar a ser de propriedade particular? Estou pensando nesse tipo de coisas. E é claro que apresentei apenas esboços. As perguntas finais deverão ser estudadas cuidadosamente.

Pensativo, Nim comentou:

— Imagino que sua idéia, Oscar, é comparar a caligrafia das respostas ao questionário com a da amostra do diário

— Exatamente.

— E se Archambault usar uma máquina de escrever?

— Então não poderíamos identificá-lo. Mas também não se trata de um plano infalível. Se é por isso que estão procurando, devo dizer que não vão conseguir encontrar.

— Se recebêssemos de volta um questionário com a caligrafia combinando, não vejo como isso poderia nos ajudar — objetou Teresa van Buren. —

Como iríamos descobrir a procedência? Mesmo que Archambault fosse estúpido o bastante para responder, certamente não iria indicar seu endereço.

O'Brien deu de ombros.

— Já admiti que a idéia não era perfeita, Tess.

— Ei, esperem um instante! — interveio London. — Há uma maneira de se descobrir a procedência de uma coisa dessas: tinta invisível.

— Explique melhor, Harry — pediu Nim.

— A tinta invisível não é apenas uma brincadeira de criança. É usada muito mais freqüentemente do que se imagina. A coisa poderia funcionar da seguinte maneira: em cada questionário haveria um número, mas não seria visível. Faz-se a impressão com um pó luminiscente, dissolvido em glicol. O líquido é absorvido pelo papel, de maneira que não fica qualquer vestígio visível. Quando se encontrasse o questionário que estamos procurando, bastaria colocá-lo num visor especial para o número aparecer. Fora do visor, o número fica invisível.

Teresa van Buren exclamou:

— Essa não!

— O esquema é usado com freqüência — repetiu London. — Nos bilhetes de loteria, por exemplo. Prova que um bilhete é genuíno, e não uma falsificação impressa por algum escroque. Além disso,

metade dos questionários anônimos que circulam por aí é preparada dessa maneira. Jamais confiem em qualquer pedaço de papel no qual se afirma que a pessoa não pode ser identificada.

— A coisa está começando a ficar interessante — comentou O'Brien.

— Mas o grande problema é como distribuir esses questionários amplamente e ao mesmo tempo manter-se um registro do destino de cada um — disse Nim. — Não tenho a menor idéia de como isso seria possível.

Teresa van Buren empertigou-se abruptamente.

— Pois eu tenho! A resposta está na nossa cara: o Departamento de Contas!

Os outros fitaram-na sem entender. A vice-presidente de relações públicas acrescentou:

— Cada casa naquela área de vinte quilômetros quadrados é uma consumidora da GSP & L, e todas as informações pertinentes estão guardadas em nossos computadores.

— Já entendi — disse Nim, pensando em voz alta. — Pode-se programar os computadores para imprimir os endereços daquela área e nada mais.

— Podemos conseguir até algo melhor — interveio O'Brien, parecendo bastante excitado. — O computador poderia produzir os questionários,

prontos para serem remetidos pelo correio. A parte com o nome e endereço do consumidor poderia ser destacável, a fim de que apenas a outra parte, a que não tem identificação, fosse remetida de volta.

— Aparentemente sem identificação — recor-
dou Harry London. — Enquanto se estivesse fazen-
do a impressão regular, seria acrescentado aquele
número com tinta invisível. Não podemos esquecer.

O'Brien deu um tapa na própria coxa, entusias-
mado.

— Estamos chegando lá!

— É uma boa idéia e vale a pena tentar — co-
mentou Nim. — Mas devemos sei realistas em rela-
ção a duas coisas. Primeira: mesmo que Archam-
bault receba o questionário, é bem possível que ele
banque o esperto e o jogue fora. Assim, estaremos
dando um tiro no escuro.

O'Brien concordou:

— Tem toda razão.

— A outra coisa é a possibilidade de Archam-
bault, seja qual for o nome que estiver usando no
esconderijo, não estar diretamente relacionado em
nosso sistema de contas. Ele pode ter alugado um
quarto. Nesse caso, outra pessoa receberia as contas
de energia elétrica e gás... e o questionário.

— É possível, mas não creio que seja provável!

— disse Teresa van Buren. — Procure encarar o problema sob o ponto de vista de Archambault. Para que algum esconderijo seja bom e seguro, deve ser independente e privado. Um quarto alugado não o seria. Portanto, o mais provável é que ele tenha alugado um apartamento ou uma casa, da maneira como fez antes. E que se utilize de medidores próprios, com contas em separado. E significa também que ele receberia nosso questionário!

O'Brien concordou novamente:

— Isso tem sentido.

Continuaram a conversar por mais uma hora, redefinindo as idéias, o interesse e a ansiedade aumentando a cada minuto.

O Centro de Computação da GSP & L, pensou Nim, tinha uma semelhança extraordinária com um cenário do filme Guerra nas estrelas.

Tudo nos três andares ocupados pelo centro na matriz da companhia era futurista, preciso, funcional. As superfluidades estéticas que havia em outros departamentos, como móveis decorativos, tapetes, quadros, cortinas, eram proibidas ali. Não havia janelas, toda a iluminação era artificial. Até mesmo o ar era especial, com a umidade controlada e a temperatura sempre em vinte e um graus centígrados. Todos os que trabalhavam no Centro de Computação estavam sujeitos à vigilância de um circuito fechado de televisão, e ninguém sabia quando estava sendo observado pelo Big Brother da companhia.

O movimento de entrada e saída do centro era rigorosamente controlado. Guardas de segurança, no interior de cubículos à prova de bala, que se comunicavam através de microfones, examinavam meticulosamente cada pessoa que entrava ou saía. As ordens eram para que não fizessem qualquer pressuposição. Nem mesmo um rosto amistoso e conhecido, que viam aparecer todos os dias para

trabalhar, tinha permissão para passar sem uma verificação das credenciais.

Cada pessoa que passava pela área de segurança (sempre sozinha; mais de uma ao mesmo tempo não era permitido) ficava presa na "câmara de ar", que era na verdade uma pequena prisão, também de vidro à prova de bala. Depois que a pessoa entrava, uma porta a suas costas se fechava ruidosamente e era trancada eletronicamente. A outra porta, à frente, também intransponível, só era aberta depois que o guarda se certificava de que estava tudo bem. Se havia suspeitas, como de vez em quando acontecia, as duas portas permaneciam trancadas até que chegassem reforços ou uma prova de identidade.

Não havia exceções. Até mesmo o presidente da companhia, J. Eric Humphrey, jamais entrava no centro sem um crachá de visitante, e só era admitido depois de meticulosa verificação.

O motivo para essas precauções excepcionais era simples. O centro alojava um tesouro de valor inestimável: um registro computadorizado de oito milhões e quinhentos mil consumidores da GSP & L, com as respectivas leituras de medidores, contas e pagamentos, em anos e anos, além de detalhes sobre acionistas e funcionários, equipamentos da

companhia, estoques, dados técnicos e incontáveis outras informações.

Uma granada de mão estrategicamente colocada no Centro de Computação poderia provocar mais transtornos ao sistema da gigantesca companhia do que uma grande carga de alto poder explosivo contra linhas de transmissão ou subestações.

As informações do centro estavam guardadas em centenas de pacotes de discos magnéticos. Cada pacote continha vinte discos, e cada disco, duas vezes maior que um LP normal, continha os registros de mil consumidores.

O valor dos computadores andava na casa dos trinta milhões de dólares. O valor das informações registradas era incalculável.

Nim fora ao Centro de Computação com Oscar O'Brien, a fim de verificarem a remessa do que era oficialmente classificado de mala-direta de Pesquisa do Consumidor, mas na verdade era a isca com que se esperava apanhar o líder dos Amigos da Liberdade, Georgos Archambault.

Era quinta-feira, quatro dias depois da reunião dominical do grupo na casa do advogado.

Muitas horas de trabalho haviam sido despendidas desde então na formulação do questionário. Nim e O'Brien haviam decidido que seriam apresen-

tadas oito perguntas. As primeiras eram simples. Por exemplo:

A Golden State Power & Light lhe proporciona um serviço satisfatório? Responda sim ou não.

Havia também perguntas que davam margem a respostas mais amplas:

Em sua opinião, de que maneira os serviços da Golden State Power & Light poderiam ser melhorados?

Ou então:

Tem alguma dificuldade em entender os detalhes das contas da Golden State Power & Light? Em caso afirmativo, informe qual é o problema.

E finalmente:

A Golden State Power & Light pede desculpas a seus consumidores pelas inconveniências decorrentes dos covardes ataques a instalações da companhia por pretensos terroristas, que agem por pura ignorância. Se acha que há meios pelos quais se possa deter esses ataques, por favor apresente suas opiniões.

Oscar O'Brien comentou:

— Se isso não deixar Archambault furioso e não o levar a responder ao questionário, nada mais o conseguirá.

As autoridades legais — a polícia da cidade, o FBI e a Promotoria Distrital — haviam reagido favoravelmente ao serem informadas do plano da GSP & L. A Promotoria Distrital ofereceu ajuda para o exame dos milhares de questionários que seriam devolvidos.

Sharlett Underhill, vice-presidente executiva de finanças sob cuja responsabilidade estava o Centro de Computação, recebeu Nim e O'Brien depois que eles passaram pela área de segurança. Elegante-mente vestida num traje azul, Sharlett lhes disse:

— Estamos, neste momento, imprimindo a sua Pesquisa do Consumidor. As doze mil cópias devem ser despachadas pelo correio esta noite.

— Não estamos interessados em onze mil, novecentos e noventa e nove desses questionários — comentou O'Brien. — Somente um é que estamos querendo de volta.

— Se soubesse qual, isso nos custaria menos dinheiro — disse acidamente a vice-presidente de finanças.

— Se tivéssemos a resposta que está querendo, minha cara Sharlett, não estaríamos aqui.

Os três se aprofundaram pelo território dos computadores, passando por fileiras de armários de metal e vidro, parando finalmente ao lado de uma impressora IBM 3800, que estava despejando questionários, prontos para serem despachados nos envelopes com janelas.

No alto da página única estava escrito:

Golden State Power & Light
PESQUISA DO CONSUMIDOR
Agradecemos suas respostas,
confidenciais,
a algumas questões importantes.
Nosso objetivo é servir melhor.

Seguiam-se o nome e o endereço, depois uma perfuração ao longo de toda a página. Abaixo da perfuração, havia a instrução:

PARA PRESERVAR SEU ANONIMATO
RASGUE E JOGUE FORA A PARTE SUPERIOR
DESTE QUESTIONÁRIO.

**NÃO HÁ NECESSIDADE DE ASSINATURA
OU QUALQUER OUTRA IDENTIFICAÇÃO.
OBRIGADO!**

Um envelope de resposta comercial, que não precisava de selo, acompanharia cada questionário.

— Onde está a tinta invisível? — perguntou Nim. O'Brien riu.

— Não pode vê-la, seu tonto. É invisível.

Sharlett Underhill se aproximou da impressora e levantou uma tampa. Inclinando-se para a frente, apontou uma garrafa contendo um líquido claro, aparentemente oleoso. A garrafa estava invertida, e da extremidade descia um tubo.

— Essa é uma montagem especial para o trabalho. O tubo alimenta um mecanismo de numeração ligado ao computador. Na metade inferior de cada página está sendo impresso um número invisível. Ao mesmo tempo, o computador está registrando o número que vai para cada endereço.

Ela tornou a fechar a tampa. Pegou um dos questionários já impressos e o levou até uma mesa de metal ali perto. Acendeu uma lâmpada portátil presa a um pequeno suporte.

— Isso é a chamada luz negra.

Quando Sharlett pôs o papel por baixo, imedia-

tamente apareceu o número 3702.

— Sensacional! — exclamou O'Brien. — Muito bem, agora temos um número. E o que acontece depois?

— Quando me fornecer o número de identificação de que você precisa, vou passá-lo ao computador, juntamente com um código secreto, conhecido apenas por duas pessoas, um dos nossos programadores mais antigos, de absoluta confiança, e eu. O computador irá nos informar imediatamente o endereço para onde foi remetido esse determinado questionário.

— Não temos certeza se haverá um número para lhe fornecer — ressaltou Nim.

Sharlett Underhill lançou um olhar furioso para os dois homens.

— Quer tenham ou não, que ambos compreendam duas coisas. Fui contra o que está sendo feito aqui, e não gosto que o equipamento e os registros de meu departamento sejam usados para o que é essencialmente um objetivo fraudulento. Protestei junto ao presidente, mas ele parece ser bastante favorável ao plano e por isso meu protesto foi rejeitado.

— Sabemos disso — falou O'Brien. — Mas, pelo amor de Deus, Sharlett, lembre-se de que é um caso especial!

Ela continuou muito séria:

— Por favor, prestem atenção. Quando me fornecerem o número que esperam obter... e só aceitarei um único número... a informação que procuram será extraída do computador, através do código secreto que mencionei. Mas, no momento em que isso acontecer, o computador será instruído a esquecer todos os outros números e endereços relacionados. Quero que isso fique bem entendido.

— Já está entendido — disse o advogado. — E é perfeitamente justo.

Nim interveio:

— Mudando de assunto, Sharlett, seu pessoal teve alguma dificuldade em definir e separar aquela área de vinte quilômetros quadrados que especificamos?

— Absolutamente nenhuma. Nosso método de programação torna possível dividir e subdividir nossos consumidores em muitas categorias e delimitar qualquer área geográfica. — A vice-presidente de finanças relaxou, prontamente se entusiasmando com um assunto que obviamente apreciava. — Quando usado de maneira adequada, um computador moderno é uma ferramenta sensível e flexível. E totalmente de confiança. — Ela hesitou por um instante, antes de acrescentar: — Ou melhor, quase to-

talmente.

Ao pronunciar as últimas palavras, Sharlett olhou na direção de outra impressora IBM, flanqueada por uma mesa a que dois homens estavam sentados. Pareciam estar verificando manualmente, uma a uma, as impressões do computador.

O'Brien ficou curioso.

— O que está acontecendo ali?

Pela primeira vez desde que eles haviam entrado no centro, Sharlett Underhill sorriu.

— É o nosso "esquadrão anti-VIP". Muitas companhias de serviços públicos têm um esquema semelhante.

Nim sacudiu a cabeça.

— Trabalho aqui há muito tempo e nunca tinha ouvido falar a respeito disso.

Aproximaram-se da mesa em que estava sendo realizado o trabalho. Sharlett explicou:

— Essas contas estão baseadas nas últimas leituras de medidores e devem ser expedidas amanhã. O que o computador faz é separar as contas de algumas centenas de pessoas que constam de uma lista especial... prefeito, secretários municipais e vereadores das diversas cidades a que servimos, altas autoridades estaduais, congressistas, diretores de jornais e colunistas, executivos de rádio e televisão,

juízes, advogados preeminentes... e por aí afora. Cada conta é verificada, como estão vendo agora, para se ter certeza de que não há nada de anormal. Se houver, é enviada para outro departamento e checada, antes de ser despachada. Isso evita problemas e embaraços se o computador ou a pessoa que o programou cometerem um equívoco.

Ficaram observando a inspeção; de vez em quando, uma conta era separada e posta de lado. Sharlett Underhill recordou:

— Certa vez um computador errou ao imprimir a conta mensal de um vereador, acrescentando uma fileira de zeros. A conta deveria ser de quarenta e cinco dólares, mas saiu como sendo de quatro milhões e quinhentos mil dólares.

Todos riram. Nim perguntou:

— E o que aconteceu?

— É justamente esse o problema. Se ele nos tivesse trazido a conta, teríamos dado umas boas risadas; depois, rasgaríamos a conta e provavelmente lhe daríamos um crédito pelo trabalho que tivera. Em vez disso, porém, o vereador convocou uma entrevista coletiva. Exibiu a conta, para provar como nós da GSP & L somos incompetentes, e afirmou que deveríamos ser encampados pela prefeitura.

O'Brien sacudiu a cabeça.

— Não posso acreditar...

— Pois lhe asseguro que realmente aconteceu.

Os políticos são peritos em fazer alarde por causa dos erros mais simples, embora os cometam mais do que o resto da humanidade. Mas não são apenas eles. Seja como for, foi por isso que criamos o nosso "esquadrão anti-VIP". Ouvi dizer que existe o mesmo sistema na Con Edison, em Nova Iorque. Agora, sempre que deparamos com um consumidor importante ou pomposo... ou ambas as coisas... acrescentamos seu nome à lista. Há até mesmo gente da companhia na lista.

— Há ocasiões em que posso ser pomposo — reconheceu O'Brien. — É uma de minhas fraquezas.

— Apontou para a pilha de contas: — Por acaso estou aí?

Enquanto se afastavam, Sharlett Underhill respondeu:

— Oscar, isso é algo que você jamais saberá.

Ruth Goldman estava em Nova Iorque.

Já havia começado seu tratamento no Sloan-Kettering Institute, ficando fora duas semanas. Posteriormente, seriam necessárias outras viagens.

A decisão foi tomada pelo dr. Levin, depois de estudar os resultados dos exames que Ruth havia feito na viagem anterior e conversar com os médicos de Nova Iorque por telefone. Ele disse a Nim e Ruth ao mesmo tempo:

— Não posso fazer promessas. Ninguém pode, e não há nada definido. O máximo a que posso chegar é dizer que eu e o pessoal do Sloan-Kettering estamos cautelosamente otimistas.

E não haviam conseguido arrancar mais nada dele. Nim levava Ruth ao aeroporto no início da manhã anterior, para que ela pegasse um voo sem escalas da American Airlines. A despedida fora carregada de emoção.

— Eu a amo — disse Nim, pouco antes de Ruth embarcar. — Vou sentir saudade, e ficarei rezando a meu modo.

Ela riu e o beijou mais uma vez, comentando:

— Pode parecer muito estranho, mas, apesar de

tudo, nunca me senti tão feliz.

Em Nova Iorque, Ruth ficaria na casa de amigos e compareceria ao instituto várias vezes por semana, como uma paciente externa.

Leah e Benjy ficariam novamente na casa dos avós. Dessa vez, como seu relacionamento com os Neuberger estava mais cordial, Nim prometera ir jantar com os velhos algumas vezes.

Cumprindo uma promessa antiga, Nim também havia combinado com Karen levá-la a um concerto sinfônico.

Alguns dias antes, havia recebido um dos bilhetes em versos de Karen, dizendo:

Dias vêm, dias vão.

Em alguns você está no noticiário.

Com Begin, Sadat, Schmidt, Botha, Carter,

Giscard d'Estaing, o bispo Muzorewa.

Mas de todos eles, um certo Nimrod Goldman

Merece a minha primeira página.

É bom ler sobre você

Mas melhor ainda

Ver, ouvir, ser tocada e partilhar

E pessoalmente amar.

Ele suspirou ao ler, porque desejava realmente

ver Karen. E depois pensou, com um sentimento de culpa: quaisquer que fossem as complicações em sua vida pessoal, elas eram de sua própria responsabilidade. Desde a noite memorável em que fizera amor com Karen, fora visitá-la duas vezes, durante o dia, apressadamente, a caminho de algum lugar ou vindo de outro. Sabia que Karen ansiava por mais tempo juntos, com mais intimidade.

A ausência de Ruth parecia uma oportunidade para se encontrar com Karen de maneira mais satisfatória; e ir ao concerto sinfônico, em vez de passar a noite inteira na casa dela, era um compromisso com sua consciência.

Ao chegar ao apartamento de Karen, ele já a encontrou pronta, num elegante vestido vermelho escuro e com um colar de pérolas de uma volta. O cabelo louro comprido, brilhando suavemente, caía pelos ombros. A boca generosa e os olhos azuis sorriram numa saudação afetuosa. As unhas estavam pintadas.

Quando se beijaram, deixando que a intimidade os envolvesse, Nim sentiu seu desejo por Karen, que estivera apenas adormecido, reviver intensamente. Sentiu-se aliviado por terem de sair.

Um ou dois minutos depois, Josie entrou na sala e desligou a cadeira de rodas da tomada da pare-

de, a fim de torná-la móvel. Karen disse, então:

— Nimrod, você tem passado por uma grande tensão. Dá para se perceber.

— Tive alguns problemas. Você deve ter lido nos jornais. Mas esta noite vamos pensar apenas em nós e na música.

— E em mim também — disse Josie, contorcendo a cadeira de rodas e fitando Nim, que era obviamente um de seus prediletos, com uma expressão radiante. — Mas tudo o que vou fazer é guiar o carro. Se quiser descer com Karen dentro de alguns minutos, sr. Goldman, seguirei na frente para buscar o Humperdinck.

— Ah, o Humperdinck! — Nim soltou uma risada. — Como está esse seu furgão que até nome tem, hein, Karen?

— Ainda maravilhoso. Mas... — o rosto dela se toldou por um momento — estou bastante preocupada com meu pai.

— Por quê?

Karen meneou a cabeça.

— Vamos esquecer agora. Talvez eu lhe conte mais tarde.

Como sempre, Nim ficou impressionado com a habilidade com que Karen, usando apenas o tubo pneumático à altura da boca, conduziu a cadeira pa-

ra fora do apartamento, através do corredor, até o elevador. No caminho, ele perguntou:

— Qual a duração de sua bateria?

Karen riu.

— Esta noite estou plenamente carregada. Usando a bateria para a cadeira e o respirador, provavelmente posso agüentar umas quatro horas. Depois disso, terei de me ligar novamente à velha GSP & L.

Nim não podia deixar de se sentir fascinado pela tênue ligação de Karen à vida, pelo fato de a energia elétrica ser o elemento primordial para mantê-la viva.

— Por falar em GSP & L, Nimrod, como vão seus problemas?

— Sempre temos um novo sortimento a todo instante, brotando como grama.

— Estou falando sério, Nimrod. Eu gostaria de saber.

— Subitamente, o petróleo se transformou em nossa maior preocupação. Já soube que as conversações iniciadas ontem entre a OPEP e os Estados Unidos foram suspensas hoje?

— Ouvi no rádio, pouco antes de você chegar. Os países exportadores de petróleo dizem que não vão mais aceitar qualquer papel-moeda. Agora, só

querem ouro.

— Eles já fizeram a ameaça por diversas vezes.

— Nim estava recordando sua conversa com J. Eric Humphrey e Paul Yale pouco antes do Natal. Na ocasião, o problema do petróleo já causava preocupações; agora, em março, chegara a um ponto crítico. — Mas desta vez parece que pretendem mesmo cumpri-la.

— Se for suspensa a importação de petróleo, a situação vai ficar muito ruim?

— Muito pior do que a maioria das pessoas acredita. Mais da metade do petróleo que a América consome é importada, sendo que oitenta e cinco por cento vêm das nações da OPEP. Quando se pensa numa escassez de petróleo, é quase sempre em termos de carros e gasolina, não de energia elétrica.

Nim refletiu novamente, como já o fizera a caminho do apartamento de Karen: a mais dramática confrontação com as nações petrolíferas da OPEP, com um potencial muito mais devastador que o embargo árabe de 1973-74, ocorrera nas últimas quarenta e oito horas. Era uma possibilidade que todos conheciam, mas que relativamente poucos levavam a sério. Os eternos otimistas, inclusive alguns em altos postos federais, ainda esperavam que se pudesse evitar uma confrontação decisiva, que de

um jeito ou de outro continuasse a fluir o Niágara de petróleo importado. Nim jamais partilhara essa convicção.

Ocorreu-lhe um pensamento, relativo a Karen. Mas, antes que tivesse tempo de expressá-lo, o elevador parou e as portas se abriram. Lá dentro estavam duas crianças pequenas, um menino e uma menina, joviais e felizes, provavelmente com nove e dez anos.

— Oi, Karen! — disseram os dois, quando a cadeira de rodas entrou, seguida por Nim.

— Olá, Philip e Wendy — respondeu Karen. — Vão sair?

O menino respondeu:

— Não. Estamos apenas descendo para brincar.

— Ele olhou para Nim. — Quem é ele?

— É o sr. Goldman. Vamos sair juntos. — Ela explicou para Nim: — São meus vizinhos e amigos.

Eles se cumprimentaram enquanto o elevador descia. Depois, o garoto perguntou:

— Karen, posso tocar em sua mão?

— Claro.

Ele o fez, correndo os dedos gentilmente e depois perguntando:

— Pode sentir?

— Posso, sim, Philip. Você tem mãos suaves.

Ele pareceu ficar interessado e satisfeito. Sem querer ficar para trás, a menina indagou:

— Karen, quer que eu mude suas pernas de posição?

— Bem... está certo.

Com cuidado, aparentemente sabendo o que fazer, a menina levantou a perna direita de Karen e cruzou-a sobre a esquerda.

— Obrigada, Wendy.

No saguão lá embaixo, as crianças se despediram e saíram correndo. Nim comentou:

— Foi maravilhoso, Karen...

— Sei disso. — Ela sorriu, feliz. — As crianças são tão naturais... Não sentem medo nem ficam confusas, como os adultos. Assim que me mudei para cá, as crianças do prédio viviam me fazendo perguntas: "O que há com você?!", "Por que não pode andar?" Os pais, sempre que ouviam, diziam prontamente: "Psiu!" Levei algum tempo, mas consegui fazer com que todos compreendessem que não me importo com as perguntas; ao contrário, até as aprecio. Mas ainda existem muitos adultos que ficam constrangidos. Quando me vêem, desviam o olhar.

Josie estava esperando com o furgão diante da entrada do prédio. O veículo era um Ford, pintado de verde-claro; a porta corrediça no lado já estava

aberta. Karen manobrou a cadeira de maneira a ficar de frente para a porta, a poucos passos de distância.

— Se ficar observando, Nimrod, vai descobrir o que o sr. Paulsen fez para que eu possa entrar no Humperdinck com mais facilidade.

Enquanto Karen falava, Josie tirava do interior do veículo dois pedaços de trilhos de aço, que prendeu na base da porta, baixando as outras extremidades até o chão. Entre o interior do furgão e a calçada havia agora uma rampa dupla, a largura combinando com as rodas da cadeira de Karen.

Josie entrou no furgão e pegou um gancho na extremidade de um cabo de aço, que estava preso a um guincho elétrico no outro lado. Prendeu o gancho numa argola na cadeira de rodas, depois voltou para junto do guincho. Apertou um botão.

— Lá vamos nós! — disse Karen.

A cadeira de rodas foi suavemente puxada pela rampa acima. Uma vez lá dentro, Josie virou a cadeira, ajeitando as rodas em duas depressões no chão, prendendo-as com um ferrolho. Sorrindo, Josie disse para Nim:

— Vá na frente, sr. Goldman. Com a motorista.

Ao saírem do pátio do prédio e entrarem no tráfego, Nim virou-se no banco da frente para falar com Karen. Voltou ao assunto que estava prestes a

abordar quando haviam entrado no elevador:

— Se houver uma grave escassez de petróleo, certamente haverá blecautes temporários. Sabe o que isso significa?

Karen assentiu.

— Significa que o fornecimento de energia elétrica será deliberadamente cortado em lugares diferentes, por algumas horas de cada vez.

— Exatamente. Provavelmente começaremos com três horas por dia, depois passaremos a períodos mais prolongados, se a situação se agravar. Se isso acontecer, no entanto, darei um jeito de avisá-la com bastante antecedência, a fim de que possa ir para um hospital que disponha de geradores.

— É o Redwood Grove — disse Karen. — Foi para lá que Josie e eu seguimos na noite em que os tais Amigos da Liberdade explodiram as subestações e houve um blecaute.

— Vou descobrir amanhã como estão os geradores do Redwood Grove — prometeu Nim. — As vezes, esses geradores de reserva não valem nada, porque não recebem a manutenção apropriada. Quando Nova Iorque sofreu seus grandes blecautes, muitos nem sequer funcionaram.

— Não vou me preocupar... não com você cuidando de mim, Nimrod.

Josie era uma boa motorista, e Nim relaxou durante o trajeto até o Palácio das Artes, onde a orquestra sinfônica da cidade estava se apresentando. Na entrada principal, enquanto Josie estava descarregando a cadeira de rodas de Karen, prontamente apareceu ajuda na pessoa de um porteiro uniformizado; ele conduziu Karen e Nim, por uma porta lateral, até o elevador, que os levou ao balcão nobre. Ficaram na parte da frente de um camarote a que se chegava por uma rampa móvel, que facilitava a passagem da cadeira de rodas, sempre que necessário. Era evidente que o Palácio das Artes estava preparado para acomodar pessoas em cadeiras de rodas entre seus freqüentadores.

Depois que se acomodaram, Karen olhou ao redor e disse:

— É um tratamento todo especial, Nimrod. Como conseguiu?

— A velha GSP & L, como a chama, ainda tem alguma influência:

Fora Teresa van Buren quem providenciara tudo, a pedido de Nim. Quando ele se dispôs a pagar, Tess respondeu:

— Esqueça! Ainda restam uns poucos privilégios aos executivos. Trate de aproveitá-los enquanto há tempo.

Nim suspendeu o programa para que Karen pudesse ler. Mas, depois de um momento, ela sacudiu a cabeça.

— Gosto muito de ouvir, mas estou convencida de que a crítica musical e os comentários de programas são escritos por pessoas que tentam provar como são inteligentes.

Nim não pôde deixar de rir.

— Concordo plenamente.

No momento em que as luzes diminuíram e o maestro apareceu em meio aos aplausos, Karen disse, suavemente:

— Nimrod, as coisas entre nós estão diferentes, não é mesmo? Nim ficou aturdido com a percepção dela, mas não houve tempo para responder, porque a música logo começou.

O programa compunha-se das obras de Brahms; começou com Variações sobre um tema de Haydn, seguido ao Concerto para Piano n. 02 em si bemol maior. O solista, excepcional, era Eugene Istomin. O Concerto para Piano estava entre as peças prediletas de Nim. E, a julgar pela expressão extasiada dela, também de Karen. Durante o terceiro movimento, com sua comovente e impressionante melodia em *cello*, Nim pôs a mão sobre a de Karen. Quando ela virou a cabeça, ele percebeu que os

olhos dela estavam cheios de lágrimas.

Finalmente a música terminou, sob aplausos entusiásticos, aos quais Nim se juntou. — "Por nós dois, Nimrod, por favor!", pediu Karen —, e as luzes se acenderam para o intervalo.

Enquanto os outros se levantavam para dar uma volta, Nim e Karen permaneceram no camarote. Ambos ficaram em silêncio por um momento, até que ela disse:

— Se quiser, pode responder a minha pergunta agora.

Nim não precisava indagar qual era a pergunta. Suspirando ele disse:

— Acho que nada continua igual para sempre.

— Seríamos tolos se esperássemos que isso acontecesse — concordou Karen. — Quero que saiba que eu jamais pensei assim. É bom sonhar de vez em quando, desejar o impossível, querer que tudo de bom dure para sempre. Mas, se aprendi uma coisa, foi ser realista. Seja franco comigo, Nimrod. O que aconteceu? O que mudou entre a última vez e agora?

Nim contou tudo. Falou sobre Ruth, o câncer que se espalhara pelo corpo dela, ameaçando-lhe a vida, como havia reencontrado, por causa disso, o que por muito tempo estivera perdido.

Karen ouviu em silêncio e depois disse:

— No momento em que o vi esta noite, compreendi que havia algo diferente, algo importante e pessoal. Agora que sei o quê, de certa forma me sinto contente, por você. E triste também, é claro, especialmente por sua esposa.

— Podemos ter sorte.

— É o que espero. Algumas pessoas têm...

A orquestra estava voltando para a segunda parte do concerto. Os espectadores voltavam a seus lugares. Karen murmurou:

— Não devemos mais ser amantes. Não seria justo nem direito. Mas espero que continuemos a ser amigos e que eu torne a vê-lo de vez em quando.

Nim tocou a mão dela e conseguiu balbuciar, antes de a música começar:

— Amigos... para sempre...

Na volta, eles ficaram mais silenciosos do que na ida. Josie também parecia ter percebido a mudança e pouco falou. Recebeu-os à saída com o Humperdinck, pois tinha ido visitar uns amigos enquanto Nim e Karen estavam no Palácio das Artes.

Depois de algum tempo, virando-se no banco da frente para fitar Karen, Nim disse:

— Falou antes que estava preocupada com seu pai. Não quis falar a respeito na ocasião. Gostaria de

falar agora?

— Não há muito o que dizer. Tenho certeza de que papai está metido em alguma encrenca... creio que financeira. Já fez algumas insinuações, mas não quer me dizer exatamente o que é. Porém, sei que significa que não vou poder contar com o Humperdinck por muito mais tempo.

Nim ficou chocado.

— Mas por quê?

— As prestações são demais para meus pais. Acho que lhe contei que o banco não quis emprestar o dinheiro a papai e por isso ele teve de pedir emprestado a uma financeira, com juros muito mais altos. Tenho a impressão de que isso, mais as dificuldades nos negócios, deixaram-no numa situação crítica.

— Escute, Karen, eu gostaria de ajudar...

— Não! Já disse uma vez antes, Nimrod, que jamais aceitaria dinheiro seu. E estava falando sério. Você tem sua própria família para cuidar. E, por mais que eu ame o Humperdinck, vivia antes sem ele e posso voltar a viver. É com papai que estou preocupada.

— Eu gostaria realmente que houvesse alguma coisa em que pudesse ajudar...

— Continue meu amigo, Nimrod. Isso é tudo o

que peço.

Eles se despediram, com um beijo terno, não mais ardoroso, diante do prédio em que Karen morava. Por sugestão dela, alegando que estava cansada, Nim não subiu. Afastou-se tristemente de volta a seu carro, estacionado a um quarteirão.

Na última semana de março, a dramática crise do petróleo, irrompendo abruptamente, ofuscou tudo o mais, dominando o noticiário nacional e internacional.

— E como se fosse uma guerra iminente — comentou alguém numa reunião do comitê executivo da GSP & L. — A gente fica pensando que não vai acontecer, e tudo parece irreal, até que os canhões começam a disparar.

Não havia nada de irreal na decisão unânime das nações da OPEP. Seus membros — os países árabes, o Irã, a Venezuela, a Indonésia e a Nigéria — haviam determinado poucos dias antes: depois que os petroleiros que estavam em alto-mar e nos portos americanos descarregassem, mais nenhum petróleo seria enviado para os Estados Unidos até que estivesse resolvida a divergência sobre o pagamento.

As nações da OPEP afirmavam que dispunham de amplas reservas de dólares para agüentar o embargo; muito maiores do que os estoques de petróleo dos Estados Unidos, faziam questão de dizer.

— Infelizmente, é verdade — disse aos repórteres em Washington o exausto secretário de Estado,

chegando de viagem, num momento vulnerável e antidiplomático.

Na Golden State Power & Light, assim como em todo o país, estavam sendo tomadas decisões políticas urgentes. Na esfera da GSP & L, a questão não era "se" haveria blecautes temporários disseminados, mas sim "quando" e em que extensão.

Os dois anos anteriores de seca na Califórnia e as poucas nevascas na serra Nevada estavam agravando o problema, porque as reservas hidrelétricas estavam muito abaixo do nível normal.

Nim, cuja função como vice-presidente de planejamento situava-o no centro de atividades, empenhou-se numa sucessão de agitadas reuniões, para rever planos de emergência e definir prioridades.

Enquanto isso, algumas prioridades nacionais e estaduais já haviam sido determinadas.

O presidente dos Estados Unidos ordenara imediatamente o racionamento de gasolina, e um sistema auxiliar de cupons já estava preparado, para ser acionado em poucos dias, em caso de necessidade. Adicionalmente, a venda de gasolina estava suspensa, da noite de sexta-feira até a manhã de segunda.

Washington também determinara o cancelamento de todos os grandes eventos esportivos e ou-

tras atrações que pudessem provocar a formação de multidões, além do fechamento dos parques nacionais. O objetivo era reduzir as viagens desnecessárias, especialmente em automóveis. Comentou-se que os teatros e cinemas poderiam também ser fechados, mais tarde.

Todas as companhias de energia elétrica que usavam petróleo receberam ordem de reduzir o consumo, diminuindo em cinco por cento sua capacidade de geração.

As companhias que trabalhavam à base de carvão, principalmente na região central dos Estados Unidos, receberam instruções para transmitir tanta energia quanto pudessem dispor para as regiões leste e oeste, que seriam gravemente afetadas pelo embargo do petróleo, e onde se previa o desemprego em massa nas fábricas e outros empreendimentos que seriam prejudicados pela escassez de energia. O plano recebeu o nome de "Carvão na linha". Contudo, seu efeito seria limitado, em parte porque a região central dos Estados Unidos precisava de quase toda a energia gerada para o consumo local, em parte porque as linhas de transmissão de longa distância eram relativamente poucas.

Em muitas áreas, as escolas estavam sendo fechadas e só seriam reabertas no verão, quando as

necessidades de aquecimento e iluminação seriam muito menores. As reduções nas viagens aéreas estavam sendo estudadas e seriam em breve anunciadas.

O público foi advertido de que medidas mais drásticas, inclusive fins de semana de três ou mesmo quatro dias, seriam em seguida adotados, se não houvesse melhoria na crise do petróleo.

Acompanhando todas as medidas oficiais, havia súplicas para o racionamento voluntário de energia, em todas as suas formas.

Na Golden State Power & Light, todas as discussões eram ofuscadas pelo conhecimento de que as reservas de petróleo disponíveis só dariam para trinta dias de operações normais.

Como ainda se esperava a chegada de mais algum petróleo dos petroleiros que estavam a caminho, ficou decidido que os blecautes temporários seriam adotados a partir da segunda semana de maio. Depois disso, as interrupções no fornecimento de energia seriam inicialmente de três horas por dia; em seguida, haveria necessidade de medidas mais draconianas.

Mas sabia-se que até mesmo as interrupções iniciais seriam altamente prejudiciais à economia do Estado. Nim, assim como as outras pessoas direta-

mente envolvidas, tinha conhecimento de que a situação era crítica. Mas o público em geral ainda não havia compreendido, ou talvez se recusasse a aceitar, o significado do que estava acontecendo.

Além de suas funções de planejamento e por causa de sua reintegração no cargo de porta-voz da companhia, Nim era constantemente convocado para explicar a situação atual e suas perspectivas. Achou que era responsabilidade demais e disse a Teresa van Buren:

— Pode deixar que falarei em todas as ocasiões mais importantes. Mas use seu próprio pessoal para resolver os problemas menores.

Teresa concordou. No dia seguinte, ela foi à sala de Nim e disse:

— Há um programa de televisão ao meio-dia chamado Intervalo para o almoço.

— Pode acreditar, Tess, nunca assisti.

— Muito engraçado... Mas não seja tão precipitado ao escarnecer dos programas de televisão diurnos. Há pelo menos um milhão de donas-de-casa que assistem a esse programa. E amanhã eles querem que alguém explique a crise de energia elétrica.

— E esse alguém serei eu?

— Claro! Quem poderia explicar melhor?

Nim sorriu.

— Está certo. Mas vai ter de fazer uma coisa por mim. Todas as emissoras de televisão são especialistas em desperdício de tempo. Pedem para a gente chegar bem cedo, e nos deixam esperando interminavelmente. Sabe que ando muito ocupado atualmente, como sempre. Por isso, dê um jeito para que entre e saia depressa.

— Vou acompanhá-lo pessoalmente e prometo que darei um jeito para que não se demore.

Mas a promessa não foi cumprida.

O Intervalo para o almoço era um programa de uma hora e entrava no ar ao meio-dia. A vice-presidente de relações públicas e Nim chegaram aos estúdios de televisão às onze horas e cinqüenta minutos. Foram recebidos por uma jovem assistente do programa; como muita gente que trabalhava na televisão, seus trajes e sua aparência eram os de uma estudante recém-formada. Exibia a típica identificação do ofício — uma prancheta —, e os óculos estavam presos no cabelo.

— Oi, sr. Goldman! Será o último a entrar no ar, às dez para a uma.

— Ei, essa não! — protestou Teresa van Buren.
— Asseguraram-me que o sr. Goldman seria o primeiro. Ele é um dos nossos principais executivos e seu tempo é valioso, especialmente agora.

— Sei disso. — A assistente sorriu suavemente.
— Mas o produtor mudou de idéia. O assunto do sr. Goldman é um tanto pesado e pode deprimir a audiência.

— Eles já deveriam estar deprimidos — comentou Nim.

— Se ficarem deprimidos e desligarem, nosso programa estará de qualquer forma terminado — disse a jovem, firmemente. — Enquanto esperam, não querem ficar no estúdio? Assim, poderão assistir ao resto do programa.

Teresa olhou para Nim, erguendo as mãos num gesto de impotência. Resignado, embora sabendo quanto trabalho urgente poderia realizar naquela hora inútil, Nim murmurou:

— Está certo.

A jovem assistente, que já representara aquela cena muitas vezes, disse:

— Venham comigo, por favor.

O estúdio de TV, movimentado e intensamente iluminado, procurava reproduzir o ambiente de uma sala de estar. O centro de tudo era um sofá alaranjado, ocupado por dois entrevistadores, Jerry e Jean, jovens, animados, sintonizados, *beautiful people*. Três câmaras de televisão rondavam na frente, num semicírculo. Os convidados iam se juntar aos

entrevistadores, sob as luzes intensas, um a um. O primeiro segmento de dez minutos do programa foi dedicado a um urso dançarino de um circo em visita à cidade, o segundo a uma avó de setenta anos que viajara desde Chicago em patins.

— Usei cinco pares de patins — gabou-se ela.
— E teria chegado mais depressa, se a polícia não me impedisse de viajar nas auto-estradas interestaduais.

Imediatamente antes de Nim apresentou-se o "Médico da família" do Intervalo para o almoço.

— Ele vai ao ar todos os dias e tem uma tremenda audiência — informou a jovem assistente, num sussurro. — Muita gente liga especialmente para assistir ao programa dele. Por isso, quando o senhor entrar, logo a seguir, todo mundo estará assistindo.

O médico, na casa dos cinquenta anos, cabelo grisalho, aparência distinta, era um verdadeiro artista, conhecendo todos os recursos do manual da televisão, inclusive como sorrir candidamente, quando bancar o médico paternal e o momento propício para apresentar um diagrama simplista do estômago.

— Meu assunto de hoje é a prisão de ventre — informou ele à audiência invisível. Nim ficou obser-

vando e escutando, fascinado.

— Muitas pessoas se preocupam desnecessariamente. O que não se deve fazer é tomar laxantes. Milhões de dólares em laxantes são vendidos todos os anos... um desperdício total. Muitos são até prejudiciais à saúde. Quase sempre, a prisão de ventre é imaginária. Um movimento diário dos intestinos nem sempre é necessário... Deixem que se processe seu ciclo natural. Para alguns, ficar de cinco a sete dias sem ir ao banheiro é normal. Sejam pacientes, esperem... Um problema verdadeiro: algumas pessoas não atendem imediatamente ao chamado da natureza. Estão ocupadas e por isso adiam. Isso é péssimo. Os intestinos ficam desencorajados, cansados de tentar... Comam alimentos que auxiliem os movimentos dos intestinos., bebam bastante água para que permaneçam úmidos...

Teresa van Buren inclinou-se e murmurou:

— Desculpe, Nim...

— Não há por que se desculpar, Tess. Eu não gostaria de perder esse espetáculo por nada neste mundo. Só espero que eu não seja um anticlímax.

O médico saiu do ar, um comercial entrou em seu lugar. A jovem assistente pegou Nim pelo braço.

— É a sua vez, sr. Goldman.

Ela o acompanhou até o centro do cenário, onde Nim se sentou. Enquanto o comercial continuava, Nim apertou as mãos dos entrevistadores. Tense, Jerry o avisou:

— Estamos atrasados e não dispomos de muito tempo. Por isso, dê respostas bem curtas.

Ele recebeu, de outra jovem assistente, algumas anotações. Depois, como se tivesse ligado um interruptor, o sorriso do apresentador ressurgiu e ele se virou na direção de uma das câmaras.

— Nosso último convidado de hoje é um grande conhecedor de energia elétrica e petróleo. Ele é...

Depois da apresentação, Jean perguntou a Nim, jovialmente:

— É verdade que vamos ter realmente cortes no fornecimento de energia, ou isso não passa de outra tática de apavoramento, algo que no final acaba não acontecendo?

— Não é tática de apavoramento e vai mesmo acontecer. — "Estão querendo respostas curtas", pensou Nim, "pois aí está."

Jerry estava consultando as anotações que recebera.

— Sobre a suposta escassez de petróleo...

Nim interrompeu-o rapidamente:

— Não tem nada de suposta. É real.

O sorriso do entrevistador aumentou.

— Vamos deixá-lo escapar impune com essa. — Ele voltou a consultar as anotações. — Não tivemos recentemente uma superabundância de petróleo na Califórnia, vinda do Alasca, através de um oleoduto?

— Houve alguns excedentes locais temporários — confirmou Nim. — Mas agora, com o resto do país precisando desesperadamente de petróleo, todo e qualquer excedente vai desaparecer rapidamente.

— Parece uma posição um tanto egoísta — disse Jean —, mas não podemos manter esse petróleo do Alasca na Califórnia?

— Não. — Nim sacudiu a cabeça, aumentando a ênfase. — O governo federal é quem está controlando o assunto e já definiu um programa de distribuição. Cada Estado e cada cidade do país estão pressionando Washington, exigindo uma cota. Mas não sobráá muita coisa para ninguém quando o petróleo interno disponível for distribuído.

— Pelo que estou informado — disse Jerry, sacudindo as anotações —, a Golden State Power possui um suprimento de petróleo para trinta dias. A situação não parece tão ruim assim.

— O dado é verdadeiro num sentido, mas ilusório em outro — explicou Nim. — Por um lado, é

impossível usar o petróleo até o fundo de cada tanque. Por outro, o petróleo nem sempre está disponível onde é mais necessário. Uma usina geradora pode ficar sem petróleo, enquanto outra ainda possui uma reserva para vários dias. Os recursos para transportar grandes quantidades de petróleo são limitados. Por tudo isso, seria mais realista fixar-se um prazo de vinte e cinco dias.

— Pois vamos esperar que tudo volte ao normal antes que se esgotem esses vinte e cinco dias — comentou Jerry.

— Não há a menor possibilidade de isso acontecer — assegurou Nim. — Mesmo que se chegue a um acordo com as nações produtoras de petróleo da OPEP, será necessário pelo menos...

— Com licença, mas nosso tempo está acabando e tenho outra pergunta a fazer, sr. Goldman — disse Jean. — Sua companhia não poderia ter previsto o que ia acontecer e formulado outros planos para uma emergência dessas?

Nim ficou atônito com a afronta, a injustiça, a tremenda ingenuidade da pergunta. A raiva o invadiu. Conseguindo dominá-la a custo, ele respondeu:

— A Golden State Power & Light vem tentando fazer justamente isso há pelo menos dez anos. Mas tudo o que a nossa companhia propôs... usinas geo-

térmicas, de bombeamento e acumulação, à base de carvão, nucleares... enfrentou a oposição, foi protegido ou impedido por...

Jerry tornou a interrompê-lo:

— Lamento muito, mas nosso tempo acabou. Muito obrigado por ter comparecido, sr. Goldman.

— Virando-se para outra câmara, ele acrescentou: — Entre os convidados interessantes de Intervalo para o almoço de amanhã, haverá um swami indiano e...

Ao saírem do prédio da emissora, Teresa van Buren, desanimada, disse para Nim:

— Mesmo agora, ninguém acredita em nós, não é mesmo?

— Eles vão acreditar muito em breve, Tess... assim que começarem a ligar os interruptores e não acontecer nada.

Enquanto os preparativos para os blecautes prosseguiam e uma sensação de crise dominava a GSP & L, as incongruências persistiam.

Por exemplo: as audiências da Comissão de Energia sobre Tunipah continuavam inalteradas, no mesmo ritmo irritante inicial. Durante um almoço em companhia de Eric Humphrey e Nim, Oscar O'Brien comentou:

— Um extraterrestre que chegasse de Marte e tivesse um mínimo de bom senso iria imaginar que,

tendo em vista a atual situação de emergência no setor de energia, o sistema para a autorização de projetos como Tunipah, Fincastle e o Portão do Diabo devesse ser acelerado. Pois o sr. Marciano de Bom Senso estaria redondamente enganado.

O advogado comeu sombriamente uma parte do almoço, antes de continuar:

— Quando se está naquelas audiências, ouvindo os depoimentos, com os mesmos argumentos de sempre, fica-se com a impressão de que ninguém sabe ou não se importa com o que está acontecendo no mundo real, lá fora. Por falar nisso, temos um novo grupo combatendo Tunipah. Intitula-se CCPED. Se bem me lembro, isso significa Cruzados Contra Projetos de Energia Desnecessários. Em comparação com as acusações desses Cruzados à Golden State Power & Light, Davey Birdsong era um amigo e aliado.

— A oposição é uma hidra de incontáveis cabeças — disse Humphrey. E acrescentou, depois de uma breve pausa: — O apoio do governador a Tunipah não parece ter causado um efeito muito significativo, se é que causou algum.

— Isso porque as burocracias são mais fortes do que os governadores, presidentes... do que qualquer um de nós — respondeu Oscar O'Brien. — Combater

a burocracia atualmente é como se debater num mar de lama em que se está afundado até os ombros. Vou fazer uma previsão: quando os blecautes atingirem o prédio da Comissão de Energia, as audiências sobre Tunipah continuarão à luz de velas... sem qualquer alteração.

Quanto aos projetos de Fincastle e do Portão do Diabo, informou O'Brien, os órgãos responsáveis ainda não tinham nem mesmo fixado as datas para o início das audiências.

Ao desapontamento geral de Oscar O'Brien, assim como ao de Nim, crescia-se o da Pesquisa do Consumidor, distribuída no bairro de North Castle.

Quase três semanas já se haviam passado desde que o questionário meticulosamente planejado fora remetido pelo correio, e agora parecia que a tentativa de atrair para uma armadilha o líder terrorista, Georgos Archambault, fracassara inteiramente, fora um desperdício de tempo e dinheiro.

Alguns dias depois da remessa, centenas de respostas haviam chegado e outras continuaram a ser recebidas nas semanas subseqüentes. Uma grande sala no subsolo da sede da GSP & L fora destinada para receber as respostas, e uma equipe de oito homens estava ali trabalhando. Seis haviam sido emprestados por diversos departamentos da

companhia e dois eram do gabinete do promotor distrital. Estavam examinando meticulosamente todos os questionários devolvidos.

O gabinete do promotor distrital também enviara ampliações fotográficas de amostras da caligrafia retiradas do diário de Georgos Archambault. Para evitar qualquer equívoco, cada questionário era examinado por três homens separadamente. O resultado era claro: a caligrafia de nenhuma das respostas tinha qualquer semelhança com as amostras dos originais de Georgos Archambault.

Agora, a equipe especial estava reduzida a dois homens. Os demais haviam voltado a suas funções normais. Umas poucas respostas continuavam a chegar e estavam sendo rotineiramente examinadas. Mas parecia improvável, àquela altura dos acontecimentos, que se tivesse notícias de Georgos Archambault.

Para Nim, de qualquer forma, o problema se tornara muito menos importante do que a grave crise do petróleo, que ocupava seus dias e noites de trabalho.

Durante uma reunião sobre petróleo depois do expediente, no gabinete de Nim, com a presença do diretor de Suprimento de Combustível, do chefe do Departamento de Previsão de Carga e de mais ou-

tros dois chefes de departamentos, ele recebeu um telefonema que nada tinha a ver com o assunto em debate, mas que o deixou profundamente perturbado.

Victoria Davis, a secretária de Nim, também estava trabalhando depois do expediente e tocou o interfone, interrompendo a reunião. Irritado, Nim atendeu e disse bruscamente:

— O que é?

— A srta. Karen Sloan está ao telefone — informou Vicki. — Eu não queria interrompê-lo, mas ela insistiu, dizendo que era muito importante.

— Diga a ela... — Nim hesitou; ia dizer que ligaria mais tarde ou na manhã seguinte, mas mudou de idéia subitamente. — Pode deixar que vou atender.

Pedindo licença aos outros, ele apertou o botão aceso no aparelho.

— Olá, Karen.

Sem qualquer preliminar, com a voz tensa, Karen foi logo dizendo:

— Nimrod, meu pai está metido numa encrência terrível. Estou telefonando para ver se pode ajudá-lo.

— Qual é a encrência?

Nim recordou-se da noite em que fora com Ka-

ren ao concerto sinfônico, quando ela dissera mais ou menos a mesma coisa, sem ser mais específica.

— Obriguei mamãe a me contar. Papai não queria falar. — Karen fez uma pausa. Nim compreendeu que ela estava fazendo um esforço para recuperar o controle. — Creio que já sabe que papai tem um pequeno negócio de instalação de encanamentos...

— Sei, sim. — Nim se lembrou de que Luther Sloan falara a respeito de sua pequena empresa no dia em que haviam se encontrado no apartamento de Karen. Fora nesse mesmo dia que tanto o pai como a mãe haviam revelado a Nim seu sentimento de culpa pela filha tetraplégica.

— Pois papai foi interrogado várias vezes por gente de sua companhia, Nimrod, e agora por detetives da polícia.

— Interrogado a respeito de quê?

Karen hesitou novamente, antes de responder:

— Segundo mamãe me contou, papai fazia uma porção de trabalhos para uma companhia chamada Quayle. O trabalho era em tubulações de gás, alguma coisa relacionada com os medidores.

— Diga novamente o nome da companhia, Karen.

— É Quayle. Por acaso a conhece?

— Conheço...

Parecia quase certo, pensou Nim, que Luther Sloan estivesse também envolvido no desvio de gás. Embora Karen não soubesse, a referência às tubulações de gás e aos medidores era uma delação involuntária. Isso e mais a alusão à Quayle, os ladrões de energia em grande escala, já denunciados e ainda sendo investigados por Harry London. O que fora mesmo que Harry havia dito recentemente? "Há uma porção de casos novos, além de outros decorrentes da investigação da Quayle." Parecia não haver a menor dúvida de que Luther Sloan estava incluído entre os "outros".

A notícia abrupta, a compreensão de todas as implicações, tudo contribuiu para deixá-lo bastante deprimido. Pressupondo que seu palpite fosse correto, imaginou por que o pai de Karen teria feito tal coisa. Provavelmente pela razão habitual, pensou Nim: dinheiro. Ocorreu-lhe nesse momento que podia também imaginar o destino que dera a esse dinheiro.

— Se é o que estou pensando, Karen, a situação de seu pai é bastante difícil e não sei se poderei fazer alguma coisa para ajudá-lo. — Nim estava consciente da presença dos subordinados na sala, esperando enquanto ele falava ao telefone, procurando

dar a impressão de que não estavam ouvindo. — Seja como for, não há nada que se possa fazer esta noite — acrescentou ao telefone. — Mas vou descobrir o que for possível amanhã de manhã e depois lhe telefonarei.

Compreendendo que devia estar parecendo extremamente formal, Nim explicou que naquele momento se encontrava numa reunião em sua sala. Karen se mostrou arrependida.

— Oh, desculpe, Nimrod! Eu não deveria tê-lo incomodado!

— Pode me telefonar quando quiser, Karen. E amanhã farei tudo o que puder.

Retomando a conversa sobre os suprimentos de petróleo, Nim fez um esforço para concentrar-se no que estava sendo dito. Mas, por diversas vezes, seu pensamento se desviou. E perguntou a si mesmo, silenciosamente: será que a vida, que desfechara tantos golpes dolorosos em Karen Sloan, estaria prestes a desfechar mais um?

Insistentemente, algumas vezes quando estava dormindo, outras acordado, uma recordação atormentava Georgos Winslow Archambault.

Era a recordação de um dia de verão, havia muitos e muitos anos, em Minnesota, logo depois de seu décimo aniversário. Fora passar os feriados escolares numa fazenda — esquecera exatamente por que ou como. Georgos e outro menino de sua idade, filho do dono da fazenda, resolveram fazer uma expedição a um velho celeiro, para caçar ratos. Mata-ram diversos ratos cruelmente, usando ancinhos com pontas afiadas para espetá-los. Finalmente, um rato imenso ficou encurralado num canto. Georgos recordava-se dos olhos brilhantes do animal, enquanto os dois se aproximavam. Em desespero, o rato atacou dando um salto e cravando os dentes na mão do outro menino, que gritou de dor. Mas o rato sobreviveu apenas por alguns segundos, porque Georgos o lançou no chão com seu ancinho e depois o matou.

Mas, por alguma razão, ele jamais esqueceu a atitude de desafio do rato antes de seu fim inevitável.

Agora, no esconderijo em North Castle, ele sentia uma terrível afinidade com o rato.

Quase oito semanas já se haviam passado desde que fora para o novo esconderijo. Era algo que o surpreendia. Não esperava sobreviver por tanto tempo, depois da abundância de publicidade a respeito dele e dos Amigos da Liberdade, em seguida ao ataque ao Christopher Columbus Hotel. Descrições de Georgos haviam sido amplamente divulgadas, e suas fotografias, encontradas na casa da Crocker Street, haviam aparecido na televisão e nos jornais. Ele sabia, pelo noticiário, que fora montada uma gigantesca caçada humana a sua pessoa, em North Castle e outros lugares. Todos os dias ficava esperando que o descobrissem, ou que cercassem e invadissem o apartamento.

Mas isso não aconteceu.

A princípio, à medida que as horas e dias passavam, o principal sentimento de Georgos fora de alívio. Depois, quando os dias se transformaram em semanas, ele começou a se perguntar se não seria possível reconstituir os Amigos da Liberdade. Talvez pudesse recrutar novos seguidores para substituir os três que haviam sido mortos, Wayde, Ute e Felix. Poderia arrumar mais dinheiro, encontrar um contato externo que pudesse tornar-se um outro

Birdsong. E poderiam, talvez, retomar a guerra de Georgos contra o odiado inimigo.

Ele pensou nessa perspectiva, ansiosamente, sonhadoramente, por vários dias. Depois, apesar da relutância, enfrentou a realidade implacável, e abandonou a idéia.

Não havia qualquer possibilidade. Não havia chance de reconstituir os Amigos da Liberdade, assim como também não havia possibilidade de Georgos sobreviver. As últimas semanas haviam sido apenas uma trégua inesperada, um adiamento do inevitável; e isso era tudo.

Georgos sabia que estava chegando ao fim da linha.

Estava sendo caçado por todas as organizações policiais, e continuaria a sê-lo, enquanto vivesse. Seu nome e seu rosto eram conhecidos; as mãos manchadas por substâncias químicas haviam sido descritas; era apenas uma questão de tempo alguém reconhecê-lo, em algum lugar. Não dispunha de recursos nem de ajuda, não tinha outro lugar para ir, e, o que era mais crítico, o dinheiro que levava para o esconderijo já estava quase acabando. Portanto, sua captura era inevitável... a menos que decidisse antecipar tudo acabando com a própria vida, numa atitude de desafio, a sua maneira.

E era exatamente o que tencionava fazer.

Como o rato da infância de que tão bem se recordava, iria desfechar um derradeiro gesto de luta e, se necessário, morrer como vivera, atacando o sistema que tanto odiava. Georgos já decidira: iria explodir uma parte crucial de uma usina geradora da GSP & L. Havia um meio de fazê-lo causando o máximo possível de danos, e seus planos estavam começando a tomar uma forma mais concreta.

Eram baseados no ataque que ele pensara em realizar, junto com os outros combatentes dos Amigos da Liberdade, antes de Davey Birdsong apresentar a idéia de explodir a convenção do Instituto Nacional de Eletricidade. Nesse momento, Georgos estava reconstituindo o plano original, embora tivesse de executá-lo sozinho.

Já avançara uma parte do caminho na realização de seu objetivo ao assumir um risco temerário, no mesmo dia em que fora para o novo esconderijo.

A primeira conclusão a que Georgos chegou naquele dia, ao analisar sua situação, foi a de que precisava urgentemente de um meio de transporte. Não podia dispensar um veículo. Tivera de abandonar a pick-up vermelha do Serviço de Proteção contra Incêndios porque não poderia usá-la sem ser reconhecido. Mas era essencial ter um substituto.

Não havia possibilidade de comprar um veículo de qualquer espécie. Por um lado, era arriscado demais. Por outro, não dispunha de dinheiro suficiente, pois a maior parte das reservas dos Amigos da Liberdade ficara na casa da Crocker Street. Assim, raciocinou Georgos, a única possibilidade era recuperar sua Kombi, que poderia já ter sido descoberta pelos porcos e estar sendo vigiada.

Guardava a Kombi numa garagem particular não muito longe da Crocker Street. Consciente do risco que estava assumindo e apostando na possibilidade de se antecipar à polícia, foi a pé até a garagem naquela mesma manhã, seguindo por ruas secundárias, sempre que possível.

Chegou sem problemas, pagou ao dono da garagem o que estava devendo e foi embora. Ninguém o interrogou, e ele passou despercebido na volta para North Castle. E a manhã ainda não havia chegado ao fim quando guardou a Kombi na garagem trancada contígua ao apartamento.

Animado pelo sucesso, Georgos se aventurou a sair novamente, para comprar comida e uma edição vespertina do *Califórnia Examiner*. Pelo jornal soube que uma repórter chamada Nancy Molineaux dera uma descrição da Kombi e que a polícia a estava procurando. O jornal do dia seguinte trazia uma no-

tícia a respeito, revelando que a garagem fora revisada pela polícia apenas meia hora depois da partida de Georgos.

Sabendo que uma descrição da Kombi fora distribuída, Georgos se absteve de usá-la novamente. Só voltaria a fazê-lo uma única vez... para o que poderia ser sua derradeira missão.

Havia diversas outras razões pelas quais era importante recuperar a Kombi.

Uma delas era o compartimento secreto que tinha no chão. Ali, cuidadosamente envoltas em espuma de borracha para evitar as vibrações, havia uma dúzia de bombas cilíndricas, cada uma contendo explosivo Tovex e um mecanismo de tempo.

Na Kombi havia também um pequeno bote de borracha inflável, ainda embrulhado como Georgos o comprara numa loja de material esportivo havia algum tempo, além do equipamento de mergulho, a maior parte também comprada na mesma ocasião. Todos os artigos eram essenciais ao audacioso projeto que ele estava planejando.

Nos dias que se seguiram à recuperação da Kombi, Georgos deixava o apartamento ocasionalmente, sempre depois do anoitecer; e, quando precisava comprar comida, jamais ia duas vezes à mesma loja. Usava também luvas claras, para esconder as

mãos. Além disso, num esforço para mudar sua aparência, mesmo que ligeiramente, havia raspado o bigode.

As notícias sobre os Amigos da Liberdade e o ataque ao hotel eram importantes para ele, não apenas porque gostava de ler a respeito de si próprio, mas também porque lhe proporcionavam indicações sobre o que a polícia e o FBI estavam fazendo. A pick-up abandonada do Serviço de Proteção contra Incêndios foi mencionada diversas vezes, mas havia também especulações sobre a possibilidade de ele ter saído da cidade e estar agora no leste. Uma notícia afirmava que ele fora visto em Cincinnati. Ótimo! Qualquer coisa que afastasse as atenções do lugar em que ele realmente estava era extremamente útil.

Ao ler o Examiner naquele primeiro dia, Georgos ficou espantado ao descobrir o quanto a repórter Nancy Molineaux parecia saber sobre suas atividades: Mas logo depois ele percebera que fora Yvette que de alguma forma tomara conhecimento de seus planos, e o traíra em seguida. Sem essa traição, a Batalha do Christopher Columbus Hotel (como agora gostava de pensar a respeito) teria sido uma vitória espetacular dos Amigos da Liberdade, ao invés de uma derrota inglória.

Georgos devia odiar Yvette pelo que ela fizera. Mas descobriu que não era capaz. Em vez disso, com uma fraqueza de que se envergonhava, sentia pena dela e da maneira como havia morrido (descrita pelo jornal) na colina Solitária.

Por mais incrível que pudesse parecer, ele sentia mais saudade de Yvette do que jamais julgara possível.

Talvez, pensou Georgos, ele estivesse ficando sentimental e tolo porque o seu tempo também se esgotava. Mas sentia-se aliviado, pois nenhum de seus colegas revolucionários jamais saberia qualquer coisa a respeito disso.

Os jornais haviam levantado a história pessoal de Georgos. Um repórter, que descobriu o registro de nascimento de Georgos na cidade de Nova Iorque, ficou sabendo que ele era o filho ilegítimo de uma antiga deusa grega do cinema e de um rico playboy americano chamado Winslow, neto de um pioneiro da indústria automobilística. Pouco a pouco, toda a história acabou vindo à tona.

A deusa do cinema não quisera admitir que tivera um filho, receando que isso pudesse destruir sua imagem juvenil. O playboy não se importava com coisa alguma, exceto evitar os envolvimento pessoais e as responsabilidades.

Por isso, Georgos fora mantido escondido e tivera diversos pais adotivos ao longo da infância, jamais tendo gostado de nenhum. O nome Archambault vinha de um ramo da família da mãe.

Até os nove anos, Georgos só se encontrara com o pai uma vez e com a mãe, três vezes. Depois disso, nunca mais vira nenhum dos dois. Quando criança, desejava intensamente encontrar os pais; mas eles estavam igualmente determinados, por motivos diferentes, egoísticos, a não vê-lo.

Aparentemente, a mãe de Georgos tivera um pouco mais de consciência que o pai. Pelo menos, ela mandara para Georgos quantias substanciais, através de uma firma de advocacia ateniense, permitindo-lhe cursar Yale e obter um Ph. D., e mais tarde financiar os Amigos da Liberdade.

A antiga atriz de cinema, agora muito longe de uma deusa na aparência, declarou-se chocada ao ser informada pelos repórteres sobre a aplicação de uma parte de seu dinheiro. Paradoxalmente, no entanto, ela pareceu apreciar a atenção que estava recebendo de todos por causa de Georgos; talvez porque estivesse vivendo no anonimato, num apartamento, miserável nos arredores de Atenas, e bebendo muito. Além disso, estava doente, embora se recusasse a falar sobre seu mal.

Quando as atividades de Georgos lhe foram descritas em detalhes, ela comentou:

— Isso não é um filho, mas um diabo!

Quando uma repórter lhe perguntou se não achava que sua própria negligência com Georgos fora em grande parte responsável pelo que ele se tornara, a antiga atriz cuspiu no rosto da jovem.

Em Manhattan, o pai de Georgos, um envelhecido playboy, esquivou-se à imprensa por vários dias. Ao ser finalmente descoberto por um repórter num bar da 59^a Street, ele negou a princípio qualquer envolvimento com a atriz de cinema, afirmando que nunca tinha tido um filho. Porém, quando lhe apresentaram provas de sua paternidade, ele deu de ombros e declarou:

— Meu conselho à polícia é atirar no filho da puta à primeira vista... para matar.

Georgos leu os comentários dos pais. Não ficou surpreso, mas o ódio que sentia contra quase tudo aumentou mais ainda.

E então, na última semana de abril, Georgos chegou à conclusão de que era o momento de entrar em ação. Por um lado, não podia esperar continuar escondido por muito tempo sem que ninguém descobrisse. Apenas duas noites antes, quando estava comprando comida num pequeno supermercado,

percebeu um freguês, um homem, a fitá-lo com o que parecia ser mais do que uma curiosidade passageira. Georgos se retirou apressadamente. Por outro lado, o impacto inicial de toda a publicidade e a divulgação de sua fotografia já deviam ter-se atenuado um pouco àquela altura.

O plano de Georgos era explodir as gigantescas bombas de esfriamento da usina geradora de La Mission, a mesma onde colocara uma bomba, quase um ano antes, disfarçado de oficial do Exército da Salvação, danificando o imenso gerador que os jornais chamam de Big Lil. Tomara conhecimento dessas bombas ao estudar compêndios sobre geração de energia, a fim de determinar o ponto mais vulnerável da GSP & L. Havia visitado também a Faculdade de Engenharia da Universidade da Califórnia, em Berkeley, onde estavam à disposição, para quem as quisesse examinar, plantas técnicas de La Mission e outras usinas.

Georgos sabia perfeitamente — sendo outra vez realista — que então não havia a menor possibilidade de entrar no prédio principal de La Mission, como conseguira fazer no ataque anterior. A instalação estava bem vigiada, atualmente.

Mas, com astúcia e um pouco de sorte, poderia entrar na casa de bombas. As onze bombas imensas

e potentes eram essenciais ao funcionamento das cinco unidades geradoras de La Mission, inclusive o Big Lil. Destruindo as bombas, todo aquele sistema gerador não poderia operar por vários meses.

Seria como cortar uma linha vital.

O melhor acesso era através do rio Coyote. La Mission fora construída à margem do rio, o que permitia que a usina usasse a água para esfriamento. Georgos chegaria bem próximo da usina pelo rio, usando o bote de borracha. Em seguida, utilizaria o equipamento de mergulho, no que era especialista, pois aprendera demolição submarina durante seu treinamento revolucionário em Cuba.

Georgos estudou os mapas e sabia que poderia chegar de carro até cerca de um quilômetro de La Mission, lançando o bote de borracha no rio num local deserto. A correnteza o ajudaria a chegar à usina. Voltar à Kombi e escapar seria um outro problema, que ele, deliberadamente, preferia ignorar.

Entraria na casa de bombas por baixo d'água, através de uma abertura que faria na grade de metal; as ferramentas necessárias estavam guardadas com o equipamento de mergulho. As bombas cilíndricas estariam presas a sua cintura. Uma vez dentro da casa de bombas, colocaria os petardos, em embalagens magnéticas, sem a menor dificuldade.

Era um plano extraordinário... como lhe parecera desde o início.

Só restava uma dúvida: quando? Era uma sexta-feira. Avaliando todas as circunstâncias, decidiu desfechar o ataque na terça-feira seguinte. Deixaria North Castle assim que escurecesse, seguindo na Kombi pelos oitenta e tantos quilômetros até La Mission; ao chegar, lançaria o bote de borracha na água imediatamente.

Agora, tomada a decisão, sentia-se irrequieto. O apartamento, pequeno, sombrio, escassamente mobiliado, parecia uma prisão, especialmente durante o dia. Mas Georgos sabia que seria uma loucura correr o risco de sair. Na verdade, tencionava permanecer no apartamento até a noite de domingo, quando seria indispensável comprar mais comida.

Sentia falta do exercício mental de escrever o diário. Poucos dias antes, pensara em começar um novo diário, agora que o original estava perdido, tomado pelo inimigo. Mas não tinha nem a energia nem o entusiasmo suficientes para começar a escrever novamente.

Mais uma vez, como já fizera tantas vezes antes, Georgos vagueou pelos três pequenos cômodos do apartamento, sala, quarto e copa e cozinha conjugadas.

Ao entrar na cozinha, viu um envelope sobre a pia. Continha o que chamavam de Pesquisa do Consumidor; chegara junto com a correspondência várias semanas antes, enviada pela Golden State Porra & Lixo. Estava endereçada a um certo Owen Granger, o que não era de surpreender, pois fora esse o nome que usara ao alugar o apartamento; havia pago, na ocasião, três meses de aluguel adiantado, para evitar perguntas sobre referências e fiador.

(Ele sempre pagava o aluguel e outras contas à vista, em dinheiro. Pagar as contas prontamente era parte da técnica terrorista, quando não se queria chamar a atenção. As contas não pagas atraíam perguntas indesejáveis.)

Um dos pontos da maldita Pesquisa do Consumidor deixou Georgos tão furioso, na primeira leitura, que ele jogou a xícara que tinha na mão contra a parede mais próxima, espatifando-a. Dizia o seguinte:

A Golden State Power & Light pede desculpas a seus consumidores pelas inconveniências decorrentes dos covardes ataques a instalações da companhia por pretensos terroristas, que agem por pura ignorância. Se você acha que há meios pelos quais se possa deter esses ataques, por favor, apresente suas opiniões.

Naquele mesmo momento, Georgos sentou-se e escreveu uma resposta vigorosa e fulminante, que começava assim: "Os terroristas que presunçosamente descrevem como covardes e ignorantes não são nada disso. São heróis importantes, criteriosos, dedicados. Vocês é que são os ignorantes, os exploradores criminosos do povo. Mas a justiça haverá de alcançá-los! Fiquem certos de que haverá sangue e morte e não meras 'inconveniências' quando a gloriosa revolução..."

Ele preencheu rapidamente o espaço em branco, e precisou de uma folha extra para concluir a resposta realmente esplêndida.

Uma pena que não tivesse enviado sua resposta! Estava prestes a fazê-lo numa de suas expedições noturnas, quando a cautela o advertiu: "Não faça isso! Pode ser uma armadilha!" Por isso, deixou o questionário respondido no mesmo lugar onde o encontrara, na pia da cozinha.

O envelope para a resposta que viera com o questionário ainda estava aberto. Georgos tirou novamente o questionário. Releu-o e concluiu: o que escrevera era realmente magistral. Por que não enviar? Afinal, era anônimo; ele já tirara e jogara fora a parte do questionário que tinha o nome de "Owen

Grainger" e o endereço do apartamento. Tudo havia sido impresso por computador, ele percebeu. Portanto, era uma correspondência tão impessoal quanto todas as outras enviadas por computadores.

Alguém deveria ler o que ele havia escrito. Quem quer que fosse, seria devidamente sacudido, o que era bom. Ao mesmo tempo, não poderiam deixar de admirar, mesmo que relutantemente, a inteligência do autor.

Tomando outra decisão, Georgos fechou o envelope. Ele o poria numa caixa de correspondência quando saísse do apartamento, na noite de domingo.

Recomeçou a andar de um lado para outro, e, embora realmente não o desejasse, voltou a pensar naquele dia tão distante de sua infância em que vira o rato acuado.

Aproximadamente na mesma ocasião em que Georgos Archambault tomava a decisão de explodir a usina de La Mission pela segunda vez, Harry London enfrentava Nim Goldman.

— Não! — disse London. — De jeito nenhum! Nem por você, Nim, nem por ninguém mais!

Nim disse, pacientemente:

— Tudo o que estou lhe pedindo é que leve em consideração as circunstâncias especiais. Acontece que conheço a família Sloan...

Os dois se encontravam na sala de Nim. Harry London estava de pé, inclinado sobre a escrivaninha que os separava.

— Você pode conhecer a família, mas eu conheço o caso! Está tudo aqui! Leia! — O chefe do Departamento de Proteção à Propriedade, com o rosto vermelho, deu um murro na pasta volumosa que estava em cima da mesa.

— Fique calmo, Harry. E não preciso ler o que está aí. Aceito sua palavra sobre o tipo de caso.

Pouco antes, recordando sua promessa a Karen na noite anterior, Nim havia telefonado para Harry London e perguntado se conhecia algum caso de

desvio de energia envolvendo Luther Sloan.

— Mas claro! — foi a resposta.

Quando Nim revelou seu interesse pessoal, London acrescentou:

— Já vou subir.

Agora, Harry London insistia:

— É um dos casos mais sujos que já tivemos! Seu amigo Sloan vem adulterando medidores de gás, em quantidade incrível, há mais de um ano!

Irritado, Nim disse:

— Ele não é meu amigo. É a filha dele.

— Certamente, uma de suas namoradinhas!

— Pare com isso, Harry! — Nim estava começando a ficar também furioso. — Karen Sloan é uma tetraplégica!

Ele descreveu a família Sloan, explicou como os pais ajudavam Karen financeiramente, como Luther Sloan se endividara a fim de comprar um furgão especial para a filha.

— De uma coisa tenho certeza, Harry: o que quer que o pai de Karen tenha feito para ganhar dinheiro, não gastou com ele mesmo.

London comentou, desdenhosamente:

— E isso faz com que a fraude seja menos condenável? Claro que não, e você sabe disso perfeitamente!

— Tem razão. Mas, quando existem circunstâncias atenuantes, não se deve ser tão implacável.

— E o que está pensando, exatamente, em fazer?

Nim ignorou o tom cáustico.

— Talvez possamos exigir que Luther Sloan restitua o que roubou, dando-lhe algum tempo para isso, sem iniciar um processo criminal.

Harry London disse friamente:

— Então é essa sua sugestão?

— Exatamente.

— Nim, jamais imaginei que chegasse o dia em que eu o ouviria dizer uma coisa dessas.

— Pelo amor de Deus, Harry? Quem pode saber o que dirá e fará em determinadas situações?

— Eu, por exemplo! E sei também o que estou lhe dizendo agora: o caso Sloan seguirá seu curso, o que significa que um processo criminal será iniciado nos próximos dias. A menos, é claro, que você prefira me despedir e fazer como achar melhor.

— Harry, pare de dizer besteiras.

Houve um momento de silêncio.

— Nim, está pensando em Yale, não é mesmo?

— Estou.

— Está pensando que o velho Yale conseguiu escapar impune, apesar do desvio de energia ou, pe-

lo menos, de alguma cumplicidade. Então, por que não se pode permitir a mesma coisa a Luther Sloan? Está pensando que existe uma justiça para as pessoas importantes e outra para os homens comuns, como o pai de sua amiga. Não é isso?

— É, sim — concordou Nim. — Era mais ou menos o que eu estava pensando.

— Pois tem toda razão. É isso mesmo, e já vi acontecer em outras ocasiões, em outros lugares. Os privilegiados, os poderosos, os que controlam o dinheiro podem contornar a lei ou conseguir um tratamento melhor. Não é sempre, é verdade, mas acontece com bastante frequência, pois a justiça é desigual. Mas é assim que o sistema funciona. Posso não gostar, mas não fui eu que fiz assim. Contudo, posso dizer-lhe outra coisa: se eu tivesse provas concretas contra Paul Yale assim como tenho contra Luther Sloan, jamais teria recuado como fiz.

— Quer dizer que as provas são tão fortes assim?

London exibiu um sorriso.

— Pensei que não fosse nunca perguntar.

— Conte-me tudo.

— No esquema da Quayle, Nim, Luther Sloan era o homem do gás. Entregavam-lhe a maioria dos trabalhos ilegais de gás, provavelmente porque ele

era muito bom nisso. Vi alguns dos trabalhos que ele fez... e são muitos. Temos os registros dos arquivos da Quayle e os equipamentos que encontramos em poder dele. Outra coisa: você acabou de falar na possibilidade de Sloan fazer uma restituição. Pelo que pudemos calcular, os trabalhos ilícitos que ele realizou custaram à GSP & L, em prejuízos na receita de gás, cerca de duzentos e trinta mil dólares. E, pelo que você me disse, Sloan não deve ter tanto dinheiro assim.

Nim levantou as mãos.

— Está certo, Harry. Você venceu.

London meneou a cabeça, lentamente.

— Não, Nim, não venci. Ninguém venceu. Nem eu, nem você, nem a GSP & L e muito menos Luther Sloan. Estou simplesmente fazendo meu trabalho, como devo fazer.

— E honestamente... talvez mais do que o resto de nós.

Nim descobriu-se lamentando a cena que acabara de ter com Harry London. Perguntou-se se a amizade entre os dois voltaria a ser a mesma. Duvidava muito.

— A julgar por você, acho que sim — disse London, pegando a pasta que trouxera e retirando-se.

Nim teria agora de telefonar para Karen e dar a má notícia. Era algo que receava. Mas, antes que pudesse pegar o telefone, a porta da sala se abriu e Ray Paulsen entrou.

Bruscamente, o vice-presidente de suprimento de energia perguntou:

– Onde está o presidente?

– Foi ao dentista. Posso fazer alguma coisa?

Paulsen ignorou a pergunta de Nim.

– Quando voltará?

Nim consultou o relógio.

– Provavelmente dentro de uma hora.

Paulsen parecia exausto e preocupado, os ombros mais encurvados do que nunca, o cabelo e as sobrancelhas espessas mais grisalhos do que há um mês. O que não era de surpreender. Todos estavam submetidos a uma tremenda pressão... Ray Paulsen talvez mais do que os outros, por causa de suas responsabilidades específicas.

– Ray, se me dá licença para dizer, você está com uma aparência horrível. Por que não relaxa por alguns minutos? Sente-se um pouco. Pedirei um café para nós.

Paulsen fitou-o com uma expressão furiosa e abriu a boca para dar uma resposta irritada. Mas, de repente, sua expressão se alterou. Arriado na pol-

trona de couro, exausto, ele murmurou:

— Está bem...

Nim tocou a campainha chamando Vicki e pediu café. Depois, contornou a mesa e sentou-se perto de Paulsen.

— Acho que já pode saber o que vou dizer ao presidente — resmungou Paulsen. — Perdemos Big Lil.

Nim perdeu o controle.

— Como?

— Ouviu direito o que eu falei!

— Perdemos Big Lil! — repetiu Nim. — Por quanto tempo?

— Pelo menos por quatro meses, provavelmente seis. Houve uma batida na porta, e Vicki entrou com duas xícaras de café. Enquanto ela deixava o café em cima da mesinha, Nim se levantou e começou a andar de um lado para outro, nervosamente. Podia agora compreender a angústia de Paulsen e partilhá-la. Big Lil, La Mission 5, o maior gerador do sistema, proporcionava um milhão, duzentos e cinquenta mil quilowatts de energia, o equivalente a seis por cento da carga máxima da GSP & L. A qualquer momento a parada temporária do Big Lil criaria problemas graves, como ficara comprovado depois da explosão de julho último. Nas atuais cir-

cunståncias, era simplesmente calamitosa.

— Ah, os homens! — explodiu Paulsen. — São todos filhos da puta e estúpidos! Pensamos que está tudo previsto, que todos os procedimentos foram claramente entendidos, mas sempre aparece um desgraçado para nos deixar na mão!

Ele pegou o café e tomou de um gole.

— O que aconteceu, Ray?

— Tínhamos tirado o Big Lil de operação por uma semana, para manutenção de rotina. Você sabia disso.

— Sabia, sim. E sabia também que o Big Lil deveria voltar a operar hoje.

— E tudo teria corrido sem problemas, se não fosse por um maldito operador! — Paulsen bateu com o punho cerrado na palma da outra mão. — Eu seria capaz de esfolar vivo o filho da mãe!

Furioso e sombrio, ele relatou os detalhes.

Quando um gigantesco gerador acionado a vapor, alimentado por óleo, como o Big Lil, era posto em funcionamento, o processo era complexo e meticuloso. O operador, trabalhando na sala de controle com incontáveis instrumentos para orientá-lo, tinha de seguir as instruções cuidadosamente, etapa por etapa. Havia uma lista impressa de tudo o que devia ser feito, sucessivamente, e era expressamente

proibida qualquer alteração na rotina. Normalmente, o processo se prolongava por várias horas.

Com o Big Lil, como acontecia com qualquer gerador similar, a caldeira que produzia o vapor deveria ser ativada primeiro. No interior da caldeira, em diversos níveis, havia anéis de combustores, que lançavam o combustível vaporizado. Eram acionados por controle remoto pelo operador, nível a nível, começando pelo fundo.

Por medida de segurança, era indispensável que o nível inferior já estivesse em funcionamento antes que se acionasse um nível superior.

Naquele dia, o operador não verificou os instrumentos e pensou que o nível mais baixo de óleo já estivesse funcionando. E não estava.

A medida que as luzes que indicavam o funcionamento dos combustores superiores foram sendo acesas, o nível inferior continuara a despejar óleo não queimado no fundo da caldeira. Até que o óleo e o vapor acumulados finalmente explodiram.

— Pensei que houvesse um mecanismo de segurança...

— É claro que há! — Parecia que Paulsen iria começar a chorar a qualquer momento. — E o objetivo é exatamente impedir o que aconteceu. Mas... pode acreditar numa coisa dessas?... o filho da mãe

do operador desligou o mecanismo de segurança manualmente! Disse que queria fazer com que a unidade entrasse em operação o mais rápido possível.

— Essa não! — Nim podia perfeitamente compreender a raiva e a frustração de Paulsen. — E qual foi a extensão dos danos causados pela explosão?

— Não foram poucos... na estrutura interna da caldeira, nos tubos de óleo, em mais da metade das tubulações de água.

Nim assobiou baixinho. Sentia pena de Paulsen, mas sabia que palavras de consolo de nada adiantariam naquele momento. E sabia também que uma estimativa de quatro meses para os reparos era por demais otimista.

— Isso altera toda a situação, Ray... especialmente em relação aos blecautes localizados.

— E acha que não sei disso?

Mentalmente, Nim estava repassando os problemas e a logística. Embora o Big Lil fosse um gerador alimentado por óleo e que acabaria tornando-se vitimado embargo da OPEP, era também, de longe, o gerador a óleo mais econômico da companhia. Agora, a carga do Big Lil teria de ser compensada por outras unidades, que consumiam mais combustível. Portanto, subitamente, o total das reservas de

óleo da GSP & L representava muito menos energia elétrica do que antes.

A consequência era inevitável: todos os estoques de óleo deveriam ser usados prudentemente, racionados com mais rigor ainda.

— Os blecautes devem começar nos próximos dias — murmurou Nim.

Paulsen assentiu.

— Exatamente. — E levantou-se para ir embora.

— Vou avisar o presidente assim que ele chegar, Ray.

— Minha recomendação é de que os blecautes comecem na segunda-feira — disse Nim, numa reunião convocada às pressas, na tarde de sexta-feira.

Teresa van Buren protestou:

— Mas é cedo demais! Já anunciamos que só iriam começar depois da próxima semana. Agora, você vem dizer que devem começar dez dias antes. Precisamos dar o aviso com antecedência maior, para o público se preparar.

— O aviso que se dane! — exclamou Paulsen.
— Estamos em plena crise!

Achando graça da ironia, Nim pensou: pela

primeira vez, ele e Paulsen estavam de acordo, aliados contra os outros.

Havia cinco pessoas presentes, sentadas em torno da mesa de reuniões no gabinete da presidência: J. Eric Humphrey, Paulsen, Teresa van Buren, Nim e Oscar O'Brien. O advogado fora convocado a fim de analisar as implicações legais dos blecautes.

Antes da reunião, Nim teve diversos encontros com chefes de departamento, para fazer um levantamento dos últimos dados sobre os estoques de óleo da GSP & L. Os suprimentos estavam diminuindo mais depressa do que se previa, provavelmente devido ao tempo inesperadamente quente e ao uso intenso de aparelhos de ar condicionado.

Nim telefonou também para Washington, para conversar com o advogado que representava a GSP & L no Capitólio. A informação dele foi taxativa: não havia qualquer perspectiva de solução no impasse entre os Estados Unidos e a OPEP. O advogado acrescentou:

— Está se falando por aqui de planos para a emissão de uma nova moeda, um dólar de uso externo, com lastro-ouro, para satisfazer à OPEP. Mas por enquanto é só conversa, nada mais; e não chega a ser suficiente para fazer o petróleo fluir novamente.

Nim transmitiu a informação de Washington ao presidente e aos outros.

— Concorde com Tess — disse Oscar O'Brien.
— Devemos avisar sobre os blecautes com a maior antecedência possível.

Eric Humphrey indagou:

— Não poderíamos agüentar até quarta-feira para só então começarmos os blecautes? Serão cinco dias, o que dará a todos tempo suficiente para se prepararem.

Depois de mais alguma discussão, ficou finalmente acertado que os blecautes começariam na quarta-feira seguinte.

— Vou convocar a imprensa imediatamente — disse Teresa van Buren; virou-se em seguida para Nim e indagou: — Pode estar disponível dentro de uma hora?

— Claro!

O resto do dia transcorreu no mesmo ritmo frenético.

Na confusão das reuniões, Nim foi adiando o telefonema que pretendia dar para Karen. Só na tarde de sexta-feira é que finalmente encontrou tempo para fazê-lo.

Josie atendeu, e depois Karen entrou na linha. Nim sabia que ela devia estar usando os fones e o

microfone que ficavam presos em sua cabeça, permitindo-lhe falar ao telefone sem a ajuda de ninguém, se assim o desejasse. Através de um acordo especial com a companhia telefônica, Karen podia entrar em contato diretamente com uma telefonista, pedindo-lhe que discasse o número desejado.

— Estou telefonando para falar de seu pai, Karen. Fiz algumas indagações para descobrir o que era possível fazer, mas infelizmente nada pode ser feito. Ele foi longe demais. — Nim fez uma pausa e acrescentou, esperando que não soasse muito banal: — Lamento muito.

— Eu também — disse Karen, parecendo perceber o desalento dele. — Mas estou grata por ter tentado, Nimrod.

— O único conselho que posso dar a seu pai é procurar um bom advogado.

Houve um momento de silêncio; então, Karen perguntou:

— A situação é tão grave assim?

Não havia por que mentir.

— Infelizmente, é.

Nim decidiu não passar adiante a informação que Harry London lhe dera, de que uma ação criminal seria iniciada nos próximos dias. Também achou melhor não informar as estimativas de Lon-

don, de que Luther Sloan causara um prejuízo de duzentos e trinta mil dólares à GSP & L. Afinal, as duas informações seriam em breve divulgadas.

— O mais estranho de tudo, Nimrod, é que sempre pensei que papai fosse a pessoa mais honesta do mundo.

— Não estou querendo desculpar seu pai. É algo que não se pode fazer. Mas acho que há ocasiões em que as pressões provocam estranhas reações nas pessoas. De qualquer forma, tenho certeza de que o tribunal levará em consideração os motivos pelos quais seu pai agiu assim.

— Mas ele não precisava fazer isso, o que é o mais trágico. É claro que gostei de tudo o que meus pais me proporcionaram com esse dinheiro, inclusive o Humperdinck. Mas eu poderia perfeitamente passar sem isso.

Nim achou melhor não dizer a Karen que o pai dela vira nisso uma maneira de expiar parcialmente seus sentimentos de culpa. Era algo que um psicólogo ou o tribunal, ou talvez ambos, teriam de descobrir e julgar.

— Ainda tem o Humperdinck, Karen?

— Claro que tenho. O que quer que possa estar acontecendo, ainda não me tiraram o Humperdinck.

— O que me deixa satisfeito, pois vai precisar

dele na próxima semana.

Nim informou-a de que os blecautes temporários começariam na quarta-feira seguinte.

— Em sua área, a energia será desligada às três horas da tarde de quarta-feira, e a interrupção irá prolongar-se por três horas. Assim, como margem de segurança, deve ir para o Redwood Grove Hospital pela manhã.

— Josie pode me levar.

— Se houver alguma alteração na programação dos blecautes, eu voltarei a telefonar. E também a informarei com antecedência sobre blecautes subsequentes. Por falar nisso, já verifiquei o gerador de emergência do Redwood Grove. Está em boas condições e com o tanque de combustível cheio.

Recuperando a jovialidade habitual, Karen exclamou:

— É maravilhoso ter alguém para cuidar da gente!

— Estou convencida de que as pessoas começaram a enfrentar a realidade de uma crise de energia elétrica — comentou Ruth Goldman, folheando a edição dominical do Chronicle-West.

— Se tivessem escutado papai, isso já teria acontecido antes — asseverou Benjy.

Os outros três, Ruth, Nim e Leah, riram.

— Obrigado, Benjy. Sua lealdade é maravilhosa.

— Especialmente porque os recentes acontecimentos justificam o que sempre disse — acrescentou Leah.

— Ei, seu curso de vocabulário está dando resultado! — comentou Ruth.

Leah corou de satisfação.

Era a manhã de domingo, e a família estava reunida no quarto de Nim e Ruth. Esta ainda estava na cama, tendo terminado de tomar o café da manhã que lhe fora trazido numa bandeja. Nim levantara cedo a fim de preparar ovos com *corned beef* para todos. Era um dos pratos prediletos da família.

Dois dias antes, Ruth havia voltado de Nova Iorque, ao término de sua segunda visita à cidade

para tratamento no Sloan-Kettering Institute. Estava bastante pálida ao chegar, e assim continuava, com olheiras profundas. Admitiu ter sentido alguma dor, como efeito secundário do tratamento, como na ocasião anterior. E estava obviamente cansada.

Ainda era muito cedo para se saber o efeito do tratamento, e Ruth teria de voltar a Nova Iorque dentro de três semanas. No entanto, ela já informara, alegremente, que os médicos lhe haviam dito que agora sua situação era "bastante esperançosa".

Nim informou-a dos blecautes iminentes e de que a própria casa deles seria afetada, a partir da quarta-feira seguinte. Caracteristicamente, Ruth se limitou a comentar:

— Não há problema. Podemos planejar tudo com antecedência e eliminar as inconveniências.

Por algum tempo, a mãe de Ruth, Rachel, iria à casa deles vários dias por semana e ajudaria nos trabalhos de casa, para que a filha pudesse descansar.

— Escute isso, Nim.

Ruth abriu a página editorial do Chronicle-West e começou a ler em voz alta:

A BATALHA DA ENERGIA

Este jornal, que se empenha em ser honesto e objetivo em suas opiniões, reconhece ter dúvidas quanto a algumas posições que assumimos no passado.

Como muitos outros, nós nos opusemos ao crescente desenvolvimento da energia elétrica nuclear. Pela preocupação com a poluição, ficamos ao lado dos que se opunham a usinas geradoras acionadas por carvão. Apoiamos os grupos de preservação da vida selvagem que se opunham à construção de novas barragens, sob a alegação de que a vida animal, especialmente a dos peixes, poderia ser reduzida. Formulamos dúvidas sobre a autorização para a construção de novas usinas elétricas geotérmicas, receando que tais projetos pudessem prejudicar a economia de áreas turísticas já estabelecidas.

Não pedimos desculpas por nenhuma dessas posições. Representavam e ainda representam nossas convicções em áreas específicas.

Mas, encarando a situação como um todo, somos forçados a reconhecer, por um sentimento de justiça, que as companhias de energia elétrica da Califórnia estavam certas ao alegar que tinham as mãos amarradas, enquanto exigíamos o que agora não nos podem dar.

Em vez de fazermos uma concessão aqui e ali, como deve acontecer numa sociedade de concessões mútuas, dissemos "não" a quase tudo.

Devemos nos lembrar disso quando as luzes se apagarem na próxima quarta-feira.

Talvez mereçamos o que estamos recebendo. Quer isso seja ou não verdade, chegou o momento para uma re-avaliação de posições — as nossas e as dos outros.

— Sensacional! — exclamou Ruth. — O que vocês acham disso tudo?

— Acho que eles deveriam ter mencionado papai — comentou Benjy.

Ruth se inclinou e afagou-lhe o cabelo, afetuosamente.

— É um editorial bem escrito — disse Nim. — Infelizmente, não passa disso. E aparece com cinco anos de atraso.

— Pois nada disso me importa — declarou Ruth. — Deveria estar preocupada e interessada, mas acontece que não estou. A única coisa que me importa é estar em casa neste momento, amando imensamente vocês todos.

De tarde, apesar de ser domingo, Nim foi para o escritório. Havia uma atividade intensa, muitas decisões ainda precisavam ser tomadas. Num certo sentido, com os blecautes regulares começando dentro de três dias, a companhia estava entrando num território novo e inexplorado. Foi o que o despa-

chante-chefe comentou, quando Nim esteve no Centro de Controle de Energia:

— Presumimos que tudo irá transcorrer de acordo com o previsto e procuramos tomar todas as providências para que assim aconteça. Mas há sempre o fator "i"... de inesperado, sr. Goldman. Já vi tanta coisa acontecer, quando não podia acontecer; portanto, acredito que possa ocorrer algo inesperado, a qualquer momento.

— Já tivemos muitas coisas inesperadas — ressaltou Nim.

— Sempre há lugar para mais uma, senhor... às vezes até para duas. De qualquer maneira, é apenas uma opinião pessoal.

Mais tarde, voltando para casa, Nim ficou pensando na semana que estava para começar e no fator "i" do despachante-chefe.

Pouco mais de uma hora depois que Nim voltou para casa, Georgos Archambault arriscou-se a sair de seu apartamento em North Castle. Agora que o dia de agir — terça-feira — estava tão próximo, Georgos sentia-se mais irrequieto e nervoso do que em qualquer outro momento desde que fora para o novo esconderijo. Tinha a impressão de que havia um observador ou perseguidor em cada esquina, em cada sombra. Mas era apenas imaginação.

Comprou comida, sem qualquer incidente, apenas na quantidade suficiente para durar até sua partida para La Mission, na noite de terça-feira.

Comprou também os jornais de domingo e, na volta para o apartamento, despachou o envelope que continha a estúpida Pesquisa do Consumidor da Golden State Porra & Lixo. Diante da caixa do correio, Georgos ainda hesitou por um momento, perguntando-se se, no final das contas, deveria mesmo despachar o questionário respondido. Mas verificando que já haviam efetuado a única coleta de cartas ali colocadas aos domingos, e sabendo que a coleta seguinte só seria efetuada no meio da manhã de segunda-feira, ele depositou a carta na caixa.

A segunda-feira transcorreu relativamente sem incidentes. O que já não aconteceu nas primeiras horas de terça-feira.

A natureza, como se conspirasse para criar ainda maiores problemas para a GSP & L, num momento de dificuldade, desfechou seu ataque violento contra o campo geotérmico da companhia nas montanhas do condado de Sevilla.

No fundo da terra, por baixo do Velho Desesperado, o poço que já explodira urna vez e nunca fora totalmente controlado, um assentamento de rocha e subsolo liberou uma nova camada de vapor geotérmico, sob intensa pressão. O vapor subiu para a superfície com o ímpeto de vinte locomotivas. Num espetáculo impressionante, rivalizando com o Inferno de Dante, lama quente e pedras foram arremessadas para o alto, com uma força apocalíptica.

Obedecendo a um fenômeno natural — "tudo o que sobe tem de descer" —, toneladas de lama se espalharam por toda aquela parte do campo geotérmico.

Por sorte, a explosão ocorreu às duas horas da madrugada, quando apenas um punhado de ho-

mens estava de plantão, e os outros, abrigados. Assim, não houve mortos nem feridos, o que teria inevitavelmente acontecido se a explosão ocorresse durante o dia.

Mas no pátio de transformação e transmissão do campo geotérmico não foi assim. Ficou tudo coberto de lama, assim como as linhas de transmissão próximas. A lama é condutora de eletricidade. Em consequência, houve um curto-circuito, e o fluxo de energia de todos os geradores geotérmicos para o sistema de transmissão da GSP & L foi instantaneamente interrompido.

Os danos não eram grandes nem duradouros. Era necessário apenas um amplo serviço de limpeza, que levaria dois dias. Quanto ao Velho Desesperado, depois de seu acesso de raiva, voltou a se acomodar em esguichos esporádicos e inofensivos, como uma chaleira em ebulição.

Mas durante quarenta e oito horas, até que a limpeza fosse concluída, a GSP & L estaria privada de setecentos mil quilowatts de energia de sua fonte geotérmica, havendo necessidade de encontrar em outra parte um potencial equivalente. A única solução era pôr em operação mais geradores acionados a óleo; com isso, a reserva de óleo da companhia foi reduzida ainda mais, inesperadamente.

Um outro ponto de interrogação ficou pairando sobre as operações naquele dia.

Por causa da época do ano, entre as mais de duzentas unidades geradoras da companhia, uma parcela considerável estava fora de operação para manutenção, nos preparativos para o período de pique da demanda durante o verão. Assim, com a perda abrupta do Big Lil quatro dias antes e, agora, de todas as unidades geotérmicas, o total da capacidade geradora da GSP & L, independentemente da escassez de petróleo, seria exigido ao máximo nos dois dias seguintes.

Nim tomou conhecimento da paralisação das unidades geotérmicas e da redução do potencial ao chegar ao trabalho na manhã de terça-feira.

Seu primeiro pensamento foi: como era estranho que o fator "i", de inesperado, mencionado pelo despachante-chefe, se tivesse manifestado justamente naquele momento crítico. O segundo foi o de que a GSP & L não poderia suportar e absorver outra manifestação do fator "i" até que as unidades geotérmicas estivessem operando novamente.

Foi o que o fez tomar a decisão de telefonar para Karen Sloan antes mesmo de começar a trabalhar.

— Karen, já acertou sua ida para o Redwood Grove Hospital amanhã?

— Já, sim. Estarei lá muito antes do início do blecaute da tarde.

— Preferiria que você fosse hoje para o hospital. Pode dar um jeito?

— Claro que posso, Nimrod. Por quê? Surgiu algum problema novo?

— Houve um imprevisto, e é possível que haja uma interrupção no fornecimento que não estava programada. Pode não acontecer, provavelmente não acontecerá, mas eu me sentirei mais tranquilo se você for para o hospital a fim de ficar perto daquele gerador de reserva.

— Acha que devo ir imediatamente?

— O mais breve possível, embora não haja tanta urgência. É apenas uma precaução.

— Está certo, Josie está aqui e vamos começar a nos aprontar. Mais uma coisa, Nimrod...

— O que é?

— Você parece cansado.

— E estou mesmo. Acho que todos nós aqui estamos exaustos. Os últimos dias não têm sido dos melhores.

— Procure se cuidar, Nimrod querido... e que Deus o abençoe!

Depois de desligar, Nim lembrou-se de outra coisa e ligou para sua própria casa. Ruth atendeu.

Nim falou-lhe do que acontecera com o Velho Desesperado, sobre a paralisação das unidades geotérmicas e a situação crítica da capacidade geradora. Ruth comentou:

— Parece que tudo está acontecendo ao mesmo tempo...

— Acho que a vida é assim mesmo. Seja como for, com todos esses imprevistos e mais os blecautes começando amanhã, estou pensando em dormir esta noite aqui no escritório.

— Não há problema, Nim. Mas procure descansar um pouco e não se esqueça de que eu e as crianças vamos precisar de você por muito tempo.

Nim prometeu as duas coisas.

A equipe especial reunida para processar a falsa Pesquisa do Consumidor em North Castle fora totalmente desfeita duas semanas antes. A sala no subsolo da sede da GSP & L, para onde haviam sido inicialmente encaminhados os questionários respondidos, estava sendo agora usada para outra finalidade.

Esporadicamente, ainda chegavam alguns questionários. Havia dias em que chegavam um ou dois, em outros não chegava nenhum.

Os poucos que chegavam eram encaminhados pelo setor de correspondência para uma idosa secretária do Departamento de Relações Públicas, Elsie Young, que integrara o grupo especial, mas já retornara a suas funções normais. Os questionários, nos envelopes típicos de resposta paga, eram colocados em sua mesa; quando ela tinha tempo e disposição, abria-os e examinava-os, ainda comparando com uma amostra da caligrafia do diário de Georgos Archambault.

Elsie Young torcia para que os importunos questionários parassem de chegar definitivamente. Achava que era uma tarefa tediosa, pura perda de tempo, interferindo nos outros trabalhos mais interessantes.

No meio da manhã de terça-feira, Elsie Young verificou que um dos envelopes especiais da Pesquisa do Consumidor fora largado em sua mesa por um mensageiro, juntamente com uma batelada de correspondência interna. Decidiu cuidar primeiro da correspondência interna.

Segundos depois de concluir a conversa com Nim e ter desligado o telefone, com um movimento de cabeça Karen lembrou-se de algo que se esquecera de lhe dizer.

Ela e Josie haviam planejado fazer compras na-

quela manhã. Deveriam manter os planos originais e sair para as compras, indo em seguida para o Redwood Grove, ou deveriam cancelar as compras e seguir imediatamente para o hospital?

Karen sentiu-se tentada a ligar novamente para Nim e pedir-lhe um conselho; mas lembrou-se da tensão na voz dele e das pressões sob as quais deveria estar trabalhando. Tomaria a decisão sozinha.

O que fora mesmo que Nim dissera sobre uma possível interrupção no fornecimento antes dos blecautes previstos para o dia seguinte? "Pode não acontecer, provavelmente não acontecerá..." E mais adiante: "E apenas uma precaução".

Ora, a situação não era tão grave assim! O mais sensato era fazer primeiro as compras de que Karen e Josie tanto gostavam. Depois, voltariam para o apartamento a fim de tomar as últimas providências, indo em seguida para o Redwood Grove.

— Josie querida! — gritou Karen, na direção da cozinha. — Acabei de receber um telefonema de Nimrod. Se der um pulo até aqui, vou lhe contar os novos planos.

Georgos Winslow Archambault tinha um instinto animal em relação ao perigo. No passado, esse instinto o servira muito bem e aprendera a confiar nele.

Pouco antes do meio-dia de terça-feira, andando nervosamente de um lado para outro do apartamento de North Castle, o mesmo instinto avisou-o de que o perigo era iminente.

Havia uma pergunta crucial: deveria atender ao instinto e sair imediatamente, com todo o risco, seguindo para La Mission a fim de destruir as bombas de esfriamento? Ou deveria ignorar o instinto e permanecer no apartamento até o anoitecer, só então saindo, conforme planejava?

Uma segunda pergunta, igualmente importante: seria aquele instinto genuíno ou apenas o resultado de seu intenso nervosismo?

Georgos não tinha certeza e ficou debatendo mentalmente os prós e os contras.

Tencionava cobrir a última etapa do acesso à casa de bombas da usina de La Mission por baixo d'água. Portanto, se conseguisse entrar no rio em segurança e chegar relativamente perto da usina, poderia submergir, e a partir daí a possibilidade de ser visto seria mínima, mesmo à luz do dia. E até que seria melhor: a luz do dia, infiltrando-se pela água, iria ajudá-lo a localizar a entrada para a casa de bombas mais facilmente do que se estivesse na total escuridão.

Por outro lado, poderia lançar o bote de borra-

cha na água e embarcar com o equipamento de mergulho sem ser observado? Embora o local que escolhera para o lançamento do bote no rio, a cerca de um quilômetro de La Mission, fosse normalmente deserto, havia sempre a possibilidade de aparecer alguém por ali, especialmente durante o dia. Ele avaliou esse risco específico como razoável.

Na expedição à luz do dia, o maior risco, um tremendo risco, era atravessar North Castle com a Kombi e depois seguir para La Mission, distante oitenta quilômetros. A polícia e a patrulha rodoviária certamente tinham a descrição do veículo e o número da placa. Se fosse localizado, não teria a menor possibilidade de se livrar dos perseguidores. Por outro lado, já se haviam passado oito semanas desde que a descrição fora divulgada, e era possível que os porcos tivessem esquecido ou não estivessem prestando atenção. Outro fator favorável: havia uma porção de Kombis avariadas em circulação e mais uma não representaria nada de anormal.

Mesmo assim, Georgos avaliou a primeira parte de sua missão, se executada agora, como de alto risco.

Continuou a andar de um lado para outro, procurando chegar a uma conclusão. Repentinamente, tomou a decisão. Confiaria em seu instinto em rela-

ção ao perigo. E a decisão era partir imediatamente!

Deixou o apartamento no mesmo instante e foi para a garagem, onde começou a fazer o que planejava para aquela noite: uma verificação meticulosa de todo o equipamento antes da partida.

Procurou agir o mais depressa possível, pois persistia a sensação de perigo.

— Estão chamando-a ao telefone e mandaram dizer que é muito importante, sra. Van Buren — avisou uma garçonne.

— Todo mundo acha que seu assunto é importante e quase sempre não é nada disso! — resmungou a vice-presidente de relações públicas.

Mesmo assim, ela se levantou da mesa do restaurante dos executivos da GSP & L, onde estava almoçando com J. Eric Humphrey e Nim Goldman, e foi atender ao chamado lá fora.

Voltou pouco mais de um minuto depois, com um brilho de excitação nos olhos.

— Um daqueles impressos da Pesquisa do Consumidor voltou, e a letra é igual à do diário de Archambault. Uma imbecil de meu departamento passou a manhã inteira com isso nas mãos. Vai se ver comigo depois. Agora, porém, mandei-a seguir imediatamente para o Centro de Computadores. Disse que iríamos para lá agora mesmo.

— Avise Sharlett — disse Eric Humphrey, levantando-se. — Diga-lhe para interromper o almoço.

A vice-presidente de finanças estava almoçando a algumas mesas de distância. Enquanto Teresa van Buren ia avisá-la, Nim deixou o restaurante e foi telefonar para Harry London. O chefe do Departamento de Proteção à Propriedade estava em seu pequeno gabinete; ao ser informado do que estava acontecendo, disse que também seguiria imediatamente para o Centro de Computadores.

Nim sabia que Oscar O'Brien, o quarto membro do "grupo de pensamento", não estava na cidade naquele dia.

Foi encontrar-se com os outros — o presidente, Sharlett Underhill e Teresa van Buren — no elevador.

Passaram pelas formalidades de segurança habituais para entrar no Centro de Computadores. Os quatro que haviam interrompido o almoço e mais Harry London agruparam-se em torno de uma mesa. Teresa van Buren abriu a Pesquisa do Consumidor e comparou-a com a fotografia de uma amostra da letra de Archambault, que lhe havia sido entre-

gue poucos minutos antes por uma contrita Elsie Young.

Foi Eric Humphrey quem expressou o que era óbvio:

— Não resta a menor dúvida de que a letra é a mesma. Absolutamente nenhuma.

Mesmo que houvesse, pensou Nim, o que estava escrito no questionário seria uma denúncia.

Os terroristas que presunçosamente descrevem como covardes e ignorantes não são nada disso. São heróis, importantes, criteriosos, dedicados. Vocês é que são os ignorantes, os exploradores criminosos do povo. Mas a justiça haverá de alcançá-los! Fiquem certos de que haverá sangue e morte e não meras "inconveniências", quando a gloriosa revolução...

— Por que diabos ele demorou tanto a responder? — indagou Harry London, sem se dirigir a ninguém em particular.

Sharlett Underhill estendeu a mão.

— Dê-me o questionário.

Teresa van Buren entregou-o, e a vice-presidente de finanças levou-o para a "luz negra", que Nim vira ser usada durante sua visita anterior ao centro. Sharlett acendeu a luz e pôs o questioná-

rio embaixo. No alto da folha apareceu o número 9386.

Ela seguiu para um terminal de computador, um teclado com uma tela de raios catódicos por cima, e sentou-se.

Primeiro, Sharlett bateu seu código pessoal: 44SHAUND. (Era sua idade seguida da reunião dos dois nomes.)

O computador instantaneamente avisou: PRONTO. PODE FAZER SOLICITAÇÃO.

Sharlett bateu o nome do projeto, PESQUISA NORTH CASTLE, depois o código secreto, conhecido apenas por ela e um programador, que liberaria a informação necessária. As palavras PESQUISA NORTH CASTLE apareceram na tela, mas não o código secreto, uma precaução do computador contra a possibilidade de outros estarem vendo e decorarem.

Imediatamente, o computador avisou: ENTRAR COM NUMERO DO QUESTIONÁRIO.

Sharlett bateu o número: 9386.

A tela respondeu:

OWEN GRAINGER
WEXHAM ROAD, 12 – APTO. E

Seguiam-se o nome da cidade e o código postal.

— Já anotei — informou Harry London, correndo para um telefone.

Pouco mais de uma hora depois, Harry London foi pessoalmente comunicar o que acontecera a Eric Humphrey e Nim, que estavam no gabinete da presidência.

— Archambault conseguiu escapar. Se ao menos aquela mulher tivesse aberto o envelope de manhã...

Humphrey interveio rispidamente:

— Recriminações não vão adiantar coisa alguma agora. O que a polícia encontrou no endereço?

— A pista ainda estava quente, senhor. Segundo um vizinho, o homem que vira de vez em quando no apartamento havia partido numa Kombi cerca de meia hora antes de a polícia chegar. Foi transmitido um aviso urgente de procura da Kombi, e a polícia deixou alguns homens no local, caso Archambault resolva voltar. — London deu de ombros. — Mas a verdade é que o tal de Archambault já conseguiu esquivar-se do cerco policial.

— Ele deve estar ficando desesperado — comentou Nim.

Eric Humphrey assentiu.

— Eu também estava pensando nisso. — Fez

uma pequena pausa, antes de acrescentar: — Nim, quero que seja dado imediatamente um alerta para todos os nossos supervisores de usinas e pessoal de segurança. Informe o que aconteceu e repita a descrição de Archambault. Dê também uma descrição do veículo que ele está dirigindo. Determine ao nosso pessoal em todas as instalações para redobrar a vigilância e comunicar imediatamente qualquer atividade suspeita ou fora do normal. Já fomos antes o alvo desse homem por várias vezes. Ele pode ter tomado a decisão de nos atacar de novo.

— Vou providenciar agora mesmo — disse Nim.

E se retirou, pensando consigo mesmo: "Será que não tem limite o que pode acontecer num único dia?"

Georgos cantarolava uma música, enquanto pensava que naquele dia encontrava-se com sorte.

Estava dirigindo havia uma hora e quinze minutos e quase chegando ao ponto em que planejava lançar o bote de borracha ao rio, perto de La Mission. Sua Kombi não atraía qualquer atenção, provavelmente — pelo menos em parte — porque guiara com cuidado, respeitando os regulamentos de trânsito e os limites de velocidade. Evitara também as auto-estradas, onde era bem mais provável en-

contrar um carro da Patrulha Rodoviária da Califórnia.

Estava agora percorrendo uma estradinha de cascalho, a pouco mais de um quilômetro de seu objetivo inicial.

Poucos minutos depois, avistou o rio Coyote, através do emaranhado de arbustos e árvores que o margeavam naquele trecho. O rio era largo no ponto que escolhera, e assim teria uma visão muito mais ampla. Parou o carro onde a estradinha terminava, a cerca de trinta metros da margem do rio.

Para alívio de Georgos, não havia outros veículos ou seres humanos à vista.

Ao começar a descarregar o bote de borracha e os equipamentos, levando tudo até o rio em meia dúzia de viagens, seu excitamento e uma sensação de exultação foram crescendo.

Depois da viagem inicial, tirou o bote de borracha da embalagem e o encheu, com a bomba que vinha junto. Não houve qualquer problema. Lançou o bote ao rio e prendeu o cabo numa árvore. Transferiu todo o equipamento para o bote. Havia um tanque de ar comprimido com registro. Estava cheio para um suprimento de ar de uma hora. Havia também máscara, nadadeiras, o tubo de respiração para nadar próximo à superfície, uma lanterna submari-

na, cinto de instrumentos, um colete inflável para proporcionar-lhe a flutuabilidade necessária, por causa do peso que estaria carregando, um cortador de metal hidráulico e alicates.

Georgos deixou por último as bombas cilíndricas Tovex. Trouxera oito, cada uma pesando pouco mais de dois quilos; ficariam presas no cinto. Chegou à conclusão de que oito bombas era o máximo que poderia levar; se carregasse mais provocaria um desastre. Assim, poderia destruir oito das onze bombas de água, pondo fora de ação quase todos, ou mesmo todos os quatro geradores de La Mission em operação.

O quinto gerador de La Mission era o que chamavam de Big Lil. Georgos lamentara profundamente ao ler nos jornais de domingo que o Big Lil já estava paralisado e que alguns meses se passariam antes que pudessem consertá-lo.

Uma vez que tudo estava no bote, Georgos desamarrou o cabo e embarcou. A essa altura, já tinha tirado as roupas e vestido um traje de mergulho. O bote afastou-se da margem e começou a descer pela correnteza, suavemente. Havia um pequeno remo e ele tratou de usá-lo.

Era um dia quente e ensolarado; em outras circunstâncias, um passeio pelo rio teria sido extre-

mamente agradável. Mas, agora, Georgos não tinha tempo para se divertir.

Procurou manter-se o mais afastado possível das margens, ao mesmo tempo que as observava atentamente, à procura de pessoas que pudessem, por acaso, vê-lo. Mas não avistou ninguém. Havia alguns barcos no rio, mas tão longe que não dava para o observarem.

Menos de dez minutos depois, Georgos já podia avistar a usina de La Mission, a sua frente, com as altas chaminés, o prédio grande e funcional, que abrigava caldeiras e turbogeradores. Mais cinco minutos e ele concluiu que já estava perto o bastante, remando para a margem. Havia ali uma pequena enseada, bem rasa. Ao alcançá-la, saiu do bote e tornou a amarrar o cabo numa árvore.

Pôs a máscara, o tanque de ar, o tubo de respiração, o cinto e as nadadeiras, prendendo o resto da carga. Depois de certificar-se de que tudo estava no lugar, olhou ao redor pela última vez e avançou para o meio do rio. Afundou momentos depois e começou a nadar três metros abaixo da superfície. Já avistara o seu objetivo, a casa de bombas, uma estrutura de concreto baixa e comprida, projetando-se pelo rio adentro.

Sabia que a casa de bombas tinha dois níveis. O

primeiro, acima da água e acessível através de outras partes da usina, alojava os motores elétricos que acionavam as bombas. O segundo, quase todo debaixo d'água, continha as bombas propriamente ditas. Era nesse segundo nível que ele tencionava penetrar.

No caminho para a usina, Georgos aflorou duas vezes à superfície, rapidamente, para se orientar, tornando logo a mergulhar. Não demorou muito para que seu avanço fosse detido por uma parede de concreto; chegara à casa de bombas. Tateando, começou a procurar a grade de metal, que teria de cortar para poder entrar. Foi guiado até lá, quase imediatamente, pelo sorvo das águas.

A finalidade daquela grade era impedir que objetos maiores fossem atraídos pelo sistema de refrigeração, danificando as bombas. Por trás da grade, havia uma tela de arame em forma cilíndrica, larga e na horizontal. Servia para reter os detritos menores e era girada ocasionalmente, para ficar limpa.

Georgos começou a trabalhar na grade com seu cortador de metal hidráulico, um instrumento compacto com cerca de meio metro de comprimento, bastante apreciado pelos caçadores de tesouros submarinos. Não demorou muito para abrir um círculo grande; depois, puxou as barras. A parte cortada

caiu até o leito do rio. Não havia qualquer problema de visão. A luz do dia que se filtrava lá de cima era mais do que suficiente.

O cilindro de arame entrançado estava agora exposto. Georgos sabia que teria de cortar a tela a sua frente para poder entrar e depois fazer uma segunda abertura no outro lado, para alcançar o compartimento das bombas. A distância entre as duas aberturas, o diâmetro do cilindro, era de aproximadamente três metros.

Começou a cortar o arame com o alicate, menor que o cortador hidráulico e preso a seu pulso por uma corda. Em poucos minutos, já tinha conseguido fazer a abertura necessária. Puxou a parte cortada e depois passou pela abertura, cuidadosamente, para que nenhuma parte do equipamento ficasse presa nas pontas do arame. Nadou até o outro lado do cilindro. Novamente usou o alicate para cortar o arame e rapidamente fez outra abertura, atravessando-a.

Estava agora no compartimento das bombas. Graças à luz que se filtrava pelas aberturas no piso da casa de bombas, por cima, pôde divisar os contornos da primeira bomba, diretamente a sua frente.

Georgos não tinha receio da sucção das bombas. Pelos textos que lera, sabia que só haveria peri-

go se fosse até o fundo, o que não tinha a menor intenção de fazer.

Usando a lanterna, começou a procurar o melhor local para colocar a primeira carga explosiva.

No momento em que o encontrou, uma superfície plana, sentiu um movimento a suas costas e virou-se. Havia luz suficiente para perceber que o cilindro de metal pelo qual passara — e que estava parado na ocasião — estava agora girando continuamente.

O superintendente da usina de La Mission era um engenheiro jovem e inteligente, Bob Ostrander. Era o segundo homem do antigo superintendente, Danieli, quando este fora morto, juntamente com Walter Talbot e mais dois outros homens, na explosão provocada em julho do ano anterior pelos Amigos da Liberdade, danificando o Big Lil.

Bob Ostrander, ambicioso e obstinado, queria ser promovido... mas não da maneira como acontecera. Danieli era seu amigo, e os dois trabalhavam juntos muito bem. As esposas eram igualmente amigas; os filhos brincavam juntos.

Por causa da maneira como Danieli morrera, Ostrander tinha uma raiva intensa de terroristas em geral e especialmente dos pretensos Amigos da Liberdade.

Por isso, ao receber no início da tarde de terça-feira uma mensagem de teletipo informando que Georgos Archambault, o líder dos Amigos da Liberdade e principal suspeito da explosão do Big Lil no ano anterior, poderia tentar um novo ataque contra as instalações da GSP & L, Bob Ostrander pusera toda sua equipe em estado de alerta.

Determinou que toda a usina de La Mission fosse imediatamente vasculhada, à procura de possíveis intrusos. Como ninguém fosse encontrado, a atenção geral se concentrou no perímetro externo da usina. Duas patrulhas, de dois homens cada, organizadas por Ostrander, foram encarregadas de fazer rondas contínuas pela cerca externa, comunicando imediatamente, por walkie-talkies, qualquer atividade fora do normal ou qualquer sinal de arrombamento. Os guardas do portão principal receberam instruções expressas: ninguém, além dos funcionários da companhia, deveria ser admitido sem permissão do superintendente.

Bob Ostrander telefonou também para o xerife do condado e soube que ele já fora informado a respeito de Georgos Archambault e de uma Kombi que supostamente estava dirigindo.

Por insistência de Ostrander, o xerife desviou dois carros de patrulha para vasculharem as estra-

das na área da usina de La Mission, à procura de uma Kombi que correspondesse à descrição transmitida.

Menos de trinta minutos depois do telefonema de Bob Ostrander, às catorze e trinta e cinco, o xerife comunicou que uma Kombi, identificada como sendo a de Archambault, fora abandonada à margem do rio Coyote, a pouco menos de um quilômetro da usina, rio acima. Nas proximidades, havia uma bomba de ar comprimido e uma embalagem que aparentemente contivera um bote de borracha inflável. Os homens do xerife estavam agora efetuando uma busca meticulosa, à procura de Archambault. Um assistente do xerife estaria em breve vasculhando o rio, em sua própria lancha.

Ostrander imediatamente afastou diversos homens de suas funções habituais, mandando-os patrulharem as margens do rio perto da usina, com instruções para darem o alarme à vista de qualquer embarcação que se aproximasse.

O superintendente permaneceu a sua mesa, que se transformou no centro de comunicações.

O xerife voltou a telefonar cerca de dez minutos depois. Acabara de receber pelo rádio a informação de que um bote de borracha, vazio, fora encontrado numa pequena enseada que ambos conhe-

ciam, perto da usina.

— Parece que o cara já desembarcou e está procurando um meio de passar por sua cerca — comentou o xerife. — Todos os meus homens de serviço estão na área, procurando. Também vou ajudar, pessoalmente. Não precisa preocupar-se. O homem está encurralado.

Ao desligar, Bob Ostrander não se sentia tão confiante quanto o xerife. Recordava-se perfeitamente de que, em ocasiões anteriores, o líder dos Amigos da Liberdade mostrara-se escorregadio e cheio de recursos. Tentar passar pela cerca, especialmente à luz do dia, não tinha o menor sentido. Subitamente, Ostrander compreendeu tudo e disse em voz alta:

— Equipamento de mergulho! É por isso que ele precisava de um bote! O filho da puta vai entrar por baixo d'água! A casa de bombas!

E saiu correndo de sua sala. Havia um homem patrulhando a margem do rio. Ostrander foi a seu encontro e perguntou:

— Viu alguma coisa?

— Absolutamente nada.

— Venha comigo.

Os dois se encaminharam para a casa de bombas. No caminho, Ostrander explicou sua teoria do

ataque submarino.

Na extremidade dianteira da casa de bombas, no ponto em que se projetava pelo rio, havia um passadiço aberto. O superintendente da usina seguiu na frente. No meio do passadiço havia uma escotilha de inspeção, de metal, diretamente acima do cilindro de arame pelo qual a água passava para entrar no compartimento das bombas. Os dois homens levantaram a escotilha e se debruçaram para divisar o que se passava lá embaixo. A parte superior do cilindro de arame estava visível. Parecia não haver nada de anormal.

Ostrander disse ao subordinado:

— Vá até lá dentro e gire o cilindro lentamente.

Havia um mecanismo elétrico para acionar o cilindro, que podia ser ligado tanto na casa de bombas como na sala de controle central.

Momentos depois, o cilindro de arame começou a girar. Quase imediatamente, Ostrander avistou a primeira abertura cortada por Georgos. Permaneceu onde estava, observando atentamente, enquanto o cilindro continuava a girar. Ao avistar a segunda abertura, seus temores se confirmaram. Correndo para a casa de bombas, ele gritou:

— Archambault conseguiu entrar! Mantenha o cilindro girando!

Pelo menos, pensou Ostrander, conseguiria bloquear, desse modo, a saída de Archambault.

Sua mente de engenheiro era fria e objetiva. Parou por um momento, consciente de que precisava tomar uma decisão rápida, mas demorou-se a pensar, cuidadosamente, avaliando todas as possibilidades.

Em algum ponto, por baixo do lugar em que estava parado naquele momento, Archambault estava nadando, indubitavelmente, com explosivos. O que estaria pensando em explodir? Havia dois alvos possíveis. O primeiro eram as bombas; o outro, os condensadores, mais para o interior da usina.

A explosão das bombas já seria o bastante para causar danos consideráveis; poderia deixar todos os geradores de La Mission fora de operação durante meses. Mas uma explosão nos condensadores seria muito pior. A sua substituição poderia levar mais de um ano.

Bob Ostrander conhecia explosivos. Estudara-os na faculdade de engenharia e também depois que havia se formado. Uma bomba de dinamite de dois quilos, do tamanho de um pão, poderia passar pelas bombas de água e entrar nos condensadores. Talvez Archambault já tivesse soltado uma bomba assim ou estivesse prestes a fazê-lo. Tudo o que precisava

era acionar o mecanismo de tempo e soltar a bomba, que chegaria até os condensadores.

Era preciso proteger os condensadores a qualquer custo. O que significava paralisar toda a usina. Imediatamente.

Havia um telefone na parede da casa de bombas. Bob Ostrander foi até lá e discou o número onze, da sala de controle.

A campainha tocou por um instante e logo depois uma voz de homem atendeu:

— Operador-chefe.

— Aqui é Ostrander. Quero que desligue todas as unidades e interrompa a circulação de água.

A reação foi instantânea, com o operador protestando:

— Vai arrebentar os discos de junção! Além do mais, temos de avisar antes o Controle de Energia...

— Não discuta e faça o que estou mandando!

— Ostrander apertava o telefone com toda a força e estava gritando, pois sabia que a qualquer momento uma explosão poderia destruir a casa de bombas ou os condensadores. — Sei o que estou fazendo! Paralise as unidades! Agora!

Georgos não tinha a menor idéia do que estava acontecendo lá em cima. Sabia apenas, enquanto o cilindro de arame continuava a girar, que seu cami-

nho de fuga estava bloqueado. Não que realmente tivesse esperanças de escapar; sabia desde o início da missão que eram mínimas suas possibilidades de sobrevivência. Mas não queria morrer. Não daquela maneira. Acuado...

Pensou, dominado pelo pânico, que talvez o cilindro de arame parasse de girar. Poderia então cortar mais duas aberturas. Virou-se bruscamente para inspecionar o cilindro.

Nesse instante, o alicate preso por uma corda a seu pulso desprendeuse. O nó se abriu...

O alicate era amarelo, assim pintado para proporcionar mais visibilidade. Viu-o caindo...

Instintivamente, virou-se para o lado, bateu os pés e mergulhou, seguindo o alicate. A mão estava estendida, faltava pouco para alcançá-lo.

Foi então que sentiu um súbito movimento da água; compreendeu que fora fundo demais e estava sendo sugado por uma bomba. Tentou voltar. Tarde demais! A água o puxava inexoravelmente.

Georgos largou o bocal e o tubo de ar e tentou gritar. A água penetrou em seus pulmões. No instante seguinte, as hélices propulsoras da bomba, com dois metros de largura, prenderam seu corpo e o cortaram em pedacinhos.

O tanque de ar também foi destruído; as bom-

bas contendo explosivo, desarmadas e inofensivas, foram sugadas pela água.

Somente segundos depois, todas as bombas da usina foram diminuindo lentamente e pararam de todo.

Na sala de controle, o operador-chefe, que acabara de apertar quatro botões vermelhos, um depois do outro, em painéis separados, estava contente pelo fato de a responsabilidade não ser sua. Era bom que o jovem Ostrander tivesse uma explicação aceitável para paralisar sem qualquer aviso as unidades 1, 2, 3 e 4 de La Mission, responsáveis pela geração de três milhões e duzentos mil quilowatts de energia. Sem falar na destruição dos discos de junção das turbinas, que levariam oito horas para ser reparados.

No momento em que ele registrava a hora — quinze horas e dois minutos —, a linha de telefone direta do Centro de Controle de Energia começou a tocar. O operador-chefe atendeu e uma voz furiosa perguntou:

— Que diabos está acontecendo aí? Vocês puseram todo o sistema em blecaute!

Bob Ostrander não tinha a menor dúvida de que tomara a decisão acertada ao paralisar todos os geradores. Não previa nenhuma dificuldade em jus-

tificar-se.

A destruição dos discos de junção das turbinas era um pequeno preço a se pagar pela salvação dos condensadores.

Imediatamente depois de dar a ordem de paralisação, Ostrander e o guarda de serviço na casa de bombas foram inspecionar os condensadores. Quase imediatamente avistaram diversos objetos de metal: eram as bombas cilíndricas que Georgos levara; sem saber se eram perigosas ou inofensivas, os dois homens as recolheram e foram correndo lançá-las no rio.

Depois, voltando aos condensadores para examinar tudo novamente, Ostrander teve tempo para refletir que até agora ainda não acontecera coisa alguma na casa de bombas. Presumivelmente, Archambault ainda estava lá embaixo e era capaz de causar danos, embora fosse possível que o movimento do cilindro de arame houvesse desviado a atenção dele. Ostrander tomou uma decisão: voltaria à casa de bombas e ali decidiria o que fazer em seguida.

Já estava prestes a se afastar quando notou alguns detritos, que deviam ter passado pelas bombas e haviam se acumulado num condensador. Estava olhando para um desses detritos e se inclinou para

pegá-lo. Parou abruptamente no meio do movimento. Engoliu em seco, sentindo-se nauseado. O que Bob Ostrander estava vendo era uma mão humana, com manchas peculiares.

Deus do céu, como o tempo tinha passado depressa! Karen ficou chocada ao verificar que já passavam das duas da tarde.

Parecia que fora poucos minutos antes que prometera a Nimrod que iria o mais depressa possível para o Redwood Grove Hospital; contudo, algumas horas já se haviam passado. Claro que as compras demoraram mais do que esperava. Mas não era o que sempre acontecia? Havia comprado um lindo vestido por um preço de liquidação, um par de sapatos, diversos artigos de papelaria de que estava precisando e um colar de contas de cristal, de que gostara muito. O colar, que felizmente havia custado barato, ficaria ótimo em Cynthia; iria dá-lo de presente no aniversário da irmã, que estava próximo. Depois, Josie, com uma lista grande de artigos de que estavam precisando, se demorou mais ainda. Mas saíra tudo bem. Além do mais, Karen adorava fazer compras, sempre num centro comercial grande e movimentado a dois quarteirões apenas do prédio. Outra vantagem daquele centro comercial era a possibilidade de Karen ir até lá diretamente, na cadeira de rodas, controlando-a pessoalmente, o

que sempre lhe agradava.

Uma coisa que não precisaram fazer naquele dia foi comprar comida, pois Karen ficaria no Redwood Grove durante o período de cortes de energia. Parecia que seriam freqüentes, até que ficasse resolvida aquela confusão do petróleo da OPEP, o que Karen esperava que acontecesse o mais depressa possível.

Preferira não pensar no tempo que teria de passar no hospital, mas sabia que sentiria muita saudade de seu apartamento. O hospital era uma tranqüilidade, especialmente agora, com sua fonte de energia própria. Mesmo assim, era uma instituição das mais espartanas, e a comida era horrível.

A comida do hospital era outro motivo pelo qual se haviam atrasado.

Josie sugeriu, e Karen concordou, que seria muito mais agradável se almoçassem no apartamento antes de partir; além do mais, o almoço no Redwood Grove provavelmente já teria terminado quando lá chegassem. Assim, ao voltarem das compras, Josie foi preparar uma refeição para ambas, enquanto Karen continuava a escrever um novo poema, que tencionava enviar para Nimrod.

Então, após o almoço, Josie estava ocupada arrumando numa mala as coisas de que Karen preci-

saria no hospital. Num súbito impulso de afeição, Karen disse:

— Oh, Josie, como eu gosto de você! Faz tanta coisa, nunca se queixa e me dá muito mais do que posso retribuir!

— Já me dá o suficiente com sua companhia — respondeu Josie, sem desviar os olhos do que estava fazendo. Karen sabia que as manifestações de afeição sempre deixavam a outra constrangida, mas nem por isso deixou de insistir:

— Josie, pare com isso e venha até aqui. Quero lhe dar um beijo.

Com um sorriso tímido, Josie se aproximou.

— Abrace-me, Josie. — Depois que ela o fez, Karen beijou-a e acrescentou: — Josie querida, amo muito você.

— Eu também a amo.

Josie desvencilhou-se e voltou a arrumar a mala. Ao terminar, anunciou:

— Estamos prontas. Vou descer agora e buscar o Humperdinck. Pode ficar sozinha até eu voltar?

— Claro! Enquanto você estiver lá embaixo, aproveitarei para dar um telefonema.

Josie ajustou o aparelho na cabeça de Karen. Um minuto depois, ela saiu, fechando a porta do apartamento. Karen tocou o botão com a cabeça, ouviu a

campainha tocar e depois uma voz atendeu:

— Telefonista. Em que posso servi-la?

— Tenho o serviço manual, telefonista. Pode discar para mim, por favor? — Karen deu o número de seu telefone e depois o número para o qual desejava ligar, o da casa de seus pais.

— Um momento, por favor.

Houve uma série de cliques, depois um toque de campainha. Karen ficou esperando que o telefone fosse atendido no segundo ou terceiro toque, como geralmente acontecia. Mas, para surpresa sua, a campainha continuou soando. Karen falara com a mãe no início da manhã e sabia que Henrietta Sloan não estava se sentindo bem; não tencionava ir trabalhar naquele dia e também não pensava em sair.

Karen pensou: "A telefonista provavelmente ligou o número errado".

Cortou a ligação, comprimindo o botão com a cabeça, e tentou novamente. A campainha outra vez soou interminavelmente, sem que ninguém atendesse.

Karen deu outro número à telefonista, o de Cynthia. E novamente ninguém respondeu.

Estranhamente, Karen experimentou uma vaga apreensão. Raramente ficava sozinha no apartamento; e, nas poucas ocasiões em que isso acontecia,

gostava de manter contato com alguém pelo telefone.

Ao dizer a Josie que podia ir, fizera-o sem pensar. Agora, gostaria que não a tivesse deixado sair.

E foi nesse exato momento que diversas luzes no apartamento se apagaram e o ar-condicionado parou de funcionar. Karen sentiu uma rápida mudança de ritmo, quando o aparelho de respiração passou da energia do prédio para a bateria.

Com um sobressalto, recordou-se de algo que tanto ela como Josie haviam esquecido. A bateria da cadeira de rodas, bastante utilizada durante a saída para as compras, deveria ter sido substituída no instante em que tinham voltado ao apartamento. Em vez disso, Josie ligara a cadeira na tomada e passara o botão da bateria ali instalada para "carregar". Só que a bateria precisaria ser carregada durante pelo menos seis horas para recuperar o que perdera naquela manhã; estava carregando há menos de uma hora, agora, e, com a energia externa desligada, ela não se recarregaria.

Havia uma bateria de reserva, totalmente carregada, à direita da cadeira, pronta para ser instalada, antes de partirem para o hospital. Karen podia vê-la. Mas não havia a menor possibilidade de poder ligá-la pessoalmente.

Ela esperava que a energia voltasse em poucos minutos. E, mais do que nunca, esperava também que Josie retornasse rapidamente.

Decidiu ligar para Nimrod. Tudo indicava que a interrupção imprevista a que ele se referira como "provável" acabara acontecendo. Mas, ao comprimir o botão do aparelho com a cabeça, tudo o que Karen conseguiu ouvir foi um comunicado gravado:

"Todos os circuitos estão ocupados. Por favor, desligue e faça sua chamada mais tarde". Karen tentou novamente. "Esta é uma gravação..." Mais uma vez. O mesmo resultado.

Karen sabia, por ter lido a respeito, que sempre que havia um blecaute disseminado os circuitos telefônicos ficavam congestionados, porque mais pessoas procuravam efetuar ligações. E havia também muitas pessoas que ligavam para a telefonista a fim de indagar o que estava acontecendo. Por isso, era difícil também entrar em contato com a telefonista.

Ela começou a ficar alarmada. Onde estava Josie? Por que estava demorando tanto? E por que o zelador, Jiminy, ainda não subira para verificar se ela estava passando bem, como sempre fazia quando acontecia alguma coisa anormal?

Embora Karen não pudesse saber, toda uma combinação de incidentes contribuíra para a situação angustiante em que se encontrava naquele momento.

As dez e quarenta, naquela manhã, enquanto Karen e Josie se preparavam para ir às compras, Luther Sloan fora preso e acusado de dezesseis infrações à lei, pelo artigo 693c do Código Penal da Califórnia, que trata especificamente do desvio de gás.

Desde então, Henrietta Sloan, aturdida, desesperada, totalmente inexperiente em tais questões, vinha tentando providenciar o pagamento da fiança do marido. Pouco depois do meio-dia, telefonou para a filha mais velha, Cynthia, pedindo ajuda. Cynthia pediu a uma vizinha para ficar tomando conta do único filho que ainda vivia com ela, assim que ele voltasse da escola, e foi encontrar-se com a mãe. O marido de Cynthia estava trabalhando e só voltaria para casa à noite.

Enquanto Karen tentava ligar para a mãe e a irmã, as duas estavam correndo entre um escritório de advocacia especializado em pagamentos de fianças e a cadeia em que Luther Sloan estava detido.

As duas estavam na seção de visitantes da cadeia quando ocorreu a interrupção no fornecimento

de energia. Só que não souberam o que estava acontecendo, porque a delegacia dispunha de um gerador de emergência; assim, as luzes piscaram por um instante, mas voltaram a acender quase imediatamente, quando o gerador automaticamente entrou em funcionamento.

Poucos minutos antes, Henrietta Sloan e Cynthia haviam conversado sobre se deviam ou não ligar para Karen; mas decidiram que seria melhor não fazê-lo, afim de não afligi-la.

Nenhuma das duas, assim como Luther Sloan, iria tomar conhecimento do corte de energia senão duas horas depois, quando a fiança foi finalmente providenciada e os três deixaram a cadeia

Poucos minutos antes de as luzes no apartamento de Karen apagarem e a cadeira de rodas e o aparelho de respiração passarem a funcionar com bateria, Bob Ostrander gritara para o operador-chefe da usina de La Mission:

— Paralise as unidades! Agora!

No instante em que o operador obedeceu, o sistema de transmissão da GSP & L ficou privado, inesperadamente, de três milhões e duzentos mil quilowatts de energia num momento em que a companhia estava operando com uma reserva mínima e numa tarde excepcionalmente quente de maio, em

que a demanda de carga era acima do normal, por causa do amplo uso de aparelhos de ar condicionado.

O resultado: um computador de controle, verificando que havia agora energia insuficiente para atender à demanda, instantaneamente abriu os interruptores dos circuitos de alta voltagem, mergulhando uma extensa área servida pela GSP & L num blecaute total.

O prédio de apartamentos de Karen estava na área afetada.

Josie e o zelador, Jiminy, estavam presos no elevador do prédio e gritavam freneticamente por socorro.

Depois de deixar Karen sozinha no apartamento, Josie caminhou rapidamente até o posto de gasolina onde o Humperdinck fora deixado durante a noite. O dono do posto conhecia Karen e permitia que o veículo ficasse estacionado ali, sem cobrar coisa alguma. Josie levou menos de dez minutos para estacionar diante do prédio com o Humperdinck, onde a cadeira de rodas de Karen poderia ser convenientemente embarcada.

O encarquilhado zelador estava retocando a pintura externa do prédio quando Josie voltou. E perguntou:

— Como está nossa Karen?

— Vai muito bem.

Josie contou que estavam de saída para o Redwood Grove Hospital, por causa do blecaute programado para o dia seguinte. Jiminy largou o pincel e a lata de tinta, dizendo que iria subir também, para ver em que poderia ajudar.

No elevador, Jiminy apertou o botão do sexto andar. Começaram a subir. Estavam entre o terceiro e o quarto andares quando a energia foi cortada. Havia uma lâmpada de emergência acionada a bateria numa prateleira. Jiminy a pegou e acendeu. À luz fraca, apertou todos os botões à vista, mas nada aconteceu.

E logo depois os dois começaram a gritar por socorro.

Já estavam gritando há cerca de vinte minutos, sem que ninguém respondesse.

Havia um pequeno alçapão no teto do elevador. Mas tanto Josie como Jiminy eram baixos, e, mesmo trepando um nos ombros do outro, o que tentaram em turnos, só conseguiram movê-lo ligeiramente, sem nenhuma possibilidade de passar. Mesmo que conseguissem passar pelo alçapão, era improvável que pudessem escapar do poço do elevador.

Josie havia muito que se lembrara da bateria de Karen quase descarregada, o que tornava seus gritos ainda mais desesperados. Não demorou muito para que as lágrimas que escorriam tornassem sua voz ainda mais rouca.

Embora não soubessem disso naquele momento, Josie e Jiminy ficariam presos no elevador por quase três horas, até que a energia elétrica fosse restabelecida.

A companhia telefônica iria mais tarde comunicar que, embora seus geradores de emergência funcionassem, durante o blecaute, por mais de uma hora, a demanda de seus serviços foi sem precedentes. Milhares de telefonemas não foram completados e muitas pessoas que tentaram entrar em contato com as telefonistas, para saber o que estava acontecendo, não conseguiram.

Nim Goldman, pressionado de todos os lados por causa da súbita interrupção no fornecimento de energia, pensou por um instante em Karen e sentiu-se aliviado por ela ter concordado em ir para o Redwood Grove Hospital naquela manhã. Decidiu que mais tarde, assim que a situação se acalmasse um pouco, telefonaria para o hospital.

Karen estava agora pálida de medo, suando, intensamente.

A essa altura, já sabia que acontecera algo muito grave para impedir a volta de Josie.

Tentou telefonar novamente, vezes sem conta. Mas tudo o que conseguia era ouvir a gravação. Pensou em manobrar a cadeira de rodas e bater contra a porta da frente, na esperança de que alguém estivesse passando pelo corredor naquele momento e pudesse ouvi-la. Mas movimentar a cadeira de rodas iria esgotar ainda mais depressa a pouca carga que restava na bateria. Por sua experiência e por seus cálculos, ela sabia que a bateria não poderia agüentar por muito mais tempo, nem mesmo para que pudesse acionar o aparelho respiratório.

Na verdade, restavam apenas quinze minutos de carga. Na volta das compras, ela estava ainda mais descarregada do que Karen imaginava.

A moça, cujas convicções religiosas jamais tinham sido muito fortes, começou a rezar. Suplicou a Deus e a Jesus Cristo que lhe enviassem Josie, Jimmy, seus pais, Nimrod, Cynthia ou qualquer outra pessoa... alguém, pelo amor de Deus!

"Tudo o que precisam fazer, meu Deus, é ligar a outra bateria. A que está ali embaixo, meu Deus! Qualquer um pode fazer isso! Posso explicar como! Oh, Deus, por favor! Por favor!..."

Ela ainda estava rezando quando sentiu que o

aparelho respiratório começava a funcionar mais devagar, e sua respiração foi se tornando lenta e insuficiente...

Desesperada, tentou telefonar outra vez.

"Este é um comunicado gravado. Todos os circuitos estão congestionados. Por favor, desligue e..."

Uma campainha estridente, ligada ao aparelho respiratório e acionada por uma pequena célula de níquel e cádmio, soou em advertência de que o aparelho estava prestes a parar. Karen, quase inconsciente, ouviu-a vagamente, como se soasse muito longe.

Começou a arquejar; procurava absorver o ar, mas não podia respirar sem a ajuda do aparelho; sua pele, então, ficou vermelha, depois arroxeadada, finalmente cianótica. Os olhos se esbugalharam. A boca se mexia freneticamente. Depois, quando o ar parou de ser bombeado, Karen sufocou, sentindo uma dor intensa no peito.

No instante seguinte, misericordiosamente, a bateria morreu. E Karen morreu junto com ela.

Um instante antes de morrer, a cabeça descaiu para o lado e tocou o botão do telefone especial. Uma voz respondeu:

— Telefonista. Em que posso servir?

Sob certos aspectos, pensou Nim, aquilo era como a reprise de um filme antigo: estava explicando ao grupo da imprensa, inclusive às equipes de rádio e televisão, o que acontecera na usina de La Mission, causando o último blecaute.

Ele se perguntava se realmente já se haviam passado dez meses desde que Walter Talbot e os outros tinham morrido e o Big Lil sofrera os danos causados por uma bomba, provocando o blecaute do verão passado. Tanta coisa acontecera desde então que o lapso de tempo parecia muito maior.

Mas Nim estava consciente de uma diferença naquele dia. Era a atitude dos jornalistas, em comparação com a que haviam assumido dez meses antes.

Agora, parecia haver uma consciência genuína dos problemas que a GSP & L enfrentava e uma compreensão que faltara anteriormente.

— Sr. Goldman, se receberem o sinal verde para a construção de novas usinas, quanto tempo vai demorar para recuperarem o atraso? — perguntou o repórter do Tribune, de Oakland.

— Dez anos. Se ativarmos um programa inten-

sivo, talvez seja possível reduzir esse prazo para oito anos. Mas precisamos de muitas autorizações e licenças antes de podermos sequer começar. E até agora ainda não há o menor sinal de que as conseguiremos.

Nim ali estava, na galeria de observação do Centro de Controle de Energia, dando uma entrevista coletiva, a pedido de Teresa van Buren, pouco depois da paralisação de todas as unidades geradoras de La Mission e do conseqüente blecaute. Nim tivera o primeiro aviso de que algo estava errado quando as luzes de sua sala se haviam apagado por uma fração de segundo, para logo depois voltarem a se acender. É que havia um circuito especial resguardando da falta de energia a sede da GSP & L e instalações vitais, como o Centro de Controle de Energia.

Sabendo que devia ter surgido algum problema inesperado, Nim seguiu imediatamente para o Centro de Controle de Energia, onde foi informado dos acontecimentos por Ray Paulsen, que ali chegara poucos minutos antes.

— Ostrander tomou a decisão correta e vou apoiá-lo até o fim — declarou Paulsen. — Se eu estivesse no lugar dele, teria feito a mesma coisa.

— Tem toda a razão, Ray. E, quando eu falar

com a imprensa, vou seguir essa linha.

— E pode dizer mais outra coisa: o fornecimento será inteiramente restabelecido dentro de três horas ou menos. E amanhã, as unidades 1, 2, 3 e 4 de La Mission estarão novamente funcionando, assim como todas as unidades geotérmicas.

— Obrigado pela informação, Ray. Pode estar certo de que saberei aproveitá-la.

Era extraordinário, pensou Nim, como o antagonismo entre ele e Paulsen parecia ter-se evaporado, sob a pressão dos acontecimentos. Agora, na entrevista coletiva, Nancy Molineaux lhe perguntou:

— Isso altera de alguma forma os blecautes programados?

— Não. Eles vão mesmo começar amanhã, como estava previsto, prosseguindo nos dias subsequentes.

O representante do Bee, de Sacramento, indagou:

— E será possível limitar os blecautes a três horas apenas?

— É bastante improvável. A medida que nossos suprimentos de óleo forem diminuindo, os blecautes terão de ser mais prolongados... provavelmente seis horas por dia

Alguém fez um gesto de espanto. Um repórter

da televisão perguntou:

— Já soube que houve manifestações contra os "antis"?

— Já, sim. E, em minha opinião, isso não ajuda a ninguém, muito menos a nós.

As manifestações haviam ocorrido na noite anterior. Nim lera a respeito pela manhã. Havia jogado pedras nas janelas do Clube da Sequóia e na sede da Liga Antinuclear. Os manifestantes em ambos os lugares, que se intitulavam "cidadãos comuns", haviam entrado em choque com a polícia, e vários acabaram sendo presos. Foram soltos posteriormente sem qualquer acusação.

Todos estavam prevendo que haveria mais manifestações e distúrbios em todo o país, à medida que aumentasse o desemprego, em decorrência dos cortes de energia.

Em meio à crise, os antigos críticos e oponentes da GSP & L estavam estranhamente silenciosos.

Finalmente, na entrevista coletiva, alguém perguntou:

— Qual seu conselho ao público, sr. Goldman?

Nim sorriu debilmente.

— Desliguem tudo de que não precisarem para sobreviver.

Nim só voltou a sua sala duas horas depois, por

volta das seis da tarde. E foi logo dizendo a Vicki, que estava trabalhando além do expediente, o que já estava se tornando uma rotina:

— Ligue para o Redwood Grove Hospital. Quero falar com a srta. Sloan.

Vicki tocou o interfone alguns minutos depois.

— O hospital diz que não há nenhuma srta. Sloan internada lá.

Surpreso, Nim perguntou:

— Eles têm certeza?

— Pedi que se certificassem, e eles verificaram duas vezes.

— Então ligue para o apartamento dela.

Nim sabia que Vicki tinha o número. Estava aturdido. Era difícil acreditar que Karen não tivesse saído do apartamento e ido para o hospital. Dessa vez, ao invés de tocar o interfone, Vicki abriu a porta; sua expressão era grave.

— Sr. Goldman, acho melhor atender ao telefone.

Desconcertado, Nim atendeu.

— É você, Karen?

Uma voz sufocada respondeu:

— Aqui é Cynrhia, Nimrod. Karen morreu.

— Não podemos ir mais depressa? — perguntou Nim ao motorista.

— Estou fazendo todo o possível, sr. Goldman.
— O tom era de censura. — Há muito tráfego e mais pessoas nas ruas do que normalmente.

Nim requisitara um carro com motorista da companhia, para não perder tempo indo buscar seu Fiat e guiando pessoalmente. Dera o endereço do prédio de Karen ao motorista e agora estavam a caminho.

Os pensamentos de Nim estavam em turbilhão. Não conseguira, arrancar detalhes de Cynthia, a não ser a informação de que a interrupção no fornecimento de energia fora a causa da morte de Karen. Nim já estava se culpando pelo que acontecera, por não ter verificado antes se Karen fora mesmo para o Redwood Grove.

Embora soubesse que era tarde demais, estava impaciente por chegar logo ao apartamento de Karen.

Para se distrair, ficou olhando pelas janelas do carro para as ruas, ao crepúsculo. Pensou no que o motorista acabara de dizer. Havia muito mais pessoas nas ruas do que normalmente. Nim se recordou de haver lido que, durante os blecautes de Nova Iorque, as pessoas costumavam sair de casa aos bandos. Quando interrogadas, poucas sabiam explicar por quê. Talvez estivessem instintivamente que-

rendo partilhar a adversidade com os vizinhos.

Outros, é claro, haviam saído às ruas de Nova Iorque para infringir a lei, queimar, saquear. Talvez, à medida que o tempo passasse, ambas as reações acontecessem ali também.

Quer acontecessem ou não, pensou Nim, uma coisa era certa: os padrões de vida estavam mudando de maneira significativa e mudariam ainda mais.

As luzes da cidade estavam acesas ou começando a se acender. Em breve já estaria restabelecido o fornecimento aos poucos bolsões ainda sem energia.

Até amanhã. E o dia seguinte.

E quem poderia saber quão prolongado ou drástico seria o afastamento da vida normal?

— Chegamos, sr. Goldman.

Estavam parados diante do prédio de apartamentos de Karen. Nim murmurou:

— Fique esperando, por favor.

— Não pode entrar, Nimrod — disse Cynthia.

— Não agora. É horrível demais.

Ela saiu para o corredor quando Nim chegou, fechando a porta. No breve instante em que a porta ficou aberta, Nim ouviu alguém lá dentro tendo um ataque histérico — parecia Henrietta Sloan — e um gemido que provavelmente devia ser de Josie. Os

olhos de Cynthia estavam vermelhos.

Ela contou o que sabia sobre a sucessão de infortúnios que se haviam somado para culminar na morte horrível e solitária de Karen. Nim começou a dizer o que já pensara antes, querendo assumir a culpa, quando Cynthia interrompeu-o bruscamente:

— Não! O que quer que nós tenhamos feito ou deixado de fazer, Nimrod, há muito tempo que ninguém fazia tanto por Karen quanto você. Tenho certeza de que ela não gostaria que você se culpasse. Karen até deixou uma coisa para você. Espere um instante!

Cynthia entrou no apartamento e voltou um instante depois, com uma folha de papel.

— Isto estava na máquina de escrever de Karen. Ela sempre demorava bastante para fazer algo assim, e provavelmente estava trabalhando nisso antes... antes... — A voz estava estrangulada. Cynthia sacudiu a cabeça, incapaz de terminar.

— Obrigado. — Nim dobrou a folha de papel e guardou-a no bolso interno do paletó. — Há alguma coisa que eu possa fazer?

Cynthia tornou a sacudir a cabeça.

— Não agora. — Quando ele fez menção de se afastar, ela acrescentou: — Voltarei a vê-lo, Nimrod?

Nim parou. Era um convite claro e óbvio. O mesmo convite que já lhe fora feito antes.

— Não sei, Cynthia...

O mais terrível, pensou Nim, é que desejava Cynthia; ela era bonita, sensual, e estava ansiosa por dar amor. E a desejava apesar de sua reconciliação com Ruth, apesar de amar Ruth profundamente.

— Se precisar de mim, Nimrod, sabe onde me encontrar...

No carro, voltando para a GSP & L, Nim tirou do bolso a folha de papel de Karen que Cynthia lhe entregara. Acendendo a luz do teto, ele leu:

*É tão estranho, Nimrod querido,
Que as luzes tenham de se extinguir?
As luzes do impulso falharam;
Todos os fogos que os homens ateiam
Perdem a força e morrem...
Mas a luz, como a vida, sobrevive;
Um brilho fraco, uma chama débil,
Tudo mantém um...*

Um o quê?, perguntou-se Nim. Qual teria sido o último pensamento doce e amoroso de Karen que ele jamais conheceria?

Uma cama de campanha foi instalada no gabinete de Nim. Já estava lá quando ele voltou, arrumada, com lençóis, uma manta, travesseiro, justamente como pedira.

Vicki já tinha ido embora.

Os pensamentos de Karen ainda dominavam a mente de Nim. Apesar das palavras de Cynthia, o sentimento de culpa persistia. A culpa não era apenas sua, mas também da GSP & L, da qual ele fazia parte, e que falhara a Karen num momento crucial. Na vida moderna, a energia elétrica se transformou em algo vital — para pessoas como Karen, literalmente —, e não devia ser interrompida, qualquer que fosse a causa. A segurança do serviço era, acima de tudo, a primeira obrigação, um dever quase sagrado, para qualquer companhia de serviços públicos, como a GSP & L. E, no entanto, esse serviço vital seria interrompido — trágica, triste, de certa forma desnecessariamente — vezes sem conta, a partir do dia seguinte. Nim não tinha a menor dúvida de que, à medida que os blecautes temporários continuassem, haveria outras perdas e contratempos, e muitos imprevistos.

Será que algum dia conseguida livrar-se do sentimento de culpa em relação a Karen?, perguntou-se Nim. Com o tempo, era possível. Mas não agora.

Nim desejava que houvesse naquele momento alguém com quem pudesse conversar, em quem pudesse confiar. Mas não falara a Ruth a respeito de Karen e não poderia fazê-lo agora.

Sentou-se a sua mesa e pôs o rosto nas mãos. Depois de algum tempo, chegou à conclusão de que precisava fazer alguma coisa para distrair-se. Por uma ou duas horas, pelo menos.

Os acontecimentos daquele dia, um mais traumatizante que o outro, haviam-no impedido de cuidar dos papéis que estavam acumulados em sua mesa. Se não trabalhasse um pouco naquela noite, sabia que teria o dobro de serviço no dia seguinte. Mas pôs-se a trabalhar, mais para se distrair do que por qualquer outro motivo.

Estava concentrado havia cerca de dez minutos quando ouviu tocar o telefone na sala da secretária. Atendeu na extensão.

— Sou capaz de apostar que já pensava estar livre, por hoje, da função de porta-voz da companhia — disse Teresa van Buren.

— Já que falou nisso, Tess, confesso que a idéia

me ocorreu.

A vice-presidente de relações públicas deu uma risadinha.

— A imprensa nunca dorme, o que se há de fazer? Tenho aqui dois repórteres que estão querendo falar com você. Um é da AP, que tem algumas perguntas complementares para uma reportagem nacional sobre os blecautes. A outra é Nancy Molineaux, que se recusa a dizer o que está querendo, mas quer alguma coisa. O que me diz?

Nim suspirou.

— Como você disse... o que se há de fazer? Pode trazê-los a minha sala.

Havia momentos, como aquele, em que Nim lamentava o afastamento de Paul Yale.

Alguns minutos depois, Teresa van Buren estava na sala. E foi logo dizendo:

— Não vou ficar.

Ela apresentou o repórter da AP, já idoso, com olhos remelosos e uma tosse de fumante. Nancy Molineaux preferira ficar esperando na ante-sala até que o repórter da AP terminasse a entrevista.

As perguntas foram profissionais e meticulosas, e o repórter anotou as respostas de Nim, em sua própria versão de taquigrafia, num bloco de papel. Ao terminarem, ele se levantou e perguntou:

— Quer que eu diga à boneca para entrar?

— Quero, sim, por favor.

Nim ouviu a porta externa se fechar; em seguida, Nancy entrou em sua sala.

— Olá! — disse ela.

Como sempre, Nancy estava elegante, embora vestida com simplicidade. Naquela noite usava saia e blusa, em tom coral, combinando com a pele preta, impecável. O rosto bonito, de malares salientes, parecia ter perdido um pouco da altivez, embora não toda. Talvez fosse, pensou Nim, porque ela passara a se mostrar mais amistosa, desde o encontro no Christopher Columbus Hotel e os lamentáveis acontecimentos subseqüentes.

Sentou-se diante da mesa, cruzando as pernas compridas e bem torneadas. Nim admirou-as por um instante, depois desviou os olhos.

— Oi! — respondeu. — Em que posso ajudá-la?

— Nisto aqui. — Nancy colocou uma tira comprida de papel na mesa. Era uma cópia, em carbono, de teletipo. — A notícia acabou de chegar e será publicada pelos matutinos. Gostaríamos de desenvolvê-la com alguns comentários, como o seu, por exemplo, para a edição vespertina.

Virando a cadeira para a luz, Nim disse:

— Deixe-me ler primeiro.

— Não precisa ter pressa. Estou querendo comentários objetivos.

Nim leu a notícia rapidamente e depois voltou ao início, relendo mais devagar:

WASHINGTON, D.C., 3 DE MAIO – NUM DRAMÁTICO ESFORÇO PARA RESOLVER A ATUAL CRISE DE PETRÓLEO, OS ESTADOS UNIDOS DEVEM LANÇAR UMA NOVA MOEDA, A SER CONHECIDA COMO O DÓLAR NOVO. TERÁ LASTRO-OURO E VALERÁ DEZ DOS DÓLARES ATUAIS.

O PRESIDENTE VAI ANUNCIAR OFICIALMENTE O LANÇAMENTO DO DÓLAR NOVO NUMA REUNIÃO COM A IMPRENSA AMANHÃ À TARDE.

ALGUMAS AUTORIDADES DE WASHINGTONJÁ APELIDARAM A NOVA MOEDA DE DÓLAR HONESTO.

SERÁ PEDIDO ÀS NAÇÕES EXPORTADORAS DA OPEP QUE ACEITEM O PAGAMENTO POR SEU PETRÓLEO EM DÓLARES NOVOS, OS ACERTOS DE PREÇOS A SEREM NEGOCIADOS.

A REAÇÃO INICIAL DA OPEP FOI CAUTELOSAMENTE FAVORÁVEL. CONTUDO, O PORTA-VOZ DA OPEP, O XEQUE AHMED MUSAED, DECLARA-

ROU QUE UMA AUDITORIA INDEPENDENTE DAS RESERVAS DE OURO DOS ESTADOS UNIDOS DEVE SER AUTORIZADA, ANTES DE SE CHEGAR A QUALQUER ACORDO BASEADO NO DÓLAR NOVO.

"NAO CHEGAMOS AO PONTO DE INSINUAR QUE OS ESTADOS UNIDOS ESTÃO MENTINDO EM RELAÇÃO A SUAS RESERVAS DE OURO", DISSE O XEQUE MUSAED AOS REPÓRTERES ESTA NOITE EM PARIS, "MAS HÁ RUMORES PERSISTENTES QUE NÃO PODEM SER IGNORADOS. POR ISSO, QUEREMOS NOS CERTIFICAR DE QUE O LASTRO-OURO DO DÓLAR NOVO É REAL, E NÃO ILUSÓRIO."

ESPERA-SE QUE O PRESIDENTE COMUNIQUE AOS AMERICANOS QUE PODEM ADQUIRIR OS DÓLARES NOVOS EM TROCA DE SEUS DÓLARES ANTIGOS, NA PROPORÇÃO DE DEZ POR UM. A TROCA SERÁ VOLUNTÁRIA A PRINCÍPIO, PASSANDO A SER COMPULSÓRIA, NOS TERMOS DA LEGISLAÇÃO PROPOSTA, DENTRO DE CINCO ANOS. DEPOIS DE DECORRIDO UM PRAZO A SER FIXADO, O DÓLAR ANTIGO PERDERÁ O VALOR, A NAO SER COMO PEÇA DE COLECIONADOR.

NA ENTREVISTA COLETIVA, O PRESIDENTE SERÁ CERTAMENTE INDAGADO...

Nim pensou: a possibilidade que o representante da GSP & L em Washington mencionara na semana anterior se tornara realidade. Ele lembrou da presença de Nancy Molineaux, esperando.

— Não sou um gênio das finanças. Mas não é preciso sê-lo para saber que o que está acontecendo aqui... — e Nim bateu com um dedo no teletipo — há muito que é inevitável, desde que a inflação começou e depois que nos tornamos dependentes do petróleo importado. Infelizmente, muitas pessoas decentes, de classe média, que trabalharam arduamente para acumular suas economias, serão as mais atingidas, quando entrarem na fila para trocar seus dólares, na base de dez por um. Mesmo agora, no entanto, tudo o que estamos conseguindo com isso é ganhar algum tempo. Tempo para pararmos de comprar petróleo que não podemos ter, para pararmos de gastar um dinheiro que não possuímos e para começarmos a desenvolver nossas próprias fontes de energia, ainda não exploradas.

— Obrigada — disse Nancy. — A declaração está ótima. — Ela guardou o bloco em que estivera escrevendo. — Lá no jornal, por falai nisso, estão pensando que você é uma espécie de "Mister Oráculo". E, já que estamos falando nisso, talvez se inte-

resse em saber que no próximo domingo vamos publicar novamente o que disse na audiência de setembro passado... aquela em que perdeu o controle e disse tudo o que estava pensando, De repente, as coisas passam a ter mais sentido do que naquela ocasião. — Nancy fez uma pausa, um pensamento súbito lhe ocorrendo. — Não gostaria de fazer uma declaração sobre como se sente a respeito de tudo o que aconteceu e está acontecendo?

Num impulso que não sabia explicar, Nim abriu uma gaveta e tirou uma pasta. Pegou uma folha de papel azul e leu em voz alta:

— "Seja generoso e saiba perdoar no momento da colheita, Seja tolerante e liberal, Ache graça nas contradições da vida".

— Não está nada mau — comentou Nancy. — Quem escreveu?

— Uma pessoa amiga... — Nim descobriu que tinha dificuldade em falar. — Alguém que morreu hoje...

Houve um momento de silêncio e depois Nancy perguntou:

— Posso ler tudo?

— Não vejo por que não.

Nim entregou-lhe a folha de papel. Ao terminar de ler, Nancy perguntou:

— Uma mulher?

— Sim.

— Foi por isso que dava a impressão, quando cheguei aqui esta noite, de que um rolo compressor havia passado sobre você.

Nim sorriu rapidamente.

— Se era assim que eu parecia, era o que estava sentindo...

Nancy pôs a folha de papel em cima da pasta que estava na mesa.

— Não gostaria de me falar a respeito? Particularmente, se preferir.

— Particularmente, se não se importa. O nome dela era Karen Sloan. Era tetraplégica desde os quinze anos.

Nim parou de falar abruptamente. Nancy disse suavemente:

— Continue... Estou escutando...

— Acho que era a pessoa mais maravilhosa que já conheci, sob todos os aspectos.

Um momento de silêncio.

— Como a conheceu?

— Por acaso. Foi logo depois do blecaute de julho do ano passado...

Menos de uma hora atrás, Nim ansiara por alguém com quem falar, com quem pudesse desaba-

far, Aproveitou então para despejar tudo em cima de Nancy. Ela ficou escutando, fazendo de vez em quando uma pergunta, mas passando a maior parte do tempo em silêncio. Quando Nim descreveu a maneira como Karen havia morrido, ela se levantou, ficou andando de um lado para outro da sala, e murmurou baixinho:

— Não, não...

— Pode agora compreender por que minha horrível aparência não é de surpreender.

Nancy foi postar-se diante da mesa. Apontou para os papéis espalhados.

— Então por que está perdendo tempo com toda essa porcaria?

— Tinha muito trabalho a fazer. E ainda tenho.

— Não diga besteira! Largue tudo e vá para casa!

Nim sacudiu a cabeça, olhando para a cama.

— Esta noite vou dormir aqui. Ainda temos problemas, e amanhã... está lembrada?... vão começar os blecautes.

— Então venha para casa comigo.

Nim deve ter assumido uma expressão de espanto, porque Nancy acrescentou suavemente:

— Meu apartamento fica a cinco minutos daqui. Pode deixar o telefone; se precisarem de você,

estará de volta num instante. Se não telefonarem, posso preparar um bom café da manhã, antes de você ir embora.

Os dois ficaram de pé, olhando-se. Nim estava consciente do perfume insinuante, do corpo esguio e desejável de Nancy. Desejava conhecê-la melhor. Muito melhor. E sabia... como já acontecera tantas vezes em sua vida e naquela noite ocorria pela segunda vez... que estava sendo tentado por uma mulher.

— Não vai receber a oferta uma segunda vez — disse ela, bruscamente. — Portanto, tome logo uma decisão. Sim ou não?

Nim hesitou apenas por uma fração de segundo.

— Está certo. Vamos indo.

FIM